# MEMORIAS

PARA

## A VIDA INTIMA

DE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO


POR

Innocencio Francisco da Silva

Auctor do *Diccionario bibliographico portuguez*


---

OBRA POSTHUMA

Organisada sobre tres redacções manuscriptas de 1848, 1854 e 1863,
e ampliada em quanto a Documentos e Bibliographia


POR

Theophilo Braga

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA


---


LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias

1899

# MEMORIAS

PARA

A VIDA INTIMA

DE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

# TRABALHOS ACADEMICOS

DE

## THEOPHILO BRAGA

---

**Historia da Universidade de Coimbra** nas suas relações com a Instrucção publica portuguza. Tomo I (1289 a 1555). Pag. XVI–600. Lisboa, 1892... 1 vol.
Tomo II (1555 a 1700). Pag. 846. Lisboa, 1894. In–8.º gr............ 1 »
Tomo III (1700 a 1800). Pag. 772. Lisboa, 1898. In–8.º gr............ 1 »
Tomo IV (1800 a 1872). *No prelo*.................................. 1 »

**Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra.** In–4.º de XLII–168 pag. Lisboa, 1894.................................. 1 »
(Vem publicado nas *Memorias da Academia*, tomo VII, parte I, da 2.ª Classe, servindo de introducção á *Relação do estado da Universidade de Coimbra de 1772 a 1776*, appresentada ao governo por Dom Francisco de Lemos).

**Centenario do Descobrimento da America.** Lisboa, 1892. In–4.º de 20 pag. (Serviu de introducção ao volume das *Memorias da Academia*: Commemoração da descoberta da America).................................. Folh.

**Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo**, por Innocencio Francisco da Silva. Obra posthuma: organisada sobre tres redacções de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a *Documentos* e *Bibliographia* por Theophilo Braga. Lisboa, 1898. In–8.º de XX–440 pag. 1 vol.

**A Congregação do Oratorio em Portugal.** Preambulo ás Cartas autographas ineditas do P.º Bartholomeu de Quental. *(Em preparação.)*

# MEMORIAS

PARA

## A VIDA INTIMA

DE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

POR

Innocencio Francisco da Silva

AUCTOR DO *Diccionario bibliographico portuguez*

---

OBRA POSTHUMA

Organisada sobre tres redacções manuscriptas de 1848, 1854 e 1863,
e ampliada em quanto a Documentos e Bibliographia

POR

Theophilo Braga

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA

---

LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias

1898

# SOBRE ESTAS MEMORIAS

---

A idéa de um estudo biographico de José Agostinho de Macedo foi uma preoccupação constante que encheu a vida de Innocencio Francisco da Silva; já em 1844 estava em relação com a viuva de Joaquim José Pedro Lopes, redactor da *Gazeta de Lisboa*, herdeiro dos manuscriptos do padre, e seguia a pista de Francisco de Paula Ferreira da Costa, que possuia todas as obras de Macedo e o maior numero de autographos d'aquelle por quem professara um sincero culto. Havia uma attracção irresistivel do espirito de Innocencio para esse vulto do padre Macedo; não era a sympathia, porque Innocencio como liberal da Carta constitucional outhorgada, e como Pedreiro-livre com gráo no Grande Oriente lusitano, detestava do fundo da alma o redactor da *Besta esfolada*, que pedia a forca para os liberaes, instando com o governo de D. Miguel para que aproveitasse os dias de maio que são grandes e dão para tudo. Innocencio obedecia a uma aversão instinctiva contra Macedo, que tinha sido uma das principaes figuras no paroxismo do regimen absolutista; no seu estudo compraz-se em avolumar todas as accusações que pezaram sobre José Agostinho, e em provar a versatilidade do seu caracter, a devassidão de costumes, e os crimes de que fôra instrumento. Parece que tinha em vista de-

molir uma individualidade que os odiados miguelistas ainda preconisavam com admiração; mas á medida que avança nos resultados negativos, vae reconhecendo que um vulto eminente se destaca deante de si como homem de letras e com acção intensa na sua época. A attracção de Innocencio para este assumpto, apesar de toda a antipathia que nunca pôde vencer, provinha da similaridade de caracter entre os dois escriptores, dotados de um temperamento bilioso sempre descontente e aggressivo, principalmente pelo intimo conhecimento da desegualdade entre as suas aspirações e a propria vontade. Por fim, Innocencio fez do estudo sobre a Vida de José Agostinho de Macedo um tormento da sua existencia solitaria; á medida que elle avançava em investigações no jornalismo da época, no archivo da policia, e Torre do Tombo, nas collecções particulares, nas memorias de pessoas coévas, e ia ratificando um grande numero de erros que corriam ácerca do padre, mais se encommodava que se continuassem a repetir os desacertos, e perdia a cabeça quando via que outro escriptor tratava por simples curiosidade de momento o assumpto a que dedicara tantas vigilias. Era como se o embaraçassem na posse do campo em que assentara os definitivos arraiaes. D'aqui a achar-se quando menos pensava em polemicas azedas, que teve de sustentar contra varios biographos de Macedo, que segundo a sua phrase grossa—andavam *escagateando* o assumpto. Quando appareceu o folheto de Miguel Joaquim Marques Torres intitulado *Vida de José Agostinho de Macedo, e noticia de seus Escriptos,* Innocencio deitou carta no *Jornal do Commercio* de 28 de janeiro de 1859, dizendo n'elle cousas desagradaveis que provocaram réplica não menos caustica. Ahi diz que tem ha dez annos, isto é, desde 1848, prompto para o prelo o volume das *Memorias para a vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo,* que deve deitar 480 paginas. Em carta no jornal *O Futuro* escrevia com ár sarcastico Marques Torres: «Confesso que ousei dar á estampa o meu obscuro opusculo sem animo de offender o illustre bibliographo, nem de empanar a gloria que elle possa ter adquirido.—Porque tem s. s. dormido o somno de Epimenides? Porque demora a publicação das suas *Memorias,* ha dez annos concluidas, segundo refere na sua

carta? Porque está mortificando os curiosos e eruditos com a sensivel falta da sua obra, que certo irá lançar fulgurante luzeiro em toda o orbe litterario? Em nome da litteratura patria e estrangeira lhe pedimos essa publicação... Dez annos já de espera pelas importantissimas *Memorias!* É muito tyrannisar.»

De outro lado surgia mais uma biographia de José Agostinho por Joaquim Lopes Carreira de Mello, começada no periodico *A Instrucção publica*, n.º 4, de 28 de fevereiro de 1859. Innocencio perdeu a cabeça; intitulava-se *Noticia biographica, historica, politica e litteraria sobre José Agostinho de Macedo*, e era a reproducção de um primeiro esboço feito por Carreira de Mello em 1854, para acompanhar umas edições feitas no Porto por Pereira Azevedo. Encontramos n'este anno de 1854 uma remodelação feita por Innocencio ás *Memorias para a vida intima de José Agostinho*, e este facto explica-se pelo que nos revela Carreira de Mello: «Aconteceu que o sr. Francisco Pereira de Azevedo, do Porto, projectava reimprimir as Obras do Padre Macedo, e *tendo por nossa intervenção entrado em ajustes de compra da Biographia que possue o sr. Innocencio Francisco da Silva, e não se effectuando a dita venda*, nós nos offerecêmos para gratuitamente colher e escrever algumas noticias a tal respeito.» Carreira de Mello diz conhecer os trabalhos ineditos de Innocencio, que por elle lhe foram mostrados: «os quaes achamos miudos, mas tambem *mui resentidos de certa influencia politica contra o padre Macedo*, porém é verdade que tambem o sr. Innocencio nos disse que tentava refundil-a e modifical-a na fórma e no estylo...» Carreira de Mello dá noticia de uma *Biographia de José Agostinho de Macedo* escripta por José Maria da Costa e Silva: «soubemos... por Francisco de Paula Campos, hoje falecido, homem honrado e director da typographia Silviana, onde Costa e Silva imprimia, que elle deixara escripta a *Biographia do padre Macedo*, e que o original se conservava na mão de João Pedro da Costa, guarda-mór da Camara municipal de Lisboa.» Depois vem a insinuação: «Alguem poderá suppôr, attendendo ás relações do sr. Innocencio Francisco da Silva com o filho do falecido guarda-mór do Municipio, que a biographia annunciada pelo sr. Innocencio é a escripta por Costa e Silva;

etc.» A redacção de 1848 tinha sido vista por Carreira de Mello, e por isso não crê na apropriação do trabalho de Costa e Silva. A reelaboração de 1854 fôra motivada pelo plano da edição do Porto, mas não chegou ao ajuste; e a reelaboração de 1863 ligava-se ao conhecimento dos materiaes de Costa e Silva, que tinham ido para as mãos do bibliophilo Pereira Merello, com quem estivera até 1871 em boas relações, e ás compras de copias de obras ineditas de Macedo, que possuia Francisco de Paula Ferreira da Costa. O pequeno trabalho de Carreira de Mello incommodou profundamente Innocencio, e ambos correram á estacada em uma acerba polemica, com um estylo pesado, espesso, como dois duellistas rheumaticos armados de ferrugentos chanfalhos. Foi isto por 1859; e ao entrar a tomar conhecimento da nossa litteratura, achei-me com uma grande sympathia pela situação de Innocencio, e não pude resistir a escrever-lhe uma carta. Innocencio acolheu a missiva do rapaz de dezeseis annos lá de um canto do mundo, da ilha de S. Miguel, e fez-me alguns prognosticos que me encheram o coração de largas avondanças. Conheci pois a existencia das *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo* desde 1859. Á medida que fui avançando no plano da creação da *Historia da Litteratura portugueza*, mais se me avivava no espirito a necessidade da publicação d'essa monographia. Em 1861, ao passar por Lisboa com róta para Coimbra, visitei Innocencio na sua residencia na rua da Procissão; contemplei aquelle typo magro e já grisalho de cabellos, reluzindo com um suór crasso, amarrado o casaco safado com um pequeno cordel á cinta, com uma cigarrilha de dez réis sempre na bocca, ensalivada por fórma que lhe misturava a palavra com perdigotos; com a penna de pato com que escrevia, e sepultado entre livros que estavam cheios de pó, nas estantes, no chão, nas cadeiras, na meza, deixando apenas um exiguo carreiro para a entrada ou sahida no gabinete. Perguntei-lhe pelas *Memorias da vida intima de José Agostinho;* ia destemperando, como se lhe tocasse em uma borbulha dolorosa, mas vendo a minha ingenuidade dos dezesete annos, apontou-me para uns massos de papeis que estavam amarrados e a um canto do escriptorio. Perguntei-lhe porque se não publicavam; disse-me, que se tratava de arranjar uma

empreza, mas que o tempo estava para Paulo de Kock. Á despedida offereceu-me alguns livros, que ainda conservo, e entre elles as *Poesias joviaes e satiricas* de Antonio Lobo de Carvalho, que me disse ser edição sua. Não se tornou mais a fallar nas *Memorias de José Agostinho.* Fazendo um certo ruido nas letras, contra o qual se incommodara Herculano, como o revelou em uma carta a Oliveira Martins, achei-me tambem incurso no odio de Innocencio. Perguntei á minha consciencia o que lhe teria eu feito? Apenas me aproximara na collaboração da *Revista critica e bibliographica* de um individuo que travara com Innocencio azeda polemica, em que além de cartas nos jornaes e folhetos se fallava tambem em policias correccionaes. Sem dar por esta aversão de Innocencio, ao appresentar-me em 1872 para o concurso da cadeira de Litteraturas modernas no Curso superior de Letras, fui na minha simplicidade visitar Innocencio, então residindo em casa propria na rua de S. Philippe Nery. Ficou um pouco estupefacto de me vêr na mesma disposição de 1861, e tratou-me por monosyllabos. Conheci o campo que pisava, e mantive-me na linha da mais inquebrantavel cortezia. Ainda conheci os massos amarrados da Vida e materiaes de José Agostinho de Macedo, e perguntei-lhe se era na realidade o que eu suspeitava. Respondeu-me com certa amargura: «É isso que está para ahi; mas não se imprime sem uma despeza de dois contos de réis. Não ha livreiro que arrisque esse dinheiro.» Quando me despedi de Innocencio fiquei sabendo, que elle como vogal do jury do meu concurso estava fortemente prevenido contra mim; fallando n'isto ao velho livreiro Antonio Maria Pereira, que muito privava com elle, soube que na sua opinião aquilatava o meu valor com o de Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro lançando os tres nomes em um chapéo e deixando o resto á sorte. Dadas as provas do concurso de Litteraturas modernas, teve Innocencio o prazer de me deitar uma *esphera preta;* nem por isso deixei de lhe fallar e o tratar com affabilidade nas poucas vezes que ainda o encontrei casualmente na rua. Estava sempre sob o influxo sympathico da emoção de 1859.

Correu uma atoarda, de que eu nas provas do concurso quando era interrogado por Innocencio lhe jogara uma insolencia, que o des-

norteara. Não é verdade, e explicarei o apparente effeito. Antes das provas soube que Innocencio espalhava um catalogo dos meus erros litterarios, e entre elles um da Dissertação em que considerava o livro intitulado *Academia dos Humildes e Ignorantes* como uma das Academias ou collectividades litterarias do seculo XVIII. Effectivamente lá estava o erro, e não tinha melhor caminho do que confessal-o. No fim das provas, coube a vez a Innocencio de argumentar-me. Respondendo a uma primeira pergunta sua, levanta-se da têa dos espectadores o academico Daniel da Silva, e segreda a Innocencio por modo que eu ouvi: — *Elle disse houverão.* Tinha-me escapado este solecismo no arrebatamento da palavra; fiquei sob a impressão d'aquella má vontade, e vendo Innocencio referir-se a um erro que deparara a paginas... a paginas... eu fui ao encontro e disse: «Provavelmente v. ex.ª quer referir-se á *Academia dos Humildes e Ignorantes.*» Retumbou na sala uma gargalhada geral, que eu não pude explicar logo; do nariz de Innocencio cahiram as cangalhas por causa do suór, e deu o argumento por terminado. Foi sómente isto. Pelo seu falecimento foi vendida em leilão a sua Livraria, e mais papelada que lhe pertencera; e muitas vezes disse ao meu espirito — Lá se perdeu esse trabalho sobre José Agostinho de Macedo; aonde parará?

Passados alguns annos, lembrando-me que Brito Aranha fôra testamenteiro de Innocencio Francisco da Silva, e officialmente encarregado de continuar a commissão do *Diccionario bibliographico portuguez*, perguntei-lhe se por acaso saberia que destino tinham levado os manuscriptos das *Memorias de José Agostinho?* Declarou-me com toda a franqueza, que os salvara de serem dispersos no leilão judicial, separando-os como material necessario para a continuação do *Diccionario bibliographico;* não podendo porém aproveital-os, porque se afastavam da indole d'essa obra especial, esperara muito tempo debalde o ensejo de publicar em volume essa preciosa monographia de historia litteraria. Ficou o meu espirito mais aquietado; as *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo* não estavam perdidas. Por vezes pensei no processo da sua publicação; até que achando-me a presidir ás sessões da segunda classe da Academia das Sciencias, e não

me conformando com o deploravel espectaculo de passada a leitura da acta, expediente e votação de socios, levantar a sessão por falta de assumpto, por nenhum academico querer usar da palavra, foi então que lamentei que se conservasse inedita a Obra em que Innocencio Francisco da Silva trabalhara toda a sua vida, felicitando ao mesmo tempo o sr. Brito Aranha, que estava presente, por ter salvado as *Memorias de José Agostinho*, valioso subsidio para a historia litteraria de Portugal. Não fôram indifferentes as minhas palavras no animo do sr. Brito Aranha, que alli logo solemnemente declarou que, se a Academia real das Sciencias quizesse publicar nas suas collecções esse importante trabalho do falecido academico Innocencio, elle com a melhor boa vontade entregaria os seus Ineditos á Academia. Em nome da douta corporação agradeci aquella offerta, como constará da acta, e n'essa mesma sessão se votou que fosse eu examinar os Manuscriptos, dando uma conta para depois se tratar da fórma da sua publicação. Na summula das sessões da Academia que trazem alguns jornaes fallou-se na cedencia da obra manuscripta de Innocencio, e na intenção de ser publicada a expensas e por ordem da Academia. Complicou-se immediatamente o caso; em carta de 28 de abril de 1894, dirigida pelos filhos de Innocencio ao presidente da Segunda Classe da Academia referindo-se a essa noticia, protestaram declarando: «Os herdeiros nada cederam dos Manuscriptos de seu pae, não auctorisam a sua publicação e antes vão reclamar de quem os conserva em seu poder, quando ha muito deveriam ser os signatarios os seus possuidores.

«N'estas circumstancias, e para evitar duvidas futuras, assim o communicamos a v., certo de que dará as suas immediatas ordens para evitar o que se pretende fazer.»

Procurado por um dos mesmos herdeiros, tive occasião de explicar-lhe que os Manuscriptos de Innocencio pertenciam ao material do *Diccionario bibliographico* continuado por ordem do governo; que se a Academia os imprimisse seguiria o preceito dos seus Estatutos, dando parte da edição aos herdeiros do auctor; e finalmente, que para evitar questões odiosas ficava sem effeito a proposta apresentada por mim á Academia. Levantei mão do assumpto verdadeiramente enojado. Pas-

sado algum tempo os herdeiros de Innocencio reconsideraram e dirigiram á presidencia da Academia um officio cedendo os manuscriptos do falecido seu pae, que estavam em poder do sr. Brito Aranha; lido em assembléa geral pelo secretario perpetuo, elle mesmo propoz em seguida que se imprimissem por conta da Academia. N'este momento fiz um relatorio verbal do que se continha nos manuscriptos cujo exame me fôra facultado graciosamente pelo sr. Brito Aranha: tres redacções das *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo*, de 1848, 1854 e 1863; uma *Collecção de Cartas*, outra de *Censuras*, com algumas *Satiras* ineditas e uma *Tragedia* do mesmo auctor biographado. No emtanto reservava-me para apresentar por escripto uma conta d'esses materiaes, para assim se vêr o melhor modo da publicação. Não se fez esperar essa pequena descripção, que foi apresentada á Segunda Classe; quando julgava que fosse alli votada a fórma da publicação, lembrou-se o sr. presidente Gama Barros da necessidade de um parecer da secção de litteratura. Tornei a abandonar a empreza, desesperançado da sua realisação. Por outro lado, a secretaria não officiava ao sr. Brito Aranha para arrecadar os manuscriptos que generosamente lhe tinham sido cedidos. Ao fim de muito tempo, e quando já estava desinteressado de tudo o que dizia respeito a este assumpto, deparei a um canto da secretaria da Academia com um masso de papeis e brochuras que conheci serem os Manuscriptos que examinara em poder de Brito Aranha. Não me souberam explicar como alli vieram ter; e vendo que as cousas ficariam assim, saí das praxes e pedi ao sr. secretario perpetuo que desse auctorisação para a typographia da Academia para entrarem em composição as *Memorias para a Vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo.*

Ante os processos morosos da nossa imprensa, sobejou-me tempo para estudar desveladamente o texto litterario de Innocencio.

Em um dos borradores de estudo sobre José Agostinho de Macedo, poz Innocencio o seguinte titulo, que não aproveitou, mas em que define bem o seu pensamento:

«*Memorias para a Vida intima e litteraria de José Agostinho de*

*Macedo; seguidas de muitas Peças e Documentos justificativos, de um Catalogo methodico e completo das suas composições, tanto impressas como ineditas, e de outro que comprehende as obras e escriptos que pró ou contra o mesmo Macedo se publicaram em diversos tempos. Tudo conforme as mais exactas noticias que até agora se obtiveram. Colligidas para servirem de Apparato a uma nova edição regular e completa das Obras do dicto Autor.* Por I... F... da Silva.

«*(Agosto de 1848.)*»

Em uma das capas avulsas de differentes papeis soltos, vinha assim o primeiro titulo da sua obra:

«*Vida e Feitos de José Agostinho de Macedo.* Copiada para este Livro em 7 de Dezembro de 1848.»

E no verso da folha:

«Retrato do Padre, com a epigraphe—Pascitur in vivis livor, post fata quiescit. *Ovid.*»

E em uma série de cadernos cosidos, encontrámos a primeira redacção completa, com o titulo:

«*Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo.* 1848.»

Vê-se que Innocencio escolhera a fórma historica de Memorias, como a que melhor se prestava ás digressões anedocticas. Entre papeis retalhados com apontamentes avulsos, achámos curiosas indicações, em que Innocencio reconhecia a opacidade de seu estylo e a necessidade de seguir um bom modelo do genero:

«Quando tratar de refundir as *Memorias* hei de lêr as de Goëthe, onde creio que ha que aproveitar para servir de guia e ornato.»

«Lêr tambem as *Memorias de D. Fr. Caetano Brandão;*—as do Arcebispo da Bahia;—as de José Liberato Freire de Carvalho, para ensaiar melhor o estylo em que escrever.»

E em outro papel solto:

«Deve lêr-se o Tomo XIV do *Theatro* de Manuel de Figueiredo, para aproveitar o que convier dos usos e costumes d'aquelle tempo.»

E em papel rasgado de folha impressa que servia de capa a outras notas:

«Um córte nos *Poréms*, e outro nos *Todavias.*
«Nos *então.*
«Nos *Havia.*
«Nos *Pois.*
«E em outros bordões.»

Innocencio começou a passar a limpo o seu trabalho em 1854, suscitado pelo contracto que encetara com um livreiro do Porto; este manuscripto ficou interrompido a menos de meio, e tinha o titulo:

«*Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo, seguidas de numerosos Documentos e Peças justificativas.* Escriptas por Innocencio Francisco da Silva.—Mihi Galba, Otho, Vitellius, nec beneficio, nec injuria cognitis. *Tacit. Hist.*, lib. I, § 1.»

Parece que Innocencio fôra desviado d'este trabalho para dirigir a edição das *Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage;* ahi, nas notas do t. I, p. 402, transcreve os §§ XXXI e XXXII das *Memorias para a Vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo*, (p. 93) sem variantes na redacção que subsiste. Tambem por esta edição de 1853 se vê, que estava Innocencio em relações litterarias com Francisco de Paula Ferreira de Costa, o mais ferrenho colleccionador de todos os

papeis de José Agostinho de Macedo, como adiante veremos. *(Op. cit.*, tomo II, pag. 423.) D'estas relações resultou a organisação de uma empreza em que entrava Innocencio, primeiramente para uma edição integral do Poema *Os Burros*, (Vid. pag. 204 a 206) e depois para uma edição das Obras ineditas de José Agostinho de Macedo, comprehendendo principalmente as *Cartas* e as *Censuras*.

Pertence a este impulso a terceira elaboração ou traslado das *Memorias*, datado de 1863, mas que não passou das primeiras paginas. No § XIX (pag. 155) falla Innocencio de terem sido roubados á hora da morte muitos manuscriptos de José Agostinho; em um papel avulso em que vem a data: (Em 30 de dezembro de 1844) consigna:

«Pessoa de todo o credito me disse... que Joaquim José Pedro Lopes, redactor da *Gazeta de Lisboa*, até aquella época, e compadre do falecido, fôra herdeiro dos seus manuscriptos. A viuva e filho d'elle deu-me claramente a entender em sua propria casa na rua dos Cavalleiros, que grande parte d'esses manuscriptos lhe tinham sido roubados por *Francisco de Paula Ferreira da Cruz* (lêr *Costa*) amigo intimo de seu marido e do auctor, por occasião de se lhe offerecer para os arranjar.»

No § XIX, vê-se que Innocencio estava já em relações com Francisco de Paula, que o informa sobre os rendimentos de José Agostinho de Macedo, (pag. 156) e lhe presta apontamentos, cuja redacção Innocencio aproveita; assim a pag. 157 encontramos a narrativa da morte de José Agostinho de Macedo, tal como pelas proprias palavras de Francisco de Paula está nas *Notas historicas e criticas aos Poemas dos Burros* (Vid. descripção a pag. 271.) Entre as Cartas de José Agostinho de Macedo que possuia Ferreira da Costa, 240 eram copias de sua letra, e 36 autographas do Padre. Innocencio comprou a Ferreira da Costa as copias de 103, que reservava para uma projectada edição; da letra de Ferreira da Costa são todas as copias de Obras de José Agostinho que temos encontrado por collecções particulares e dos poemas reunidos por Innocencio. Em muitas das suas Cartas falla José

Agostinho d'este seu acerrimo admirador, que colligia tudo quanto elle redigia, e segundo o seu habito de tratar todas as pessoas por alcunhas chamava-lhe o Francisco *Papelada*, e Francisco *Papelinhos*. Em uma carta de 14 de Dezembro de 1828 a Fr. Joaquim da Cruz, lêmos:

«Aqui disse José *tintas* que Francisco *papelada* está fazendo desenhos para o mais saliente dos *Burros;* eu deveria dizer o que é mais importante, e não Francisco *papelinhos:* tomara eu vêr isso...»

Em uma Nota a esta carta, em collecção de outra letra, encontrámos:

«N. B. Francisco *Papelada*, *Papelinhos* ou *Traslada*, é Francisco de Paula Ferreira da Costa, a quem o Author dava este epitheto, (defeito seu muito ordinario) porque o dito Paula compilava todas as Obras do Padre, e ainda possue a mais completa Collecção d'ellas. Quanto o Padre Macedo escreveu ácerca dos *Burros* está reunido e em poder do Paula, formando tres grossos volumes de 4.º grande, copiado em bello papel, e cada um dos Cantos ornado com uma estampa ou desenho, que elle fez, analogo á materia de que tratam. Além d'isto ha o retrato do Author no 1.º tomo, e do heroe João Bernardo da Rocha, no 2.º e no fim de cada Canto onde ha espaço sufficiente tem vinhetas tambem allusivas á descripção do Poema. Eis aqui o que viu José Coelho. O Padre já tinha dito ao referido Paula, que elle daria a ideia dos desenhos para os *Burros*, mas como tarde cumpria o que promettia, aquelle tomou a deliberação de fazer segundo entendeu.»[1]

Innocencio chegou a fazer o Prospecto para a impressão d'este texto integral dos *Burros*. (Vid. pag. 205 e 206.)

Em carta datada de maio de 1829 ao Padre Frei Joaquim da Cruz, torna a referir-se a elle:

---

[1] Este manuscripto veiu ao poder do bibliophilo Merello; conseguimos vêl-o em dezembro de 1897 e estudal-o detidamente.

«Ahi vae o Poema com esses appensos: pode Francisco *Papeleiro* tirar uma copia, e depois a eu examinarei, e imprimir-se-ha, porque ha grande ciume sobre este original.»

E em carta de 30 de junho de 1830, datada de Pedrouços e dirigida ao mesmo:

«Se na copia de Paula *papeis*, que foi para a impressão, foi o que eu tirei no principio, é preciso emendar o frontispicio... Como em um verso accrescentado por Lopes eu puz uma nota, e na encadernação se devem cortar alguma cousa as margens, bom seria arrancar a folha, e o Paula que a traslade (só os versos) para não ir com a deformidade do córte.»

Vamos agora aqui transcrever duas Cartas de José Agostinho a Francisco de Paula Ferreira da Costa, por onde se verá a confiança litteraria com que o distinguia:

«Meu amigo: Eu só vivo de importunal-o, e de lhe dar incommodo; aqui veiu um Conego de Evora, em toda a sua pompa, juntando-lhe a qualidade de Bibliothecario da immensa Livraria de cincoenta mil volumes que alli deixou o Bispo Cenaculo, que os leu todos! E como entre tantos não se encontra um só que eu fizesse, pretende o bibliothecario levar tudo o que haja feito, e que lhe desse o catalogo. —Isso não é commigo (lhe disse eu), porque sei tanto o que tenho feito, como V. Ill.$^{ma}$ que nada sabe; e é feliz!—Mas hei de servir a V. Ill.$^{ma}$, e os livreiros; tenho um amigo curioso, que me poderá servir a mim, eu lh'o mando pedir.—Veja v. m.$^{ce}$ se me pode fazer esse obsequio, e feito elle eu o mandarei para o Arcebispo Vigario Geral, a quem se me pede o faça entregar. A minha molestia está cada vez mais aggravada, trato de vêr como me hei de arrastar até S. Roque, domingo, 22; se lá ficar bom é ficar enterrado na Misericordia, tudo fica em casa, e eu á sua disposição, pois sou deveras

seu do coração

J. A. de M.»

Com data de 30 de outubro de 1829:

«Meu bom e muito prezado amigo Paula.

«Recebi o seu obsequio, e lhe peço outro, que vem a ser um só exemplar da Comedia *D. Luiz de Athayde*, que com empenho aqui me pede pessoa capaz. No Forno, è verdade, ainda tenho dois; mas quem m'os pode mandar? Os dois dragões que lá estão sabem muito bem furtar, beber e dormir; e para serem mais ditosos que tudo isto, não sabem lêr. Se quizer o Soneto, que lá repetiu o Xavier, eu lh'o mandarei. Sou muito deveras

Seu amigo

J. A. de M.

Ferreira da Costa morreu em grande pobreza; sustentava-se vendendo copias de ineditos de José Agostinho. Foi n'esta situação que o conheceu Innocencio; um dia vendeu tudo quanto tinha ao corretor Pereira Merello, que tambem adquirira o material de trabalho de José Maria da Costa e Silva reunido para continuar o *Ensaio biographico critico*. Innocencio obteve conhecimento da *Biographia de José Agostinho de Macedo*, que esboçara Costa e Silva, como se comprova pelo juizo critico sobre a traducção das *Odes de Horacio* (pag. 49 a 52, *nota)*; pelo juizo sobre *Newton*, (pag. 85 a 90, *nota)*; sobre o *Oriente*, (pag. 98 e 99 *nota)*; sobre a *Lyra anacreontica* (pag. 104); e cita as conclusões da propria *Biographia de Macedo* (pag. 158).

Todos os planos da edição caducaram, quando Innocencio acabava de obter de Francisco Lobato Quintino de Faria, empregado da Junta do Credito publico e parente do Vigario Geral Antonio José Ferreira de Sousa, toda a collecção de *Censuras* copiadas dos autographos que José Agostinho de Macedo por exercicio de seu cargo lhe dirigia. Innocencio desgostoso deixou de trabalhar nas *Memorias para a Vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo*. Qual seria o motivo? A paixão bibliographica abrira um abysmo de odio entre elle e Merello; este fechou as suas collecções por forma que Innocencio perdeu a es-

perança dos subsidios indispensaveis para fazer um trabalho completo.[1] Por uma casualidade nos foi patenteada em 1897 essa inapreciavel collecção formada por Ferreira da Costa, podendo assim aproveitar todos os recursos para a presente publicação. O que fizemos resume-se nas seguintes indicações:

Fixámos o manuscripto mais perfeito continuando-o com o incompleto, e integrando-o com o primitivo; isto é, o fragmento de 1863 proseguido pelo de 1854, e completado pelo de 1848, intercalando nos seus logares todas as notas avulsas;

---

[1] No prologo do Catalogo Merello esboçámos esta situação:

«Verdadeiramente unica e excepcional é a collecção de Obras do P.e José Agostinho de Macedo, tambem formada por Francisco de Paula Ferreira da Costa, e adquirida por Merello. Quem tem estudado a Bibliographia de José Agostinho de Macedo e conheceu as collecções de Figanière, do visconde de Alemquer e a actual de Sebastião da Silva Leal, é que pode avaliar a riqueza d'esta secção. Ferreira da Costa colligia tudo quanto sahia da penna de José Agostinho de Macedo; e tanto, que a elle recorria José Agostinho quando para brindar o Arcebispo de Evora que lhe pedira as suas obras, desejava saber o que é que tinha escripto. No fim da vida Ferreira da Costa vivia do expediente de vender copias de ineditos de José Agostinho de Macedo, e do seu vasto Epistolario; Innocencio Francisco da Silva ia comprando a pouco e pouco copias d'esses Ineditos, Poemas, Satiras, Cartas e Censuras, com que emprehendera escrever as *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo;* depois parou e levantou mão do assumpto em que se occupara desde 1848. Qual seria a causa? É que Pereira Merello comprara todo esse material de José Agostinho de Macedo, que Ferreira da Costa accumulara, e nunca mais ninguem lhe poz olho em cima. Ahi n'essa collecção entrava o Poema dos *Burros* em quatro grandes volumes contendo todas as redacções e elaborações que o Poema soffrera: a 1.a de 1812, em quatro cantos; o Canto accrescentado em 1813; a lição de 1814 em seis cantos dedicada ao Geral dos Bernardos; os retoques a pedido dos Frades de Alcobaça, virando as baterias dos *Burros* contra os liberaes em 1823, com as variantes de 1825, e a redacção final de 1827. A este incomparavel texto da famosa Satira-poema, que abrange a grande epoca da transição do regimen absolutista para o liberal, ajuntou Ferreira da Costa para mais de 1.500 notas historicas, pessoaes e didacticas. Desde que Innocencio perdeu a pista d'este livro, abandonou a idéa de fazer a sua Edição dos *Burros*, da qual se encontra o prospecto entre os papeis que hoje se acham na Academia das Sciencias. (*Cat. Merello*, p. VI.)

Completámos os Documentos que faltavam, e de que Innocencio não tivera noticia, por copias que tirámos no Archivo da Intendencia da Policia, hoje na Torre do Tombo;

Refundimos a Bibliographia de José Agostinho, que ficara em 1848, ajuntando-lhe tudo quanto se apurara até 1863, e accrescentando-lhe o mais que se conhece até 1898, revendo toda a parte descriptiva sobre os livros impressos e manuscriptos existentes;

Accrescentámos varias Satiras ineditas, como elucidativas da vida de José Agostinho, porque achámos essa indicação em um papel avulso de Innocencio.

Ahi fica um valiosissimo subsidio para o estudo de José Agostinho de Macedo, figura que em todas as suas versatilidades e defecções acompanha a instabilidade moral da transição do absolutismo para o liberalismo representativo. Innocencio não sabia descrever os caracteres de uma epoca nem a physionomia psychologica dos individuos; mas nas suas particularidades anecdoticas é sempre veridico e indispensavel para se poder escrever uma segura pagina de historia litteraria do fim do seculo XVIII. As datas em que se determinam as varias epocas da vida de José Agostinho de Macedo, têm implicitas as causas sociaes e historicas que actuaram na deformação do seu caracter: a versatilidade, o odio, o conservantismo ferrenho e o proselytismo desesperado.

De 1761 a 1808, José Agostinho em uma sociedade atrazada e extranha ás correntes da civilisação europêa, é educado no pedantismo fradesco, contra o qual reage pela leitura dos livros francezes. D'esta situação resulta a perseguição que lhe fazem, sendo expulso da ordem dos Gracianos. É n'este estado que frequenta a companhia de Bocage, abraça as idéas da Revolução franceza, e imita os poemas didacticos.

De 1808 a 1818, renega das idéas francezas pelo rancor á invasão dos exercitos napoleonicos em Portugal, e admira a Inglaterra, transitando para a adopção do regimen das Cartas constitucionaes. Põe-se ao serviço dos Governadores do Reino, caminhando assim para acompanhar o regimen de violencia que provocou a emigração de 1818, e victimou o nobre heroe Gomes Freire.

De 1818 a 1826, abandona o respeito pelo protectorado inglez de Beresford, e acceita as idéas da soberania nacional, com a Revolução de 1820. Os despeitos pessoaes levam-no a seguir a restauração do absolutismo em 1823, tornando-se o mais ardente caudilho do velho e decadente regimen catholico feudal, sendo o maior instigador das perseguições politicas.

De 1826 a 1831, em que o absolutismo politico se transforma no despotismo miguelino, Macedo acompanha o systema em todos os seus exageros e crimes, sendo propriamente o elemento doutrinario d'essa terrivel epoca, o polemista furioso contra todos os ideologos do constitucionalismo, crendo em um unico remedio para a salvação da religião e da patria—a *forca* e o *cacete* contra os liberaes. Os exageros da sua propaganda faziam effeito contrario, e o proprio partido lhe impoz moderação; foi o golpe de morte, caiu no desalento, e quando o despotismo agonisava diante da heroicidade convicta do Cêrco do Porto, em 1831, o caudilho expirava na impotencia.

Poesia, Dramas, Sermões, Dissertações litterarias, Censuras officiaes sobre os Livros, Polemicas, artigos de Imprensa periodica, tudo provinha de uma unica inspiração — dar largas á indole turbulenta, pósta ao serviço das causas mais absurdas e extremas. Convertia em manifestações especulativas aquella grande somma de capacidade affectiva e de energia activa, a que a sua situação de padre e celibatario não apresentava um natural e legitimo dispendio. A synthese sobre José Agostinho de Macedo acha-se implicita n'estas poucas linhas de uma Carta sua a Frei Fortunato de S. Boaventura:

«Eu não tenho mais que alguma imaginação, um pouco, não digo viva, mas ardente. Olhe bem, que nada mais tenho, e sou sincero.

«(18 de dezembro de 1830.)»

É sympathica esta confissão, e ella o absolve de todas as tempestades que semeou.

THEOPHILO BRAGA.

# MEMORIAS

PARA

A VIDA INTIMA

DE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

«Quem sou eu? O que sei?... As Sciencias são um circulo; parte-se do ponto que se chama a ignorancia, e quando depois de porfiados estudos e largos annos se fecha este circulo, toca-se precisamente no mesmo ponto d'onde se tinha partido... Os meus inimigos não estão tão convencidos da minha insufficiencia como eu estou. Eu sou o primeiro, que desapprovo quanto tenho feito, porque nada me agrada. Tudo considero muito áquem d'aquelle bello ideal, que pela contemplação de tantos e tão soberbos modellos eu me tinha formado... Uma critica luminosa me teria aproveitado mais, do que me tem abatido tantas e tão grosseiras invectivas... Talvez que em alguns momentos estas me tenham feito lembrar de que tinha merecimento. Antes desejo ser bem criticado, do que excessivamente louvado.»

J. A. de Macedo — *Carta* inserta na *Gazeta Universal*, n.º 27 de 4 de fevereiro de 1823.

# INTRODUCÇÃO

Tudo o que é relativo ás acções do homem extraordinario, que chegou a singularisar-se por seu talento, e conseguiu illustrar com seus escriptos o seculo em que viveu, e a litteratura do paiz em que existiu despertando a geral curiosidade, se torna duplicadamente e por diversos respeitos interessante aos olhos dos estudiosos, que professam amor ás letras, e têm a peito as glorias nacionaes. Não é por certo entre esses respeitos o menos attendivel a luz, que do conhecimento das intimas disposições do animo e da situação particular do sujeito, se diffunde (ás vezes em grande copia) dando azo a que sejam com justo e equitativo apreço entendidas, e avaliadas as suas composições.

Para nos convencermos da realidade d'este asserto, se o houvessemos mister, bastará deitar um lanço de olhos para o affinco e insistencia com que na litteratura das nações estrangeiras, que maiores progressos têm feito em todos os ramos de sciencia e erudição, se promovem e cultivam com ardor os estudos biographicos. A prova está patente: haja vista ao grande numero de copiosos diccionarios d'este genero, em que abunda aquella litteratura, publicados cada vez mais amplos, e destinados a transmittir á posteridade as acções da vida, quer publica, quer particular, dos ho-

mens que em todos os paizes, e desde os mais remotos tempos se distinguiram nas mui variadas especies dos conhecimentos humanos. Isto, afóra uma infinidade de biographias dispersas, ou noticias individuaes, em que já minuciosa, já resumidamente se descrevem e historiam os factos e particularidades relativas a este ou áquelle auctor, que por suas obras adquiriu alguma nomeada.

Não é porém pequeno desar para as letras portuguezas que este genero d'estudos tenha sido entre nós de muitos annos a esta parte injusta e sobejamente despresado.[1] E que mais clara demonstração d'esse despreso, que o não ter até agora apparecido quem se propozesse fazer avançar um passo á nossa historia litteraria, tomando-a do ponto estacionario em que a deixaram as indagadoras e incansaveis lucubrações do douto e laborioso Abbade de Sever?—Pois em verdade, seja dicto ainda uma vez: A *Bibliotheca Lusitana*, apesar das suas apregoadas e ás vezes exaggeradas inexactidões, e do defeituoso plano da sua organisação, contém em si a maior parte das especies, que podem ser com proveito consultadas pelos perscrutadores de nossos factos litterarios; e será sempre de justiça respeitada como um padrão monumental erigido ás passadas glorias da nação portugueza.

De todos os homens que em tempos recentes se tornaram em nossa terra crédores da admiração publica por seus talentos, e dignos por seus escriptos de honrosa commemoração aos olhos despreoccupados de nacionaes e extranhos, é, em nosso sentir (e no de muitos, com cuja opinião voluntariamente nos conformamos n'esta parte) um dos mais extraordinarios—José Agostinho de Macedo. Vinte e dous compridos annos se volveram já depois que a lousa do sepulchro cobriu os restos inanimados do cantor da *Meditação*. Seu nome não perdeu ainda a popularidade, que em vida o acompanhara; e suas obras têm sido, e continuam a ser avidamente colligidas por todos os bibliophilos nacionaes, em cujas es-

---

[1] Hoje não poderiamos dizer tanto, á vista dos trabalhos que desde então para cá se publicaram, (6—xii—63).

tantes as vêmos emparelhadas com as producções dos que mais engrandeceram e illustraram o idioma patrio. Temos porém esperado, até agora inutilmente, que alguma de tantas capacidades em que abunda o nosso Portugal, se dedicasse a dar á luz publica, se não uma extensa e circumstanciada narrativa, ao menos algum abbreviado resumo, em que apparecessem compendiados com imparcialidade e boa fé a vida e acções d'aquelle portentoso phenomeno;—do homem que, sequioso de gloria, e aspirando a ganhar a supremacia litteraria entre todos que o rodeavam, dominou, diga-se a verdade, mais de vinte annos successivos a litteratura portugueza, sustentando por todo esse longo periodo em não interrompida polemica uma acalorada e porfiosa guerra, com a quasi totalidade dos contemporaneos, aos quaes (diga-se a verdade) se mostrou quasi sempre sobranceiro; que percorreu com melhor ou peior successo a escala das sciencias, artes e erudição; finalmente que, apezar de seus defeitos pessoaes, pôde constituir-se o mais popular e conhecido de todos os nossos coévos escriptores.

Na falta de quem tomasse a cargo esta empreza, empenhámo-nos em preencher a lacuna pelo modo que em nossas forças coubesse. Levados de natural pendor para este genero de estudos, démos obra a procurar os materiaes indispensaveis, empregando com indefessa paciencia e efficacia todos os meios de que podiamos dispôr, e aproveitando os recursos que a casualidade nos deparou, no intento de reunir um amplissimo peculio de noticias, que depois de apuradas á luz da critica imparcial, estremado o falso do verdadeiro e o provavel do supposto, nos habilitassem para o desempenho de uma obrigação, assim voluntariamente contrahida.

Os subsidios, que para este effeito encontrámos preparados, sobre serem escassos e mesquinhos em numero e qualidade, foram para nós merecedores de severa desconfiança, como elaborados por homens accerrimos e constantes adversarios d'aquelle, cujas cousas pretendiamos averiguar.

Limitavam-se em primeiro logar ao poema heroi-comico *Agos-*

*tinheida*, chistosa composição, cujo auctor Pato Moniz, declarado inimigo de Macedo, levara sómente a mira em tornar odioso, despresivel, e ridiculo perante o mundo aquelle que por tantas vezes (melhor diriamos, incessantemente) o injuriara e enxovalhara com malbaratadas criticas e pungentes invectivas. Dos factos alli narrados, quer no texto, quer nas notas que a este servem de corroboração e commentario, alguns são incontestavelmente certos; porém uma grande parte não podem deixar de ser tidos por inexactos, ou duvidosos; achando-se quando menos revestidos de accessorios falsos e de poeticos adornos. Accresce que essa mesma narração apenas alcança até o anno de 1814, no qual o poema ficou definitivamente concluido na forma em que o vêmos, com quanto só viesse a publicar-se pela imprensa, e em paiz estrangeiro, correndo o de 1817. Pelo que deixamos dicto, facilmente se collige quão pequenos recursos poderiamos tirar d'ahi em proveito do nosso trabalho.

Vimos uma pretendida *biographia* de José Agostinho, collocada á frente da nova edição posthuma que em 1841 se fez do seu *Motim Litterario*. É obra do bem conhecido Antonio Maria do Couto; e tanto basta para a qualificarmos: *producção* indigesta, irrisoria, mal amanhada, e peor correcta, como quasi tudo o que sahiu da penna de seu auctor. Contam-se as inexactidões e os erros que alli se encerram (podemos affirmal-o sem hyperbole) não já pelo numero de paginas, mas pelo das linhas, de que se compõe. É além d'isso tão incompleta como biographia, que não avança cousa alguma de 1812 em diante; não havendo ainda respeito ás lacunas intermedias. Finalmente, é sobre tudo mingoado e deficientissimo o chamado Catalogo, ou resenha das Obras de Macedo, que ahi se dá como appendice. Nada podemos portanto aproveitar d'este miseravel apontoado, no qual se offerecem a cada passo omittidos, ou desfigurados os factos mais essenciaes, alteradas as datas, e transtornados os acontecimentos que aponta; tudo proprio da disparatada imaginação do escriptor, que reune aos outros seus defeitos a mais visivel e escandalosa parcialidade como inimigo fi-

gadal que tambem foi por muitos annos de José Agostinho, e por este com justa causa tantas vezes apodado e escarnecido. Deus perdôe áquelles que propondo-se dar novamente á luz o *Motim Litterario*, se lembraram de antepôr-lhe tal carta de recommendação, em que o auctor é proclamado por pouco menos que inepto!

Mais alguns artigos vimos, dispersos por antigos periodicos, ou em folhas avulsas; foi porém limitadissimo o fructo que d'elles colhêmos, por envolverem noticias desacompanhadas, succintas em demasia, e quasi sempre marcadas com o cunho da parcialidade.

No proposito pois de ser veridicos e genuinos, houvemos de dirigir por outra parte nossas investigações. Tractámos de pesquizar nas proprias fontes as memorias e documentos authenticos, que servissem de fundamento ao edificio, que emprehendiamos construir.

Quanto a documentos, podémos apenas colligir esses que ahi appensâmos, bem certos de que serão quasi todos por ignorados inteiramente novos para o commum dos leitores. Cumpriria exceptuar os que desde muito appareceram transcriptos no *Portuguez Constitucional Regenerado*, n.º XCII, de 19 de novembro de 1821; mas esses mesmos foram por nós occular e escrupulosamente verificados em seu original, para não incorrermos em inexactidão ou falta voluntaria. Os demais são egualmente colhidos nos cartorios de Repartições publicas, ou extrahidos de autographos originaes, que não deixam sombra de duvida ácerca de sua authenticidade.

Mui copiosos auxilios encontrámos tambem nas proprias obras de José Agostinho, mórmente em seus opusculos ineditos, que tivemos a possibilidade de vêr e confrontar. Elles deram materia para novas indagações, e mediante um reflectido e comparativo exame nos serviram de grande auxilio em nossas combinações, facilitando-nos a meudo o modo de discriminar alguns successos, rectificar datas e esclarecer certos pontos, que á primeira vista se mostravam duvidosos ou escuros.

Apresentando o resultado do nosso trabalho á curiosidade e

indulgencia publicas, podêmos affoutamente assegurar que tudo o que ahi se avança na parte historica é da mais incontestavel realidade. Tendo por norte a certeza, e escrupulosos talvez em demasia, abstivemo-nos de commemorar alguns factos, que embora assoalhados em diversos tempos, e até patenteados por meio da imprensa, nem por isso offerecem á mente do observador judicioso o indestructivel caracter de verdadeiros.

A ingenuidade e singeleza de que nos presâmos, fez porém que não omitissemos em nossa narrativa até as menores circumstancias de que houvemos conhecimento, sempre que ellas nos pareceram aptas para o fim que attingiamos. Curámos de escrever não o panegyrico, mas sim a biographia de Macedo. Por isso ninguem nos lance a má parte, se não vae enriquecida de rasgos especiaes, ou ennobrecida por feitos virtuosos e dignos de imitação, proprios para resgatar as fraquezas e defeitos inseparaveis da humanidade. Certo que seria para nós mais aprazivel a tarefa se, mesclando o bem com o mal, podessemos exhibir ainda que dispersos, alguns lances de virtude ou acções cordatas, que até certo ponto purificassem uma serie não interrompida de factos (força é confessal-o) mais ou menos improbos e censuraveis; porém sahiram baldadas nossas diligencias, e frustrado o empenho que pozemos n'esta parte. Só conseguimos apurar como certos os que ahi deixamos registados, e outros que de proposito perpassámos, querendo esquivar-nos á merecida tacha de nimio-diffusos. Entretanto, nenhum escrupulo nos resta, ao apresentar José Agostinho tal qual em verdade o consideramos—[1] homem fragil, defeituoso e comtudo grande.

No tocante ao catalogo de suas obras, que em seguida coordenámos,[2] reputamol-o tão exacto e completo quanto é hoje possi-

---

[1] On ne doit aux morts que ce qui peut être utile aux vivants, la verité et la justice. (Condorcet, *Oeuvres*, t. I, p. 12).

[2] [Infelizmente esta promessa não chegou a ser cumprida; o auctor reservava o completar a parte bibliographica ao terminar a impressão do livro, que deixou inedito.]

*(Nota da revisão).*

vel: nem julgâmos se encontrará, inda que a custo, noticia de alguma composição, ou papel, por minimo que seja (especialmente impresso) que em seu logar competente se não ache descripto, e miudamente confrontado; ou que deixasse de ser por nós visto e examinado, exceptuando apenas aquelles, que com bom fundamento se julgam perdidos, os quaes vão todavia accusados com essa mesma declaração. Entendemos que a nossa diligencia será, quanto a esta parte, sobremaneira grata aos estudiosos de bibliographia, e particularmente aos apaixonados do auctor.

Fomos porém mais que parcos no que respeita ao juizo critico das obras commemoradas; não só porque respeitamos e seguimos o preceito de Horacio, e da boa razão — *Versate diu, quid ferre recusent, quid valeant humeri*, — mas tambem por não ser do nosso intuito vulnerar, nem ainda levemente, alheias susceptibilidades; e menos provocar polemicas, que mal se compadecem com a nossa indole. Fique embora reservado esse empenho a quem, possuindo sufficiente cabedal de descernimento e saber, juntar a estes dotes a imparcialidade e sisudeza, que se hão mister para avaliar com justiça semelhantes producções.

Longe de nós a presumida jactancia de darmos o presente esboço por obra completa; ninguem reconhece melhor que nós a propria inferioridade, e que o assumpto merecia ser tractado por sujeito de mais elevada esphera. Nem poderia lisongear-me a idéa de agradar a todos. *Veritas odium parit*, dizia ha já mais de dois mil annos o judicioso Terencio. Todavia julgâmos fornecer ainda assim um contingente, que não é para desprezar. Os primeiros traços caracteristicos d'este rude e mal-acabado desenho poderão, se não nos illudimos, depois de desenvolvidos e retocados por penna mais habil e sufficiente, servir no futuro para se formar por meio d'elles o retrato d'esse homem, reconhecidamente celebre, cuja memoria não deixará já agora de correr parelhas com a duração das letras portuguezas.

Lisboa, 20 de maio de 1854.

*NB.*—Já se sabe que a este tempo não tinha ainda visto a luz o Catalogo das Obras do Padre (com algumas breves indicações biographicas) pelo dr. Rego Abranches, o qual impresso em verdade desde 1849 jazia sepultado nas gavetas do auctor, e só depois da morte d'este e por occasião da venda dos seus livros em 1855 é que alguns exemplares appareceram nos livreiros.

Jazia tambem ainda na massa dos possiveis a *importante* biographia impressa no Porto em 1854 pelo Carreira de Mello (Vej. *Diccionario bibliographico*, t. 4.º p. 122), e a outra que Marques Torres publicou em Lisboa em 1859 *(Dicc.*, t. 6.º p. 236).

Todos estes senhores andaram *escagateando* o assumpto, de sorte que me obrigam agora a encher paginas e paginas para contestar-lhes as falsidades, inexactidões e sandices que por lá metteram á sua conta, tendo eu por fim de apparecer com *caldo requentado*, quando tinha o meu trabalho concluido (quanto á averiguação dos factos) em 1848, quando os dois ultimos nem sequer pensavam em que poderiam um dia illustrar-nos com as suas *lucubrações!*

As Memorias, segundo a amplitude que desejo agora dar-lhes, occuparão dois grossos tomos de 8.º grande, por isso que hão de levar intercaladas algumas composições ineditas em prosa e verso do Padre, e numerosissimas notas extrahidas dos seus outros escriptos, para corroborar as asserções do texto.

6 de dezembro de 1863.

---

# EPOCA I

## 1761—1792

### I

A cidade de Beja, povoação memoravel nos fastos da antiga Lusitania,[1] (e ainda agora notavel entre os da provincia do Alemtejo) que justamente se ufana de ter sido patria de Amador Arraes, de André e Antonio de Gouvêa, de Jacintho Freire de Andrade, Manuel Alvares Pegas, e tantos outros esclarecidos varões[2] que, conspicuos por lettras e virtudes, cultivaram entre nós com prospero successo as sciencias e as lettras, distinguindo-se nos variados ramos da jurisprudencia, theologia, historia e humanidades, póde tambem gloriar-se de ter dado a Portugal um dos seus escriptores o mais conhecido e fecundo nos modernos tempos, o padre José Agostinho de Macedo, que alli viu a primeira luz do dia aos 11 de setembro de 1761.[3]

---

[1] Os nossos *veridicos* antiquarios datam a sua primitiva fundação por Gallos ou Celtas de muitos seculos antes da éra vulgar. A sua ultima reedificação por D. Affonso III é computada, conforme as opiniões mais provaveis, proximamente ao anno 1253 do nascimento de Christo.

[2] Não menos de quarenta e nove escriptores nos aponta a *Bibliotheca Lusitana* como naturaes d'esta cidade. Seria uma flagrante injustiça se deixassemos de mencionar tambem honrosamente o ultimo Bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, que alli nasceu a 14 de septembro de 1763.

[3] Ignoramos o motivo (não era certamente falta de reminiscencia) pelo qual José Agostinho encurtava desde certo tempo a sua edade, inculcando-se nascido em 1765. (Vidè por exemplo na *Carta primeira a Cavroé*).

## II

Conforme a certidão authentica do seu baptismo, que temos presente, extrahida dos assentos da parochia do Salvador, da referida cidade, consta terem sido seus progenitores Francisco José Tegueira, oriundo da mesma, e sua mulher Angelica dos Seraphins Freire, que nascêra em Lisboa.[1]

## III

O referido seu pae habitava por esse tempo em casa propria, na rua que chamam da Capellinha, e exercitava a profissão de ourives de ouro, que na capital aprendéra, juntamente com a de cravador de diamantes; sendo ao que se diz mui perito na pratica d'estas artes, de cujo producto se mantinha e á sua familia, se não com grande abastança ao menos decentemente.[2]

## IV

Sendo pois indubitavel quanto deixámos dito, derivado em parte de fontes tão genuinas, e havido o resto na informação de pessoas mui competentes e fidedignas, certo que nenhum credito devem merecer

---

[1] A certidão vae integralmente transcripta nos *Documentos justificativos* appensos a esta biographia, sob numero I. Quanto ao dia do nascimento, veja a *Carta a Faustino.*

Ha quem diga que era irmão do desembargador Francisco Eleutherio de Faria e Mello, (que foi Ajudante do Intendente geral da Policia Veiga, no tempo do governo de D. Miguel) cujo pae tinha trato com a mãe de José Agostinho, sendo esta casada com Francisco José Tegueira, e que apezar de ser baptisado como filho do matrimonio era não obstante filho adulterino.

Diz-se mais que seu pae tomára conta da sua educação, e que fôra elle quem correra com as despezas, e que o mettêra na Ordem de Santo Agostinho; porém que depois em consequencia do seu máo comportamento o abandonou, sem mais querer saber d'elle.

O dito Francisco Eleutherio tambem nunca quiz ter trato com José Agostinho, não concorria com elle, postoque o conhecia como seu irmão; e perguntando-se-lhe, elle dará mais amplas informações sobre o assumpto.

Isto foi-me communicado em 24, VII. 49, pelo sr. J. M. O. C.

[2] José Agostinho jacta-se em varios dos seus escriptos de ser não só patricio de Jacintho Freire de Andrade, mas nascido na mesma casa em que habitara aquelle celebre escriptor, parecendo vangloriar-se por extremo d'esta casual circumstancia. Veja-se, por exemplo, o *Motim Litterario*, t. I, p. 229, da primeira edição.

as asserções do cantor da *Agostinheida* em tudo o que nos relata com referencia ao nascimento de José Agostinho e aos nomes profissão, e circumstancias de seus paes.[1] Nem são estas as unicas inexactidões em que Pato Moniz, talvez por mal informado, se deixou cahir no seu poema: muitas outras discrepancias teremos occasião de notar pelo decurso d'este trabalho, confrontando nossa narração, fundada sempre em monumentos authenticos, ou em testemunhos irrefragaveis, com o que se nos refere no sobredicto poema: discrepancias que não são para estranhar, se attendermos a que o auctor levava todo o seu empenho em vilipendiar e detrahir a pessoa e fama de José Agostinho, como tão seu antagonista que foi constantemente, sem quebra, ou interrupção, chegando a radicar-se entre ambos um odio mutuo, e de tal sorte irreconciliavel, que só expirou com a vida em qualquer d'elles.

## V

Não podémos descobrir o fundamento com que José Agostinho se apropriou pelo tempo adiante o appellido de *Macedo*, do qual não achamos memoria em seus ascendentes, quer paternos, quer maternos, cujos nomes vieram ao nosso conhecimento: sendo mais para notar que elle chegasse depois ao ponto de desconhecer e repudiar o seu verdadeiro appellido *Tegueira*, como cousa que lhe era absolutamente extranha.[2]

## VI

Desde a puericia começaram a manifestar-se em José Agostinho clarissimos symptomas da vivacidade e memoria com que a natureza profusamente o dotara; sirva de exemplo o seguinte facto, abonado por pessoa digna de credito, sua patricia e contemporanea, que nos declarou tel-o havido de testemunhas presenciaes:—Assistira José Agostinho então de edade de seis para sete annos a uma festividade, que annualmente era celebrada em obsequio a S. Braz, e ouvindo o sermão respectivo, reteve por tal modo na memoria as especies e fio do discurso, que no dia immediato repetiu em sua casa a substancia do mesmo sermão, adornando-o com atavios seus proprios, e com tal ordem e deducção de idéas, que serviu de maravilhoso pasmo a todos os circumstantes.

---

[1] Consulte-se o dito poema a p. 8 e 9 da edição de Londres, 1817; e tambem a p. 38, notas ao Canto III.

[2] Vej. o *Expectador Portuguez*, 2.º semestre, a p. 236.

## VII

Poucos annos depois foi por seus paes enviado para a capital, (e não fugido, como em tempos posteriores se espalhou, e o inculca o auctor da *Agostinheida)* entregue e recommendado aos cuidados de um honrado ourives,[1] que por effeitos de antiga amisade, e não sabemos se de parentesco, postoque em gráo arredado, protegia a sua familia. Este, desvelando-se na educação do seu pupillo, tratou desde logo de fazer applical-o aos estudos, proporcionando-lhe a instrucção primaria, de que ainda carecia: e aprendidos os rudimentos das lettras, passou José Agostinho aos onze annos de sua edade, e por conseguinte no de 1772, a matricular-se nas aulas da Congregação do Oratorio na Casa de Nossa Senhora das Necessidades que por aquelle tempo mui floreciam, doctrinadas por habeis e conspicuos professores. Alli frequentou com aproveitamento as lições de grammatica e lingua latina, sob a direcção do padre José de Azevedo; cursando depois os estudos da philosophia racional e moral, em cujas disciplinas teve por mestre o padre Joaquim de Foyos, homem docto e benemerito das lettras portuguezas.[2]

## VIII

Concluidos estes preparatorios tomou o habito da Ordem de S. Agostinho no convento de Nossa Senhora da Graça d'esta côrte, correndo os annos de 1777 a 1778.[3] Entrou em 1777 e professou a 15 de novembro de 1778, quando contava dezeseis de edade; achando-se já tão desenvolvidas suas faculdades intellectuaes, que no exame prévio a que teve de satisfazer deixou seus arguentes maravilhados da presteza e

---

[1] Antonio Maria do Couto na sua intitulada biographia de José Agostinho, diz que este ourives se chamava F. Mendes.

¿Em que anno veiu para Lisboa?

Se podemos dar-lhe credito, elle diz nas *Considerações mansas*, p. 32, fallando de Quita «*Eu o conheci na sua loja de cabelleireiro na travessa do Pastelleiro*».

Ora o Quita, morreu, do que ninguem duvida, a 13 de julho de 1770, e creio mesmo, que já deixara a loja algum anno ou annos antes.— Como pois conciliar estas datas? Seria mister que José Agostinho viesse de Beja aos oito annos.

No prologo da *Viagem extactica*, p. 10, fallando de Quita e de Garção, diz: «*Eu conheci estes homens*». (Garção morreu em 1772). Na declaração que vem no fim do poema, diz que contava em 1830, 64 para 65 annos de edade! É vontade de mentir!

[2] Vidè *Carta terceira a P. A. Cavroé*, p. 15.

[3] Vidè *Carta 24.ª a J. J. P. Lopes*, 1827, p. 12.

acerto das respostas. Assim ficam desmentidos os apodos de Pato Moniz, nas notas ao canto v da *Agostinheida,*[1] no tocante á sua pretendida reprovação nos actos de latim e philosophia.

## IX

Ou fosse que José Agostinho constrangido por seu pae (que já n'aquelle tempo se achava em Lisboa, trazido segundo parece por alguns revezes de fortuna que soffrêra,) abraçasse máo grado seu o estado religioso, como elle depois allegou, quando em annos posteriores impetrou da Curia romana o breve de secularisação:—ou isto houvesse logar contra as vontades do pae e do filho, e por impulso de extranhas suggestões, como tambem se nos affirmou:[2] temos por certo que a indole caprichosa e maledica de José Agostinho, e o seu caracter turbulento e orgulhoso em subido gráo eram instrumentos mui pouco azados para lhe conciliar vontades, ou conseguir fortuna, e mesmo para desfructar com socego a vida pacifica e retirada do claustro: e a prova convincente é que apenas professou desappareceram para logo todos os vestigios de sua imaginaria se não forçada vocação: porquanto, todo o tempo que permaneceu ligado áquelle religioso instituto foi de lucta porfiosa e obstinada entre elle e seus confrades, como se vê pela serie progressiva dos factos, cuja narração omittiriamos de bom grado, se a fidelidade, que deve reger a penna do historiador sincero e imparcial, nos não impozesse a pezada obrigação de aqui os registarmos.

## X

Entrado pois José Agostinho no gremio da familia augustiniana começou a distinguir-se não tanto pela applicação aos estudos proprios do seu estado, como por suas leviandades e extravagancias; e pelas travessuras em que incessantemente se occupava com os demais coristas seus companheiros; repetindo-se ellas com tal frequencia, que apenas no convento se espalhava a noticia de algum roubo de fructa da cêrca, arrombamento de cella, ou outros factos analogos, contrarios á

---

[1] Vidè a p. 81 e 82 da edição já citada.

[2] Diz-se que fôra el-rei D. Pedro III que movêra o pae de José Agostinho a destinar seu filho para a vida claustral, fazendo-o abraçar o instituto augustiniano, a rogos de alguns frades da Graça, que desejavam com empenho attrahir para a sua Ordem um mancebo, que de si dava tão grandes esperanças: e que o pae, posto que a seu pezar, se vira obrigado a condescender com aquella exigencia real.

boa ordem e policia do convento, logo os padres mestres diziam: — «Isso hão de ser obras de Fr. José!» — Elle mesmo, já na edade provecta, estava tão longe de envergonhar-se d'estes desvios dos seus primeiros annos, que muitas vezes em familiar conversação os recordava com grande complacencia: comprazendo-se em narrar varias anedoctas, e entre estas a historia de um logro, que associado a outros coristas em certa noite, vespera do anniversario de Santo Agostinho, pregara aos *padres dignos*, comendo-lhes umas lamprêas, com que haviam sido brindados pelos do Collegio de Coimbra, e que estavam reservadas para fazer parte do lauto banquete, com que era do estylo celebrar no dia seguinte a festa do Santo patriarcha! — Façanha que custou a cada um dos implicados oito dias de rigoroso jejum a pão e agua no carcere do convento; e que provavelmente deu causa a que José Agostinho, seu principal motor, fosse com maior brevidade transferido de Lisboa para o proprio Collegio de Coimbra, onde devia seguir o curso da faculdade de Theologia.

## XI

Um feliz acaso dispoz que então existisse no referido Collegio o padre mestre fr. José de Santa Rita Durão, natural de Minas-Geraes, doutor em theologia, que chegado recentemente da longa peregrinação que forçado emprehendêra na Italia, havia sido admittido na classe dos Oppositores ás cadeiras da Universidade, e era mui respeitado na sua ordem por seu vasto saber e grave procedimento. Occupava-se por aquelle tempo em pôr a ultima lima ao seu poema epico *O Caramurù*, que pouco depois se imprimiu em Lisboa. O docto brasileiro, dotado de animo generoso, e de franco e aprazivel tracto, accolheu José Agostinho com mostras de benevolencia, não obstante as recommendações desfavoraveis que de Lisboa o acompanhavam; e essas demonstrações converteram-se em inclinação mais pronunciada, apenas se convenceu do natural pendor e gosto que José Agostinho manifestava para a poesia. Tomou-o pois sob sua protecção, e entretinha-se em doutrinar aquelle nascente engenho, embebendo-o na lição dos poetas antigos e modernos, e fazendo-lhe sentir as bellezas e defeitos de suas composições. Tambem o empregava como seu amanuense; e é fama que muitas vezes, mettido no banho, ao uso do seu paiz natal, dictava ao seu alumno ora alguns novos trechos, ora as emendas com que tratava de adornar e polir o poema, que no futuro devia adquirir-lhe tão honrosa nomeada entre seus compatriotas de áquem e de além mar.

## XII

Estas relações familiares não poderam permanecer, porque passado algum tempo Durão houve de retirar-se para a capital, onde tendo dado á luz *O Caramurú*, veiu a fallecer em janeiro de 1784. Alguem pretendeu já adduzir como prova da má indole de José Agostinho, e de sua ingratidão para com seus bemfeitores, o estudado silencio que por muitos annos guardou ácerca d'aquelle poema e do seu auctor, a quem tantas obrigações devêra, elle, que tão amiudadas e repetidas vezes allude em seus escriptos a quasi todos os poetas portuguezes, e a quantas composições boas ou más nos deixaram!—Mas esta accusação carece quanto a nós de plausivel fundamento. Se é certo que José Agostinho se absteve por quasi toda a sua vida de fallar em Durão e no seu poema, tambem o é que elle apreciava tanto esta obra, que não se dedignou de imital-a em mais de um logar no seu preconisado *Oriente;* do que foi depois justamente arguido.[1] E talvez d'ahi proviesse o affectado descuido, que a final resarciu, e com usura, quando na ultima composição litteraria que publicou pouco antes de morrer, se expressou a respeito do merecimento do seu confrade em termos assas concludentes, qualificando-o de *homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande.*[2] Este testemunho, e em taes circumstancias, não pode deixar de ser tido como prova nada equivoca de respeitosa admiração e profunda estima.

No Collegio estavam tambem por este tempo fr. Patricio de Sousa, e fr. Domingos de Carvalho. (Vidè a *Carta 1.ª* a este).

## XIII

Perdendo assim aquelle protector, que a sua boa fortuna lhe deparava, continuou José Agostinho por algum tempo em Coimbra, lendo muito e meditando pouco. Sua assombrosa memoria lhe servia para povoar o cerebro de uma multidão de idéas, tão differentes quanto confusas, que lhe era impossivel aprofundar e ordenar, por falta de principios bem cimentados, e pelas frequentes distracções a que impru-

---

[1] Vidè o *Exame analytico e Parallelo do Oriente com a Lusiada*, a p. 169, 188, 231, 240, etc.

[2] Vidè a *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria*, na advertencia preliminar, a p. XIII da edição de Pernambuco 1836, que é a que temos presente.

dentemente se entregava. Não podémos averiguar até que ponto avançou no seu curso theologico; porém é incontestavel que antes de o concluir foi por determinação dos superiores retirado do Collegio, e removido para o de Nossa Senhora do Populo, da cidade de Braga, no anno de 1782.[1] Este desaguizado interrompendo, para não mais o retomar, o fio de seus estudos regulares, cortou-lhe tambem a expectativa dos futuros avanços, que tão rasoavelmente poderia prometter-se, quando chegasse a dar de sua applicação a conta que era de esperar do seu talento.

## XIV

Quaes seriam por este tempo os motivos especiaes, que levaram os prelados da Ordem a arredar da carreira das lettras aquelle em quem no principio depositavam, ao que parece, tão boas esperanças para honra e credito do seu religioso instituto? Poderosos foram sem duvida, e é bem de suppôr que tal deliberação não deixaria de ser provocada por culpas, ou desvios de natureza mui grave; entretanto é impossivel particularisar cousa alguma a este respeito, por falta de documentos comprobativos, ou de veridicas informações. Limitar-nos-hemos a observar que nos parece despido de verosimilhança o que sobre este ponto se lê no canto v da *Agostinheida*,[2] onde se encontram transposições de tempo, de envolta com asserções tão manifestamente falsas, que tornam sobremaneira duvidoso, se não inacreditavel, o mais que o auctor avança.

## XV

Recluso José Agostinho no collegio de Braga, aos vinte e um annos de edade, alguem se persuadiria de que a correcção infligida o faria voltar a si; e que para rehabilitar-se perante aquelles que escandalisára, trataria de lavar na piscina do arrependimento as manchas contrahidas por seu proceder desregrado. Desgraçadamente nada menos do que isso aconteceu. No verdor dos annos, agitado pelo tumultuar das paixões, e incapaz por natural temperamento de sopeal-as, continuou a provocar a animadversão de seus confrades, mórmente dos superiores, que não podiam vêr de bom grado que elle com seu porte

---

[1] Consta de uma sua carta (inedita) a fr. Christavam Henriques, religioso do Convento da Graça, da qual temos uma copia em nosso poder.

[2] Vidè a p. 80, 82, 83 e 95, da edição já por vezes citada.

desordenado perturbasse o socego do claustro, e desacreditasse perante o seculo a corporação cujo membro era. Foi pois encerrado no carcere conventual, provavelmente no intuito de que esta demonstração de rigor, deixando-lhe opportunidade para mais pausado e reflectido exame sobre os erros passados, o conduzisse a abraçar um teor de vida mais prudente e ajustado ao que pediam as regras do instituto que, ao menos em apparencia, voluntariamente professara. [1]

## XVI

Todavia José Agostinho adeantara-se a passos mui largos na carreira que encetara, para que houvesse de retroceder tão facilmente. Eis porque em vez de sujeitar-se obediente aos castigos penitenciaes que por seus desvios merecera, commetteu novo e maior crime, evadindo-se do carcere por meio de arrombamento, e depressa veiu tomar folego em áres mais livres, transpondo os muros do Collegio. Infelizmente para elle, foi logo capturado; instaurou-se uma devassa claustral a seu respeito; e em seguida remetteram-no preso com o summario das culpas para o convento de S. João Novo da mesma ordem, na cidade do Porto. Ahi ficou entregue ao Prior, a fim de ser processado e punido regularmente, na fórma de suas religiosas constituições: e com effeito aos 17 de agosto de 1782 se proferiu contra elle uma sentença claustral [2] pela qual, julgando-se provadas as culpas de que era accusado, se lhe infligiam varias penas e penitencias canoni-

---

[1] A proposito das suas dissensões com os frades cabe bem uma digressão sobre a errada idéa que hoje fazem das instituições monasticas os que não as conheceram. Como nos conventos predominavam as ambições claustraes e mundanas!

Expôr o que eram as intrigas e parcialidades capitulares, e a anedocta attribuida a D. João V, a quem vieram queixar-se de que havia não sei em qual convento ou mosteiro grandes desordens, a que elle occorreu mandando para alli um grande cêsto cheio de facas e punhaes para que os frades com elles se arranjassem como quizessem.

Viviam sem se amarem, e muitas vezes odiando-se mortalmente:—O padre Antonio Pereira com o padre Joaquim de Foyos, por exemplo.

As grandes discussões e descomposturas entre as diversas ordens:

Os Bentos com os Jeronymos.—Vidè a grande polemica.

Os Agostinhos com os Bentos.—Fr. Gil de S. Bento.

Os da Companhia com os Bentos.—Vidè Balthazar Telles e fr. Leão.

Os Loyos com os Bernardos.—Padre Francisco de Santa Maria e fr. Manoel dos Santos.

[2] Dada no dito convento de S. João Novo, sendo prior Fr. Joaquim Ribeiro.

cas. Esta sentença obteve promptamente a confirmação do Definitorio da Ordem, na conformidade do direito e estylos fradescos: mas o mesmo Definitorio usando de beniguidade para com o delinquente, lhe commutou depois, e minorou em parte aquellas penas: confiando (como dizia) em que esta benevolencia misericordiosa, a que se juntou a remoção para outra casa da Ordem, seriam incetivos sufficientes para despertar no culpado sentimentos de reflexão, e para inspirar-lhe o proposito de emenda.

## XVII

Esta esperança, posto que fundada em boa razão, depressa se desvaneceu; porque apenas teriam decorrido dois annos, ou pouco mais, depois da promulgação da referida sentença, isto é, por fins de 1784, ou principios de 1785, e já José Agostinho, que então residia no convento da Graça de Evora, para onde fôra mudado, reincidia na apostasia, fugindo do mesmo convento. Este novo delicto, e outros de que foi accusado, occasionaram-lhe novo processo, em resultado do qual teve contra si outra sentença proferida aos 21 de março de 1785:[1] porém conseguiu ser ainda d'esta vez relevado de alguma parte das penas, que por ella se lhe impunham.

## XVIII

Cumprida que foi a nova sentença, ou porque elle o sollicitasse, ou porque os prelados julgassem opportuno removel-o d'aquella casa, veiu José Agostinho occupar o seu antigo domicilio no convento de Lisboa. Parece-nos mui provavel que désse no principio visos de arrependimento e satisfação dos erros passados: por quanto é certo que em pouco tempo obteve a faculdade de prégar, ainda antes de acharse ordenado de presbytero. Mas é egualmente certo que este estado de coisas não foi duradouro. Elle voltou em breve aos seus desregramentos, e entregou-se outra vez a todos os excessos, que acompanham uma vida dissoluta e desvairada. Foi accusado e convencido não só de extraviar furtivamente livros da livraria do proprio convento, onde parece que exercia então o cargo de bibliothecario, mas de viver em publico concubinato com uma meretriz.[2] Ninguem negará que a per-

---

[1] Dada no convento da Graça de Evora, sendo prior Fr. José de Brito.

[2] Vid. nas peças justificativas o documento n.º II.

petração de taes acções, qualificadas de criminosas, ainda á face das leis civis, tornando-se de mór gravidade no fôro ecclesiastico, não fosse motivo mais que muito sufficiente para acarretar-lhe nova e justificada perseguição da parte de seus confrades, suscitando-lhes a lembrança de outras culpas, ainda mal esquecidas. Porém o que mais aggravou a sua situação, conjurando em seu damno todos os elementos dispersos, foi a parte activa que (instigado por seu genio inquieto e turbulento) se deliberou a tomar nas intrigas capitulares da ordem, mostrando-se fervoroso agente de um dos partidos que, segundo o costume, disputavam entre si pertinaz e acaloradamente a futura eleição do Provincialato e mais cargos accessorios na governança do claustro. E como aconteceu que a parcialidade a que se aggregara fosse a menos consideravel, ficando afinal supplantada pela facção opposta, os seus adversarios triumphantes não o pouparam; e colhendo facil pretexto nos desatinos, com que tantas vezes offendera o decoro monachal, açodadamente o encarceraram, promovendo-lhe terceiro processo, cujas consequencias ameaçavam ser-lhe funestas.

## XIX

José Agostinho não quiz aguardal-as; e soccorrendo-se das artes, que outras vezes empregara com bom exito, conseguiu illudir a vigilancia dos seus guardas, e fugiu do carcere, e do convento, refugiando-se durante algum tempo em diversos esconderijos. Os padres não deixaram por isso de proseguir nos termos da causa; e correndo esta á revelia do ausente, a 22 de julho de 1788 se proferiu uma sentença [1] que o declarava réo incorregivel, e como tal *digno de ser expulso da religião*, em vista das continuas e provadas reincidencias nos crimes de que o increpavam.

## XX

Não chegou então a realisar-se a expulsão, que aliás não podia ter effeito, pois que José Agostinho se conservava por este tempo homisiado. Elle porém querendo prevenir as futuras consequencias da sentença que o fulminava, procurou o amparo do Arcebispo de Tyana D. Carlos Bellisomi, que exercia em Portugal as funcções de Nuncio Apostolico. Narrou a este prelado suas desgraças; confessou em parte

[1] Dada no convento de Lisboa, de que então era prior Fr. Antonio de S. Luiz.

os seus erros, que attribuia naturalmente aos impetos proprios da mocidade fogosa e inexperiente; lançou o resto á conta de insidias e malquerenças suscitadas por seus antagonistas; protestou sincero arrependimento e futura emenda: e afinal o Nuncio commovido pelo que ouvia, resolveu intrepôr no caso a sua auctoridade, mandando por despacho de 9 de fevereiro de 1789[1] ao Provincial dos Agostinhos Fr. Antonio de Menezes, que recebesse o réo benignamente, e se limitasse a castigal-o com penas temporarias, na fórma da Constituição e estatutos da Ordem.

## XXI

Obedeceu por esta vez o Provincial, admittindo José Agostinho no convento, e enviando-o em seguida para o da Graça, sito em Torres Vedras, onde na conformidade do despacho obtido, devia expiar as culpas commettidas, sujeitando-se á reparação d'ellas. Partiu pois o delinquente para o seu exilio. Quanto não seria para desejar que, á vista de todo o acontecido, José Agostinho que orçava então pelos vinte e oito annos de sua edade, aproveitando na lição dos successos passados, e convencido pela experiencia de que navegava em mar tormentoso e arriscado, tratasse de refrear de uma vez affectos desordenados, colhendo as vélas ás paixões indomitas, e fugindo da voragem que ameaça subvertel-o! Que convertendo em utilidade propria a indulgencia e favores recebidos, encaminhasse a sua derrota para o porto remansado da probidade honesta e da temperança, a que o chamavam as leis do instituto que professara, e onde a perspectiva de um futuro honroso podia saciar até os votos de uma ambição justificavel, sem quebra de seus impreteriveis deveres! Os designios occultos da providencia permittiram porém outra coisa mui diversa. José Agostinho de nada menos curou que de emendar-se; pelo contrario, cada vez mais obcecado, entranhou-se ás soltas na carreira dos desvarios, como provam plenamente os factos subsequentes, que com repugnancia iremos contando, para satisfazer á regra que nos impozemos.

## XXII

Entrado apenas no convento de Torres Vedras tratou para logo de evadir-se, e sem difficuldade o conseguiu. Abandonando a clausura

---

[1] Vid. nas peças justificativas o documento n.º III.

andou por algum tempo foragido; mas os padres cada vez mais provocados pela sua contumacia, e empenhados em perseguil-o, alcançaram captural-o, fazendo-o recolher ao convento de Lisboa; e ahi irritados contra tantas reincidencias, o metteram em mais apertado carcere, pondo-o incommunicavel, e empregando todas as traças e cautelas imaginaveis para obstarem a que novamente se lhes escapasse.

## XXIII

Vendo-se assim segregado de toda a communicação, e inefficazes os meios, ou expedientes que não deixaria de tentar para livrar-se das garras dos seus oppressores, parece que José Agostinho se resignara de algum modo com a sua sorte, procurando no estudo distracções que lhe tornassem menos dura e tediosa a soledade, a que se via condemnado, e que lhe suavisassem até certo ponto as maguas e aspereza de tão apertado captiveiro. Posto que seja para nós fóra de duvida que desde os mais verdes annos, ou quando menos desde o seu ingresso no claustro elle tivesse mostrado alguns visos de inclinação e tendencia para o tracto das musas, disposições que vieram a roborar-se pela convivencia com o padre Durão, a que no logar competente alludimos; é tambem certo que do seu tirocinio poetico nenhum vestigio ou documento nos ficou; e que todas as obras miudas que teria composto até o periodo de que nos occupamos, se extraviaram ou pereceram: salvando-se apenas d'esse universal naufragio uma curta producção de trezentos versos em oitava rythma, intitulada—*Panegyrico a D. Fr. Manuel do Cenaculo, Bispo de Beja*—escripta, segundo parece, a tempo em que o auctor residia no convento de Evora (1785–1786) e que ainda hoje se conserva em copias manuscriptas.

## XXIV

É pois do seu encerro nos carceres da Graça correndo os ultimos mezes de 1789, que crêmos datar, senão a primordial concepção, ao menos o primeiro impulso e desenvolvimento dado á composição de um poema, a que José Agostinho pozera inicialmente por titulo—*O Descobrimento da India,*— substituido depois este pelo de *Gama,* com que afinal sahiu á luz em 1811. A opinião que aventamos corrobora-se com o testemunho do proprio auctor, que no canto x, estancia 71.ª

dando razão dos motivos que o impelliram áquella composição, se expressa nos seguintes precisos termos:[1]

«Privado de alma luz doce, e serena,
«Entre ferros a vida atormentada,
«Foi meu alento divinal poesia,
«Como a Boecio o foi Philosophia.»[2]

Perdoemos-lhe de passagem esta comparação, quanto a nós bem pouco ajustada; pois não alcançamos que possa admittir-se nem remeta paridade entre os soffrimentos de Boecio e os de José Agostinho: aquelle de vida inculpavel, innocentemente perseguido e vexado por seus inimigos, victima de calumniosas e jámais provadas accusações; este colhendo o merecido fructo de seus reprehensiveis excessos, e expiando justamente as culpas de que se tornára réo convicto, revolvendo-se por tantos annos no lodaçal immundo de uma vida licenciosa e pouco menos que depravada.

## XXV

Continuava José Agostinho a supportar os pesados rigores com que seus prelados procuravam, não tanto a satisfação devida á justiça quanto a vingança pessoal e o desforço das injurias, ou offensas que d'elle suppunham recebidas. Depois de ter em vão recorrido ao Nuncio, cujo valimento lhe foi por então inutil, pela reluctancia que oppozeram o Provincial e o Prior, ambos determinados a levarem o negocio até o ultimo extremo, soccorreu-se para o seu livramento ás auctoridades civis, pois que das ecclesiasticas nada tinha que esperar. Dirigiu portanto em 12 de dezembro de 1789 ao Ministro dos Negocios do Reino uma representação, em que se queixava amargamente das violencias que com elle usava o seu Provincial, narrando as vexações que padecia, e a lastima e desesperada situação em que se achava.

---

[1] Vid. *O Gama*, a pag. 263.
[2] Bocage em caso analogo disse:

«Entre ferros cantei, desfeito em pranto;
«Valha a desculpa, se não vale o canto.»

## XXVI

Esta representação foi pelo Governo transmittida ao Intendente Geral da Policia, que era então o celeberrimo Diogo Ignacio de Pina Manique, exigindo-lhe informações ácerca da verdade do que n'ella se expunha. O Intendente fez expedir uma ordem ao Corregedor do bairro do Rocio em 13 de janeiro seguinte, commettendo-lhe o encargo de ir pessoalmente ao convento da Graça para ahi visitar o carcere, onde o queixoso jazia, e certificar-se miuda e escrupulosamente dos pormenores relativos áquelle impertinente negocio; devendo ouvir tanto o preso, como o prelado recorrido, para conhecer dos motivos da reclusão, e verificar o modo como era tratado o mesmo preso. [1]

## XXVII

Em resultado d'esta averiguação, e da conta dada pelo magistrado subalterno a quem fôra incumbida, o Intendente devolveu para o Ministerio a representação do queixoso, acompanhada de extensa e minuciosa informação na qual explicando os factos occorridos, e commentando-os pela maneira que julgou mais accommodada, rematava declarando:—«que o preso era effectivamente de conducta irregular e relaxada, usando de armas defesas, etc.... mas que tanto o Provincial como o Prior eram de genios asperos em demasia, e como taes incapazes do governo:»—adduzindo em prova os mesmos procedimentos d'elles para com o recorrente, a cujo respeito se haviam com severidade excessiva, e por modo mui alheio ao seu estado e profissão. [2]

## XXVIII

Subindo esta informação ao governo, baixou em 3 de fevereiro de 1790 um aviso da Secretaria de Estado ao Intendente, pelo qual se lhe ordenava que fizesse intimar o provincial Fr. Antonio de Menezes para que pondo logo o prisioneiro fóra do carcere onde o tinham recluso, lhe facilitasse ampla liberdade para fallar a seus procuradores e ami-

---

[1] Vid. documento n.º IV.
[2] Id., n.º V.

gos, sem que estas concessões obstassem todavia ao proseguimento da causa, que contra elle se tratava *intra claustra*, e á sua ulterior decisão.[1]

## XXIX

Approximava-se entretanto a epoca do Capitulo triennal, congregado para a escolha de novos prelados, o qual veiu a realisar-se em 25 de abril do anno de 1790, recahindo a eleição de provincial da Graça na pessoa do Dr. Fr. Felisberto de Seixas vencendo o anterior Fr. Annio de Menezes (eleito em 7 de abril de 1787). Com esta mudança não melhorava em coisa alguma a condição de José Agostinho, cuja parcialidade ficara ainda por esta vez vencida. Prolongaram-se-lhe portanto as mesmas oppressões, e vexames; até que se lembrou de recorrer novamente ao patrocinio do Nuncio Apostolico, que já lhe servira em outra apertada conjunctura.[2] Foram benignamente acolhidas as suas queixas, ou porque o Nuncio estivesse de antemão disposto a protegel-o, ou porque a tanto o persuadisse a efficacia das razões allegadas pelo queixoso: o facto é, que ordenou a transferencia d'este para o mosteiro do Santissimo Sacramento, da ordem dos monges de S. Paulo primeiro Eremita, situado na calçada do Combro, pondo-o assim a coberto da má vontade de seus confrades; resolução que a prudencia em verdade aconselhava, porque era mais que muito demonstrada a impossibidade de abafar as intrigas fradescas, que entre os gracianos iam adquirindo de dia para dia maior corpo e incremento.

## XXX

Foi por esta epoca, ou pouco depois, que Joaquim Severino Ferraz de Campos e Belchior Manuel Curvo Semedo, associados ao beneficiado Domingos Caldas Barbosa, e coadjuvados por outros seus amigos, que tambem o eram das lettras, conceberam o projecto de organisar uma sociedade estudiosa, destinada a supprir a falta da moderna Arcadia (que depois de começar sob tão felizes auspicios, passando por

---

[1] Vid. documento n.º VI.

[2] Ao motivo d'esta perseguição allude na carta a J. J. P. Lopes, p. 7, de 1822: «A sentença dos frades... foi effeito de uma medonha intriga — por eu ser do partido de um que já foi provincial, e outros queriam que elle o não tornasse a ser, e não foi, e deram com elle na cova. Esta barbalhada — apenas foi apellada, foi annullada, — e quem apontou todas as suas nullidades foi o ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. Fr. Joaquim de Menezes e Athayde, Bispo d'Elvas, etc.»

diversas alternativas, acabara afinal de inanição em 1776) dedicando-se exclusivamente ao cultivo da poesia e eloquencia portuguezas. Esta nova associação estabeleceu-se definitivamente com o titulo de *Academia das Bellas Lettras* de Lisboa, e para ella foi logo convocado José Agostinho, que já começava a ganhar na côrte alguma nomeada como poeta e orador sagrado. Accedeu elle ao convite, e de accordo com Manuel Maria de Barbosa du Bocage, que por este tempo acabava de regressar da India, e era então seu inseparavel amigo e companheiro, [1] alistaram-se um e outro na Sociedade. Ahi recitou José Agostinho em diversas sessões varias obras de sua composição, parte das quaes sahiu depois impressa nos quatro pequenos volumes, intitulados *Almachs das Musas*, publicados nos annos de 1793 e 1794, unico monumento que de si nos legou aquella Academia de ephemera duração.

## XXXI

Vivia José Agostinho no mosteiro dos Paulistas, sendo tratado pelos religiosos com toda a deferencia, na qualidade de membro de uma communidade extranha, e com attenções e urbanidade devidas ao respeito da elevada personagem, que para alli o mandara. Entre os moradores d'aquella casa contavam-se individuos recommendaveis por seu merito e applicação litteraria. Taes eram: Fr. João Jacintho, um dos mais afamados prégadores do seu tempo, o homem estimavel, que sabia conciliar o caracter e gravidade monasticas com o genio divertido e prazenteiro que da natura recebera, tornando-se extremamente festejado e applaudido no tracto familiar por seus repentes engenhosos e agudos ditos; e que tendo exercido por muitos annos os cargos mais auctorisados da ordem, veiu a fallecer (se nos não falha a memoria) em 1817, sendo commissario geral da Bulla da Cruzada;—Fr. José Botelho Torrezão, de quem nos reservamos para fallar mais de espaço em obra de maiores dimensões, que já levamos muito adeantada, tambem nomeado com louvor no exercicio da prédica, e tão distincto por seu poetico talento, quanto desacreditado pela irregularidade de costumes, que lhe cerceou os dias, acarretando-lhe um fim prematuro;—Fr. Sabino de Santo Antonio Araujo, doutor em Theologia, e havido por mui perito e sapiente nas disciplinas d'aquella facul-

---

[1] Vid. a este respeito o folheto *Considerações mansas sobre o quarto tomo das Obras de Bocage*, a p. 35: cumprindo porém rectificar a data que ahi se aponta, lendo-se 1790 em vez de 1791.

dade, escolhido muitos annos depois por Manuel Fernandes Thomaz para assistir-lhe e confortal-o em seus ultimos paroxismos;—afóra outros, de quem por falha de especiaes noticias não podemos agora fazer a devida commemoração.[1]

## XXXII

Com estes religiosos adquiriu José Agostinho alguma familiaridade, que a conversação e trato quotidiano fizeram crescer em breve tempo. Alcançou portanto a facilidade e permissão não só de introduzir-se quando queria na livraria do mosteiro, mas de levar d'ahi para a propria cela os livros que lhe agradavam, sempre que os havia mister para seu recreio ou estudo. Esta liberdade o tentou; e não podendo resistir ao vezo antigo, deu em furtar varios livros, que elle mesmo ia vender descaradamente ás lojas dos livreiros, como se fossem propriedade sua. Tão indigno e criminoso trafico durou ainda alguns mezes, porque os frades desprevenidos, e nem sequer suspeitando o abuso que seu hospede fazia da confiança com que era tratado, não tomavam precaução alguma para o evitar. Afinal José Agostinho enfastiado d'aquella habitação, abandonou de todo o convento em um bello dia de março de 1791, e começou a vagar pela cidade com tal despejo e ousadia como se a ninguem tivesse de dar contas das suas acções. Mas o seu comportamento era tão licencioso, que não tardou em ser preso pelos esbirros ou agentes subalternos da policia, e por elles conduzido pora a cadeia do Limoeiro, á ordem da Intendencia. E como ahi confessasse a sua evasão do mosteiro de S. Paulo, o Intendente Manique havendo noticia do caso, para lá o reenviou em 20

---

[1] Como alguem poderia por menos reflectivo lançar á conta de omissão nossa o ver esquecida n'este logar a memoria do distincto theologo e religioso d'aquella ordem Fr. José Maria de Sancta Anna Noronha, que tendo desempenhado longa e honrosamente o ministerio da palavra nos pulpitos da capital, mereceu a preferencia de ser chamado por Bocage, como aquelle de quem só esperava consolação e allivio no derradeiro periodo da sua ultima enfermidade; e que regeitando por vezes as mitras, que lhe foram offerecidas, veiu finalmente a acceitar em edade mui provecta a de Angra, e depois a transferencia d'esta para a da Sé de Bragança, em cuja diocese falleceu a 24 de dezembro de 1829; cumpre advertir desde já que essa julgada falta foi mui pensadamente commettida, porquanto o sobredito religioso não podia conviver com José Agostinho no seu convento de Lisboa ao tempo a que nos referimos, attendendo a que então cursava os estudos em Coimbra, os quaes veiu a concluir no anno seguinte de 1792, em que se doctorou.

de maio do dito anno, acompanhado de uma carta para o Reitor, a fim de que este lhe administrasse uma correcção proporcionada, na fórma das leis e estatutos conventuaes. [1]

## XXXIII

Voltou José Agostinho bem contra sua vontade para o mosteiro dos Paulistas. Ignoramos o modo como foi accolhido, mas sabe-se de certeza que em logar de abster-se de seu errado procedimento, defraudara novamente a livraria em maior porção de livros, que com a mesma semcerimonia continuava a vender, arrecadando sem a menor sombra de escrupulo as ganancias d'este sordidissimo commercio. Porém ou fosse que os frades, dando finalmente no furto, como temos por verosimil, deixassem entrevêr suspeitas ácerca do culpado, taes que este viesse a julgar-se em risco eminente de ser descoberto e convencido de perpetrador do maleficio; ou houvesse qualquer outra razão, que não chegou até agora ao nosso conhecimento, o que não padece duvida é, que José Agostinho se evadiu segunda vez d'aquella casa logo nos primeiros dias de julho seguinte, e que despindo o habito claustral, e retomando o teor de vida a que se acostumara, andava pela capital em trajos seculares, indecente e miseravelmente vestido, sem algum distinctivo ecclesiastico, e entregando-se á crapula e a toda a especie de devassidão, com escandalo de quantos o conheciam.

## XXXIV

O Nuncio Apostolico, que como havemos dito, fôra por vezes seu decidido e efficaz patrono, sendo agora instruido do que se passava, deu-se por convencido da incorrigibilidade do seu protegido, e de que era trabalho baldado o de querer convertel-o aos dictames da boa razão. Resolveu portanto abandonal-o ao seu destino, e n'este sentido dirigiu uma carta ao Reitor dos Paulistas, em termos concisos, mas que bem patenteavam quão doloroso lhe era ter concedido appoio e protecção a um homem que tão ingratamente correspondia aos beneficios recebidos. [2]

---

[1] Vid. documento n.º VII.

[2] Id., n.º VIII.

## XXXV

O Reitor, ainda antes de receber esta carta, já tinha ido pessoalmente queixar-se ao Intendente, não da fuga de José Agostinho, que segundo cremos, pouco ou nenhum cuidado lhe dava, mas sim dos furtos e extravios commettidos na livraria do seu convento, assumpto para elle de mais grave ponderação. Manique tomou o negocio a peito, como em taes casos costumava; deu em seguida as ordens que julgou necessarias:[1] e tão activas foram as pesquizas e diligencias empregadas, que em breve veiu a ser descoberta a maior parte dos livros roubados, existentes então em poder de um livreiro francez, estabelecido com loja na rua das Portas de S. Catharina, que não sabendo cujos eram, os comprara a José Agostinho.[2]—Encontrados que foram, o magistrado ordenou peremptoria e terminantemente, sem mais fórma de processo, na conformidade do estylo e prerogativas da Intendencia, que elles fossem repostos e entregues a seus donos, o que para logo se realisou.[3]

## XXXVI

Não parou aqui o Intendente, fazendo expedir mandados de prisão contra o fugitivo, que afinal veiu a ser capturado no mez de setembro do já dito anno de 1791, e lançado por outra vez nas prisões do castello de S. Jorge. Ahi ficou em custodia[4] até ser em 8 de outubro seguinte remettido não já para o mosteiro de S. Paulo, cujo reitor encarecidamente pedira o dispensassem de agasalhar de novo hospede tão importuno, mas para o proprio convento da Graça, e ahi entregue á disposição do prelado, com uma carta recommendatoria do Intendente, em que se lhe indicava a necessidade de proceder severa

---

[1] Vid. documentos n.os IX e X.

[2] Na redacção de 1848, lê-se o nome do livreiro francez *João Baptista Reicend;* e logo no paragrapho seguinte, riscado: «O auctor da *Agostinheida*, enganado talvez pela semelhança dos nomes, attribue a compra e reposição dos livros ao livreiro *Jorge Rei*, (vid. canto VII, p. 127); porém a verdade é que elle se passou realmente conforme acabos de expôr; e que o burlado foi o livreiro *Reicend*, o proprio que depois, em 1808, teve de evadir-se de Lisboa, acompanhando o exercito francez para escapar-se á perseguição e insultos que a plebe desenfreada commettia contra os que denominava *Jacobinos.*»

[3] Vid. documento n.º XI.

[4] Id., n.º XII.

e rigorosamente para com o delinquente, attentas as suas reincidencias, que se tornavam mais que muito escandalosas. [1]

## XXXVII

A fidelidade de que nos fizemos cargo, exige que não passemos adeante sem rectificar do modo possivel a inexactidão que encontramos no canto VI da *Agostinheida,* onde o auctor dá por assentado que José Agostinho apoz a sua fuga dos Paulistas se passára para o Alemtejo, e que ahi andara errante, exercendo por algum tempo o tracto de arrieiro ou almocreve. Achamos a asserção despida até de verosimilhança, attendendo ao curto espaço que medeou entre qualquer das fugas e a captura subsequente. Acresce ainda que Moniz confunde e troca as epocas na passagem a que alludimos (como é facil de distinguir pela simples inspecção da nota que se lê a p. 119) dando a entender que a residencia de José Agostinho no mosteiro de S. Paulo fôra posterior á sua ultima evasão dos carceres da Graça: o que aliás se convence de falso, pelos documentos que appensamos, e mediante a confrontação das datas respectivas.

## XXXVIII

O primeiro cuidado do Prior do convento da Graça ao assenhorear-se novamente da pessoa do seu prisioneiro, foi de o mandar em direitura para o mesmo carcere, que tão habituado estava a recebel-o. A sua demora ahi foi porém de mui poucos dias, porque ainda mais uma vez soube excogitar traça para se evadir. Escolheu para esse effeito a occasião em que o leigo, que servia de carcereiro, acompanhado de um moço, vinha trazer-lhe a cêa. Chegado que foi o momento, que elle aguardava com impaciencia e resolução, sahiu violentamente, depois de maltratar de pancadas, tanto o leigo como moço despervenidos, fazendo-lhes alguns ferimentos e contusões. Commetteu assim a sua quarta apostasia dos conventos da ordem, amotinando com este successo todo o bairro circumvisinho; e seguido de perto pelos frades, que pretendiam obstar-lhe, alcançou ainda assim acoutar-se no palacio do marquez de Lavradio, sito no campo de Santa Clara, cujos lacaios (diz-se) lhe deram por então guarida. O alvoroto occasionado pela fuga cresceu de ponto, pelas diligencias e clamores dos frades, que nada desejavam

---

[1] Vid. documento n.º XIII.

tanto como haver ás mãos o culpado para vingarem de uma vez o descredito da sua communidade, causado pelas tropelias e desvarios d'aquelle mal avisado filho. Não sabemos quaes os meios de que precisamente se serviram, mas o certo é que em breve lograram apanhal-o; e com tanta celeridade lhe continuaram o processo, que logo em 7 de dezembro do mesmo anno se proferiu contra o réo uma sentença (que por boas contas era já quarta) pela qual além de penitencias canonicas de jejuns, prisão, e disciplinas que lhe impunham, o declaravam contumaz e incorregivel, subindo o mesmo processo concluso ao Padre Provincial, para que em Definitorio se applicasse ao criminoso a maxima pena, que na alçada claustral cabia, isto é, a sua expulsão perpetua e irremissivel da Ordem, a que pertencera. [1]

## XXXIX

Com effeito a 23 de dezembro foi, como era de esperar, confirmada pelo Definitorio a sentença conventual em todas as suas partes: [2] e os havidos pareceres dos padres mais graves e auctorisados, que unanimes qualificavam o réo de *membro podre*, e *incapaz de emenda*, por accordão do mesmo Definitorio de 4 de fevereiro de 1792 se decretou a expulsão requerida. [3] Realisou-se esta em 18 do dito mez, com o lugubre e significativo apparato deputado nas constituições para cerimonia tão insolita: isto é, despindo-se primeiro ao expellendo o habito monachal em reunião da communidade chamada para esse effeito, lançando-o depois fóra das portas do convento, que sobre elle se fechavam para não mais se abrirem, e deixando-o finalmente em uma situação ambigua e excepcional, que ao mesmo tempo participava da condição ecclesiastica e do caracter secular: inhibido por uma parte do exercicio das funcções sacerdotaes, se por outra ligado á observancia dos votos professados. [4]

## XL

Assim recolhia José Agostinho aos trinta annos de sua edade, e apoz quatorze volvidos nas tormentas e conflictos claustraes, os fructos desasisados de uma vida irregular e desordenada. Deixemol-o pois a

---

[1] Vid. documento n.º XIV.
[2] Id., n.º XV.
[3] Id., n.º XVI.
[4] Id., n.º XVII.

reflectir sobre o passado, e a contemplar por um momento a sua futura sorte; emtanto que nós, suspendendo a penna, fazemos tambem pausa por algum espaço para dar-mos ao leitor a folga de que talvez careça, a fim de reparar-se da fadiga que terá provado ao percorrer comnosco esta serie de vicissitudes, cuja monotona variedade mal podémos disfarçar. (No Ms. de 1848: Proseguindo no muito que para dizer me resta, continuaremos a narrar com a mesma escrupulosa fidelidade, porque desde o principio deixamos advertido não ser o nosso proposito tecer a José Agostinho um panegyrico, mas sim apresental-o á posteridade tal qual elle se mostra em todos os periodos da sua longa vida.)

---

# EPOCA II

## 1792—1808

### I

A situação em que no fim do periodo precedente vimos collocado José Agostinho, era sem duvida lastimosa e bem difficil de superar. Ao seu aspecto outros de animo menos ousado deixar-se-hiam talvez succumbir, victimas inermes da inacção, ou do desespero: a elle porém sobrava-lhe assás de coragem e resolução bastante para não sosobrar no pelago em que navegantes menos afoutos, ou mais inexperientes teriam de encontrar o inevitavel naufragio. Tratou pois de arredar para longe de sua cabeça os terriveis effeitos do anáthema que sobre ella impendia; e como conservasse ainda alguns protectores e affeiçoados tanto dentro como fóra da clausura prestes a soccorrel-o, conseguiu sem grande custo os auxilios de que necessitava para invalidar a sentença com que seus contrarios se persuadiam fulminal-o para sempre. Interpoz conseguintemente um recurso para os tribunaes civis; e coadjuvado n'esta lide por um officioso defensor e amigo Fr. Joaquim de Menezes e Athaide, então religioso da mesma ordem, e depois Arcebispo de Elvas, o qual soube com dextridade e perspicacia aproveitar em beneficio do réo certas nullidades e preterição de formulas, que haviam escapado no processo que servira de fundamento á condemnação, manejaram ambos o negocio sob auspicios tão favoraveis, que ao cabo de algum tempo obtiveram a completa annullação da sentença, ficando livre a José Agostinho a faculdade de impetrar na Curia romana o breve para a sua secularisação, como se tal processo não tivesse jámais existido.

## II

Emquanto estas cousas seguiam o seu curso, era de necessidade impreterivel que José Agostinho cuidasse de grangear pelo trabalho o pão quotidiano, pois que exhauridos os seus pequenos recursos, e não podendo exercer funcções algumas do ministerio sacerdotal, ficava reduzido a manter-se puramente das liberalidades percarias dos amigos. Havia já alguns annos que em Lisboa se publicava regularmente o *Jornal Encyclopedico*, periodico mensal dedicado ás sciencias e litteratura; e os seus editores commovidos da penuria em que viam José Agostinho, ou cedendo (como alguem nos affirmou) ás instancias do beneficiado Caldas, que por elle se interessava, vieram em seu auxilio, resolvendo admittil-o ao serviço d'aquella empreza na qualidade de amanuense, mediante um estipendio, que é de suppor não passaria além dos limites da restricta mediocridade. Era José Agostinho mui cabal para o desempenho de semelhante mister; porque não só escrevia com maravilhosa presteza e facilidade, mas possuia ainda a arte de traçar os caracteres perfeitamente legiveis, e até certo ponto elegantes, em conformidade com as regras e gosto de escripta professado n'aquella epoca: do que são documentos perennes os numerosissimos autographos que de sua mão se conservam, escriptos nos differentes periodos da vida, incusivè no da sua mais avançada edade e sob o pezo das enfermidades que tanto o acabrunharam nos ultimos annos. Afóra o serviço que prestava como amanuense, obteve a faculdade de inserir em varios numeros do referido *Jornal* algumas peças poeticas de sua composição [1] que juntas a tres ou quatro pequenos folhetos, avulsamente impressos, foram os primeiros ensaios com que começou a captar a attenção do publico. Passados alguns tempos foi despedido da empreza; ou porque se interrompesse a publicação do jornal, ou por outro motivo, que não chegou ainda ao nosso conhecimento, não tendo razão que nos habilite a dar por certo o que a este respeito se lê na *Agostinheida*, cujo auctor pretende attribuir esse despedimento ao furto de um relogio, que diz commettera José Agostinho. [2]

---

[1] Vejam-se no *Jornal Encyclopedico* os quadernos de janeiro, fevereiro, março, e abril de 1792 e o de maio de 1793. Os folhetos avulsos são: *Elegia á morte de D. José Thomás de Menezes*, impressa em 1790;— *Ode a M. M. de B. du Bocage*, sobre a verdadeira felicidade, 1791;—*Epicedio* á morte do Principal D. João Pedro de Mello, 1791; — *Ode á funesta separação de uma Dama*, 1792; etc.

[2] *Agostinheida*, canto VIII, a p. 133.

## III

Parece que promiscua ou successivamente servira durante alguns mezes de ajudante em uma eschola de primeiras lettras, que então existia na calçado do Combro, cujo mestre depois o despedira. Pato Moniz attribue tambem esta expulsão a motivos infames e vergonhosos; quanto a nós, que nada podémos saber da sua veracidade, existe o convencimento de que a indole sempre altiva, imprudente e orgulhosa de José Agostinho seria em todos os casos (sem dependencia de quaesquer outras razões concomittantes) causa de per si sufficiente para que seus amigos e protectores não podessem toleral-o pacificamente, vendo-se emfim obrigados a romper com elle, depois de estancada a paciencia.

## IV

N'este intervallo chegou-lhe de Roma o breve de secularisação, que pedira; o qual vindo, como de costume, commettido ao Ordinario para a sua execução, perante o Tribunal competente se houveram por justificadas as premissas pelo impetrante allegadas, que consistiam no facto verdadeiro, ou supposto, de ter abraçado o estado monastico sob a violencia e constrangimento paterno; e em consequencia se expediu ao mesmo impetrante a sentença executorial do breve, pela qual se lhe conferia o livre e pleno exercio das ordens, de que por suas apostasias e expulsão ficara canonicamente inhibido. [1]

## V

Prestado o termo de obediencia ao prelado diocesano [2] e posto finalmente a coberto de todas as perseguições que seus ex-confrades por odio ou malevolencia se lembrassem de suscitar-lhe, teve José Agostinho a tranquilidade e descanço de que havia mister para mais socegadamente cultivar o espirito, e adquirir maior copia de doctrina, applicando-se ao estudo e meditação dos bons exemplares antigos e modernos: exercicios que, seja dito por honra sua, nunca de todo abandonara, nem ainda nas crises mais tormentosas e angustiadas de uma vida errante e licenciosa. Entrado na virilidade, pois contava já trinta

---

[1] Vid. documento n.º XVIII.
[2] Id., n.º XIX.

e tres annos, reflectiu sem duvida no muito que lhe falecia; e quem sabe quantas vezes em intimo recolhimento se lastimaria dos seus primeiros erros, fazendo amargas considerações sobre os máos passos que tão intempestivamente o arredaram da carreira que poderia ter seguido com felicissimos resultados! Desvelando-se em recuperar o perdido, deu-se a uma porficiosa e incansavel leitura de tudo o que havia escripto nos diversos ramos do saber humano: os livros de moral, politica e bellas lettras foram por elle anciosamente folheados, compulsando não menos solicito os que diziam respeito á historia civil e litteraria dos differentes povos e estados: entranhou-se egualmente no abstruso e enredado labyrintho dos systemas ideologicos e metaphysicos; e favorecido por sua assombrosa memoria, e por uma saude robusta, capaz de resistir aos seus habituaes excessos, e ás immoderadas vigilias a que se entregava, conseguiu reunir dentro de poucos annos tão abundante cabedal de sciencia e noticias philologicas, que supposto não aprofundasse a maior parte dos objectos, possuia comtudo noções sufficientes para ostentar sem competidor a immensa e variada erudição, que ainda agora se admira em seus escriptos.

## VI

Por este mesmo tempo applicou-se á conclusão do poema *Gama*, e lançou os fundamentos a outro, (em 1793. V. Biographia pelo Carr.ª de Mello) que passados muitos annos de reiteradas emendas, transposições e accrescimos, veiu emfim a publicar-se no seu ultimo aperfeiçoamento com o titulo de *Meditação*. [1] Com elle se propunha José Agostinho abrir á poesia uma senda ainda não trilhada em Portugal, onde apezar da restauração intentada pelos benemeritos engenhos fundadores da *Arcadia Ullyssiponense*, todas as tentativas se encerravam nos limites da imitação, mais ou menos livre, dos antigos epicos e bucolicos, e mórmente do grande Lyrico romano, que os restauradores haviam tomado por modelo, estendendo quando muito o alcance de seus vôos até aos modernos poetas italianos, que no mesmo genero lyrico mais se avantajaram. Restava portanto intacta, e como que desconhecida, ou menosprezada, a poesia didascalica e descriptiva, mina fertilissima, cuja exploração prendia n'esta epoca os olhos e attenções da

---

[1] Foi o seu primeiro esboço *A Creação*, poema. (O 1.º canto em 108 estancias ou outavas rythmadas, sahiu pela primeira vez em Lisboa, Typ. do Panorama, 1865, in-8.º de IX-38 p. (*Nota avulsa*).

Europa culta. Não póde sem manifesta injustiça roubar-se a José Agostinho a gloria de ser o primeiro que tentou naturalisar entre nós aquella planta exotica, e de ter posto por obra a sua idéa com merecido louvor e credito do proprio nome, e da patria: só é para sentir que o seu exemplo não estimulasse mais numerosos imitadores n'um genero em que, a julgarmos por essas poucas amostras que nos ficaram, a litteratura portugueza poderia desassombradamente disputar preferencia á dos extranhos contemporaneos, apresentando-lhes monumentos, que nada teriam que invejar aos seus mais celebrados.

## VII

Outra empreza commetteu José Agostinho tambem de grande momento, propondo-se (no anno de 1797) a trasladar em linguagem a *Thebaida* de Stacio, poeta cuja leitura fazia as suas delicias, e que elle no seu enthusiasmo paradoxal exaltava até sobre Homero e Virgilio, indicando-o pelo mais perfeito e acabado exemplar, que os antigos legaram no genero heroico. Embora esta versão, começada e concluida em mui pouco tempo, abundasse nos defeitos que podem dizer-se peculiares da maior parte das composições poeticas de José Agostinho, tanto mais que o original se prestava maravilhosamente ao estylo turgido e emphatico, que o traductor adoptava para si em suas obras metrificadas, é todavia muito para lamentar que de todo se extraviasse para não mais apparecer o primeiro volume dos dois em que dividira aquelle trabalho, salvando-se apenas o segundo, que comprehende os seis ultimos livros ou cantos do poema. Sabe-se que José Agostinho quizera no anno de 1813, ou pouco depois, recuperar a perda, propondo-se a traduzir novamente os seis livros extraviados; porém ignoramos até que ponto chegara d'esta versão, que parece não ter avançado além do primeiro livro. Consta de uma carta das de sua particular correspondencia que o autographo incompleto parava em 1830 nas mãos do sr. Antonio Feliciano de Castilho, a quem fóra confiado; póde ser que este ainda o conserve, ou que de novo se extraviasse, o que aliás reputamos por mais provavel.

## VIII

Achando-se, como já indicámos, restituido ao livre uso das ordens, começara tambem a dar-se desde logo com especialidade ao exercicio da prédica, em que foi vendo engrossar de dia para dia a sua nomeada

até chegar a ser não só escutado com gosto e attenção, mas applaudido como um dos melhores oradores, que então subiam aos pulpitos da capital, e por fim preconisado quasi universalmente por superior a todos elles. Prégou na capella de Queluz em 1798, nas festas do nascimento de D. Pedro.[1] Diga-se porém, em obsequio da verdade que este conceito e juizo comparativo do publico não eram de mui subida gloria para o elogiado, attenta a mediocridade dos seus competidores. Como n'aquelle genero de eloquencia tem sido, e é ainda agora uso commum limitarem-se os ouvintes a admirar a belleza e disposição dos discursos, sem que se detenham no exame e confrontação da vida e costumes do prégador com a santidade das maximas e doctrinas que pregôa, não é para extranhar que José Agostinho a despeito do seu desconcertado procedimento, que ninguem desconhecia, attrahisse em volta de si um auditorio immenso, quando exercia o seu ministerio, quer nos templos de Lisboa, quer nas das terras e povoações circumvisinhas, onde ia tambem prégar com frequencia, deixando os concorrentes, senão convertidos, ao menos satisfeitos e agradados do modo como o desempenhava. Não eram os applausos tão unanimes que fizessem emudecer de todo as invectivas dos seus émulos e detractores; mas cumpre confessar que a maior parte dos que bem ou mal o censuravam, eram instigados do espirito de inveja e de mesquinha rivalidade; ao passo que outros, tendo consciencia do seu merito, e fazendo-lhe em particular a justiça devida, se julgavam ainda assim auctorisados a rebaixar-lhe em publico a nimia sobranceria que elle caprichosamente affectava, desdenhando do merecimento alheio e inculcando-se por superior a todos, e em tudo.

## IX

Esta transição nos conduz naturalmente a fallar das suas desavenças com Bocage, que supposto datassem de annos anteriores, adquiriram seu maximo desenvolvimento no periodo de que ora tratamos: desavenças que no futuro prejudicaram não pouco ao credito de José Agostinho, fornecendo a seus antagonistas pretextos plausiveis, se não justificados para investidas e accusações tão graves quanto injuriosas. Travara elle, como já notamos, mui particular e amigavel trato com Bocage, precisamente na epoca em que este voltava para Lisboa da sua viagem á India, isto é, em agosto de 1790; porém, com a presum-

---

[1] *Desengano*, num. 25, p. 4.

pção e orgulho metrico que em ambos egualmente preponderava, convencidos um e outro da propria superioridade, e querendo cada qual á sua parte ser tido e respeitado por primeiro de todos os poetas existentes, é facil de vêr que as relações de amisade entre estes dois homens não podiam ser duraveis. Continuaram a assistir ás conferencias da *Academia de Bellas Lettras*, a que pertenciam; mas as composições que ahi recitavam eram como outros tantos pômos de discordia, com que davam mutuo e abundante pasto á sua commum rivalidade. Manuel Maria foi afinal riscado, e expulso d'aquella Assembléa litteraria, a cujos membros, com poucas excepções, se tornara insupportavel a preeminencia que elle se arrogava, pretendendo (na phrase de José Agostinho) dictar a lei aos seus collegas, e *arvorar-se de motu proprio em sultão do Parnaso portuguez*. Com essa expulsão julgou-se atrozmente offendido, e votando um odio implavel a quasi todos os seus ex-consocios, passou a flagelal-os sem piedade com sonetos e epigrammas satyricos, a que elles por sua parte retribuiam com outras semelhantes composições, em que patenteavam mordacidade e azedume. D'aqui se accendeu uma peleja litteraria, que durou por muito tempo e de cujos monumentos alguns ainda existem encorporados nas obras de seus auctores, outros se conservam dispersos em poder de curiosos... e muitos desappareceram por modo que seria hoje mui custosa empreza a de os reunir. José Agostinho que permaneceu ainda ligado á *Arcadia* no curto resto da sua existencia, quinhoava sempre uma avultada parte nas diatribes injuriosas e pungentes de Manuel Maria; [1] mas o que certamente nos maravilha, e parece difficil de acreditar, é que então lhe não retorquisse, ao menos por escripto; pois é facto averiguado que nem uma só composição sua se encontra dirigida n'este intervallo contra Bocage, entre tantas que temos presentes de Luiz Correia do Amaral França, Curvo Semmedo, Joaquim Franco, e outros, que amplamente se desforravam por sua banda das acerbas invectivas e apupadas com que os brindava o seu commum adversario.

## X

N'este estado iam as cousas, quando ao correr do anno de 1801 appareceu Bocage com a sua traducção do poema de Castel, intitulado *As Plantas*, precedida de uma pequena introducção, ou prologo em

---

[1] Para prova vejam-se no tomo I das *Poesias de Bocage*, edição de 1853, a p. 341 e seguintes até 346.

verso, que equivalia a um hymno entoado em proprio louvor. Ahi de envolta com exhuberantes applausos que a si se prodigalisava, iam tambem os encomios de alguns poetas e versejadores contemporaneos, que por viverem com elle em concorde harmonia adquiriram direito a ser exaltados; ao passo que outros, cujos nomes se não declaravam, mas que todo o mundo podia reconhecer e apontar sem difficuldade, eram acremente investidos e fulminados sem misericordia, sob os injuriosos epithetos de *zoilos*, *aves sinistras*, *invejosos côrvos*, *bando estygio*, *dragões peçonhentos*, etc., etc. N'este numero entravam, já se vê, todos os que não dobravam o joelho para respeitarem humildes e prostrados o *vate*, o *poeta por excellencia!* Não era preciso tanto para exacerbar a bilis de José Agostinho, que sabendo perfeitamente a que alvo se dirigiam os tiros, divisava n'aquelles mal disfarçados convicios uma provocação directa e pessoal, que o seu genio lhe não consentia deixar correr impunemente. Determinado a tirar um prompto e solemne desforço da injuria recebida, sahiu-se com a bem conhecida Satyra, que começa:

«Sempre, oh Bocage, as satyras serviram
«Para dar nome eterno, e fama a um tolo:...

na qual, em verdade, se desmanda contra o seu contendor em insultuosas e nem sempre justificadas exprobrações: propala os seus defeitos physicos, vadiismo e pobreza;—reprehende-lhe amargamente o seu amor proprio;—e deixando-se levar de uma cegueira apenas desculpavel pelo excesso da paixão sob cujas inspirações escrevia, finge até desconhecer o indisputavel merecimento repentista, negando-lhe redondamente os fóros de poeta, pois que todos os seus titulos de gloria consistiam (dizia) em quatro traducções mediocres, e na arte de amplificar com velhos e rebuscados logares communs os mottes já sédiços e rebatidos! Logo que esta Satyra chegou ás mãos de Bocage, todos sabem qual foi a explosão do seu resentimento; e como, quasi de improviso, dictou a famosa e incisiva resposta, a que poz o titulo de *Pena de Talião*, colhido na propria obra do seu adversario. Ahi retribuiu com usura os ataques recebidos; manejou com desteridade e firmeza as armas do raciocinio, mostrando a improcedencia das accusações do seu rival; e redarguiu aos seus doestos com justa e proporcionada reconvenção. Esta resposta não só foi então elevada até ás nuvens pelos numerosos partidarios do vate repentista, mas é ainda agora universalmenle conceituada como uma das suas mais brilhantes produc-

ções. Todavia José Agostinho não era homem que cedesse o campo, confessando-se vencido; e por isso voltou em breve á carga com segunda Satyra, mui mais pessoal e acre que a primeira, mas que ficou muito menos conhecida, conservando-se até hoje inedita, e sendo-lhe tambem, a nosso ver, inferior em merito litterario, posto que elle em alguma parte[1] se mostra de opinião contraria, quanto a este ultimo ponto. A guerra parou aqui; pois não achamos memoria de que Bocage respondesse á nova Satyra; e d'isso se vangloriava José Agostinho annos depois.[2] Não sabemos como explicar esse silencio, tão pouco conforme ao caracter de Manuel Maria, a quem aliás não faltaria materia para redarguir, se, aproveitando o exemplo aberto pelo seu inimigo, quizesse engolphar-se como elle no mar das personalidades.

## XI

Não julgamos fóra de proposito assentar aqui novamente as razões que nos persuadiram a assignar o anno de 1801 como o da composição d'estas celebradas Satyras, afastando-nos da opinião commum; posto que já em outro escripto[3] deixassemos apositado o que a este respeito convinha. Sabemos mui bem que o proprio José Agostinho reportou estas questões ao anno de 1798;[4] e do seu testemunho se deriva sem duvida o que ao mesmo respeito se lê na *Livraria Classica portugueza*:[5] mas qualquer d'estas assersões caduca necessariamente em presença dos factos. A simples inspecção das Satyras dá a conhecer com evidencia pelas reiteradas allusões que n'ellas se encontram, que taes producções foram posteriores á publicação das versões dos poemas *Os Jardins* e *As Plantas*. Ora ambas estas versões sahiram indubitavelmente impressas na Casa Chalcographica—Typoplastica do Arco do Cego, a saber: a primeira em 1800, e a segunda em 1801, o que a mesma *Livraria Classica* reconhece no logar competente:[6] logo a composição das Satyras não póde passar além d'este ultimo anno; ficando portanto manifesta a equivocação involuntaria (nos parece) e desculpavel em que Macedo cahiu, ao tocar de passagem

---

[1] Vid. *Carta de um Pai a seu Filho*, etc., p. 22.

[2] Id., *loc. cit.*

[3] Vid. em nossas *Annotações* á moderna edição das *Poesias de Bocage* (Lisboa, MDCCCLIII), o tom. III a p. 411.

[4] Vid. *Carta de um Pai a um seu Filho*, p 22.

[6] Parte VIII, cap. VII, p. 9.

[5] Parte IX, cap. XV, p. 134 e 135.

aquelle ponto depois de passados tantos annos. O argumento seria sô por si concludente; mas corrobora-se ainda pelo facto positivo de que a introducção ou prologo collocado por Bocage á frente da traducção das *Plantas* foi a pedra de escandalo que provocando as iras de José Agostinho, o impelliu a escrever a referida primeira Satyra.

## XII

Entretanto o credito oratorio de José Agostinho se fortificava, grangeando-lhe de dia em dia mais fama e mais avantajados lucros. Conseguira além d'isso o apoio e protecção de varias pessoas, que gosavam na côrte de algum valimento ou influencia; e estas não poupavam os meios de fazel-o cada vez mais conhecido e de recommendar e engrandecer o seu talento, proporcionando-lhe assim as occasiões de colher novos e merecidos applausos. Um dos que muito se distinguiam n'esta especie de predilecção para com elle era o beneficiado inspector da Egreja Patriarchal José Rebello Seabra, (alguns annos depois promovido a Monsenhor) em cuja amisade soubera effectivamente insinuar-se. Sendo pois creada por carta regia de 8 de novembro de 1802 [1] a classe dos prégadores regios, e tratando-se de provêr estes logares em sujeitos idoneos, não seria possivel que ficasse em esquecimento o nome de José Agostinho; por isso figurou desde logo á frente dos primeiros vinte e quatro, que foram condecorados com tão honrosa nomeação. [2] As prerogativas e exempções inherentes a este posto, e

---

[1] Manuscripto, na riquissima *Collecção de Legislação* de Monsenhor Hasse. Vid. *Indice* de João Pedro Ribeiro, t. II, p. 29.

[2] Já desde o anno de 1793, e ainda antes de obter o breve de secularisação, passando legalmente ao estado de clerigo secular, gosava José Agostinho das honras de prégador da Real Capella. O modo como lhe vieram consta da seguinte anecdota que lemos na *Livraria classica portugueza,* t. XXV, p. 166, onde se diz extrahida de uma carta do sr. Francisco Joaquim Bingre, respeitavel nonagenario, unico socio que ainda (1854) existe de tantos que composeram a *Academia de Bellas Lettras,* ou segunda Arcadia. Ouçamos pois este Nestor dos poetas portuguezes: — «Sendo convidada a nossa Academia pelo beneficiado Rebello para uma sessão extraordinaria no paço d'Ajuda, por occasião do nascimento da senhora D. Maria Theresa, primeira filha do senhor D. João VI, foram todos os nossos socios em seges da casa real; e indo eu em uma com o padre José Agostinho de Macedo, me perguntou o Bocage: —Que obra levava elle?—E dizendo-lhe eu que nenhuma, pois como elle devia fazer a oração do fecho em prosa, tencionava improvisal-a...... respondeu-me Bocage: —Como elle quer improvisar em prosa, hei de eu improvisar em verso, pois não trago nada escripto.—E assim o fez, em verso heroico, com tanto enthusiasmo, que se er-

que o faziam cubiçado dos que a elle podiam aspirar, (taes como para os frades a de escolherem á sua vontade o convento da ordem onde queriam residir), concorreram não pouco para exaltar o natural orgulho de Macedo, dilatando por tal modo a sua reputação, que já não tinha, digamol-o assim, mãos a medir para satisfazer ao desempenho dos sermões que quotidianamente lhe affluiam de todas as partes.

## XIII

Tinha elle por este tempo, como já fizemos notar, tentado repetidos ensaios nos diversos ramos da poesia epica, lyrica e didactica; e apresentado a publico do segundo d'estes generos varias amostras, umas impressas em folhetos separados, outras insertas no *Almanach das Musas*, e no *Jornal Encyclopedico;* as quaes, supposto não transcendessem os limites da mediocridade, lhe haviam comtudo valido à escolha que d'elle fizeram para seu socio sob o nome de *Eimiro Tagideo* os Arcades de Roma; escolha que nos parece podemos sem erro attribuir á intercessão do seu amigo e protector, o beneficiado Caldas Barbosa, que era desde muitos annos distincto membro d'aquella litteraria corporação. Publicara egualmente no anno de 1801 os cantos primeiro e segundo da *Contemplação da Natureza*, poema que merecera tanto melhor accolhimento e aceitação publica, quanto era novo entre nós ver tratados na linguagem das Musas assumptos philosophicos, e quadros descriptivos das bellezas do universo. [1] Aspirando po-

---

gueu do mocho em que estava assentado, e se virou para a porta, onde estava o principe e a princeza entre cortinas, como encobertos, e fez um Genethliaco de repente, que assombrou toda a cortezan assembléa. Excitada assim a emulação de José Agostinho, improvisou este uma brilhante Oração com geral applauso; de fórma que sua alteza, quando no fim da sessão deu beijamão, logo ahi lhe ordenou que havia de prégar o sermão de S. Pedro em Queluz; e desde então ficou prégador da casa. A rivalidade d'estes dois alumnos é que n'essa noite os fez brilhar...»

O proprio José Agostinho nos declara ter prégado na mesma real capella de Queluz, na festa celebrada em acção de graças pelo nascimento do principe, o senhor D. Pedro de Alcantara, em 1798. Vej. o *Desengano*, numero XXV, p. 4.

[1] Este poema ou antes amostra do outro de maior vulto que José Agostinho então intentava publicar, e que depois reduziu a seis cantos com o titulo de *Natureza*, foi bem recebido do publico, não pelo apreço que então merecia em geral toda a poesia, porém muito principalmente por ser a primeira vez que entre nós appareciam traduzidos na linguagem das musas assumptos philosophicos. No primeiro canto trata dos céos e da terra, e no segundo dos mares, e conforme a opinião do nosso erudito poeta sr. José Maria da Costa Silva, *é o mais valente e famoso trecho que sahiu da*

rém á universalidade, quiz tambem provar suas forças na poesia dramatica, para a qual a natureza lhe negára (força é confessal-o) o genio e disposição necessarias. Deu-se a escrever comedias e tragedias, e entre estas uma, que intitulou *Zaida* (conservada até agora inedita) e nos fins de 1804, segundo cremos, obteve leval-a á scena, fazendo-a representar no theatro da rua dos Condes. O argumento do drama, colhido em um episodio do poema epico *S. Luiz*, do padre *Semaine*, era tratado como se podia esperar de um escriptor, que nem tinha sufficiente conhecimento pratico do theatro, nem possuia o estylo pathetico, inherente a este genero de composições.

## XIV

Uma assembléa numerosa e escolhida havia concorrido áquella primeira representação. Os actores tinham por sua parte empenhado todos os esforços para satisfazer á espectativa publica. Muito se confiava no credito e fama do poeta: porém quando se viu que a acção avançava fria e pesadamente, através de extensos monologos e de dialogos, quasi sempre guindados em estylo mais proprio da epopéa que da tragedia; quando finalmente ao correr do terceiro acto appareceu o sultão do Egypto, que acompanhado pelo magico Miremo descia ao centro de uma das Pyramides, onde este evocava com seus conjuros a sombra do finado Saladino (clara, postoque mal combinada imitação da bella e applaudida scena da *Semiramis* de Voltaire); quando esta sombra surgia do sepulchro, requerendo o sacrificio de Zaida, e se entretinha em palavrosas discussões, altercando o sultão defunto com o sultão vivo, a maior parte dos espectadores sentiu estancar-se-lhe a paciencia, o *desapontamento* foi quasi geral, e a custo se conseguiu terminar o espectaculo, a despeito da má vontade dos émulos e inimigos do auctor, que bem desejariam sepultar o drama á nascença entre os apupos de uma estrondosa pateada. Mas se não poderam lograr de prompto esse desejo, nem por isso desistiram do intento; e taes intrigas promoveram perante o Intendente Manique, encarregado da superior inspecção dos Theatros, que este, não sabemos com que funda-

---

*penna de José Agostinho*. É hoje bem raro de encontrar algum exemplar, e merecia bem as honras da reimpressão, tanto mais que o canto dos *Mares* foi supprimido inteiramente pelo auctor, e não apparece no poema da *Natureza* nem no da *Meditação*. O sobredito litterato aponta especialmente como de mais subido merecimento as descripções da tartaruga e do golfinho. (*Nota avulsa*).

mentos, mandou recolher a peça, prohibindo as suas representações. [1] José Agostinho desanimado pelo ruim successo d'esta primeira estreia, não quiz aventurar por então alguma outra de suas dramaticas composições; emquanto aquella continuou a servir como de pasto ás zombarias e apódos de seus adversarios, apparecendo contra ella um soneto de Manuel Maria e outro de Pato Moniz, mancebo que no primeiro verdor dos annos começava a distinguir-se por suas inspirações poeticas, e a quem Bocage muito presava, como a um dos alumnos por élle iniciados e doctrinados no culto das Musas. [2]

## XV

Poucos mezes depois sentiu-se Bocage accommettido da enfermidade, que apoz longos e dolorosos padecimentos lhe abriu as portas do sepulchro aos 21 de dezembro de 1805. Com esta occasião, e por todo o periodo da molestia, cortado a espaços pelas duvidosas alternativas do temor e da esperança, viam-se diariamente correr para junto do leito do attribulado enfermo até os seus mais implacaveis inimigos, que tomando parte na magoada e geral sensação que este caso inspirara, se apressavam a solicitar uma cabal reconciliação, forcejando para desvanecer os vestigios de antigos odios, ou rivalidades. Todos á porfia se esmeravam em manifestar-lhe por evidentes e perceptiveis demonstrações o testemunho dos sentimentos que os animavam; já concorrendo para que lhe fossem subministrados os auxilios que havia mister para seu tratamento, já dirigindo-lhe consolações e lenitivos em numerosas e bem traçadas composições poeticas, nas quaes de mistura com o encomiastico tributo dos louvores ia tambem a expressão significativa dos votos que formavam pela sua prompta convalescença. [3] Entre os que assim procederam distinguiu-se notavelmente José Agostinho, que depondo (quanto a nós sinceramente, postoque alguns antagonistas pozessem então em duvida a lisura do seu proceder; e que no modo porque ulteriormente se houve elle parecesse justificar até

---

[1] Vid. documento n.º XX.

[2] O soneto de Bocage pode ler-se no tom. I das suas *Poesias*, da edição de MDCCCLIII, postoque ahi se ache com algumas leves alteraçees, por não dever imprimir-se tal qual foi composto. O de Pato Moniz vae adeante nas peças justificativas sob o n.º XXI.

[3] Boa parte d'essas composições existe impressa nos folhetos *Improvisos de Bocage*, *Collecção dos Novos Improvisos*, e *Virtude Laureada*, publicados em 1805; para elles remettêmos o leitor.

certo ponto essa duvida) a inveterada animosidade e resentimento, que de tão longe os trazia discordes e arredados, não só foi dos primeiros em apresentar-se á cabeceira do doente, protestando inteiro arrependimento das disenssões passadas, mas continuou a frequentar-lhe a casa assiduamente até á derradeira crise, prodigalisando-lhe durante esse intervallo as mais compassivas attenções e desvelados cuidados. E como para apagar de uma vez toda a especie de recordação dos successos preteritos, passou a endereçar-lhe ainda em vida uma Epistola laudatoria, e uma Ode, em que as antigas injurias e doestos eram amplamente e com usura resarcidos por emphaticos e sobrados elogios, ditados ao que parece, pelo enthusiasmo de uma admiração exaltada, mas que não obstante alguem poderia tachar de exaggerativos, collocando sobre a fronte do poeta já moribundo a immarcessivel corôa da immortalidade. [1] Não satisfeito com isto, logo apoz o falecimento escreveu e publicou pela imprensa aquelle Epicedio (uma das mais felizes inspirações da sua musa, ao juizo de todos os intelligentes) onde sobem de ponto os louvores do extincto vate, que é successivamente comparado aos mais famosos da antiguidade:

Todos eram teu dom, teu genio, todos.
Poucos tem que te opponha ou Grecia, ou Roma:
Um rival te dão só no engenho e arte;
Ovidio é teu rival, vence-te, e és grande;
És-lhe egual no saber, menor em lingua,

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

De Horacio é aurea a lyra, é aurea a sua;
Agudo é Marcial, agudo Elmano;
Triste Estacio, e feroz, e Elmano é triste,
Se o luto falla, e a dor personalisa.
De Mantua o cysne em pastoril avena
De Tytiro o prazer, de Mopso o canto
Expoz ao Tibre absorto; a nós ao mundo
As magoas de Alicuto a par lhe vôam.
E se déste o não teu, venceste o alheio.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Tinhas n'alma o terror, no estylo o pranto,
Se Melpomene acaso alheia, e tua,

---

[1] A Epistola vem na *Collecção dos Novos Improvisos de Bocage* a p. 67.—A Ode só se publicou passados annos na *Mnemosine Lusitana*, t. I, p. 196.

Na magoada *Vestal* dava um gemido:
Se co'a edade indulgente Amor cantavas,
Nunca mais terno suspirou Tibullo.
....................................

Onde afinal apostrophando aos manes do defunto amigo, remata condignamente com os seguintes versos:

Raza campa te encobre entre outros mortos;
Mas tens um mausoléo, um templo, um busto
Na minha estimação, nos teus escriptos.
O que bebe no Rhodano espumante,
Os sabios de Albion, e o docto Ibéro
Te hão de aprender de cór; e emquanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso, e Milton,
Lhe ha de lembrar tambem d'Elmano o nome.

Confrontem-se agora estas expressões enthusiasticas com as subsequentes diatribes, com os motejos e apodos por elle vibrados contra a memoria d'este mesmo Elmano em tantas e tão repetidas paginas dos seus escriptos posteriores, [1] e depois d'isso fiae-vos lá em elogios de poetas!

Não lhe faltava talento para os genios secundarios da poesia, mas quiz ser um poeta universal, remontar-se á tragedia, á comedia, ao poema epico, e precipitou-se como Icaro.—Estes grandes quadros da alta poesia demandam vasta imaginação e fertil invenção, e d'estas duas qualidades carecia José Agostinho, assim de graça e de colorido engenho; d'aqui vem a ruindade das suas Odes, e dos seus Idyllios.

Mas a Musa funebre não desdenhou de inspiral-o, e os seus epicedios ao conde de S. Lourenço, e a Bocage foram com justiça applaudidos, assim como algumas de suas Epistolas, genero para que tinha certa disposição, e que é pena que não cultivasse mais em logar de se dar á composição de poemas para que lhe faltavam as forças.

---

[1] Contentar-nos-hemos de citar por todos a *Carta do um pae para um seu filho*, as *Considerações mansas sobre o quarto tomo das Obras de Bocage*, o *Motim Litterario* no tomo II, p. 154, etc., etc.

## XVI

Emprehendera e concluira entretanto José Agostinho uma traducção completa de todas as obras que nos ficaram do principe dos lyricos romanos; empreza que, segundo elle affirma, lhe consumira apenas uns tres mezes no inverno de 1805 para 1806. Quiz dal-a ao prelo; mas, ou porque lhe fallecessem os recursos para occorrer de prompo aos gastos da impressão, ou por outro motivo que ignoramos, dirigiu-se ao padre Fr. José Marianno da Conceição Velloso, director da Imprensa Regia, na qual acabava de encorporar-se recentemente a officina typographica estabelecida pelo mesmo padre no Arco do Cego em 1799 sob os auspicios do ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Velloso presava-se de ser o amigo e protector de todos os litteratos e engenhos menos favorecidos da fortuna, que sempre o achavam prestes a obsequial-os, quer fosse interpondo a favor d'elles o credito de que gosava na côrte, quer facilitando-lhes os meios de darem á luz as suas producções. Já em 1801 conseguira José Agostinho que lhe imprimisse gratuitamente na officina do Arco do Cego os dois cantos do seu poema *Contemplação da Natureza;* e agora, provavelmente com o mesmo intento, apresentou-lhe o manuscripto da versão de Horacio em dois volumes. Lia-se á frente do primeiro um apparatoso e assás extenso prologo, em que o traductor dando conta do seu trabalho, o inculcava por unico e efficaz remedio, que podia obstar á decadencia total da nossa poesia, que (segundo elle) se não estava de todo eclypsada, ia caminhando a passos retrogrados para um estado mais lastimoso que aquelle que precedera á creação da *Arcadia* em 1756. Era porém muito para estranhar que tal se avançasse na propria epoca em que (não fallando de Bocage, que descera á sepultura poucos mezes antes) floresciam ainda entre nós poetas de tão qualificado merito e honrada fama, como Francisco Manuel do Nascimento, Antonio Ribeiro dos Santos, Fr. José do Coração de Jesus, Domingos Maximiano Torres, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, João Evangelista de Moraes Sarmento, Francisco de Borja Garção Stockler, o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, afóra outros muitos bellos engenhos, de que poderiamos tecer longo catalogo, cujas obras, pela maior parte impressas, são outros tantos monumentos que solemnemente contradizem e desmentem a veracidade d'aquella extemporanea increpação.

## XVII

Velloso fez com effeito imprimir o primeiro tomo da traducção, em que se comprehendiam todas as Odes e epodos do poeta romano; mas por qualquer demora, ou inconveniente que atrazasse os trabalhos typographicos, só veiu a publicar-se nos fins de janeiro ou principios de fevereiro de 1807.[1] A sua extracção esteve bem longe de corresponder á espectativa do auctor; no que nos parece influiu poderosamente a concorrencia de outra versão do mesmo poeta feita por Antonio Ribeiro dos Santos, e publicada logo depois. O exame comparativo de ambas, excluindo toda a idéa de competencia, não podia deixar de ser por extremo desfavoravel para a de José Agostinho; pois que aquella, além da sua reconhecida superioridade, litterariamente considerada, se lhe avantajava por muito até na perfeição artistica, postoque sahidas uma e outra edição da mesma officina regia. O numero dos exemplares vendidos foi portanto limitadissimo; mas isso não obstou a que passados poucos annos se désse a edição por exhausta; sendo aliás certo que mui difficilmente se deparava com algum exemplar á venda nas lojas dos livreiros. O proprio José Agostinho assoalhou por mais de uma vez em diversos seus escriptos, *que a edição de Horacio voara, apenas sahira á luz!*[2] Parece incrivel como não se receava de avançar publicamente uma tão destampada falsidade, ao tempo em que para desmentil-o existia, como existe ainda hoje, intacta nos vastos armazens da Imprensa Nacional a maxima parte dos exemplares d'essa edição, que com tanta imprudencia se proclamou *esgotada!* Se é licito aventurarmos um conjectura, que se nos representa mais que muito verosimil, diremos que sendo a obra (como em realidade foi) mal accolhida do publico, e perdida a probabilidade de salvar com o producto do escasso numero de exemplares vendidos as despezas da impressão, José Agostinho preferiu deixal-a em calculado abandono, poupando-se assim ao incommodo de saldar as contas com a direcção da Imprensa. Accresce, que, por um dos seus ordinarios caprichos, ainda bem não estava concluida a impressão do volume, já elle convencido da imperfeição do seu trabalho, meditava nova versão de Horacio;

---

[1] Carta inedita a Francisco Freire de Carvalho, datada de 7 fevereiro de 1807.

[2] Vid. entre outros o *Inventario da Refutação Analytica,* p. 15; e o *Espectador Portuguez,* segundo semestre, p. 141.

a qual, segundo nos foi contado por testemunha ocular (José Maria da Costa e Silva) levára seguidamente e em poucos mezes, pelo menos até o fim do primeiro livro das Odes. [1] D'essa versão reformada publicou depois algumas amostras em diversos numeros do *Semanario de Instrucção e Recreio;* e existem ainda varios fragmentos ineditos em

---

[1] Juizo critico sobre a traducção de Horacio, (da Biographia manuscripta de José Agostinho, por José Maria da Costa e Silva):

«Um dos principaes defeitos d'esta traducção é a sua demasiada verbosidade, pois que as estrophes de Horacio, quasi todas de tres versos, são apresentadas na versão por estrophes de cinco e seis, e ás vezes mais versos. D'aqui provém a languidez do estylo, inimigo mortal da poesia lyrica; d'aqui as idéas de sua lavra, que elle ás vezes enxerta no original para concluir a estrophe portugueza.

Acontece muitas vezes que elle desloca as idéas do original, antepondo umas a outras, o que mostra que não faz mais que pôr em verso as traducções francezas em prosa. Assim acontece nas primeiras estrophes da Ode a Mercurio, que é a 9.ª do livro III.

Mercuri, nam te docilis magestas
Movit Amphion, etc. . . .
. . . . . . . . . . . . . .
Nec loquax olim, neque grata, nunc et
Divitum mensis, etc. . . .
. . . . . . . . . . . . . .

Versos, que possam commover de Lydia
O sempre duro coração de bronze,
Inspira-me, oh Mercurio, pois soubeste
Com teu potente ensino
Ao docil Amphião inspirar cantos
Que podessem mover alpestres rochas,
Que desprenda septisona harmonia,
E tu, eburnea lyra,
Um tempo muda e ingrata, hoje sonora,
Nas lautas mezas dos mortaes luzidos,
Dos altos Numes nos soberbos templos.

Comparem-se estes versos com os do original, e se verá que na copia ha mais quatro que no original, que sua expressão languida desfigura a rapidez e viveza lyrica do texto, que o sentido está incompleto.—Oh Mercurio, inspira-me versos que possam commover o duro coração de Lydia, e pois soubeste com teu potente ensino inspirar cantos ao docil Amphião, que poderam mover rochas—falta o verbo d'esta segunda oração, que as idéas estão transpostas, sem que d'ahi resulte belleza: que—*soubeste inspirar com teu potente ensino* cantos, que *podessem mover alpestres rochas,* são expressões prosaicas, que não se moldam com o estylo lyrico.—*O sempre duro coração de bronze* não é do original; *mortaes luzidos* não explica o *divitum mensis* do original. *Alpestres rochas,* os rochedos que Amphião moveu não eram dos Alpes:

um pequeno caderno, que junto com outros autographos seus se conserva na salla dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde ha pouco tempo o examinámos pessoalmente. Quanto ao segundo tomo da versão primitiva, que deveria comprehender as *Epistolas*, e *Satyras*, não chegou a imprimir-se; as causas ficam sufficientemente

---

*soberbos* é outra inutilidade, porque Horacio diz só simplesmente *templos dos Deuses*. Vejamos se é possivel traduzir estas estrophes com mais exactidão, concizão, e viveza:

Mercurio! pois discipulo teu docil
Moveu penedos Amphião cantando,
E tu, que de septisona harmonia,
    Doce Lyra resôas:
Ingrata um tempo e muda, ora valida
Dos ricos nos banquetes, e nos templos,
Numeros solta, que de Lydia inclinem
    Os rispidos ouvidos.

A estrophe seguinte não está melhor traduzida:

Qua velut latis aequa termo campis
Ludit exultem, etc. . . .

Qual o ginete fervido, indomavel,
Que solto vaga por extensos campos,
A lei do jugo marital não sabe,
    Ignora a doce chamma
Que lavra occulta em corações amantes.

É necessario que José Agostinho fosse inteiramente desprovido do sentimento da poesia lyrica, para substituir a comparação tão viva, e tão engraçada e propria, que o poeta latino faz de um joven ainda ignorante de amores e que só se entretem em correr e folgar, pelos prados como um poldro de tres annos, que salta livremente nos campos, pela de um cavallo de batalha, que tanto vale o ginete fervido e indomavel. José Agostinho tinha a mania de escrever odes; mas entre tantas que compoz nem uma só pode dizer-se boa; e por isso jámais poderia acompanhar os vôos do Venusino, ou imitar o seu colorido brilhante, e a sua versificação encantadora.

Na Ode 8.ª do I livro, ha um grosseiro erro de intelligencia. Diz o texto:

Quid latet ut marinae
Filium docunt Thetides, etc. . . .

Porque se esconde, dize, qual o filho
    Da maritima Thetys,
    Nos dizem se escondera
Antes que Troya se tornasse em cinzas?

enunciadas no que acabamos de dizer. Porém José Agostinho dá do caso uma explicação muito differente: porquanto sobrevindo no mez de novembro d'esse anno a invasão do exercito francez em Portugal, e sahida do Principe Regente para os estados do Brazil, entre as pessoas que acompanharam a familia real em sua retirada foi tambem o

---

Para que as vestes de gentil mancebo
Aos olhos o roubassem,
E assim levar não fosse
Aos Lycios esquadrões o ferro, e a morte.

Estender quatro versos a duas estrophes é abusar do direito de paraphrasear; e o peor é que nem por isso explicou melhor o texto, antes o estropeou ridiculamente.— *Antes que Troya se tornasse em cinzas* — é muito vago: o poeta disse — *sub lacrimosa Troyæ funera;* isto é, quando se approximavam os lacrimosos funeraes de Troya; e na verdade, quando Achilles se escondeu foi antes de começar a guerra, e quando Agammenon convocava para ella todos os principes gregos. O segundo erro ainda é menos desculpavel:

Para que os vestes de gentil mancebo
Aos olhos o occultassem.

Aonde tinha José Agostinho a cabeça, quando escreveu este desproposito? Como poderia Achilles occultar-se em trage de mancebo? não era esse o seu trage ordinario? Ignorava elle que aquelle heroe esteve longo tempo escondido em trage femenil no palacio do Rei de Scyros?

E assim levar não fosse
Aos Lycios esquadrões o ferro, e a morte.

O original diz — *ne virilis cultus in cœdem et Lycius proriperat catervas,* isto é, para que o trage viril o não arrojasse á morte e aos esquadrões Lycios — *Aliquem in cœdem proriperat* não quer dizer empurrar, ou levar alguem com violencia a fazer matança, mas sim impellir alguem para a morte, ou para affrontar a morte. Thetys tinha sabido de um oraculo, que se acaso seu filho fosse á guerra de Troya, grangearia sim gloria immortal, mas morreria na flôr da edade deante das muralhas d'aquella cidade; e que se lá não fosse, gozaria em paz de longa e pacifica vida, e por isso o escondeu em trage de mulher entre as Nymphas de Scyros; não o escondeu para que não fosse matar os Lycios, como José Agostinho dá a entender, mas para que os Troyanos o não matassem a elle. O original diz *Lycios,* e isto favorece a opinião d'aquelles criticos que dizem que esta Ode não é de Horacio, mas traduzida por elle de Alcmon, poeta grego, que como asiatico e mecenio, e por isso dependente dos alliados dos Troyanos, cujos principaes eram os Lycios, quiz por brazão nacional representar Achilles como um cobarde, que se escondeu com medo dos Lycios, e dar a estes a gloria da sua morte. Seja como fôr, o que não admitte duvida é, que não é facil de encontrar tantos erros e contrasensos em tão pequeno espaço.

Rara antecedentem o scelestium
Descernit pœna pede clauda.

padre Velloso; e segundo a affirmativa de José Agostinho levou de envolta com outros papeis o manuscripto, ou o deixou sumir, por modo que d'elle não houve mais noticia. [1] Seja como fôr, não desesperamos de que esse manuscripto venha ainda a apparecer, como já aconteceu ao autographo do primeiro tomo impresso; o qual tendo sido de ha

. . . . . O raio accêzo
Inda que tarde venha,
Raras vezes perdôa
Culpada frente, que o precede em crimes.

*Preceder* alguem em generosidade, é fazer acções generosas primeiro que elle; *preceder* em crimes, é commetter crimes primeiro. Temos pois, segundo a traducção de José Agostinho que o raio raras vezes perdôa aos culpados, que se lhe adeantam em commetter crimes. Mas o que Horacio disse é, que raras vezes o castigo, ainda que coxo não alcance o culpado que foge deante d'elle.

Não daria muito trabalho deparar com outros logares, egualmente mal entendidos; se a traducção é defeituosa n'esta parte, não o é menos pela languidez e descolorido de estylo, pela monotonia, e ás vezes prosaismo do metro, e pela incorrecção da linguagem. A cada passo se encontram n'ella palavras baixas, construcções defeituosas, e palavras na significação que não tem. O verbo *golfar* significa *sahir em borbotões, vomitar ás golfadas* e *fazer golfo.* Leiam-se agora estes versos da Ode 15 do livro IV:

Ao som da eburnea Lyra em magos versos
Destinava cantar da guerra os transes;
Menos entradas, derribadas torres;
Eis do Olympo me brada
Auri-crinito Apollo, e não consente
Que *eu golfe o mar Tyrrheno em fragil barca.*

Que quer isto dizer? Que Apollo lhe não permitte vomitar ás golfadas o mar Tyrrheno em pequena barca que lhe servisse de bacia para vomitar n'ella? Ou que faça um golfo do mar Tyrrheno dentro de uma barca? Para entender-se isto é necessario recorrer ao original; lendo-se alli

Ne parva Tyrrhenum per æquor
Vela darem

é que se conhece que *golfar* significa n'estes versos *navegar* ou *dar á vela*, mas em que Diccionario da lingua, em que escriptor bom, ou ruim encontrou elle este verbo com semelhante significação? Em nenhum por certo. Mas o traductor, que nunca fez estudo serio da lingua materna é muito sujeito a cahir em barbarismos, solecismos, phrases menos cultas, e plebêas. E com uma obra tão defeituosa é que este homem queria restituir o antigo esplendor ao astro da Poesia Portugueza, que elle representava, senão ecclipsado, ao menos quasi escurecido de todo!»

[1] Vid. a *Carta terceira a P. A. Cavroé,* p. 16, e *Um quarto de Palavra sobre o Padre,* p. 2.

muitos annos tresmalhado da Officina regia, existe hoje com o devido resguardo e estima em poder de uma pessoa do nosso conhecimento, que teve a fortuna de deparar com elle em certa loja, onde com outros muitos papeis jazia sentenciado a ser convertido em mechas! Tivemol-mo depois em nossa mão, e respondemos pela sua authenticidade. [1]

## XVII-A

A publicação d'esta traducção de Horacio (de cujo merecimento nos occuparemos mais de espaço no Catalogo geral que ha de seguir esta biographia) foi causa de que requintassem as desinteligencias que desde alguns annos existiam entre José Agostinho e Pato Moniz, as quaes com esta occasião vieram a converter-se em acerbo odio e perpetua inimisade: porquanto o segundo escreveu contra o primeiro cinco sonetos satyricos (é certo que tão mediocres e desenxaibidos como a obra censurada) nos quaes deprimia a traducção, e injuriava o traductor. Este desforrou-se com acrimonia em uma longa Satyra, que lhe dirigiu, sem que todavia d'esta vez ultrapassasse os decorosos limites que a arte prescreve a este genero de composições: e o resultado foi, que os dois rivaes ficaram d'ahi em deante inimigos irreconciliaveis, manifestando um e outro por meio de virulentas criticas, vituperios, e atrozes descomposturas, (nas quaes José Agostinho sabia mui bem levar a primasia) o rancor e aversão com que reciprocamente se detestavam. [2]

## XVIII

Correndo o mesmo anno de 1806 deu José Agostinho por concluido o seu poema didactico *A Natureza*, em seis cantos, deixando-o no estado em que veiu depois a publicar-se posthumo. Resolvido a imprimil-o, sollicitou e obteve as licenças necessarias para esse effeito; [3] porém depois mudando de intento, deu-lhe nova contextura, amplifi-

---

[1] Aqui termina a ultima copia das *Memorias de José Agostinho;* continuamos a impressão pelo segundo manuscripto completo, aproveitando algumas noticias introduzidas em um terceiro manuscripto cheio de entrelinhas, porém menos acceitavel embora derive do segundo. (*Da revisão.*)

[2] Aproveite-se o que diz José Liberato, que era seu inimigo, nas *Memorias* quanto á visita que elle lhe fez na Bibliotheca de S. Vicente.

[3] O poema da *Natureza* já estava composto em 1806; chegou a ter as licenças, porém os censores insistiram em que o titulo fosse mudado para *Creação*, e não se imprimiu.— Vid. 1.ª carta a Fr.º Fr. (Freire de Carvalho.)

cando-o em alguns logares, supprimindo varios trechos, e addiccionando outros, formou com elle o da *Meditação*, em quatro cantos, por modo que ficaram apparentemente dois poemas diversos, quando ambos provinham de uma origem commum.[1]

E quanto estudo
Oh versos, me custaes! Comvosco o dia
Me encontra, quando nasce, e quando morre;
E roubo á noute as horas do repouso.
Apraz-me a solidão; julgo-me estranho
Do mundo habitador, comvosco vivo.
Fôra imperfeita morte esta existencia,
Se eu vivesse sem vós, sepulchro fôra.

*A Natureza*, canto VI, p. 236.

Este poema da *Natureza*, de onde sahiu depois o da *Meditação*, diz elle no fim do ultimo canto, que o concluira no dia em que chegou a Lisboa a noticia da *batalha de Trafalgar*.

---

[1] O 1.º canto da *Natureza* é o 1.º da *Contemplação da Natureza* refundido e desenvolvido.

Da mesma sorte o 3.º canto da *Natureza* é o 2.º da *Contemplação da Natureza*.

A Invocação no canto 1.º é a mesma em ambos os poemas, com poucas alterações.

O canto 6.º da *Natureza* serve de fundamento ao 1.º da *Meditação*, supposto que muito augmentado, e correcto em muitos logares.

Os cantos 1.º e 2.º da *Natureza* fórmam o 2.º da *Meditação*.

Os cantos 4.º e 5.º da *Natureza* correspondem ao 3.º da *Meditação*.

Uma parte do *Extasi* que serve como de prologo á *Natureza*, foi servir de remate ao canto 4.º da *Meditação*, que é quasi todo novo.

O canto 3.º da *Natureza* ficou pela maior parte supprimido. Todavia um episodio que vem no fim, e começa

Teu lenho, oh Magalhães (assombro alheio)
De quem se hão de lembrar com pasmo as éras,
Pode o globo cessar seu giro immenso,
Da praia occidental largando as velas,
Foi, emula do sol, a náo triumphante, etc.

e conclue

As furias lhe quebram, e em si trazia
Inda mais do que um Cesar, mais que um Nelson.

Foi aproveitado no poema o *Novo Argonauta*, onde vem transcripto por extenso com pequenas alterações.

## XIX

Entretido em suas litterarias tarefas, e na convivencia de alguns amigos, cujos obsequios e favores vinha quasi sempre a pagar cedo ou tarde na moeda do costume, isto é, com dicterios, satyras, e malquerenças, levava José Agostinho uma vida alegre e folgazan, porque os Sermões para tudo deixavam, quando no dia 14 de dezembro de 1806 foi roubado na casa, que de pouco tempo habitava, situada na calçada do Forno do Tijolo, n.º 45, desapparecendo-lhe toda a roupa, trastes e dinheiro que possuia, escapando apenas uma velha carteira, onde tinha encerradas algumas composições suas, juntas com outros papeis, *porque* (diz elle) *o bafio dos versos alli alapardados afugentava ladrões!* [1] Ainda assim não faltou quem affirmasse que tal roubo fôra supposto, e por elle divulgado para fins particulares.

## XX

Nos ultimos dias d'este anno, ou no começo do seguinte, foi descoberta uma celebre conspiração tramada (segundo correu) para dar por demente D. João VI, [2] n'esse tempo principe regente, que com a familia real e toda a côrte se achava na Villa de Mafra, extorquir-lhe o governo do reino, e passal-o ás mãos da princeza sua esposa. Esta conspiração, cujo fóco era dentro do proprio palacio real, contava já consideraveis ramificações, e n'ella estavam envolvidas personagens de alta esphera, e algumas da primeira jerarchia da nobreza; achava-se a ponto de rebentar, quando infelizmente para os interessados, veiu a mallograr-se por traição ou descuido de algum dos cumplices. O principe avisado do perigo que corria, e aconselhado por seus amigos fieis, retirou-se de improviso para os paços do Alfeite, e d'ahi se expediram com todo o recato as ordens necessarias para inutilisar os projectos dos conjurados, commettendo-se ao Intendente geral de Policia Lucas Seabra da Silva, successor de Manique, as diligencias concernentes ao descobrimento do fio d'aquelle trama. Consta por vias incontestaveis, que entre os agentes que por parte da policia se empregaram para

---

[1] Vid. uma Carta inedita a Francisco Fr. de Carv.º datada de... *(Em appenso:)* «Parece que em 1805 já morava ao Forno do Tijolo».

[2] Vid. *Memorias* de José Liberato, p. 50 e segg.

este fim, fôra um d'elles José Agostinho;[1] e ou seja que elle sollicitasse este odioso mister, ou que o convocassem para o exercer, o certo é que se affirma prestara mui bons serviços, que lhe foram remunerados com avultado salario. Como não é do nosso intento narrar o mais que n'este caso aconteceu, nem o modo como se houve o governo na punição dos implicados, abster-nos-hemos por agora de entrar nos pormenores d'este melindroso negocio, contentando-nos de observar que não andavam de todo mal avisados os que muitos annos depois lançavam sobre José Agostinho o labéo de ter sido espião da policia, embora se enganassem no tempo, e nas circumstancias, a que cada um pretendia reportar esse acontecimento e desconhecessem as suas particularidades.

## XXI

Em 1807 occorreu ainda ácerca de José Agostinho um caso, que podia ser-lhe sobremaneira funesto, e que não teriamos por verdadeiro se o não vissemos consignado em documento de irrefragavel auctoridade. Não podemos descortinar a sua origem; mas parece-nos que não iremos muito longe da verdade, attribuindo-o a occulta manobra de inimigos, que em grande copia lhe attrahiam suas maneiras asperas, e desabridas, e seu desmedido orgulho.— O facto é que a 9 de maio do dito anno foi José Agostinho denunciado perante a Mesa do Tribunal da Inquisição por uma mulher de condição obscura (talvez comprada ou seduzida para este fim) e accusado de impiedades, e blasphemias proferidas contra a divindade de Jesus Christo, contra o dogma da immortalidade da alma, e contra os sacramentos da Egreja![2] Os autos d'esta denuncia existem archivados na Torre do Tombo, com os demais papeis que para alli foram removidos em 1821, pertencentes ao Cartorio do abolido *Santo Officio;* entretanto parece que nenhum effeito surtiram, quem sabe se pela inverosimilhança e futilidade de semelhantes accusações? Cumpre porém notarmos que ou esta denuncia permaneceu em completo segredo, e ignorada pelo accusado, ou que mui grande era o desavergonhamento d'este, quando annos

---

[1] Vid. *Mem.* de José Liberato, p. 52.—Para o episodio da conspiração de 1806 contra D. João VI veja-se a narrativa em uma memoria que faz parte da *Chorographia do Brasil* por Mello Moraes, parte II, tomo I (1863), p. 8 a ...

[2] Vid. documento n.º XIX.

depois dizia com tamanha segurança a Cavroé, por modo de reconvenção:—«*Eu nunca fui accusado á Inquisição, nem lá estava o meu nome, Mestre Pedro!* [1]

## XXII

Seguiu-se a invasão n'este reino do exercito francez, commandado por Junot, e as mais occorrencias subsequentes, cuja narração sobre ser extemporanea e desnecessaria nos conduziria para mui longe do nosso assumpto. José Agostinho aproveitou a folga que lhe dava n'esse tempo a diminuição dos seus trabalhos oratorio-sagrados para se occupar em polir e revêr algumas obras que entre mãos trazia, e com especialidade para adeantar uma, que pouco antes concebera com o titulo de *Republica Litteraria, Sonho philosophico*, a qual em 1811 chegou a dar á luz, mudado aquelle titulo no de *Motim Litterario*, addicionada com alguns novos capitulos. D'ella fallaremos mais amplamente em logar competente.

## XXIII

Tambem compoz durante aquella epoca um opusculo politico, do qual apresentaremos aqui uma idéa succinta, visto que conservando-se até agora inedito, é como tal menos conhecido; intitula-se *Reflexões imparciaes, ou Parecer ácerca da situação de Portugal depois da sahida de S. A. R. para a America, e invasão que n'este reino fizeram as tropas francezas*. Depois de um preambulo ou esboço historico, em que rapidamente descreve a fundação, augmento, conquistas, e prosperidade de Portugal desde a sua existencia como estado independente, passa a estabelecer as seguintes proposições: 1.ª A emigração do principe para o Brasil deixou o Portugal europeu no estado de não poder subsistir como reino independente, nem continuando a guerra, nem depois de feita a paz.—2.ª No estado de paz, Portugal desmembrado do Brasil, não pode ser uma monarchia.—3.ª Portugal, assim como as demais nações civilisadas da Europa, não pode voltar ao estado primitivo.—4.ª Com a guerra feita ao commercio não se abate a Inglaterra, cujos recursos se estenderam até ao infinito pela emigração do Principe de Portugal.—5.ª Por esta emigração fica Portugal o mais desgraçado de todos os povos, e inutil a todas as potencias.—Discu-

---

[1] Vid. Carta III. a P. A. Cavroé, 1821, a p. 3.—Felner tem duas denuncias, dadas na Inquisição contra José Agostinho, sendo uma da creada que o servia. Ficou de mostrar-m'as. (28-1-59). *(De uma Nota avulsa.)*

tidos successivamente cada um d'estes pontos, a respeito dos quaes appresentava varias reflexões, a nosso vêr mui judiciosas, pois tem sido justificadas pelos successos ulteriores, conclue insinuando que a Portugal, depois da sua desmembração do Brasil, restava só um unico recurso, qual era *o de reduzir-se a uma rigorosa democracia, procurando imitar a republica de Hollanda no seu começo; franquear os seus portos a todas as nações, negociar com os generos e producções do paiz, promovendo a cultura dos seus vinhos, e aperfeiçoando as suas salinas, navegando e traficando com os generos exportados da America, se os inglezes lh'o consentissem. Eis aqui* (diz elle) *os meios de uma toleravel existencia para os portuguezes.*

## XXIV

Não sabemos que credito merece José Agostinho quando affirma ter sido perseguido pelos francezes, e que o Intendente da Policia Mr. Lagarde chegara a expedir contra elle uma ordem de prisão em 11 de julho de 1808, cujo effeito diz haver prevenido homisiando-se e conservando-se escondido até á restauração da capital em 15 de setembro seguinte. Attribue esta perseguição a ter manifestado publicamente em alguns sermões que prégara durante o periodo do dominio francez seus sentimentos de fidelidade e affeição ao principe regente, e ao seu governo, animando seus ouvintes, e confortando-os com a esperança de se vêrem livres do captiveiro que os opprimia. Pode mui bem ser que tudo isto assim passasse; porém faltam as provas que nos habilitam para o darmos como certo.

## XXV

O que porém não admitte duvida é, que apenas os francezes se viram forçados a evacuar Portugal depois da perda da batalha do Vimieiro, seguiram-se apparatosos festejos em acção de graças ao Omnipotente, em todas ou quasi todas as egrejas de Lisboa; e que em grande parte d'ellas foi José Agostinho escolhido para interprete dos sentimentos que provocaram aquellas religiosas solemnidades; prégando successivamente (como elle proprio declara) mais de quarenta discursos gratulatorios, todos allusivos a tão grandioso assumpto: d'elles apenas dois se publicaram pela imprensa; os demais tiveram a mesma

sorte que coube á maxima parte das suas numerosissimas producções oratorias: ou não chegaram a ser escriptas, ou extraviaram-se de modo que nem memoria d'elles se encontra.

## XXVI

Por vir a pello, recordaremos aqui a maneira porque José Agostinho se havia no exercicio da prédica, transcrevendo textualmente as suas mesmas palavras, que valerão porventura mais que todos os commentarios que sobre ellas intentassem fazer: «Outro phenomeno de engenho desejava eu observar na republica das lettras; que vem a ser, um homem que conformado em estudos, e com a alma tão inundada do caudaloso rio da erudição, tão possuidor da sua maternal linguagem, de imaginação tão fertil, e em cujo espirito se succedessem tão rapidamente as idéas, umas ás outras, que sem nenhuma preparação prévia sobre qualquer assumpto dado de moral, e na esphera da religião, sobre qualquer mysterio, improvisasse um discurso regular, conforme as mais escrupulosas leis da arte de persuadir, que durasse uma hora; e acabado este discurso, com algum intervallo, não para meditar, mas para repousar, começar sobre outro assumpto dado, novo discurso, que parecesse meditado, escripto, decorado desde longo tempo. Esta maravilha nunca appareceu em França, e se viu só uma vez em Italia, em um só discurso d'esta natureza, improvisado por um capucho de barbas, chamado Seraphim de Vicenza... Ora este phenomeno não visto até agora, existe vivo, são e robusto, em um canto de Portugal, tão esquecido, ou tão por isso notado, como se estivesse morto. Habilitou-se de tal maneira a discorrer improvisamente, que já não pode de outra maneira discorrer em publico. Constituido em acção começa o discurso, e escaldando-se-lhe progressivamente a phantasia, vão succedendo-se em ordem idéas sempre novas: a proposição, ou proposições estabelecidas, são demonstradas com todo o rigor mathematico, sem seccura, mas com toda a pompa e fertilidade da eloquencia; este homem pára de cançado, e não de exhaurido; e tornando o entendimento a equilibrar-se, não se lembra nem de uma só palavra que pronunciasse, e fica por grande espaço em tal inacção, que se assemelha á verdadeira estupidez. Eu não sei apontar qual seja a razão d'essa extraordinaria maravilha.» [1]

---

[1] Vid. *Motim Litterario*, edição de 1811, tom. III, p. 248.

## XXVII

Eis aqui o retrato, que José Agostinho nos quiz de si deixar como orador; pois é evidente que intentara descrever-se no trecho que fica trasladado. Não seremos nós quem haja de decidir se elle desempenhou ou não, em toda a sua plenitude aquelle magnifico programma: muitas vezes o ouvimos, porém essas em tempo que nos não consentia assentarmos sobre o seu merecimento um juizo seguro, e fundamentado. Sabemos que tem sido por seus émulos accusado da nimia verbosidade—de faltas de invenção e disposição nos seus discursos —de penuria de sentimentos affectuosos e *compungentes*—e sobretudo de plagiario, que roubava sermões alheios (o que todavia não vimos até agora provado); porém o que podemos affirmar pelo geral consenso, e de facto proprio, é que elle deixava quasi sempre os seus ouvintes como encantados pela magia de sua impectuosa eloquencia; que ninguem o egualava na arte de dispôr os animos para o assumpto de que tratava: que muitas vezes, tendo de descrever as pacificas virtudes de algum retirado anachoreta, ou de uma santa penitente, começava seus exordios por maneira que parecia se encaminhava a celebrar a memoria de algum afamado guerreiro ou politico consumado; e que dentro em pouco, sem violencia, e por meio de ajustada e agradaveis transições vinha cahir no assumpto que lhe cabia tratar. Se as poucas Orações que d'elle nos restam impressas parecerem hoje insufficientes para justificar o elevado conceito de que em vida gosou, cumpre advertir que ellas não são as mesmas que elle recitava, pois todas foram escriptas depois de prégadas, e portanto não admira que para ellas não passassem todos os rasgos sublimes, e as bellezas oratorias que o auctor, *constituido em acção*, como elle diz, creava e produzia no calor e impetuosidade da declamação.

———

# EPOCA III

## 1808—1820

### I

Deixmáos no fim do periodo antecedente José Agostinho constituido no mais elevado fastigio de sua nomeada como orador, buscado e applaudido no exercicio do seu ministerio, e gosando apesar das passadas indignidades, umas occultas e outras esquecidas, de credito e estima entre muitas pessoas probas e sisudas; conservando ainda a amisade e correspondencia de varios homens dados ás lettras e ás sciencias, com os quaes vivia familiarmente, ou se correspondia por escripto. Quanto ao seu caracter e qualidades moraes, não tinha padecido mudança: aos quarenta e sete annos de edade era ainda o mesmo José Agostinho tal qual o temos visto até aqui, dominado sempre por um tenaz e inveterado orgulho, postoque bem fundado até certo ponto, *verdadeira cegueira*, como elle proprio diz, [1] *que quasi sempre faz despenhar o homem:* nada lhe dando de concitar contra si novos e gratuitos adversarios, e tendo como uma necessidade confessada e reconhecida, a de ter permanente guerra com todos os que se não mostrassem resolvidos a render humilde vassallagem á supremacia com que elle se hia arrogando a qualidade de primeiro sabio, maximo poeta, e incomparavel orador em todo Portugal. Poderiamos talvez desculpar-lhe esta natural soberba, que era até certo ponto justificada pelo conhecimento da propria superioridade, e pela mediocridade dos que

---

[1] Na Censura dos *Lusiadas*, tom. I, p. 51.

se lhe offereciam como competidores: mas o que não admitte desculpa, nem indulgencia é, que na quadra da reflexão, e quando os dictames do entendimento deviam ter adquirido um ascendente capaz de subjugar o impeto das paixões, elle alargasse as redeas ao seu genio petulante e turbulento, e nada escrupuloso em commetter todo o genero de vilezas, e até a trahir os seus intimos amigos, ou porque ahi se lhe antolhasse algum proveito, ou porque intentasse desaggravar qualquer supposta offensa, em que lhe parecesse ver atacada a sua potestade litteraria. Para prova do que avançamos ahi vae um facto, cuja veracidade nunca foi contestada.

## II

Havia em Lisboa um advogado brasileiro, por nome *José Antonio de Sepulveda Gomes*, homem de edade provecta, geralmente bemquisto, e de merecida reputação no seu officio, o qual nos intervallos que lhe deixavam os trabalhos forenses, divertia-se com a cultura das lettras, umas vezes compondo versos latinos justamente apreciados, outras fazendo mediocres traducções de dramas francezes, e outras escrevendo versos em lingua tapuia, que elle qualificava de excellentes; o que podia fazer sem receio de ser desmentido, porque nenhum dos ouvintes a quem os recitava entendia uma só palavra de semelhante linguagem! A sua casa era frequentada por varios individuos estudiosos, com cuja pratica muito se comprazia, entretendo-se todos em litterarias conversações, e elle os tratava affavel e obsequioso. Travando conhecimento com José Agostinho, que lhe fôra apresentado por *José Daniel Rodrigues da Costa*, commum amigo de ambos, depressa se estabeleceu entre elles tão amigavel intimidade, que não passava uma só noute em que o prégador deixasse de ir tomar chá a casa do advogado.

## III

Mais de dois annos durou esta boa convivencia; porém no fim d'este tempo aconteceu que certo dia se suscitasse entre elles uma altercação, trazida pela leitura de um artigo da *Gazeta;* parece que chegaram a vir ás mãos, e José Agostinho sahiu, determinado a tomar uma completa vingança. Apresentou logo no seguinte dia ao Intendente geral da Policia, uma participação escripta em que denunciava o pobre velho accusando-o de maçon, revolucionario e jacobino. Felizmente para este, o Intendente era seu amigo; mandou-o chamar, e mostrando-lhe

a denuncia, sómente o advertia de que fosse d'ahi em deante mais cauto e circumspecto na escolha das pessoas a quem franqueava a sua casa. O que porém parecerá mais estranhavel é que José Agostinho a quem foi por vezes lançado em rosto este vergonhoso facto, nunca se atrevesse a negar de modo positivo tal imputação, que seus inimigos contra elle assoalhavam; parecia antes confessar tacitamente haver perpetrado aquella infamia, soccorrendo-se apenas de miseraveis subterfugios e evasivas, com que procurava como desviar de si o opprobrio de tão negra acção, que sobre elle pesava. [1]

## IV

Quando nos recordamos d'este e de tantos factos ignominiosos, que José Agostinho praticou por todo o decurso da vida, não podemos resistir ao desejo de trazer para aqui, como termo de comparação, um dos seus notaveis trechos, em que elle emphaticamente nos inculca o seu caracter moral como um typo de estoicismo, de probidade, e de philosophica independencia. Veja-se:

Da escuridão no centro me parece
Que rompe o dia, que me chama ao duro
Lagrimoso trabalho, herança minha;
N'uma absoluta escuridade inglorio,
Deixado á reflexão, e á natureza,
Sem murmurar do céo, que assim lhe aprouve,
Em doce paz o tumulo esperando,
Pouco distante já; n'elle se encontra
Diamantino pavez, que os venenosos
Tiros da inveja livida não varam.
Claro sol da existencia o occaso toca;
D'entre nuvens já lança uns debeis raios;
O mundo se escurece, os horizontes
De dubia luz o rosto apenas guardam:
Junto a mim vejo o féretro, já chega,
Eu da noute infinita as sombras entro;
Foi pouco o que passou, nada o que resta;
As pulsações do coração se affrouxam,
Dos labios vai fugir suspiro extremo:
Foi-me a terra madrasta, ingrato o homem,
Sómente cidadão fui do universo,

---

[1] Vid. entre outros o *Espectador Portuguez*, 2.º semestre, p. 156-226, etc.

De humana especie incognito individuo,
Contemplação profunda, alto silencio
Minha partilha foi, fructo ignorancia;
Mas sem que a vil lisonja um pão mendigue,
Nem aos soberbos porticos dos grandes
A dependencia guiará meus passos:
Nem vergonhosa supplica aos ouvidos
De um homem meu egual levei 'té agora!
Falte em que pôr os pés mesquinha terra;
Injusta collisão de almas obtusas,
Abjectos vermes na sciencia, em tudo
Mas grandes na ignorancia, e na impostura,
Me procure azedar cadentes dias:
Nem duro e negro pão, banhado em pranto,
E obtido com suor me escore a vida:
Nem tenha onde evitar (paredes nuas)
O rigor da estação, do tempo a injuria:
Faltem-me sete pés de terra ingrata,
Onde o frio cadaver se me esconda:
Nem abatido o espirito, nem triste,
Nem turvo o rosto me verão no mundo!
N'uma e n'outra fortuna equilibrado,
Do stoicismo rigido na eschola
(A que meu nome dei, e a vida gasto)
Este axioma sem cessar escuto:
«Dos males todos o menor é morte!»
Só chamo minha a morte; a força armada
Dos poderosos despotas da terra
Não m'a podem tirar! A morte é minha;
E pois devo morrer, sou grande, e livre,
Sou nobre, independente, e sou ditoso!
Se em meu estudo ha fructo, o fructo é este:
Nem transitoria vida é bem que valha
De uma vileza só, de um vicio o preço! [1]

Á vista d'este quadro, quem não será tentado a exclamar com o antigo Heraclito:—«Oh miseria! oh fragilidade da natureza humana!»

---

[1] Vid. *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria*, canto III; e *Newton*, idem.

## V

Cabe agora tratarmos das contendas sebasticas, que tamanho brado alevantaram em Lisboa e que, se fizeram arredar para longe de José Agostinho muitos individuos que ainda com elle mantinham relações de amigavel trato ou convivencia, foram por outra parte o primeiro movel da sua immensa popularidade como escriptor; pois que até esta epoca as suas composições conhecidas do publico limitavam-se a essas poucas peças poeticas que havia feito imprimir, quer separadas e avulsas, quer insertas em alguns periodicos litterarios—ao poemeto do *Novo Argonauta*, e á traducção das *Odes* de Horacio: em prosa havia apenas uns dois ou tres *Sermões*, de que daremos noticia no respectivo catalogo.—É sabido que esta seita, ou mania do sebastianismo, começara em Portugal logo depois da perda d'el-rei D. Sebastião na mallograda jornada de Africa; e á vista das duvidas que ainda hoje subsistem sobre a realidade e evidencia do falecimento d'aquelle desventurado monarcha na batalha de Alcacerquibir, a crença da sua existencia e a esperança da sua proxima vinda, bem longe de deverem ser tachadas de loucura, eram pelo contrario desculpaveis e até certo ponto rasoaveis, e justificadas: porém terminado que foi o periodo, em que não era mister o soccorro de milagres ou prodigios sobrenaturaes para se poder humanamente confiar na volta do perdido soberano, a seita já arraigada continuou a ganhar novos proselytos, roborada pela fé dos vaticinios e das prophecias que se foram propagando: o que nenhum espanto deve causar a quem reflicta na credulidade, por assim dizer, innata do povo rude e illitterato, e na sua decidida propensão para o maravilhoso: qualidades sempre instigadas, e aproveitadas pelos astutos e ardilosos embusteiros, que em todos os tempos e logares apparecem dispostos a converter em seu proveito os erros e preoccupações populares;—e que ás vezes são egualmente fomentadas por homens desinteressados e amigos do bem publico, que intentam tirar partido d'esses erros ou loucuras para fins muito honestos e louvaveis, prevalecendo-se da antiga, e quanto a nós falsa e perniciosa maxima—de que o *fim justifica a escolha dos meios.* Esta mania pois veiu a perpetuar-se tanto na capital como no resto do reino, e o numero de seus adeptos crescia constantemente na razão directa das occasiões de crise ou de infortunios e calamidades publicas, o que tambem não é motivo de admiração, supposta a pratica inalteravelmente seguida pelo povo, e por muitos que o não querem ser,

de appellar para os auxilios e remedios sobrenaturaes sempre que desconfiam da efficacia ou sufficiencia dos recursos humanos. A invasão dos francezes em Portugal, seus roubos, extorsões e mais deploraveis consequencias, que fizeram considerar tal acontecimento como a maior infelicidade sobrevinda a este reino, era portanto uma conjunctura mui azada para dar novo incremento ao sebastianismo: e com effeito a seita entrou a propagar-se por modo que contava em gremio não só uma multidão de individuos pertencentes ás classes inferiores da sociedade, que são por via de regra mais dispostas a acreditar semelhantes patranhas, mas tambem numeroso sequito de pessoas de elevada jerarchia, e entre estas muitas que por suas habilitações scientificas e pelo credito de illustração e saber que mereciam no publico conceito, nos fazem hesitar com fundamento ácerca da boa fé e sinceridade de suas convicções, quando se davam a propagar e animar tão desvairados abusos. Havia doctores theologos, taes como o padre João Mourão, que depois foi Monsenhor da Egreja patriarchal, parochos que passavam por mui instruidos, como o era o prior da freguezia de Santos, Antonio Pereira Coelho, religiosos graduados de differentes ordens, por exemplo Fr. José Leonardo da Silva, distincto prégador domicano; habeis jurisconsultos e magistrados, entre elles o desembargador Francisco Coelho de Sampaio, lente de direito na Universidade de Coimbra;—todos estes, e muitos outros membros de tribunaes superiores e pessoas pertencentes á alta nobreza, eram geralmente havidos por *sebastianistas*, e com sua auctoridade escudavam e protegiam a seita e seus adeptos.—Emfim, chegou a affirmar-se (posto que com encarecida exaggeração) que metade da povoação de Lisboa esperava a vinda do *Encoberto!* Felizmente para nós portuguezes, estas preoccupações não tem sido privativas do nosso paiz. Sabe-se que houve em França um medico Nostradamus, cujas predições e vaticinios gosaram lá pelo menos de tanto credito como entre nós as prophecias do sapateiro Bandarra; que entre os inglezes havia, e não sabemos se ainda ha, quem espere o rei Arthur; que os russos no seculo passado solicitavam com fervor a mediação de Deus para com o glorioso São Nicoláo, seu patrono: e que em Napoles se opéra, até em nossos dias, o milagre da *liquefacção* do sangue de S. Januario, a que assistem as pessoas de maior auctoridade e representação n'aquelle reino!—Desculpe-se-nos esta curta digressão.

## VI

José Agostinho determinou atacar de frente estes maniacos. Poderia tel-o feito com maior vantagem para a causa da boa razão, cuja defeza se propunha, e com mais honra e credito seu, se manejando as armas do discurso e do raciocinio tratasse de desenganar os illudidos servindo-se para esse effeito dos elementos que lhe podia subministrar uma illustrada e judiciosa critica, expostos em estylo decente e vigoroso: porém não aconteceu assim. Publicou um folheto, a que poz o titulo — *Os Sebastianistas*, em verdade mais adequado para um poema heroi-comico ou satyra em verso, que para uma obra prosaica, destinada (segundo parecia) a desabusar de sua teima homens que por uma deploravel cegueira andavam desvairados do verdadeiro trilho. Alli, descendo á arena das descomposturas e das personalidades, usando de phrases insultadoras, despertou, é certo, a hilaridade dos leitores, que pela maior parte folgam e se divertem com as satyras quando se julgam fóra do alcance de seus tiros; porém temos por impossivel que convertesse algum sebastianista fazendo-o desertar das bandeiras da sua crença. Appareciam de mistura alguns erros historicos e varias incorrecções e descuidos, que davam azo aos ataques e reconvenções dos criticos. O folheto obteve na verdade uma extracção espantosa: a primeira edição de quinhentos exemplares esgotou-se como por encanto em menos de dois dias; porém o lucro que d'ahi proveiu ao seu auctor assás compensado ficou com o grande numero de adversarios que lhe acarretou tal publicação. Levantou-se contra elle um vendavel furioso; choveram as refutações, os commentarios, as analyses impugnatorias. [1] É certo que não levaram a melhor, porque José Agostinho dotado d'aquella pasmosa facilidade de escrever, que o odio e a inveja nunca ousaram negar-lhe, a todos dava prompta resposta, confundindo e baralhando por tal modo os ataques dos seus contendores, que afinal ficou senhor do campo, porque elles emmudeceram por então; gastando-se n'esta campanha litteraria, que durou mais de seis mezes consecutivos, muito cabedal de dicterios, insultos e reciprocas descomposturas, além de uma avultada quantidade de papel, que é muito para sentir se não applicasse a obras de maior proveito.

---

[1] Para se fazer melhor idéa consignamos aqui os titulos dos folhetos que temos colligido publicados em resposta ou refutação aos de José Agostinho.—São etc. [Não chegou a transcrevel-os, mas acham-se enumerados no *Dicc. bibliographico.*]

## VII

Entre as censuras e reparos criticos que por esta occasião appareceram, foi uma de que José Agostinho muito se doeu e estimulou, a intitulada *Refutação analytica*, composta pelo bacharel João Bernardo da Rocha Loureiro e por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, redactores que então eram do *Correio da Peninsula*, ou *Novo Telegrapho*, periodico politico, N'esta producção, talvez escripta com demasiada acrimonia, vinham stigmatisados alguns dos erros e inexactidões que José Agostinho deixara escapar no seu opusculo. [1] Ancioso pois de tirar uma estrondosa desforra, elle não se contentou de responder por escripto aos seus impugnadores: empregou-se em compor e consegeguiu expor em scena uma comedia, que intitulou *O Sebastianista desenganado á sua custa*, em que *Moniz* e *João Bernardo* eram descobertamente personalisados sob a figura de dois suppostos bachareis, com os nomes de *Louro* e *Nunes*, derivados dos proprios d'aquelles sujeitos: acompanhando isto de outras allusões, pelas quaes ninguem dei-

---

[1] Anecdota para a historia da guerra sebastica em 1810. Falla João Bernardo da Rocha:

«Podemos dar um exemplo de nossa casa. Publicara em Lisboa um folheto extraordinario com este titulo: *Os Sebastianistas* o reverendo José Agostinho de Macedo; e nós, porque nos soaram mal as injurias com que o auctor maltratava uma seita illudida, mas innocente e até de origem patriotica, resolvemos responder-lhe, e sahimos com a *Refutação Analytica*. Este nosso folheto obra era de feira, e até para mais o ser, apenas gastamos parte de uma noite em o compor, com a pequena ajuda de um nosso parceiro: todavia porque o espirito publico estava excitado por a questão, tão favoravel se mostrava a essa nossa ninharia, que em tres dias voaram duas edições. Venderam-se mais de 3000 exemplares, e d'ahi liquidaram-se mais de 600$000 réis. Não pararia ahi o favor popular; mas, que ha de ser? O auctor dos *Sebastianistas* julgando seu caracter offendido na *Refutação*, requereu ao Desembargo que o não fosse para a nossa obra, antes n'ella fizesse arresto. O Desembargo do Paço, que a havia mandado censurar por um dos seus censores ordinarios, o senhor Lucas Tavares, e com a censura d'este deixado imprimir, attendeu ao supplicante, e mandou-nos embargar a obrita, e embargada esteve ella sem se vender, por alguns quinze dias, até que depois de muito vae e vem, muita informação e diligencia, levantou-se o embargo memoravel, e pode tornar a correr Lisboa. Mas não correu, porque a monção d'ella correr vento em popa e era passada; alguns que tinham comprado, foram passando de emprestimo a obra, quando prohibida, aos que ainda a não tinham visto, e assim se mataram desejos á curiosidade, que ainda faltava satisfazer.

Eis ahi como embargos intempestivos podem tirar dinheiro da algibeira aos pobres auctores.— João Bernardo. (*Portuguez*, vol. XII, p. 292.)

xaria de reconhecel-os. Era o argumento do drama um imaginado logro, pregado pelos dois bachareis ao velho *Pantaleão*, sebastianista acerrimo e abastado, a quem depois de lhe extorquirem tres mil cruzados, moeram o corpo com pancadas, na occasião em que por suas artes conseguiram attrahil-o á praia da Junqueira a titulo de receber uma mensagem do *Encoberto*. Os espectadores, que quasi sempre se comprazem quanto encontram no theatro semelhantes allusões a factos ou pessoas conhecidas, applaudiram muito esta comedia, que teve oito representações successivas, coisa pouco vulgar n'aquelle tempo. José Agostinho ficou tão pago d'este primeiro ensaio, que logo tentou segunda investida: apresentando uma farça onde os ditos dois individuos disfarçados sob os nomes de *Patenio* e *Labieno* coadjuvavam um seu amigo no intentado roubo que este procurava fazer a uma velha rica, a quem promettia casamento para lhe sacar as riquezas que possuia. Esta composição porém foi mal acceite e retirada do theatro apoz as primeiras representações. *Pato Moniz*, querendo usar de represalia. escreveu uma especie de parodia do drama de que acima falamos, intitulando-a *O Anti-sebastianista desmascarado*, cujo autographo temos á vista: n'ella fazia reverter sobre José Agostinho todo o odioso do supposto logro ao sebastianista, addiccionando-lhe em varios episodios todas as torpezas, que a fama assoalhava pelo mundo como praticadas por José Agostinho em diversos tempos: todavia, ou porque desesperasse de obter licença para levar á scena este libello famoso, ou por qualquer outro motivo, desistiu do seu intento, e a peça conserva-se até hoje nos primeiros borrões, com o que, segundo ajuizamos, pouco se perdeu.

## VIII

D'estas desavenças porém resultou a José Agostinho uma quebra mui attendivel nos seus pecuniarios interesses, porque d'ahi em deante escacearam as encommendas de sermões. Entre os adeptos do sebastianismo havia muitos que figuravam conspicuamente nas mezas das rmandades e confrarias de que Lisboa tanto abundava: estes, o que era inevitavel, escandalisaram-se com razão dos motejos que José Agostinho lhes vibrava nos seus folhetos, e por isso se abstiveram por longo de convocal-o para prégar em suas festividades.

## IX

Outros odios, de não menor importancia por suas futuras consequencias, sobrevieram quasi por este tempo a José Agostinho pelo motivo que passamos a expôr. Principiaram no anno de 1809, e continuaram no seguinte a publicar-se em seu nome, sendo editor o livreiro *Desiderio Marques Leão*, uns folhetos assás mal escriptos (como elle proprio confessa) sob o titulo de *Segredo Revelado*, que todavia não passavam de uma indigesta compilação ou rhapsodia do *Resumo das Memorias para a Historia do Jacobinismo do padre Barruel*, obra na sua origem destinada a tornar odiosa e execranda a ordem ou sociedade dos *Pedreiros livres*, e onde por entre um tecido de embustes e de grosseiras falsidades se depara de longe a longe com algum facto verdadeiro. Posto que não seja hoje possivel discriminar com segurança a parte que José Agostinho teve em tal compilação (que finalmente chegou a conter até seis pequenos tomos de oitavo) do que na realidade pertence a *D. Benevenuto Antonio Caetano de Campos*, clerigo regular theatino, que era n'aquelle tempo acerrimo sequaz e apologista de Macedo, é comtudo mais que verosimil que a este deve attribuir-se toda ou quasi toda a traducção: pois quanto aos prologos que precedem cada um dos volumes, não resta duvida de que sahiram da penna de José Agostinho, tanto que em nosso poder conservamos os autographos de alguns. É certo que elle umas vezes reconheceu por sua aquella traducção [1] e outras nega que para ella concorresse mais que com o seu nome: [2] porém como semelhantes contradições lhe eram mui familiares, não saberiamos até que ponto devessemos confiar em qualquer d'estas affirmativas, se os innumeraveis erros grammaticaes e a incorrecta linguagem d'aquella versão não a indicassem como feita por pessoa que sabia mui pouco do idioma francez, e escrevia ainda peor o portuguez.

## X

Não será tido como fóra de proposito dizermos aqui algumas palavras sobre a questão, que em varias occasiões tem sido ventilada, e cuja decisão *sub judice lis est*, isto é, se José Agostinho foi ou não admittido em certo tempo ao gremio d'aquella ordem, e contado no nu-

---

[1] V. *Os Sebastianistas*, Part. II, p. 15.

[2] V. *Refutação dos principios dos Pedreiros Livres*, 1816, p. V.

mero dos seus membros?—Na resolução d'este ponto observamos sempre notavel discrepancia: porém quando elle podesse (do que muito duvidamos) decidir-se pela affirmativa, ficaria ainda para determinar a epoca precisa, em que a sua admissão houvesse de ter tido logar. Vemos que desde a publicação do *Segredo revelado*, em 1809, até o anno de 1831 em que falleceu, José Agostinho se empregou sem tregua em combater a referida sociedade, espraiando-se em continuas declamações e ataques virulentos contra os membros d'ella: as provas d'isto com facilidade as encontra quem se dá ao trabalho de abrir os escriptos de José Agostinho publicados por todo o sobredito periodo. Como pois haverá quem supponha verosimil que em taes circumstancias elle tentasse unir-se aos mesmos contra quem com entranhavel rancor cuspia e vomitava em successivas torrentes o fel das injurias e dos sarcasmos? Isto excederia, a nosso ver, os limites do mais cynico desvergonhamento. Mas ainda concedendo que o tentasse, seria possivel que a Maçonaria portugueza, que então formava um corpo compacto e unido, se resolvesse a franquear a um jurado inimigo, que tão raivosa e porfiadamente a guerreava desde tanto tempo?—Parece este o caso de dizermos com o poeta—*Credat Judæus Apella, non ego.* Acredite-o quem quizer, que para nós será sempre despido do menor vislumbre de verosimilhança que tal recepção se realisasse dentro do periodo a que nos referimos. Resta porém a duvida se ella teria logar antes do anno de 1809; aqui não apparecem em verdade inconvenientes tão visiveis: porém é facto que seus mais acerrimos inimigos, que nunca o poupavam, contentavam-se com assegurar que elle buscara por vezes ser admittido, porém que apesar de suas instancias o não conseguira, em razão do seu máo procedimento e vergonhosas acções notorias a todo o mundo.[1] Elle reconvindo taes asserções, affirmava positivamente o contrario, isto é, ter sido convidado para aquelle effeito e que regeitara o convite. Citaremos as suas principaes palavras no logar em que mais descoberto falla sobre este ponto: «Duas vezes fui convidado (desmintam-me os convidadores, que ainda estão vivos, B... e S...) respondi com estas palavras=N'essa companhia de... ou se dá alguma coisa, ou se ensina alguma coisa: Dar? Vocês são uns pobres e gulosos; Ensinar? Vocês são uns ignorantes: eu cá me irei remediando com o proprio fundo. Para comer, prégo; para saber estudo; e não tenho muita vontade de amanhecer um dia na In-

---

[1] V. por todo o *Correio Brasiliense*, vol. XVII, num. 99, p. 209, e num. 102, p. 676.

quisição ou no Limoeiro.=Mas você saberá todos os segredos politicos...=A mim não me importam as vidas alheias, lhe tornei eu: foram-se, e não tornaram mais.»[1]—De todo o referido julgamos dever inferir com probabilidade que quasi toca as raias da certeza, que elle não pertenceu em tempo algum a tal associação: e mais nos corroboramos em nossa opinião ao ver a falta de conhecimento que elle mostra, sempre que n'isso fala, do regimen e policia interna da ordem, de seus gráos, dignidades, etc., trocando umas, alterando outras, e dando em tudo evidentes provas de que não tinha outras noticias de semelhantes particularidades além das que havia colhido na leitura de Barruel, ou nos ditos vagos do vulgo ignorante.

## XI

O que porém é certo, é ter elle por vezes sollicitado o seu ingresso como socio na Academia real das Sciencias, sem que o podesse obter: nem ao menos conseguiu que lhe fosse adjudicado o premio que nos programmas da mesma Academia se consignava annualmente para a composição de dramas originaes, quando para esse effeito apresentou ao concurso a sua comedia heroica *D. Luiz de Ataide*, tendo o dissabor de vel-a regeitada. D'aqui proveiu o desdem e despreso que posteriormente manifestava para com aquella litteraria corporação, parecendo até gloriar-se de lhe não pertencer. Muitos logares dos seus escriptos poderiamos apontar, onde este despeito bem se patenteava; mas por prova citaremos dois: seja o primeiro aquelle em que alludindo ao conhecido epitaphio de Piron,

> Ci-git Piron, qui ne fut rien,
> Pas même academicien,

diz, com a usual jactancia que sempre o caracterisou:

> Não foi *Sarpi* Academico, nem *Locke*,
> Nem *Bourdaloue*, *Piron*, nem *EU*, nem muitos![2]

O segundo, ainda mais explicito, é transcripto de uma carta autographa, que temos á vista, dirigida por elle ao Arcebispo de Lace-

---

[1] V. *Espectador Portuguez*, 2.º semestre, p. 54, e tambem *Os Sebastianistas*, Part. II, p. 15.

[2] V. o poema *Os Burros*, inedito, canto II, verso 356 e 357.

demonia, Vigario Geral *D. Antonio José Ferreira de Sousa,* datada de 15 de junho de 1829, onde depois de queixar-se das interminaveis dores que padecia, e que o traziam a braços com a morte, continúa dizendo: «V. Ex.ª por amisade me favorecerá, mandando aos clerigos pobres, de quem sou irmão, que ponha na lapide da minha cova este epitaphio:

> Debaixo d'esta pedra mudo e quedo
> Jaz o moido e moedor *Macedo:*
> No mundo nada foi quando vivia,
> Nem socio foi da magra Academia.

Não me quizeram lá, porque diziam que eu ia para dizer mal de todos: talvez se não enganassem, porque todos o mereciam; porém o que elles não quizeram fazer, fizeram agora os Romanos, mandando-me um diploma de socio da *Academia Tiberina,* em que entram só os primeiros litteratos da Italia, etc.»

## XII

Se José Agostinho perdera até o tempo de que imos tratando, grande numero de seus amigos e apologistas, bem como o favor de uma parte do publico com quem se malquistara por diversas causas, tinha em compensação adquirido certa especie de popularidade e um ascendente sobre o povo em geral, que extranho ás particularidades, se deixava por assim dizer fascinar pelo estylo chistoso e satyrico com que José Agostinho adornava as suas composições; havia egualmente adquirido a decidida protecção de alguns membros da regencia do reino, entre os quaes se contavam o patriarcha eleito *D. Antonio de S. José de Castro,* bispo que fôra do Porto, bastardo da Casa dos Condes de Rezende, e o *Dr. Ricardo Raymundo Nogueira,* antigo reitor do Collegio dos Nobres, homem tido geralmente em grande veneração pela fama que de seus estudos corria, posto que nos não consta deixasse algumas provas ou monumentos, que justificassem aquella nomeada. Como inclinado á poesia, fazia distincto apreço do talento poetico de José Agostinho, que, sem duvida por ceremonia, levava a deferencia ao ponto de lhe dar para revêr suas composições de maior polpa, antes de publical-as, havendo-se por pago quando elle as approvava. [1] Estas amisades poderiam ter sido para José Agostinho fontes

---

[1] V. por ex. *O Espectador portuguez,* 2.º semestre, p. 13.

de maior proveito se quizesse grangear honras ou cargos, que lhe dessem mais elevada posição na sociedade civil: porém o seu orgulho era por extremo demasiado, para que houvesse de abater-se a mendigar empregos ou condecorações. Já ouvimos affirmar que elle tivera por vezes intentos de subir ao episcopado: e nos seus escriptos encontramos uma phrase, que pode mui bem fundamentar essa affirmativa: [1] todavia parece-nos que a sua maior ambição foi puramente litteraria. Queria ser tido como o primeiro sabio de Portugal; e a esta consideração sacrificaria de boa vontade quaesquer outras distincções e prescindiria de todos os interesses. A maior graça que seus protectores poderiam conceder-lhe, era quanto a nós, deixar-lhe uma illimitada permissão de descompor todos os seus émulos e adversarios, e para derramar sobre elles a plenas mãos o fel da satyra impunemente, sem recear obstaculo ou estorvo. Conseguido isto, estavam prehenchidos os seus votos e satisfeito o seu maior desejo.

## XIII

Para darmos alguma idéa da protecção que José Agostinho achava em seus patronos os governadores do reino, referiremos a seguinte anecdota, escolhida entre muitas que poderiamos citar. Depois da publicação do poema *Gama*, de que logo trataremos, appareceram varias criticas e censuras ácerca d'aquella obra, e entre ellas uma succinta analyse, inserta no *Investigador portuguez em Inglaterra*, num. VII, cujos redactores (*Abrantes* e *Nolasco*) sem transcender os limites da moderação, e sisudeza, censuravam com mais ou menos razão varias passagens do poema e apresentavam do seu todo um juizo que não lhe fazia grande honra. José Agostinho estimulado escreveu em resposta uma longa carta apologetica, endereçada aos seus criticos, onde com seu costumado estylo os descompunha, ao passo que defendia a sua producção. Esta carta foi-lhe porém mutilada pelos censores, que não julgaram dever licenciar as personalidades infamatorias, e indecentes provocações de que ia recheada aquella composição. Elle não desistiu do seu intento; pegou de um exemplar da carta impressa, e remetteu-o para Inglaterra, acompanhado de uma missiva em que não só reproduzia todas as mutilações feitas na censura, como tambem accrescentava injurias e doestos pessoaes, que pouco ou nada tinham com a materia que se ventilava, isto é, com o merecimento da obra censurada.

---

[1] V. *Meia palavra sobre o Padre*, 1822, p. 3.

Recorreram os redactores á Regencia de Portugal, queixando-se das mordazes invectivas e modo indecoroso com que José Agostinho os tratava em seu escripto, do qual remettiam copia. Esta representação foi lida em sessão do governo, a o Patriarcha eleito, um dos governadores, encarregou-se na qualidade de Prelado diocesano, de reprehender e admoestar José Agostinho para que se abstivesse de taes procedimentos, como indignos do estado sacerdotal, e desse uma satisfação aos offendidos. Mandou-o portanto chamar ao seu palacio de Marvilla; recebeu-o amigavelmente; mostrou-lhe as salas e ornatos d'aquella residencia patriarchal; e depois de se entreterem por longo espaço em objectos alheios do assumpto, declarou-lhe afinal o motivo porque o chamara: e tendo rido ambos á custa dos queixosos rematou dizendo-lhe:—Não lhe dê isto cuidado: sou seu amigo; mande beber... os medicos[1] e as suas representações.» Assim terminou este negocio; José Agostinho voltou d'aquella entrevista seguro e desembaraçado de todo o futuro receio e prompto a descompor e injuriar o mundo inteiro, porque apadrinhado de tão altas protecções podia seguramente fazer quanto lhe aprouvesse.

## XIV

Porém estes favores e obsequios não foram bastantes para desarmar o genio maledico e intolerante de José Agostinho, que entre os vicios que o dominavam deixou sempre transluzir a mais decidida ingratidão para com os seus amigos e valedores, com rarissimas excepções: por isso, fallecendo o referido patriarcha pouco depois, deu-lhe um distincto logar no celebre poema *Os Burros*, dirigindo contra a sua memoria os tiros da maledicencia, pagando n'esta moeda a protecção e apoio que lhe devera emquanto vivo.

## XV

Somos entrados no anno de 1811, em que José Agostinho deu á luz numerosos escriptos, parte dos quaes foi expressamente composta com referencia a circumstancias occorrentes: outros porém eram obras de ha muito elaboradas, que só aguardavam opportuno ensejo para a sua publicação. Entre estas ultimas devemos commemorar o *Motim Litterario*, reputado por muitos como a melhor obra que de sua penna

---

[1] Abrantes e Nolasco eram medicos.

sahiu. Para a publicar, associou-se com o livreiro *Marques Leão*, e com effeito começou a apparecer em pequenos cadernos periodicos; como fosse bem acceita poderia ir talvez além dos quatro annos promettidos, se logo passados poucos mezes se não interrompessem todas as relações entre o auctor e o livreiro, pelo incidente que em seguida exporêmos.

## XVI

Muitos annos havia, como fica dito,[1] que José Agostinho se dera á composição de um poema epico, com o qual se propunha nada menos que a obscurecer a gloria do inclito cantor dos *Lusiadas:* que supposto em varias partes de seus escriptos, e com especialidade no prologo do mesmo poema *Gama* elle pretenda negar que jámais lhe passasse pela idéa a intenção de *emendar Camões*, forcejando por apoiar sua negativa em palavrosas declamações e sophisticos argumentos, todavia è quanto a nós evidente, que quem vae buscar um assumpto epico tratado por outros auctores, para de novo o apresentar trajado á sua feição, é porque se não dá por satisfeito com a existente e se persuade ser capaz de melhorar o já feito. Este era precisamente o caso em que José Agostinho se collocava escrevendo um novo poema sobre o mesmo argumento dos *Lusiadas;* mostrava por um modo bem claro, que não suppunha aquelle assumpto tratado como cumpria: e se não era para o fazer melhor que vinha então cá buscar com sua nova producção?[2] Expostos assim os termos da questão, vê-se que com legitimo e asisado fundamento lhe attribuiram seus contendores o proposito de *emendar o grande* vate portuguez: e assentado isto, ninguem ousará negar que José Agostinho havia mister uma dose demasiada de amor proprio, e mui erronea consciencia de suas forças poeticas para aventurar-se a tão temeraria empreza com esperanças de bom exito; muito mais se repararmos no modo como ella foi concebida, e primeiro executada; pois tambem é inquestionavel que pelo tempo adeante elle foi polindo, augmentado e melhorando a sua composição; e que esta depois de transformada de *Gama* em *Oriente*, correcta e levada ao maior gráo de apuro que seu auctor soube dar-lhe, deveria ser de justiça tida como um bom poema, superior a muitos que entre nós correm com estima e apreço publico, se não houvesse o attentado ou culpa

---

[1] Vid. Epoca I, § XXII.

[2] José Agostinho declara no *Espectador*, 2.º semestre, p. 99, que Gabriel Pereira de Castro era para elle maior poeta que Luiz de Camões!

original que presidiu á sua concepção, isto é, persuadir-se o poeta de que com aquella obra, por mais que em sua composição se esmerasse, podia contrabalançar e vencer a fama de Camões, derribando este immortal varão do logar que lhe estava assignado pelos suffragios quasi universaes de nacionaes e extranhos!

## XVII

Como quer que fosse, em 7 de maio de 1811 José Agostinho a despeito do parecer e dictame de varias pessoas, tão entendidas quanto desinteressadas, que consultava (em cujo numero entravam o sabio desembargador *Antonio Ribeiro dos Santos* e o muito erudito *Sr. José Maria da Costa e Silva*, com quem ainda mantinha amigaveis relações) deu por completo e acabado no estado em que se achava o seu poema *Gama;* e precedido de uma dedicatoria mais que lisongeira ao seu Mecenas *Ricardo Raymundo Nogueira*, entregou o manuscripto ao livreiro *Desiderio Marques Leão* para que o fizesse imprimir, sob condição de que só se extrahiriam duzentos exemplares, porquanto elle José Agostinho já reservava na mente o plano de o addiccionar e corrigir de novo, para o reimprimir depois; e como esperava que a primeira edição por pouco numerosa teria prompto consumo, pretendia d'ahi mesmo tirar argumento concludente, com que fizesse valer a boa acceitação e conceito que a sua obra merecera do publico, o que muito concorreria para dar á futura edição maior credito. Todavia o livreiro, cuja má fé talvez superabundava em muito a de José Agostinho, quiz tambem especular por sua parte na empreza a que se propunha. Viu que com o producto dos duzentos exemplares vendidos poderia quando muito salvar as despezas da impressão, sem colher para si algum proveito; além d'isto, como era fanatico e enthusiasmado admirador do merito do padre, persuadiu-se que a obra ia extrahir-se mal que fosse annunciada a venda: instigado pois pela avareza e esperança de futuros lucros, com que já contava, fez imprimir furtivamente mil exemplares em vez dos duzentos a que se compromettera com o auctor.— José Agostinho a quem esta velhacaria não podia escapar, tornou-se furioso, e depois de altamente o descompor exigiu que lhe desse quarenta moedas por preço do manuscripto. Este pedido de certo custou mais ao pobre homunculo que todas as contumelias e baldões que soffrera; altercaram por largo espaço, resultando afinal entre ambos um odio implacavel. *Desiderio* levava dias inteiros a vociferar contra o *Padre*, causticando com a sua questão a quantos lhe entravam na loja:

o *padre* desafogava a sua colera fazendo-o figurar sob ridiculas allusões em quasi todos os folhetos que compunha; e por mais o mortificar enviava-lhe de vez em quando pelo correio da posta sonetos satyricos, caricaturas e cartas insultadoras, cujo porte o pobre livreiro era ainda obrigado a pagar. E o peor para elle foi, que a quebra de suas relações com José Agostinho trouxe comsigo a suspensão do *Motim Litterario*, de cuja publicação tambem agourava avantajados lucros, ficando-lhe em ser a edição do *Gama*, de que mui poucos exemplares se venderam, mórmente porque não eram passados tres annos quando José Agostinho apresentou de novo o mesmo poema refundido em *Oriente*. Assim soffreu o justo castigo da sua ambição e falta de boa fé. Muitas vezes o ouvimos queixar-se d'esta infelicidade, cuja lembrança era para elle sempre fresca, bem que tivessem decorrido mais de trinta annos quando nos contava estas particularidades.

## XVIII

Entretanto a publicação do *Gama* serviu, como era facil de prevêr, para dar novo rebate aos emulos e antagonistas de José Agostinho, que tocaram a l'arme contra elle, sahindo-se com diversas criticas e censuras, umas impressas em folhetos avulsos, outras insertas nos jornaes portuguezes que por esse tempo se imprimiam em Londres. [1] José Agostinho não se dando por vencido, produziu grande copia de respostas, sem que todavia conseguisse melhorar o estado da sua causa. Porém é tempo de passarmos a outras materias; que a extensão do caminho que temos a percorrer não dá iogar a que mais nos demoremos n'este ponto.

## XIX

Tempo havia que José Agostinho esquecido do máo acolhimento que n'outra epoca receberam os seus ensaios dramaticos, voltara de novo a tentar fortuna por esta parte; e ainda ha pouco mencionamos [1] o successo que tiveram alguns dramas por elle apresentados. Conservava então mui intimo trato com *Maria Ignacia da Luz*, actriz que no treatro da *Rua dos Condes* pretendia hombrear com a celebre *Marianna*

---

[1] Mal se acabara de publicar *O Gama* que José Agostinho tratou de refundil-o e accrescental-o, para o publicar novamente.— V. 4.ª carta a etc. A *Meditação* estava composta e prompta em 1812; *Newton*, tambem estava prompta pelo mesmo tempo.

[2] Vid. na presente Epoca o § VII.

*Torres*, que levava após si os applausos de todos os amadores da scena, e que apesar de seus reconhecidos defeitos era no talento artistico mui superior á sua competidora. Mas por isso mesmo José Agostinho (não lhe dando de arrostar a opinião geral) quiz que ella fosse supplantada pela sua protegida; e com este intuito, presumindo muito de suas proprias forças, em verdade n'este genero mais que deficientes, escreveu expressamente para ella algumas peças dramaticas, taes como a *Chlotilde*, etc., que se representaram, as quaes tiveram ephemera acceitação, ou foram para logo desprezadas, ficando tido em conta de ruim poeta dramatico,[1] e a sua dilecta reputada por actriz menos que mediocre, incapaz de rivalisar com *Torres*, apesar de todas as faltas e defeitos d'esta. D'aqui lhe provieram ainda malquerenças e inimisades, e afinal um desaguisado, que não deveria extranhar, elle, que dera pouco antes o exemplo com a sua comedia *O Sebastianista*, que acima mencionamos: porém que nem por isso deixou de mortificar em summo grão o seu genio violento e irascivel. Como os pormenores d'esta anecdota sejam pouco sabidos, julgamos dever consignal-os n'este logar com todos as suas circumstancias.

## XX

Era *Antonio Xavier Ferreira de Azevedo* um escriptor dramatico bem quisto do publico frequentador dos theatros, que via representar com interesse e applauso as suas producções, ao passo que as de José Agostinho apresentadas em diversas epocas, eram, senão pateadas, friamente acolhidas; sem contar aquellas de que os comicos não queriam encarregar-se por anteverem o máo exito, que seria infallivel em sua representação. Isto era de per si muito sufficiente para que Xavier incorresse no odio de José Agostinho, que desejoso de arrogar-se a supramacia absoluta em toda a especie de litteratura, e naturalmente invejoso, mal podia soffrer que lhe fossem preferidas as composições

---

[1] No *Motim Litterario*, edição de 1811, tom. III, p. 102, diz José Agostinho: Tenho lido *quantas tragedias ha*, e nenhuma é absolutamente perfeita, porque de todos os assumptos tragicos não ha mais do que *um*, susceptivel de toda a perfectibilidade das regras: não quero agora bulhas com os professores de poeticas: algum dia apparecerá.» Qual era pois este tão preconisado e nunca visto prodigio? Teria elle aqui em vista a sua *Branca de Rossi*, que depois se imprimiu em 1819? Se assim foi, cabe-lhe de justiça, e muito a proposito o

Parturient montes, nascitur ridiculus mus!

de um tal competidor, aliás destituido de maiores conhecimentos e estudos, porém que descobrira o segredo de agradar aos espectadores, e que contava numeroso sequito de amigos, atrahidos de suas estimaveis qualidades pessoaes. Accrescia porém, para cumular a rivalidade dos dois escriptores, que *Antonio Xavier* era o amante de *Marianna Torres*, e que esta roubava a *Maria da Luz* os applausos do publico, o que era para José Agostinho um crime imperdoavel. Já se vê que não podiam deixar de romper as hostilidades; e com effeito José Agostinho sem algum outro incentivo, além do que fica dito, declarou guerra de morte a *Antonio Xavier*, começou por declamar virulentamente contra elle em toda a parte onde se achava; e passando em breve das injurias verbaes a obras impressas, escreveu e deu á luz a 1.ª e 2.ª Cartas de *Manuel Mendes Fogaça*, onde incivil e descomedidamente invectivava duas recentes producções de Xavier intuladas *Adelli*, e a *Preta de Talentos*, que tinham sido recebidas com o costumado enthusiasmo e affeição de seus numerosos partidarios; e não se contentando com a censura dos dramas, deixava escapar de envolta alguns doestos e vituperios contra o auctor e contra os comicos, que os haviam representado, empregando para estes ataques pessoaes tão malignas quanto mal disfarçadas allusões. Á vista de taes hostilidades não provocadas, *Antonio Xavier*, bem que dotado de caracter inoffensivo e incapaz de deprimir as reputações alheias, assim estimulado perdeu de todo a paciencia, e determinou tirar a sua desforra. Compoz para este effeito uma comedia, a que poz o titulo *O mau Amigo;* n'ella recapitulou com chistosa mordacidade todos os factos e acções desairosas que a fama apregoava de José Agostinho, apresentando-o manchado de vicios e torpezas; e para pôr o sello á sua obra, incumbiu o desempenho d'aquelle papel a *Caetano de Sousa*, actor de conhecido merito entre os do seu tempo, e que levava a vantagem de se assemelhar na figura a José Agostinho. O actor tomou o caso tanto a peito, que por alguns dias andou seguindo o *padre*, ensaiando-se na imitação de seus gestos, modo de assoar-se, tomar tabaco, etc., e até da sua entonação de voz; e quando se julgou bem adestrado, em todos estes pontos, e provido de um traje em tudo semelhante ao de José Agostinho, a comedia foi posta em scena, e produziu conforme o testemunho dos que a viram, uma completa illusão. Os espectadores sentiram e aproveitaram até as menores allusões; e os apaixonados partidistas do auctor applaudiram o drama com uma especie de phrenesi: nos seguintes dias ninguem fallava em outra coisa; as recitas succederam-se sem interrupção, e sempre com a mesma furia de applausos.

## XXI

José Agostinho enfurecido, soltou descomedidos brados; e recorreu ao Intendente geral de Policia, clamando vingança contra um facto, que importava (segundo elle) uma atroz desmoralisação, um ultrage feito ao seu caracter sacerdotal, e finalmente um libello famoso, como tal prohibido pelas leis do reino: e o mais é que tinha razão; porém não se lembrava de que elle proprio dera ha pouco o exemplo, personalisando no mesmo theatro os seus dois antagonistas *Rocha* e *Pato Moniz*, e que a ninguem menos que a elle competia queixar-se de libellos, quando tinha já escripto tantos, contra mortos e vivos, sem o menor escrupulo ou rebuço!—O Intendente, como fosse pouco affeiçoado ao queixoso, não deu grande consideração aos seus clamores; todavia chamou á sua presença o auctor da peça accusada, e ouvindo a sua defesa e as razões por elle produzidas, reservou a decisão do negocio para quando tivesse pessoalmente assistido á representação do drama, o que só veiu a verificar-se passados mais de vinte dias, e depois que Lisboa inteira estava já farta de o ver.

## XXII

Decidiu então aquelle magistrado que a comedia continuasse a representar-se, porém que o figurão, em que o padre apparecia personalisado, mudasse em todo o caso de vestuario. D'esta determinação resultou ainda novo vexame para José Agostinho, porque vagando então em Lisboa uma especie de doudo manso, de alcunha o *Pax vobis*, que vestido exotica e irrisoriamente esmolava a subsistencia pelas ruas do capital, Xavier teve a malicia de fazer que o *Mau amigo* apparecesse d'alli em deante no theatro vestido com um casacão encarnado, em tudo parecido com aquelle que o dito louco trajava, conservando o mesmo chapéo, calções, etc., semelhantes aos do padre. A esta apparição em scena seguiram-se risos immoderados, porque a nova allusão foi desde logo percebida. A surriada continuou portanto a zangar e molestar José Agostinho, sem que todavia lhe servisse de correcção, porquanto logo depois foram apparecendo as Cartas 3.ª e 4.ª de *Fogaça*, bem como o tratado das *Pateadas*, composições recheiadas de injurias e personalidades atrozes contra Xavier, e contra os comicos, que eram quasi todos do seu partido, e que por isso haviam incorrido na indignação de José Agostinho.

## XXIII

Não se dando ainda por vingado, recorreu passados tempos a um novo genero de vindicta, só proprio da sua indole pouco generosa, e do seu caracter desbocado. E foi, que prégando em certa solemnidade na egreja parochial de S. Paulo, acertou de descobrir entre a turba dos ouvintes o proprio *Antonio Xavier*, que morando n'aquella freguezia, concorrera casualmente á festividade que alli se celebrava. Então José Agostinho esquecendo-se do santo ministerio que exercia, e da reverencia devida ao logar onde estava collocado, rompeu n'uma violenta apostrophe contra Xavier, indicando-o por modo tal que todos n'elle reparassem, e soltando pouco mais ou menos as phrases seguintes: «D'aqui mesmo estou vendo um impio, que veiu a este logar sagrado para zombar dos mysterios da nossa religião, e do culto dado ao Altissimo, etc.» Este facto, presenceado por muitos centenares de testemunhas, escandalisou, como era de esperar, todas as pessoas sensatas; é verdade que não ficou impune, porque a Irmandade do Santissimo d'aquella freguezia excluiu José Agostinho de tornar a subir áquelle pulpito, que tão torpemente enxovalhara, perdendo assim por sua indiscrição os avultados redditos que lhe provinham dos sermões que alli prégava com frequencia.

## XXIV

Foi no anno de 1812, que José Agostinho achando-se já malquisto com todo o mundo, pelo assim dizer, pois que até muitos dos seus mais intimos amigos se haviam com elle desavindo cansados de supportar suas maneiras orgulhosas e inexhausta mordacidade, concebeu e executou o proposito de se vingar de todos, compondo o celeberrimo poema que intitulou *Os Burros*, a principio escripto em quatro cantos, e logo levado a seis, e ampliado em mais do dobro de sua primitiva extensão. [1] Este poema, escripto com virulencia e malignidade de que

---

[1] A Dedicatoria e Introducção ao poema foram feitas no anno de 1813, e o autographo d'estas peças existia ainda em 1831 em poder de Joaquim José Pedro Lopes. Na loja de Desiderio Marques Leão, com o qual José Agostinho estava então em boa harmonia, é que elle todas as tardes hia ler aos amigos que alli se juntavam o que diariamente compunha do primeiro poema em 4 cantos, no anno de 1812.—Es-

não houve entre nós exemplo, anterior ou posteriormente, obra unica no seu genero, onde se viam indistincta e petulantemente acommettidas e injuriadas pessoas de todo o sexo, edade e jerarchia, vivos e defuntos, naturaes e extrangeiros, muitos dos quaes José Agostinho nunca vira nem conhecera, onde se punham a descoberto, e se punham patentes á face do mundo quantos vicios e *turpitudes* embora verdadeiras então mais ou menos occultas, deu logar a sentidas queixas, feitas perante os magistrados por alguns dos que se reputavam offendidos, ou calumniados, e pediam uma reparação legal. Com effeito, chegou pela Intendencia geral de Policia a abrir-se devassa contra o auctor. José Agostinho atemorisou-se nos primeiros momentos:[1] porém depois, vendo-se escudado por tão altas protecções como dissemos, tratou de illudir a acção da justiça, para o que se lhe deparou um meio plausivel. Retocou o seu libello, expungindo d'elle os nomes das pessoas offendidas, de quem julgou dever com mais razão recear-se; apagou as obscenidades mais grosseiras, e eliminou parte das atrocissi-

---

tes amigos eram Joaquim José Pedro Lopes, José Joaquim Paes de Sande e Castro, João Augusto da Cunha Feyo, Francisco de Paula Ferreira da Costa e poucos mais.

Em 1813 quiz o Padre fazer nova reforma do Poema ampliando-o com mais dois cantos, mas sómente fez o primeiro e assim ficou o poema até 1814 em que lhe tornou a mecher despresando comtudo o que já tinha feito.

Em 1814 compoz o novo poema em 6 cantos, e á proporção que o hia compondo hia sendo copiado por Joaquim José Pedro Lopes, cuja copia passava logo para a mão de Paula que tambem a hia reproduzindo.

Diz Paula que no anno de 1823 (mas parece que deveria ser pelos annos de 1818 a 1820) compoz o Padre o terceiro poema com o fim principal de extrahir do antecedente todas as allusões e invectivas contra os Bernardos; e aproveitando a occasião fez outras variações excluindo alguns dos individuos e mettendo outros de novo, assim como mudou a proposição, invocação, etc. Em 1818 é que elle começou a mudar de opinião a respeito dos Bernardos, e assim procurou persuadir a todos que a Dedicatoria não era obra sua, nem alguns versos do poema, allusivos á mesma corporação, e foi então que para os lisongear fez a terceira reforma do poema.

N'este mesmo poema de que ultimamente se falla fez o auctor algumas variantes depois da revolução de agosto de 1820, as quaes diz Paula ter copiado das margens do proprio poema original que lhe confiara o auctor.

No anno de 1825 parece que intentou nova reforma do poema introduzindo os individuos que acabavam de figurar no Governo constitucional, porém não passou do primeiro canto e parte do segundo.

Em 1827 intentou reformar novamente o poema que devia compor-se de oito cantos, de que sómente escreveu tres e parte do quarto.

[1] Vid. Carta inedita a João Joaquim de Andrade, secretario do Bispo de Elvas, datada de 11 de setembro de 1813.

mas injurias, que por elle havia semeado. Isto feito, apresentou na Intendencia um exemplar do poema assim desfigurado, protestando ser aquella a sua obra, e não a que seus inimigos lhe atribuiam. Este estratagema surtiu effeito, e a protecção de *Ricardo Raymundo Nogueira* fez o resto. Fingiram capacitar-se de tão frivola desculpa, e não mais se fallou em tal accusação.

## XXV

Já de antemão, para desviar a tempestade que o ameaçava, tinha elle negado publicamente ser auctor d'aquella satyra, ao passo que em particular se gloriava da sua composição, dando até a alguns individuos de maior intimidade copias escriptas de seu proprio punho. Eis aqui como elle se expressa em um de seus artigos no *Semanario de Instrucção e Recreio* (que de sociedade com o seu amigo Lopes publicou durante os annos de 1812 e 1813): «Tudo o que digo, tudo o que escrevo, é sempre interpretado mal; buscam-lhe uma face medonha, por onde o considerem... Fazem versos satyricos *(o poema dos Burros)* e espalhando-os pelos botequins, empurram-m'os, dizem que fui eu: e para dar cabo de mim, não mais seria preciso, se a providencia não acudisse: porque os taes versos são tão máos, tão ensossos, cheiram tanto á eschola Elmana e Filintiana, trazem comsigo, como pintos, para se não confundirem com os da visinha, uma tal calça, que qualquer dirá, se não fôr muito prevenido contra mim:=Elle será de uma lingua damnada, mas de certo não é tão asno! Isto não são versos contra os *Burros*, isto são versos de *Burros!*=Sejam, ou não sejam, não torno mais a fallar, protesto contra a atrocidade dos calumniadores, etc.» [1] Que tal era o juizo que o proprio auctor fazia da sua obra! Entretanto, logo que ella começou a ser mais divulgada, e até applaudida, mudou de rumo; e em muitos escriptos posteriormente publicados, allude a ella com visivel complacencia, dando por vezes a entender que a reconhecia por sua, e que nada lhe pezava de havel-a produzido. [2]

---

[1] *Semanario,* tom. II, p. 173.

[2] Vid. entre outros, o *Espectador,* 2.º semestre, p. 183; o *Homem,* Tent. Phil.

## XXVI

Recordando-nos d'esta composição, e de tantas outras não menos obscenas, que da penna de José Agostinho sahiram em diversos tempos, nas quaes como que caprichava de ostentar o seu descarado cynismo, derramando por ellas as fezes da mais torpe e licenciosa linguagem, vem muito a proposito notar aqui uma das contradicções que eram n'este homem tão frequentes e vulgares. O auctor do poema dos *Burros*, da *Parodia ao elogio de Marianna Torres*, das *Satyras ao redactor do Telegrapho*, o traductor da *Epistola a Priapo*, etc., etc., é o mesmo que, no prologo da sua impressa traducção das *Odes de Horacio*, a pag. XXII, pedindo venia a seus leitores, por haver ommittido o Epodo XII, em razão de suas torpezas,—*se admira e pasma de ver, que um cortezão, como Horacio, escrevendo no meio da côrte mais polida, podesse usar de tão pouco rebuço nas suas expressões!*—E conclue dizendo: «Percam-se embhora quantas odes ha no mundo, e quantas Satyras e Epistolas até agora se hão composto, e não se offenda a modestia com uma só expressão menos casta!»

## XXVII

N'este mesmo anno de 1812, quando José Agostinho se entregava com fervor á composição dos *Burros*, poz elle a ultima lima aos seus dous poemas didacticos a *Meditação* e o *Newton*,[1] os quaes entregou

---

[1] Juizo da Costa e Silva sobre o poema *Newton:*

«Quando no principio de um poema se depara com a palavra *Newton* como titulo, a primeira idéa que nos occorre é que alli acharemos expostos em versos elegantes, e adornadas com as flores da imaginação e as graças do estylo, as theorias do philosopho inglez.—Não é porém isto o que se encontra no *Newton* de José Agostinho, do qual pode eliminar-se tudo o que respeita a Newton sem que o poema deixe de subsistir, porque não contém mais que um catalogo de nomes de philosophos; parece que o auctor havia tomado a tarefa de pôr em verso o Diccionario dos homens illustres!

«Este Poema longe de ser, como seu auctor affirmava, o *Poema em que havia mais imaginação,* é pelo contrario um d'aquelles em que ella se manifesta menos, como se pode ver pela rapida analyse da sua estructura.

«O estylo é frio, sem elegancia, desprovido de colorido, e até mais incorrecto do que ordinariamente costuma ser o do auctor. Apenas de longe em longe se descobre uma imagem viva, uma descripção que possa chamar-se poetica. Entre estas podem citar-se a Esphera de Ptolomeu, e a de Copernico,—sem que deixem todavia

ao prelo: supposto começassem a imprimir-se no dito anno, só vieram á luz no principio do seguinte, e apenas publicados, já elle por um capricho, que mal pode explicar-se, mas que lhe era assaz familiar, não se dava por contente d'aquellas obras no estado em que as deixara; por isso cuidou desde logo em melhoral-as, corrigindo alguns logares, e amplificando outros, preparando assim as segundas edições, que em breve appareceram, a saber, a de *Newton* em 1815, e da *Meditação* em 1818.[1]

---

de contar algumas impropriedades de expressão, e a monotonia de metro.—Contém este poema a cada passo incorrecção de linguagem, obscuridade de expressão, e metrificação habitualmente ruim e mediocre.

«Os melhores versos do Poema são aquelles com que principia o Canto I:

> Já da aurora ao clarão suave e puro, etc.

até

> E mostra em luz envolto o mundo ao mundo, etc.

Parece-me que este poema pouco melhorou com as novas correcções, mas é certo que a mudança do titulo em *Viagem extatica ao templo da Sabedoria*, lhe tirou um grave defeito, e vem a ser: intitular-se *Newton* um poema, em que se não tratou sómente do philosopho inglez, mas de todos os philosophos antigos e modernos.

[1] Juizo sobre a *Meditação*, segundo Costa e Silva:

«De todas as obras de José Agostinho a mais importante é a *Meditação*. Este poema lhe levou longos annos de trabalho e de desvelo, refundindo-o e corrigindo-o muitas vezes, e mudando-lhe o titulo, antes de o dar á luz. Só a historia das suas dedicatorias seria um objecto mui curioso, se eu quizesse aqui explical-as. Quem quizer sabel-a pode consultar o segundo volume do *Observador Portuguez* no artigo *Presumpções*.

«A idéa primaria d'este poema acha-se em um pequeno livro francez em prosa poetica, em que se tratam estas quatro questões:—*Qui suis-je? Ou suis-je? Avec qui suis-je?* e *D'ou suis-je venu?*—José Agostinho enroupcu o conteudo n'este livro com os trechos da Lucrecia, do poema do Padre Dulard intitulado—*Grandeza de Deus nas maravilhas da Natureza*—e de muitos outros poemas philosophicos modernos, e mesmo não é raro achar n'elle trechos extrahidos de livros de outra especie, com a descripção dos céos, que é tirada de um sermão do Padre Petit.—Estes aproveitamentos do trabalho alheio, para lhe não chamar plagiatos, eram tão conhecidos dos poetas e litteratos d'aquelle tempo, que Bocage não duvidou de dizer na Satyra que lhe dirigiu em resposta de outra com que o ex-frade o provocara:

> Alli me esforça ao genio o brio, as azas,
> Coração bemfazejo, e tanto e tanto,
> Que a ti seu detractor protege, e acolhe, etc.

«O poeta falla aqui do poema, como existiu no seu tempo, dividido em 6 cantos, e com o titulo de *Contemplação da Natureza*, pois que só muitos annos depois da

## XXVIII

A proposito do *Newton*, cabe contarmos aqui uma anedocta, que de alguma sorte explica os emphaticos elogios, que n'aquelle poema se prodigalisam á Inglaterra e a todas as suas cousas. Quando o auctor

---

morte de Bocage é que José Agostinho o reduziu á fórma que hoje tem, e com que foi publicado pela primeira vez em 1813 e pela segunda em 1818.

«Deixando porém esta questão da originalidade, que pouco interessa a pluralidade dos leitores, e em que não fallaria se o auctor não tivesse feito tanta bulha com os suppostos plagiatos de Luiz de Camões, esquecendo-se de que quem tem telhados de vidro não deve atirar pedradas aos dos visinhos, e considerando a *Meditação* no estado em que ella se nos apresenta, direi que o mais grave dos seus defeitos é a inferioridade do quarto Canto relativamente aos tres que o precedem. Este Canto para ser bem executado, demandava mais conhecimentos philosophicos e theologicos do que o auctor possuia, e sobretudo mais genio poetico, mais riqueza de estylo, e viveza de imaginação. Em nenhuma parte da obra se mostra o auctor menos poeta do que n'este quarto Canto; alli o estylo é cansado, o colorido sem força nem viveza, a versificação languida, as comparações poucas, os episodios nenhuns; o Poeta contenta-se de fazer um catalogo dos philosophos, e das suas opiniões. Esta mania de fazer catalogos de auctores... mas quanto era superficial a erudição do auctor! não é assim que Young trata os objectos religiosos e metaphysicos: elle profunda as materias, discute-as e ellucida-as com franqueza, exprime-se com força e concisão, e derrama com mão profusa as flores da eloquencia e da poesia. Mas Young era grande litterato e grande poeta, e o auctor da *Meditação* não era nem uma cousa, nem outra.

«Outro defeito, e esse é de todo o poema, consiste na esterilidade dos episodios; um poema didascalico ou descriptivo não pode escusar este adorno; assim o entenderam Virgilio, Lucrecio, Thompson, St. Lambert e o Dr. Darwin, em muitas opiniões o primeiro dos poetas didascalicos da Europa moderna.—Invectivas a Napoleão e allusões á guerra com os francezes, são as unicas fontes dos episodios da *Meditação*, tão fraca é a invenção do auctor!

«Um defeito talvez mais grave é a falta de imaginação no estylo, em logar de pintar as cousas, de traçar quadros, e de coloril-os com força, contenta-se pela maior parte das vezes de as expôr como um tratado em prosa, e caminha em vez de voar.

«A linguagem, posto que mais correcta, não deixa por isso de deixar muito que desejar em pureza e riqueza de phrase e de vocabulos.

«Tambem seria de desejar que o Poeta usasse algumas vezes da fórma dramatica, pondo em scena interlocutores, em vez de elle falar sempre. É este um artificio de que os grandes poetas costumam lançar mão para tornar mais variados os assumptos que tratam.

«Egualmente me parece que o poema ganharia muito se o poeta houvesse empregado opportunamente algumas *machinas*: o maravilhoso é essencial em poemas extensos, e lhe communica mais vida e mais interesse.

«Devia do mesmo modo cortar repetições, que não podem deixar de desagradar ao leitor severo: tal é a que se observa nos seguintes versos:

se determinou a publical-o, era ministro britannico em Lisboa *Sir Charles Stuart*, este cavalheiro passava por mui instruido, e grande amador da litteratura peninsular, paixão que degenerava talvez na bi-

---

Em convenção pasmosa os ursos *vivem*,
Em bando os corpulentos elephantes,
Sem odio, sem rancor, nos bosques *vivem*.

Estes dois *vivem* no final de dois versos com um só de permeio, são uma negligencia indesculpavel em um homem, que se presa de escrever bem.

«A versificação da *Meditação* é como a de todas as obras de José Agostinho, sem variedade, sem movimento, sem attenção á quantidade das syllabas, e descahindo ás vezes no prosaismo, como acontece n'estes versos:

Os crocodilos, os hypopotamos,—
Eis se dilata vigorosamente,—
Tambem lhe dicta a lei livre vontade—
E sentem só vicissitude as fôrmas.—

Outras vezes pecca na dureza e escabrosidade, como nos versos seguintes:

Quem não dirá que escuta o sabio eximio?—
Inda ignoro do mundo o auctor, e a causa,—
Romper de todo ao hnmano entendimento,—
Voou co'a mente acêza em vacuo eterno,—
O orgulho ao pé da cinza é cinza e nada. etc.

«José Agostinho pertence á eschola franceza; mas nunca pode egualar os seus collegas, alguns mesmos que valiam menos do que elle, no apuro e harmonia metrica: tinha certa dureza de ouvido, a melodia nem na prosa, nem na versificação; por isso os seus versos parecem todos fundidos no mesmo molde, e quando os ouvimos recitar, julgamos escutar o som d'uma pendula, que dá duas pancadas em intervallos eguaes, ou o rechinar d'uma nora, que só de longe em longe se affasta do seu sonido unisono.

«Mas apesar d'estes defeitos, e de outros que um leitor intelligente poderá sem custo descobrir, pede a imparcialidade que confessemos que n'este poema se deparam alguns trechos de boa poesia, algumas bellezas que podem compensal-os e affiançar-lhe a estima de posteridade, ao menos emquanto formos tão pobres como a presente n'este genero de poesia. Citaremos para exemplo a invocação ao Eterno, que abre magestosamente o 1.º Canto da *Meditação:*

E pois tiraste a machina do mundo
Co'uma só voz do nada, oh Ser immenso,
. . . . . . . . . . . . . . . . .
São tuas as canções, que tu me inspiras,
Sejam dignas de ti, e eternas sejam.

«É egualmente bem escripto este trecho sobre a união da alma com o corpo, que se lê no mesmo canto:

bliomania de que nos deixou provas, não só na diligencia com que tratou de ajuntar durante a sua residencia em Portugal, uma copiosa collecção dos nossos melhores livros, mandando egualmente vir de Hes-

---

Sei que é substancia immaterial minha alma,
Um tenebroso véo me envolve o resto.

. . . . . . . . . . . . . . . .

O primeiro mortal, seu reino e sceptro,
Que momentanea duração tiveram!

«No mesmo canto se faz notar a pintura do homem selvagem, pela energia concisa e força de expressão com que está traçada; em poucos quadros apresenta o auctor um colorido tão vivo:

Pelo vasto sertão sem lares giram
Quaes feras brutas, que só pasto buscam

. . . . . . . . . . . . . . . . .

Viveram meus eguaes, e ainda hoje vivem
Muitos que esconde a America opulenta.

«Aqui até á versificação sahiu do som monotono habitual; e devisa-se n'estes versos um movimento pathetico, que raras vezes se encontra nos escriptos de José Agostinho, em cujo coração duro e egoista mal cabiam estes assomos de sensibilidade.

«Pode citar-se como uma das mais poeticas a seguinte descripção do sol, e da sua influencia na economia da natureza:

Oh fulgurante sol, figura, emblema,
Do esplendor immortal! És d'elle a copia!

. . . . . . . . . . . . . . . . .

Depois de tantos seculos intacto,
Conserva a mesma luz sem mancha ou sombra.

«No mesmo segundo Canto nos explica o auctor pelo modo seguinte a theoria da origem dos rios:

O luminoso sol ao vasto oceano
Rouba em vapôr subtil ceruleas ondas

. . . . . . . . . . . . . . . .

Já não lhe esconde a natureza a fonte,
Já pode o sabio ver pequeno o Nilo.

«No 3.º Canto o mais abundante de descripções, avultam entre ellas a do coqueiro e a da oliveira:

Oh pasmoso coqueiro! Eu te contemplo
Cheio de assombro nos extensos campos.

. . . . . . . . . . . . . . . .

panha as obras dos mais celebres auctores d'aquelle paiz, mas tambem quando fez imprimir em Londres á sua custa, e com avultado dispendio, uma edição do antigo *Cancioneiro* denominado do *Collegio dos*

---

Ao soccgado habitador dos bosques
É sustento, é bebida, é casa, é tudo.

«Esta descripção é bella quanto ao estylo, mas ha n'ella algumas inexactidões quanto á materia.—Segue-se a oliveira:

Quanto me apraz nos campos lusitanos
A famosa, pacifica oliveira.
. . . . . . . . . . . . . . . . . .
Meditação profunda uniu distantes
Objectos entre si, e ás Musas torna.

«As reflexões patheticas com que termina este trecho, são proprias do genero, profundamente sentidas, e deviam encontrar-se mais a miudo n'este poema outras semelhantes; mas a mania de citar nomes, e de ostentar erudição, lhe diminuiu algum tanto o effeito. Não ha obra de José Agostinho em que se não manifeste mais ou menos a falta d'aquelle dote precioso, que se chama bom gosto, e que só é capaz de marcar os limites do que convém dizer.

«Citarei tambem a pintura do Condor, que pode servir de modelo por sua brevidade e energia:

Das negras serranias assomando
Que o longiquo Acapulco em torno assombram.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Raro os olhos o veem, raro apparece
Quanto convem da especie á permanencia.

«Não é bem pintado este gigante dos ares? Terminaremos juntando a estas descripções a do leão e do tigre, que são das mais bem coloridas do poema:

Menor em corpo, em animo mais forte,
Ruge o fero leão, duro monarcha.
. . . . . . . . . . . . . . . . . .
Mais crueis entre si que as féras todas
De que o tigre é monstro e opprobio achamos.

«Por estes extractos creio que poderá o leitor fazer idéa do merito d'este poema, que com a *Lyra Anacreontica*, eo que resta da traducção de Stacio, se alguma vez se imprimir, deve servir de fundamento á verdadeira reputação de J. Agostinho; tambem por elles se verá que na sua composição procede por incisos, fechando o sentido em dois outros versos, em logar de arredondar periodos longos e harmonicos, como praticam os grandes oradores e poetas.»

*Nobres*, destinada unicamente para brindar os seus amigos e pessoas de sua escolha, repartindo apenas alguns exemplares pelas mais notaveis Bibliothecas da Europa.—José Agostinho, pois, desejoso de tirar partido d'esta conjunctura, deu-se pressa a acabar o seu poema, com o pensamento reservado de offerecel-o a este ministro. Com effeito enviou-lhe um exemplar, ricamente encadernado, acompanhando esta offrenda de uma longuissima carta, em que se espraiava em hyperbolicos e encomiasticos louvores a elle Stuart, a Newton e á nação ingleza em geral. Por este modo contava elle satisfazer duas paixões, a sua cubiça, e a sua vaidade: a primeira, porque esperava em retribuição algum grandioso presente, a segunda, porque, além dos agradecimentos e louvores do embaixador, julgava que este por sua influencia faria com que a obra fosse honrosamente commemorada em alguns jornaes inglezes, o que muito concorreria para dilitar e engrandecer o credito do auctor.

## XXIX

Suas esperanças ficaram de todo burladas. *Sir Charles Stuart*, ou porque o poema lhe não agradasse, ou porque tivesse alguma prevenção contra o poeta, limitou-se a accusar a recepção em uma carta de poucas linhas, tecida d'aquellas phrases ordinarias, que nada mais significam além da civilidade e boa educação da pessoa que as escreve, Desappareceram as idéas de qualquer outra recompensa, e os jornaes de Londres conservaram-se mudos a respeito de semelhante composição, de que nenhum cargo se fizeram. José Agostinho houve de contentar-se com a missiva do ministro, a qual não deixou de alardear em publico, como um titulo de gloria litteraria, mostrando-a com ufania a toda a gente, ao passo que em suas conversações mais particulares desafogava o seu despeito, accusando o inglez de ignorante e de avarento. Não se pôde conter, que lhe não dirigisse um disfarçado tiro no poema dos *Burros*;[1] e se não o mimoseu com algum dos seus costumados libellos, seria menos por falta de vontade, que pelo bem fundado receio de que se tão qualificado personagem se desse por offendido, e se queixasse ao governo, decerto não passaria incolume o seu arrojo.

---

[1] Canto I. v. 284.

## XXX

Temos visto como José Agostinho encetara a sua litteraria carreira dedicando-se á poesia lyrica, que por algum tempo cultivou, sem que todavia conseguisse transpôr as balizas da mediocridade; porquanto as suas producções ficavam todas muito áquem dos bons exemplares antigos e modernos, carecendo umas, d'aquelles rasgos de sublimidade e grandeza proprias dos vôos pindaricos, e faltando a outras o chistoso desalinho e viveza de colorido dos modellos horacianos. Parecia que conscio da sua inferioridade e negação para este genero de poesia, o tinha de todo abandonado, quando inesperadamente appareceu no anno de 1813 com algumas Odes, que fez imprimir em folhetos avulsos, dirigidas a *Lord Wellington*, ao *Imperador Alexandre*, ao *Principe Kutossow*, etc. N'estas producções, marcadas com o cunho de verdadeira inspiração, mostra attingir as bellezas do genero lyrico-heroico; seus mesmos emulos e adversarios (com pouquissimas excepções) sómente encontraram n'ellas objecto para encomios e applausos; e os louvores que alguns lhe endereçaram por taes composições[1] tornam-se tanto menos suspeitos, que provinham de pessoas por elle offendidas, que aliás o não poupavam em outras occasiões. Finalmente no sentir de bons entendedores são trechos de excellente poesia, que ainda hoje se fazem percorrer com gosto, deixando a magoa de que seu auctor não cultivasse mais assiduo e desvelado um campo onde podia recolher tão sazonados fructos.

---

[1] No *Investigador Portuguez*, em Inglaterra, n.º XXII, a pag. 181, vem a Ode a a *Lord Wellington*, precedida de um pequeno proemio dos editores, concebido nos termos seguintes: «Apezar de não gostarmos da recommendação que vem no prefacio da presente Ode, pelo proprio auctor, confessamos ser esta uma das producções, que nos parece merecer logar na litteratura portugueza: e com o mesmó espirito de imparcialidade que censuramos algumas das suas obras, fazemos o merecido apreço d'esta, em que o auctor reconheceu melhor o aviso de Horacio, quando lembra aos emprehendedores poeticos o *Quid ferre recusent, quid valeant humeri;* e sem lhe ser preciso rivalisar os manes de illustres mortos, achou a vereda que guia ao Parnaso, sem despenho, marchando pela estrada da gloria nacional, etc.»

A Marquesa de Alorna dirigiu-lhe uma Ode, que vem no tomo II, pag. 89, em que lhe louva a que compozera em honra de Lord Wellington.

É um elogio, que bem diz com as satyras que Macedo tantas vezes lhe fez nos *Burros*, etc., etc.

## XXXI

Aproveitando todas as occasiões de mostrarmos a imparcialidade com que nos propuzemos redigir estes apontamentos, reservamos para este logar absolver a memoria de José Agostinho de uma calumnia (que por tal a temos) com que alguns seus inimigos pretenderam deprimir seu credito e moralidade; como se para isto lhes não sobrasse (ainda mal!) superabundante materia em tantos factos notorios e incontestaveis, sem precisão de recorrer a outros, impossiveis de provar, e que apresentam o caracter da inverosimilhança. Fallamos do supposto roubo por elle feito a Bocage, quando este se achava no derradeiro extremo da vida, de uma pretendida porção de manuscriptos, que depois conservara, no intento de se aproveitar d'elles, dando-os por obras suas. Esta arguição, tantas vezes repetida por *Moniz* e *Couto*, e por outros que d'elles a houveram, é, nos parece, destituida de solido fundamento. O estylo de Bocage differe tanto do de José Agostinho, que ninguem que fosse provido de senso commum, e de qualquer conhecimento, ainda que mediano, d'esta especie de cousas, podia equivocar-se acceitando como de José Agostinho versos de *Manuel Maria*. Para se dizer que elle levasse o fito em aproveitar só os pensamentos ou idéas originaes, para vestil-as ao seu modo, ainda o temos por mais incongruente; quando vemos que a formosura das poesias de *Bocage* toda consiste nas graças e louçania do estylo, na excellencia da metrificação e na arte de adornar com elegancia idéas e pensamentos triviaes. Finalmente, é sabido que *Bocage* possuia genio de invenção: logo, n'aquelles suppostos manuscriptos pouco ou nada podia aproveitar por este lado José Agostinho. Accresce ainda um facto, que nos faz grande peso para desconfiarmos da veracidade de tal arguição: é vermos incluir no numero das obras, que se diziam roubadas e retidas por José Agostinho a traducção do poema da *Agricultura* de *Rosset*, a qual ao mesmo tempo que *Moniz* a dava como existente em poder d'elle, apparecia impressa no tomo segundo dos *Verdadeiros Ineditos de Bocage*, que o dito Moniz foi incumbido de colligir e publicar; apparecendo até completada por elle, traduzindo todo o VI Canto, e corrigindo ou aperfeiçoando alguns outros!

## XXXII

Vimos ha pouco reproduzida esta, quanto a nós tão infundada accusação na *Livraria classica portugueza*,[1] cujo erudito auctor, que sem duvida se fundou em antigos rumores ou menos exactas informações, não pode alterar n'este ponto a opinião que assentamos. Ahi se avança além do que por vezes já fôra dito, pois dá-se como certo, que José Agostinho *presidira á impressão de dois volumes* de Obras posthumas de *Bocage*, nos quaes até *inserira versos proprios em proveito de sua vingança:* mas, seja-nos licito perguntar, que volumes são estes a cuja impressão Macedo *presidiu?* Se se trata dos tomos IV e V intitulados *Obras poeticas*, que sahiram em 1812 e 1813, estes foram colligidos pelo livreiro *Marques Leão*, coadjuvado pelo *Sr. José Maria da Costa e Silva*, e José Agostinho que já n'esse tempo se não corria com algum d'elles, tanto não interveiu em tal publicação, que pelo contrario a satyrisou no folheto *Considerações mansas*, etc., para cuja leitura appellamos. Se porém se entendem os dois tomos, que com o titulo de *Verdadeiros ineditos*, tambem designados IV e V, appareceram nos annos de 1813 e 1814, esses foram coordenados e dirigidos por *Pato Moniz*, o que é sufficiente para desviar qualquer idéa de intervenção da parte de José Agostinho. Temos pois toda a certesa de que elle não cooperou de modo algum n'estas publicações; e por isso continuamos a julgar despida de toda a verosimilhança a referida accusação. Oxalá que o procedimento de José Agostinho se apresentasse sempre tão illibado como cremos que n'este caso o estava!

## XXXIII

Pelo fim do anno de 1814, ou no principio do seguinte, uma nova insolencia, commettida por José Agostinho lhe ia dando em que cuidar, se a fortuna, como quasi sempre, não acudisse impensadamente em seu auxilio. Já vimos (§ XXIV) como elle conseguira tirar-se do máo passo em que o lançára a composição do poema dos *Burros*, o que parece deveria servir-lhe de freio para ser mais circumspecto em semelhantes producções. Porém não aconteceu assim. Bem longe de supprimir o poema, tratou como temos dito, de amplifical-o, addicionando-o com dois cantos, e introduzindo n'elle tal multidão de personagens,

---

[1] *Noticia da vida e obras de Bocage*, (Liv. Cl., part. VII, cap. VI, pag. 97).

que póde affirmar-se que não escapou pessoa notavel por jerarchia, distincta por talento, ou apontada por vicios e defeitos em todo o ambito de Portugal, que não viesse figurar n'aquella monstruosa epopéa satyrico-burlesca, cuja leitura se tornou commum, multiplicando-se os transumptos de modo que em breve adquiriu quasi tanta publicidade como se estivesse impressa. E como se isto não bastasse, ainda de tempo a tempo se entretinha em compôr novas satyras individuaes, onde derramava torrentes de injurias por entre montões de torpissimas e obscenas phrases, que tanto mais escandalosas se tornavam a olhos sisudos, quanto menos convinham ao decoro e dignidade do seu caracter sacerdotal, e á edade madura em que se achava. Entre estas satyras foi notavel uma que escreveu pelo tempo a que alludimos, na qual sob o titulo *Assim o querem, assim o tenham*, repetiu as infamias do costume, contra seus antagonistas, sem que todavia poupasse muitas pessoas, que jámais o tinham offendido de palavra ou por escripto. N'ella, como nas demais, levava sempre farto quinhão o tenente do corpo de Engenheiros *Luiz de Sequeira Oliva*, antigo redactor do *Telegrapho Portuguez*, que não tendo nunca atacado (que nós saibamos) José Agostinho, era por elle atrozmente injuriado em varias satyras pessoaes manuscriptas, bem como em artigos impresos, e sobretudo no poema dos *Burros*. *Oliva* fizera até então pouco caso d'estas provocações; afinal vendo que José Agostinho, não satisfeito de o mimosear a elle, soltava tambem infames e torpes allusões contra a senhora com quem de fresco se achava casado, jurou tomar uma completa vingança do seu detractor.—Apresentou uma querella contra este, documentada com os traslados dos infames papeis que a voz publica lhe attribuia, e que debalde elle procuraria negar.

## XXXIV

O juiz do crime do bairro de Mocambo abriu devassa sobre o caso, e procedeu ao inquerito de testemuuhas, de qne o queixoso produziu um numero mais que sufficiente, e de cujos concordes depoimentos resultava ser José Agostinho tido e havido por auctor d'aquellas infamias. Este vendo-se por assim dizer, collocado a dois passos da sua ruina, recorreu novamente ao favor de Ricardo Raymundo, invocando o seu valimento: e tal era o ascendente que tinha sobre este homem, que o governador do Reino esquecendo-se do elevado cargo que occupava, não se pejou (dizem) de ir pessoalmente procurar *Oliva* em sua casa, e instar com elle para que desistisse do seu empenho!

—Tudo farei por obsequiar a V. Ex.ª, menos isso (tornou aquelle). Sou um militar honrado, e acho-me atrozmente ultrajado na minha honra. Se o meu indigno aggressor não fosse um clerigo, tel-o desafiado, e seria forçoso que um de nós ficasse estendido no campo; mas como o duelo não pode ter logar, foi mister o recurso á acção das leis e da justiça que V. Ex.ª tem obrigação de manter: e se esgotados os meios legaes não conseguir a satisfação que se me deve, declaro desde já a V. Ex.ª que tenho até doze mil cruzados para comprar a tripulação de um navio estrangeiro, para lançarem mão do infame libellista, e com uma pedra ao pescoço o sepultarem no fundo do Tejo.—Á vista d'esta terminante resposta, *Ricardo Raymundo* houve de retirar-se: o processo correu seus termos, e se por fortuna de José Agostinho, Oliva não falecesse n'este intervalo, succumbindo á enfermidade chronica que padecia, affirmando as pessoas que o conheceram, que era de caracter tão inflexivel, e tão capaz de cumprir a sua promessa que, ou José Agostinho havia de soffrer a rigida pena comminada pelas leis aos auctores de libellos infamatorios, ou teria cessado de viver.

## XXXV

Longa e enfadonha tarefa seria, sobre exceder muito os limites que nos propozemos, se n'este esboço biographico houvessemos de historiar miudamente todas as composições de José Agostinho, e muito mais se quizessemos ahi sustentar a ordem chronologica, e seguida de suas datas. Proseguiremos pois, tocando sómente aquellas, que por suas circumstancias peculiares indicam alguma correlação immediata com os successos da vida do auctor, ou offerecem materia para derramar maior luz sobre o seu caracter, moralidade e merito litterario; reservando algumas outras particularidades, que porventura hajam de aprazer aos curiosos leitores para serem mencionados no Catalogo ou resenha geral das Obras, que vae no fim, onde com facilidade poderão achar-se os desenvolvimentos, que a terem aqui logar, fariam truncar a cada momento o fio da narrativa.

## XXXVI

Faremos porém uma excepção a esta regra, em favor dos seus tratados—*A Verdade* ou *Pensamentos philosophicos*, publicado em 1814; no qual se propoz refutar as doctrinas metaphysicas e theologicas dos denominados Encyclopedistas:—*O Homem, tentativa philosophica*, im-

pressa em 1815.—*A Refutação dos principios metaphysicos e moraes dos Pedreiros livres illuminados* e a *Demonstração da existencia de Deus*, em 1816; obras que, se não são sufficientes para collocal-o na classe dos grandes metaphysicos e ideologistas do seculo actual, tambem não devem por certo reputar-se tão dispiciendas como alguem tem pretendido inculcar; e aqui as apontamos principalmente para fazer sentir a insolita facilidade com que José Agostinho passava da litteratura amena, ou da composição de suas Satyras, vertentes de fel e de acrimonia, para a exposição das abstrusas e intrincadas doctrinas da Ontologia e da Psychologia. E o certo é que não achou entre tantos seus emulos e adversarios, quantos contava ao tempo d'aquellas publicações, quem tomasse a peito censurar ou analysar algum dos referidos escriptos, cujos assumptos ficavam em verdade mui fóra do alcance de Moniz, Couto[1] e dos mais que parece haverem feito proposito de não deixar escapar obra de José Agostinho sem que se lhe *atravessassem* (como elle diz) *com suas criticas e pedanterias*. Ha todavia quem pense (talvez com plausivel fundamento) que a *Demonstração da existencia de Deus*, mais parece, tanto pelo estylo, como pela fórma e deducção dos argumentos, obra do famoso arcebispo de Evora *D. Fr. Manuel do Cenaculo* (fallecido em 1814) que de José Agostinho. Registando aqui este juizo, não pretendemos ingerir-nos na decisão do ponto, e a deixamos de boamente a quem pela comparativa analyse de ambos os escriptores se julgar apto para proferir uma sentença definitiva. Só lembraremos que não é impossivel que José Agostinho houvesse á mão aquelle manuscripto, talvez roubado ao Arcebispo (com quem elle proprio teve trato por algum tempo)[2] e que apoz o fallecimento d'esta se persuadisse de que podia sem receio dar como sua aquella composição, modificada ou alterada em alguns logares, e que a apresentasse na fórma em que a vemos. Repetimos todavia que não queremos nem pretendemos, que isto valha senão como simples conjectura.

---

[1] Este ultimo, em um *N. B.* que vem no fim do seu *Manifesto critico, analytico e apologetico* em defeza de Camões, impresso em 1815, diz: «Se fôr bem acolhido este escripto, promette o auctor analysar a *Tentativa philosophica*, em que se descobrem muitos erros, e um orgulho desmedido com affeição ao materialista *Spinosa*, auctor prejudicial ou *Helecio* pilhardo.» Não cumpriu a sua promessa, talvez por se não verificar a premissa do *bom acolhimento* do Manifesto. Em todo o caso pensamos que mui pouco perderam as lettras n'essa falta de cumprimento.

[2] Vid. o *Motim Litterario*, tom. IV, a pag. 203 uma anedocta, que assim o dá a saber.

## XXXVII

As composições de José Agostinho multiplicavam-se, e succediam-se umas a outras com prodigiosa rapidez. No começo de 1815 appareceu o celebre poema *Oriente*, isto é, o *Gama* refundido, correcto e amplificado. Este poema, cujo maior defeito, como já indicámos, consistia no pensamento fundamental que lhe dera o sêr, isto é, na presumpção, ousadia e fatuidade de seu auctor, que pretendia com elle offuscar os *Lusiadas*, cuja acção se appropriava, prestava-se por isso a exames comparativos, cujo resultado não podia deixar de ser desfavoravel, quer para a obra, quer para o auctor. Tornamos a repetil-o, o *Oriente* seria de justiça reputado um bom e methodico poema classico, se não existissem os *Lusiadas*. A sua apparição pois, e sobretudo a do Discurso preliminar que n'esta edição o precedia, despertou os animos ainda mal convalescidos das ultimas pelejas e para logo sôou um novo grito de guerra contra o emulo de *Camões*. Varias criticas se publicaram impressas e outras se conservaram manuscriptas; *Pato Moniz*, tomando como os demais a peito vindicar a gloria do illustre vate que no Discurso preliminar do *Oriente* se via aggredido por modo mais que muito insolito e despropositado, sahiu-se com um arrazoado volume a que deu o nome de *Exame analytico e parallelo do Oriente com a Lusiada*,[1] que foi sem

---

[1] Juizo sobre o *Oriente* por José Maria da Costa e Silva:

«A Fabula d'este Poema é sem artificio, os caracteres defeituosos ou apenas esboçados, o maravilhoso é mesquinho e ás vezes absurdo; os Episodios são umas vezes pouco interessantes, outras mal ligadas com a acção. O estylo é monoto, frio, frequentemente plebeu, falto de colorido poetico e de movimento affectuoso. A repetição de idéas, os logares communs, as sentenças triviaes, a versificação languida e monotona tornam a sua leitura cansada e fastidiosa. Debalde se procura um pensamento brilhante e novo, um rasgo sublime, uma pintura energica, um d'aquelles versos vibrados que electrisam a alma, e se gravam na memoria. Tudo é pallido e desanimado; nada que respire enthusiasmo ou que interesse o coração. A linguagem é em geral rasteira e ás vezes incorrecta. Algumas outavas bem fabricadas, algumas comparações, alguns trechos de boa poesia, mas em pequeno numero, são todo o merito d'este poema, mas estas bellezas não resgatam os defeitos, e muito menos podem soffrer o parallelo com as dos *Lusiadas*.

«A despeito das suas pretenções á originalidade, póde affirmar-se que elle em vez de affastar-se quanto possivel de Camões, se approxima quanto póde d'elle; arrastando-se no seu trilho, e até refundindo muitas outavas suas. Ainda mais, não ha no *Oriente* cousa alguma importante, que se não encontre nos Poemas anteriores. Por exemplo:

«A Asia que montada em um elephante, entra a fallar a El-Rei D. Manuel, per-

contradicção o mais bem lançado de todos os escriptos então publicados contra José Agostinho; postoque o seu auctor por vezes trope-

---

suadindo-o a que mande descobrir a India, é o mesmo qne a Fé, que no *Affonso Africano*, de Quebedo, apparece a El-Rei D. Affonso V, e lhe aconselha a tomada d'Arzilla.

«O Anjo que entra depois da Asia é um arremedo do Anjo, que no 1.º Canto do *Jerusalem*, traz a Goffredo a ordem de marchar com a Cruzada sobre aquella cidade.

«A Ilha dos Diabos, no *Oriente*, é imitada da Ilha dos Diabos de Quebedo no *Affonso Africano*.

«A apparição do Genio da idolatria é uma deslavada e ridicula copia do Adamastor de Camões.

«A Donzella que no Canto 2.º se arroja ás ondas vendo fugir o amante, é invenção tomada da *Calypso* de Gabriel Pereira de Castro na *Ullysséa*.

«A Historia que conta o Padre Diabo, do rei que mata por sua mão a dama que despozara contra as Leis do Reino, é a historia de Mahomet II, que degola a sua favorita Irene, para socegar os janizaros sublevados.

«O sacrificio interrompido pelos Portuguezes no Reino de Ogané, e a abolição d'essa horrivel ceremonia, é tirada da Tragedia de Lemierre, intitulada a *Viuva do Malabar* ou talvez da tragedia de Vicente Pedro o *Triumpho da Natureza*.

«Os dois pretos amigos, que no mesmo reino se namoram da mesma preta e a matam, matando-se depois a si proprios, vem tal qual na *Historia philosophica* do Abbade Raynal.

«A historia da creação do mundo, do povo hebreu, do christianismo, que o Gama conta ao Çamorim, é tirada de um poema em prosa franceza, que se intitula: *La Christiade*.

«Ao mesmo poema pertence a visão attribuida a Çamorim no Canto 10.º

«No Canto 11.º descreve-se o bosque sagrado que rodea o templo de Panam, e este é um dos melhores trechos do *Oriente*, mas esta descripção foi imitada da que Lucano fizera do bosque de Marselha.

«A descripção da Estatua achada na Ilha deserta, no canto 3.º, em figura de selvagem americano, é tirada do Canto 1.º do *Caramurú*.

«O Templo da Fama onde no Canto 6.º do *Oriente* o Infante D. Henrique conduz o Gama, é imitado do Templo da Gloria a que o mago Etal conduz a Garcia de Sá, no Canto 10.º da *Malaca conquistada*.

«Á vista d'estas e outras comparações, que seria facil de fazer, fica evidente que no Poema de José Agostinho não ha um só trecho saliente, cuja idéa mãe não se encontre em algum livro conhecido. E é este homem, quem no seu prologo accusa Camões de imitador servil, e de falta de invenção!

«Se este poema tivesse sido publicado antes de apparecerem os *Lusiadas*, é muito provavel que o publico o recebesse favoravelmente como um poema de segunda ordem, como o *Cerco de Diu* e o *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real, a *Conquista de Goa*, de Pina e Mello, etc., aos quaes é muito superior pelo estylo, metro e disposição, mas apresentando-o com o fim não dissimulado de disputar a palma epica da nação, ao Poeta que goza de uma reputação europêa, confirmada pelo sufragio dos seculos, quem duvidará que a censura tem o direito de ser severa, e de exigir do auctor uma obra de primeira ordem e uma composição de genio superior?»

çasse, deixando-se cahir em alguns erros e inadvertencias. José Agostinho embravecido e despeitado de se ver colhido ás mãos por argumentos concludentes, e razões quasi sempre incontrastaveis nem por isso se deu por vencido; em logar de remetter-se ao silencio, alargou as ensanchas ao seu genio satyrico, e começou pouco depois o periodico semanal *O Espectador Portuguez*, cujo fim principal era redarguir a *Pato;* e com effeito logrou o seu intento sustentando aquella publicação por dois annos consecutivos, durante os quaes vomitou contra aquelle um amontoado de grosseiras injurias, de personalidades offensivas e de atrozes descomposturas: sendo muito para notar, e não o deixaremos em silencio, que nem por isso deixou de aproveitar e seguir em grande parte as censuras que *Moniz* lhe dirigira, emendando varios logares do poema conforme os reparos e reflexões do seu critico, de que poderá convencer-se quem quizer tomar o trabalho de conferir as duas edições do *Oriente* (1814 e 1827) entre si, e com o *Exame analytico.*

## XXXVIII

Desejoso tambem de provar suas forças na composição da historia, determinára José Agostinho escrever a das *Conquistas de Africa,*[1] que segundo parece levou pelo tempo adiante até ao fim do tomo terceiro. Esta historia (conforme elle diz) começára por uma noticia geographica d'aquella terceira parte do globo e proseguira, descrevendo a conquista de Ceuta pelos portuguezes, terminando no dito terceiro volume, com a tomada de Tanger e Arzila, no reinado de D. Affonso V. É sem duvida para lamentar que este trabalho fosse depois por elle reduzido a cinzas, em um momento de susto ou de exaspero, no anno de 1822 por occasião das perseguições e odios que contra si suscitou por suas despropositadas declamações e chufas,[2] insertas na *Gazeta Universal,* como depois diremos. Só á vista d'aquelle escripto poderiamos assentar hoje um juizo seguro, e bem concertado ácerca do merito de José Agostinho como historiador.

---

[1] Vid. *Espectador Portuguez,* 1.º semestre, n. 25, pag. 218.
[2] Vid. *Manifesto á Nação ou ultimas palavras impressas,* 1822, pag. 1.

## XXXIX

O que maior assombro e maravilha causava a todos que conheciam José Agostinho, era a incomparavel facilidade com que apresentava tantas e tão variadas composições em tão differentes ramos, ao passo que o viam todos os dias ou na casa da *Gazeta*, então sita debaixo da Arcada do Senado da Camara, no Terreiro do Paço, ou na loja de um chapeleiro no Rocio, onde concorria tardes inteiras em extatica immobilidade, sem contar as suas frequentes digressões a Odivellas, que duraram annos successivos, das quaes em seguida mais de espaço trataremos. Parecia uma especie de prodigio que a este homem sobrasse tempo só para cuidar da parte material de suas obras, quanto mais para imaginal-as e ainda mais para ler a immensa multidão de livros, que lhe era forçoso devorar, de que é evidente testemunho a vasta erudição que transluz por todas as suas composições, de toda a especie, desenvolvendo n'ellas mais ou menos a proposito, tão grande copia de conhecimentos em todo o genio de sciencia e litteratura.

## XL

Elle proprio nos franquêa a chave d'este enigma e não deixaremos de trasladar aqui um trecho, que além de corroborar quanto levamos dito, servirá para mostrar que elle escreveu muito mais do que deixou publicado e o peor, é que esses ineditos ou se extraviaram ou os inutilisou por modo que não ha vel-os, nem consta que alguem os possua, havendo aliás muitos curiosos, seus admiradores, que desde longos annos conservam colligidos com soffrega estimação tudo quanto d'elle podiam haver, não se poupando a trabalhos e diligencias para completarem suas collecções e juntar quaesquer escriptos d'elle, por mais insignificantes que fossem. «Tinha (diz elle) doze volumes de oitavo, acabados; collecção de opusculos de philosophia, de historia, de litteratura e de critica; imprimir-se-hão e depressa sahirá um prospecto para esta impressão, devendo constar cada volume, de oito opusculos e um como appendix de biographia ou necrologia. Isto não é obra que se ha de fazer é obra que está feita; e se me pergunta V. M.ce quando escrevo tanto, passeando sempre e buscando o pão sem dever cinco réis a ninguem, levando manhãs e ás vezes tardes inteiras no meu officio, que é fallar alto e bom som, eu lhe respondo: que gasto mais azeite, que vinho; sem consultar os medicos e sem ser frade ca-

pucho, posso-me levantar regularmente á meia noite e escrever até pela manhã, duas chavenas de bom chá compõem a minha cabeça e logram o meu estomago, e continuo na teima de estudar e escrever até ás onze horas, quando o meu fallar alto me não chama para a rua; janto e durmo até ás tres; depois Rocio, e mundo, e Caes do Sodré a ouvir *verdades puras* e *discursos patrioticos*».[1] Era este o theor de sua vida em 1813. *Diz que encanecera prematurissimamente por um excesso de melancolia em que o lançou o estado de cruelissimas privações.*[2]

## XLI

Convém retrocedermos agora, para tratar de certas particularidades que temos perpassado, alongando-nos em demasia, e levados da affluencia das materias, mas que todavia não deixam de merecer curiosidade, pela immediata ligação que tem com algumas notaveis composições de José Agostinho, além do interesse que geralmente nos conduz a prescrutar os mais reconditos segredos da vida de um homem celebre. Já dissemos no § XIX d'este capitulo, com José Agostinho vivera por algum tempo ligado em intimo trato com a actriz *Maria Ignacia da Luz*, porém este commercio amoroso em breve arrefeceu como era de esperar e José Agostinho voltando-se rapidamente do theatro para o claustro, depressa se lhe deparou para substituir a actriz uma religiosa do mosteiro de Odivellas, por nome *D. Joanna Thomasia de Brito Lobo de Sampaio*, a qual durante annos foi cortejada com assiduidade, fazendo por seu respeito amiudadas visitas áquelle convento.[3] Estas deram azo a que se divulgasse o segredo, e a que seus inimigos tirassem d'ahi assumpto para motejos e zombarias.[4] Era esta dama, ao que parece, dotada de alguma instrucção e apaixonada das lettras; José Agostinho dedicou-lhe as suas *Cartas philosophicas a Attico*, impressas em 1815, bem como a traducção de uma pequena novella com o titulo de *Arrependimento premiado*, que saiu anonyma em 1818. Se tivessemos de dar credito aos elogios e louvores de que são tecidas as dedicatorias que precedem estas duas producções, teriamos que collocar tal

---

[1] Vid. *Semanario de Instrucção e Recreio*, tom. II, pag. 349.

[2] Vid. *Cartas a Attico*, pag. 274.

[3] D. Joanna Thomasia de Brito Lobo de Sampaio vivia ainda em 1858, no convento de Moura, segundo diz o dr. Domingos Garcia Peres.

É mulher de muito má lingua, e parece n'isto herdeira de José Agostinho.

João Carlos d'Almeida Carvalho tambem sabe d'isto.

[4] Vid. *Correio Brasiliense*, outubro de 1816.

senhora, quando menos, a par de Mad. de Sevigné, Dacier ou Staël;[1] porém José Agostinho, encarecia em todas as suas cousas e assim como não sabia criticar sem fazer uso dos doestos e das satyras individuaes, tambem não podia louvar senão adulando aquelles a quem procurava engrandecer, tecendo-lhes os mais encomiasticos e hyperbolicos panegyricos, rescendentes de podres incensos e malbaratadas lisonjas; de tudo isto poderiamos aggregar boas provas, colhidas em suas obras, se tanto fosse necessario e não receassemos enfadar a paciencia dos leitores.

## XLII

Estes amores tiveram seu termo em 1818; e não deixa de ser curioso o modo como finalisaram. A religiosa de quem temos fallado, entretinha correspondencia epistolar com outra da mesma ordem, moradora no convento de Cos (que era, como o de Odivellas, sujeito á jurisdicção do abbade de Alcobaça), chamada *D. Maria Candida do Valle;*[2] e n'uma das sortidas que José Agostinho fazia a Odivellas, *D. Joanna* lhe fez ver uma carta mui discreta, que pouco antes recebera d'aquella sua amiga. O padre agradou-se tanto da linguagem e estylo d'aquella missiva, que pediu in continenti, permissão de ser elle quem fizesse a resposta. Foi satisfeito o seu desejo e parece que por mais tempo continuou a servir de secretario na correspondencia das duas damas. Porém como a tal *D. Maria Candida* viesse a Lisboa, José Agostinho sollicitou ter com ella uma entrevista. Não sabemos o que passaram, porém o certo é que *D. Joanna* foi desde logo abandonada tendo de ceder o campo á sua rival. Cumpre notar que José Agostinho contava então 59 annos e *D. Maria* passava dos 38; foram taes os attractivos que elle encontrou n'esta nova conquista e com tal fervor se entregou á sua paixão, que em tres dias compoz (apesar das cans que lhe alvejavam na fronte), cem Odes anacreonticas, em louvor da sua bella, as quaes deu á luz no anno de 1819,[3] sob o titulo de *Lyra Anacreontica*, em um volume de oitavo, precedidas de uma epistola dedi-

[1] Vid. sobre estas dedicatorias a carta inserta no *Correio Brasiliense*, n.º CVI, março de 1817, pag. 317.

[2] Ignoramos a naturalidade d'esta religiosa, mas sabemos que nasceu em 1780. Tendo voltado para o claustro apoz a morte de José Agostinho vivia ainda no Convento de Almoster em 184... e creem ter fallecido pouco depois d'esse tempo.

[3] Quando em 1819 imprimiu a tragedia *Branca de Rossi*, Garrett fez-lhe um soneto satyrico, que vem a pag. 110 do tom. XVII das suas *Obras*. Conviria talvez transcrevel-o.

catoria, cheia dos seus usados e enthusiasticos elogios.[1] Adiante acharemos occasião para dizermos algumas palavras ácerca d'esta senhora e das suas familiares relações com José Agostinho, que só terminaram com a morte d'este.

---

[1] Juizo sobre a *Lyra Anacreontica* por José Maria da Costa e Silva:

«As duas composições de José Agostinho, que podem affiançar-lhe um logar honroso entre os poetas portuguezes, são a *Lyra Anacreontica* e o poema *A Meditação*.

«As cem odes que com o titulo de *Lyra Anacreontica* sahiram á luz em 1 vol. de 8.º, estão mui longe de merecerem o nome de anacreonticas. Debalde se procuraria n'ellas aquella amavel negligencia, aquella transparencia de colorido, aquelle amor franco de prazer, aquella philosophia epicuristica, a molleza, a graça, a ardencia da paixão e do vinho e a harmonia inimitavel que formam o caracter da poesia de Anacreonte; mas não pode deixar de considerar-se como uma bella collecção de Odes eroticas, com muito engenho e poesia elegante. Uma das melhores é aquella sobre a pouca duração da belleza.

> Vespero surge e já brilha
> Com aquella luz saudosa, etc.

«Podem notar-se-lhe algumas impropriedades de termos, alguns descuidos grammaticaes, mas esse é peccado de costume em todas as obras de José Agostinho.

«Na Ode 8.ª apparece o duello entre a Razão e o Amor, que tão grande papel representa na antiga poesia portugueza. Esta Ode que contem apenas 4 estrophes, não deixa por isso de ser uma das mais bellas da collecção. A sua expressão é forte e brilhante e o maior defeito que n'ella se encontra é o epitheto *sanguento*, que me parece não convir ao combate da razão contra o amor.

«A Ode 10.ª é uma imitação de Anacreonte, porém muito inferior ao original; a segunda estrophe é um amfiguri que nem o auctor seria capaz de explicar. Como é que o *ar vibrado das ondas leva um nome ao peito do poeta?* que ondas são estas que vibram o ar? O Amor, que dá ao poeta uma lyra e lhe manda cantar as armas é uma ficção absurda. No original tudo é coherente. Anacreonte resolve-se a cantar a gloria das Atridas e de Cadmo, antigos heroes da Grecia, pulsa a lyra, mas as cordas resoam *amor*. O poeta põe novas cordas na lyra, torna a afinal-a; porém ellas soam outra vez amor. Então o poeta, perdendo a paciencia, exclama:

> Heroes, para sempre
> Vos deixa o cantor;
> Pois da Lyra as cordas,
> Resoam de amor.—

«Esta marcha de idéas é regular, engenhosa e digna do amavel poeta que a concebeu.

«Na Ode que se segue tomou o auctor um tom mais elevado e mais lyrico chegando-se um pouco ao estylo de Gonzaga:

## XLIII

Acima dissemos (§ XXXVII) como José Agostinho encetara a redacção do *Espectador*, periodico especialmente destinado a refutar as censuras que *Pato Moniz* lhe dirigira no *Exame analytico do Oriente;* porém correndo o tempo, esta obra adquiriu maior latitude, destinando parte d'ella para combater algumas passagens e doutrinas do *Correio Brasiliense*, cujo redactor *Hyppolito José da Costa*, se empenhava em propagar as idéas liberaes entre os portuguezes do velho e novo mundo. José Agostinho porém n'estas suas refutações desmandava-se em personalidades, alvitres e invectivas de tal natureza, que suas folhas soffriam algumas vezes córtes e modificações na censura;[1] até que no fim de dois annos o Desembargo do Paço (tribunal que na esphera de suas muito altas e dilatadas atribuições, abrangia tambem a superintendencia sobre a Censura prévia dos livros e impressos) parece lhe negou licença para a continuação d'aquelle periodico. José Agostinho que não podia ter um momento de ocio, deu logo ordem a outro da

---

Pode este rio sereno
No curso seu não parar? etc.

«A Ode 24.ª sobre uma rosa bordada por Marcia, comparando-a com uma rosa natural, parece ressumbrar o espirito e galanteria de Parny.

Com brandos fios de seda
Marcia bordava uma roza, etc.

«Alguns leitores desejariam e com razão, que o poeta tivesse variado os metros e as combinações das rhythmas. 97 Odes todas em quartetos octosyllabos e com a rhythma no segundo e quarto verso, necessariamente devem produzir cançasso em quem as ler seguidas, e isto é um grave inconveniente em composições d'este genero e muito mais quando não ha variedade de assumptos. Por descuido, entre as cem Odes apenas ha tres em versos hexasyllabos, mas sempre com a mesma combinação de rhythmas. Isto accusa no poeta muita falta de sentimento musical».

[1] O Monsenhor *Ferreira Gordo* foi durante muito tempo encarregado da censura do *Espectador*. Depois passou esta commissão ao Padre Fr. José Joaquim da Immaculada Conceição, dos Menores Observantistas, eleito no fim de alguns annos Arcebispo de Cangranor, com quem José Agostinho conservou em todo o resto da vida uma invencivel inimizade, estimulado dos reparos e reflexões com que o dito padre censor pretendeu (ainda que inutilmente) impedir a impressão da *Reflexão Prévia* ao *Espectador*, 3.º semestre, em razão das affrontosas accusações e personalidades offensivas que n'elle se continham contra Couto e Moniz.

mesma tempera, intitulando-o *O Desaprovador*, no qual sob capa de censurar os viciosos habitos e manias do tempo, ia abrindo largas ensanchas aos costumados vituperios e mordacissimas satyras, com que atacava classes e corporações inteiras, não deixando por isso de envolver a miudo escandalosas personalidades, affectando fallar em geral mas dirigindo sempre os seus tiros a individuos em particular, guardando apenas (não sempre) a forçada deferencia de não lhes estender sobre o papel os proprios nomes e appellidos.

## XLIV

Este homem, que parece havia assumido a si a propriedade do mister de libellista, era prompto em gritar aqui do escandalo, quando se via por alguem retribuido em egual moeda. Ao tempo que elle publicava *O Desaprovador*, outro periodico dedicado ás lettras corria egualmente em Lisboa. Era o *Observador Portuguez*, em cuja redacção Pato Moniz tomára parte. Em varios numeros d'esta folha sahiram alguns artigos contra José Agostinho e seu inseparavel amigo *Joaquim José Pedro Lopes*, que diga-se a verdade, tinham sido n'esta lucta os provocadores; estes artigos, postoque escriptos com acrimonia e talvez em demasia temperados com o sal proprio da satyra, pesados em justa balança, não poderiam ainda assim equiparar-se ás injurias atrozes e diatribes incessantes de José Agostinho. O que não obstante, tanto elle como o seu consocio, julgaram que lhes cumpria impôr silencio aos seus contendores e para esse fim dirigiram ao governo um longo arrazoado em que pediam não só o castigo de Moniz, mas tambem a suppressão do periodico.[1] Apesar da protecção que ambos gosavam, o procedimento de José Agostinho tornava-se tão indecoroso e descommedido, que o governo para não dar mostras de uma decidida parcialidade, recusou-se intervir directamente na questão, commettendo primeiro ao Intendente geral da Policia o exame da queixa e remettendo depois para o Desembargo do Paço a definitiva solução. O tribunal, como para ostentar a sua rectidão, fulminou com egual pena os queixosos e os accusados, prohibindo a continuação, tanto do *Observador* como do *Desaprovador*, de que já se contavam 25 numeros.

---

[1] Vid. a representação e respostas transcriptas no *Portuguez Constitucional Regenerado*, etc.

## XLV

Pois que fallámos em *Joaquim José Pedro Lopes*, não devemos dispensar-nos de dizer alguma coisa a respeito d'este *fidus Achates* de José Agostinho e da especie de relações que ambos contrahiram, servindo-nos para este effeito de alguns traços fornecidos pelo *Sr. José Maria da Costa e Silva*, auctorisada testemunha e competente avaliador dos factos que relata. *Lopes* era um d'estes presumidos engenhos, que não podendo por si só alçar-se do pó da obscuridade, mediocres por essencia, tratam não só de disfarçar a sua nullidade, como conseguem ás vezes credito e preponderancia ainda que ephemeros, a coberto da sombra de algum litterato distincto a quem se encostam. Julgava-se sabio porque entendia mal o latim e fallava correntemente as linguas ingleza e franceza. Comprazia-se de ajuntar livros, dos quaes pelo decurso do tempo formou uma vastissima bibliotheca; lia sem interrupção, postoque a falta de gosto e de principios lhe não deixasse tirar d'ahi grande proveito. Além d'isto fazia versos como os faz muita gente e persuadia-se de que podia interpôr com affouteza um juizo seguro ácerca de quaesquer obras de litteratura, nacionaes e extranhas. E com effeito, diante de quem quer que fosse discutia pontos litterarios com uma loquacidade e desembaraço taes, que deixava muitas vezes seus ouvintes indecisos sobre se mais deviam admirar-se de sua ignorancia, se da intimativa com que fallava. Ora tudo isto não o impedia de ser um homem honrado nos seus negocios privados, polido no trato civil e sincero nas suas convicções.

## XLVI

Tendo começado a sua carreira na qualidade de caixeiro de uma loja de mercearia, soube com suas diligencias insinuar-se na estima de valiosos protectores, por cujo empenho conseguira nada menos que a nomeação de official da secretaria de estado dos *Negocios Estrangeiros* e o cargo de redactor da *Gazeta de Lisboa* a que andava annexo o estipendio annual de seis centos mil réis, o qual junto ao ordenado e proventos do seu emprego, lhe facilitava meios de decente subsistencia para si e sua familia, deixando-lhe ainda com que satisfazer a sua paixão dominante, que consistia em adquirir a todo o custo uma immensa provisão de livros raros e especiaes. O seu conhecimento com José Agostinho datava de 1811, em que começaram a encontrar-se na loja

do livreiro *Desiderio,* onde *Lopes* tambem concorria, no tempo em que José Agostinho trazia entre mãos a publicação do *Gama*. Depois de se sondarem reciprocamente, acharam-se talhados de molde um para o outro e para logo se estabeleceu entre elles a intima convivencia e amigavel trato, que se conservou sempre inalteravel. *Lopes* julgava ganhar grande fama de erudito, partilhando e defendendo as opiniões excentricas e paradoxaes de José Agostinho, coadjuvando-o na redacção de periodicos, inserindo na *Gazeta* annuncios laudatorios e artigos apologeticos a favor das suas abras, fazendo adminiculos ou appendices aos folhetos em que elle rebatia os ataques de seus criticos e finalmente desempenhando o nome de *Sancho Pansa* que a sua devoção para com José Agostinho lhe grangeou entre os inimigos d'este. Por sua parte José Agostinúo não lucrava menos na convivencia de um homem, que longe de querer fazer-lhe sombra, conscio da propria inferioridade, acatava e seguia como oraculos todas as suas decisões em litteratura, havendo-o pelo maior poeta e orador do mundo; que se prestava do melhor grado a copiar e pôr em ordem as suas producções; que até lhe servia de revisor e corrector das provas de impressão, encarregando-se de rectificar datas, verificar citações e de emendar os innumeraveis erros e descuidos ortographicos em que José Agostinho tropeçava de continuo e que emfim, escutava com imperturbavel serenidade de animo e sem nunca replicar as frequentes descomposturas com que *Macedo* nos seus accessos de cholera desafogava n'elle o seu genio irritado.[1]

## XLVII

Entretanto José Agostinho cada vez mais indignado de que as suas invectivas contra os *Lusiadas* não produzissem o fim a que aspirava; vendo que á proporção que avançava em seus dicterios e motejos, se realçava entre naturaes e estranhos a fama do vate portuguez, que o seu *Oriente,* bem longe de offuscar aquelle immortal poema, servira pelo contrario de incentivo para serem melhor estudadas e mais devidamente sentidas e apreciadas as innumeraveis bellezas, que n'elle

---

[1] O *Café do Deserto* era um botequim na rua dos Romulares, pouco mais ou menos defronte da calçada que sobe para a rua Nova dos Martyres. Alli se juntavam todas as noites José Agostinho, Lopes, D. Benevenuto, João Augusto da Cunha, Cavroé e não sei se alguns mais. Isto era pelos annos de 1816 a 1818. Arsejas tem conhecimento d'isto e poderá talvez dar informações mais miudas. Vid. tambem a *Carta 1.ª a Cavroé* e a resposta d'este.

resgatam com tanta usura esses inevitaveis defeitos, que a inveja ou a malevolencia tem pretendido assoalhar e avultar aos olhos do mundo; propoz-se a fazer um ultimo esforço, rompendo todos os diques da decencia, do decoro e por assim dizer do pundonor nacional, depoz os pequenos vislumbres da fingida contemplação, que em algumas occasiões figurava guardar, fallando de *Camões;*[1] empenhou-se não menos em mostrar *ex professo*, que os *Lusiadas* não obstante a sua celebridade e o consenso de dois compridos seculos, apezar de lidos, commentados e tantas vezes traduzidos e louvados, eram na realidade um poema monstruoso, um tecido de erros, de incoherencia e de destemperos, destituido até do menor resabio de estylo e colorido poetico; cheio de versos errados e prosaicos, de incorrecções, de faltas de linguagem e de grammatica. Eis o objecto de dois volumes de oitavo, que no principio de 1820 deu á luz com o titulo de *Censura dos Lusiadas,* obra que diz compozera em dez dias, (valha a verdade!) mas que de certo não era mais que a traducção dos seus pensamentos desde muitos annos. Alli, depois de uma introducção apologetica, onde solta amargos queixumes contra *o começado seculo* XIX, *que quiz* (diz elle) *distinguir-se em insultar e injuriar um homem, que nem em publico, nem em particular offendera á sociedade, fazendo-o olhar como o horror do mundo, sem outro crime mais que a composição do Oriente*, desce a uma severa e minuciosa analyse dos *Lusiadas*, em todos os seus cantos e estancias esquadrinha os mais ligeiros descuidos, assoalha e põe patentes todos os defeitos verdadeiros ou suppostos, que em sua opinião *lançam por terra o edificio* d'aquelle poema, servindo-se ora de razões e argumentos, mais ou menos especiaes, ora de miseraveis reparos, proprios de uma imaginação frenetica e desvairada, semeando por toda a parte as pulhas e os epigrammas, levando em fim os despropositos até ao ponto de affirmar mui seriamente que Camões merecia a forca por ter fallado em desabono do governo do seu tempo!... apodando os seus admiradores e enthusiastas, isto é, todos os que preferiam os *Lusiadas*[2] ao *Oriente* com a irrisoria denominação de *Seita ca-*

---

[1] Vid. por exemplo a Ode Pindarica, que precede o poema *Gama*, na edição de 1811 e o Discurso preliminar do *Oriente*, 1.ª edição, a pag. 80 e a pag. 99 in fine, etc.

[2] Extracto da *Censura dos Lusiadas:*

«Chegou o tempo de ler as *Lusiadas*, com a attenção que dá o despique e a desforra de tantas injurias com que freneticos insipientes me tem atacado com tanta vileza, quanta era a mingoa de razão em tão despreziveis vermes, que confundidos e es-

*moniana* e qualificando-os de tolos e imbecis. Assim se persuadiu ter descarregado de uma vez com braço herculeo o golpe mortal que ha-

---

pesinhados no lodo em que vivem, qualquer luz que appareça os deslumbra e desespera! (I. pag. 585).

«Luiz de Camões é muito digno de respeito e de louvor, foi o primeiro que entre nós architectou um poema heroico, aperfeiçoou e adiantou muito a lingua, é o mais polido dos escriptores do seu tempo... (II. 8). Era erudito e sabia tudo quanto de humanidades no seu tempo se podia saber... (I. 269). Era mui hospede na historia portugueza... (I. 184 e 212). Muito fraquinho theologo (I. 284). Nunca se lembrava do que já tinha dito, nem advertia ou atttentava pelo que devia dizer (II. 7). Nenhum poeta interpretou mais amplamente as leis da liberdade poetica (II. 29). Ignora todas as leis da conveniencia (II. 29). Em decencia e egualdade de costumes, tantos erros commette quantos são os personagens que admitte (II. 31). A primeira palavra que lhe lembra para fechar um verso ou para rimar um verso, é logo empregada sem escolha venha ou não venha para alli (II. 24). Escreve á toa, diz o que lhe lembra e onde lhe lembra (II. 74). Faz o que quer e não lhe importam as regras da boa razão (II. 208). Ha n'elle uma certa disposição para insultar os monarchas portuguezes (I. 199). Nunca perdeu occasião de se mostrar um verdugo contra os grandes e contra os soberanos de Portugal, talvez mais por algum resentimento particular, que por um sincero zelo de gloria e da felicidade da Patria (II. 136).

«O Poema dos *Lusiadas* parece escripto á toa, não se correspondem entre si as partes, os caracteres, as situações (II. 46). Parece um problema irresolvivel o motivo porque se tem lido e traduzido este poema (I. 241). Tiradas do poema as oitavas inuteis, ficava reduzido a cousa nenhuma (I. 280). A preocupação tem acclamado por bellezas o que são verdadeiras monstruosidades (II. 102). Tudo são incoherencias e imperfeições n'este tão preconisado poema (II. 178). As *Divinas Lusiadas* são muito injuriosas aos reis e ás rainhas de Portugal (I. 199). O seu machinismo é absurdo e perfeitamente monstruoso (I. 30). Tem falta de conservação e egualdade nos caracteres (I. 223). Continuadas digressões fóra de proposito (II. 58). São improprios, deslocados e impertinentes os sermões com que vae entresachado o poema (II. 59). A Historia geral e particular do reino enche de tal maneira o poema, que chega a formar a sua totalidade (II. pag. 111). Nos Episodios é o mais imperfeito e defeituoso de todos os poemas epicos (II. 47). O Episodio de Ignez de Castro, no Canto 3.º é a coisa mais deslocada e incoherente que tem apparecido (I. 194). O episodio com o rei de Melinde (Canto 3.º) e o das Bandeiras (Canto 8.º) são inverosimeis, extensos e improprios (II. 113). A decantada prosopopéa do velho de Belem, bem considerada, devia ter feito supprimir o poema desde o seu primeiro apparecimento (I. 242). O episodio de Adamastor sobre ser inverosimil é absolutamente inutil, ocioso (I. 279) e incoherente (I. 266). O episodio dos Doze de Inglaterra é o mais defeituoso, pois nem dimana da acção, nem a ella se refere (II. 49). O episodio da Ilha dos Amores é um additamento ao Poema e uma nova acção (II. 185), composto mais de pinturas do Aretino, que de imagens de uma epopea (II. 213). O oitavo canto é em tudo miseravel e elle só basta para lançar por terra todo o edificio do poema (II. 149). O canto nono é o apuro da indecencia (II. 209).

«O que mais custa a encontrar é o estylo poetico, n'esta tão celebrado poema

via de para sempre anniquilar a gloria do poeta. Mas quanto eram errados os seus juizos n'este ponto!

---

(II. 91). As incorrecções são tão frequentes, que parece que o poeta não só não impozera a ultima, mas nem a primeira lima ao seu poema (II. 71). Cança o entendimento em notar tantas impropriedades (II. 124). Tem versos errados e aleijados (I. 218) e disparatados (II. 89). É peor querer dar interpretações favoraveis aos textos manifestos do *Principe dos Poetas*, por que muito mais se descobrem pela analyse, por suas incoherencias e puerilidades (II. 197). Pouco melindre havia nos qualificadores *(censores)* d'aquelle tempo;... deixando passar o que em todos os tempos e em todas as edades devia ser o escandalo da modestia, e da decencia publica (II. 213).

«A oitava 11.ª (do Canto 2.º) devia então e ainda hoje, fazer supprimir o poema, pois não se devia consentir, que por uma extravagancia de imaginação... se misturasse tão sacrilegamente o sagrado com o profano (I. 98).

«Esta oitava 32.ª (do Canto 3.º) devia desde logo fazer supprimir todo o poema. Ainda em portuguez se não escreveu coisa mais indigna (I. 156).

«Aqui temos a oitava 93.ª (do Canto 3.º) nas *Divinas Lusiadas* claros principios de uma doctrina revolucionaria... (I. 183).

«A oitava 4.ª (do Canto 4.º) é a mais escandalosa de todo o poema (I. 205).

«A oitava 97.ª (do Canto 5.º) envergonha a nação... Não se pode injuriar mais uma nação, nem dar do seu caracter uma idéa mais odiosa (I. 292).

«A oitava 41.ª (do Canto 8.º) é escandalosa, é uma perfeita *inconfidencia* e é um insulto aos procedimentos dos monarchas (II. 137).

«A oitava 28.ª (do Canto 9.º) é para sempre memoravel... Estou bem certo, que se Luiz de Camões o dissesse agora, não seria D. Gonçalo de Coutinho quem lhe mandasse um lençol para se enterrar, mas a misericordia (II. 194).

«A oitava 35.ª (do Canto 9.º) é a coisa mais ridicula que têm apparecido e é uma completa puerilidade (II. 200 e 201).

«Nas oitavas 23.ª, 24.ª e 25.ª (do Canto 10.º) deixaram passar os censores antigos e com elles os modernos. uma atroz invectiva contra el-rei D. Manuel (II. 245).

«Se ha estylo que se deva chamar, não tenue, mas infimo, rasteiro e plebeu, é por certo o da oitava 97.ª (do Canto 10.º), (II. 266).

«A oitava 118.ª (do Canto 10.º) excede todos os apuros do ridiculo (II. 268).

«A oitava 119.ª ainda é mais ridicula que a precedente (II. 269).»

N'este mesmo escripto se avançam proposições taes como as seguintes:

«Que direito tinham (os Portuguezes) para esbulharem os mouros da posse pacifica de um reino, que possuiam desde que o exercito de Muça invadiu e conquistou a Hespanha? (I. 160).

«A desthronação de Sancho II, foi uma obra de facções, de intrigas e de deslealdade, que fez interromper a linha da primogenitura do solio portuguez (I. 181).»

Quanto á linguagem:

«Generalisar — (I. 140).

«Acirrando — (I. 141).

«Tirada (subst.) — I. (179).

«Ridiculo (subst.) — II. 268).

«Tracto (para passagem ou rasgo, etc.) — (I. 195 e II. 42, 51, 134, etc.).»

## XLVIII

Para pôr o ultimo selo a este desvio da sua imaginação, enviou á Academia Real das Sciencias um exemplar d'aquella obra, acompanhado de uma carta, que supposto fosse anonyma, facilmente pelo contexto denunciava o auctor, era concebida nos termos seguintes:

«Senhora Academia.—N'estes dois gravissimos volumes está o desengano formidavel, para confusão da estupidez e da sandice. *Quid legit intelliget.* São as solidas verdades, que se devem dar como reflexões a quem intenta resolver o *doctissimo* programma annunciado na sessão de 24 de junho de 1818. Deixem-se de uma vez coisas puerilmente ridiculas; appareça um dia d'essa *illuminadissima* e immensa corporação de *sabios* alguma composição que acredite a litteratura, sem preoccupações rançosas a respeito do *divino Camões*, que fazendo-nos andar para traz, devendo caminhar adiante, são o descredito da nação e o escandalo do verdadeiro erudito.»

Á vista d'esta carta e do mais que deixamos dito, quasi nos vemos tentados a crêr por verdade o que nos affirmou José Maria da Costa e Silva, como testemunha de facto proprlo, isto é, que o odio a *Camões* e o convencimento de lhe ser impossivel obscurecer a sua fama, haviam inspirado a José Agostinho uma especie de loucura monomaniaca, e que bastava pronunciar diante d'elle o nome do grande poeta, para o fazer espumar de raiva e entrar em freneticas contorsões.

## XLIX

Este anno de 1820 trouxe a Portugal uma nova éra, com a revolução politica proclamada no Porto a 24 de agosto, cujo grito espalhando-se com rapidez pelas provincias do norte se communicou em breve ao reino inteiro, depois da acquiescencia da capital em 15 de setembro seguinte. Não sendo do nosso mister entrarmos na individuação e desenvolvimento d'estes successos, nem tão pouco na apreciação das causas que os produziram, vejamos o modo porque José Agostinho se portou n'este tempo e sigamol-o nas diversas *attitudes* que assumiu durante o regimen constitucional, guardando a mesma imparcialidade que até agora conservámos em tudo o que fica historiado.

---

# EPOCA IV

## 1820—1826

### I

Desde a entrada do anno de 1820 que José Agostinho associado ao seu amigo *Lopes* havia começado a redacção do *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, periodico mensal,[1] que além dos artigos scientificos, extractados e traduzidos dos periodicos estrangeiros, comprehendia muitos outros de variedades, concernentes a diversos assumptos, que eram por ventura a parte mais valiosa e divertida d'aquelle publicação. Entre estes fizera José Agostinho inserir, pouco antes da mudança operada no Porto em 24 de agosto, alguns sobre materias politicas, onde com seu estylo faceto, zombeteiro e insinuante, escarnecia as theorias constitucionaes, já então adoptadas na Hespanha em virtude da revolução, que no principio do mesmo anno restaurara a Constituição de 1812; exemplo que elle estava talvez bem longe de suppôr que tão depressa veria a ser imitado em Portugal. Cumpre notar por esta occasião, que José Agostinho em tempos mais antigos confessara por vezes em differentes occasiões a franca affeição que professava aos principios democraticos e uma decidida propensão para o governo republicano, posto que por effeito de suas costumadas contradicções muitas mais vezes se esforçasse para deprimir e combater tal governo e

---

[1] Julgamos que ninguem confundirá este jornal com o outro que sob o mesmo titulo se publicou pelos annos de 1779 a 1793, 15 volumes de 8.º, onde vem incluidas algumas producções de José Agostinho.

8

taes principios. Mas sem irmos buscar ás suas obras, tanto impressas como manuscriptas, quantidade de trechos que poderiamos aqui trasladar[1] para provas d'aquella affeição, bastará citarmos os seguintes versos em que elle, já proximo a entrar no tumulo, conclue o canto III da sua *Viagem Extatica*, apostrophando á Grã Bretanha:

Escuta o canto harmonico, que nunca
A' vil adulação soube acurvar-se;
Ouve a voz de um philosopho, que sempre
Poz em balança egual choupana e throno;
Que o ente racional n'homem contempla,
O mesmo berço e tumulo — e mais nada!

E nos *Burros*, canto 1.º, verso 749, falla a *Sandice:*

O meu filho Mably, meu filho Jacques,
O meu filho Raynal, da Europa as bollas
De fumo encheram, de esperanças loucas:
Porque os maiores sabichões não pensam
Como esse machacaz, que em versos canta
Meus feitos immortaes e os teus, javardo!
É da cabeça aos pés republicano,
Mas qual fosse Pompêo, qual Tullio ou Bruto,
Labieno e Catão, e os mais da sucia,
Que nenhum Bonaparte albardar póde.
Para o padar de um burro o mel não nasce;
Deixemos isto agora, etc.

Com effeito aquelle que nos seus *soliloquios* traçou tão energica e vivamente o quadro da ventura social e politica disfructada pelos holandezes no tempo do seu antigo governo; o admirador enthusiasta de *Cicero;* o que ainda nos mesmos escriptos dedicados a advogar a causa da monarchia ou do reinado absoluto, não perde jámais occasião de invectivar contra as preoccupações do nascimento e reprova tantas vezes o orgulho dos que pretendem fundar sua preeminencia nas distincções e merito de seus antepassados; sentia, como filho do

[1] Vid. por exemplo, o *Motim Litterario*, tom. III, pag. 157.— *Resposta á carta de um vassallo nobre ao seu Rei*, edição de 1820, pag. 30.— *Um quarto de palavra sobre o Padre*, 1822.— *Os Burros*, Canto I, passim.

Vid. tambem *Carta inedita* a fr. Joaquim da Cruz, datada de 9 de fevereiro de 1830.

povo, brotarem dentro do seu coração as sementes da *egualdade* que em balde forcejava por arrancar[1] e não podia abster-se de deixar entrevêr a espaços o custo e repugnancia com que dobrava a cerviz ao jugo dos privilegios aristocraticos; mas por um miseravel effeito das contradicções inseparaveis da natureza humana, este mesmo homem, inimigo jurado de toda a especie de sujeição que nascido no seio de uma republica seria o primeiro a luctar contra qualquer pretenção de dominio exclusivo ou talvez teria degenerado em faccioso tribuno, foi pelo concurso irresistivel das circumstancias levado a constituir-se durante a sua vida apostolo do *absulutismo* com todos os seus abusos, defensor acerrimo dos privilegios que detestava e antagonista das reformas, ainda d'aquellas que o espirito do seculo tornava inevitaveis e finalmente apresentou ao mundo mais um flagrante exemplo da disparidade entre a theoria dos raciocinios e a pratica das acções, sacrificando á sustentação de uma causa incompativel com as suas intimas convicções, o talento e prodigiosa facilidade de escrever com que a natureza o dotara.

## II

Ao tempo que em Portugal rebentou a revolução, via-se José Agostinho collocado em posição mais que muito difficil e espinhosa. A guerra que desde alguns annos declarava ao maçonismo, accusado por elle de querer republicanisar o mundo; a inimisade que por isso contrahira com todos os que conhecida e decididamente propendiam para a fórma do governo monarchico-representativo, que elle se esforçava por stygmatisar com o primeiro passo para o estabelecimento da democracia; não lhe davam logar a que, sem quebra manifesta das doctrinas que com tamanha pertinacia acabava de sustentar, passasse desde logo a militar no campo adverso, pugnando pelos mesmos principios que tão acaloradameute combatera. Os novos governantes, que bem sabiam quão proveitosos podiam ser seus escriptos para o arreigamento da nova ordem de cousas, attenta a popularidade e conceito de que, máo grado a seus numerosos adversarios, gosava tanto na capital como nas provincias do reino, cuidaram no principio de atrahil-o a si; já convocando-o para dar o seu parecer (bem como outros homens intelligentes, que tambem foram ouvidos) sobre o modo de prover á reunião das primeiras côrtes; ao que elle satisfez, como se vê do folheto que n'essa

---

[1] Vid. o *Desengano*, por exemplo, n.º 5, pag. 11; n.º 14, pag. 11; n.º 19, pag. 8; n.º 22, pag. 4; n.º 24, pag. 4, etc.

occasião publicou; já tentando-o com a promessa de honorificos e lucrativos empregos, inclusivè o de redactor do *Diario das Côrtes*, segundo elle proprio confessa.[1] Com estes promettimentos haviam captado o seu animo, e á sombra das vantagens que esperava, elle se promptificou a servir e advogar os principios politicos novamente introduzidos. Porém estes projectos em breve se dissiparam, porque logo depois a redacção do *Diario das Côrtes*, com que contava, foi conferida a seu capital inimigo Pato Moniz; viu que deixara de ser contemplado na eleição dos deputados ás Côrtes extraordinarias a que tambem aspirava e que portanto se lhe não abria ensejo para tirar utilidade do systema dominante; via pelo contrario seus émulos e antigos adversarios, taes como *Pato Moniz*, *Couto* e outros, que arvorando-se directores da opinião publica, eram escutados e attendidos pelos que assumiram o mando e governança do paiz, com quem se não descuidavam de o malquistar, trazendo a pello suas anteriores composições e indicando-o como provado inimigo das instituições adoptadas. Juntemos a isto suas já lembradas intimidades com o ex-governador do reino *Ricardo Raymundo Nogueira* e com alguns outros individuos, que por terem perdido sua antiga preponderancia, vendo-se prejudicados com as mudanças da ordem governativa, eram de todo o ponto adversos ás idéas de reforma; e em tudo descobriremos assás sufficientes razões para que José Agostinho voltasse á sua preterita posição, tornando-se desde logo campeão do partido dissidente. Accrescia que elle calculava as eventualidades futuras; via que ainda no caso incerto de que el-rei D. João VI, acceitasse no Brazil as reformas proclamadas em Portugal nem por isso o systema adoptado offerecia condições de segura estabilidade e permanencia; por ser de facil intuição que as potencias extranhas, poderosas como eram, ligadas por seu commum interesse não poderiam olhar tranquillamente e desassombradas tão perigosas novidades tomarem corpo na peninsula, d'onde poderiam com facilidade ramificar-se, dilatando-se pelos reinos visinhos e excitando a emulação de outras nações para seguirem o exemplo que Portugal e Hespanha lhes offereciam, e que por conseguinte o systema representativo tinha

---

[1] Vid. Carta III a Cavroé, pag. 8. Foi chamado por Manuel Fernandes Thomaz para prégar o Sermão de acção de graça pela reunião das Côrtes. Elle o escreveu e foi mostral-o aos governadores que o acharam bom, porém Retcliff e Pato Moniz gritaram contra elle, de sorte que o governo a seu pesar foi obrigado a chamar o Padre Vicente, ficando sem effeito a encommenda e elle despeitado e em guerra aberta com o novo systema.

de luctar contra numerosos inimigos, internos e externos, que lhe auguravam uma prematura queda. Estava por tanto José Agostinho mais que resoluto a continuar em seu antigo proposito; porém a conjectura não dava azo para o immediato rompimento das hostilidades, porque exacerbando a exaltação dos animos, era para temer que d'ahi lhe proviessem ruinosas consequencias e pessoaes encommodos; pelo que se determinou a ficar de observação por algum tempo, até que se lhe deparasse opportuno ensejo para começar a nova pugna, que tanto devia concorrer para realçar no futuro a sua celebridade.

## III

O pretexto, que ancioso aguardava, depressa se lhe proporcionou. Desde os primeiros dias do novo regimen tinha apparecido em Lisboa uma alluvião de folhas periodicas, quasi todas diarias, mais bem ou mal redigidas, conforme o talento dos seus auctores, que eram, na maior parte, individuos de mui acanhadas luzes; por isso os taes periodicos não passavam de confusos apontoados, de noticias vagas, falsas e contradictorias, a que se juntavam mal alinhavados discursos, analogos ás circumstancias occorrentes, quasi sempre ennunciados com ruim phrase, e peor grammatica. Todavia, não deixavam por isso de ser procurados e lidos com avidez pelo povo, sempre dominado pelo presente, esperançoso do futuro, e prestes a deixar-se levar das primeiras impressões. José Agostinho pois, aproveitando a occasião, sahiu logo em fevereiro de 1821, com um pequeno folheto, que para maior cautella publicou anonymo, sob o titulo de *Exorcismos contra Periodicos e outros maleficios,* onde sem distincção votava todos ao despreso e proscripção geral, envolvendo de mistura alguns de seus costumados gracejos, com que indirecta e disfarçadamente desacreditava as instituições vigentes e *ridicularisava* os seus fautores e defensores. Posto que o folheto não trouxesse o seu nome, as idéas e estylo bem o denunciavam por auctor de tal opusculo. Teve grande voga; e apoz elle appareceram o *Cordão da Peste* e seu *Reforço*, tambem anonymos, e outros pequenos opusculos dictados pelo mesmo espirito; em todos se disparavam, sob apparentes protestações de respeito e devoção pelo governo estabelecido, encobertos tiros, com que se promovia a reacção dos povos, indispondo-os contra as preconisadas reformas e malquistando-os com os individuos que mais figuravam na scena politica; empreza facilima para José Agostinho, que sabia manejar tão destramente

as armas do ridiculo e que sob o véo de sustentadas ironias, occultava as settas, com que pretendia ferir aquelles contra quem se declarava.

## IV

Estes e outros escriptos analogos e mais que tudo algumas cartas e artigos por elle fornecidos para a *Gazeta Universal* (periodico redigido pelo seu affeiçoado Lopes, que era n'aquella epoca orgão do partido chamado *retrogado* ou *absolutista)* deram causa a que se desenvolvesse contra José Agostinho uma geral irritação no animo dos liberaes; alguns d'aquelles artigos foram accusados de subversivos perante o Tribunal de Liberdade de Imprensa,[1] onde o auctor houve de comparecer, posto que conseguiu uma plena absolvição como logo contaremos. Todavia, resentido d'estas accusações, e receoso de ulteriores procedimentos, que via iminentes, procurou accalmar a tormenta, chegando a protestar que nada mais escreveria em sua vida, e despedindo-se do publico por meio de um papel impresso, que deu á luz com o titulo de *Manifesto á Nação ou ultimas palavras impressas*, onde com sentidas queixas se lastimava das injustas perseguições que se lhe moviam, fazendo hypocritas protestações de sua devoção e affecto pelas novas instituições politicas, augurando a Portugal *as maiores felicidades com a nova fórma de governo* que adoptara. Ahi mesmo deixou escapar um periodo, que bem manifestava seu despeito, e o quanto o governo d'aquelle tempo andara mal avisado em desprezar a sua cooperação: «Se me conhecessem (diz elle) me poderiam empregar.»[2] Temos por certo que d'esta vez lhe fugiu a boca para a verdade! Parece tambem (pelo menos elle assim o affirma) que por esta occasião queimara e destruira muitos de seus manuscriptos, e entre elles a preconisada *Historia de Africa*, que diz chegava já ao terceiro tomo. Supposto não devamos confiar demasiado em suas affirmativas, julgamos este facto tanto mais acreditavel, que só por este modo podemos explicar a falta de muitas composições das quaes não restam vestigios, havendo aliás toda a probabilidade de que effectivamente as escrevera.

---

[1] Vid. a Carta 32.ª a J. J. P. Lopes, 1822, a pag. 10.

[2] Vid. *Manifesto* citado.

## V

Esta promessa de José Agostinho de não mais escrever, produziu uma sensação geral até entre os proprios liberaes, e não faltou quem tomasse o desempenho d'ella como uma especie de calamidade publica. Tal era o predominio que este homem adquirira sobre o espirito dos seus contemporaneos! Os affeiçoados e partidarios do regimen decahido viam n'elle o seu mais valente campeão, e o mais firme sustentaculo da sua causa; os constitucionaes moderados e de boa fé estavam convencidos de que seus escriptos podiam ser de mui prestavel adjutorio, se elle quizesse sinceramente apoial-os. Uns e outros á porfia tratavam de persuadil-o a quebrar o protesto que fizera, porém não se *haviam* mister tamanhos excessos; que José Agostinho ou nunca tivera tenção de cumprir a sua palavra, ou era incapaz de sustental-a; porquanto, antes que decorressem tres mezes já elle apparecia com alguns pequenos opusculos, publicados avulsos, e até sob nomes suppostos, mas que foram desde logo conhecidos e havidos por obras da sua penna.

## VI

Procedia-se no *emtanto* á eleição de deputados para as futuras Côrtes ordinarias; e aqui se manifestou bem claramente o credito e preponderancia que José Agostinho adquirira em toda a parte; pois que apesar dos esforços dos seus inimigos, aliás poderosos e influentes, pode reunir em seu favor avultadissimo numero de suffragios em varios districtos do reino; teve votos em Alemquer, e em Setubal, etc., inclusivè em alguns, onde nem era pessoalmente conhecido. Estes votos foram-lhe todavia riscados e inutilisados por motivo de mui activas diligencias para esse fim empregadas. Convem observarmos aqui que o melhor ou mais especioso fundamento, que se allegava para a sua exclusão, qualificando-o de inelegivel, era a sua qualidade de prégador regio, que simuladamente se queria confundir com a de creado d'el rei; pretexto futil, na verdade, mas que seus inimigos fizeram prevalecer. Comtudo não poderam conseguir que deixasse de ser eleito pelo circulo eleitoral de Portalegre, com 1:513 votos, ficando collocado no logar de primeiro substituto, de que recebeu e acceitou o competente diploma;[1] porém não occorrendo vagaturas em algum dos loga-

---

[1] Vid. a este respeito o *Desengano*, n.º 9, pag. 12.

res de deputados proprietarios, faltou-lhe a occasião de tomar assento no Congresso. Grande pezar e despeito lhe causou então o vêr-se excluido, e privado de exercer as funcções de deputado; e para nos convencermos d'isto bastará recordar aqui o que elle diz, depois de concluidas as eleições, em um dos pequenos folhetos que por aquelle tempo publicou com o titulo de *Carta ao Anão dos Assobios*. Ahi, depois de queixar-se do procedimento com elle havido na capital onde fôra excluido pela vozeria e manejos de seus inimigos, que entre os demais pretextos fizeram tambem valer o de que *estava inhibido de dizer missa por falta de patrimonio,* continua dizendo:—«Então o ourives *Sanctos*, ou alguem por elle *(Pato)*, queria que o Padre fosse capellão das Côrtes ou deputado ás Côrtes? Elle não iria para lá dizer missa; iria para advogar vigorosamente a causa da religião, da constituição, e da Nação; iria para destruir sophismas, se os ouvisse; iria para indicar de continuo se discutisse primeiro e se demonstrasse se em qualquer reforma ou medida adoptada se encerrava com evidencia o beneficio geral da nação e o melhoramento do povo, como a primeira de todas as leis, a mais sagrada de todas as obrigações; iria para conter com uma metralhada de sarcasmos a audacia e insolente arbitrariedade de certos assignantes das galerias, em applausos e desapprovações ou dictados pela ignorancia, ou preparadas pela intriga externa:—iria para fazer espalhar o contentamento por todas as classes, diminuindo com meios conciliadores e prudentes a somma dos descontentes, que podem retardar a gloriosa marcha do systema representativo; iria para atalhar insultos feitos á religião e á moral publica; iria para trabalhar com todos os arbitrios da arrazoada politica na reintegração da perdida união dos dissidentes e retalhadas porções da monarchia constitucional; iria para fazer enxugar muitas lagrimas, reparar injustiças e economisar o pouco, para não faltar a ninguem; iria para o que podesse fazer, dotado de eloquencia, de força e de logica, e não deixar no ministerio passar pela malha a mais ligeira prepotencia. Isto iria o *Padre* fazer, e com um denodo, que não seria supplantado, não digo eu pelas gritarias, mas nem pela sua excommungada gaita. Eis aqui os officios de Deputado, e para isto não lhe era preciso ser, nem sachristão, nem capellão, nem ter patrimonio sentenciado, etc.» Ninguem poderá negar, (jactancia á parte!) que tal programma não fosse excellente; e pena é, que se lhe não facultasse o leval-o á pratica!

## VII

Foi em 18 de novembro de 1822 que José Agostinho compareceu em audiencia no Tribunal Protector da Liberdade de Imprensa, para responder pelo artigo que fizera inserir na *Gazeta Universal* de 28 de março do mesmo anno, e que fôra pelo Promotor fiscal (dizem que em consequencia de ordem superior que para isso tivera) accusado como incurso em abuso de liberdade de imprensa; o capitulo de accusação era fundamentado sobre um paragrapho, em que o auctor proseguindo em um parallelo que já levava seguido, estabelecendo serem *liberaes* e *corcundas* uma mesma cousa, marcava todavia uma differença entre estas classes de individuos, e era:—*que os corcundas professavam muitos e mui diversos officios, sendo uns sapateiros, outros alfaiates, alguns brigadeiros, outros generaes, sacristães, coveiros, etc., emquanto que os liberaes tinham todos um officio, que era o de pedreiro.* Causaria hoje riso a allusão que estas palavras indicavam, mas não acontecia assim n'aquelle tempo; em vista do conceito que o povo fazia das sociedades de Maçons ou pedreiros-livres, que eram vulgarmente havidos com o synonimo de atheus, jacobinos e destruidores da moral, da religião e do governo. Tomou-se por tanto aquella passagem como uma injuria atroz irrogada aos liberaes, e por conseguinte aos ministros e representantes da nação.—Appareceu José Agostinho para ser julgado, e é bem de presumir quanto custaria ao seu amor proprio e nunca desmentida presumpção o ver-se assentado no banco dos réos, e prestes a ouvir a sua sentença preferida por homens, dos quaes alguns eram seus inimigos pessoaes, e todos seus adversarios politicos! Teve porém a delicadeza de não regeitar um só d'entre os que sahiram sorteados. Tinha-se abalado metade do capital para assistir áquelle julgamento e estava atulhada de espectadores de todas as classes e partidos a grande salla do senado da Camara, onde se faziam as sessões do tribunal. O defensor de José Agostinho, que era o advogado *Manuel José de Abreu Gomes Vidal*, redactor que fôra do periodico *Amigo do Povo*, pronunciou um bem concertado discurso, proprio para captar a benevolencia dos juizes. Estes absolveram o accusado, julgando o delicto não provado, e elle saiu da sala entre os applausos e congratulações[1] dos seus

[1] Vid. a *Gazeta Universal*, n.os 257 e 258, de 19 de novembro de 1822, e nas Peças justificativas o documento n.º xx.

afeiçoados e admiradores. O facto tornava-se mais notavel por ser o terceiro ou quarto processo de abuso de imprensa que havia até então apparecido.

## VIII

O Ministerio acabou de convencer-se á vista d'estes factos, de quanto lhe importava atrahir José Agostinho ao seu partido. Entabolaram-se negociações a fim de que se decidisse a escrever franca e directameute a favor do systema constitucional. Dirigiram-se-lhe proposições para este effeito, por parte de alguns dos ministros, as quaes foram por elle acceitas, e ainda estão vivas (1848) as pessoas que serviram de medianeiras n'esta transacção, cujo nomes por isso omittiremos. Depois de algumas entrevistas, e applanadas as dificuldades que se suscitavam, vieram a um accordo commum, e o resultado foi a publicação do *Escudo*,[1] periodico que José Agostinho apresentou em seu nome, do qual saíram varios numeros. Esta composição que pelo tempo adiante elle negou ser sua, posto que por muitas vezes a tivesse reconhecido como tal[2] era apenas um espirito de transição, que devia ser olhado como preludio de obra de maior momento, para a qual elle se preparava no caso ainda duvidoso de que o systema vingasse, pois que se manifestavam indicios de grande abalo, não tanto pelas commoções internas, e revolta levantada na provincia de Tras-os-Montes, quanto pelos formidaveis preparativos com que el-rei de França, ligado aos soberanos do Norte da Europa, que constituiam a denominada *Santa Alliança*, ameaçava invadir a Peninsula, como com effeito aconteceu pouco depois. As doutrinas politicas conteudas no *Escudo*, eram além de ambiguas, ennunciadas n'um estylo secco, emphatico e pretencioso; compunham-se de uma serie de pensamentos deduzidos e encadeados uns nos outros, que envolviam metaphysica assás alambicada, para que podessem ser cabalmente comprehendidas e apreciadas pela maxima parte dos leitores. Finalmente não era esta a obra que se havia mis-

---

[1] *Jornal de instrucção politica*, publicou-se o 1.º numero em 1 de maio de 1823. —Vid. o *Diario do Governo*, de 6 do mesmo mez.

[2] Poucos annos depois, na Carta 3.ª escrita a J. J. P. Lopes, 1827, a pag. 11, declara que o *Escudo* não foi obra sua, e sim do desembargador José Marques Torres Salgueiro, (sem todavia nos dizer o modo como d'ella se apropriara), não tendo elle José Agostinho feito mais que emprestar o seu nome para aquella publicação. Egual negativa lhe vimos fazer n'outra epoca a respeito da traducção do *Segredo Revelado*. Resta para averiguar quando é que José Agostinho falava verdade, em tão repetidas contradicções.

ter, e que d'elle se esperava. Cumpre todavia exceptuar os dois supplementos que *intercalados* publicou com os titulos de *Invasão* e *Santa Alliança,* nos quaes em verdade tratava a materia sem rebuço, e no seu estylo ordinario. Tambem não se atreveu elle jámais a denegal-os depois: limitando a dizer como sua justificação, «*que lhe tinham sido enviadas as minutas para serem enroupadas com o seu estylo.*»[1]

## IX

O certo é, que estas obras taes como eram, foram-lhe exuberantemente recompensadas; e poderiamos até apontar o nome de pessoa, que ainda hoje vive, (1848) que por vezes foi encarregada de lhe subministrar não pequenas quantias. Tambem ouvimos dizer, que durante aquelle periodo, certo ministro lhe commettera a confecção de um manifesto, que o Governo em nome da Nação portugueza tencionava dirigir ás potencias europeas, com o intuito não só de justificar e legitimar a revolução feita, mas tambem de demonstrar a illegalidade e injustiça de qualquer aggressão ou interferencia extranha destinada a destruir as instituições então vigentes. Affirma-se que José Agostinho desempenhara o seu encargo, apresentando o manifesto, porém que o Governo tomando nova determinação, accordara sobrestar n'aquella sua tenção, que pelas occorrencias subsequentes ficou sem nenhum effeito.[2]

## X

Assim corriam as coisas, quando os acontecimentos de maio e junho de 1823 vieram trazer novo aspecto aos negocios politicos de Portugal, fazendo voltar tudo ao mesmo pé em que se achava antes de 24 de agosto de 1820. José Agostinho, que não podia deixar de arrepender-se no intimo do seu coração de haver nos ultimos dias deslizado da carreira que por tantos annos seguira, prestando aquelle ephemero contingente a prol do systema decahido, tratou de soldar quanto antes a sua quebra, e de justificar-se para com os seus correligionarios de *haver* alugado a sua penna ao partido vencido, de quem já nada tinha

---

[1] Vid. na *Tripa Virada,* 1823, o numero 1.º.

[2] José Agostinho, escreveu em março de 1823, um *Manifesto* em que exprobrava ás Nações o quererem oppôr-se á Constituição de 1822. Este foi-lhe incumbido pelo Governo, porém como tinha alguns erros historicos e de datas, não se imprimiu.— *Presente de Portugal,* vol. I, pag. 198.

a esperar. Apressou-se portanto, logo depois da volta de D. João VI de Villa Franca, nos primeiros dias de junho, a dar á luz um papel periodico, com o estranho nome de *Tripa virada,* no qual d'envolta com a sua pessoal apologia, vinham as costumadas investidas e virulentos ataques contra os que acabavam de figurar no passado regimen; tudo porém com phrase tão desbocada, e ultrapassando por tal modo as metas do decoro e da decencia publica, que apenas saido o terceiro numero viu-se inhibido de proseguir ávante, sendo por ordem superior admoestado para que houvesse de moderar-se nas suas expressões; pois que o governo, com quanto absoluto, desejava adoptar as regras de uma prudencia conciliadora, que de nenhum modo se compadecia com as maneiras insolitas com que José Agostinho forcejava por excitar a vingança e execração popular sobre todos os que maior parte haviam tomado nas passadas occorrencias; maneiras que depois foram não só egualadas, mas até excedidas, quando redigiu a *Besta Esfolada* (1828) e o *Desengano* (1830), nos tempos proximos anteriores ao seu fallecimento.

## XI

Impedido pois José Agostinho de, bem a seu pezar, proseguir na tarefa que com tamanho fervor encetara, saiu-se ainda com outra composição analoga, para que obteve licença, posto que pouco differisse das antecedentes, a qual intitulou *Tripa por uma vez;* n'ella envolvia as mesmas personalidades, com a unica distincção de omittir as investidas geraes que nos precedentes numeros dirigia contra a classe da nobreza e outras, limitando agora os seus ataques a alguns ex-ministros e deputados, que a esse tempo se achavam já emigrados, temerosos das consequencias da reacção, cuja marcha não podiam prevêr. Tambem ahi se queixava com a sua usual acrimonia dos estorvos que o Governo fizera á continuação da *Tripa virada,* lastimando não poder, conforme o seu desejo *pôr a calva á mostra* áquelles infames, etc.—Finalmente no mesmo escripto introduz mui de industria uma nova apologia do seu passado procedimento, pretendendo justificar-se d'esse pouco que escrevêra em abono do systema decahido; jacta-se de ter *embaçado* e illudido os ministros e influentes da epoca transacta; conta como tivera com elles largas e secretas conferencias, e as proprias promessas que lhes fizera, entretendo-os sempre e contemporisando, até que depois de longamente instigado, e receoso de algum evento sinistro, se vira obrigado a capitular, publicando o *Escudo* (que ainda aqui reconhece por obra sua) e os dois *supplementos.*

Gaba-se de que os illudira, faltando a todos os compromissos com elles contrahidos, e *«fazendo um jogo de politica, que não lembraria ao diabo!»* Não podemos deixar de recommendar a leitura d'esta extensa passagem,[1] a quem quizer por si conhecer a fundo o caracter doble de José Agostinho, que ali se ostenta retratado por elle mesmo.

## XII

D'esse tempo em diante pode dizer-se que José Agostinho voltara seus cuidados exclusivamente para os objectos da politica interna do paiz, a qual tomou tanto a peito, que deu de mão ás demais applicações litterarias a que d'antes se entregara; pois de quanto compoz e imprimiu desde 1823 até á sua morte (exceptuando apenas o Elogio historico de Ricardo Raymundo Nogueira;—as segundas edições do Poema *Oriente*, já de ha muito ellaborada, e do *Newton*, reproduzido sob o titulo de *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria*, com alguns Sermões, orações funebres, e outros pequenos folhetos de menor vulto e importancia), tudo foram escriptos occasionados pelas diversas e successivas phases politicas porque este reino passou, ou allusivos a circumstancias especiaes, que conservavam com ellas mui estreita relação.[2]

## XIII

Entrando o mez de abril de 1824 foi pelo Arcebispo-Vigario-geral do Patriarchado, D. Antonio José Ferreira de Sousa (que o era de pouco tempo, havendo sido um dos membros do Congresso Constituinte de 1821), nomeado censor do Ordinario para a revisão dos livros e papeis que se pretendiam imprimir ou introduzir no reino, procedentes de extranhos paizes, e exercitou este cargo durante alguns annos, até que um desgosto de que adiante fallaremos o levou a pedir a sua exoneração. Escreveu em todo este tempo numerosas censuras e informações, sendo-lhe especialmente commettido o exame das obras vindas de fóra, que careciam de prévia licença para serem admittidas e poderem correr dentro do reino. Apesar do ciume e cautella com que o referido Vigario geral recatava em seu gabinete estas censuras de que era até difficilimo obter algumas copias, muitas se extraviaram afi-

---

[1] Vid. de pag. 62 até o fim.

[2] Sobre José Agostinho de Macedo, em 1824, vide a seu respeito a *Policia Secreta*, pag. 393 e seguintes.

nal, de que não apparece vestigio, postoque os autographos da maior parte d'ellas existam ainda bem conservados em mão de pessoa, a cujo poder foram parar depois do falecimento d'aquelle prelado; e ainda ha pouco tempo obtivemos que nos fossem confiadas para por ellas corregirmos e apurarmos as copias, que com bastante trabalho tinhamos anteriormente adquirido. Em todas estas Censuras o de que menos se trata é da obra censurada; são escriptas em estylo familiar e chistoso, conforme o uso habitual de José Agostinho e de que só constrangido podia afastar-se, e envolvem tantos episodios, tantas allusões ás pessoas e factos do tempo, semeadas de anedoctas, e ás vezes de discussões sobre pontos de erudição, que constituem a nosso vêr, uma bem curiosa collecção, a qual certos estamos de que não deixará de obter a publica acceitação, se algum dia vier a publicar-se.[1]

## XIV

Devemos commemorar aqui um projecto, concebido por José Agostinho, no tempo que iamos historiando, e que é para sentir não fosse ávante. Consistia em escrever e colligir os seus Discursos oratorios, prégados em diversos tempos e logares; os quaes deviam (conforme a sua promessa) compôr uma collecção de dez volumes de oitavo, contendo cada um até doze sermões. Temos á vista o prospecto, que elle para este effeito fez imprimir na *Impressão Regia;* porém não chegou a apparecer um unico volume da preconisada collecção, ou porque o embargasse a falta de numero sufficiente dos subscriptores, ou por qualquer outro motivo, que não podemos conjecturar.

## XV

Occorrendo o fallecimento de el-rei D. João VI em 10 de março de 1826, foi José Agostinho escolhido para orar nas sumptuosas exequias que a este monarcha se fizeram em abril seguinte, na real Basilica do SS. Coração de Jesus, assistindo a esta funebre solemnidade a senhora infanta, então Regente. Desempenhou elle o seu encargo recitando a *Oração,* que logo depois se imprimiu, obra de que proporcionalmente lhe proveiu maior lucro, do que de todas as que até áquelle tempo compozera, pois que a titulo de remuneração lhe foi conferida uma pensão annual de trezentos mil réis, que continuou a perceber no restante de sua vida.

---

[1] Formarão um volume junto do presente estudo.

## XVI

Esta pensão todavia lhe foi obtida por intervenção do *Dr. Abrantes*, que na qualidade de medico e conselheiro de sua alteza, gosava então de não illimitada influencia dentro do paço; posto que tão offendido por José Agostinho, que repetidas vezes o injuriara e investira por modo assaz aggravante, já em escriptos impressos, já em satyras manuscriptas, julgou que o melhor alvitre que a fortuna podia depararlhe para se vingar generosamente do seu aggressor era o de interessar-se por elle, o que com effeito fez, do modo que deixamos dito. Cumpre agora notar, que ainda em 21 de dezembro do anno preterito, escrevendo a censura de uma obra, que lhe fôra commettida pelo Ordinario, tinha José Agostinho n'ella introduzido um paragrapho final, tão intempestivo quanto impertinente, em que o Dr. Abrantes era atrozmente enxovalhado; e quiz o acaso que uma copia d'esta censura, havida por meios que ignoramos, fosse com outros papeis remettida para Inglaterra; e indo parar ás mãos de *José Ferreira Borges*, que redigia o *Correio Interceptado* (1825-1826), este se apressou a publical-a, inserindo-a no n.º 6 do dito periodico.

## XVII

Chegou a Lisboa este papel; e por uma imprevista coincidencia justamente no momento em que o Doctor acabava de prestar a José Agostinho o assignalado serviço que acima indicamos. Tal acontecimento era para fazer corar de pejo as faces de José Agostinho por mais que impudentes fossem. Com effeito não pôde deixar de envergonhar-se de que apparecesse em publico, e muito mais n'aquella conjectura, semelhante monumento da sua ingratidão, para com um homem que já outras vezes o beneficiara, e de quem se via agora devedor por tão valioso presente. Que partido pois lhe restava tomar, que de algum modo cohonestasse o seu vil procedimento? Recorreu a uma falsidade, negando que tivesse escripto na Censura o periodo em que se revelava a baixesa do seu animo, e n'este sentido fez imprimir o pequeno folheto:—*Resposta ao Correio Interceptado*, onde para emendar o seu erro, tratou de espalhar ironicos e banaes elogios ao Doctor, confessando as obrigações em que lhe estava, e attribuindo aquelle facto aos aleives de seus inimigos, que haviam (dizia elle) alterado e acrescentado a censura na copia remettida para Londres. E isto era tanto mais

falso, que no autographo respectivo, por nós examinado, existe ainda agora o periodo de que se tratava, em tudo conforme ao que se acha na copia impressa no *Correio.* Porém os seus protestos de respeito, gratidão e amisade ao Doctor em breve foram desmentidos, pois logo no anno seguinte, quando redigia as *Cartas a seu amigo J. J. P. Lopes*, para cuja publicação *Abrantes* muito concorrera, de novo se espraiou contra elle em ludibriosas invectivas, servindo-lhe de thema uma carta que o mesmo *Abrantes* escrevera a *Sir W. Acourt*, embaixador britanico, a qual deu á luz em Londres, tendo sido por ordem do governo mandado sahir de Lisboa, na volta de sua viagem ao Rio de Janeiro.[1] Porém como a serie d'estes acontecimentos nos vae insensivelmente desviando da ordem chronologica que pretendemos seguir, será força que de mais longe retomemos o fio da nossa narrativa.

## XVIII

A saude e as forças de José Agostinho achavam-se algum tanto quebrantadas, depois que completara os seus sessenta annos, começando a sentir os resultados dos excessos a que na mocidade se entregara, e os estragos da vida sedentaria, e a espaços mais que laboriosa em demasia, qual era a sua desde muitos annos. Procurando pois reparar os destroços da edade, e persuadido talvez de que lhe aproveitaria a mudança de áres, havia allugado desde o anno de 1822, ou ainda antes, uma casa no sitio de Pedrouços, para onde se retirava de tempo em tempo; se não era o movel principal d'estas transferencias a necessidade de acompanhar de mais perto a sua predilecta religiosa com quem perserverava no trato e communicação intima que já indicámos (Epoca III, § XLII); a qual sob pretexto de falta de saude, se conservava com licença fóra da clausura,[2] e ia na estação propria aproveitar no referido sitio o remedio dos banhos, universal especifico com que a moderna medicina intenta curar tão varios e contrapostos achaques, quaes os que affligem e desbastam a misera humanidade!

[1] Vid nas *Cartas a J. J. P. Lopes*, 1827, a Carta 18.ª, pag. 2 e 3; e a Carta 20.ª, pag. 10 e 11.

[2] Vid. documento n.º XXI.

## XIX

Tinha José Agostinho desde a queda do governo constitucional em 1823, adoptado para norma de suas idéas e opiniões politicas o mais extreme e descoberto absolutismo, de que fazia alarde e profissão publica, manifestando sem rebuço estas opiniões nas lojas e casas publicas de Belem, onde diariamente concorria, tornando-se um dos mais furibundos apologistas da tentativa, que em 30 de abril de 1824 pretendeu, como se acredita, derribar do throno el-rei D. João VI, substituindo-o por seu filho segundo. Estes sentimentos por elle tão francamente patenteados foram causa de que a policia, que então andava mui altiva e vigilante em prevenir a repetição de acontecimentos de semelhante natureza, o fizesse mui de perto vigiar por seus agentes. E posto que depressa se convenceram de serem aquellas manifestações impetuosas e iracundas, mais filhas do temperamento atrabiliario e sempre inquieto de José Agostinho que o resultado de qualquer plano combinado, pois que tudo se limitava a simples declamações e mordazes invectivas, não havendo portanto fundamento para proceder contra elle; todavia sempre receavam que instigado por sua indole turbulenta, não se decidisse a tomar qualquer gerencia ou parte activa nas maquinações, cujo effeito queriam precaver; pelo que andavam de sobreaviso, não o perdendo jámais de vista, durante muito tempo.[1]

## XX

Data egualmente d'esta epoca o começo da estreita amisade por elle contrahida com *Fr. Joaquim da Cruz*, monge de Alcobaça, que na qualidade de Procurador Geral da sua congregação, curava de promover em Lisboa os interesses da ordem. O mais principal d'estes interesses consistia em dilatar ou illudir o pagamento das avultadas contribuições impostas áquella congregação em virtude dos seus immensos rendimentos, as quaes ella desde alguns annos se esquivava a satisfazer, sob pretexto de impossibilidade por falta de recursos, achando-se afinal devedora aos cofres do estado de sommas enormes, que já excediam a setenta contos de réis, e iam crescendo pela accumulação das collectas annuaes. *Fr. Joaquim da Cruz*, frade esperto e possuidor em summo grão das artes de dissimulação, astucia e perspicacia pro-

[1] Vid. *Policia secreta*, Lisboa, 1835.

prias do instituto monachal, soube insinuar-se no animo de José Agostinho, de quem contava tirar excellente partido em proveito dos seus negocios; e pôde em breve captar a benemerencia e vontade d'este homem, por modo tal, que o mesmo, em 1812, dedicara o poema dos *Burros* ao Geral dos Bernardos; que tanto na extensa dedicatoria como em varios logares do poema se espraiara contra aquelles frades em torpissimas invectivas, motejos insultadores e descompostas allusões; agora convertido pelos mimos e obsequiosos rendimentos de *Fr. Joaquim* deu-se pressa a expurgar o poema, mutilando-o na inteira dedicatoria e apagando todas as phrases e allusões, que por qualquer modo podiam, bem que levemente fosse, ferir a susceptibilidade dos bons religiosos. Este primeiro sacrificio obteve generosa recompensa, e apertaram-se cada vez mais os laços de affeição entre o Padre e Fr. Joaquim; vindo por intervenção d'este a travar amigavel conhecimento com outros frades, dos mais graves e auctorisados da mesma ordem, particularmente com *Fr. Fortunato de S. Boaventura*, um dos que bem maltratado fôra no celebre poema, antes das mutilações que acabamos de referir.

## XXI

A decadencia da edade operou ainda outra mudança em José Agostinho; e foi que começaram a desenvolver-se no seu animo os symptomas de uma cubiça e àvareza illimitadas. Chegou-lhe a sede de amontoar riquezas, e já não era o mesmo homem, que em outro tempo dispendia com mão prodiga o fructo de seus trabalhos. Seus novos amigos, isto é, os frades Bernardos, fomentavam estes desejos. Ferviam os mimos, os presentes acompanhados de cartas affectuosas e lisongeiras; e pouco tardou que sob os auspicios do Padre Cruz, e á conta da Congregação de S. Bernardo se concluisse uma segunda edição do poema *Oriente*, cujo autographo lhe fóra por seu auctor doado com apparatosa solemnidade para ficar depositado na bibliotheca do mosteiro de Alcobaça, que era no seu entender a unica a quem podia competir uma tão alta proeminedcia!

*

* *

D'este modo corriam as cousas para José Agostinho quando os negocios de Portugal apresentaram um nova face, pela imprevista apparição em Lisboa de um novo Codigo politico, isto é, a Carta Consti-

tucional decretada por D. Pedro IV, que em seguida foi acceite e jurada sem alguma opposição no dia 31 de julho do mesmo anno por todas as classes de cidadãos; e que tinha de ser fonte de tão prolongadas desavenças, origem de tantos odios, guerras intestinas, e acerbos soffrimentos, experimentados ora por seus defensores, ora por seus adversarios.

---

# EPOCA V

## 1826—1831

### I

Promulgada e recebida a nova Lei fundamental em todo o reino, continuou José Agostinho no theor de vida que ultimamente adoptara, conservando-se em apparencia retirado e extranho ás politicas novidades; porém o facto é que entretinha secretas relações e havia frequentes conferencias (pela maior parte na sua propria habitação, onde iam procural-o, porque as molestias que com os annos se augmentaram, já poucas vezes lhe consentiam deixal-a) com alguns coripheos e individuos influentes do partido, que então era conhecido pela denominação de *Apostolico,* o qual se constituira desde o principio em estado de reacção, disposto a envidar todos os seus esforços para destruir e subverter á nascença as instituições representativas, que se tratava de plantar de novo em Portugal.[1] Não lhes era porém facil, nem talvez possivel, atacar de frente em Lisboa e a descoberto o governo estabelecido, attento o enthusiasmo e acquiescencia com que fôra saudado e accolhido o novo Codigo politico, que se via sustentado e defendido pela força armada de ambas as linhas, e contava entre os seus mantenedores a classe do commercio, com diminutas excepções, e grandissimo numero de pessoas de toda a hierarchia. Julgou portanto este partido

---

[1] Vid. a seu respeito o *Ensaio historico politico,* de José Liberato, pag. 115, do qual tambem pode aproveitar-se alguma coisa para o quadro historico da epoca do 1827, e do que n'elle fizera José Agostinho.

reaccinario, isto é, os seus cabeças, que não podendo sem grave perigo seu, e da causa que defendiam, apresentar-se de prompto em campo, lhes convinha aguardar e aproveitar a marcha dos successos, demorando suas demonstrações até que se lhes offerecesse a opportunidade de o poder fazer sem risco, e com segurança do triumpho. Não tardou em apparecer o ensejo desejado, disposto e promovido talvez pelos mesmos a quem estava commettida a superior gerencia dos negocios internos do Paiz; e quando tudo se julgou bem preparado, José Agostinho rompeu o fogo, começando a escrever em junho de 1827 uma serie de Cartas, que levou até o numero de trinta e duas, dirigidas a seu amigo J. J. P. Lopes,[1] nas quaes acobertando-se do pretexto de querer refutar alguns erros e doctrinas do periodico *O Portuguez*, que então corria com decidida acceitação do partido liberal,[2] começou desde logo a alluir o novo systema governativo, contra o qual vibrava encobertos e simulados tiros, que para mais seguro effeito vinham disfarçados sob ironicas demonstrações de adhesão ao mesmo systema, de respeito e obediencia á Carta, e de lealdade ao principe que a decretara. E o que mais admiração deve causar, é que muitos liberaes illudidos pelas hypocritas protestações de José Agostinho, não só liam e applaudiam aquelles escriptos, mas até olhavam com uma felicidade a determinação que elle tomara de illustrar o povo, persuadidos da ingenuidade de suas palavras, e das falazes apparencias com que elle lhes propinava o veneno occulto, que tão funestos resultados devia produzir.

## II

Um dos meios por elle empregados para melhor attingir o fim a que se destinava, consistia em desacreditar os actuaes deputados, e outros individuos que gosavam de qualquer consideração empenhados no

---

[1] Das *Cartas a Lopes* se tiraram 2:000 exemplares. A 1.ª reimprimiu-se por tres vezes, tirando-se de cada vez 500.—A 2.ª tambem se reimprimiu, e se tiraram mais 1:000, etc.—Depois continuaram a tirar-se 3:500 até o fim.

[2] Vid. tambem uns versos satyricos de Garrett contra José Agostinho que vem no mesmo tomo XVII a pag. 36 e 37; sobretudo o que se diz na nota correlativa onde o auctor se *penitenceia* do que disse, e confessa que Macedo *era homem de estudo e de talento, talento verdadeiramente superior:—mas o mais atrabiliario escriptor que ainda teve a lingua portugueza.*

Talvez copiarei este trecho em *nota* quando tratar das questões de Jose Agostinho com o *Portuguez* em 1827.

predominio das novas instituições, trazendo á memoria a recordação de factos, discursos e escriptos, pelos quaes se mostrava que elles mesmos tinham sido no periodo transacto de 1820 a 1823 os mais strenuos campeões e fautores do liberalismo exaltado; e por este modo conseguia pôr de má fé os povos, a quem se procurava em vão persuadir da differença essencial que existia entre a Constituição democratica de 1822, então alcunhada de demagogica, e a Carta recentemente *outorgada* pelo soberano reconhecido legitimo. Afinal levou tão longe os seus dicterios e investidas, que o Governo apesar da marcha dubia e incerta que seguia, julgou que lhe era mister obstar á continuação de linguagem tão descomedida e para este effeito foi José Agostinho chamado á presença do Ministro d'Estado que então era dos Negocios de Justiça *José Freire d'Andrade*, e por elle reprehendido, admoestando-o para que houvesse de guardar mais decoro e moderação nas suas expressões,[1] José Agostinho desgostoso d'esta entrevista, ou, segundo elle diz, atemorisado de que se realisassem as ameaças que lhe foram feitas, escreveu ainda poucas mais Cartas; porém vendo que não podia proseguir livre de pêas na sua carreira, interrompeu o seu trabalho e emmudeceu por algum tempo.

## III

Todavia as *Cartas* haviam surtido o seu principal effeito; porque com ellas se introduzira nos animos de muitos a desconfiança e o receio, nutrindo e avigorando ao mesmo tempo as esperanças d'aquelles que anciavam por ver mudada em breve a face das cousas; tanto mais que eram procuradas e lidas com avidez pela gente de todos os partidos (graças ao estylo chistoso com que José Agostinho sabia maravilhosamente colorir as suas idéas e doctrinas) espalhando-se até aos ultimos confins do reino. E o melhor para José Agostinho foi, que esta composição lhe produziu uma somma excedente a 1:200$000 réis, que tanto lhe entregou o editor *Lopes* em successivas parcellas, segundo achamos affirmado por testemunhas occulares, e insuspeitas n'este caso.

---

[1] Vid. o que elle diz a este respeito na *Besta Esfolada*, n.º 1, pag. 3.

## IV

Chegou o anno de 1828, e com elle a volta de *D. Miguel* a Portugal, a titulo de tomar conta da regencia do reino, que seu irmão lhe conferira. Seguiram-se as occorrencias politicas, que ainda estão bem frescas na memoria de todos. O infante foi proclamado rei, a Carta revogada e substituida pelo antigo regimen. O numeroso partido do infante dividiu-se logo em duas fracções, como de ordinario acontece n'esta especie de mudanças. A primeira compunha-se das pessoas, talvez reputadas por mais sensatas, que queriam cimentar o seu edificio nos alicerces da moderação, e apresentar quando menos as apparencias de uma politica illustrada, e até certo ponto conciliadora, quando podia dar-se no systema governativo que adoptavam.—N'esta se comprehendia boa parte da nobreza titular, muitos magistrados de superior cathegoria, e outras pessoas de maior ou menor representação publica. A outra fracção porém, composta geralmente das turbas populares, multidão quasi sempre furiosa da plebe e desenfreada, que se compraz de praticar toda a casta de excessos, sem prevêr quanto com elles prejudica a mesma causa que se persuade sustentar, reunia em seu seio muitos individuos da milicia e do clero, maxime das ordens regulares então existentes e poderosas; os quaes na qualidade de chefes e directores regulavam os movimentos, e a marcha do seu partido, fomentando os odios e demasias populares, como mais proficuas e coherentes a seus proprios interesses e desejos. Eram estes os motores das perseguições, insultos e malfeitorias, que diariamente e a cada momento se praticavam com escandalo da civilisação e da humanidade e que tanto contribuiam para tornar odioso um tal governo e seus apaniguados, que não podiam ou não queriam conter estas demasias. José Agostinho ligado (como dissemos) a *Fr. Joaquim da Cruz*, constituiu-se desde o principio orgam e perceptor d'esta facção exaltada, que tenazmente pugnava contra todas as idéas de conciliação, considerando todos os que as professavam, ou para elles propendiam, como outros tantos encobertos fautores da rebellião, que empeciam o triumpho da causa da *realeza*.

## V

Com a mira pois em propulsar e justificar taes doctrinas e principios, começou José Agostinho a publicar a *Besta Esfolada*, de que era editor o mesmo *Fr. Joaquim da Cruz*, por cuja conta corriam as diligencias e custeamento da impressão. Este papel respirava todo o fel e rancor de que as almas de José Agostinho e de seus correligionarios se achavam possuidas contra tudo o que apresentasse visos, com quanto remotos fossem, de moderação ou transigencia com o liberalismo; n'elle se aconselhavam como conducentes para o fim do seu empenho os mais sanguinarios meios—os alvitres mais despropositados—e a mais desaforada licença aos que compunham a escoria do partido dominante (em vez de cohibil-os, como importava) para que soltando livres redeas ás suas paixões ignobeis, maltratassem, prendessem, *cacetassem* e até matassem, sem dependencia de mais formalidades, a quantos fossem reputados de diverso pensar politico, que *ipso facto* ficavam declarados inimigos do *throno* e do *altar*. Esta publicação escripta em estylo ás vezes nervoso, e sempre adornada d'aquelles sainetes e episodios que davam azo a que as obras de José Agostinho fossem lidas com gosto até pelos mesmos que detestavam do coração a sua doctrina, continuou por mais de um anno, a despeito das insinuações e tropeços que lhe suscitavam os realistas moderados, que assaz conheciam não serem aquelles os meios adoptados para consolidar a sua obra. O censor a quem estava commettida a revisão da *Besta*, Fr. Henrique de Jesus Maria, religioso capucho, homem de indole pacifica, e que gosava da fama (não sabemos até que ponto merecida), de ser afeiçoado aos principios constitucionaes, seguindo á risca as instrucções do seu cargo, lhe cortava e emendava muitas vezes periodos e phrases, que apenas seriam toleraveis em um paiz entregue ao predominio da mais desenfreada ochlocracia. Todas estas mutilações e emendas eram por mais de uma razão desagradaveis e *molestas* a José Agostinho, que se vingava do censor dando-lhe injuriosos epithetos e alcunhas irrisorios, tanto em suas cartas missivas como nas conversações particulares que tinha com seus affeiçoados e amigos.[1]

---

[1] Da *Besta Esfolada* (editor Fr. Joaquim da Cruz), tiraram-se de cada numero 4:000 exemplares.

Do *Desengano* (editor Lopes), tiraram-se a principio 2:500 exemplares, mas alguns numeros foram reimpressos. Depois passaram a tirar-se 3:500, e do n.º 27 tiraram-se 4:000.

## VI

Não podemos, nos parece, dar uma idéa mais justa do espirito que presidia á redação d'este papel, do que transcrevendo aqui a seguinte passagem, que supposto seja algum tanto extensa, servirá para mostrar que não andamos exaggerados na pintura que d'elle acabamos de fazer: [1]

«Bastou que um inglez coxo, bebado como uma cabra, comprado por alguns guineos, desembarcasse na planicie das forcas amoviveis *(o Caes do Sodré)*, que humedecesse mais as goelas com um ponche carregado e dissesse: — Ahi está a Gloria, ahi está Pedro com ella! Forte pasta traz! São todas as pastas escangalhadas umas com as outras, valente alforjada de pastas! Traz ao pescosso com fita azul clara e branca a caveira de Canning, para a pendurar á porta do gabinete. A camareira mór é alguma cousa trigueira; as damas atiram alguma cousa para o mascavado; a guarda real dos Tudescos veiu do reino de Benim, das immediações do Congo. A fragata Piranga traz a seu bordo outro, o Itabaiana, cuja nobreza e antiquissima, vae datar com a creação do imperio, perde-se na sombra do seculo; a origem goda de alguns nobres de cá, isso é de hontem, e de antes de hontem, comparada com a do Itabaiana! — Tudo mentiras do inglez, porque estava mais muafo que os cornos de Satanaz. Foste longe! foste carregar de machos! Inda bem que a carga se lhe não poz trazeira, valeu-lhe a agua do Tejo, em que lhe fizeram tomar um banho! Ah! se me apanhasse nos meus sessenta, eu fazia-lh'o tomar eterno! É verdade que era dar cabo de um odre; mas se este odre veiu embebedar tantas e tão estolidas cabeças, eccos d'aquella cabeça!... Isto bastou; o que era maio de 1829, passou para agosto de 1826:

«De par em par se abriu do inferno a porta,
«Sáe das commuas a caterva torta.

«Sem esperarem pelo dia da gloriosa acclamação da senhora D. Maria da Gloria, sem que o Pedro das Secretarias fizesse os outros taes como elle, no caso que elle não quizesse ser todos, antes de se abrirem tres Camaras, uma de Pares, outra de Nones e outra dos *Na-*

---

[1] *Besta Esfolada,* n.º 16, pag. 4 e seguintes.

*das*, que isso vem a ser todos, emquanto os corcundas lhes não tomam as medidas; Lisboa ficou mais pequena para os homens de bem, porque houve logo ruas e arruamentos, por onde elles não poderam passar sem manifesto enxovalho, por palavras e por obras. A veneranda effigie do novo legitimo soberano foi com violencia e desprezo arrancada do peito de vassallos honrados por si, e por ella, e pizada aos pés. Das afumadas cadêas sahiam pelas malhas dos ferros vozes malhadas (bradavam pela forca!) que annunciavam o fim da usurpação, e o principio da liberdade, que eu lhe dera logo, mandando que com um annel forte no pé, e um barril no costado fossem livremente pelas ruas de Lisboa, dar agua aos outros irmãos que lá ficavam. Appareceu o perfeitissimo estado da segunda carteirada, o peor que tem apparecido desde que o reino é reino, e até depois que começou a ser roupa de francezes; os mesmos, os mesmissimos insultados sacrilegos, que se desencabrestaram em 1826 e 1827, entraram em scena e representaram os mesmos papeis, julgando cada um desempenhar impunemente a sua parte. Os corpos tão respeitaveis dos voluntarios realistas (e foi isto preciso em Portugal!!) foram logo atacados, investidos, vilipendiados pela raça caixeiral, emperrada matilha, a quem a forca nem desengana, nem atterra (eu sempre tentaria o remedio heroico da frequencia, seguindo a maxima da eschola de Salerno:—O que applicado aproveita, continuado sara). A policia foi olhada com ár desdenhoso, e insolente; a força armada foi ameaçada com a forca, tudo foi confusão, que é o primeiro passo para a anarchia, e segundo os seus principios, como dizia o estupidissimo *Loureiro* em uma das patrioticas, esta anarchia é precisa para assegurar a ordem e tranquillidade social. E ficou esta goela sem a apertarem, depois que d'ella sahiram estas palavras! —Oh demonios amotinados e malvados! Pois já cá está a senhora D. Maria da Gloria? Se isto fazem não estando, que fariam se chegasse! Sim, porque com ella esperam a Carta, com a Carta e dois archotes vem o *Saldanha*, a cambada torna, e o reino tantas vezes por vocês posto em agonia, será por vocês mettido de uma vez na cova. Fallou um bebado inglez, fallaram e gritaram todos os bebados portuguezes. Aqui chegaram elles com o atrevimento, mas tambem chegaram os corcundas com a paciencia...

«Deu signal a trombeta castelhana,
«E a taes patifes toque-se a pavana;

diz *Luiz de Camões*, de quem é a primeira voz e a segunda é d'este seu criado:

«Abatem armas, fere a terra fogo,
«São desazados os patifes logo.

«Dos mesmos dois musicos.—Parece que os cacetes vieram pelo seu pé da mata de S. Gião, a se depositar nas seguras mãos dos corcundas! Eu não sei qnem commandou a acção; nem *Claudino*, nem *Pego*, nem *Rego* por lá andaram; o ataque foi em toda a linha; nem os corcundas largaram as mochilas das costas, que isso não largaram elles, nem podem, que são de nascença; os corcundas calados, porque são homens de poucas fallas, mas de excellentes obras; o exercito liberal atacado geralmente e em toda a parte, e em toda a parte por onde os batalhões appareciam, preparava-se para o grito da victoria com estes sustenidos e bmoes:—Ai minha cabeça!...—ai minhas costas!...—ai meus braços!...—ai minha cara, que bofetada tão grande!...—aqui d'el-rei!...—«Ah patifes! vocês já gritam pelo senhor D. Miguel?... Esse senhor tem que fazer agora, vocês estão na sua lembrança, e deixou agora isto á nossa honra e cuidado; a justiça é só d'elle, elle a fará; mas os seus amigos conhecem-se nas occasiões e esta é uma d'ellas, e todo o bom vassallo é n'este caso fragrante, seu executor. Nós podiamos mandal-os para o cemiterio; mas para não excedermos, contentamo-nos em os enviar para o hospital. Soldados e camaradas:—fogo e mais fogo!»—Ai, minhas pernas, que me aleijaram!...—ai, que matam o meu patrão!...—«Mais a você, patife, que é seu caixeiro!»—Ai minha barriga!...—«Cale-se, que ainda lá tem as tripas!...»—Senhora de Gloria, valei-me!...—«Espere, desavergonhado, que ella logo vem; se você não vai com S. Pedro, irá com o *Pedro* Pastinha.»—Viva o senhor *D. Miguel*, nosso rei e senhor!... —«E quem o ha de matar, grandissimo patifão? Emquanto houver um portuguez vivo, tambem elle o ha de ser. Acima d'elle ha só Deus, e os corcundas, que o defendem, não hão de estar nunca abaixo de ninguem.»—Ai, senhor! não me dê na nuca, qne tenho mulher e filhos!... —«Primeiro teve você Deus e rei, a quem devia respeitar e obedecer.» —Ah senhor! basta, que sou achacado dos rins!...—«Pois para sair a pedra, leve você com este pau.»—Eu quero ser, e prometto ser corcunda de hoje em diante!...—«Isso, meu amigo, já não vem a horas. Em 1823, já vocês prometteram o mesmo, chegaram os de 1826, já não eram corcundas.—Fogo!...»—N'isto vieram tirar o Major (elle José Agostinho!) da cama de Pedrouços, e pondo-o como Carlos XII, sem calcanhar, em cima de umas andas, o levaram ao novo Waterloo do Rocio; apenas lhe lobrigaram a cabeça branca, que elle levantou

de cima da manta, calou-se o fogo, esperando os batalhões a ordem de ataque de baioneta.—Alto (lhes bradou elle), soldados e meus filhos, pelas leis da guerra toda esta canzoada devia ser morta a ferro frio ou metralhada a peça quente. Quartel não se lhe dá, nem ella o merece, porque o não deram a ninguem; prisioneiros tambem os não queremos, porque, quem ha de dar de comer a esses cães? Portanto, a Misericordia que os cure no hospital; isto até por um motivo politico; quantos facultativos de uma e outra curandice, quantos enfermeiros, quantos ajudantes, quantos boticarios poderão aprender a conhecer em tanta perna quebrada, em tanta cabeça partida, em tantos braços desancados, a sorte que espere a elles e a outros malhados? Este panno da amostra tambem lhes dá para fios, e as amputações serão tantas (ainda que lhes falte a da cabeça), que não haja fios que bastem. Soldados, embainhae as espadas, que essas feridas são muito honradas, e esses cochinos e podengos não merecem mais que pau e vergalho. A acção está ganhada, o terreno é vosso, não cabe no magnanimo coração de um corcunda ser leão com cabras e cabritos. Não tornarão pelo vezo. Assim mesmo como os vêdes, uns estirados no campo da honra, outros puchando de ambas as pernas, outros com os queixos amarrados, outros com o espinhaço fendido, assim mesmo teem suas esperanças no paquete que chegar, porque sempre no paquete que chegar ha de vir cousa, dizem elles; a campanha está e fica aberta; o Caes do Sodré logo dá signal de si; soldados, prudencia e valor, nada de cerimonias, nada de contemplações, o caso pede cacete, pois cacetada! Que importa que se quebre uma cabeça, se as outras ficam em socego, que estes ladrões nos teem roubado ha quasi nove annos? Soldados, o nosso grito de guerra é, e será sempre este:—«Bordoada!»—Pois bordoada. —Viva o nosso Major?—se ouviu por todas as fileiras; e desfilando por escalões cada um foi para sua casa. Alguns cacetes ficaram em estado de não tornarem a servir, mas lá foram para o coronheiro, algum concerto hão de ter.»

Eis aqui como se mettiam a ridiculo objectos tão respeitaveis, quaes a segurança publica, a liberdade e a vida dos cidadãos, que ficavam á mercê do primeiro *bandido* que acompanhado do seu inseparavel *cacete*, e convocando, se o havia mister, o auxilio de outros seus eguaes, podia impunemente maltratar, ferir, prender e até matar (como muitas vezes aconteceu) individuos que talvez não vira nem conhecera, e cujo crime consistia na mera suspeita de serem affeiçoados ao governo liberal; quando taes excessos não eram o resultado de vin-

ganças ou malquerenças pessoaes por motivos bem differentes dos que se inculcavam! Os realistas sisudos e de boa fé viam com dor estes desvarios, mas não tinham meio de cohibil-os e contentavam-se de os deplorar.

## VII

Finalmente depois de varias admoestações, e dos embaraços com que mui de proposito lhe difficultavam a publicação das *Bestas*, sem que José Agostinho quizesse desviar-se um ápice do caminho que trilhava, chegou ao n.º XXVII, que a Meza do Desembargo do Paço, definitivamente não quiz licenciar, e a esta recusa seguiram-se ameaças de procedimento contra José Agostinho se não se abstivesse dos termos indecorosos em que redigia aquelle papel. Elle preferiu o calar-se a modificar por qualquer modo que fosse a sua linguagem. Assim houve de acabar aquella publicação, bem contra a vontade do seu auctor, que via gravemente ferido o seu orgulho com o despacho suppressorio, e não podendo tirar outra especie de vingança, vociferava e declamava sem cessar contra os ministros do Desembargo, e até contro os de Estado, alcunhando-os de *malhados, maçons, vendidos ao partido rebelde,* e outros dicterios semelhantes, que a cada passo se encontram nas suas correspondencias particulares, escriptas por aquelle tempo. Isto houve logar em outubro de 1829, e foi então que elle se demittiu do cargo de Censor do Ordinario, allegando como pretexto o máo estado da sua saude, mas dando bem a conhecer que era principalmente instigado pelo despeito e indignação que lhe causava a impossibilidade de proseguir na expansão dos sentimentos que o dominavam, e não menos pela magoa de vêr-se privado dos avultados lucros que lhe provinham d'aquella composição.

## VIII

Desde o principio de 1828, que José Agostinho assentara em Pedrouços a sua habitual residencia. As molestias haviam consideravelmente augmentado, soffria continuas e pungentes dores, e subira a tal ponto o excesso do seu padecimento, que (como elle dizia), se viu *obrigado a capitular com os medicos*, de quem tanto zombara pelo decurso da vida, recebendo as visitas dos facultativos, que o iam ver de mandado do Arcebispo Vigario Geral, e de outros seus affeiçoados, e acabando por sujeitar-se ás regras e tratamento que lhe prescreviam. A sua doença era complicada e incuravel. A uma *disuria* chronica ad-

quirida em 1792, e que chegara ao maior gráo de intensidade, ajuntara-se a formação de pedra na bexiga, de que expellia á custa de vehementissimas dores alguns pedaços pela urethra; soffria ainda amiudados e fortes ataques de gota, que o reduziam á ultima extremidade. Via-se portanto forçado a jazer na cama a maior parte do tempo, e apenas a muito custo podia algumas vezes erguer-se. Assim mesmo vinha de longe em longe a Lisboa, quasi semi-morto, prégar alguns sermões, que acceitava por lhe serem incumbidos por pessoas a quem nada podia recusar. Porém durante os maiores accessos de seus padecimentos, não deixava de escrever, entretendo com *Fr. Joaquim da Cruz* uma correspondencia quasi quotidiana, como se vê pelas numerosas cartas de que se conservam manuscriptas varias collecções. Publicou ainda no intervalo que decorreu desde 1828 até ao seu falecimento varios escriptos, que avulsos se imprimiram, taes como: — A refutação de um livro impresso em Londres, no qual se contestava a legitimidade da soberania de *D. Miguel*, obra cuja composição lhe foi directamente encarregada pelo intendente *Barata*, de mandado do governo; *Os Frades*, apologia das ordens monasticas; *Os Jesuitas e as letras* e *Os Jesuitas ou o Problema resolvido*, dois opusculos em que pretende justificar a necessidade e vantagens resultantes da nova admissão que se quiz tentar d'esta ordem em Portugal, a que elle todavia se oppunha em particular, pois que nunca lhes foi affeiçoado, como se vê de suas obras manuscriptas, e tambem de algumas impressas.[1] Escreveu dois *Elogios* ou dramas allegoricos, que se representavam nos theatros publicos de Lisbaa em applauso dos anniversarios de D. Miguel, afóra outros papeis de menos vulto, e numerosissimas cartas missivas, escriptas não só a Fr. Joaquim da Cruz, mas tambem a outros personagens, e entra ellas uma de desmensurada grandeza, dirigida a *Fr. Fortunato de S. Boaventura*, que versando quasi toda sobre assumptos litterarios, e sendo escripta no intento de imprimil-a, não chegou a ver a luz, porque os seus amigos de Alcobaça julgaram que não convinha publical-a, em razão de motivos particulares que a elles diziam respeito.

---

[1] Quanto ás impressas, veja-se por exemplo: — *Os Sebastianistas*, por todo o decurso da obra, e mais principalmente na 1.ª parte; *O Espectador*, 3.º semestre. — Quanto ás manuscriptas, consta de uma infinidade de logares, nas suas Cartas missivas a Fr. Joaquim da Cruz, escriptas no mesmo tempo em que publicamente advogava o restabelecimento d'aquelles regulares em Portugal.

## IX

A proposito d'estas composições, cuja maxima parte ainda existe inedita, commemoramos aqui um facto, por cuja veracidade não responderiamos, se não tivessemos á vista documentos que o comprovam, sem deixar sombra de duvida. Todavia elle é assás proprio do homem cujo caracter fica patenteado pelo decurso d'estas memorias; e seja como o derradeiro lanço destinado a demonstrar qual fosse a integridade e morigeração de José Agostinho. A sociedade que trazia de renda o Contracto do Tabaco, (de que era primeiro caixa *José Ferreira Pinto Basto)* devia findar com o anno de 1829. Esta Companhia expoz ao governo, que não podia continuar no seguinte triennio pelo preço do anterior, e offereceu o lanço de mil e trezentos contos de réis para a futura arrematação (que havia de realizar-se um anno antes de findar a antecedente).—Appareceu porém outra sociedade, que se organisara para o mesmo objecto, a cuja frente apparecia como primeiro caixa *João Paulo Cordeiro;* esta no acto da arrematação em praça (que sempre dura alguns dias, como é sabido) cobriu aquelle primeiro lanço com mais noventa contos. N'estes termos a Companhia anterior, não lhe convindo desistir do contracto, cobriu o ultimo lanço com um conto de réis. Então *João Paulo Cordeiro* dirigiu um requerimento ao governo, no qual sustentando o seu lanço de mil trezentos e noventa contos, offerecia além d'isso o donativo de dez contos, que seriam pontualmente pagos em prestações, para occorrer á manutenção da nova Eschola cirurgica de Lisboa; o que tudo prefazia um total de mil e quatrocentos contos annuaes. Promettia tambem não admittir, nem conservar ao serviço do Contracto, individuos que não fossem de sentimentos *realistas* a toda a prova. Esta condição era n'aquelle tempo de summa importancia, e tanto mais attendivel, que uma pedra de escandalo que havia contra os caixas do Contracto que findava, era o terem conferido logares a alguns ex-empregados publicos, que tinham sido expulsos das repartições onde serviam por serem *desafectos á realeza. D. Miguel*, accedendo ás rogativas que particularmente lhe fizeram, e obrando até contra o parecer do ministro que então era da fazenda, mandou terminar a questão, e que o contracto fosse definitivamente adjudicado a *J. P. Cordeiro*, e seus socios; e n'este sentido se lavraram os decretos e mais ordens necessarias.

## X

*José Ferreira Pinto*, determinado a conservar o Contracto a todo o custo, propunha-se finalmente a ficar com elle pelo preço da arrematação passada, que era de mil quatrocentos trinta e cinco contos; fazendo ainda alguns offerecimentos, taes como um emprestimo gratuito de duzentos contos e outras vantagens. E lembrando-se de que a eloquencia de José Agostinho e a sua intimidade com pessoas de grande influencia na côrte, podiam ser proficuas a bem do seu negocio, resolveu-se a procural-o; expoz-lhe os termos da questão, e conseguiu que elle fizesse de seu proprio punho uma longa representação ao governo em nome do mesmo *Ferreira Pinto*, narrando as vantagens e proveito que resultariam ao Estado de ser-lhe arrematado o Contracto, e pedindo que se annulasse o decreto que mandava entregar este a J. P. Cordeiro. Em sentido identico escreveu ainda uma extensa carta, cuja copia temos presente, a *José Ribeiro Saraiva*, seu amigo, desembargador e deputado da Junta do Tabaco, na qual encarecia a justiça de *J. Ferreira Pinto*, elevando-o sobre as nuvens, e pondo *J. P. Cordeiro* e seus socios, razos com o pó da terra. Solicitava finalmente que *Ribeiro Saraiva* usasse da sua preponderancia no tribunal, para que este consultasse em termos tão favoraveis, que viesse a obter-se o desejado effeito. Porém todas as diligencias ficaram inuteis, porque *D. Miguel* mostrou-se resoluto a sustentar o seu decreto a favor de *João Paulo*, que ficou com o contracto. Entretanto o acalorado interesse que José Agostinho manifestou n'esta questão, foi-lhe bem recompensado antes e depois, além de outras varias promessas para o futuro, com valiosos mimos e presentes (e segundo se affirma com a gratificação pecuniaria de doze moedas ou de 57$600 réis), entrando n'estes um piano forte com que foi regalada a religiosa de quem já temos fallado, a qual assistia então em Pedrouços junto a José Agostinho, de quem se dizia irmã. Este havia tomado tanto a peito a causa de *Ferreira Pinto*, que até na *Besta Esfolada*[1] soltou certas allusões injuriosas aos novos contractadores, porém elles bem avisados e conscios de quanto José Agostinho podia ser-lhes nocivo com seus ataques e invectivas, mandaram-o sondar por um seu intimo amigo, offerecendo-lhe uma pensão annual de trezentos mil réis, para que não continuasse a guerreal-os. A proposta foi acceita depois de breve hesitação, e José

---

[1] Vid. *Besta Esfolada*, n.º XI, pag. 14.

Agostinho não curando mais da justiça de *J. F. Pinto*, que tanto cuidado lhe dera, mudou *in continenti* de linguagem, inserindo na propria *Besta Esfolada* mais de um elogio aos contractadores *J. P. Cordeiro* e seus consocios.[1] Devemos aqui accrescentar que a tal pensão foi não só pontual, mas generosamente paga, em todo o resto da vida de José Agostinho, recebendo d'ella o primeiro quartel em abril de 1829, isto é, muito antes do tempo em que o Contracto havia de principiar.

## XI

As intoleraveis dores e soffrimentos de José Agostinho, que não lhe deixavam por assim dizer um momento de descanço corporal, e menos ainda algum instante de socego de espirito, eram todavia em parte distrahidas e suavisadas não só pela continua applicação litteraria a que se entregava, mas tambem pelo interesse e cuidado que por elle tomavam seus amigos e admiradores, em cujo numero se incluiam mui altos personagens, tanto do clero superior, como da titular nobreza. Estes o visitavam com frequencia, tanto para o conversar, como para se informarem do estado da sua saude; e não era raro encontrar ali os *marquezes de Olhão, de Borba e de Bellas*, o *Arcebispo Vigario Geral, Antonio José Girão, chanceller-mór do reino*, e outros muitos que não se dedignavam de procurar e tratar familiarmente com o homem plebeu, cujo engenho o nivellava aos grandes, e cujos serviços a prol da causa commum lhes davam o direito de os accolher como seus eguaes. É aqui porém o logar proprio para rectificar um erro, que n'aquelle tempo vogava entre as pessoas menos instruidas d'estas particularidades. Dizia-se que o *Duque de Cadaval* era o mais decidido protector de José Agostinho, e até se affirmava que elle lhe dava gratuitamente a casa em que habitava na rua direita de Pedrouços, n.º 97; entretanto nada houve menos verdadeiro; o Duque não só lhe não dava tal casa, que sempre José Agostinho pagou á sua custa, mas era talvez de todos os fidalgos então aqui existentes o menos affeiçoado a José Agostinho, com quem apesar da visinhança, não entretinha algumas relações de amisade ou correspondencia. Pela sua parte José Agostinho conservava contra elle uma antiga e particular indisposição, e já em 1823[2] lhe havia dirigido allusões pouco lisongeiras; esta especie

[1] Vid. tambem o *Desengano*, n.º XII a pag. 10.

[2] Vid. na *Tripa Virada*, n.º III, pag. 36, o paragrapho que começa:—*Nobres e grandes, que vestidos de saragoça*, etc., até o fim.

de antipathia mais se havia desenvolvido e fortificado desde que o duque, na qualidade de primeiro ministro do gabinete de D. Miguel se não mostrara inclinado a favorecer certos excessos e exaltação proprias do partido a que José Agostinho se aggregara, como acima dissemos. Se algum dia chegar a publicar-se toda a Correspondencia inedita de Macedo, ver-se-hão elucidados estes e outros pontos de historia secreta d'aquelle periodo, desterrando-se algumas preoccupações e errados juizos, que induzem opinião menos exactas.

## XII

José Agostinho sentia como elle diz, *apagar-se-lhe a luz da existencia;* porém as suas intellectuaes faculdades conservaram-se em bom estado, e apenas pareciam participar do abatimento e extenuação corporea; e apezar dos sessenta e oito invernos que sobre elle pezavam, revolvia ainda na mente vastos projectos litterarios. Tentou ainda em principios de 1829 revêr e completar a sua traducção de todas as obras de *Horacio,* bem como traduzir de novo os seis perdidos livros da *Thebaida;* porém nenhuma d'estas emprezas pode levar ávante. Afinal lembrou-se de refundir o poema *Newton, para deixar* (dizia elle) *o seu testamento litterario;* com effeito applicou-se a corregil-o e augmental-o, trasladando-o de novo inteiramente e intitulando-o agora:— *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria.*[1] É verdade que, conforme ao voto de todos os entendidos, as suas emendas e concepções resentem-se mais ou menos da decadencia e fraqueza propria do seu estado physico, isto não conhecia elle, e por isso ao concluir esta obra persuadia-se de ter chegado ao *nec plus ultra* de todas as suas poeticas composições. Era

---

[1] «Para vermos o quanto o *Newton* foi peiorado na ultima lucubração do auctor, que estava velho e gasto, leia-se o que elle diz fallando de Xenocrates na *Viagem Extatica*:

> N'um labio côr de purpura ou de rosas,
> *Ou nos aureos aneis* de tranças d'ouro
> Da natureza escuta a voz suave.

«Isto dizia o padre, como entendedor que era, na *Viagem Extatica,* que ao depois crismou com o nome de *Newton (é justamente o contrario!),* emendando entre outros este verso, que ninguem recitará sem ao principio reter o seu pouco:

> *Ou nos aureos aneis de tranças de ouro!*»

Bruno Seabra, *Memorias da epoca lib.*, por Aristoteles de Sousa, pag. 80–81.

um fogo expirante e amortecido, que por mais que o soprassem, não podia incendiar-se em chamma vigorosa, deixando apenas escapar algumas scentelhas dispersas e sem força. É porém notavel o remate do seu prologo, que nos pareceu trasladar para aqui, porque elle dá uma idéa do estado mental do auctor, e da sombria melancholia a que o tinham levado as circumstancias da epoca, o desgosto que soffrera com a interrupção da *Besta*, e os receios do futuro, cujo aspecto se lhe não apresentava tão propicio como elle desejava:—«Costumam os escriptores apellar para o juizo imparcial da posteridade, quando se verifica o texto:—*Pascitur in vivis livor, post fata quiescit.*—Parece-nos que este tribunal desappareceu da terra; porque a posteridade, segundo o estado em que nos poz o liberalismo, será como o presente idolo, porque o infausto rio que já corre, quanto mais correr, mais se engrossará. Acabo com esta advertencia dizendo, que fui frade, e como este estado até depois de se não ter, priva o homem do direito da sua ultima vontade, ao menos deixem-me as leis dizer, que deixo: o meu corpo áquelle logar da terra em que o quizerem enterrar, o meu nome ao esquecimento, e o que tenho escripto ao escarmento dos homens, para não escreverem, nem receberem a recompensa que eu tenho recebido; e ainda bem, porque nada deixo e nada levo que tenha de agradecer.»[1]

## XIII

Concluida esta obra, passou-a ás mãos de *Fr. Joaquim da Cruz*, que promptamente a mandou imprimir, empregando todas as diligencias para que a edição apparecesse tão nitida e primorosa quanto era possivel, em conformidade com os desejos que José Agostinho repetidas vezes manifestara sobre este ponto.

## XIV—XV

A ultima empreza politico-litteraria de José Agostinho foi o *Desengano*, periodico em que de mistura com algumas verdades, filhas da experiencia e do conhecimento dos homens, requintou, se é possivel,

---

[1] A respeito da prohibição que as leis do reino impõem aos Egressos da poderem herdar ou testar, veja-se a Resolução tomada sobre Consulta da Meza do Desembargo do Paço a 26 de dezembro de 1803, que foi pela primeira vez publicado no *Tratado dos Testamentos e Successões*, de Antonio Joaquim Gouveia Pinto a pag. 167 e seguintes.

as ferinas e crueis doutrinas que desde muitos annos propalava e de que fizera tão descommedidos ensaios na *Besta Esfolada*. Tambem não foi este periodico licenciado pelo Desembargo do Paço, mas sim por censor especial que José Agostinho obtivera, e que o deixava expender á vontade as suas opiniões, e dar como dizem, por páos e por pedras, sem achar estorvo ou obstaculo que o sopeasse. Foi o *Desengano* o seu testamento politico; e por isso não se nos leve a mal que reproduzamos aqui alguns trechos, tomados como ao acaso em todos os numeros d'este escripto, os quaes poderão servir ao mesmo tempo para dar uma idéa do modo como pensava um ancião septuagenario, e ministro do Evangelho, para justificar o que havemos dito ácerca da sua indole sanguinaria, e para darem ao mundo mais um flagrante exemplo das contradicções d'aquelle que no proprio *Desengano* se expressa nos termos seguintes:—«Eu sou formado pela natureza de um modo tal, que em dia de execucação de pena ultima, seja o réo qual fôr, porque o delicto não lhe faz perder a qualidade de homem, o coração me bate de outra sorte, e uma horrivel contorsão me sacode os membros todos, nem o necessario alimento posso tomar!»[1] Comparem-se pois estes brandos e humanos sentimentos, com a crueldade que respiram as passagens que vamos copiar com escrupulosa fidelidade:

«...Com a seita abominavel não se pode transigir, nem convencionar; o resultado seria o triumpho e a completa victoria da rebellião e da impiedade. A lucta deve terminar pelo *extermínio* dos monstros. *(Desengano,* n.º II, pag. 3.)

«Antes de se findar o anno de 1831, os Tartaros Calmucos e os Cossacos cruzarão as ruas de Paris... e tempo virá talvez em que o viajante atonito diga, olhando para um montão de ruinas...—Aqui existiu Paris, assim o dizem esses montões de pedras.—Sem que eu escreva a *historia do futuro*, estes vaticinios são filhos do presente. (Idem, n.º II, pag. 8).» (Aqui falharam completamente os seus prognosticos!)

«A palavra *moderação* com estes monstros é um ataque á soberania. (Idem, n.º III, pag. 8.)

«Lembrem-se estes impostores e enganadores dos povos, que o adormecido espirito portuguez pode sair do lethargo, e sahirá; ...*nadarão seus cadaveres em lagos de seu impuro sangue;* acabaremos nós,

---

[1] Vid. *Desengano*, n.º XVI a pag. 4.

mas esta progenie de viboras ha de primeiro *acabar*. (Idem, n.º IV, pag. 6.)

«Estas manchas não se *lavam* senão com o *sangue* maçonico. (Idem, n.º V, pag. 6.)

«Ceguem-se os fossos de todas as praças com *cabeças* de pedreiros-livres; abram-se-lhes as portas, que eu fico que nenhuns inimigos as entrarão. (Idem, n.º V, pag. 8.)

«Vacillam os thronos, em quanto não *pernearem* nas forcas os pedreiros. (Idem, n.º VI, pag. 6.)

«Se eu leio bem no meu reportorio politico, e não me engano no juizo do anno de 1831, parece que se não volverão muitas luas, que não appareceram Cossacos em Paris, e que mais de um *Platow*, seu caudilho, tragam nas pontas de suas lanças as cabeças de dois banqueiros (o *Perier* e *Lafitte*), e seus corpos *destroncados* atados ás caudas de seus cavallos. (Idem, n.º VI, pag. 10.)

«No supplicio de qualquer réo, muito duro e empedernido será o coração do espectador, que alli não se esqueça do crime para se lembrar do homem; porque emfim a natureza reclama sempre os seus direitos; mas não succede assim quando se tracta de *esquartejar* um pedreiro; não excita a compaixão, augmenta a indignacão; para a plebe é uma galhofa, para os homens honrados e sisudos é uma satisfação da razão e da justiça. (Idem, n.º VII.)

«Esta palavra *amnistia*, assim como se não encontra em nossos diccionarios velhos, não se devia consentir no uso commum; e nos procedimentos politicos do tempo presente. (Idem, n.º VIII, pag. 1.)

«Eu desejava que se *exterminassem* os pedreiros, como se exterminaram os lobos em Inglaterra; isto é, que se matassem todos, n'uma só montaria. É verdade que a minguada população do reino ficaria como depois do São Miguel uma vinha vindimada, cacho aqui, bago acolá, porque o rabisco levava tudo e a seara é immensa. A idéa da *montaria* é com effeito original; veriamos cahir á balla, como viram os judeos no deserto, nuvens e nuvens de codornizes cahir dos áres para saciar a sua fome, nuvens de pedreiros em terra para satisfazer o nosso desejo, e saciar o nosso appetite... Pois *atirem-lhe*, como fazem os da aldea ao apparecimento de um lobo, e não haja arcabuz, fouce, páo, pedra, olho de enxada que lhes não vá á cabeça como se costuma fazer a um lobo damnado, e em quanto derem signal de vida não os deixem. (Idem, n.º X, pag. 3.)

«Se para libertar o sepulchro (de Christo), se armou a Europa...

não será ainda mais necessaria e justa uma geral cruzada ou guerra de *exterminio* contra os Pedreiros? (Idem, ibid.)

«*Moderação* tem havido com as prisões, podendo trabalhar bem despejadamente a *forca!* (Idem, n.º x, pag. 5.)

«Dizem que os pedreiros livres andam armados de um punhal... e só ha punhaes que os pedreiros tragam? Mas são escusadas armas escondidas, quando a *forca* é tão patente. (Idem, n.º x, pag. 10.)

«Aqui se hão de assustar os pedreiros, porque em ouvindo falar em escada, já cuidam que é a da *forca*. (Idem, n.º xi, pag. 4.)

«A escada estará segura, quando lhe pozerem umas palmetas por baixo, e ajuntarem bem os cadaveres dos pedreiros livres (Idem, n.º xi, pag. 6.)

«O imperio maçonico é um imperio de loucos. E que se faz na casa dos Orates? Correada, não só que deixe vergão, mas que escorra *sangue*, e só o *sangue* do açcute cura orates e pedreiros. (Idem, n.º xii, pag. 3.)

«Ladrões de estrada (os liberaes) que a *forca* mui raras vezes tem a honra de ver elevados á sumidade de seus magestosos degráos... (Idem, n.º xiii, pag. 1.)

«Eu, sem poder eximir os ladrões da forca, parece que não devo querer absolver os revolucionarios do *cadafalso!* (Idem, n.º xiii, pag. 2.)

«Se ficassem logo derreados a bambu, e com os queixos tão reduzidos a farinha, que nunca mais podessem bater um no outro, e se as ballas passassem de um ouvido a outro os que tantas chagas teem aberto no corpo de todas as nações... (Idem, n.º xiii, pag. 3.)

«É necessario engatilhar a espingarda, desfechar e deitar todos de *pernas ao ár*, porque a (cães) derramados, que se não curam, só as ballas nos livram d'elles. (Idem, n.º xiii, pag. 4.)

«Escoria da canalha (os liberaes) abjectissimos traidores, assassinos infames, que não conhecem outras armas mais que as da cobardia, o punhal e o veneno, cujo ataque é a fugida, e cujos louros são as *forcas*. (Idem, n.º xiii, pag. 5.)

«Estejam certos que tocam a degolar, quando tocarem a revolucionar. (Idem, n,º xiii, pag. 6.)

«Acabae com elles, no desterro e no patibulo. (Idem, n.º xiii, pag. 7.)

«Em quanto d'aqui não forem atrelados com suas coleiras, não digo que sejam de ouro, mas d'aquelle metal consagrado a Marte, que é mais seguro... (Idem, n.º xiii, pag. 8.)

«Os canhões assestados pelos nossos ancoradouros e surgidouros

(para rebater as invasões dos rebeldes da Terceira), devem ser *forcas* e os rebelins e bastiões que formarmos, sejam levantados de cadaveres dos nossos internos inimigos. (Idem, n.º XIII, pag, 9.)

«*Garrett, Midosi, Magalhães, Rocha Lopes*, e outros em quem poder não teve a *forca* (talvez ainda o venha a ter!).—(Idem, idem.)

«O maravilhoso instrumento para dar cabo dos pedreiros, que vem a ser o jogo em que só se ganha com *tres paus*... (Idem, n.º XIII, pag. 11.)

«Eu estou doentissimo, decrepito e moribundo; sou o *Primo de Virgilio*, que veste as armas para ir morrer.» (Assim conclue este mesmo n.º XIII, de que temos tirado tão abundante colheita!)

«Fóra, charlatães! Se a vocês lhes queimassem os editaes, lhes barrassem as caras com outra cousa, e depois de assim barrados os enforcassem logo... (Idem, n.º XIV, pag. 5.)

«João de Padilha foi o seu perceptor; e se elle foi *enforcado*, tambem elles o devem ser, para ficarem em tudo semelhantes. (Idem, n.º XIV, pag. 7.)

«No dia 30 de abril (de 1824), desejei ver na fachada do palacio da Bemposta aquelles adornos de architectura amovivol, que tantas vezes se descobrem no palacio das Sete Torres, em Constantinopla:—Quatro cabeças gotejando sangue! (Idem, n.º XVI, pag. 4.)

«Uma paciencia excessivamente offendida, pode produzir *Vesperas sicilianas*. (Idem, n.º XVI, pag. 11.)

«Não sendo tão completo o triumpho dos paladinos que não ficassem bons tres quarteirões d'elles bem e verdadeiramente pendurados nas suas competentes *forcas*... (Idem, n.º XVII. pag. 9.)

«Um grito maçonico, que diz:—Uma de duas cousas ha de cançar, ou nós, ou a *forca*... O carrasco a *enforcar* e nós a conspirar... —Se a isto se não segue uma *forca*, melhor será ir viver para Marrocos! (Idem, n.º XVIII, pag. 12.)

«O avental com que se cingem (os maçons), nem essa farragem com que se cobrem, com que teem sido apanhados e até conduzidos á merecida *forca*. (Idem, n.º XIX, pag. 7.)

«Só o *ferro* e *fogo* sem intermissão empregados, podem dar alguma esperança de remedio... (Idem, n.º XX, pag. 1.)

«Não ha na Hespanha, a bem dizer, uma aldeia de cinco fogos, onde se não veja uma *forca* levantada, um verdugo prompto e um *fuzil* engatilhado. (Idem, n.º XX, pag. 4.)

«Seja para os verdadeiros realistas o dia de *vingança* aquelle dia que estes impunes desaforados julgarem o dia da sua victoria:—Esta-

mos inçados e minados de maçons, é preciso que nos defendamos e só o seu *exterminio* poderá ser a nossa defeza. (Idem, n.º XXI, pag, 6.)

«Dez *Cavalleiros da Liberdade* vemos nós pendurar na *forca*, e tirados do gremio da nossa edificante Athenas. (Idem, n.º XXI, pag. 9.)

«Cousas que não teem resposta, se não nas mãos do *carrasco*, se aqui se apanhassem as guelas d'onde ellas sahiram (os escriptos publicados em Londres). (Idem, n.º XXII, pag. 4.)

«Deus mandou a el-rei Saul, que *exterminasse* a nação dos Amalecitas, sem deixar vivo um só individuo... assim se executou o mandamento de Deus, tudo foi passado aos fios da espada; mas el-rei Saul quiz perder-se a si e ao reino, chegou-lhe a molestia da *amnistia*, e concedeu *amnistia* a um só d'aquella nação, que foi Agog, rei dos mesmos Amalecitas; terrivel exemplo, e admiravel lição para todos os monarchas!... Tal é a associação dos conspiradores, que têm atacado os thronos... e que em ultimo logar operaram as revoluções da França, da Belgica e da Polonia, perfidos monstros! a sua maldade brada ao céo pelo *exterminio* que tiveram os Amalecitas. (Idem, n.º XXII, pag. 8.)

«E isto nas barbas de uma companhia de policia, que parece que não tem *cartuxos!* (Idem, n.º XXII, pag. 9.)

«São innumeraveis as *forcas* levantadas por todo o territorio hespanhol, pois nem uma só se conserva, e conservará ainda de pé, que não tenha rangido uma e muitas vezes com duzias e centos de malhados, e já que tanto se levantam, bem é que assim sejam levantados. (Idem, n.º XXIII, pag. 7.)

«Não se lembram que ficam expostos ao que teem já recebido, levaram publicamente com um pau, sem osso no corpo que são lhes fique; e se o pau, conforme a planta de que fôr tirado... por alguma sua flexibilidade... não produzir logo o desejado effeito, então *tiro*, não simples, mas com duas balas ou quatro zagalotes, que é o que elles merecem; e é, a meu vêr, a unica receita para acabar com os perfidos e impudentes *malhados*... esta medida é das que se podem chamar geraes... (Idem, n.º XXIII, pag. 7.)

«A massa de Hercules... quebrou os colmilhos navalhados ao porco do Erimantho; é verdade que a cabeça de um *malhado* tem mais dureza e consistencia; mas na mão está o tempero, *carrega-se*. Esta é sorte que espera, e esperará sempre os *malhados*, elles bem o sabem e d'ella já teem as triplicadas provas... (Idem, n.º XXIII, pag. 9.)

«Se contam com a protecção de esquadras... será o que baste, antes que se lhes veja a cara, para se *dar cabo* de quantos *malhados*

conhecidos e salientes existem, ou soltos, ou presos, ou alapardados... (Idem, idem.)

«Agradeça-me a *malhadaria* andar eu com pannos quentes, e contemplações aqui, e contemplações além. Tire-nos o céo d'estes apuros e apparecerá a verdade em toda a sua luz... (Idem, n.º XXIII, pag. 11.)

«Dizem que os *enforcados* são aos milheiros (e sendo pedreiros se lhes devia fazer o dito verdadeiro, e emquanto se não fizer não estaremos seguros, e viveremos sempre em sobresaltos). (Idem, n.º XXV, pag. 6.)

«Não deixar *um só* de taes réos vivos (falado Regimento n.º 4) é o mais sagrado dever da justiça. (Idem, n.º XXV, pag. 7.)

«Ámanhã, ou qualquer dia, o exercito da Terceira faz o seu desembarque no Cáes da *forca*. (Idem, n.º XXV, pag. 8.)

«Ora pois, se não querem um pau no lombo (o cacete) de um ou outro malvado demagogo, ver-se-hão obrigados a se servirem de *tres paus*, que servem de banco á ferramenta do carrasco. (Idem, n.º XXVI, pag. 5.)

«Se ha ballas que assobiem, desce (o papel moeda) a vinte e sete; se acaba a zunida, sobe logo a trinta e um! os tentos para *trinta e um* deviam ser cabeças espetadas nos parafusos da *forca*. (Idem, n.º XXVI, pag. 9.)

«Proseguir no mal conhecido por experiencia propria, se não é cegueira pertinaz, é por certo loucura rematada; e pelo que vemos não tem remedio, senão na sepultura, acabando pela molestia aguda do aperto das guelas, ou segundo a melhor pathologia, *garrotilho!* (Idem, n.º XXVII, pag. 1.)

«Os malvados, a quem nenhuma experiencia desengana... pois os vemos proseguir com a mesma pertinacia sem que os olhos fechados de muitos na *forca* abram os olhos aos que ainda passeam, sem darem ao menos volta á roda d'ella!... (Idem, n.º XXVII, pag. 9.)»

Parecerá talvez impossivel no futuro, que pelo meiado do seculo XIX se prégassem á face do mundo contra um povo civilisado, semelhantes doctrinas; e muito mais que taes expressões sahissem despejadamente da bocca de um sacerdote, septuagenario, enfermo e prestes a descer ao tumulo, e que entre dolorosos soffrimentos via sem cessar presente a seus olhos o aspecto da morte!

## XVI

Finalmente, extenuado de forças physicas, mas conservando sempre, como acabamos de ver, a mesma ardencia de genio, e cada vez mais possuido d'estas idéas sanguinarias, occupava-se a redigir o numero XXVII do *Desengano*; residia em Pedrouços quando no dia 19 de setembro de 1831, sentiu um violento ataque de sezões, que o forçaram a largar a penna para mais não tomal-a. O cuidadoso tratamento e soccorros que lhe foram administrados, não poderam debellar a intensidade da molestia, que appresentando desde logo uma apparencia sinistra, se aggravou progressivamente; até que no dia 2 de outubro seguinte, pouco depois das onze horas da manhã, rendeu os ultimos alentos, expirando quando contava setenta annos completos e alguns dias de edade, tendo porém conservado livre o uso de todos os sentidos até os finaes paroxismos.[1]

## XVII

No dia immediato (3 de outubro), de noite, foram seus despojos mortaes conduzidos, e acompanhados de um numeroso prestito, á egreja do convento das religiosas Trinas, no largo do Rato, onde se lhe fizeram decentes officios de corpo presente, sendo depois encerrado em sepultura particular, junto á capella de S. Thereza de Villa Nova. A chave do feretro foi depositada nas mãos de *D. Miguel*, que sempre mostrara por elle mui especial predilecção.[2]

## XVIII

Assim terminou a existencia de José Agostinho. No derradeiro periodo da sua vida tinha enthesourado algum dinheiro, fructo das pensões que lhe eram pagos pelo estado, e pelo Contracto do Tabaco, e da venda de seus escriptos impressos durante esta epoca, de alguns dos quaes recolheu avultado lucro, pela grandissima extracção que sempre tiveram. Só pelas *Cartas a Lopes* recebeu não menos de réis 1:200$000, como já dissemos; e pela *Besta Esfolada* lhe entregou *Fr. Joaquim da Cruz*, passante de 1:400$000 réis; não podemos até agora

---

[1] Vid. documento n.º XXIV.

[2] *Gazeta de Lisboa*, n.º 243, de 14 de outubro de 1831.

verificar quanto lhe rendeu o *Desengano*, mas com bom fundamento se pode crêr que a receita seria egualmente avultada. Se juntarmos a isto os redditos de alguns Sermões, que lho eram remunerados com generosidade; os mimos e dadivas de preço, que de continuo recebia; as gratificações pecuniarias havidas das pessoas para quem escrevia sermões, requerimentos, memorias e outras correspondencias de particular interesse, e se por outra parte attentarmos em que suas despezas eram assaz limitadas, pois que até os remedios, receitados pelos seus gratuitos facultativos, lhe eram tambem fornecidos a *expensas* do Arcebispo Vigario Geral, certo que não deve ser tido em conta de excessivo, o calculo de pessoas que suppomos bem informadas, as quaes fazem subir a cinco contos de réis a somma, que em especies metalicas possuia á hora do seu falecimento. Temos, é verdade, ouvido impugnar por outras pessoas, que tambem se pretendem inculcar scientes da materia, esta opinião, negando que José Agostinho possuisse tão avultada quantia; havendo até quem affirme que, bem longe de possuir coisa alguma, elle estava soffrendo privações, e falto de todos os recursos em seus ultimos dias; porém estes testemunhos não são quanto a nós sufficientes para invalidar o credito dos outros, a que acima nos reportamos. Demais, ninguem nega que elle recebesse as grossas parcellas que deixamos mencionadas; bem como é certissimo que possuia as pensões a que alludimos; logo em quanto não houver noticia do em que se consumiu aquella receita, reputamo-nos auctorisados para julgar que elle a conservava em ser; embora affectasse faltas e privações que na realidade não tinha.

## XIX

Não podendo fazer disposições testamentarias (vid. acima o § XII) limitou-se a mandar escrever alguns dias antes do seu ultimo transito, uma declaração, que assignou em presença de testemunhas, pela qual cedia ao seu velho amigo J. J. P. Lopes a posse e propriedade de todas as suas Obras impressas e manuscriptas, que nem todas passaram para as mãos de *Lopes*, e não faltou quem dissesse que alguma pessoa que assiduamente frequentava a casa de José Agostinho e lá estava por occasião do obito se apossara da maior parte; não podemos, nem devemos ser aqui mais explicitos sobre este melindroso ponto.[1] O certo

---

[1] Em nota avulsa: «Manuel Cesario de Araujo e Silva é quem pode informar dos ultimos momentos de José Agostinho e das suas acções nos tempos anteriores á

é, que os mesmos que chegaram a ser entregues a Lopes, tambem se desencaminharam por morte d'este; por modo que a sua familia ainda ignora o destino que levaram.[1]—A religiosa de quem já temos falado, ficou herdeira do espolio, e não sabemos se de mais alguma cousa, (dizem que 100 moedas) e depois da morte de José Agostinho recolheu-se novamente á clausura; ainda segundo nos consta (1848), vivia ha pouco tempo no convento de Almoster, junto a Santarem.[2]

---

sua morte, porque tinha em sua casa a maior familiaridade, e era quem mais convivia com elle nos ultimos tempos; e lá estava por occasião do falecimento. Dizem que apanhou duas canastras de manuscriptos que sumiu.»

[1] Foram subtrahidos por Francisco de Paula Ferreira da Cruz, intimo de Lopes, a titulo de os conservar. (20 de dezembro de 1844.)

[2] Notas avulsas:

«1.ª Se fez testamento em fórma ou algum apontamento avulso?

2.ª Se possue alguns manuscriptos do mesmo padre?

3.ª Se sabe qual foi o capital que o referido padre deixou por sua morte?

1.ª Não consta que fizesse testamento, nem cousa semelhante, e se alguns bens possuia (que não eram se não dinheiro), foram, com tempo, arrecadados por uma freira que vivia em companhia do padre, e que se dizia ser irmã.

2.ª Manuscriptos não consta que ficassem; era sabido que quanto escrevia passava logo para as mãos do Lopes (constante editor de todas as obras d'elle) para ser immediatamente impreso.

3.ª Á 3.ª pergunta, responde a 1.ª resposta.

Rendimentos de José Agostinho, conforme Paula:

Em 1826 a Infanta Regente D. Izabel Maria, por intercessão do dr. Abrantes, concedeu a José Agostinho uma pensão annual de 300$000 réis, a titulo de recompensa pela oração funebre que prégou nas exequias de D. João VI.

Em 1829 (abril) começou a receber dos Contratadores do Tabaco (João Paulo Cordeiro & C.ª) uma pensão annual de 300$000, pagos adiantadamente.

Pelas *Cartas a J. J. P. Lopes* (32), recebeu por mão do mesmo Lopes, por vezes, para cima de 1:200$000 réis.

Pela *Besta Esfolada*, de que era editor Fr. Joaquim da Cruz, recebeu mais de 1:400$000 réis.

Esmolas de sermões avultadissimas, que desde 1826 não podia produzir menos de 200$000 (até 1830).

Escrevia *sermões* para outros pregarem, requerimentos a rogos de partes e outros papeis, que lhe rendiam dinheiro e prezentes.

Calcula-se portanto que em fins de 1829, devia ter desde 1826 ajuntado uma quantia superior a 3:840$000 réis.

Quanto ás suas despezas desde esse tempo, calculavam-se pelo maximo em 1$000 réis diarios, porque era muito economico.

Nada gastava em vestuario.

Nada com medico e cirurgião, porque o visitavam por affeição.

Nada com remedios, porque lh'os mandava o Vigario Geral.

Pagava de renda de casas 38$400 réis.

## XX

Tal foi José Agostinho considerado como homem: era de robustissima compleição, e logrou por muitos annos de boa saude, apesar dos estragos que forçosamente deviam resultar-lhe dos obrigados excessos a que se habituara desde seus verdes annos, os quaes sómente se fizeram sentir na decadencia da edade, como temos dito. Foi de mediana estatura, reforçado e de semblante carregado, como bem o demonstra o retrato collocado á frente d'esta biographia, que fizemos

---

Por conseguinte no dito tempo apenas poderia ter gasto 1:800$000 réis, e por conseguinte teria pelo menos 2:000$000 réis, sem fallar no que já teria junto em 1826.

José Agostinho traduziu a *Thebaida* em 1797 e o 1.º tomo da traducção perdeu-se na mão de uma criada velha que o conduzia em 1810.

José Agostinho vindo a Lisboa (depois de ter estado no Collegio de Coimbra), tratando-se da Eleição de Provincial, e faltando o orador, elle subiu ao pulpito pela primeira vez, e improvisou uma oração tão eloquente que espantou a todos.

Em agosto de 1831, foi-lhe conferido por D. Miguel um beneficio ou Abbadia, no Minho, de 500$000 réis de rendimento annual.

O *Desengano*, *Besta* e *Cartas a Lopes*, renderam-lhe para mais de 4:000$000 réis.

Francisco de Paula estava doente de sezões, e de cama, quando recebeu a noticia da morte de José Agostinho.

José Agostinho sendo atacado de sezões (molestia que então era quasi epidemica), foi tratado pelo medico João Henriques de Paiva, o qual conseguiu exterminar as sezões; porém subindo a inflamação da bexiga, complicou-se a molestia e o medico lhe applicou causticos, que pareceram dar bom resultado, até ao primeiro de outubro, mas a melhora foi momentanea, tendo-se-lhe applicado todos os sacramentos, fazendo elle uma pratica que commoveu a todos os assistentes, e pedindo perdão a quantos d'elle se julgassem offendidos, entregou o espirito ao Creador. Declarou antes da sua morte que desejava ser enterrado na egreja das freiras do Rato, defronte do altar de S. Thomé, em sepultura propria, para o que dava a esmola de 480$000 réis, que foram logo entregues. Teve um enterro pomposo, sendo conduzido por um coche da casa real que D. Miguel lhe mandou facilitar, puchado a 8 bestas, e acompanhado por muitos criados da casa real, com archotes de céra. Enterrou-se no dia 3 e teve um concurso immenso de convidados, e mais ainda de sujeitos de todas as classes, que foram espontaneamente, entre os quaes se contavam alguns ministros de estado. D. Miguel lhe mandou tirar o retrato em busto, e determinara mandar-lhe fazer um mausoléo.

Pobreza imaginaria de José Agostinho de Macedo:

Lê-se no n.º 1:580 do *Bracarense*, de 6 de agosto de 1868, em um artigo do noticiario, sob a epigraphe: *Como acabaram alguns homens notaveis?* o seguinte: «O padre José Agostinho de Macedo morreu pobre; e teria morrido de fome, se não fossem as religiosas do Rato!»

copiar d'aquelle que mais se achega á realidade de suas feições, entre os diversos que em vida se lhe tiraram.[1] Do seu caracter, indole e costumes parece-nos que deixamos disseminadas pelas paginas d'este escripto mais que sufficientes noções, para que os presentes e vindouros hajam de apreciar-o com justiça.[2]

---

[1] Entre os varios papeis que acompanham estas *Memorias* não foi encontrado o retrato preferido pelo academico Innocencio. Sendo, porém, o seu intuito que as *Memorias para a vida de José Agostinho* fossem enriquecidas com um retrato do activo escriptor, adoptou-se a gravura em que foi copiado o retrato feito por Henrique José da Silva. *(Nota da revisão.)*

[2] José Maria da Costa e Silva, no remate da biographia de José Agostinho:

«D'esta rapida resenha da vida e obras de José Agostinho, resulta como consequencia necessaria, que elle foi mau cidadão, mau amigo, pessimo religioso, litterato superficial e orgulhoso, critico injusto e sem consciencia, orador mediocre, e poeta de segunda ordem.»

Lê-se na *Revista Historica de Portugal* (de Bernardo), pag. 106 da edição de 1846:

«O falecimento do padre José Agostingo de Macedo no dia 2 de outubro de 1831, é digno de menção. Homem de raro talento, empregava muitas vezes a sua penna em objectos ridiculos, com o intuito de satisfazer a sua indole maledica, e talvez para *matar a fome que o devorava.* Tinha-se feito *escrevinhndor* dos suppostos direitos de D. Miguel ao throno portuguez; mas estes serviços nunca o poderam remir da pobresa em que sempre o encontraram 70 annos de edade.

«A vida de José Agostinho foi uma série de hypocrisias com que sempre pretendeu occultar vicios e solturas, em numero tão avultado, que o seu maior amigo não duvidou reconhecer n'elle alguns defeitos!

«Ultimamente as suas exequias foram honradas pelo rei, de quem tinha sido acerrimo defensor.»

A verdade contradiz uma parte d'estas asserções, que não se devem deixar passar sem o devido correctivo.

# DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS

# DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS

## I

**Certidão do baptismo de José Agostinho de Macedo** (Vid. pag. 10.)

O Presbytero *José Moreira dos Santos*, secretario do cartorio dos livros findos d'este bispado de Beja: Certifico que revendo o livro de baptisados da freguezia do Salvador d'esta cidade de Beja, que teve seu principio no dia vinte e tres do mez de fevereiro de mil septecentos e cincoenta annos, e findou no dia septe do mez de julho de mil septecentos sessenta e tres annos, e a folhas cento sessenta e septe está o termo do theor seguinte:—No primeiro dia do mez de octubro de mil septecentos e sessenta e um annos, de minha licença baptisou e poz os sanctos oleos o reverendo padre *Pedro Pires Nolasco*, thesoureiro na Collegiada de S. João Baptista d'esta cidade, a *José*, filho primeiro de *Francisco José Tegueira*, natural d'esta cidade, e de sua mulher *Angelica dos Seraphins Freire*, natural da freguezia de S. Julião da cidade de Lisboa, do primeiro matrimonio da parte de ambos, neto pela parte paterna de *Pedro Nogueira Sobrinho* e de *Rosa Maria*, naturaes d'esta cidade, e pela materna neto de *Manuel Baptista Freire*, natural da freguezia de Bellas, patriarchado de Lisboa, e de *Anna Joaquina Rosa*, natural de freguezia de S. Nicolau, da dicta cidade de Lisboa; e eu *Antonio Guerreiro d'Aboim*, prior d'esta egreja do Salvador, toquei como padrinho. De que mandei fazer este termo, que assignei no dia, mez e anno ut supra. Prior, *Antonio Guerreiro d'Aboim*.—

E nada mais se continha no referido termo, que fiel e exactamente trasladei, e ao qual me reporto, e de tudo dou a minha fé. Cartorio dos livros findos do bispado de Beja, em dous de dezembro de mil outocentos quarenta e tres. E eu o dito secretario, que o escrevo e assigno. O Padre, *José Moreira dos Sanctos*.

Reconheço a lettra e assignatura supra ser do proprio, que dou fé. Beja, quatro de dezembro de mil outocentos quarenta e tres.

Em testemunho de verdade.

(Logar do signal publico)

O Tabellião, *João Silvestre da Fonseca*.

## II[1]

**Certidão do concubinato de José Agostinho de Macedo** (Vid. pag. 18.)

*João José da Fonseca Barreto*, cidadão n'esta côrte e cidade de Lisboa, e n'ella escrivão do crime do bairro do Castello e seu termo, por sua magestade fidelissima que Deus guarde: certifico aos que a presente certidão virem, em como em meu poder e cartorio se acha um termo do theor e fórma seguinte:

*Termo que assigna Claudia Maria Benigna na fórma abaixo*

Aos doze dias do mez de Junho de mil septecentos oitenta e oito annos, n'esta côrte e cidade de Lisboa, e casas da morada do doctor *Manuel Antonio Pessoa Osorio*, juiz do crime do bairro do Castello, aonde eu escrivão do seu cargo vim, e ahi sendo informado o dito ministro de que *Claudia Maria Benigna* se achava vivendo em concubinato com *Fr. José de S. Agostinho*, religioso do Convento da Graça, a mandou vir á sua presença, e lhe fez perguntas, se era ou não verdade o referido, e confessando que sim, e que com elle tratava ha seis para septe mezes illicitamente, e lhe pagava as casas e a sustentava; admoestou-a a que se abstivesse de similhantes procedimentos, e vivesse d'aqui em diante com toda a honestidade; cominando-lhe que tornando ao mesmo concubinato com o sobredito padre *Fr. José*, ou com algum outro homem, ou a viver com deshonestidade e escandalo, ficaria subjeita á pena de ir por tres annos para a casa de Sancta Margarida de Cortona: o que sendo por esta falta ouvida, assim o prometteu cumprir, e se subjeitava á pena cominada. E de como assim o disse, o dito ministro me mandou fazer este termo, que por dizer não sabia escrever a declarante, assignou *José Carlos de Sousa e Silva* a seu

[1] Impressa em um folheto intitulado *Anecdotas biographicas do P.e José Agostinho de Macedo*. Lisboa, 1821.—Outra ed. do Porto, Typ. de Gandra, 1822. Vem a pagina 13, com a seguinte rubrica:

«Outra Certidão de que não resa a Sentença, talvez por decoro claustral, e que vem a fol. 13 nos Autos, passada pelo Escrivão do Crime do Bairro do Castello, para provar que Fr. José de S. Agostinho andava amancebado com uma meretriz, moradora no Beco das Beguinas, Freguezia de S. Vicente de Fóra.»

Este folheto rarissimo, termina com os seguintes considerandos:

«*O que o Berço dá, a cova o tira.*—José Agostinho de Macedo, *malvado por indole, e depravado por costume (como fica authenticamente provado) he, e tem sido em toda a sua vida igualmente indigno da Religião e da Sociedade; he e tem sido em toda a sua vida tão refinadamente perverso, que mui difficeis se deparão abortos da humanidade com quem o poder emparelhar! O que porém tem sempre corrido parelhas em seu abominoso caracter e proceder he a impudencia e a maldade, tão consecutivas e cabaes que está plenamente no caso de contra elle se dever fallar e escrever; e, em vez de se por isso incorrer nas penas da antiga Ley dos Libellos famosos, merecer-se antes o premio por outra Ley concedido a quem matar hum Lobo.*» (Da revisão.)

rogo e comigo: e eu—*João José da Fonseca Barreto,* o escrevi e assignei.—*João José da Fonseca Barreto.*—A rogo da sobredita, *José Carlos de Sousa e Silva.*

E não se continha mais em o dito termo, que se acha em meu poder e cartorio, ao qual me reporto. Em fé do que, passei a presente a pedimento, digo, em Lisboa aos doze de julho de mil septecentos oitenta e outo annos. E eu *João José da Fonseca Barreto* a subscrevi e assignei.[1]

*João José da Fonseca da Barreto.*

## III

**Despacho do Nuncio Apostolico para que o provincial da Ordem de S. Agostinho receba no convento de Lisboa a Fr. José de S. Agostinho** (Vid. pag. 20.)

Attendendo ao que o supplicante nos expõe, e persuadidos de que o seu arrependimento é verdadeiro, o reverendo padre provincial o receba benignamente, remettendo-o para o convento de Torres Vedras, ou para o da Penha de França, onde será absolvido da apostasia, e punido na fórma da constituição. Lisboa 9 de fevereiro de mil e septecentos oitenta e nove.

*Carlos,* Arcebispo de Tyana, N. Ap.
*Caetano Vittorio,* secretario.

## IV

**Para o Visconde Mordomo Mór** (Vid. pag. 22.)

Ponho nas mãos de V. Ex.ª a Petição de Fr. José de Sancto Agostinho,[2] religioso da ordem de Sancto Agostinho Calçado, e preso no carcere do Convento de Nossa Senhora da Graça, em que se queixa das violencias que pratica com elle o seu provincial.

Eu estou presente no que S. M.de ordena, em que os ministros visitem os carceres, e ouçam os reclusos, para deliberarem quando o caso o exigir, ou informarem a S. M.de

Eu me não delibero a mandar executar o referido, sem que V. Ex.ª me autorise para este fim, e poder ir conforme com a vontade de S. Mag.de

Lisboa 2 de dezembro de 1789.

*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

---

[1] Vem publicado no *Correio Portuguez,* pag. 409 e 413.
[2] *Secretaria,* Livro 3.º, fl. 98, ý.

**Portaria do Intendente Geral da Policia, dirigida ao Corregedor do Bairro do Rocio** (Vid. pag. 23.)

No dia de ámanhã, quinta feira quatorze do presente, passará v. m.ce com o seu escrivão ao convento de Nossa Senhora da Graça, e se dirigirá ao carcere do mesmo convento, onde se acha *Fr. José de Sancto Agostinho*, e lhe perguntará os motivos, que obrigam o seu prelado a tel-o n'aquelle carcere; informando-me da qualidade d'elle, se se acha em ferros, e se lhe subministram o alimento necessario, que costumam dar aos mais religiosos; e depois passando á cella do prelado, lhe perguntará a razão que o obriga a ter contra o dito *Fr. José de Sancto Agostinho* aquelle procedimento, lavrando auto pelo seu escrivão da pergunta e resposta que der o mesmo prelado, que deve assignar, e do estado em que se acha o dito *Fr. José de Sancto Agostinho*, e respostas que der ás perguntas, que ordeno se lhe façam. E passando a examinar os mais carceres do mesmo convento, me informará se n'elles se acham mais alguns religiosos, e o motivo porque; e se entre os mesmos carceres ha algum mais horroroso do que aquelle em que se acha o dito *Fr. José de Sancto Agostinho*, dando-me v. m.ce logo parte por escripto da execução d'esta diligencia. Deus guarde a v. m.ce, Lisboa trese de janeiro de mil septecentos e noventa. *Diogo Ignacio de Pina Manique*.—Senhor Doctor, Corregedor do Bairro do Rocio. [1]

## V

**Informação dada ao Governo, pelo Intendente Geral da Policia** (Vid. pag. 23.)

Illustrissimo e excellentissimo sr.:—Manda-me v. ex.a informar o requerimento incluso de *fr. José de Sancto Agostinho*, religioso dos eremitas do mesmo sancto, o qual se queixa dos excessos com que foi maltratado pelo seu provincial na prisão que lhe mandou fazer, e o mais que relata o requerimento. Da informação que mandei tirar pelo corregedor da comarca de Torres-Vedras, que passo ás mãos de v. ex.a, se vê, por uma parte, que o queixoso *Fr. José de Sancto Agostinho* é de mau procedimento, e usa de faca, que lhe foi achada no acto da prisão; e por outra parte se faz ver o excesso com que o provincial mandou executar a diligencia, e que os motivos que actualmente deram causa a este procedimento, não eram taes, que merecessem o rigor com que foi maltratado o dito religioso; e d'elle se mostra haver intriga particular, que obrigou este prelado a esquecer-se das obrigações com que devem ser tratados os seus subditos. Mandei ao Corregedor do bairro do Rocio fosse ao convento de Nossa Senhora da Graça, visitar os carceres do mesmo convento, e particularmente aquelle

---

[1] *Côrte*, Livro 6.º, fl. 224, y.

em que se achava o recorrente, e pergunta-lo sobre os mesmos factos e das respostas que deu verá v. ex.ª o que elle refere; e conclue no mesmo que declarou na sua supplica; e ouvindo o mesmo ministro o provincial, este deu a larga resposta, juntando a copia de quatro sentenças que tem sido preferidas contra o dito *Fr. José de Sancto Agostinho*, e confirmadas no definitorio geral, em diversos governos da sua religião, e juntamente o auto da achada da faca, e cartas que lhe escreveu, que elle suppõe que atacam a sua auctoridade; como v. ex.ª verá tudo o que acabo de referir na conta do corregedor do Rocio, com as respostas a ella juntas. Recorrendo o queixoso *Fr. José de Sancto Agostinho* á Nunciatura, esta tomou a deliberação de mandar pôr em homenagem no mesmo convento o dito religioso, a que não quiz obedecer o provincial, e dizem os officiaes da nunciatura, que foram executar esta diligencia, que o provincial e prior se houveram com alguns excessos contra elles; e que por temor de praticarem alguma violencia se retiraram, e dando parte á nunciatura me vieram pedir auxilio para poderem executar esta diligencia, o qual lhe mandei, ordenando ao Corregedor do Rocio fosse prestar o auxilio requerido, e com effeito indo, achou já a este tempo munidos o provincial e prior com certidão de terem posto um recurso na mesa da corôa; e dando-me parte, o mandei retirar. É certo que este caso tem dado escandalo aos povos, pois tem sido bloqueado em todas estas occasiões o convento de innumeravel populacho, proferindo alguns dicterios, influido talvez por aquelles espiritos de parcialidade contraria, que é a que tem chegado a este ponto os excessos que se tem executado n'este caso de uma e outra parte, e os da parcialidade contraria aproveitaram esta occasião para malquistar com seus fins o prior e provincial, e me informam que são os que subministram os dinheiros para as despezas. Fiz recolher ás cadêas o alcaide, que foi executar a prisão de *Fr. José de Sancto Agostinho* ordenada pelo seu provincial, sem estar auctorisado por ordem do ministro, que lh'o ordenasse; sendo sem duvida que o queixoso *Fr. José de Sancto Agostinho* é de uma irregular conducta e relaxado, e que o provincial e prior são de um genio pouco proprio para prelados, e o demonstram bem os referidos factos, que tem praticado n'este caso. V. ex.ª exporá tudo o que refiro a sua magestade, e a mesma senhora ordenará o que for mais justo.—Deus guarde a v. ex.ª Lisboa vinte e tres de janeiro de mil septecentos e noventa.—Illustrissimo e excellentissimo senhor *José de Seabra da Silva*.—*Diogo Ignacio de Pina Manique*.[1]

---

[1] *Cartas para as secretarias*, Livro 3.º, fl. 111. (Na Torre do Tombo). Publicado em 1876 na obra *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria*, pag. 83.

## VI

**Aviso da Secretaria d'Estado para o Intendente Geral da Policia** (Vid. pag. 24.)

Sua magestade é servida, á vista das informações, que v. s.ª faça intimar o provincial e prior da ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, que pondo fóra do carcere a *Fr. José de Sancto Agostinho*, e guardando-o em custodia, com liberdade de falar a seus procuradores, e amigos, prosiga nos mais termos da causa que com elle corre, até final sentença; não sendo toleravel por leis algumas, que um réo secular ou regular, seja recluso incommunicavel, antes da sentença que assim o decida em castigo. Deus guarde a v. s.ª Salvaterra de Magos, em tres de fevereiro de mil septecentos e noventa.—*José de Seabra da Silva.*—Illustrissimo senhor *Diogo Ignacio de Pina Manique.*[1]

## VI-A

**Segundo Acordão do Juizo da Coroa contra o Auditor da Nunciatura Apostolica pelas violencias que nele se declarão, praticadas contra todo o Direito**

Acordão em Relação etc., vistos estes autos de recurso, que do auditor da legacia interpoz o procurador geral da provincia dos eremitas calçados de Sancto Agostinho n'estes reinos, a que assiste o desembargador procurador da corôa.

Mostra-se que sendo mandado recolher ao carcere do convento da Graça, d'esta cidade Fr. José de Santo Agostinho, á ordem do prelado maior da dicta provincia, e havendo-se executado a dicta ordem, sem embargo da resistencia do dito réo, a que n'aquelle acto foi aprehendida a faca de ponta que se acha appensa, se appellou em seu nome para a legacia, de todos os procedimentos, devaças e sentenças, a que se houvesse procedido contra elle, e de todas as culpas formadas como se lê na petição fol. 79, dos autos avocados.

Mostra-se que o dicto prelado, posto que revogasse pelo despacho 29, o que havia dado na dicta petição regeitando aquella appellação, e a que o mesmo réo interpoz a fol. 28 de haver sido preso sem ordem do prelado superior ao R.º Nuncio, de quem disse obtivera despacho para que se não procedesse contra elle, até que o mesmo R.º Nuncio sendo informado, não mandasse o contrario, cedeu com tudo o dito prelado á carta citatoria fol. 74, passada pelo dito auditor em virtude da commissão do R.º Nuncio a fol. 73, remetendo os autos do livramento, que estavam nos termos de serem sentenciados.

---

[1] *Côrte*, Livro 6.º, fl. 231, ỿ.

Mostra-se que havendo ajunctado aos dictos autos a procuração fol. 77, em que o réo representando-se recluso em um carcere horroroso, e sem communicação alguma, se dá por sabedor da appellação que interpozera em seu nome, e pode fazer e passar para fóra a mesma procuração, em que se approva e ratifica a dita appellação, porque só queria e desejava ser sentenciado na legacia, reclamando como falso, e caviloso qualquer documento com que se quizesse mostrar, ter elle desistido da dita appellação; foi n'ella provido pelo dito auditor havendo por justificado e julgado irreparavel o gravamento feito ao dito réo, na pronuncia e na prisão em que já estava, e em que fôra mandado conservar para o livramento, premissas com que houve logo a causa por devoluta á sua instancia, em virtude da dita commição, como consta da sentença fol. 82.

Mostra-se que passando o dito auditor em consequencia d'esta sua decisão inhibitoria fol. 84, se deliberou tambem conceder ao mesmo réo a graça da homenagem pelo despacho fol. 89, referindo-se á resposta fol. 89, em que o promotor fiscal da justiça n'aquelle juizo, suprindo em facto a favor do réo, o que nem elle tinha allegado, nem consta dos autos; disse que visto o miseravel estado em que elle se encontrava no carcere, sendo aliás prégador de boa fama e nome, não podia haver duvida em que se lhe desse o convento por prisão.

Mostra-se que não se cumprindo a carta fol. 90 pelo prelado geral do dito convento a que foi apresentada por não se achar presente o prelado maior, ou se querer evadir a tal cumprimento, como parece da certidão e a diligencia fol. 98, se queixou novamente o réo ao dito auditor, que referindo-se no despacho fol. 98, a resposta do dito promotor fol. 101, mandou que os officiaes do seu juizo fossem fazer executar effectivamente a dita carta, e que duvidando os ditos prelados, ou o que em ausencia d'elles presidisse á communidade, arrombassem os mesmos officiaes o carcere, e posessem fóra d'elle ao réo, fazendo de tudo autos para se proceder contra os que impedissem aquella execução, como desobedientes e refractarios aos mandados apostolicos.

Mostra-se, que não se executando com tudo o dito despacho, pelas urgentissimas razões que ponderou o dito prelado maior, assistido do prelado geral, de tres definidores e de seis religiosos dos mais authorisados da ordem, e que se referiram no auto de diligencia fol. 104, sobre nova queixa do réo, e sobre nova resposta do dito promotor fol. 107, determinou o auditor em conformidade d'ella pelo despacho fol. 106, que os mesmos officiaes pedindo ao desembargador intendente geral da policia todo o adjutorio que presentemente parece necessario, fossem executar a ordem precedente arrombando o carcere, se necessario fosse, e que extraindo d'elle ao réo o conduzissem ao convento de S. Francisco da cidade, da parte d'aquelle tribunal apostolico, para ser alli conservado em homenagem, e assistido pelo convento do recurrente com 240 réis por dia, álem das despezas da deligencia, e da conducção, notificando tambem os ditos officiaes aos dois prelados ainda na pessoa de qualquer religioso, para que no prefixo termo de tres dias assignados pelas tres admoestações canonicas, allegassem n'aquelle

dito tribunal a razão de não terem incorrido em excommunhão maior, e nas mais penas impostas aos resistentes, e refractarios dos mandados apostolicos, não conhecendo os seus superiores.[1]

Mostra-se que suspendendo-se com a intimação d'este recurso a execução d'esta abuziva, violenta e attentatoria rezolução, a pertende justificar o dito auditor na sua resposta a fl. d'estes autos com algumas exclamações patheticas, aliás estranhas no ponto do recurso, o que senão verifica do Processo: Quaes, por exemplo, as que faz sobre haverem fingido os ditos Prelados que o réo desistira da sua Apelação, do que não consta; e finalmente com o fundamento de que havendo-se justificado o gravame irreparavel por meio da referida Apelação se não devião remeter os autos á primeira Instancia; e até pelas leis d'estes Reinos; e que sendo ellas por titulo, o Juiz da cauza podia conceder a homenagem, e fazer executar o seu despacho, no qual implorava o adjutorio necessario.

E porque ainda prescindindo do despacho do R.º Nuncio, de que o réo se quiz prevalecer na sua Apelação fl. 28, porque d'elle não consta com as legalidades necessarias para as providencias incombinadas n'esta Meza, especialmente pelo Decreto de 15 de junho de 1744, aliás inexcuzaveis a respeito dos excessos, dos abuzos, e das uzurpações com que o dito auditor tem procedido n'este caso.

Primó. No conhecimento da apelação interposta pelo réo, não sendo caso d'ella.

Secundó. Por haver os autos por avocados, e devoluto á sua instancia.

Tertió. Em conceder homenagem ao dito réo.

Quartó. Finalmente em querer executar, mandando proceder pelos seus officiaes até ao arrombamento do carcere sem implorar o auxilio do Braço Secular na fórma prescripta pela lei; Pois quanto

Ao primeiro: He sem duvida que não tendo logar a Apelação, por via de regra, mas que a respeito das Sentenças Difinitivas, ou que contem gravame irreparavel, como aos Juizes Ecclesiasticos se deliberou em Trento no Concilio ali celebrado, nenhuma das referidas circumstancias se verifica nos procedimentoss, e nos despachos, nem ainda com respeito á prisão; pois que não havendo esta sido determinada em pena, mas só em custodia, e segurança em ordem ao livramento dos crimes, de que foi arguido o mesmo réo, como reconhece o mesmo Auditor; por nenhuma lei se pode qualificar irreparavel damno de taes despachos; assim como geralmente, e pelas leis d'estes reinos se qualificam os que o mandam meter o réo a tormento; e como pelo estilo de julgar se qualificam os que determinam a soltura dos réos prezos.

Quanto ao segundo: He sem duvida, que não tendo logar a providencia de se haverem os autos por avocados, e devolutos a superior instancia, quando a ella sobem por apelações frivolas, e incompeten-

---

[1] Até aqui o texto é copiado por Innocencio. Transcrevemos o restante da obra de Ferraz Gramoza, *Successos de Portugal, Mem. hist. polit. e civis,* tom. I, pag. 46 a 49. *(Da revisão).*

tes, e só dirigidas a illudir as primeiras instancias, como n'este caso; por isso mesmo que não foi legitima a apelação do réo, como fica ponderado, é aliás certo que ainda nos cazos das apelações legitimamente interpostas se não podem haver os autos por avocados e devolutos, quando a jurisdição dos juizes superiores é restricta ao conhecimento das apelações, como é n'estes reinos a dos Reverendos Nuncios na conformidade das rezoluções recommendadas a esta Meza para a sua exacta observancia pelo referido Decreto; e de outra fórma se iludiriam as mesmas resoluções, como abuzivamente se illudem na pratica do excesso verificado n'estes autos de se estender enormemente a competencia das Apelações.

Quanto ao terceiro: é sem duvida, que ainda prescindido da ponderada incompetencia do dito Auditor, posto que o fosse competente, nunca poderia conceder ao réo a graça da homenagem, porque sendo ella desconhecida no Direito Canonico, as mesmas providencias d'elle se acham excluidas nos crimes graves; assim como pelas leis d'estes reinos se exclue a da homenagem nos casos de resistencia, e de faca de ponta, qual a que foi achada ao réo, e se acha a ella appensa.

E quanto ao quarto: Sendo intoleravel que o dito Auditor se intrometa a fazer executar pelos seus officiaes as suas determinações, ainda menos estrondozas, que a do arrombamento de hum carcere, parece ainda mais intoleravel que para huma tal execução só se lembrasse pela Resposta do seu Promotor de que necessitava de força, como se fosse aliás hum Juiz incontestavelmente competente, quando deve saber que para toda, e qualquer execução necessita implorar o auxilio do Braço Secular, e que os mesmos Ministros, a que devia dirigir-se, lhe não podiam conceder sem conhecimento de cauza na fórma da Lei.

Por quanto mandam se lhes passe carta, pela qual a mesma Senhora lhe encarrega, e recommenda que desista dos referidos excessos e usurpações, remetendo os autos ao Prelado do Recorrente para proseguir n'elles segundo as suas constituições legitimamente aprovadas; e quando o dito Auditor assim o não faça, o que d'elle se não espera, mandam ás Justiças que não executem Suas Sentenças e Mandados.

Lisboa 7 de agosto de 1790.—*Godinho, Salter, Soeiro.*—Fui prezente. Com a rubrica do Dezembargador Procurador da Corôa. Ajudante.

## VII

### Carta do Intendente para o Reitor do Mosteiro de S. Paulo (Vid. pag. 27.)

Remetto á presença de v. rev.ma *Fr. José de Sancto Agostinho*, conventual que foi do convento de Nossa Senhora da Graça d'esta côrte o qual anda vagando pelas ruas de Lisboa na mais triste e deploravel figura, que escandalisa a todos aquelles que o vêem, e praticando acções taes, que offendem o sancto habito que professou, e compromette

o respeito com que devem ser tratados todos aquelles, que teem a fortuna de serem filhos de tão sancto patriarcha; chegando a relaxação a ponto tal, que ainda aos mesmos hereges escandalisa o seu procedimento.—V. rev.ma o fará recolher ao carcere, para ter com elle o procedimento que prescrevem as leis da religião, e cohibil-o e contel-o do que acabo de referir.—Deus guarde a V. rev.ma—Lisboa vinte de maio de mil septecentos noventa e um. *Diogo Ignacio de Pina Manique.*—Reverendissimo Padre mestre Reitor do convento de São Paulo primeiro Eremita.[1]

## VIII

**Carta do Nuncio Apostolico ao Reitor do Mosteiro de S. Paulo** (Vid. pag. 27.)

Reverendissimo senhor padre reitor do convento de São Paulo.—Por me constar que o padre *Fr. José de Sancto Agostinho* fugiu d'esse convento, ordeno a v. rev.ma que faça toda a diligencia para o apanhar, servindo-se tambem para este effeito do braço secular; e de tudo o que passar, v. rev.ma me informará. Deus guarde a v. rev.ma muitos annos. Nunciatura nove de julho de mil septecentos e noventa e um. De v. rev.ma—Muito seu venerador, *C. Arcebispo de Tyana, N. Ap.*

## IX

**Portaria do Intendente ao Juiz do Crime do Bairro de S. Catharina** (Vid. pag. 28.)

V. m.ce dará a mais exacta busca com os seus officiaes, nas casas que a v. m.ce apontar o religioso portador d'esta, para ver se nas mesmas casas se acham os livros constantes da relação, que lhe ha de apresentar o sobredito religioso; dando-me parte do resultado d'esta diligencia.—Deus guarde a v. m.ce—Lisboa 8 de julho de mil septecentos e noventa e um.—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

## X

**Portaria do Intendente ao mesmo Juiz, para continuar a diligencia** (Ibid.)

V. m.ce tornará a ouvir ao padre mestre e reitor de São Paulo, a fim de descobrir outros livros que lhe faltam da sua livraria, além d'aquelles que forem aprehendidos, roubados pelo *Fr. José de Sancto Agostinho*, perguntando v. m.ce os presos e o mesmo livreiro, para ver se se consegue alguns esclarecimentos a este respeito. Deus guarde a v. m.ce Lisboa quatorze de julho de mil septecentos noventa e um.—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*[2]

---

[1] *Côrte*, Livro 7.º, fl. 28 ỳ. Publicado na *Policia secreta*, pag. 396. *(Da revisão.)*
[2] *Policia secreta*, pag. 396 e 397. *(Da revisão.)*

## XI

**Certidão da entrega dos livros roubados aos religiosos do Mosteiro de S. Paulo** (Vid. pag. 28.)

*Bernardino Custodio da Silveira,* cidadão d'esta cidade, e n'ella escrivão do crime do bairro de Sancta Catharina, por sua magestade fidelissima, que Deus guarde, etc.—Attesto, e faço certo, que ha tempos, de cujo dia não tenho cabal lembrança, fui eu em companhia do doctor *José Marcellino Pato de Mendonça Furtado,* juiz corregedor do crime do bairro de Sancta Catharina, ao sitio do Chiado, a uma loja de um livreiro francez, que segundo minha lembrança se chama *João Baptista,* aonde tambem foram dois religiosos paulistas, cujos nomes ignoro, e ahi elle ministro perguntou ao dito *João Baptista,* se havia comprado alguns livros, declarando os titulos d'elles por uma relação que os ditos religiosos traziam, e logo declarou ser verdade haver comprado a um religioso do convento da Graça, parte dos livros que se lhe declaravam, os quaes tinha em ser; e d'elles fez entrega ao dito ministro, declarando que o dito religioso a quem os havia comprado, se chamava *Fr. José.* E logo elle doctor juiz corregedor os entregou aos ditos religiosos paulistas, que disseram haver-lhes furtado da sua livraria o referido *Fr. José* maior quantidade de livros, do que aquelles que receberam n'aquella occasião; e não se fez acto judicial algum d'este facto. E por ser verdade o referido, passei a presente por mim assignada, n'esta corte de Lisboa, aos nove do mez de novembro de mil septecentos e noventa e um annos.—*Bernardino Custodio da Silveira.*—E declaro que o dito religioso do convento da Graça, que fez o furto mencionado, tenho noticia se chama *Fr. José de Santo Agostinho,* e que n'esta occasião se achava recolhido por ordem do excellentissimo senhor Nuncio no convento dos paulistas. Dicto o declarei.—*Bernardino Custodio da Silveira.*

## XII

**Para o Ex.mo e Rev.mo Bispo Confessor, D. José Maria de Mello** (Ibid.)

Dou parte a V. Ex.ª que o P.e Antonio de Queiroz Camacho Botelho da Silva Manuel, conego secular de S. João Evangelista, que se acha em custodia em um camarote, em segredo, está doente de molestias venereas, que o cirurgião diz, que necessita de maiores remedios, que ahi se não podem applicar; o seu prelado me veiu fallar, e me requereu que o não mandasse ir para a congregação, por elles o terem expulso havia tempos, por sentença de Definitorio, da qual havia appellado para a Nunciatura. V. Ex.ª resolverá o que hei de executar, que as minhas indagações não abrangem mais do que o ser de

uma vida licenciosa, e um monstro de vicios de toda a especie, e relaxado no ultimo abatimento.

Tenho egualmente na mesma cadêa em custodia Fr. José de Santo Agostinho, Religioso Graciano, o qual foi achado e preso na figura mais deploravel, em trages de secular, em vestia, sem signal algum de religioso; e querendo remetel-o e entregal-o ao Reitor dos Paulistas, onde estava por ordem do Nuncio, de lá fugira, roubando a livraria do mesmo convento; e com mil instancias me requer o reitor o não ponha lá, e o mesmo me requereu o Procurador Geral da Graça, que eu chamei para tomar conta d'elle, dizendo-me que o não podia segurar no carcere, pela ordem que tinham para o não poderem fazer, e que de lá havia fugido logo que foi posto na cella; e o mesmo havia de praticar se houvesse com elle a mesma comtemplação. De V. Ex.ª Lisboa 5 de setembro de 1791.[1]

## XIII

### Carta do Intendente para o Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça (Vid. pag. 29.)

Reverendissimo padre mestre prior.—Remetto a v. rev.ᵐᵃ o padre *Fr. José de Santo Agostinho*, religioso professo que diz ser d'essa ordem, o qual havia fugido do convento de São Paulo, da Calçada do Combro, onde perpetrou varios furtos nos livros da livraria d'aquelle convento, de que se queixou n'esta intendencia o reitor; e mandando fazer varias diligencias, se apprehenderam muitos dos ditos livros, que foram entregues ao mesmo reitor, tratando-o este com toda a caridade, em uma cella que lhe deu no mesmo convento, onde estava por ordem do Nuncio apostolico; e começando a vagar por esta côrte em trajes de secular, e na figura que o mando apresentar a v. rev.ᵐᵃ, sem signal algum de religioso ou ecclesiastico; para que v. rev.ᵐᵃ proceda contra elle, conforme lhe determinam as leis e constituições da sua religião, visto a reincidencia que tem praticado, com que tem escandalisado a sua religiosa communidade, e aos seculares que o viram. —Deus guarde a v. rev.ᵐᵃ Lisboa oito de outubro de mil setecentos noventa e um. De v. rev.ᵐᵃ—Muito certo venerador—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*—Reverendissimo senhor padre mestre prior do convento de Nossa Graça, *Fr. Manuel de Andrade.*[2]

---

[1] *Cartas para as secretarias*, Livro 3.º, fl. 240 ỿ. Publicado em 1876 na obra *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria*, pag. 85.

[2] *Côrte.* Livro 7.º, fl. 158 ỿ. Publicado na *Policia secreta*, pag. 397.

## XIV

### Autos de Libello Crime[1] (Vid. pag. 30.)

O P. Procurador Geral dos Hermitas Calçados de S. Agostinho, contra o P. Fr. José de Santo Agostinho, Religioso da mesma Ordem, e preso intra-Claustro, R.—Procurador do A. o mesmo, e do R. o P. Fr. Emygidio da Costa.—Escrivão o P. Fr. Jacyntho Cardoso.

SENTENÇA *(a fl. 56 dos mesmos Autos)*

«*Christi nomine invocato:* Vistos estes Autos, ponderados os dictos das testemunhas dos dous Summarios juntos, a Carta do Excellentissimo Sr. Nuncio Apostolico, outra do Intendente Geral da Policia, a Attestação do Escrivão do Corregedor do Bairro de S. Catherina, o Auto de recepção do R. no carcere d'este Convento de N. S. da Graça de Lisboa, os Depoimentos do mesmo R. e os tres Processos appensos; se mostra pelas mais claros testemunhos que no P. Fr. José de S. Agostinho tem hum R. perpretador de horrorosos e gravissimos crimes, e recidivo nos mesmos.

«Porquanto depois de ser convencido por uma Sentença a fl. 5 v. do primeiro appenso no anno de 1782 das Apostasias que commetteu no Collegio de N. S. do Populo de Braga, da fuga com arrombamento de Carcere, e de tirar furtivamente Livros da Livraria do mesmo Collegio, e de outros crimes que constam da dicta Sentença;[2] e sendo esta confirmada pelo M. R. Definitorio, usaram com o R. de tanta misericordia que lhe minoraram parte das penas comminadas, e lhe perdoaram outras, como consta do Accordam, a fl. 10 do mesmo Appenso:

«Depois de se preferir contra o R. segunda Sentença no Convento de N. S. da Graça de Evora em março de 1785, em que tambem foi convencido do crime de Apostasia, e de outros muitos e enormes delictos a fl. 20 v. do segundo Appenso:[3] e se ter egualmente usado com o R. de misericordia, e tanta benignidade como consta de Accordam a fl. 40 v. do mesmo segundo Appenso:

«Depois de se preferir ainda contra o R. terceira Sentença n'este Convento de N. S. da Graça de Lisboa, em julho de 1788, pela qual

---

[1] Extracto dos Autos crimes, que existem no Cartorio do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa. Publicado no *Portuguez Constitucional regenerado*, n.º 92 (19 e 22 de novembro de 1821).

[2] Esta Sentença foi dada no Porto, Convento de S. João Novo, aos 17 de agosto de 1782, sendo Prior Fr. Joaquim Ribeiro, Lente jubilado: foi dada com Devaça que foi de Braga, onde o R. estava, o qual d'ali passou para o Porto.

[3] Esta 2.ª Sença foi dada no Convento de Evora, sendo Prior o Lente Fr. José de Brito, aos 21 de março de 1785.

foi punido de terceira Apostasia, segunda fuga do carcere, e segundo roubo de Livraria, e de outros gravissimos crimes;[1] e sendo esta Sentença confirmada pelo M. R. Definitorio, e remettidos os Autos para o M. R. P. P. M. M. Juizes dos Expellendos; ser o R. julgado por elles incorrigivel, e digno de ser expulso da Religião, como consta do terceiro Appenso desde fl. 26 até fl. 30; e o Excellentissimo Sr. Nuncio Apostolico mandar suspender a Sentença de expulsão, e que fosse castigado com as penas da Constituição, como se vê do despacho a fl. 84 do terceiro Appenso,[2] e se lhe minorarem ainda estas por um puro effeito de misericordia, Accordam a fl. 72 do mesmo Appenso: Depois. digo, de toda esta grande multidão de crimes que foram succedendo uns aos outros por espaço de sete annos, e de toda esta alternativa de castigos e commiserações; nenhum d'estes meios de que usou a prudencia dos Prelados poude fazer o menor effeito na emenda do R., pois que o vemos apparecer n'este novo Processo, fazendo uma figura cada vez mais *criminal, facinorosa e incorrigivel.*

«D'elle nos consta e se mostra claramente, que o R. roubara a Livraria do Convento de S. Paulo d'esta Côrte, em muita quantidade de Livros, por duas vezes, o que se mostra pelo depoimento das testemunhas a fl. 19 ỽ, a fl. 22 e a fl. 22 ỽ, e das mais desde fl. 19 ỽ, até fl. 25; Da Carta do Intendente Geral da Policia, a fl. 14, da Attestação do Escrivão do Corregedor do Bairro de Santa Catherina a fl. 46 ỽ, e das circumstancias tão dignas de attenção de fugir o R. do Convento de S. Paulo logo que se deu na falta dos Livros, testemunhas a fl. 20 e a fl. 22, e ser já o R. convencido e sentenciado por facto similhante nas Livrarias dos Conventos da sua Ordem, como consta da Sentença a fl. 5 ỽ, do primeiro Appenso. Nem he digno de attenção o que o R. allega nas suas razões a fl. 50, pois o Juiz pode proceder á inquirição das testemunhas ainda só por infamia ou notoriedade de crimes *ex officio;* quanto mais que o M. R. P. Reytor do Convento de S. Paulo denunciou ao Intendente Geral o R., que então se achava preso á sua ordem no Castello, como roubador da sua Livraria e o dito Intendente ao Prelado do R., consta da Carta a fl. 14.

«He igualmente digno de desprezo o argumento sophistico de que usa o R., nos §§ 3, 4 e 5, de suas razões, pois os livros apprehendidos nas Livrarias foram entregues aos Religiosos de Sam Paulo como a seus legitimos donos, pela auctoridade publica da Justiça, por um Ministro mandado de proposito pelo Intendente Geral, para fazer as

---

[1] Esta 3.ª Sentença foi dada no Convento da Graça de Lisboa, aos 22 de julho de 1788, sendo Prior Frei Antonio de S. Luiz.

[2] O Despacho foi do theor seguinte: «Attendendo ao que o Supplicante nos expõe, e persuadindo nos de que o seu arrependimento he verdadeiro, o R. P. Provincial o receba benignamente, remettendo-o para o Convento de Torres Vedras, ou para o da Penha de França, aonde será absolvido da Apostasia, e punido na fórma da Constituição. Lisboa, 9 de fevereiro de 1789. C. Arcebispo de Tyana. N.—Caetano Vittorio. Secretario.» O Despacho supra foi a requerimento do R. quando fugiu do Carcere, sabendo da 3.ª Sentença, a qual, em virtude do mesmo Despacho, foi mandado cumprir para o mencionado Convento de Torres Vedras.

devidas diligencias, e exame sobre a identidade dos ditos livros apprehendidos, com os que faltaram e se furtaram na Livraria do Convento de S. Paulo: não deve pois haver a menor duvida a respeito d'esta identidade, consta a fl. 14, da Attestação fl. 46, do depoimento do Official da Intendencia, fl. 25 e o R. nada prova.

«Nem tambem consta o que diz o R. no § 5, de suas razões, a fl. 50 ✠, porque tudo o que aqui diz he *libere dictum*, nada prova; nem da possibilidade de uma causa se pode inferir legitimamente o acto e existencia da mesma; além de que não podiam os livros ser d'elle R. nem de pessoa que lh'os désse para os vender, pelo que fica acima mostrado ácerca da identidade dos dictos Livros apprehendidos com os que se furtaram na Livraria de S. Paulo; não eram de outrem que os furtasse e entregasse ao R. para os passar, porque esse não devia ser outro que hum Francisco Alves Martins, como claramente confessa o R. em seu depoimento ás perguntas a fl. 27, e d'este certamente não eram, como constam dos depoimentos dos Livreiros a quem o R. os vendeu como seus proprios, a fl. 19 ✠, a fl. 22 ✠ e a fl. 29, vindo a ser o dicto Francisco Alves Martins hum subjeito supposto, que o R. finge para de alguma sorte vêr se pode encobrir este feio delicto; o que se conhece claramente conferindo os depoimentos dos dictos Livreiros com o depoimento do R. ás perguntas fl. 27 e por que o R. diz tantas cousas e nada prova.

«Mostra-se em segundo logar do mesmo Processo, que o R. apostatára do Convento de S. Paulo d'esta Côrte, aonde estava por ordem do Excellentissimo Sr. Nuncio, assim pelos depoimentos das testemunhas desde fl. 19 ✠ até fl. 25 ✠ e principalmente dos Officiaes da Intendencia que prenderam o R. em habitos de Secular e sem signal algum de Religioso, desde fl. 24 até fl. 25 ✠, como tambem da Carta do Excellentissimo Sr. Nuncio a fl. 12, do Auto da Recepção do R. no carcere d'este Convento a fl. 16 e da Confissão do mesmo R. nos §§ 8 e 9 das suas razões a fl. 19 e ultimamente do seu proprio depoimento a fl. 28 ✠, inattendiveis as frivolas desculpas que aqui accumula o R.

«Mostra-se em terceiro logar que o R. fugira do carcere d'este Convento de Nossa Senhora da Graça onde se achava preso, fazendo a maior violencia ao irmão leigo Fr. Leandro, seu carcereiro, e ao moço que o acompanhava a levar-lhe a ceia, descarregando sobre o hombro do dito Fr. Leandro uma pancada com um páo, e fazendo-lhe uma grave contusão, pelo que incorreu na censura de excommunhão maior; e outra no moço, commettendo n'isto dous crimes: um de fuga da prisão, e outra de pôr mãos violentas no dito moço. Consta das testemunhas desde fl. 31 até fl. 40 e principalmente do cirurgião que mandou sangrar o dito religioso percutido.

«Mostra-se emfim d'estes autos e por conclusão, que o R. é recidivo no crime de apostasia, como se vê claramente da sentença a fl. 5 ✠, e accordam a fl. 10 do primeiro appenso, e da sentença a fl. 20 ✠, e accordam a fl. 40 ✠ do segundo appenso; e por se fazer por isso mesmo o R. digno de mais grave castigo, não para vingar as culpas passadas, como quer o R., queixando-se, e as suas razões, por que

estas foram já punidas; mas por que a circumstancia da reincidencia augmenta e aggrava a malicia e a deformidade dos crimes, e aggravadas estas se devem tambem augmentar as penas, principalmente sendo o R. acostumado ha tantos annos a commetter outras muitas gravissimas culpas que constam dos appensos; e estas que ultimamente commetteu, e que consta do processo, serem revestidas de circumstancias tão injuriosas á religião, como o roubar a Livraria de uma communidade extranha, onde o tratavam com tanta attenção e affecto, mostrando n'isto a maior ingratidão, e fazer-se este roubo publico em toda esta côrte com um geral escandalo. Fugir e apostatar do dito convento, andando vestido de secular e de noite, expondo-se a ser preso pela justiça e a ser conduzido a prisões seculares, o que de facto succedeu ao R., sendo-o por duas vezes pela justiça, e de uma metido no segredo do Castello, e de outra no Limoeiro; e fugiu ultimamente do carcere d'este convento, para onde tinha sido removido do Castello, com tanto estrondo, que fez amotinar todo este bairro e o visinho, além das mais circumstancias que constam do processo. Portanto, e o mais dos Autos, tendo sempre á nossa vista a sagrada Constituição da 6.ª parte, capitulo 32, § 1.º, condemnamos o R. pelo roubo da livraria do convento de Sam Paulo, em tres mezes de pena gravissima, qualificada com jejuns, disciplinas, e com o mais que determinam as mesmas Constituições, 6.ª parte, capitulo 8, §§ 1 e 2, capitulo 23, § 1.º: ficando privado de voz *in perpetuum*, e infame Condemnamos mais o R. pela fuga do carcere em outros tres mezes de pena gravissima, egualmente qualificada, constituição 6.ª parte, capitulo 18 e capitulo 23, § 1.º Pelo crime de pôr mãos violentas no irmão leigo Fr. Leandro da Conceição e no moço, condemnamos o R. em um mez da mesma pena gravissima, da mesma sorte qualificada, visto não se encontrar n'estes autos reincidencia n'este crime, Constituição 6.ª parte, capitulo 4, § 1.º E pela culpa de apostasia, como esta é a quarta que o R. commette, e conforme as nossas sagradas Constituições, n'estas circumstancias deve ser expulso da religião e não caber na nossa alçada a execução de similhante pena nem conhecer da incorrigibilidade do R., e pertencer isto privativamente ao nosso reverendissimo padre provincial e seu definitorio; para este appellamos essa sentença *ex officio*, e lhe requeremos queiram fazer aquella justiça que merece esta culpa, as mais que tem commettido o R. e a sua mesma incorrigibilidade, separando por uma vez d'esta corporação este membro pôdre para que não venha a inficionar os mais; sendo que só assim ficará vindicada a honra d'esta nossa provincia, que o R. ha tantos annos não tem cessado de enxovalhar, desacreditar e deshonrar com os seus desordenadissimos procedimentos. Dada n'este Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, aos 7 dias do mez de dezembro de 1791.—O lente Fr. Manuel de Andrade, prior; Fr. João de Deus, visitador; o mestre Fr. Mauricio da Conceição; o mestre Fr. José do Desterro; Fr. Manuel de Santo Illidio, provincial absoluto; o procurador geral Fr. José Brochado; Fr. Nicoláo de Nossa Senhora, sub-prior; Fr. Antonio de Quadros, deputado; Fr. Antonio de Vasconcellos, deputado.»

(Segue-se a fl. 65 ✰, a petição do R. para appellar, e seu despacho, etc.)

## XV

**Accordam do Definitorio confirmando a Sentença antecedente** (Vid. pag. 30.)

«Accordam em definitorio etc.: Bem julgado foi pelo reverendo padre lente, prior d'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, em condemnar ao R. padre Fr. José de Santo Agostinho, e confirmando a sua sentença pela maior parte dos seus fundamentos, desprezando a appelação por parte do R., por serem os seus fundamentos inattendiveis, falsos e illusorios, como se mostra dos mesmos autos; e como o R. pela sua incorrigibilidade nos não dá esperança nenhuma de sua emenda, e, segundo as nossas sagradas Constituições, está no termo de ser expulso, mandamos que estes autos sejam remettidos aos muito reverendos padres mestres juizes dos Expellendos para julgarem como lhes parecer justiça. Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, em definitorio em 23 de dezembro de 1791. Fr. Manuel de Santo Antonio, definidor; o dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial; o mestre Fr. Francisco de Santa Rita, definidor; Fr. Antonio da Luz, definidor; Fr. José de Brito, definidor.»

(Seguem-se os pareceres dos juizes dos Expellendos, sendo o ultimo a folhas 74 ✰, do theor seguinte:)

«Vistas as razões sabias, justas e incontestaveis que os muitos reverendos padres mestres juizes dos Expellendos têm proferido sobre a numerosidade dos crimes que o padre Fr. José de Santo Agostinho tem commettido sem temor de Deus e dos homens; eu me conformo com ellas, e persuadido da incorrigibilidade em que actualmente permanece, sou de parecer que está em os termos de ser expulso da nossa sagrada religião de que é indigno filho e membro podre. Lisboa, Convento de Nossa Senhora da Graça, 27 de janeiro de 1792. O lente Fr. Francisco da Conceição, como juiz dos Expellendos.»

## XVI

**Acordam do Definitorio ordenando a expulsão de Fr. José de Santo Agostinho** (Vid. pag. 30.)

«Accordam, a fl. 75 ✰: Accordam em definitorio, que vistos estes autos, sentenças uniformes dos muito reverendos padres mestres, juizes dos Expellendos, notoria e consummada incorrigibilidade do R., o padre Fr. José de Santo Agostinho, como consta de todo este processo e seus appensos: *Christi nomine invocato:* julgamos o R. indigno da nossa sociedade, e mandamos se lhe tire publicamente o nosso santo

habito e seja expulso das nossas sagradas constituições e disposições de direito: e mandamos ao padre prior d'este Convento que assim o execute. Dada em definitorio, n'este Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, 4 de fevereiro de 1792.—O dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial; o mestre Fr. Francisco de Santa Rita, definidor; Fr. Antonio da Luz, definidor; o mestre Fr. José de Desterro, juiz dos Expellendos; o dr. Fr. Joaquim Rodrigues, juiz dos expellendos; o lente Fr. Francisco da Conceição, juiz dos expellendos; o lente Fr. Miguel de França, juiz dos expellendos; o dr. Fr. Patricio da Silva, juiz dos expellendos.»

(A fl. 81 segue-se a petição do Procurador geral da Provincia como promotor fiscal da justiça para se cumprir a sentença intimada ao R. com o despacho do provincial para que se execute.)

## XVII

**Certidão da Expulsão de Fr. José de Santo Agostinho** (Vid. pag. 30.)

«Certidão da execução: Em observancia do despacho do nosso reverendissimo padre mestre doutor provincial, dei á execução a sentença da expulsão e a pena n'ella comminada, contra o R. o padre Fr. José de Santo Agostinho, despindo-lhe o santo habito publicamente, em acto de communidade, mandando ler a sentença diante da mesma communidade e mandando pôr o dito réo fóra do convento; tudo na conformidade do que determinam as nossas sagradas Constituições; e para que em todo o tempo conste, passei a presente, que assigno. Lisboa, Convento de Nossa Senhora da Graça, em 18 de fevereiro de 1792.—O lente Fr. Manuel de Andrade, prior.»

## XVIII

**Certidão do termo de obediencia ao Ordinario** (Vid. pag. 34.)

(Como José Agostinho se não conformasse com esta execução, recorreu para a justiça civil, e para a Santa Sé, obtendo Breve de secularisação, que depois apresentou na Camara patriarchal onde prestou obediencia ao Ordinario. Eis o termo de Obediencia:)

«Aos 5 do mez de março, de 1794, appareceu na camara patriarchal perante mim Antonio José Delphim, que sirvo no impedimento do reverendo escrivão da camara patriarchal, o reverendo Fr. José de Santo Agostinho de Macedo, sacerdote dos eremitas de Santo Agostinho calçado, pessoa que conheço pelo proprio, o qual me apresentou um decreto do eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, remettido ao excellentissimo senhor Arcebispo de Lacedemonia datado de 27 de fe-

vereiro d'este anno, para lhe mandar lavrar este termo de obediencia por ter alcançado da Santa Sé apostolica Breve de secularisação. E logo pelo dito reverendo Fr. José de Santo Agostinho de Macedo foi dito, perante mim, que pelo presente termo promettia obediencia ao eminentissimo Cardeal Patriarcha e aos eminentissimos senhores seus successores e reverendos ministros da sua curia como outro qualquer sacerdote secular, e pelo assim dizer e prometter cumpria debaixo de juramento que por mim lhe foi dado, e por elle acceito, fiz o presente termo que assignou. E eu, Antonio José Delphim o escrevi. Fr. José de Santo Agostinho de Macedo.»[1]

## XVIII-A

**Carta de José Agostinho de Macedo para Fr. Francisco Martins em occasião de estar perigosamente enfermo**

Amigo do coração.—As desgraças são companheiras inseparaveis do crime; mal sustentando a cabeça te digo que aqui estou em casa d'esta mulher em termos de ir para a eternidade. Com a espera de quarta feira se augmentou a pontada de que me queixava, de sorte que é um evidentissimo pleuriz; as extremidades frias, o pulso alto, a voz tomada; eu me foi logo hontem sangrar no braço esquerdo, até desfallecer, aqui me guarda em silencio, veremos o que a Providencia dispõe de mim. Hoje veiu um medico. Se eu morrer, já lhe pedi te désse parte. Vae-me ao Arco de Sancto André, procura um homem chamado Antonio Simões, mostra-lhe esta carta (no caso que te não escreva outra) e com ella lhe poderás pedir um canudo de folha de Flandres, aonde estão os meus papeis; este canudo está dentro de uma bota em um armario na cosinha; no mesmo armario está um saco, e dentro uma Biblia, cujas margens estão todas escriptas da minha letra; fica com ella, e não a dês a ninguem; os mais trapos que lá estão, os mandarás ao Rato, ao pé das cabanas, a um sujeito que se chama o Doctor João Claudio.

Dize ao Cordeiro que vá a casa do desembargador Mattos, porque segundo esta mulher diz, lhe fôra hontem um aviso para reformar com os seus adjuntos a sentenca—«Em conformidade do Decreto expedido

---

[1] Documento impresso na *Gazeta Universal*, n.º 60, e no já citado folheto intitulado *Anecdotas biographicas do P.e José Agostinho de Macedo*. Lisboa, 1821.—Ha outra edição do Porto, Typographia de Gandra de 1822. In-4.º, 14 pag.

D'este termo de obediencia foi tirada uma certidão em 5 de dezembro de 1821 com o seguinte cabeçalho:

«Manuel Rebello e Castro do Amaral, presbytero secular, beneficiado na Collegiada de Sancto Iago de Torres Vedras, e escrivão da Camara patriarchal pelo excellentissimo collegio patriarchal, certifico que no *Livro dos Termos de Obediencia* prestada n'esta comarca, n'elle a folhas outenta e cinco se acha o termo seguinte: (Segue o conteúdo no texto.) *(Da revisão.)*

a favor do Presidente do Erario, terminando ulteriores contendas, e fazendo com effeito metter de posse o dicto Cordeiro Lima.»

Os teus livros estão no Rocio, na loja de bebidas. Adeus meu amigo; encommenda-me a Deus; e aprende a temel-o sobre o destino d'este

Teu am.º do coração

*José Agostinho de Macedo.*

6.ª feira 8 de março *(de 1793).*[1]

P. S. Já venci d'esta mulher que deixasse aqui vir alguem, a quem tenho que communicar. Se eu te mandar aviso, por caridade, ou tu, ou o Cordeiro cheguem cá, e procurem-na a ella. Se eu chegar a domingo, te escreverei para isto. Etc.

## XIX

### Sentença executorial do breve de secularisação passado a favor de Fr. José de S. Agostinho (Vid. pag. 34.)

*Dom Antonio Caetano Maciel Calheiros*, por mercê de Deus, e da sancta sé apostolica arcebispo de Lacedemonia, do conselho do principe regente meu senhor, presidente da relação e curia patriarchal, vigario do emminentissimo senhor cardeal patriarcha, e juiz delegado de um breve de secularisação, *etc.*

Aos que esta nossa sentença executorial virem, saude e paz em Jesus Christo.

*Christi nomine invocato:* Vistos estes autos; breve apostolico a folhas quatro, regio beneplacito a folhas tres, termo de obediencia a folhas oito, carta de presbytero a folhas 9: Mostra-se que o reverendo impetrante *Fr. José de Sancto Agostinho de Macedo*, religioso sacerdote professo na ordem dos Agostinhos calçados, propoz ao sanctissimo padre *Pio sexto*, ora presidente na universal egreja de Deus, que tendo sido obrigado por seu pae a entrar n'aquella ordem, e lembrando-se por muitas vezes de fugir do noviciado, por medo de seu pae o deixara de fazer; desejava que sua Santidade lhe concedesse um breve de sua secularisação, a cuja supplica o mesmo sanctissimo pontifice annuiu, e lhe fez expedir as lettras apostolicas necessarias, e nos deu commissão para concedermos a graça pretendida. O que tudo visto, e ponderado, julgamos justificadas as premissas do mesmo breve, e por auctoridade apostolica e ordinaria, de que usamos n'este artigo, per-

---

[1] Só no anno de 1793 é que o dia 8 de março cahiu em 6.ª feira. Mas a carta pode ser de 1792, e José Agostinho ter-se enganado no dia do mez. Não vejo n'isso difficuldade alguma.

mittimos licença ao reverendo impetrante para licitamente sair da sua religião, para o estado de presbytero secular; dizer missa, e usar das suas ordens n'este patriarchado, na conformidade do decreto que o mesmo emminentissimo senhor houve por bem expedir-lhe com data de dez d'este mez de março, segundo a lettra do referido breve, que julgamos valido, e legitimo; e lhe concedemos licença para perceber para sua frugal sustentação as esmolas, que lhe provierem do uso das suas ordens. E pague o reverendo impetrante os autos, etc.

E proferida assim esta nossa sentença executorial, se passou a presente, pela qual lhe mandamos que cumpra, e guarde tudo o que ella contem.

Dada em Lisboa aos vinte de março de mil septecentos noventa e quatro.

*A. Arcebispo de Lacedemonia.*

*Thomas de Aquino e Almeida* a escrevi.

S. e s. trezentos réis.

## XX

### Portaria do Intendente Geral da Policia, para o ministro Inspector do Theatro da Rua dos Condes (Vid. pag. 44.)

V. m.ce mandará intimar a Manuel Baptista, empresario do Theatro da Rua dos Condes, que a comedia *Zaida* se não deve pôr em scena, e que fica cassada na secretaria d'esta Intendencia até segunda ordem. Deus guarde a v. m.ce Lisboa 14 de janeiro de 1805.—Diogo Ignacio de Pina Manique.—Senhor Doctor Corregedor do Bairro d'Alfama.

## XXI

### Soneto de N. A. P. Pato Moniz, composto por occasião da representação da tragedia ZAIDA (Vid. pag. 44.)

O bochechudo ex-frade, que tem prôa,
Tragicamente alinhavou *Zaïda*,
Que por ignota facha appetecida
Adornou Muratão de cornea c'rôa;
Sae da terrina,[1] horrores apregôa
Berrador Saladino, alma perdida;
Zurra Miremo, cáe o par sem vida,
E em vez de pranto a gargalhada sôa;

[1] O tumulo de Saladino era (diz-se) feito á feição d'uma terrina.

Por um triz esperando a pateada
O reverendo auctor, que foi roupeta,
Deu logo ao demo a tragica salsada,
Mas em taes casos sentimento é peta;
Quem havia chorar, vendo estirada
Por ordem do esqueleto uma esqueleta?[1]

## XXII

### Ao Corregedor do Porto

Abril 28 de 1795.

V. S.ª mandará pôr em custodia em logar seguro e decente, ao *Padre Macedo* (?) que o Capitão do Navio Neptuno, Antonio Francisco da Costa ha de entregar a V. S.ª; e pelo correio ordinario remetto as culpas com as quaes o deve V. S.ª mandar conduzir ao Bispado de sua naturalidade para com ellas ser entregue ao seu Prelado; outro sim mandará V. S.ª averiguar se com effeito é réo d'uma morte que dizem perpetrara no Bispado da sua naturalidade, para ser então tambem a Devaça remettida ao mesmo Prelado.[2]

### AO MESMO

Maio 2.

Pela Galera Neptuno remetti a V. S.ª o *Padre Macedo* (?) e por ordem de S. Mag.de Avizo expedido pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino que ordenou ter este procedimento contra o referido Padre por se verificarem os factos que declara o requerimento incluso, e informa o Corregedor do B.º da Rua Nova, com o Summario e achada das Cartas, o que tudo passo ás mãos de V. S.ª para o remetter com o referido Padre, seguro, ao Bispo da Diocese a que elle pertence, e ter contra elle o procedimento que julgar merecer, não só por esta culpa, mas tambem por algumas que tem no seu Bispado, e consta que uma d'ellas é a de uma morte que perpetrou, a qual fôra o que o obrigara a fugir do seu Bispado, e d'este delicto não tenho a maior certeza. Seria conveniente que V. S.ª antes de remetter o dito Padre escrevesse ao Bispo para alcançar se com effeito é réo de morte porque n'este caso então merece outra segurança, e tambem que a cadea do Prelado seja tal que d'ella possa perpetrar alguma fuga.[3]

---

[1] Allude á extrema magreza da actriz Josepha Thereza Soares, que desempenhou a parte de Zaida.

[2] *Norte*, Livro 7.º, fl. 234.

[3] *Idem*, fl. 236.

Estes documentos não estavam numerados, mas intercalados. Innocencio não se refere a elles no texto, nem temos a certeza de alludirem a José Agostinho; transcrevemol-as aqui, porque os factos ahi narrados tenderiam a syncretisar-se na lenda terrivel do ex-frade. *(Da revisão)*.

**Ao Corregedor de Setubal**

N'essa villa existem fóra da Audiencia do seu Prelado tres Religiosos chamados Fr. José de S.$^{to}$ Agostinho, Fr. Antonio da Visitação[1] e Fr. Joaquim de S.$^{to}$ Alipio, todos pertencentes á Ordem dos Agostinhos Descalços; V. M.$^{ce}$ pois os fará prender e conduzir com decencia a um Convento da sobredita Ordem, que ahi houver mais proximo; no caso de os não haver n'essa villa, os fará entregar ao Prelado de outra, para que participe ao seu Geral que está entregue dos sobreditos religiosos; e que depois V. M.$^{ce}$ assim ter executado me dará conta. Lisboa, 16 de dezembro de 1800. Diogo Ignacio de Pina Manique.

## XXIII

**Denuncia de José Agostinho de Macedo á Inquisição** (Vid. pag. 56.)

Ill.$^{mos}$ e Rev.$^{mos}$ Snr.$^{es}$ Inquizidores.

Digo eu Josefa do Nascimento, moça solteira nascida em Castello Branco, d'onde vim para esta cidade de Lisboa, e estive algum tempo sendo criada de servir até o natal de 807, em casa do P.$^e$ José Agostinho, clerigo secular egresso da Religião dos Eremitas calçados de Santo Agostinho, e depois passei para caza do P.$^e$ Fr. Miguel... Procurador dos Religiosos de S. Francisco de Xabregas, que assiste junto a Santo Antonio da Mouraria, onde tambem estive no Ministerio de criada até a Pascoa proxima de 807; que indo eu fazer confissão das minhas culpas com o meu confessor para reconciliar-me com Deus, o dito confessor disse, que não me absolvia sem que eu primeiramente fizesse huma denuncia ao Tribunal do Santo officio de duas pessoas, que tinham proferido proposiçõens hereticas, e huma das taes pessoas proferira huma horrenda blasphemia contra Deos; e que para eu fazer como devia esta denuncia procurasse hum P.$^e$ M.$^e$ que me instruisse no modo como havia a denuncia ser feita, e o que tinha ouvido, e da bocca de quem o tinha ouvido. Portanto, pois declaro e denuncio que eu, estando em conversação com D. Marianna Balbina, moradora de fronte de Santo Antonio da Mouraria, disse esta senhora que tinha ouvido a certo fidalgo huma blasfemia heretica, muito injuriosa e afrontosa contra Deos, que até se não deve escrever pelas palavras vulgares; e foi que elle fazia a sua evacuação immunda pelo orificio posterior para Deos, porque não ha tal Deos, nem inferno, nem purgatorio. Mas eu não sei o nome do Fidalgo.

---

[1] Era D. Antonio da Visitação Freire (*Ontanio* na litteratura arcadica.) Um seu parente o poeta Eugenio de Castro communicou-nos varias cartas e composições ineditas de José Agostinho de Macedo a este seu amigo, com que completamos as presentes memorias. (*Da revisão*).

Tambem declaro e denuncio, que estando eu em conversação com Domingas... mulher infamada de mancebia com o referido P.e José Agostinho, este, conforme eu julgo, porque algumas vezes a dita Domingas... não queria condescender aos torpes apetites d'elle por temor dos castigos eternos, o dito Padre José Agostinho disse para a dita Domingas: que não havia inferno; que isto da formação do mundo era huma historia, quereria talvez dizer que era huma fabula totalmente mentirosa. Isto não ouvi eu dizer ao dito P.e José Agostinho, mas a mencionada Domingas... me referiu que elle assim lhe tinha dito isto, e parece-me que alguns erros mais conexos com este. O dito P.e José Agostinho assiste junto da Igreja da Pena, calçada de Santa Anna, e por ali perto assiste a dita Domingas... Declaro finalmente, que não faço esta denuncia por odio, nem vingança contra estas pessoas, senão porque sou obrigada pelos preceitos do Santo Officio, e porque me dizem os confessores que este crime de herezia, não só conhecida com certeza mas quando ha vehemente suspeita d'ella, deve como tal fazer-se a denuncia, ainda que o filho seja denunciante de seu pae, e com effeito me custa ser eu denunciante de quem me alimentou com o seu pão. E porque não aprendi a ler, nem escrever, pedi ao P.e M.e Fr. João Baptista Chrysostomo, do convento de S. Domingos de Lisboa me escrevesse esta denuncia, mas porque eu estou em caza onde não tenho commodidade para assignar com huma cruz de tinta esta denuncia, pedi-lhe que viesse a caza do meu confessor, onde eu algumas vezes costumo ir, o qual assiste junto ao convento da Incarnação e se chama o P.e José Antonio Quaresma e me conhece já de muito tempo, para eu fazer ali a assignatura da cruz á vista do P.e escriptor d'esta, e o meu confessor assignou tambem como testemunha em como tudo o que se acha escripto n'este papel, e me foi lido, he verdade em como o ouvi, e de denuncia minha, em fé do que eu com huma cruz, e o P.e Fr. João Baptista Chrysostomo, e o P.e José Antonio Quaresma com os proprios nomes da sua mesma letra nos assignamos em caza do dito P.e Jozé, no dia 28 de Abril de mil outocentos e sete. Declaro que houve engano em se dizer, que o P.e Jozé Agostinho assistia na calçada de Santa Anna, pois me dizem que assiste na calçada do Tijolo, freguezia dos Anjos, dia, mez e anno, ut supra.

*Josefa + Maria do Nascimento.*

Como testemunha presente ao dicto cinal de Cruz e a leictura do sobre escripto *P.e Jozé Ant.o Quaresma de Carv.o*

*Fr. João Baptista Chrysostomo*, Escriptor da denuncia.

(No fim da pagina vem a rubrica do Notario da Inquisição de Lisboa:)

«Em 11 de Mayo de 1807. *Rib.o*» [1]

---

[1] Arch. Nacional: Processo da Inquisição, n.º 16:439.—Depois d'este documento

Copiamos em seguida a denuncia da Domingas contra o P.[e] José Agostinho, escripta pela propria letra d'ella, interessante documento de graphologia para se conhecer o estado moral da creatura:

«O Meu com fesor me oubriga por oubrigação q̃ eu tenho á q̃ de clare q̃ ouvi diser o P.[e] Joze Agostinho q̃ não a via jnferno e q̃ á gente em morendo hera como os animais q̃ não tinhão nada q̃ sentir q̃ com a morte acabava ó espirito e q̃ N. S. hera hum filozifo daquele tempo e oufrese belhetes de confição falsos. E pregontome huma ves onde estava eu antes de naser dezendo eu q̃ não sabia respondeu-me q̃ a sim a via de ser depois de morer e como isto hé verdade di claro o meu nome.

*Domingas Rita Ebard,* moradora na Calçada de S.[ta] Anna.»

Esta denuncia escripta em 29 de Abril de 1807, foi entregue ao Santo Officio pelo P.[e] Fr. João Baptista Chrysostomo em 3 de Maio do mesmo anno com a seguinte carta:

«Eu Fr. João Baptista Chrysostomo morador n'este Convento de S. Domingos de Lisboa, exponho a VV. Sen.[as] que vieram procurar-me Josefa Maria do Nascimento, e Domingas Rita Ebard, para se instruirem como havia cada huma fazer sua denuncia ao Tribunal do Santo Officio, a que as obrigaram os confessores. A denuncia feita por Josefa Maria do Nascimento sufficientemente declara quem he, e onde tem assistido até agora; mas por que se acha hospeda e sem domicilio certo, não declarou onde assistia n'aquelle dia, em que assignou a denuncia.

«Domingas Rita Ebard veiu procurar-me a primeira vez na companhia de Josefa Maria do Nascimento, não teve tempo para que eu lhe desse a instrucção necessaria. Porém quando veiu segunda vez disse que havia tempos, em que cogitava fazer esta denuncia, e que por pouca cautella sua isto havia chegado á noticia do P.[e] Jozé Agostinho, o qual ameaçou matalla, se tal denuncia fizesse. E teme muito que elle a mande assassinar com ferro, ou veneno se lhe constar que está denunciado por ella. Mas comtudo determinada ella a fazer a denuncia disse, que sabia ler e escrever. Então lhe mandei que por letra sua fizesse a denuncia, a qual me entregou dizendo que era letra sua, e assignada por ella com o proprio nome da sua Letra, cujos sobrenomes eu até então ignorava, porque até ali nunca vi, nem conheci estas mulheres, como tambem nunca falei, nem tive conhecimento algum com o dito P.[e] Jozé Agostinho, posto que tenho ouvido falar muitas vezes na pessoa d'elle. Tambem ouvi dizer a Josefa Maria do Nascimento que Domingas Rita Ebard era cazada e não fazia vida e sociedade com o marido, cujo nome ignoro.

---

ha outro sob n.º 17.071, com a denuncia acima raferida da tal Domingas, escripta por boa letra, e o auto de perguntas.

«No dia pois 29 de Abril de 1807, me entregou a dita Domingas Rita Ebard a mencionada denuncia retro, que diz fora feita e assignada por ella. Isto me pareceu ser necessario expôr a V. V. Sen.as para tambem saberem que esta denuncia é feita ao tribunal do S. Officio, ainda que por ignorancia a denunciante não o tenha declarado. E como isto assim passou na verdade, assim o attesto e certifico. Convento de S. Domingos de Lisboa, tres de Maio de mil oito centos e sete.

*Fr. João Baptista Chrysostomo.*»

Transcrevemos em seguida do auto de perguntas da Domingas, algumas passagens que nos revelam mais alguns traços d'aquella personalidade:

«Aos nove dias do mez de Maio de mil outocentos e sete annos, em Lisboa, nos Estáos e casa primeira das Audiencias da Santa Inquisição. estando ali de manhã o Senhor Inquisidor Antonio Velho da Costa, mandou vir perante si huma mulher, que foi avisada a comparecer n'esta mesa, e sendo presente lhe foi dado juramento...

«E logo disse chamar-se Domingas Rita Ebrarda, natural d'esta cidade, e baptisada na freguezia de Santos Velhos, e moradora na Calçada de Santa Anna, Freguesia de Nossa Senhora da Pena, numero quarenta, de idade de trinta annos, casada com Antonio de Moura e Brito, Furriel no Regimento de Setubal.

(Confirma a denuncia que escrevera).

Perguntada ha quanto tempo e em que logar ouviu as proposições proferidas pelo dito P.e José Agostinho, e que pessoas estavam presentes.

Disse que ouvira as proposições escritas na sua denuncia e proferidas pelo Delato na sua propria casa d'elle, e posto que estava mais gente na mesma casa, elle as disse em particular a ella Depoente, polla vêr estar triste e pensativa; e perguntando-lhe o motivo de sua tristeza, e dizendo-lhe ella depoente o medo que tinha da morte e contas que devia dar a Deos, elle Delato disse que não havia Inferno, e que a gente em morrendo não tinha nada que sentir; que com a morte acabava o Experito; e instando a depoente que avia hum Deos, elle Delato respondeu que Deus fôra hum Filosofo d'aquelle tempo, e que haverá o tempo de dois annos, pouco mais ou menos que ouviu o referido, e que por ignorancia, e medo do Delato lhe fizesse mal sabendo-o o Denunciado, não fizera esta denuncia mais cedo, o que agora faz por persuação de seu confessor.

Disse mais que na quaresma proxima passada, dizendo ella Depoente que no dia seguinte se ia desobrigar, o que lhe estava custando, elle lhe offereceu um bilhete, tirando-o da algibeira, ao que ella respondeu que queria cumprir com a obrigação do preceito da Igreja, o que ouviu sua Mãi.

Perguntada se o dito Padre José Agostinho frequentava a sua casa e amisade, e por esse motivo actos libidinosos, e n'essas occasiões é

que proferiu as proposições que avançou, ou algumas mais que fossem mal soantes contra a Nossa santa Religiam.

Disse, que supposto elle frequentava a sua casa e a tratava com amisade, a nam persuadiu com semelhantes proposições para actos torpes, e só para desvanecer a sua melancolia, effeitos da sua consciencia timida, e que lhe não lembra elle proferisse mais proposições contra a pureza da Fé e bons costumes, e nada mais disse, etc.»

O auto é assignado pelo Inquisidor Antonio Velho da Costa, e pelos dois notarios da Inquisição Manoel de Figueiredo Ribeiro Martins e Miguel Martins de Azevedo.

Ha ainda uma carta de 6 de maio de 1807 dirigida aos Ill.^mos^ Srs. Inquisidores da Côrte, pelo *P.^e^ José Antonio Quaresma Lima e Castro*, dando parte que: «a dicta Domingas é moradora na Calçada de Santa Anna, N.° 40 no ultimo Andar isto he o q̃ pode saber este seu v.^or^.»[1]

## XXIV

### Informe da Policia sobre o Requerimento de Luiz de Sequeira Oliva contra José Agostinho, e sobre ser este o auctor do Poema os Burros (Vid. pag. 96.)

Foi V. A. R. servida por Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em data de 11 de fevereiro do presente anno (1815) mandar-me remetter o incluso requerimento de Luiz de Sequeira Oliva e Sousa Cabral, ordenando que informasse com o meu parecer o contheudo no mesmo requerimento, em que o supplicante se queixa do P.^e^ José Agostinho de Macedo, pelo haver injuriado atrozmente, assim como a honra de sua mulher em tres composições manuscriptas que se tem divulgado n'esta Capital, e de que se designa o supplicado por seu Auctor, intitulada—*A Eloquencia dos Periodicos*, que o supplicante não apresenta por obscenissima, como diz,—*Resposta dos amaveis Assignantes do Telegrapho ao parata Oliva*, de que o supplicante junta uma copia; e o poema dos *Burros* de que sobe inclusa uma copia, que existiu na Secretaria d'esta Intendencia desde quando começou a divulgar-se, e constando que nos versos d'este dito poema se satirisava calumniosamente grande numero de pessoas, fiz indagações a respeito de quem fosse o seu auctor.

Encarreguei d'estas averiguações o Juiz do Crime do Bairro de Mocambo, e este ministro tendo-as feito com o cuidado que é proprio da sua capacidade, deu a informação de que junto a copia inclusa, acompanhando o Processo em que ellas se contém. D'elle se prova, e

[1] O processo não proseguiu, porventura em consequencia dos grandes desastres nacionaes, principalmente pela invasão dos exercitos napoleonicos. Nos Manuscriptos de Innocencio apenas vinha a Denuncia de Domingas Rita Ebrarde; completámos o documento copiando-o da sua integra tal como se acha na Torre do Tombo. *(Da revisão)*.

está já verificado pelas anteriores indagações feitas n'esta Intendencia, e contheudas nos seis termos de declaração que ponho na presença de V. A. R. ser o sobredito Padre José Agostinho de Macedo o auctor do mencionado Poema; das outras composições, porém, não pode obter-se com a mesma o conhecimento do seu Auctor, posto que possa com temeridade ajuizar-se pelo exame dos depoimentos das testemunhas combinadas entre si, que he o mesmo supplicado.

O que o supplicante concluindo este Requerimento no fim d'elle pede a V. A. R. he que o calumniador seja processado, a fim de obter o supplicante publica reparação da sua honra e de sua mulher, e se V. A. R. julgar que isto deve ter logar, tratando-se no dito Poema de satirisar não só o supplicante, porem ao mesmo tempo mais ou menos descobertamente muitas outras pessoas, talvez deva ser o juizo proprio para esta discussão o da Ouvidoria do Padroado real, visto que a accusação se dirige sómente contra o supplicado, o observados os termos legaes á vista das disposições da Ord. do liv. 5.º tit. 84, que impoz pena arbitraria aos que fazem e divulgam satiras e libellos infamatorios, em cuja classe certamente se comprehende o referido Poema, se julgará em que gráo de responsabilidade deva ser considerado o supplicado por este facto.

V. A. R. ordenará o que for servido. Lisboa, 18 de maio de 1815.[1]

## XXV

### Queixa de José Agostinho de Macedo contra Pato Moniz

Senhor

O Padre José Agostinho de Macedo, e o Redactor da Gazeta J.^m^ J. Pedro Lopes exposeram a V. M. na representação inclusa, que elles tinham sido doestados, injuriados, e diffamados por N. A. P. Pato Moniz em alguns escriptos do artigo—Critica—impresso com o nome do sobredito no jornal que se publica periodicamente, intitulado o *Observador Portuguez*, de que juntaram á sua representação os n.^os^ 7, 8 e 9; e posteriormente apresentaram n'esta Intendencia os que sobem juntos ao requerimento que me entregaram, reforçando os motivos da sua queixa; e pedindo que em satisfação das referidas injurias seja preso o dito Moniz, ou o Editor, no caso de que este não apparecesse: que sejam prohibidos e mandados recolher os numeros do periodico em que as mesmas injurias se contêm, e finalmente que na Gazeta se faça publico o castigo do auctor, e a prohibição dos indicados numeros do periodico, para se evitarem com tal exemplo de justiça semelhantes abusos de imprensa em um paiz, onde esta se acha regulada por sabias Leis.

---

[1] *Contas para o Governo*, Livro 15, fl. 194. (Na Torre do Tombo.) Innocencio não colligiu este documento; appareceu pela primeira vez publicado na obra *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria*, pag. 258, nota 2. Porto, 1876. *(Da revisão).*

V. M. mandando remetter-me a dita representação foi servida ordenar, que eu informe com o meu parecer, ouvindo o supplicado. Encarreguei em consequencia o Juiz do Crime do Bairro do Limoeiro de ouvir o dito supplicado, e a resposta por elle dada é a que sobe junto á informação da copia inclusa, que o dito Ministro me remetteu, ajuizando n'ella, que por não significarem as palavras de que os supplicantes se queixam mais do que idéas pueris, e estando além d'isso competentemente licenciados os numeros do periodo em que ellas se acham estampadas, não podiam chamar-se legalmente injurias.

Que o supplicado escreve os artigos de que os supplicantes deduzem o fundamento das suas queixas, prova-se plenamente pelos proprios periodicos em que escreveu o seu nome; e elle o confessa na resposta que deu; e que taes artigos contenham ultrajes, injurias e dicterios consideravelmente picantes, e allusivos de um modo muito ostensivo ás pessoas dos supplicantes é o de que não pode duvidar-se, á face dos ditos artigos. O mesmo supplicado o reconhece na sua resposta, e toda a defeza que produz consiste em ter tambem sido atacado pelos supplicantes, nas composições litterarias que elles egualmente tem publicado pela imprensa: inculcando assim ter sido o aggredido, e não ter em vista outra cousa mais do que retorquir do mesmo modo as aggressões soffridas.

É uma verdade, de que tambem não poderá duvidar quem ler as producções litterarias dos supplicantes juntas pelo supplicado, á sua resposta, ter elle sido não menos vivamente doestado em muitos logares pelo seu proprio nome, e não poderá egualmente deixar de reconhecer-se com magoa que a imprensa abra de tal sorte o campo a semelhantes duelos contra as regras da censura terminantemente dadas por V. M. na saudavel lei de 30 de Julho de 1795. Entretanto umas e outras publicações tem sido feitas com licença da Mesa do Desembargo do Paço, que lhes tem concedido a impressão, precedendo a competente censura; e darem-se as providencias repressivas e de castigo, que os supplicantes pedem, sem ser ouvido o Tribunal que facultou as licenças, e ao qual taes materias estão encarregadas pelas leis de V. M., seria em menos cabo do mesmo Tribunal.

Parece-me por tanto que, ou seja para deferir aos supplicantes no que pretendem, ou para se ordenar a suppressão de taes Periodicos, em que estes contendores parecem dispostos a injuriar-se mutuamente, convirá que o negocio de que se trata seja considerado no referido Tribunal, e que a Meza á vista do que por uma e outra parte se allega, e prova com os impressos em que a accusação de uns e a defeza de outros se estabelece, haja de deferir, ou consultar como achar conveniente.—V. M. ordenará o que fôr servido. Lisboa 22 de Maio de 1819. (Para o Ministro do Reino).

*J. de M. de N. B. de Mag.*$^{es}$

---

[1] *Contas para o Governo,* Livro 18, fl. 88. (Na Torre do Tombo.) Publicado pela primeira vez em 1876 na obra *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria,* pag. 260, nota 1. *(Da revisão.)*

## XXVI

**Decisão do Conselho dos Juizes de Facto, e sentença do Juiz de Direito, sobre a accusação que o promotor fiscal da Liberdade de imprensa fizera contra o P.e José Agostinho de Macedo, por abuso commettido em um paragrapho do seu artigo inserto na Gazeta Universal n.º 69 do anno de 1822.**

QUESITOS PROPOSTOS AO JURY

Primeiro: O impresso denunciado a folhas sete contém o abuso da liberdade de imprensa declarado no artigo duodecimo, nas especies terceira e quarta da lei de 12 de Julho de 1821?
Segundo: O accusado é criminoso d'esse delicto?
Terceiro: Em que gráo é criminoso?

DECISÃO DO CONSELHO

O conselho dos Juizes de facto, consultando a convicção intima da sua consciencia, declara por unanimidade de votos: que o impresso denunciado não contém o abuso de liberdade de imprensa porque foi accusado; nem o auctor do artigo é criminoso. Lisboa dezoito de Novembro de mil oito centos vinte e dois.

*José Joaquim de Noronha Feital.*
*João Loureiro.*
*Gaspar José Ribeiro.*
*Christovam Avellino Dias.*
*Bento Maria Lobo Pessanha.*
*Matheus Valente do Couto.*
*Bernardo de Sousa Barradas.*
*Antonio Joaquim de Lemos Monteiro.*
*José Nicolau de Massuellos Pinto.*
*Matheus José da Costa.*
*João Thomás de Carvalho.*
*Joaquim Maria Alves Sinval.*

SENTENÇA

Em vista da declaração dos juizes de facto, absolvo o réo da accusação, e se passe mandado de levantamento. Lisboa, 18 de Novembro de mil oitocentos e vinte e dois.

*Luis Manoel de Moura Cabral.*

## XXVII

### Carta de José Agostinho de Mac edo ao Padre Marcos

Am.º Marcos.

Sexta feira te escrevi uma carta bem circumstanciada, e me explicava bem. Estes dedos estão promptos, esta vontade ainda mais, e em grau summo exaltada a zanga contra os faladores, ou amotinadores. Sim senhor, faço—*A Revista*—mas vai tu metter na cabeça ao Livreiro (depois de me ter dito que sim) que compre o papel, que pague a impressão, e que se persuada que pondo os papeis em cima do balcão lh'os compram! Nem um só *Diario do Governo* se vende avulso. Hontem nasceu um periodico, chamado *O Telegrapho*, hoje morreu, ficou em unidade!

Agora—*paulo maiora canamus*—Recebo agora mesmo uma carta de Gregorio Gomes, em que me diz que o Ex.mo Sr. Miranda[1] me quer falar; o negocio é o *Diario do Governo*. Eu tudo quero, que fôr para conservação da *causa*. Se eu me confessasse comtigo, eu te diria:—Padre, accuso-me que esta *causa*, e a sua existencia, apezar d'estes 57, e cabellos brancos, interessa vivamente a meu coração, porque se a Regeneração não viera, e ficassem os Governos tristes, pequenos e misturados com Padres, e com o P.e Patriarcha, que me deu uma banda formidavel por amor das *Odes Anacreonticas a Marcia*, sim, a *Marcia!* teria eu de fazer Elegias á separação e ausencia de *Marcia!*—Por esta enigmatica digressão não esperavas tu! Chama-me agora ainda em cima corcunda!

Eu não duvido acceitar a redacção do *Diario:* mas se eu podesse contar com escrever todos os dias, sem que a maldita gotta, que já me sobe ao peito, me atacasse, faria eu a *Revista* na semana. E assim não se expulsa o homem Góes;[2] fique com a parte material do *Diario*. Discursos politicos, Maximas Constitucionaes, Noticias Extrangeiras, Boletins, Exercito Francez, Principios da Santa Alliança, Prepotencias Russas, isso fica cá para mim em toda a extensão, eu não quero nada de ordenados dos Officiaes de Secretaria. Eu já ouvi o nosso Homem a este respeito, e me sobeja o que elle disse, e só é capaz de dar; se assim tivera sido, escusava de ir hoje prégar de manhã e de tarde a Arroios, como te dirá o Prior. Isto direi ao Sr. Miranda. Eu tenho muita cousa escripta, que encha a nosso favor o *Diario*. Amanhã quarta feira te falarei.

Sou teu etc.

*José.*

---

[1] M. G. de Miranda, ministro da guerra.
[2] Diogo de Góes Lara d'Andrade.

## XXVIII

**Carta de Jose Agostinho de Macedo ao Arcebispo Vigario Geral, solicitando a execução do breve, que a Religiosa D. Maria Candida do Valle impetrara para continuar fóra da clausura[1] (Vid. pag. 128.)**

Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr.

A distincta honra e especial bondade, com que v. ex.ª se digna tratar-me, me anima e me dá a confiança de me dirigir d'esta maneira a v. ex.ª. Está proxima a passar-se a sentença executorial de um breve de prorogação para uso de remedios, a beneficio de uma religiosa, a quem v. ex.ª concedeu, por virtude de um rescripto do nuncio, dois mezes de licença, para se ultimar a execução do breve, que novamente impetrou. O profundo promotor, que acha duvidas na bulla do duque do Cadaval, apezar de saber que a freira me pertence *pelos mais estreitos vinculos de sangue,* de ter cincoenta e tres annos de edade, de estar coberta de lepra *(gota rósea* lhe chama o medico *Abrantes)* e de ter uma aneurisma, na arteria carotida no pescoço, já com pulsações sensiveis, em perigo de vida, como tambem sabe que me interesso n'isto, e com tanta razão, ha de multiplicar as suas illusorias duvidas, e o tempo dos dois mezes se finalisa: peço a v. ex.ª todo o favor compativel com a justiça, em regeitar, ou entupir a mina das parvoices em que insistir o nunca assás louvado promotor: e n'isto receberá mercê o que é

De v. ex.ª subdito obediente

*José Agostinho de Macedo.*

## XXIX

**Doação do autographo do Poema Oriente feita ao Mosteiro de Alcobaça**

Hoje sabbado, dezesete do mez de Junho de mil oitocentos e vinte seis, depois de nove anos de assidua applicação e estudo no aperfeiçoamento e correcção d'este poema, para sua segunda publicação, ficou concluido com a ultima lima. Para constar na posteridade, sendo este autographo depositado na bibliotheca do real mosteiro de Alcobaça, pela minha mão escripto, o assino e firmo.

*José Agostinho de Macedo.*

---

[1] O autographo não tem data; mas por inducção provavel, cremos ser escripto no anno de 1827, ou principio de 1828.

Nós abaixo assignados, monges da congregação de São Bernardo, attestamos, e sendo necessario com juramento, em como nos foi entregue este livro do *Oriente*, de doze cantos, por seu auctor *José Agostinho de Macedo*, escripto de sua propria lettra, que perfeitamente conhecemos, a fim de ser depositado e conservado entre os manusriptos da bibliotheca d'Alcobaça. Desterro, em Lisboa, vinte de julho de mil oitocentos e vinte seis.

*Fr. Joaquim da Cruz*,

Procurador Geral da Congregação de S. Bernardo em Lisboa.

*Fr. Antonio Mesquita*,

Vice-procurador geral.

*Fr. Alvaro Vahia*,

Secretario da Congregação de S. Bernardo.[1]

Certifico que a lettra do livro precedente, intitulado o *Oriente* é do padre *José Agostinho de Macedo*, e bem assim é d'elle o assignado que se lhe segue; bem como o são as dos reverendissimos que retro assignam e attestam. Lisboa, vinte e um de julho de mil oitocentos e vinte seis.

Em testemunho da verdade

(Logar do signal publico).

*Luiz Rodrigues Teixeira Machado.*

## XXX

**José Agostinho de Macedo pede a demissão de Censor** (Vid. pag. 141.)

Ill.$^{mo}$ e Ex.$^{mo}$ Sr.

Li a inclusa impressa e licenciada Tragedia *Fayel;* no que está impresso nada encontro que não possa reimprimir-se, dando V. Ex.$^{a}$ a licença que pede. Já em uma relação de livros do livreiro francez Rolland pedi a V. Ex.$^{a}$ houvesse por bem haver-me demittido de Censor, porque nem estudos, nem luzes, nem talentos, nem consciencia tinha para tal emprego. O Desembargo do Paço, por um despacho lançado no Livro de Porta acaba de supprimir um papel por mim escripto, licenciado por V. Ex.$^{a}$ e approvado com elogio pelo Censor que S. Mag.$^{de}$ foi servido nomear-me como privativo. Funda-se este despacho no § 25 da

---

[1] Ha egual auto de doação do poema *Viagem extatica*, em 1830.

lei de 30 de julho de 1795, onde se trata dos livros contra a religião, e contra o Estado, vindo a dizer que eu sou réo de Lesa Magestade divina e humana, não tendo eu feito mais que defender sempre uma e outra cousa, n'aquelle e em todos os papeis impressos com as devidas licenças, e isto sem se me dar visto, e indo o papel tão solemnemente approvado! Injuria feita a V. Ex.$^{a}$, feita ao Censor nomeado por S. Mag.$^{de}$ e feita a mim; por isso não devo ser mais censor, nem escriptor.[1]

Pedrouços, 16 de outubro de 1829.

*José Agostinho de Macedo.*

## XXX-A

### Decreto da nomeação de José Agostinho de Macedo para o logar de substituto do Chronista do reino

Attendendo ao que me representou *José Agostinho de Macedo*, presbytero secular e pregador regio; ao seu conhecido merecimento litterario; e ás repetidas provas que tem dado de sua fidelidade á minha real pessoa; e esperando que continuará a fazer-se digno da minha real consideração; e querendo eu por tão justos motivos fazer-lhe a graça que me supplica: Sou servido nomeal-o substituto Chronista do reino, com o ordenado de tresentos mil reis, para escrever a historia do assignalado periodo dos fastos lusitanos, que decorre da regencia de meu augusto pae, imperador e rei o Senhor Dom *João sexto*, que descança em gloria, até o memoravel dia onze de julho de mil oitocentos e vinte oito, em que os tres estados do reino juntos em Côrtes, me reconheceram rei e senhor d'estes reinos e seus dominios na conformidade das Leis fundamentaes d'esta monarchia. A mesa do Desembargo do paço o tenha assim entendido, e lhe mandar passar os despachos necessarios. Palacio de Queluz, em vinte e um de junho de mil oitocentos e trinta.

Com a rubrica de *elrei.*

---

[1] *O Chaveco Liberal*, n.º 13, de dezembro de 1829, vol. unico, a pag. 291. Londres, impresso por R. Greenlaw.

## XXXI

### Carta do Conde de Basto para Fr. Matheus da Assumpção Brandão

Sendo presente a El-Rei Nosso Senhor a queixa de V. P.$^{e}$ Rev.$^{ma}$ contra o P.$^{e}$ José Agostinho de Macedo, por se reputar offendido e doestado, tanto nas palavras, como nos pensamentos annunciados nas Addições dos folhetos n.$^{os}$ 16 e 17 do *Desengano*, pedindo a reparação de sua fama: He o Mesmo Augusto Senhor Servido advirtir a V. P.$^{e}$ Rev.$^{ma}$ da moderação que devia guardar na sua mesma defeza, sem provocar o seu contendor, como fez no fim d'esta, não se poupando em outros logares d'ella de se servir d'algumas ironias que ultrapassaram a pessoa do seu rival, esquecendo-se, que o seu estado, prudencia, e conhecimentos devíam reprimir e conter sua excitada paixão, e que á proporção que esta se desenvolvia, mais se alongava do seu emprehendido assumpto, insusceptivel de desafios litterarios.

Espera pois o Mesmo Augusto Senhor, que d'ora em diante se guarde o devido caracter em todos os escritos; e que á Sua Real Presença não subam outras desagradaveis disputas, como esta.

O que participo a V. P.$^{e}$ Rev.$^{ma}$ para que assim o fique entendendo.

Deus guarde a V. P.$^{e}$ Rev.$^{ma}$ Palacio de Queluz, em 4 de maio de 1831.—Conde de Basto.—Snr. Fr. Matheus d'Assumpção Brandão.

## XXXII

### Carta do Conde de Basto para José Agostinho de Macedo (Vid. pag. 147.)

Tendo subido á Real Presença d'El-Rei Nosso Senhor os folhetos n.$^{os}$ 16 e 17 do Periodico *Desengano* de que V. M.$^{ce}$ he auctor, de nenhuma maneira conformes suas Addições, como he ordenado no Alvará de 30 de julho de 1795, fol. 25, das regras para a censura dos Livros e Lei de 17 de dezembro de 1794. He o Mesmo Augusto Senhor Servido Ordenar, que taes Addições se risquem, por encerrarem em si mesmas discursos declamatorios satyricos de pessoa certa e determinada; e que á excepção d'estas se publiquem os mesmos folhetos, por conterem em si doutrinas verdadeiras, annunciadas e desenvolvidas com intelligencia e sabedoria. E he outro sim Servido recomendar a V. M.$^{ce}$ a observancia das Suas Leis, e a constante guarda de caracter nos seus escritos, para que estes, tanto agora como na posteridade lhe mantenham o elogio devido aos seus talentos.—Deus guarde a V. M.$^{ce}$ Palacio de Queluz, em 4 de maio de 1831.—Conde de Basto.—Snr. José Agostinho de Macedo.

## XXXIII

**Certidão do obito de José Agostinho de Macedo** (Vid. pag. 154.)

Attesto e faço certo, que vendo o Livro dos obitos numero dez d'esta freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, n'elle a folhas duzentas e dezoito verso se acha o assento do theor seguinte:=Aos dois dias do mez de outubro de mil oitocentos e trinta e um, falleceu o reverendo padre *José Agostinho de Macedo*, prégador regio, morador na rua direita de Pedrouços; recebeu os sacramentos, e foi sepultado na egreja do convento das religiosas Trinas de Campolide no sitio du Rato.—O parocho encommendado, *Manuel Joaquim Bandeira Emaus.*=E não continha mais o dicto assento, que fiz copiar do proprio livro sobredito, a que me reporto. Parochial egreja de Nossa Senhora d'Ajuda, vinte e dois de outubro de mil oitocentos quarenta e oito.

O Prior *Manuel Vaz Eugenio Gomes.*

## XXXIV

**Relação appresentada por D. Maria Candida do Valle dos objectos do espolio de José Agostinho de Macedo** (Vid. pag. 156.)

Excellentissima Senhora

As couzas de nosso uso da sagrada religião são as seguintes:

Hum Senhor crucificado pequeno.
A Sagrada Imagem do Menino de Deus com resplendor de prata.
Santa Gertrudes.
Santo Antonio; tanto este como Santa Gertrudes teem resplendores de prata.
Paineis, etc.
Relogios, dois.
Aneis bons 3; e huma memoria de ouro francez.
Humas fivelas de pedras das lizas e 2 pares para o mesmo uzo.
Meia duzia de talheres de prata e colher de prata tambem para sopa.
Prata para uzo 1 talher, e mais 1 tendo um garfo quebrado.
2 Castiçaes de prata.
Colheres de chá, duzia e meia e uma concha, tudo de prata.
1 Cordão de retrós grosso.
1 Paliteiro de prata.
2 Salvas de prata.
3 Breviarios.
1 Tanás de prata.
1 Cofre bom de ter chá.
1 Saquinho preto por acabar e uma cortina azul.
1 Catere bom.
1 — ordinario.
31 Livros.
1 Fato de banho.
3 Mesas grandes.
1 Banca pequena.
1 Bastidor para bordar.
6 Cadeiras boas.
1 — velha.
1 — de palha.
Bastantes alfinetes.
24 Lençoes de linho e algodão.
15 Camizas.
9 Pares de meias.
4 Capas.
1 Capote.
2 Saias de lã.

1 Logulo.
2 Bentinhos.
1 Véo.
2 Toucados.
1 Véo de rosto.
2 Cintos de fita.
1 Chapéo.
11 Saias brancas.
2 Roda-pés.
4 Roupinhas.
3 pares de sapatos.
2 lenços de seda.
29 lenços d'algibeira.
2 Chailes.
1 Saia preta de lanzinha.
1 lenço de beitinha rocha.
2 Candieiros bons.
1 dito de vidro.
4 ditos velhos.
3 Taxos de arame.
2 Bacias de forno.
1 Taboleiro de lata com 6 panelinhas.
12 de tenejos grandes.
12 dos pequenos.
1 Bacia de pés.
1 Panela de lata.
9 Esteiras.
Alguns esteirões velhos.
Louça de chá.
Alguma marmellada e seus tenejos.
12 Chavenas e pires irmãos.
5 Chicaras.
6 Pires da India.
1 — dezirmanado.
3 ditos sem serem irmãos.
10 Gorceiros (grosseiros?)
5 Pires.
3 Bules pretos.
2 — dos finos.
4 Bandejas.
1 Frasco da India.
1 Assucareiro da India.
1 dito de vidro.
1 dito preto.
1 dito prateado.
4 Chicaras da Ilha.
1 Tassa irmã.
3 Leiteiras.
1 Chicara e pires fino.
1 Bacia de pó de pedra.
1 dita grosseira.
6 Toalhas de meza.
6 Guardanapos de algodão.
14 — lavrados.
1 Calix que é meu e da minha irmã.
6 alqueires de trigo até ao fim de julho no celeiro e para agosto só um.
1 alqueire de amendoas ou pouco mais.
2 Vidros de castiçaes.
2 Caixas de pós.
17 Toalhas das agoas as mãos.
8 Sacos de chita e de outros.
5 Calças.
3 Coletes.
1 Frasco de louça da India.
1 dito de vidro.
Chocolateiras de lata.
3 Bahus.
2 Bancas.
2 Carteiras.
2 Pares de bentinhos da S.ª do Carmo.
5 Copos entrando grandes e pequenos.
1 Caixa.
2 Chicaras de vidro.
18 Garrafas.
1 Talha d'azeite.
1 Almofada.
1 Terrina da India.
1 — de pó de pedra já velha.
1 — preta.
30 Pratos, entrando grandes e pequenos fóra os velhos.
2 Tigellas finas.
2 — de pó de pedra sem pires.
1 — da India.
1 Chapéo de sol.
1 Colchão.
2 Xergões.
E tenho linhagem para outro dito.
E tenho linhagem para um carro armado.
2 Cobertoros bons.
3 — muito superiores.
1 Colcha.
2 Travesseiros com lã.
1 Travesseiro.
4 Fronhas.
4 ditas das pequenas.
2 Cobertas de chita, mas uma ainda está em peça.
Cortinas de cassa das janellas e portas, mas algumas já velhas.
1 Coberta de piano e bocados de chita para as bancas.
1 Piano.
1 Guitarra.
2 Tezouras.
Alguns retalhos de linho, e algodão riscado.
1 Chaleira de cobre.
2 ditas irmãs.
2 Galinhas.
1 Papagaio.
Algodão para cozer, e linhas.
Humas balanças com alguns pezos.
Huma teia que se está fiando.
2 Pentes.
1 Espelho.
A carne de porco que se vae comendo com tudo que se fez do porco.
2 Peneiras.

Azeite.
Chá.
Comestiveis, etc.
1 Almofariz e mão.
3 Condessas.
1 fita dos Santos.
8 Saccos.
1 Salgadeira.
1 Dorna para a carne.
1 Pote para vinagre, etc.
Tenho um Calix de prata e colherinha, que não se pode vender que é para uma Igreja pobre.
A prestação d'este mez ainda se não deu.
O dinheiro que tenho é o seguinte: *Vinte e um dobrão* de dezaseis mil réis.—Uma moeda de ouro em cruz.—Tres cartuxos cada um de oito mil réis de sessenta e seis peças. Mais cincoenta e sete peças, e tres moedas das prestações, e outro que se vae gastando.
Todo o mais espolio se repartirá como indica um papel que está na minha mão.
He meu e de minha irmã toda a prata á excessão de meia duzia de talheres de prata novas e colher de sopa. Tanaz d'assucar, e nove colheres de chá e balde, roupa de meza he d'ambos e todos os comestiveis.
4 latas para ter chá que se vae tomando.
Alguns alguidares e louça de cozinha e vinagre.
10 Panos de cozinha e toalhas.
2 Sedulas que nada valem.

Das sobreditas couzas e de todas as mais que por esquecimento ou por serem de pouca valia aqui não ponho me desaproprio nas mãos de V. S.ª e de novo pesso licença para usar d'ellas. De V. S.ª Sobdita umilde *Maria Candida do Val.*

6 Capas.
14 Saias.
5 Roupinhas.
1 Fogareiro de cobre.
Camizas, as mesmas do rol.
1 Coração de seda.
2 Cobertores.
2 Xergões.
1 Coberta.
4 Toalhas.
6 Guardanapos.
2 Cortinas.
1 Sacco de damasco.
Chá, carne de porco alguma cousa e comestiveis.
1 Escova grande.
Saccos, mais alguns dos trinta.
Dinheiro são tres cartuchos de sessenta e seis peças de oito mil réis, e dezasete dobrões de dezaseis mil réis, e hum cartuxo que vou gastando das ditas peças que pouco mais ou menos de vinte e huma, fóra a prestação e o mais que se vae gastando. Colheres de chá dezoito. Talheres de uzo dois, sem faca dois.

# BIBLIOGRAPHIA DAS OBRAS

DE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

---

## OBRAS IMPRESSAS

---

### Poesia Epica, Didactica, Lyrica e Dramatica

O ORIENTE (Poema).—Lisboa, na Impressão regia, 1814. 2 vol. in-8.º com os retratos do auctor e de *Vasco da Gama*, gravados a buril por D. J. Silva, e J. J. Marques. O tomo primeiro, de 247 pag., contém de pag. 3 a 35 uma *Dedicatoria á Nação Portugueza;* e de pag. 37 até 100 um *Discurso preliminar;* seguem-se até ao fim os cantos I a V do Poema.—O tomo segundo, com 238 pag., contém os cantos VI a XII, e mais 2 pag. innumeradas de erratas. O poema compõe-se n'esta edição de 1:095 oitavas ou 8:760 versos. Com o titulo *O Alcaçar da Morte,* um excerpto no *Parnaso Lusitano,* vol. I, pag. 244 a 365. Paris, 1826.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão regia, 1827. 1 volume in-8.º de 8 pag. in. contendo: Apresentação dos editores e um prefacio, 380 pag. e mais 2 inn. de erratas. Ommitiram-se n'esta edição a *Dedicatoria á Nação Portugueza* e o *Discurso preliminar*, que andavam na antecedente; no frontispicio o retrato do auctor gravado por J. V. Priaz, que é de todos os que existem o que menos se assemelha ao original. A edição feita á custa do Mosteiro de Alcobaça é elegante e mui asseada no que respeita ao papel e typo; sendo para sentir que todavia escapassem algumas, poucas, incorrecções typographicas. Compõe-se o poema de 1:114 oitavas ou 8:912 versos.

Notas bibliographicas tiradas dos livros dos assentos da Imprensa Nacional: Da 2.ª edição do *Oriente* feita por conta do Mosteiro de Alcobaça tiraram-se 1:500 exemplares, e foi o custo total da edição 155$400 réis (não entrando a gravura da chapa do retrato).

Depois de impresso o poema, resolveram imprimir a *Dedicatoria*

*á Nação Portugueza* (xxii pag.), mas d'esta só se tiraram 1:000 exemplares, em separado, faltando em muitos exemplares, principalmente em todos os que a principio se venderam logo apoz a sua publicação.

O *Elogio de Pio VII* foi tambem impresso pelo Mosteiro de Alcobaça, e só se tiraram 250 exemplares.

José Agostinho introduziu n'esta reimpressão do poema, numerosas alterações, postoque pela maior parte coisas pouco substanciaes; accrescentou algumas oitavas, e supprimiu inteiramente outras.

—— (3.ª edição).—Porto, Typ. de Francisco Pereira de Azevedo, 1854. In-8.º portuguez de 400 pag., 20 de prologo e *Dedicatoria á Nação Portugueza*. Consta que devia fazer parte de uma reimpressão geral das obras de Macedo, que não proseguiu.

—— (4.ª edição projectada).—Exemplar de 1814, emendado, com variantes fundamentaes, estrophes, e substituição de outras inteiramente ineditas, com uma dedicatoria implicita no texto do poema ao Papa Leão XII (fins de 1823); e uma elaboração com variantes do texto de 1827, em que o poema é dedicado á Inglaterra, com um prologo em prosa, exprimindo o mais amargo despeito contra o seu tempo. *(Da revisão.)*

GAMA (Poema narrativo).—Lisboa, na Impressão regia, 1811. 1 volume in-8.º, de xvi-266 paginas. (Editor *Desiderio Marques Leão).* De pag. i a xvi, contém um *Discurso preliminar*, seguido de uma Ode pindarica em louvor de *Luis de Camões*, a qual se não encontra em outra parte. O poema é dedicado a *Ricardo Raymundo Nogueira*, então membro da Regencia do Reino. Consta de 10 cantos, com 787 oitavas ou 6:056 versos. D'este *Gama* refundido e accrescentado com dois novos cantos é que se formou o *Oriente*.

A CREAÇÃO (Poema).—1793. (Foi impresso posthumo, em 1865, em Lisboa, na Typ. do *Panorama*. In-8.º, de ix-38 pag. Contém 108 oitavas. Com o titulo de *A Creação*, reproduzido em Paris, 1827, no *Parnaso Lusitano*, vol. ii, pag. 90 a 99, como fragmento da *Meditação*.

Este poema foi o primeiro esboço da *Meditação*, (1813) que fôra apresentada á Censura com o titulo de *A Natureza* (1806); sendo por ella mandado substituir o titulo pelo de *A Creação*, como o auctor se não conformasse com isso, ficou inedita a segunda elaboração, a qual se imprimiu posthuma em 1846.

A MEDITAÇÃO (Poema philosophico em quatro cantos).—Lisboa, na Impressão regia, 1813, 1 volume in-8.º, de 256 paginas. Traz no principio de pag. iii a viii uma Dedicatoria em prosa á Universidade de Coimbra. Contém o poema 6:331 versos. No canto i traz elogios pomposos ao *Adamastor* e a Camões.

Este poema foi formado do poema *A Natureza*, (abandonado em 1806) com mais acrescentamentos:

1.º Canto: é o 6.º canto da *Natureza*.
2.º Canto: é o 1.º e 2.º canto da *Natureza*.
3.º Canto: é o 4.º e 5.º canto da *Natureza*.
4.º Canto: parte do Prologo da *Natureza*, servindo-lhe de remate; este canto é quasi todo novo.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão regia, 1818. 1 vol. in-8.º com 254 paginas, e mais uma com o indice dos cantos. Edição nitida; o auctor supprimiu a Dedicatoria á Universidade e retocou o poema, corrigindo-o em varios logares, e augmentando-o com 502 versos, ficando assim comprehendendo ao todo 6:833 versos. Ha um excerpto no *Parnaso Lusitano*, vol. II, pag. 57 a 89, com o titulo *O Homem no estado social*, etc.

—— (3.ª edição).—Pernambuco, Typ. de Santos & C.ª 1837. 1 vol. In-8.º de x-254 pag. Restituiu-se a Dedicatoria á Universidade.

—— (4.ª edição).—Porto, Typ. de Francisco Pereira de Azevedo. 1854. In-8.º grande, de 270 pag. (Indicada como 3.ª edição.)

**NEWTON** (Poema em quatro cantos).—Lisboa, na Impressão regia, 1813. 1 vol. in-8.º com 95 pag. Contém ao todo 2:703 versos. De pag. 3 a 4 vem um Proemio.

—— (2.ª edição correcta e augmentada).—Lisboa, na Impressão regia, 1815. 1 vol. in-8.º com 151 paginas. (Foi editor o livreiro João Nunes Esteves.) Além das correcções e additamentos que o auctor fez n'esta edição, apresenta de pag. 3 até 23 um *Discurso preliminar*, onde ventila a questão:—*Se a Physica ou alguma das suas partes é ou pode ser materia da Poesia sublime?*—Tem o poema 2:795 versos, e no frontispicio uma ridicula gravura de Newton, por Fontes, que representa o heroe do poema. Foi extensamente analysado por Pato Moniz no *Observador Portuguez*.

—— (3.ª edição).—Rio de Janeiro, 1849; inserta no jornal *O Iris*, tomo II, desde pag. 289, continuando nos numeros seguintes, até ao fim do mesmo tomo. Reproduziu-o José Feliciano de Castilho de um texto do *proprio punho do poeta*, considerabilissimamente melhorado em relação ao texto de 1815. (Vid. o *Iris*, tomo II, pag. 403, sobre este ponto.)

—— (4.ª edição).—Porto. 1854. Typ. de Francisco Pereira de Azevedo. 1 vol. In-8.º, de 169 pag., sendo 25 pag. de prosa. É indicado como terceira edição.

**VIAGEM EXTATICA AO TEMPLO DA SABEDORIA** (Poema em quatro cantos).—Lisboa, na Impressão regia, 1830. In-4.º de 144 pag. Edição nitida, feita á custa do Mosteiro de Alcobaça. De pag. 3 a 13,

o Preliminar.—É o poema *Newton* refundido, e consideravelmente engrossado com longas tiradas de versos, contendo ao todo 3:560 versos. Supprimiu-se o *Discurso preliminar*, e algumas notas explicativas da 2.ª edição do *Newton*.

—— (2.ª edição).—Pernambuco, Typographia de Santos & C.ª 1836. 1 vol. In-8.º, de xviii-140 paginas. É conforme á edição de Lisboa.

Para a biographia de José Agostinho é indispensavel ter presente na *Viagem Extatica* (edição de Pernambuco, pag. 92) o trecho que principia:

Eis se esconde a visão, eis foge o Templo

que corresponde ao *Newton* de 1815, a pag. 108 e seguintes, em que elle se pinta a si proprio.

Tudo é magnifico até o fim do canto 3.º, que diz:

Ouve a voz de um philosopho, que sempre
Poz em balança egual choupana e throno;
Que o ente racional no homem contempla,
O mesmo berço e tumulo, e mais nada!

Este remate não vem no *Newton*.

—— (3.ª edição).—Braga, Typ. particular. 1841. In-8.º—«Tem no fim mutilados alguns versos, e cortadas varias palavras e phrases allusivas á politica do tempo. Tenho um exemplar por favor de Pereira Caldas, recebido em 5-10-61.» (Nota avulsa, de Innocencio.) Não a cita no *Dicc. Bibl.*

—— (4.ª edição).—Porto, 1854, Typ. de F. P. Azevedo. In-8.º grande. Contém 205 pag. (Indicada como 3.ª edição.)

A NATUREZA (Poema em seis cantos).—Lisboa, na Typographia *Rollandiana*. 1846. 1 vol. de oitavo, com 244 paginas. Este poema (de que existe o autographo na Bibliotheca publica de Lisboa) sahiu posthumo. É precedido de um Anteloquio—uma breve advertencia—e uma prefação em prosa, seguindo-se um prologo, com o titulo de *Extasis* em verso; o que tudo occupa de pag. 3 até pag. 14. Segue-se depois o poema, composto de 7:282 versos. Ha um exemplar em bom papel e de formato duplo que foi mandado tirar por A. M. Rego Abranches, que reviu as provas; existia na sua livraria, e passou para a Livraria de Pereira da Costa. Este poema já estava composto desde 1806, e d'elle extrahira José Agostinho muitos e extensos trechos para a *Meditação* e outros para *O Novo Argonauta*.

—— (2.ª edição).—Porto, 1854. Typ. de F. P. de Azevedo. 1 vol. In-8.º Contém 363 pag., sendo 10 de prefacio. (Na capa diz *Terceira édição;* porém no frontispicio não designa edição.)

**CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA** (Poema em dois cantos).—Consagrado a S. A. R. o Principe regente nosso senhor. Lisboa, na Officina calchographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego. 1801. (De ordem superior). 1 folheto in-8.º grande com (?) pag.—É precedido de uma dedicatoria e prefação em prosa e de uma Epistola em verso ao padre *Fr. José Marianno Velloso*. O 1.º canto é pouco mais ou menos semelhante ao da *Natureza*, versa sobre os Céos, e tem notas scientificas; porém o 2.º, que se intitula *Os Mares*, foi sem razão desprezado depois pelo auctor, e não se encontra no poema *A Natureza*, nem tão pouco no da *Meditação*. São rarissimos os exemplares que hoje apparecem d'esta composição.

É o primeiro esboço do poema *A Natureza*, de 1806. (Innocencio tirou uma copia, conservada entre os seus manuscriptos.)

**O NOVO ARGONAUTA** (Poemeto).—Lisboa, na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. M.DCCC.IX. 1 folheto in-8.º, de VI-34 pag., com uma advertencia preliminar. Contém este poema n'esta edição 618 versos.

Este poemeto é formado do 3.º canto do poema *A Natureza*, esboço que o auctor transformara, deixando de incorporar este canto na *Meditação*.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na typographia de *Bulhões*. 1825. 1 folheto in-8.º, de 48 paginas. Contém de mais que a antecedente uma prefação em prosa, comprehendendo as pag. 5 a 13; e o poema depois de correcto e addicionado, ficou com 628 versos.

**POEMA SOBRE O PROSEGUIMENTO DA GUERRA COM A FRANÇA.**—Composto em inglez por Mr. Gerningham, traduzido em portuguez. Lisboa, na Officina de *Simão Thaddeo Ferreira*. 1798. In-12.º de 22 pag.—Parece que fôra traduzido de uma versão franceza (do X caderno do *Jornal de Inglaterra*, de Mr. Losier); não consta que José Agostinho conhecesse a lingua ingleza. (Tem por assignatura «Na Arcadia de Roma *Elmiro Tagideo*.»

**DESCRIPÇÃO DE UMA FIGURA HEDIONDA.**—Excerpto do poema *Os Burros*, publicado em 1817 no tomo II, pag. 301 a 302 da *Mnemosine lusitana*. Sob a designação: «*Artigo communicado*.»

**OS BURROS ou o REINADO DA SANDICE** (Poema heroe-comico-satyrico, em 6 cantos, 1.ª edição).—Sem nome do auctor. Paris. Na Officina de Rignoux. 1827. In-32.º, de IV-136 pag.—Esta edição, feita em vida de José Agostinho, foi dirigida por Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro. Pouco tem da obra original do auctor, apenas alguns centenares de versos; o mais é substituição de estropeados versos do editor, com outros personagens a seu capricho.

—— (2.ª edição).—Paris. Na Officina Typographica de Casimir, 1835. 1 vol. In-32.º de pag. 197 a 379. (Destinada para fazer parte

do tomo VI do *Parnaso Lusitano*, d'onde foi expungida, por ser uma reproducção da de 1827, e como ella, nem remotamente se parece com o verdadeiro poema, tal como José Agostinho o escreveu.)

—— (3.ª edição).—Lisboa, 1837. Typ. da Rua direita do Salitre, n.º 199. In-8.º de 52 pag.

De pag. 3 a 5 Aviso do editor assignado F. J. da Silva;
De 7 a 9 Dedicatoria ao geral dos Bernardos, assignada J. A. M.;
De 11 a 20 Introducção;
De 21 Prologo;
De 23 Começa o poema.

«Appareceram apenas o I e II cantos, na verdade mais chegados á letra do original, que as edições de Paris; mas ainda assim horrivelmente mutilado, faltando só no I canto, 80 versos completos, além de muitas lacunas e alterações indispensaveis para disfarçar ou encobrir até certo ponto, as obscenidades e immundicies espalhadas a flux por todo o contexto da obra.»

—— (4.ª edição).—Porto. Livraria de Cruz Coutinho, editor. 1892. In-8.º pequeno. XVII-259 pag. e mais 1 inn. do indice (Na collecção Cruz Coutinho: «Publicado *in-extenso*, com todas as liberdades do original. 1. vol. 300 réis.») Aviso do editor (pag. V e VI) confessa que seguiu um só ms., o qual tem 7:600 versos. Prefação em prosa de José Agostinho de pag. VII a XVII.

—— (5.ª edição, projectada).—Innocencio considerava como inedito o poema dos *Burros*, e escreveu: «Muitas copias existem d'elle em mãos de curiosos, porém fazendo maior ou menor differença umas das outras, de modo que será difficil achar duas perfeitamente concordes.» *(Dicc. Bibliogr.)* Em uma nota avulsa manuscripta:

«Escripto em 4 cantos em 1812;
refundido em 6 cantos (o 4.º e 5.º, intercalou-os em 1814);
novamente refundido (novos trechos, episodios, substituições e exclusões) ainda em 6 cantos, em 1819; mais 1 canto e meio em nova reforma, e um outro canto, devendo o poema ficar ao todo com oito cantos, quando o reelaborava pouco antes do seu falecimento. N'esta revisão final só retocou os tres primeiros cantos e parte do quinto.»

Em nota avulsa manuscripta, Innocencio traz os seguintes excerptos d'estas tres reelaborações:

**Em 6 cantos**

Como Ovidio cantou mudados corpos
Em novas fórmas, por que quiz, eu canto
Porque quero tambem, mudados homens
Por todo o imperio Lusitano em burros.
  Nunca até agora, oh Satanaz, os vates
Te invocaram propicio, hoje te invoco:

A teu poder entrego heroes e versos;
Em tudo satanaz se admire e veja.
Tu me tornas a vingança egual á offensa,
Já que laval-a em sangue emfim não posso,
No veneno da satyra a sepulto,
Perpetuando merecida infamia
Dos inimigos meus. Quantos diviso,
Monstros são dignos do logar primeiro!

«O fim é conforme o costume — 1818 a 1824.

**Canto e meio — 1825**

Eu canto o Bacharel João Bernardo
Com muitos outros transformado em burros;
Deram poucos trabalhos á sandice,
Foi só virar de dentro para fóra,
O que eram n'alma apparecem no corpo.
etc., etc.

**1. Canto**

Honra, patria e razão, vós sois meus Numes
Vós da verdade me abrazaes na chamma;
E, só por vos servir salvo das sombras,
Tiro dos véos do eterno esquecimento
As obras, e os varões dignos da forca,
Se mais azada a satyra não fosse
A lhes dar nome eterno e eterna infamia.

Entre os papeis de Innocencio, encontra-se este Prospecto para esta projectada edição, que não chegou a effectuar-se:

# OS BURROS

OU O

## REINADO DA SANDICE

POEMA HEROE-COMICO-SATYRICO EM SEIS CANTOS

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Dado pela primeira vez á luz em toda a sua integridade, conforme o texto original do auctor, correcto e illustrado com curiosissimas annotações e peças justificativas, para perfeita intelligencia do mesmo texto

Cedendo ás instancias e sollicitações feitas por alguns curiosos, apaixonados das obras do auctor, determinámos apresentar ao publico este poema, talvez a mais virulenta de todas as satyras que até agora tenham apparecido na republica litteraria. N'ella se descobre em toda a sua plenitude a indole mordaz e maledica de José Agos-

tinho, que não poupando vivos nem defunctos, presentes ou ausentes, nacionaes ou estrangeiros nos legou n'esta sua composição o germen da historia dos successos notaveis, bem como da biographia de todos os individuos que por seus talentos, vicios e acções de qualquer especie se distinguiram em Portugal e no resto da Europa durante a primeira quarta parte do seculo actual. Porém como esta obra não podia deixar de perder uma parte do seu effeito na razão directa da distancia dos tempos, que vae tornando cada dia menos conhecidas dos leitores as continuas e incessantes allusões a factos esquecidos, e a pessoas quasi todas falecidas (com diminutissima excepção), démo-nos ao insano e penoso trabalho de a commentar, e illustrar por modo tal, que antes quizemos ser taxados de nimio-prolixos, que deixar sem explicação tudo o que nos pareceu merecel-a, conseguindo no fim de alguns annos concluir esta empreza, que por certo demandava uma dedicação a toda a prova.

No que respeita á exactidão do texto, podemos assegurar que não menos de *quinze transumptos* foram escrupulosamente conferidos, preferindo já de uns já de outros, as lições e variantes, que uma aturada reflexão depois de maduro exame nos offereceu como mais genuinas e correctas.

Não será fóra de proposito advertir que a presente edição nada tem de commum com as duas que por ahi correm, mutiladas e deturpadas, contrafeitas em Paris nos annos de 1827 e 1835, nas quaes pode quasi affirmar-se que apenas ha de verdadeiro o titulo do poema, e algumas centenas de versos de José Agostinho mais ou menos alterados; — nem tambem com outra começada em Lisboa, em 1837, de que sómente appareceram dois cantos, de tal sorte mutilados, que só no primeiro faltam oitenta e um versos completos, além de outras lacunas e alterações.

Será portanto o poema impresso em formato de 8.º grande, bom papel e typo; e empregaremos toda a possivel diligencia por apresentar uma edicão nitida, que satisfaça plenamente o gosto dos entendidos. Será tambem adornado dos retratos de varios personagens notaveis, que n'elle figuram, e para maior commodidade dos senhores assignantes será distribuido em cantos separados, indo cada um acompanhado das notas que lhe pertencem.

A brevidade da publicação depende unicamente da concorrencia dos assignantes; o 1.º Canto entrará no prelo apenas apparecer um numero d'elles, que se julgue sufficiente para cobrir as despezas da impressão: e publicado que seja, ir-se-hão seguindo os outros pela sua ordem, e com os menores intervalos possiveis.

A importancia de cada canto, paga no acto da recepção, será contada na razão de 40 réis cada folha de impressão; pagando-se egual quantia por cada um dos retratos que os acompanharem, lythographados em papel velino. A obra deverá compôr-se de dois grossos volumes, cujo preço total não deverá exceder a 1$600 réis.

O accolhimento d'esta publicação servirá para regular-nos na de muitas *Obras ineditas* do mesmo auctor, tanto em prosa como em verso, as quaes temos egualmente promptas para a impressão, e que naturalmente serão precedidas da Biographia de José Agostinho, escripta com minuciosa exactidão, e do Catalogo geral de todas as composições que elle deixou, assim impressas, como manuscriptas.

OBRAS DE HORACIO (Traduzidas em verso portuguez).—Tomo I. —Os quatros livros das *Odes e Epodos.*—Lisboa, na Impressão regia, 1806, in-8.º de XXXV–222 pag. e mais 1 inn. de erratas. Contém ao principio uma louga prefação em prosa, que deu largo assumpto ás criticas e invectivas contra o auctor.—«Macedo affirma, que entregara a Fr. José Marianno Velloso, director da Impressão regia, o Manuscripto completo, que este o levara para o Rio de Janeiro em 1807 com a parte inedita que devia formar o II tomo com as *Epistolas, Satiras* e *Arte poetica.*

A LYRA ANACREONTICA, á illustrissima senhora D. M. C. D. V. *(D. Maria Candida do Valle).*—Lisboa, na Impressão regia. 1819. 1 volume, in–8.º de 192 paginas. Edição nitida. Contém cento e uma Odes, precedidas de uma Epistola dedicatoria em verso endecasyllabo.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Imp. de *J. N. Esteves e Filho*. 1835. 1 volume. In-8.º pequeno, de 160 pag. É incorrecta e destituida de merito, como são em geral todas as d'aquella typographia.

—— (3.ª edição).—Pernambuco. Na Typ. de Santos & C.ª 1836. In-16.º de 160 pag.

**ODE** (sobre a verdadeira felicidade, dirigida ao Sr. Manuel Maria Barbosa du Bocage).—Lisboa, na Officina de Philippe José de França e Liz. 1791. In-4.º De 8 paginas. São rarissimos desde muitos annos os exemplares d'esta Ode. Assignada por *Elmiro Tagideo*.

—— (2.ª edição).—Lisboa. 1850. Edição imitando quanto possivel a primeira, mandada fazer por Pedro José Nunes. Apenas se tiraram seis exemplares para offerta a amigos; escreve Innocencio: «em cujo numero fui um dos contemplados.»

**ODE** (á funesta separação de uma Dama, no momento em que o seu Amante se apartava da sua presença, etc.).—(É traducção de uma Ode ingleza, que veiu inserta no jornal *The European Magazine;* porém ignoramos se José Agostinho a traduziu do original, se d'alguma versão franceza). Lisboa, na Officina de *Antonio Gomes*. 1792. Em quarto de 8 paginas. Sahiu anonyma.

—— (2.ª edição).—Sahiu no mesmo anno, na officina Nunesiana, (1792?) In-8.º de 7 paginas. Contém como a outra os mesmos erros e incorrecções typographicas, que são em numero consideravel; e sahiu com o nome do traductor.

**ODE** (augurando a regia successão no throno Lusitano)—Em 162 versos rimados. Sahiu ainda com o nome de *Fr. Jozé de Santo Agostinho*, inserta no *Jornal Encyclopedico*, quaderno de janeiro, de 1792, a pag. 70 a 79. Lisboa, na typographia Nunesiana, in-8.º Começa:

> Inclita Musa do frondoso Ismeno,
> Que a fria morte e voraz tempo affrontas,
> Que sobre o céo sereno
> Acima do Parnaso te remontas, etc.

Esta Ode foi por elle composta quando estava no carcere do convento da Graça; e n'ella implora a real piedade para que haja de quebrar-lhe os ferros. Intitula-se por *Academico Arcade de Roma*.

**ODE** (sinceros votos dos fieis vassallos portuguezes na enfermidade da sua augustissima soberana a rainha Nossa Senhora).—Em 156 versos. Sahiu já com o nome de *José Agostinho de Macedo*, inserta no *Jornal Encyclopedico*, quaderno de fevereiro, de 1772 (alás 1792), pag. 367 a 377. Lisboa, na officina de *Antonio Gomes*, in-8.º Começa:

Sagrados céos, se votos fervorosos,
Se os gemidos, se as lagrimas, se o pranto
De vassallos queixosos
A quem cobre da morte o negro manto, etc.

**ODE EPODICA** (Ao Capitão Cook).—Em 84 versos. Tem no fim o appellido *Macedo*. Inserta no sobredito Jornal, quaderno de março de 1792, a pag. 101 a 104. Lisboa, na officina de *Antonio Gomes*, 1772 (aliás 1792). In-8.º Começa:

Tinha de bronze o coração formado,
Tinha de aço cercado
O peito audaz e altivo, quem primeiro, etc.

**ODE** (ao grande Pompêo).—Em 84 versos. Escripta quando o auctor jazia no carcere da Ordem. Sahiu anonyma no mesmo Jornal, quaderno de abril, de 1792, a pag. 268 a 273. Lisboa, na officina de *Antonio Gomes*, 1792, in-8.º Começa:

Desfolha o verde louro
Que a augusta fronte, oh Musa, te cingia,
Depõe a eburnea lyra, o plectro d'ouro, etc.

**ODE** (a Belizario).—Em 90 versos. Tambem foi escripta no carcere. Sahiu anonyma no dito Jornal, quaderno de maio de 1793, a pag. 419 a 424. Lisboa, na officina de *Antonio Gomes*, 1793. In-8.º Começa:

Sempre cheia de dôr, cheia d'espanto
A minha triste e inconsolavel lyra
Em seus lugubres tons geme e suspira, etc.

**ODE** (vantagens da pobreza e da vida ignorada).—Inserta com o nome de *Elmiro Tagideo* no *Almanach das Musas*, parte 3.ª, a pag. 110 a 114. Lisboa, na officina de *João Antonio da Silva*, 1793, in-8.º Começa:

Funestos louros de fatal riqueza, etc.

**ODE** (no faustissimo dia natal do ill.mo e ex.mo sr. Conde Regedor — dirigida ao M. R. Sr. beneficiado Domingos Caldas Barbosa).— Inserta com o seu nome José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideo*, no *Almanach*, parte 4.ª a pag. 74 a 77. Lisboa, na officina de João Antonio da Silva. 1793. In-8.º Começa:

Eia, sublime, sonoroso Caldas, etc.

**ODE PINDARICA** (ao feliz successo das Armas portuguezes, que auxiliam as de Hespanha contra a França).—Com o seu nome. Lisboa, na Regia officina typographica. 1794. In-4.º de 11 paginas. Tem no principio uma breve dedicatoria em verso a *D. Duarte da Encarnação*, prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra.

ODE *(á Paz Geral)*, inserta n'um folheto que se imprimiu com o titulo: *Tributo de gratidão, que a Patria consagra a Sua Alteza Real o Principe regente nosso senhor, por mãos do Intendente geral da Policia, etc.* Lisboa, na Typographia chalcographica typoplastica e litteraria do Arco do Cego. M.DCCCI. In-4.º Vem a pag. 9 a 12, e começa:

> Alma, serena paz, dadiva augusta,
> Que vem dos Céos, e o Sempiterno a manda,
> Desceo, poz termo ás convulsões do Mundo. etc.

**ODE (a Manuel Maria Barboza Bocage, por occasião da sua enfermidade).**—Em 76 versos. Publicada com o seu nome na *Mnemosine Lusitana*, tomo I, a pag. 196. Lisboa, na Impressão regia. 1816. In-4.º Começa:

> Fonte antiga dos Mundos e dos Entes,
> Oh tempo! oh sêr incognito! Tu podes
>     Co'a vencedora planta
> Pisar dos homens a soberba, o fausto, etc.

Acha-se trasladada na *Livraria classica portugueza* dos srs. *Castilhos*, tomo XXIV a pag. 38.

**ODE (sobre a calumnia).**—Traduzida do italiano de Fulvio Testi. —Inserta no *Semanario de Instrucção e recreio*, tomo I, a pag. 29 e seguintes. Lisboa, na Impressão regia. 1812. In-4.º

**ODE (Parafrase da) 12.ª, do Liv. 2.º de Horacio.**—Inserta no *Semanario*, tomo I, a pag. 152 e 153.

**ODE (Parafrase da) 30.ª, do Liv. 3.º de Horacio.**—Inserta no *Semanario*, tomo I, de pag. 279 a 280.

**ODE (Parafrase da) 16.ª, do Liv. 2.º de Horacio.**—Inserta no *Semanario*, tomo I, de pag. 287 a 290.

**ODE (Parafrase da) 14.ª, do Liv. 2.º de Horacio.**—Inserta no *Semanario*, tomo I, de pag. 373 a 375.

**ODE (Traducção da) 5.ª, do Liv. 1.º de Horacio:** *A Pyrrha.*—No *Semanario*, tomo I, de pag. 417 a 418. J. A. de Macedo.

**ODE (Traducção da) 3.ª, do Liv. 1.º de Horacio.**—No *Semanario de Instrucção e recreio*, tomo II, de pag. 264 a 265. Lisboa, na Impressão regia 1813, In-4.º

**ODE (Traducção da) 2.ª, do Liv. 1.º de Horacio.**—No *Semanario*, tomo II, de pag. 397 a 400.

**ODE (ao invicto Wellington).**—Lisboa, na Impressão regia. 1813.

In-4.º de 11 paginas. A pag. 3.ª: José Agostinho de Macedo aos seus amigos, etc.

**ODE** (á ambição de Bonaparte).—Lisboa, na Impressão regia. 1813. In-4.º de 15 paginas. De pag. 3 a 4 «*Aos que soberem ler*».

**ODE** (ao Principe Kutusow, pela batalha de Berodino).—Lisboa, na Impressão regia. 1813. Com licença. In-4.º de 15 paginas.

**ODE** (a Sua Magestade Imperial Alexandre I, o Triumphador).—Lisboa, na Impressão regia. 1813. In-4.º de 15 paginas. A pag. 3 a 4 «Ao leitor».

**ODE** (a Sua Magestade Imperial Alexandre I, o Triumphador, pelo Decreto em que determina se edifique em Petersbourgo hum Templo a Deos, em reconhecimento das victorias que alcança).—Lisboa, na Impressão regia. Com licença. 1813. In-4.º de 16 paginas. De pag. 3 a 4 vem uma *Prefação.*

**ELEGIA** (á sentidissima morte do ill.mo e ex.mo sr. D. José Thomaz de Menezes).—Sahiu com as iniciaes J. A. R. G. *(José Agostinho, religioso graciano)*. Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1790. In-4.º É a primeira composição do auctor que nos conta se imprimisse. Compõe-se de 60 tercetos endecasyllabos.

**EPICEDIO** (na morte do ill.mo e ex.mo senhor D. João Pedro de Mello, Principal decano da Santa Igreja patriarchal, dedicado ao ill.mo senhor Anselmo Joseph da Cruz Sobral.—Lisboa, na officina de Filippe José de França e Liz. M.DCC.XCI. In-4.º de 15 paginas. Além do Epicedio em 57 tercetos tem dois Sonetos, allusivos ao mesmo assumpto. Assigna: Joseph Agostinho de Macedo, chamado entre os da Arcadia de Roma *Elmiro Tagideo.*

**EPICEDIO** (na morte do illustrissimo e excellentissimo senhor D. João Ansberto de Noronha, conde de S. Lourenço; dedica-o á illustrissima e excellentissima senhora condessa de Soure, sua neta).—Sahiu com as iniciaes de J. A. D. M. Lisboa, na Impressão regia. M.DCCC.IV. Por Ordem Superior. In-4.º de 12 paginas. Compõe-se de 213 versos endecasyllabos soltos. Nas pag. 2 e 3 uma carta offerecendo o Epicedio.

**EPICEDIO** (na morte de Manuel Maria Barbosa du Bocage).—Mandado imprimir por *Diogo José Blancheville*, em signal de amisade. Lisboa, na Impressão regia. M.DCCC.VI. Com licença. In-8.º de 14 paginas. Contém 247 versos endecasyllabos soltos, e no principio uma epigraphe em versos latinos, composição do mesmo auctor. Este Epicedio tambem se acha inserto no tomo VI das Poesias de *Bocage* publicadas por Desiderio Marques Leão. 1842, a pag. 288 e seguintes. No *Ramalhete*, jornal de instrucção e recreio, volume III. Lisboa, 1840, a

pag. 78. E na *Livraria Classica portugueza* dos srs. *Castilhos*, tomo XXIV de pag. 50 a 62. É tido como uma das melhores composições poeticas de José Agostinho.

**EPISTOLA** (ao senhor Stockler sobre a Viagem aerea do capitão Vicente Lunardi).—Lisboa, na Officina do Senado. M.DCC.XCVI. In-8.º de 15 pag. sendo a ultima de *Notas*.

**EPISTOLA** (a Manuel Maria de Barbosa du Bocage).—Em 153 versos endecasyllabos. Sahiu inserta a pag. 67 da *Nova Collecção de Improvisos de Bocage na sua muito perigosa enfermidade, etc.* Lisboa, 1805, na Impressão regia, In-8.º E tambem se acha no tomo VI das *Poesias* do mesmo *Bocage*, publicadas por *Desiderio Marques de Leão*, a pag. 53. E na *Livraria Classica portugueza*, tomo XXIV, a pag. 44 a 50. Começa:

> Troou no centro da abalada terra
> Trovão medonho, que bramiu tres vezes, etc.

**EPISTOLA** (ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de...) Em 21 de Dezembro de 1807. Sahiu no *Semanario de Instrucção e recreio*, tomo I, de pag. 253 a 258. Começa:

> Se entre o medonho coruscar de tantos
> Raios, que a Patria vacillante assustão, etc.

**EPISTOLA** (a sua excellencia Lord Wellington, duque da Victoria, generalissimo dos Exercitos alliados, etc.)—Lisboa, na Impressão regia. 1813. Com licença. In-4.º de 11 pag. A pag. 3: «Julgo que a Nação toda está e deve estar animada dos mesmos sentimentos e estima, e de admiração ao Grande Homem, etc. Constituo-me seu interprete n'esta Epistola.» etc.

**EPISTOLA** (ás grandes Potencias alliadas, na passagem do Rheno).—Lisboa, na Impressão regia 1814. Com licença. In-4.º de 16 pag. A pag. 3 e 4 um *Proemio*.

**EPISTOLA** (ao sr. João de Figueiredo Maio e Lima, eximio poeta, sobre as suas pretenções, e esperanças na Corte).—Lisboa, na Impressão régia. 1815. Com licença. In-8.º de 15 paginas. (Sem nome do auctor).

**EPISTOLA** (ao sr. José Maria da Costa e Silva).—Inserta na 1.ª edição do poema *O Passeio*. Lisboa, na officina de *J. F. M. de Campos*. 1816 e 1817. In-12.º de pag. 175 a 188. Começa:

> Quem pode contrastar o austero e duro
> E indómito poder do Fado, e Sorte? etc.

EPISTOLA (a Buffon).—Inserta de pag. 414 a 425 do tomo II, do *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, coordenado pelo *P. J. A. de M.* Lisboa, na Impressão regia. 1820. In-4.° Contém 361 versos soltos. (Não declara o nome do auctor.) Vid. *Jornal Encyclopedico*.

EPISTOLA de Manuel Mendes Fogaça, dirigida de Lisboa a um amigo da sua terra, que lhe refere como se fez poeta, e lhe conta as proezas de um rafeiro.—Lisboa, na Impressão de João Nunes Ferreira. 1822. In-4.° de 20 pag. (Anonyma). Contém 386 versos endecasyllabos soltos.

SATIRA (a Manuel Maria Barbosa du Bocage).—Escripta em 1801. Imprimiu-se pela primeira vez em um folheto intitulado: *Collecção de varios e interessantes Escriptos do P. José Agostinho de Macedo*, publicada pela Sociedade Propagadora das Bellas lettras. Lisboa, na Typ. da Sociedade. 1838. In 8.° grande; de pag. 1 a 7; e a resposta de Bocage de pag. 8 a 18. Tambem sahiu inserta no tomo IV, das *Poesias de Bocage*, publicado por *Marques Leão*, a pag. 58 e seguintes. E na *Livraria Classica portugueza*, tomo XXIV, a pag. 9 e seguintes. Ahi se encontram algumas incorrecções e descuidos, que é mister emendar; apontaremos por exemplo os seguintes:

| PAGINAS | VERSO | ONDE SE LÊ | LEIA-SE |
|---|---|---|---|
| 9 | 3 | *Cloviano* | *Cluvieno* |
| 16 | 6 | Espuma no publico | Escoucêa em publico |
| – | 8 | Mas louva-te a ti mesmo | Mas louvaste a ti mesmo! |
| – | 18 | Cultas linguas | doctas linguas |
| – | 24 | coxo | chocho |
| 17 | 9 | Josino | Young |
| – | 10 | Escavor | Scarron. |
| – | 23 | Pharmaceutrio | Pharmaceutrico (conforme pede a medida do verso). |
| 18 | 8 | Não | Nem |

Na pag. 18 entre os versos 11 e 12 falta o seguinte:

A inveja segue um bem, qual sombra as luzes.

Esta satira tem 223 versos, e começa:

Sempre, oh Bocage as Satiras serviram
Para dar nome eterno, e fama a um tolo.

—— (Nova edição).—Lisboa. Imprensa Lusitana. 1848. In-8.° de 11 pag. (Bocage respondeu na celeberrima satira *Pena de Talião*, á qual José Agostinho replicou em uma Satira 2.ª *A Bocage*, que começa: *A ti, monada e zero, a ti, Bocage*, etc. Consta de 287 versos.

IDYLIO PISCATORIO (a Jacinta).—Sahiu anonymo no *Almanach das Musas*, 4.ª parte, pag. 42. Lisboa, na officina de *João Antonio da Silva*. M.DCC.XCIII. In-8.° a pag. 42 e seguintes. Começa:

A noite envolta em tenebroso manto, etc.

IDYLIO (ao nascimento do serenissimo senhor D. Antonio, Principe da Beira).—Sahiu na *Collecção de Poesias* a este assumpto. Lisboa na officina de *Antonio Rodrigues Galhardo*. 1795. In-4.º sem numeração de paginas. 1 vol. Começa:

O filho de Climene o carro aéreo, etc.

ELOGIO (feito para ser recitado no dia da abertura do real theatro de S. Carlos, n'este corrente anno; cuja recitação não teve effeito). —Inserto no *Semanario de Instrucção e recreio*, tomo I, de pag. 63 a a 64. Assigna J. A. de Macedo.

ELOGIO (Recitado no Theatro da Rua dos Condes a 22 de Outubro de 1811, pela Actriz Maria Ignacia da Luz, servindo como de prologo ao drama CLOTILDE, n'esse dia representado em seu beneficio). —No *Semanario*, tomo I, de pag. 85 a 87. Por J. A. de Macedo.

ELOGIO (Recitado no Theatro da Rua dos Condes pelo Actor Diogo, em 1812).—No *Semanario*, tomo 2.º de pag. 8 a 10. Por J. A. de Macedo. Começa:

Quanto he potente, e formidavel quanto
Do Tempo estragador voluvel roda! etc.

MONOLOGO (ao começo do anno de 1812).—No *Semanario*, tomo I, de pag. 102 a 103. Por J. A. de Macedo. Começa:

Não surgem para mim doirados tectos,
Sustentados em pórfidos e jaspes, etc.

MONOLOGO (Entre as perseguições da Inveja se apura, e se descobre o Merito e o Talento).—No *Semanario*, tomo I, de pag. 134 a 136. Por J. A. de Macedo. Começa:

Do centro obscuro do confuso cáhos
Havia, á voz de hum Deos, rompido o Mundo; etc.

EPIGRAMMA (a Horacio).—No *Semanario*, tomo I, a pag. 280.

APOLOGO (O Burro).—No *Semanario*, tomo I, a pag. 418 e 419. Por J. A. de Macedo.—Outro: *O chá e a salva*, trad. de Yriarte. Ibid.

HYMNO (cantado no theatro da Rua dos Condes, pela actriz Maria Ignacia da Luz, pouco depois da tomada de Ciudad Rodrigo por Lord Wellington).—No *Semanario*, tomo II, de pag. 10 a 12. Por J. A. de Macedo.

SONETO (satira ao livreiro Desiderio Marques Leão).—Sahiu anonyma, no *Semanario*, tomo 2.º a pag. 414.

EPISTOLA (a Belmiro Transtagano—*Belchior Manuel Curvo Semmedo*).—Inserta no tomo 1.º das *Composições Poeticas de Belmiro*. Lisboa, na regia Officina typographica. 1803. In-8.º de pag. 1 a 6. Começa:

Belmiro, honra de Marte, amor das Musas.

EPISTOLA (em verso).—Mencionada no *Supplemento* ao n.º 14 da *Gazeta de Lisboa*, de 1803.

SEXTINAS—Que começam:

Rasga os céos o irado Jove...

QUADRAS—Que começam:

Onde quer que a vida errante...

Veem publicadas na *Collecção das Poesias ineditas dos melhores Auctores*, etc., *(Nota de Innocencio)*. No *Semanario*, vem a *A Despedida*, versão de Metastasio, e a Cançoneta: *Mostra a terra o mar e o mundo*, etc.

BRANCA DE ROSSIS (Tragedia).—Em verso. Lisboa, na Impressão régia. 1819. Com licença. In-8.º de 93 pag. (Editor *João Henriques*). De José Agostinho escreve Innocencio: «dava os seus originaes quasi sempre de graça aos que com elles se locupletavam imprimindo-os e vendendo-os.» *(Dicc. bibl.)*

D. LUIZ D'ATAIDE, ou a TOMADA DE DABUL (Drama heroico).—Em prosa. Por J. A de M. Lisboa, na Imprensa nacional. 1823. In-8.º de 72 pag. (Editor *Francisco de Paula Ferreira da Costa)*. Este drama foi traduzido em prosa castelhana por um hespanhol *D. Christovam Maria dos Sanctos*, no anno de 1825. O autographo d'esta versão achava-se em poder de *José Pedro Nunes*. (No titulo dá-o como tirado da *Asia portugueza*, de Faria e Sousa, tomo II, parte 3.ª).

A IMPOSTURA CASTIGADA (Comedia em 3 actos).—Em prosa. Composta em 1812. Por J. A. D. M. Lisboa, na Imprensa nacional. 1822. In-8.º de 64 pag. (Editor *Francisco de Paula Ferreira da Costa*). Escreve Innocencio: «Possuo d'esta comedia um original autographo, que differe consideravelmente da impressa.» E identifica *Romualdo* com o medico Leal de Gusmão, muito favorecido da Condessa de Soure. Transcrevemos aqui as variantes apontadas por Innocencio:

# A IMPOSTURA CASTIGADA

## Comedia de JOSÉ AGOSTINHO

### Correcções e variantes á vista do autographo

### Acto I

O titulo diz:—O IMPOSTOR CONFUNDIDO.

Pag. 6 l.—avia a receita—avia-se a receita.

Idem l.—isso, tambem—isso tão bem.

Idem l.—a sua saude—a sua saude, desentulhar as primeiras vias e facilitar a livre e fluida carreira das outras? Não tem remedio senão depositar tudo isto nas mãos de um medico.—*Lusc.* Que ha de fazer? Não ver, nem ouvir, etc.

Pag. 8.—Com a tua tambem...—*Lusc.* Se a diligencia é mãe da boa ventura, creio que não se descuida! Que alma tão serena! Que bojo! vae tudo a eito, mãe, filha e creada!...—*Rom.* Ora pois, etc.

Pag. 9.—Scena 2.ª:

*Lusc.*—Eu não sei que sinto n'alma
Co'as tramoias de um doutor
Mas eu cuido na receita
De curar este impostor.

Se tudo atropela,
Se nada recêa,
Irá na cadêa
Curar-se d'amor.

Scena 3.ª, etc.

Pag. 11 l.—Com as cordas d'alma—Com as potencias da alma.

Pag. 14 l.—Sei o que quero... Sou esposa e sou amante. Vejo a razão e a approvo, vejo o crime e o sigo. Oh coração humano! Eu devo querer o que devo, e não o que quero! Luscinda, Luscinda, etc.

Idem, l.—que nos ouça? Eu trago aqui comigo uma cousa muito grande, um negocio de pezo, e para o tratarmos, manejarmos e concluirmos com gosto e proveito, é preciso que estejamos sós. Eu venho de mandado, etc.

Pag. 15 l.—a noite passada—porque diz elle que o Boticario se enganara em trinta e cinco grãos de tartaro e libra e meia de antimonio; e mandar abrir, etc.

Pag. 16.—meta-a na algibeira—meteu já? Agora repara, etc.

Idem.—*Lusc.* Percebo...—Custa alguma cousa a perceber este expediente das cartas de seu amo, mas emfim, far-se-ha o que poder ser. Agora diga-me, etc.

Pag. 17.—Até á noite—viva a senhora Luscinda.

Pag. 18 l.—Codigos (e os Portuguezes se riram d'elle e o pizaram, chegando até a derrabar as sagradas aguias). (Toma desavergonhado!) reprova, etc.

Pag. 19 l.—a passear em traquitana e a enterrar gente, pagando-lhe ainda em cima! Forte impostura, etc.

Pag. 21 l.—que se representou nas Tuilherias, nas segundas nupcias.—*Lusc.* Qual? *La Josefina abandonata?* Ora deixemo-nos d'isso, etc.

Idem.—que engosto;—nunca poude tragar arias bufas, por mais que ouvia dizer que diziam os italianos que tinham muita graça. *I' due fratelli papa mosche.* Vamos, Luscinda, vamos ao que toca na alma da gente, os quindins, etc.

Idem.—*Lusc.* Se me agrada, etc.—em logar d'esta a seguinte:

Sou soldado destemido,
Sigo do Amor as bandeiras,
Fazem-me ir atraz do coro
Os quindins das Brazileiras.

## Acto II

Pag. 23 l.—que te responda.—Tu serás o diabo, que me queiras empedernir a cabeça como tenho empedernido o ventre?—*Lusc.* Será o diabo, etc.

Idem.—*Rom.* Que te faz o medico?—*Rom.* Oh mulher do diabo, pois o medico é o medico de Santarem ou o medico inventor da summaria guilhotina?—*Lusc.* Peor!...—*Rom.* Oh excommungada! etc.

Pag. 24.—Em lhe diminuir—Em lhe querer diminuir.

Idem.—algum pharmaco infernal—alguma massa infernal.

Idem.—*Lusc.* Namorando-lhe a mulher, etc.—*Lusc.* Isso não é nada!—*Rom.* Pois que! Chocando-me, mercurisando-me, sinapizando-me, ventilizando-me uma a uma estas tripas *(apalpa a barriga com força)* que as sinto recheadas de xarope mercurico?—*Lusc.* Isso é bagatella!—*Rom.* Pois que, malvada? Fazendo-me a operação cesarea e interfeménea, a do trupano, a do anis, a da talha?—*Lusc.* Mais.—*Rom.* Já não posso, já não posso!... Enterrando-me?—*Lusc.* Isso fazem todos.—*Rom.* E ha mais alguma cousa depois d'isto, que seja má?—*Lusc.* Muito peor! Namorar-lhe a mulher, sollicitar-lhe a filha, e... abalar-lhe com alguma.—*Rom.* Quem! Um estudante etc.

Pag. 25 l.—*Rom.* Accrescenta: da Maia.

Idem.—Do Limoeiro para a Trafaria, da Trafaria... Costa do Leste...—*Lusc.* Eu abreviava mais essa viagem; nada, nada; isso é fazer andar muito o pobre homem. —*Rom.* Então do Limoeiro para onde?—*Lusc.* Caes do Tojo... Mas V. M.ᶜᵉ é um atabalhoado, etc.

Pag. 27.—Odes da moda?—Temos soneto de annos.—Tu nos mandavas. Ananaz cheiroso? Olha que fallar, etc.

Idem.—Não me atormente, senhor—falle que se entenda, deixe-se com os diabos d'essas expressões da botica e das Gazetas. Com licença, etc.

Pag. 28.—illuminados systemas—dos genios divinaes do Instituto.—Medico do Pritaneo de Paris, e vendo-te assim, etc.

Idem.—de Carlos Magno—seu predecessor para gosar, etc.

Pag. 29.—arriscado posso,—e tambem sabe que o Illuminismo não livra ninguem da cadêa e das galés, eu vou, etc.

Pag. 30.—delicto—evadindo-me com arte á severidade da importuna policia, se eu souber, etc.

Pag. 33.—Ouvi em Edimburgo—uma dissertação de Cullen sobre o parto atravessado; assisti em Lausane, etc.

Pag. 34.—do estado politico do mundo?—Porém que este estado politico, e até o mesmo governo politico são cousas inseparaveis da Medicina! Que sciencia, sr. Dr., que sciencia, sr. Dr., é a medicina! Politica e Jalapa!—*Rom.* Ah meu bom, etc.

Pag. 35.—declararam batido—declararam bandido.

Idem.—esquina da peninsula—que ameaçam graves penas, a quem achar e não entregar o nariz de Junot, etc.

Idem.—aponta por todas as partes!—Que admiravel systema continental! Que plano geral! Os povos estão podres de ricos! Que abundancia! Que fortuna! Os Genovezes não teem já um mólho de brocos, nem os Italianos um prato de rabiolis! Tudo isso era um luxo; agora sim, agora é que se teem riquezas solidas! Que florente marinha teem os Hollandezes! Bem se vê, já por ahi ninguem quer queijos flamengos a tres por um vintem.—*Rom.* Graças, etc.

Pag. 36.—a sua conversação.—Outro dia explicava elle o Telegrapho, e quando leu.—Seis vezes fogo ao Trocadero com sangue frio—animou-se, brilha com uma eloquencia sentimental, que o arrebatava, e fazia vir as lagrimas aos olhos... *Aldonso.* Isso é verdade!... etc.

**O SEBASTIANISTA DESENGANADO Á SUA CUSTA** (Comedia).—Em prosa. Representada oito vezes successivas no Theatro da Rua dos Condes (em 1810). Lisboa, na Imprensa nacional, 1823. In-8.° de 56 pag. (Editor *F. de P. F. da Costa*). É uma satira pessoal contra Pato Moniz e João Bernardo da Rocha, que replicaram no *Anti-Sebastianista desmascarado.*

**CLOTILDE ou o TRIUMPHO DO AMOR MATERNO** (Drama em 3 actos).—Em prosa. Lisboa, na typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. 1841. In-8.° de 63 pag. Este drama representou-se no Theatro da rua dos Condes em 22 de outubro de 1811, em beneficio da actriz *Maria Ignacia da Luz.* Sahiu posthumo e foi editor o sobredito *F. de P. F. da Costa.*

**O VICIO SEM MASCARA, ou o FILOSOPHO DA MODA,** (pequeno drama).—Em prosa. Lisboa, na typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. 1841. In-8.° de 31 pag. (Representou-se em 1810 no Theatro da rua dos Condes, e sahiu posthumo, sendo editor o dito *F. de P. F. da Costa.* Como a comedia *O Sebastianista*, é tambem satira pessoal, dirigida contra *Pato Moniz* e *João Bernardo da Rocha*, que alli apparecem personalisados.) Foram dadas gratuitamente ao editor por José Agostinho.

**O PRETO SENSIVEL** (Drama).—Em 1 acto e em verso. Lisboa, na

typographia de João Nunes Esteves. 1848. In-4.º de 14 pag. E tambem inserto na *Minerva* ou *Jornal de instrucção amena e proveitosa*, a pag. 99 e seguintes. Lisboa, na dita typographia e dito anno. Foi seu editor *Joaquim José Pedro Lopes*. (Muito raro).

**O VOTO** (Elogio dramatico, nos faustissimos annos do Principe regente nosso senhor, recitado no real Theatro nacional de S. Carlos a 13 de maio de 1814).—Lisboa, na Officina de *Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões*. M.DCCC.XIV. In-8.º grande de 16 pag. Vid. a censura d'este *Elogio* no *Jornal de Coimbra*, n.º 3, parte 2.ª a pag. 342.

**A VOLTA DE ASTRÉA** (Drama allegorico, para se representar no Theatro portuguez da rua dos Condes, em 26 de outubro de 1829, no faustoso anniversario natalicio de Sua Magestade Fidelissima o senhor D. Miguel I, nosso amabilissimo senhor e soberano).—Lisboa, na typographia de Bulhões. 1829. Com licença. In-8.º de 22 pag.

—— (Outra edição).—Feita á custa da empreza do theatro. Lisboa, na Impressão regia, 1829. In-8.º de 24 pag., para se distribuir gratuitamente.

—— (Outra edição).—Mandada fazer no mesmo anno por *Fr. Joaquim da Cruz*. Contém a mais 2 sonetos no fim, ao mesmo assumpto do drama.

**APOTHEOSE DE HERCULES** (Elogio dramatico para se representar no real theatro de S. Carlos no dia 26 de outubro, natalicio do muito alto e muito poderoso rei e senhor nosso, D. Miguel I).—Compoz J. A. D. M. Lisboa, na typographia de Antonio Rodrigues Galhardo. 1830. In-4.º de 20 pag.

—— (2.ª edição).—Impressão regia. 1830. In-4.º de 16 pag. *Elogio dramatico representado, etc.*, e assignado por extenso.

## Philosophia, Metaphysica e Ideologia

**A VERDADE** ou Pensamentos filosophicos sobre os objectos mais importantes á Religião e ao Estado.—Lisboa, na Impressão regia, 1814. Com licença. In-8.º 1 volume de 5 pag. inn. de Prefação, 175 de texto e mais 5 inn. de indice.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão Sylviana. 1828. In-8.º de 173 pag. de texto, 5 inn. de Prefação e mais 5 pag. inn. de indice.

—— (3.ª edição).—Pernambuco, Typographia Santos & C.ª 1837. In-16.º

O HOMEM; ou os limites da Razão, (tentativa filosophica).—Lisboa: na Impressão regia. 1815. Com licença. De pag. 3 a 12 *Introducção*. In-8.° 1 vol. de 182 pag.

REFUTAÇÃO dos principios metaphisicos e moraes dos Pedreiros-livres illuminados.—Lisboa, na Impressão regia. 1816. In-8.° 1 vol. de IX-251 pag.

DEMONSTRAÇÃO da existencia de Deos.—Lisboa: na Impressão regia. 1816. Com licença. In-8.° 1 vol. de 93 pag., e mais 3 inn. de index.

—— (2.ª edição).—Rio de Janeiro. 1845. In-8.°

## Oratoria sagrada e profana

SERMÃO de acção de graças ao Omnipotente pelo beneficio da Paz geral, prégado na igreja de S. Paulo de Lisboa no dia 14 de fevereiro, demonstração dada pelo Juiz do Povo e Casa dos Vinte e Quatro, e a que se dignou assistir o Principe Regente Nosso Senhor, A côrte, etc., etc., etc. Lisboa, na officina de *Simão Thadeo Ferreira.* M.DCCC.II. In-4.° de 24 pag. (Dado á luz pelo mesmo Juiz do Povo).

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão regia. 1814. Com licença. In-8.° de 33 pag. (Tem uma pequena modificação no titulo referindo-se á época de 1802.

SERMÃO das Dores de Nossa Senhora, prégado de tarde na Real Capella dos Paços de Queluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, Viuva, no anno de 1893. Lisboa, na Impressão regia. 1813. Com licença. In-8.° de 49 pag. (Assigna-se «Presbytero e Prégador do Principe Regente Nosso Senhor.») A pag. 4 uma Advertencia.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão regia, 1829. Com licença. In-8.° de 46 pag. (Esta edição tem de menos no principio a breve *Advertencia preliminar,* que se acha na antecedente). Tem a mesma assignatura.

PANEGYRICO DE S. FRANCISCO XAVIER, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, esestando presente S. A. R. o Principe Regente N. S., que por voto seu particular, mandou festejar o mesmo Santo. Lisboa, na Impressão regia. 1812. In-8.° de II-66 pag. (Assigna-se Prégador de S. A. R.)

SERMÃO na festividade da instituição da real Ordem de Santa

Isabel, celebrada na igreja de S. Roque no dia 24 de setembro de 1805, estando presente a princeza hoje rainha nossa senhora Suas Altezas, a corte, etc. Lisboa, na typographia Rollandiana. 1819. In-8.º de 37 pag.

SERMÃO prégado na real casa de Santo Antonio na grande festividade que o illustrissimo e excellentissimo Senado da Camera de Lisboa fez pela restauração d'este reino a 28 de Setembro de 1808.—Lisboa, na officina de *Antonio Rodrigues Galhardo*, M.DCCC.IX. In-8.º De 74 pag. (Assigna-se prégador do P. R. N. S.)

SERMÃO prégado na egreja de N. Senhora dos Martyres a 23 de novembro de 1808, por occasião da festividade na feliz restauração d'este reino.—Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. M.DCCC.IX. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. In-8.º de 64 pag.

—— (2.ª edição).—Lisboa, na Impressão régia. 1814. Com licença In-8.º de 64 pag., e mais 2 inn.

SERMÃO de preces pelo bom successo das nossas Armas, contra as do tyranno Bonaparte na terceira invazão deste reino, prégado na Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, a 31 de Agosto á noite, na entrada da solemne Procissão de penitencia, que fez a exemplar Irmandade de N. Senhora de Jesus. Lisboa, na Impressão de Alcobia. M.DCCC.XI. 1811. In-8.º de 63 pag. De pag. 3 a 5 «Advertencia preliminar». Assigna-se «Prégador de S. A. R. o Principe Regente N. Senhor.»

—— (2.ª edição).—Na typographia Rollandiana. 1814. In-8.º de 55 pag. Tambem tem a Advertencia preliminar nas mesmas pag. (Assigna-se Prégador de S. A. R. o Principe Regente N. Senhor).

SERMÃO sobre o espirito de seita dominante no seculo XIX.—D. O. C. ao clero portuguez. (Prégado na egreja de Santa Justa, na primeira dominga da quaresma de 1811). Lisboa, na Impressão regia. 1811. Com licença. In-8.º de 54 pag. De pag. 3 a 5 «Ao clero portuguez».

—— (2.ª edição).—Na officina de *R. J. de Carvalho*. Com licença do Desembargo do Paço. 1828. In-8.º de 54 pag.

SERMÃO contra o Filosofismo do seculo XIX, prégado na igreja de S. Julião de Lisboa, na quinta dominga de quaresma do anno de M.DCCC.XI. Lisboa, na Impressão regia, 1811. Com licença. In-8.º de 74 pag. Prégador do Principe Regente Nosso Senhor.

—— (2.ª edição).—Na Imprensa de Eugenio Augusto. 1828. In-8.º de 74 pag. Prégador do Principe Regente Nosso Senhor. (Na Adver-

tencia d'este Sermão censura o padre Vieira, o que provocou o folheto de Frei Matheus da Assumpção, *Vieira justificado contra um critico moderno*).

SERMÃO em quarta feira de Cinza, prégado na santa igreja da Misericordia de Lisboa, a 3 de março de 1813. Lisboa, na Impressão regia, anno de 1813. Com licença. In-8.° de 42 pag. Diz «Prégador de Sua Alteza Real».

—— (2.ª edição).—Lisboa, na typographia Lacerdina, 1827. Com licença. In-8.° de 48 pag. (Assigna-se Prégador de Sua Alteza Real).

SERMÃO de acção de graças pelo milagroso restabelecimento da felicidade da Europa, prégado na real casa de Santo Antonio, na pomposa solemnidade que fez o Senado da Camera de Lisboa, no dia 2 de maio de 1814. Lisboa: na Impressão regia, 1814. In-8.° de 78 pag.

SERMÃO de acção de graças pelo milagroso beneficio da Paz geral da Europa, prégado na igreja de S. Julião a 22 de Junho de 1814, na grande festividade, que o Juiz do Povo, e Casa dos Vinte e Quatro celebrarão, a que assistirão os Excellentissimos Srs. Governadores do Reino, etc. Lisboa, na Impressão regia. 1814. In-8.° de 79 pag. (Contra este sermão publicou o professor A. M. Couto o folheto *Regras da Oratoria da Cadeira*, etc.)

—— (2.ª edição)—Do mesmo anno e logar, com o mesmo numero de pagiuas, assignado, e com uma pequena modificação no titulo.

SERMÃO sobre a verdade da religião catholica.—Prégado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, na quaresma do anno de 1817. Lisboa, na Impressão regia, 1818. Com licença. In-8.° de 62 pag. e mais 2. A pag. 3 «Ao Reverendissimo Padre Mestre Fr. Alvaro Vahia, Monge de S. Bernardo e Secretario da sua congregação. Assigna-se Presbytero Secular, e Prégador de Sua Magestade.)

SERMÃO de Magdalena, prégado em Lisboa na igreja da mesma santa a 22 de julho de 1820. Lisboa, na Impressão regia, 1820. Com licença. In-8.° de 48 pag.

SERMÃO de acção de graças pelo feliz regresso de Sua Magestade, prégado na real casa de S.^to^ Antonio, na festividade ordenada pelo ex.^mo^ Senado da Camara a 23 de julho de 1821. Lisboa, na typographia Rollandiana. 1821. In-8.° de 45 pag.

—— (2.ª edição).—Dita typographia, e dito anno. In-8.° de 45 paginas.

SERMÃO de acção de graças pelo restabelecimento da monarchia

independente.— Prégado na igreja de N. S. da Graça de Lisboa na festividade que fez o Senado da Camara, a 27 de novembro de 1823. Lisboa, Impressão da Rua Formosa, n.º 42. 1823. In-4.º de 40 pag. Prégador d'El-rei Nosso Senhor.

**SERMÃO** do primeiro domingo do Advento. — Prégado na santa egreja patriarchal a 28 de novembro de 1824, estando presente o em.mo e rev.mo Senhor Cardeal patriarcha.—Lisboa, na Impressão regia. 1824. In-8.º de 44 pag.

**ORAÇÃO FUNEBRE que nas exequias do ill.mo Barão de Quintella recitou na parochial igreja da Incarnação a 30 de Outubro de 1818.** —Lisboa, na Impressão regia, 1818. (Com licença). In-8.º de 43 pag. (Diz que esta Oração fôra encommendada, disposta e recitada tudo no espaço de vinte e quatro horas, e logo depois em menos tempo escripta). A pag. 3 «Carta dedicatoria ao Illustrissimo Senhor Joaquim Pedro Quintella, Morgado do Farrobo, etc.

**ORAÇÃO FUNEBRE recitada nas exequias do ill.mo e ex.mo conde de Rio-Maior, celebradas na igreja do convento dos religiosos de S. Pedro de Alcantara no dia 27 de setembro de 1825.** — Lisboa, na typographia de *Bulhões.* 1826. In-8.º grande de 53 pag. *(Rarissima).* A pag. 5 e 6 uma carta á condessa offerecendo a Oração.

**ORAÇÃO FUNEBRE que nas exequias do muito alto, e muito poderoso imperador e rei o senhor D. João sexto, celebradas na Basilica do Coração de Jesus no dia 10 de abril de 1826, prégou, etc.**—Lisboa, na typographia de *Bulhões.* 1826. In-8.º grande de 38 pag. Nota avulso de Innocencio: «Dizem que ha edição in-4.º»

**ELOGIO HISTORICO do illustrissimo e excellentissimo sr. Ricardo Raymundo Nogueira, conselheiro d'Estado, etc.**—Lisboa, na Impressão regia. 1827. Com licença. In-4.º de 55 pag. A pag. 4: «Ill.mo Senhor João Nogueira», Carta de José Agostinho offerecendo o Elogio ao irmão.

Transcrevemos do n.º 5:206 do *Conimbricense:*

«E' este um dos trabalhos litterarios mais eruditos de Macedo.

Nasceu Ricardo Raymundo Nogueira na cidade do Porto, no dia 31 de Agosto de 1746 e falleceu em Lisboa, no dia 7 de Maio de 1827.

Foi cavalleiro professo da ordem de S. Thiago da Espada; doutor e lente da faculdade de Leis na Universidade de Coimbra; conego doutoral na sé d'Elvas; deputado da Inquisição de Coimbra; reitor do Collegio real dos Nobres; censor regio do Desembargo do paço; e ultimamente nomeado membro da Regencia do reino na ausencia do principe regente D. João em 7 de Agosto de 1810, cargo que desempenhou até 15 de setembro de 1820.

Egualmente foi conselheiro d'Estado; e socio da Academia real das sciencias de Lisboa.

Fez as seguintes publicações:

*Pastoraes de Mr. Gessner*, traduzidas em portuguez.—Porto, na officina que foi de Antonio Alvares Ribeiro. 1778.

*A Poetica de Aristoteles*, traduzida de grego em portuguez.—Lisboa, na officina typographica. 1779.

*A Serra de Cintra.*—Lisboa, Impressão regia 1814.

*Varias poesias*, que foram insertas anonymas na *Collecção de poesias ineditas dos melhores Auctores portuguezes.*

*Prelecções de Direito patrio*, que fez no anno lectivo de 1795 a 1796.—Sahiram á luz nos volumes VI, VII e VIII, do periodico o *Instituto*, d'esta cidade (Coimbra).

Tambem se publicaram avulsas no anno de 1867 parte das referidas Prelecções na Imprensa da Universidade.

Vamos agora transcrever alguns periodos do *Elogio historico*, de Ricardo Raymundo Nogueira, por José Agostinho de Macedo:

—«Um dos escriptos, que mais immortalisam o nome de Cicero como philosopho, é o *Tratado da Amizade:* nelle vejo, e nelle admiro que entre as sociaes virtudes é a mais nobre, a mais util, a mais necessaria; é a primeira voz, o primeiro grito da natureza entre os sêres semelhantes, é a fonte de todos os bens, é um laço mutuo da humana sociedade; torna communs os bens, communs os males, é o arrimo mais seguro da existencia.

«Esta virtude reluziu tanto em Ricardo Raymundo Nogueira em sua vida domestica, ou privada, que com um exemplo só fez todos os homens seus amigos. Este exemplo é tão publico, e tão conhecido, que já não seria preciso annuncial-o, mas é tão nobre e tão luminoso, que não pôde deixar de ser annunciado.

«Vemos na historia de Roma dous exemplos de amizade, que devem ser sempre os modelos dos homens de bem. O de Scipião e Lelio; o de Cicero e Pomponio Atico.

«Não tanto a sympathia da natureza, como a conformidade, e a unanimidade dos estudos, e do amor das lettras, uniram estes homens de um nome e de um merecimento eterno. Estes foram os vinculos que uniram perpetuamente dous homens, cujo nome será sempre tão lembrado e respeitado, como o d'aquelles illustres romanos.

«Ricardo Raymundo Nogueira e Antonio Ribeiro dos Santos, pacificos cultivadores das sciencias, apuradores do gosto mais fino e delicado, conspirando ambos para o mesmo fim, que era a restauração da boa litteratura, passaram a sua existencia naquelle estado de pacifica união, que nenhuma rivalidade altera, nenhum interesse perturba.

«Este fundo de virtude, que nesta amizade se descobria, se diffundia por toda a parte. Uma vez que Ricardo Raymundo Nogueira se declarasse amigo, a cordialidade, a constancia, a efficacia, o interesse vivo e sincero, tudo empregava este homem raro para manifestar nesta

só virtude todas as outras virtudes; e se outras se lhe não conhecessem, esta só bastava para o tornar amavel a todos, e para o fazer a delicia da sociedade humana. Esta virtude tão propria da alma bem formada de Ricardo Raymundo Nogueira foi nelle sempre egual, ainda que fossem diversos os estados, em que elle se visse constituido, e diversos os individuos, com quem se ligava com o suavissimo vinculo da amizade.

«Os amigos, que teve em sua vida particular, são os mesmos que conservou em sua vida publica: a sinceridade e affabilidade de um litterato no tranquillo retiro de um collegio, foi a mesma que conservou Governador do reino, e conselheiro d'estado.

«Estas duas situações tão distantes parecem que pediam um gesto particular para cada uma d'ellas; não podia ser virtude se houvesse esta diversidade, porque a virtude é invariavel, está no coração, e por isso é a mesma em diversas condiçoes.

«É verdade que até no cumulo da grandeza se affecta a affabilidade muitas vezes para com aquelles, a quem a fortuna tem posto em baixo estado, se a estes em identica situação se protestou, ou realmente se conservou amizade; mas esta era uma illusão, não era uma verdade. Esta circunstancia, talvez até aqui pouco advertida, no tribunal da razão fará eterno o nome de Ricardo Raymndo Nogueira: foi sempre o mesmo para com os seus amigos; estes só nelle encontravam o homem, não apparecia a dignidade, a jerarchia, o poder, a representação.

«Só o que era natural nelle apparecia, e elle se manifestava como era em si, e não como o fizera a concorrencia das vicissitudes politicas. que tanto o elevaram, e engrandeceram.

«Nada mais suave que seu trato familiar, e nada para mim mais admiravel que a sincera effusão do seu coração: os sentimentos, que neste havia, eram os mesmos, que a sua lingua patenteava, fosse qual fosse o objecto, de que se tratasse.—»

**ELOGIO** do summo Pontifice Pio VII, recitado em Napoles na Igreja da Real Archiconfraria de S. José, empregada na Obra de Misericordia de vestir os nús, pelo *Padre D. Joaquim Ventura*, clerigo regular theatino, traduzido em portuguez. Lisboa, na Impressão regia. 1827. Com licença. In-4.º de 62 pag. (Com uma breve prefação do traductor). Feita á custa do Mosteiro de Alcobaça; tiraram-se apenas 250 exemplares.

—— Outra do mesmo anno e logar, in-4.º com 46 pag. A pag. 3 «Prefação do traductor».

**ÁS VALOROSAS TROPAS PORTUGUEZAS** em sua triumphante reversão á capital.—O Juiz do Povo em nome dos honrados habitantes de Lisboa.—Lisboa, na Impressão regia. 1814. In-4.º de 8 pag. (Tem no fim a assignatura do Juiz do Povo *Antonio Joaquim Mendes;*

porém asseguram que esta Oração foi escripta por *José Agostinho*, a rogo do mesmo Juiz do Povo.)

**DISCURSO PREPARATORIO** da Junta Parochial de S. Mamede desta Capital, que recitou o seu respectivo Parocho.—Lisboa, na officina de J. F. M. de Campos. Com licença da Commissão de Censura, 1820. (Sahiu no *Astro da Lusitania*, n.º XXXII, de 23 de dezembro de 1820. Attribuido.)

## Opusculos politicos

**CARTA** de hum vassallo nobre ao seu rei, e duas Respostas á mesma, nas quaes se prova quaes são as classes mais uteis ao estado. —(Sahiu anonyma). Lisboa, na typ. *Rollandiana*. 1820. Com licença da Commissão de Censura. In-8.º de 65 pag.

(Estas tres Cartas, que parece foram escriptas no anno 1806, appareceram pela primeira vez á luz, transcriptas no *Investigador Portuguez*, em Inglaterra, vol. IX, pag. 685 e seguintes, e vol. X, pag. 56 e seguintes. A 1.ª dizem ter sido escripta pelo *Marquez de Penalva*, com o intento de advertir o Principe regente dos perigos que corria em sua pessoa e reino, quando elevava aos mais altos empregos do estado e do ministerio pessoas não pertencentes ao corpo da alta nobreza. A esta Carta respondeu com a 2.ª *Antonio d'Araujo*, então Ministro d'Estado, depois Conde da Barca, tomando especialmente a defeza dos nobres de segunda ordem, isto é, dos *fidalgos* provincianos, a cuja classe elle pertencia. A 3.ª Carta é de *José Agostinho*, que tomando a peito a causa do povo, a defendeu das injurias que o Marquez de Penalva lhe irrogava na sua carta). Começa a pag. 28 e vae até ao fim da pag. 65. Terceira Carta. Segunda resposta á Carta Politica do Marquez de...

**PARECER** sobre a maneira mais facil, simples, e exequivel da convocação das Cortes geraes do Reino no actual Systema Politico da Monarchia representativa, e Constitucional.—Lisboa: na typografia Lacerdina. 1820. Com licença da Commissão de Censura. In-8.º de 32 pag. (Escripta para satisfazer o convite da Junta preparatoria das Côrtes, consultando os homens de letras sobre o assumpto.)

**CARTA** sobre as côrtes de Portugal, em que se dá uma idéa da sua natureza e objecto desde a fundação da monarchia.—Lisboa, na Impressão régia. 1820. In-4.º de 12 pag. (Extrahida do n.º 8. do *Jornal Encyclopedico de Lisboa*. É a mesma que depois se publicou com o titulo *Mania das Constituições*).

**CONSIDERAÇÕES POLITICAS** sobre o estado de decadencia de Portugal e absoluta necessidade do seu remedio, trazido pela nova ordem do presente Governo Supremo.—Lisboa. Na Impressão Regia, 1820. In-4.º.

**O ESCUDO**, ou Jornal de Instrucção Politica.—(Sahiu sem o nome do auctor.) (N.os 1, 2, 3, 4 e 5 de 96 pag. e *Supplementos* aos n.º 1 e 2.) Lisboa, na Impressão Liberal. 1823. In-4.º (os Supplementos trazem no fim a assignatura *Forno do Tijolo.)* Macedo attribuia-o ao desembargador J. J. Marques Ferraz Salgueiro. Na *Tripa Virada*, n.º 1, pag. n.º 11, confessa-se seu auctor.

**A TRIPA VIRADA** (periodico semanal.)—Lisboa: na Officina da Horrorosa Conspiração (Rua Formoza n.º 42). s. d. (1823.) In-4.º n.º 1, 2 e 3. Contém 36 pag. (Diatribe contra o partido liberal-constitucional.)

**TRIPA POR HUMA VEZ** (livro primeiro, e ultimo.)—Lisboa: na Officina da Horrorosa Conspiração, 1823. In-4.º de 67 pag.

**MANIA DAS CONSTITUIÇÕES** pelo Padre José Agostinho de Macedo—e reimpressa com licença do seu author, por hum seu verdadeiro apaixonado e da sua doutrina para instrucção e utilidade publica. Lisboa: Na Typographia *Maigrense*. Anno 1823. Com licença da Real Commissão de Censura. In-4.º de 15 pag. (É textualmente extrahido do *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, n.º VIII, a pag. 121 e seguintes.)

**REFUTAÇÃO METHODICA** das chamadas Bazes da Constituição politica da monarchia portugueza—traduzidas de francez e castelhano, por cem homens que se ajuntavão na casa da livraria das Necessidades, a cada hum dos quaes a nação dava 4:800 rs. diarios para a deitarem a perder. Dedica, offerece, e consagra aos senhores fanqueiros, e bacalhoeiros, capellistas, quinquilheiros de Lisboa, e seus suburbios, e termo. Hum Cura d'Aldèa. Lisboa: Impressão da Rua Formoza. N.º 42, 1824. In-4.º de 55 pag.

**BAZES ETERNAS DA CONSTITUIÇÃO POLITICA** achadas na Cartilha do mestre Ignacio—pelo Sacristão do Padre Cura d'Aldea, dedicadas aos Senhores cathedraticos da Universidade, seus oppositores, doutores simplices, estudantes, e bedeis; assim como a todos os senhores officiaes, e curiosos das Cartas constitucionaes. (Tem no fim a assignatura *Forno do Tijolo.)* Lisboa: Impressão da Rua Formosa N.º 42. Anno 1824. In-4.º de 48 pag.

**O PÁO DA CRUZ**, dedicado, e descarregado em todos os senhores da segunda legislatura pelo Thesoureiro do Padre Cura d'Aldea.—(Tem a mesma assignatura que a precedente). Lisboa: na Impressão da Rua Formoza, N.º 42, 1824. In-4.º de 53 pag. Tem a epigraphe:

Burros não tornão do caminho máo
Sem que nas ancas se lhe estenda hum páo.

(De certo Poeta grande conhecedor destes animaes)

**CARTA DO ENXOTA CÃES DA SÉ** ao Thesoureiro da Aldea, ou amalgamento do páo do Enxota com o páo da Cruz.—(Tem no fim a mesma assignatura). Lisboa: na Impressão da Rua Formosa, N.º 42, Anno 1824. In-4.º de 37 pag. Traz a epigraphe:

> Hum páo vai, outro vem; fação-se em postas,
> Nem lhes deixem dois páos folgar as costas.
>
> (Arte da Batuta por *Bomtempo*, Cap. I.)

**CARTAS** a seu amigo Joaquim José Pedro Lopes.—(Trinta e duas.) Lisboa, na Impressão Regia, 1827. In-4.º—Formam um volume que comprehende 384 pag. (Ainda que são todas datadas do *Forno do Tijolo,* não ha duvida que uma grande parte d'ellas foi escripta em Pedrouços, onde o author já residia por aquelle tempo.)

As 32 Cartas são de paginação independente formando um volume facticio na encadernação.

Eis a serie bibliographica:

Carta 1.ª de J. A. D. M. a seu amigo J. J. P. L. Lisboa, na Imp. Regia 1827. In-4.º de 8 pag.
Carta 2.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 3.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 4.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 5.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 6.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 7.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 8.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 9.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 10.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 11.ª, Idem, ibidem, de 11 pag.
» 12.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 13.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 14.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 15.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
Carta 16.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 17.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 18.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 19.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 20.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 21.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 22.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 23.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 24.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 25.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 26.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 27.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 28.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 29.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 30.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 31.ª, Idem, ibidem, de 12 pag.
» 32.ª e ult., Id., ib., de 16 pag.

Transcrevemos do n.º 5203 do *Conimbricense*:

«No anno de 1827 publicava-se em Lisboa um periodico liberal, intitulado o *Portuguez,* de que era principal redactor Almeida Garrett.

«Vendo José Agostinho de Macedo a importancia d'esse periodico, tratou de o deprimir, publicando uma serie de 32 cartas, dirigidas ao seu amigo e exaltado absolutista, Joaquim José Pedro Lopes, que por muito tempo foi redactor da desprezivel *Gazeta de Lisboa.*

«N'essas Cartas criticava e ridicularisava Macedo o periodico o *Portuguez;* mas como n'esse anno vigorava a Carta Constitucional, satirisava Macedo o *Portuguez,* e todo o partido liberal; ao mesmo tempo porém usava de uma linguagem cavilosa, não se atrevendo a defender francamente os intitulados *direitos* de D. Miguel ao throno portuguez.

«Todas as 32 cartas, que occupavam 384 paginas, deram avultadissimo interesse, pela grande extracção que tiveram no partido miguelista.

«De algumas das primeiras tiraram-se 2:000 exemplares.

«A 1.ª reimprimiu-se por tres vezes, sendo 500 de cada vez.

«A 2.ª tambem se reimprimiu, e além d'isso tiraram-se das seguintes Cartas, 3500 exemplares de cada uma d'ellas.

«O editor Lopes retribuiu cada uma das cartas a Macedo com *quatro peças de ouro*, cada uma. Essa quantia valia n'aquella época 30$000 rèis.

«Semelhante remuneração era mesquinha, attendendo aos grandes lucros obtidos pela empreza.

«Ainda assim José Agostinho de Macedo recebeu de todas as cartas a recompensa de 960$000 réis; e dizia elle que nunca vira tanto dinheiro junto.

«Deve advertir-se que Macedo não recebia paga dos livreiros, a quem elle entregava os manuscriptos das suas obras.

«Unicamente vivia do producto dos seus numerosos Sermões, etc.»

**REFUTAÇÃO** do monstruoso, e revolucionario escripto — impresso em Londres, intitulado: — *Quem é o legitimo rei de Portugal? Questão Portugueza, submettida ao juizo dos homens imparciaes.* — Lisboa na Impressão regia, 1828. Com licença. In-4.º de 80 pag.

Esta obra foi-lhe incumbida pelo Intendente Geral da Policia, de mandado do Governo, afim de ser distribuida *gratis* por todas as Camaras do Reino.

Sobre este opusculo escreveu Martins de Carvalho no *Conimbricence*, n.º 5:205:

«No anno de 1828 o emigrado liberal Paulo Midosi publicou em Londres o notavel opusculo politico — *Quem é o legitimo rei de Portugal? Questão portugueza, submettida ao juizo dos homens imparciaes. Por um portuguez residente em Londres.*

«Produziu este opusculo uma extraordinaria impressão no governo de D. Miguel, o qual erradamente suppunha que o auctor era Almeida Garrett, quando aliás tinha sido Paulo Midosi.

«N'estas circumstancias o Intendente geral da Policia, por ordem do governo miguelista, encarregou José Agostinho de Macedo de escrever uma resposta ao opusculo liberal.

«Satisfez José Agostinho de Macedo essa incumbencia do Intendente geral da policia, com a seguinte publicação:

«*Refutação do monstruoso e revolucionario escripto impresso em Londres, intitulado*:

«*Quem é o legitimo rei de Portugal? Questão portugueza, submettida ao juizo dos homens imparciaes.* — Londres, impresso na officina portugueza, 1828. — Por José Agostinho de Macedo, presbytero secular, e prégador de sua magestade. Lisboa, na impressão regia, 1828. — Com licença.

«Este opusculo de Macedo foi larga e gratuitamente distribuido pelas comarcas e pelos concelhos do reino,

«Lê-se no verso do frontispicio o seguinte:

«*Dedicatoria á Nação Portugueza, pelo Rei, e pela Grei.* N'isto emprega o que sabe: isto vos consagra; e com isto vos dá um exemplo. José Agostinho de Macedo:

«Para amostra extractámos em seguida alguns periodos da Introducção da resposta a favor de D. Miguel, por José Agostinho de Macedo:

—«Se acaso se rasgasse o véo, em que se esconde a sua propria consciencia, nós veriamos que todos esses cobardes foragidos em Inglaterra, e n'outros paizes, tanto querem assentado no Throno Portuguez, o Sr. D. Pedro Imperador do Brasil, como S. Magestade o Sr. D. Miguel nosso Legitimo Soberano.

Nenhum querem, e tanto odio conservão a hum, como conservão ao outro, porque he preciso acabar com os Reis na Terra, para mais a seu salvo declararem depois a guerra a Deus, nos Céos, acabando com a Religião Christã.

Mostram-se defensores do Sr. D. Pedro, porque permittindo-lhe o Governo Representativo, como elles querem, e do modo por que elles mesmos o formão, e organizão, dando o Poder Legislativo ao Povo representado pelos seus, vão gradativamente progredindo á suspirada Democracia pura, que he o maximo de seus votos.

Proponhão-lhes o Sr. D. Pedro Rei absoluto, isto he, independente de outro qualquer estranho instrumento para o livre exercicio da Soberania, e Direitos Magestaticos, ouvi-los-hão vociferar desde logo contra o Absolutismo, e declamar sem pausa contra o Despotismo.

Todo o portuguez, que não esteja pervertido pelas doutrinas revolucionarias, conhece esta verdade, e não póde conter a indignação contra o Impostor, e Hypocrita, que concebêo e dêo á luz o annunciado Opusculo—*Quem é Legitimo Rei de Portugal?*

O grito unanime da Nação Portugueza, responde, e responderá sempre a este quesito com huma só palavra: O Rei Legitimo de Portugal he o Muito Alto, e Muito Poderoso Rei, e Senhor Nosso, o Senhor D. Miguel I, porque entrou na ordem, e na cathegoria de Primogenito; porque succede pelas Leis primordiaes a seu Augusto Pai; porque he reconhecido, e proclamado pela Nação Legitimamente representada nos Tres Estados do Reino; porque seu irmão voluntariamente se desnaturalisou; porque se fez Monarcha independente de hum Reino Estrangeiro, separado para sempre do Reino de Portugal, para nunca mais se unir a elle; porque no acto da Independencia estava essencialmente encerrado o acto formalissimo da Abdicação; porque exigindo a Constituição primitiva da Monarchia Portugueza a presença do seu Rei Natural, perdendo o Direito á Corôa passando a Reino estranho, e independente, e que já não he nem Dominio, nem Colonia de Portugal, onde por accidente e circumstancias o Rei podia estabelecer a sua Côrte, e tornar-se assim o Centro do Poder, porque era dentro do circulo das suas Possessões.

He Rei Legitimo, porque n'elle, e só n'elle concorrem, e se reunem todos os titulos, que compõe e formão o que se chama, e se conhece legal, e incontestavel Legitimidade.

Eis aqui a resposta áquelle quesito, e que no Tribunal da Razão impõe silencio a todas as pertendidas razões, e pretextos da malicia, e dos escondidos interesses de todos os inimigos da ordem, e pertinazes Revolucionarios.»

**A BESTA ESFOLADA.**—26 Numeros e um numero que sahiu posthumo, incompleto, e sem numeração—In-4.° Alguns numeros foram reimpressos no Porto. com auctorisação do auctor. Formam um volume, que comprehende 428 pag. (Foi editor Fr. Joaquim da Cruz, procurador geral do Mosteiro de Alcobaça.)

1.—Lisboa, na Typ. de Bulhões. Anno 1828. Com licença da Meza do Dezembargo do Paço. In-4.° de 15 pag.
——Na Impressão Regia. Anno 1829. Com licença.
2, 3, 4.—As manhas da Besta. Lisboa na Impressão regia, In-4.° de 16 pag.
5.—Couces.—1.° couce. idem, ibidem de 16 pag.
6.—Couce 2.° idem, ibidem, de 16 pag.
7.—Couce 3.° Lisboa na Impressão regia 1829. In-4.° de 16 pag.
8.—A patada, idem, ibidem, de 15 pag.
9.—Couce duplex, idem, ibidem, de 16 pag.
10.—Couce geral, idem, ibidem, de 16 pag.
11.—Espojou-se, idem, ibidem, de 16 pag.
12.—Espoujou-se de lombo, idem, ibidem, de 15 pag.
13, 14.—Dentada, idem, ibid. de 16 pag.
15.—Ainda morde, idem, ibidem, de 16 pag.
16.—Rincha, idem, ibidem, de 16 pag.
17.—Pegou-se, idem, ibidem, de 16 pag.
18.—Os dois focinhos da Besta, idem, ibidem, de 16 pag.
19.—Deu-lhe a mosca, idem, ibidem, de 16 pag.
20.—Não despega a mosca, idem, ibidem, de 16 pag.
21.—Passeio militar da Besta, idem, ibidem, de 16 pag.
22.—A Besta em serviço, idem, ibidem, de 16 pag.
23.—A Besta ao verde, idem, ibidem, de 16 pag.
24.—A Besta com duas bôcas, bôca grande, e bôca pequena, idem, ibidem, de 16 pag.
25.—A Besta com môrmo, e arestins, idem ibidem, de 18 pag.
26.—As Mataduras, idem, ibid. de 16 pag.

A *Besta esfolada* por José Agostinho de Macedo. (Numero inedito, que seu auctor não chegou a concluir.) Lisboa, na Impressão regia, 1831. In-4.° de 10 pag. e mais uma innumerada de Indice dos titulos dos numeros da collecção do jornal *A Besta esfolada.*

Transcrevemos algumas indicações d'*A Besta Esfolada.*

| | PAG. |
|---|---|
| Vinda da Carta para Portugal em 1826.—N.° 8 | 8 |
| O Duque de Palmella.—N.° 9 | 1 |
| Barão de Renduffe.—N.° 10 | 9 |
| Rodrigo Bizarro.—N.° 13 | 2 |
| Vinda do Capitão do Paquete que deu a noticia de que chegava D. Miguel.—N.° 16 | 3 |
| Bravatas a quem promette que os Portuguezes morrerão todos, antes que admitam a soberania de D. Miguel.—N.° 17 | 3 |
| Prégação Constitucional de um Frade Jeronimo.—N.° 20 | 6 |
| Prisão de Antonio Joaquim de Figueiredo, em Coimbra.—N.° 2 | 14 |
| O Padre Felix na Egreja da Encarnação.—N.° 20 | 16 |
| O Desembargador Sá, e a sua Defeza dos Direitos Nacionaes e Reaes.—N.° 21 | 2 |
| Projecto de reconquistar o Brazil.—N.° 21 | 7 |
| Vieira louvado como mestre da lingua | 6 |
| Motivo verdadeiro da exclusão de D. Affonso 6.°—N.° 16 | 10 |

**OS JESUITAS** ou o Problema que resolveu e ao muito alto e poderoso rei, o senhor D. Miguel I, nosso senhor, consagrou etc.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1830. Com licença. In-4.º de 27 pag. (Esta composição levou-lhe *dia e meio*, segundo elle affirma em uma das suas Cartas ineditas.)

**OS JESUITAS, E AS LETTRAS** ou a pergunta respondida.—Lisboa: Na Impressão Regia, 1830. Com licença. In-4.º de 36 pag.

**OS FRADES** ou reflexões philosophicas sobre as Corporações Regulares. Lisboa: Na Impressão Regia. 1830. Com licença. In-4.º de 4 paginas, com o Prologo, e 76 de texto.

**O DESENGANO**, (Periodico politico, e moral.)—Lisboa: Na Impressão Regia. 1830, 1831. In-4.º 27 Numeros, sendo o ultimo incompleto por lhe obstar a finalisal-o o ataque das sezões de que lhe sobreveiu a morte. Formam um volume, de 320 pag. Editor J. J. Pedro Lopes. Traz um retrato lithographado por N. J. Possolo.

Continuava a mesma linguagem desenfreada da *Besta esfolada;* transcrevemos o titulo de cada um d'esses numeros:

1.—Introducção, Lisboa, na Imp. Regia 1830. in-4.º de 11 pag.
2.—Que cousa é Revolução? Idem, ibidem, de 11 pag.
3.—Pretestos das Revoluções, idem, de 8 pag.
4.—Os Revolucionarios mentem sempre, idem, de 12 pag.
5.—Consequencias da Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
6.—Doutrinas da Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
7.—Qual é o fim da Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
8.—Salvo conducto das Revoluções, id. ibidem, de 12 pag.
9.—Pés de lã da Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
10.—Insolencia da Revolução. Lisboa, na Impressão regia, 1831. In-4.º de 12 pag.
11.—A Escada voltada na Revolução, id. ibidem, de 12 pag.
12.—A Casa dos Orates na Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
13.—Os Cães ladradores, e os Cães derramados na Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
14.—O Frasquinho de Balsamo, ou os Charlatães da Revolução, idem, ibidem, de 12 pag.
15.—Ensaio Filosofico sobre as Malhas' idem, ibidem, de 12 pag.
16.—Confusão de sentimentos politicos, ou o que querem os homens? Idem, ib. de 11 pag.
17.—Quem são os Arquitectores das Revoluções? Os ladrões. Idem, ibidem, de 12 pag.
18.—Teima invencivel, idem ibidem, de 12 pag.
19.—A Desgraça universal, idem ibidem, de 11 pag.
20.—O Maçonismo com outra cara, idem, ibidem, de 12 pag.
21, 22.—Continuação do Maçonismo com outra cara, idem, ibidem, de 12 pag.
23.—Que cousa é um Malhado? Idem, ib.
24.—A Força unida obra prodigios, idem, ibidem, de 12 pag.
25.—Não foi desta, nem vae d'outra, id. ibidem. de 12 pag.
26.—Origem do Mal. O que se não fez, e o que se fez na morte de Sua Magestade o Senhor Rei D. João VI. Idem, ib, de 12 pag.
27.—A cegueira pertinaz, idem, ibidem, de 10 pag. Este numero ficou em meio.

Tem no fim duas paginas não numeradas uma com dois sonetos «Por occasião da sentida morte do P.<sup></sup>e J. A. de Macedo», tendo por

assignatura as iniciaes J. J. P. L. (José Joaquim Pedro Lopes), e outra com o «Indice dos titulos dos numeros d'esta obra.»

**ARTIGO communicado ácerca do modo mais legal, que em sua opinião cumpria seguir na entrega do reino ao sr. D. Miguel, como rei legitimo.**—1828. (Inserto na *Gazeta de Lisboa*, n.° 103, de 1 de Maio 1828.)

## Philologia, Critica litteraria, e Critica moral

**MOTIM LITERARIO** em fórma de Soliloquios.—D'esta obra, inteiramente original, se publicão duas folhas cada semana, que encerrão objectos separados, e independentes. Lisboa: Na Impressão Regia: Anno 1811. Com licença. In 8.° quatro volumes, de 398, 348, 323, 231 paginas. Foi editor *Desiderio Marques Leão*, e interrompeu-se pelas desavenças que tiveram logar entre o editor e o auctor, acabando no Soliloquio XCV, posto que por erro de numeração se acha XCIV. Inseriu depois alguns d'estes artigos no Semanario de Instrucção e Recreio. Esta edição é superior ás seguintes por ser a unica onde se acha (e não em todos os exemplares) o *Dialogo dos Mortos*, de que abaixo fallaremos.

—— (2.ª edição).—1811. (Citada no Catalogo de Rego Abranches.) Innocencio não viu nenhum exemplar.

—— (3.ª edição).—Emendada e accrescentada com a biographia do author, hum Catalogo das suas Obras, e juizo critico d'ellas, por *Antonio Maria do Couto*, Professor de Grego, & C.ª Lisboa, na typographia de *Antonio José da Rocha*. 1841, 4 vol. In-8.° de 227, 320, 316 e 247 pag. Editor: Borel e Borel & C.ª (Já na prefação que se lê á frente d'este escripto, disse Innocencio o que convinha ácerca da tal pretendida biographia, e do Catalogo que a acompanha).

—— (4.ª edição.)—Seu author José Agostinho de Macedo. Lisboa, na Typ. de Mathias José Marques da Silva 1845. In-4.° (Não se pode dizer o n.° de pag. porquanto o que existe na Bibl. Nac. (1231, Preta) termina a pag. 8, mas evidentemente continúa.)

Transcrevemos em seguida o indice dos Auctores citados e dos artigos mais notaveis do *Motim Litterario:*

### Tomo 1.°

| | PAG. |
|---|---|
| José Maria da Costa e Silva, traductor de Homero | 6 |
| Thomaz Antonio dos Santos e Silva, Sua *Napoleada* | » |
| Voltaire, tratado de charlatão de Ferney | 18 |
| José Daniel e o *Almocreve de Petas* | » |

PAG.

Diogo de Saavedra Fajardo, Louvando-se os seus Empregos Politicos......... 23
Petrarcha e Dante.......................................... 35
Tasso.......................................................... »
Chiabrera, Filicaja, Monti, Alfferi e Maflei, Poetas italianos, pag. 36 e......... 37
Voltaire, Juizo da *Henriada*.................................. 38
Divisão dos Poetas Portuguezes em tres classes, Quinhentistas, Seiscentistas, e os do passado e presente seculos.......................... 41
Shakspeare, Young, Pope, e Thompsen, pag. 40 e......................... 41
Antonio Diniz da Cruz, Juizo sobre as suas obras......................... 42
Francisco Manuel do Nascimento.......................................... 43
Almeno, Alfeno e Oleno.................................................. 45
Homero, Juizo sobre as suas Obras, pag. 47 a............................ 82
Jeronymo Savanarola..................................................... 93
Bourdaloue, Massilon, Segoud, e Bossuet, avaliados como Oradores........... 98
O Abbade Poule, declarado o maior de todos os prégadores antigos e modernos. 99
Dominges Passionei, Orador, e inimigo dos Jesuitas....................... 101
Fr. Sebastião Toscano, o mais antigo sermão impresso de que ha conhecimento é o deste Padre prégado na transladação dos ossos de Albuquerque...... 103
D. Antonio Pinheiro, Fr. João de Ceita, Fr. Filippe da Luz, Oradores......... »
Fr. Sebastião de S. Antonio, julgado o mais eloquente, sizudo, natural, e delicado de todos os nossos prégadores antigos e modernos................ 104
Fr. João Baptista de S. Caetano, monge Benedictino, tinha idéa, ajuntador da Eloquencia.............................................. »
Antonio Vieira, considerado como orador................................. 106
Francisco de Mendonça, jesuita, o primeiro que introduziu os conceitos nos Sermões...................................................... »
Fr. João de Valladares, bom orador...................................... 107
Voltaire, Analyse dos seus escriptos, pag. 117 a......................... 143
Antonio Maria do Couto, os seus Lettreiros celebres...................... 145
João Bernardo da Rocha, a sua ode ao Artilheiro Farinha.................. »
Descartes, plagiario d'Aristoteles e de S. Agostinho..................... 157
Locke, plagiario d'Aristoteles........................................... 158
Malebranche, Kant, Plagiarios dos antigos................................ 160
Leibnitz, seus plagiatos, Sua bibliotheca (anecdota)..................... 164
Buffon, seus plagiatos................................................... 166
Neidham, e Platão........................................................ 167
Spinosa e os Eleaticos................................................... »
Hobbes e Epicuro......................................................... »
Gassendi, Newton, e Galileu.............................................. 170
Fontenelle e Anaximenes.................................................. 175
Descartes e Leucippo..................................................... 177
Newton e Platão.......................................................... 178
Copernico, e Aristarco de Samos.......................................... 180
Newton e Seneca.......................................................... 182
J. J. Rousseau, analyse de *Emilio*, e de outros escriptos do mesmo, pag 184 a... 206
Dos Historiadores........................................................ »
João Alberto Fabricio.................................................... 209
Thucydides............................................................... »
Polibio.................................................................. 210
Plutarco................................................................. 211
Xenophonte............................................................... 212
Sallustio................................................................ 213
Tito Livio............................................................... 215
Tacito................................................................... 216
Machiavelli.............................................................. 217
Suetonio................................................................. 219
Quinto Curcio............................................................ 220
Filippe de Comines....................................................... 221

PAG.

Guichiardine e outros italianos.............................. 222
Paulo Jovio.............................. »
Zarate, Solis, e Marianna.............................. 223
Garcia de Rezende, e outros chronistas portuguezes.............................. 224
João de Barros e Diogo do Couto.............................. 225
Manuel de Faria e Sousa.............................. 256
Jacintho Freire d'Andrade.............................. 229
Mezerai, Daniel e outros historiadores francezes.............................. 230
Jayme Augusto de Thou.............................. 231
Francisco Xavier Monteiro, tratado de empalmador de Laplaceu.............................. 235
Sagredo, deu o mais perfeito modello da composição da historia na sua Historia dos Turcos.............................. 240
Mulheres eruditas.............................. 255
Bento José de Souza Farinha, dedicatoria ao Bispo de Beja da traducção de Heinecio.............................. 257
O Dr. Sepulveda, sua traducção dos Bramecidas de Laharpe.............................. 259
Governo do Mundo em sêco, obra elogiada pelo A.............................. 261
Poetas que se mandam conservar Boileau, Juvenal, Tasso e Milton.............................. 265
Romances. *Argenis* de Bareley e o *Telemaco*.............................. 271
Viagens, de Cook, Fernão Mendes Pinto.............................. 276 e 277
Moralistas, Montaigne.............................. 281
Bibliothecas celebres da Europa.............................. 289
Scipião Aquilano, Fausto, Socino e Lucilio Vavini, tres livros inter rariores rarissimi.............................. 291
Lopo de Souza Coutinho, Fr. João dos Santos, Fr. Bernardo d'Alcobaça, Balthazar Telles. Obras portuguezas raras.............................. 292
Rousseau, seus plagiatos de Montagne, Uberto Ulrico, Lilio Geraldi, e George Agricola.............................. 295
Montaigne, Charron, La Mothe Le Voier e Bayle. Os quatro principaes scepticos francezes.............................. 301
Malebranche, famoso sceptico.............................. 304
Aristoteles, tratado de embrulhador universal. Varia fortuna das suas obras.. 310 a 312
Zeno e Cleantes.............................. 312
Seneca, o maior dos talentos romanos.............................. 314
Pythagoras.............................. 315
Epicuro.............................. 315 a 318
Diogenes.............................. 318 a 321
Dialogo dos Mortos (Homero e Camões).—Analyse da traducção do 1.º L.º da *Iliada* por Couto e Costa e Silva, pag. 323 até ao fim do tomo.

## Tomo 2.º

Porphirio, Jamblico, Plotino, etc., commentadores de Platão e Aristoteles..... 4
Averroes e Avicena, medicos arabes.............................. 4
João Duns, Alexandre d'Ales, Abailard e Lombardo, fundadores da Escolastica. 5
Alberto o Grande, arcebispo de Ratisbona.............................. 6
Gregorio Arimenense, Bacon, de Verulamio e Roger Bacon.............................. 6
Paracelso, Raimundo Lullo, Scipião Aquilano, etc.............................. 7
Erasmo.............................. 7
Fr. Thomás Campanella, e Marco Antonio de Dominis.............................. 8
Jeronimo Cardano, louvado e censurado.............................. 10
Copernico, e o seu systema.............................. 11
Galilei, seus trabalhos e descobrimentos.............................. 14
Torricelli.............................. 15
Viviani, Aldrovand, etc.............................. 16 e 17
Marco Paolo.............................. 17
Lacepede.............................. 18

PAG.

Descartes, analysado.... 20
Malebranche .... 22
Leibnitz.... 23
Wolfio .... 25
Locke.... 26
Democrito.... 27
Spinosa, Hobbes, Newton, Pascal e Seneca, Os cinicos Legisladores das Sciencias nos seculos modernos.... 29 a 33
Hardouino e Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, os homens mais esterilmente ferteis que tem tido o mundo .... 33
Os chimicos .... 35
Aulo Gellio.... 94
Francisco Filelfo e Jeronymo Osorio, plagiarios .... 94
Jacques Rousseau, plagiario.... 95
Dos *Tres Impostores*, livro rarissimo.... 97
O Filosopho solitario.... 126
Bocage censurado .... 154
José Maria da Costa e Silva indicado como auctor dos folhetos *Paz Litteraria*.. 166
Fr. Domiugos Teixeira, suas historias e plagiatos de Jacinto Freire.... 225
Escola Elmanista e Filintista .... 227
Flamiano Estrada, censurado e louvado.... 231
Pope. analysado.... 239
Henrique Caiado e Francisco Roiz Lobo, louvados .... 241
Manuel de Galhegos, elogiado pelo seu *Templo da Memoria* .... 243
Jeronimo Vida, o melhor poeta didescalico .... 243
Milton, exame do seu poema.... 249
Pedro Corneille e Shakspeare, exame de suas melhores obras.... 260
Camões, sua *Lusiada* não satisfaz aos criticos.... 263
Estacio, poeta superior a todos os poetas (Foi traduzido por José Agostinho).. 265
Seneca, analysado.... 269
Do estudo da Eloquencia.... 275
Antonio Vieira tido como autor da *Arte de furtar* .... 284
Thomas, seu methodo e Elogios analysados.... 292
Perrault louvado .... 298
Voltaire e suas obras.... 313 a 323
Pascal e Corneille, louvados.... 321
Homero analysado .... 325 a 339
Salvini, censurado .... 325
Newton, motejado .... 341
Charron, louvado.... 344
Traducção do *Hypolito*, d'Euripedes pelo P.e Foyos, motejada .... 304
Confessa não saber grego .... 303

## Tomo 3.º

Comparação e analyse das tres epopêas, *Iliada, Eneida* e *Jerusalem*.... 29
Abeilard, sua logica.... 57
Spinosa, o seu systema.... 57
Genuense, lonvado .... 60
O cardeal Du Perron, negando e provando a existencia da Divindade.... 61
Socrates .... 66
Diogo de Paiva d'Andrade, citado.... 67
Antonio Vieira, belleza de uma passagem de um Sermão do tomo 2.º .... 71
Bayle e seu Diccionario .... 82
O *Capitulo dos Frades:* Poema ms. italiano.... 88
La Bruyère, seus *Caracteres* analysados.... 98

PAG.

Promette tratar um assumpto tragico susceptivel de toda a perfectibilidade das regras........ 102
Seneca e os Estoicos........ 121
Helvecio e o seu templo de Newton........ 121
Boulanger louvado e confessado........ 121
Juvenal, o mais sublime de todos os philosophos moralistas........ 122 a 138
Bibliotheca da Alexandria, incendiada por Julio Cesar........ 145
Jonas, Bispo d'Orleans, auctor de uma *Instituição de Principes* dirigida a Pepino rei de Aquitania........ 145
Luiz XI de França, Jacques I, e outros reis que escreveram tratados de Politica. 146
La Hoguete, Gregorio Leti, o Abbade de S. Pedro. Seus escriptos politicos........ 150
Rousseau, seu *Contracto social* analysado........ 153 a 156
Mad. de Stael, louvada pela sua obra *Da Litteratura*........ 166
Parallelo entre as Sciencias e Artes dos Gregos comparadas com o estado das mesmas entre os Romanos........ 167
*Viagens d'Anacharsis*, applaudidas........ 170
Plinio e Aristoteles........ 171
Tacito e Herodoto........ 174
Gregorio Nazianseo e outros oradores christãos, seu parallelo com os oradores latinos e francezes........ 182
Boileau, e a edição de suas obras em 5 vol. de 8.º 1747........ 203
Academias italianas e portuguezas do seculo XVI........ 206
Academia Portugueza de Historia no reinado de D. João V, seus estatutos louvados........ 207
Bacon, Bonet, Locke, Helvecio e outros Fisiologistas........ 213 a 217
Antonio Vieira e a *Arte de Furtar*........ 231
Corilla Olympica, celebre improvisadora italiana........ 238
Bernardino Perfetti, outro improvisador de grande nomeada........ 240
Como José Agostinho prégava de improviso, e a maneira porque se havia para esse effeito........ 249
Volney, Burke, e outros viajantes do Egypto........ 251
Democrito, Heraclito, e P.e Antonio Vieira........ 267
Programmas ridiculos das antigas Academias de Lisboa........ 320

### Tomo 4.º

Mercier, louvado, suas obras........ 4
Marmontel........ 20
Abbade Dubois........ 31
Du Marsais........ 35
D'Alambert, censurado........ 37
Milton e Addisson........ 40
Gil Vicente e Antonio José o Judeu........ 81
Exemplos de longevidade........ 135
Locke e Newton, motejados........ 152
Robespierre, seu caracter e feitos........ 170 a 176
Seyés, e a sua mania de Constituições........ 186
Os Comicos........ 189
Anecdotas do Arcebispo d'Evora, Cenaculo........ 203
Mably........ 215

**DIALOGO DE MORTOS Homero, e Luiz de Camões.**—(Satyra virulenta contra a traducção do 1.º Livro da *Iliada* de Homero, por J. M. da Costa e Silva.) Sómente se encontra no tomo I do *Motim Litterario* de pag. 323 a 398 da 1.ª edição, comprehendendo os n.os X e XI, e não

em todos os exemplares porque o auctor, mais bem aconselhado, o supprimiu ainda antes de concluida a impressão.

A MISERIA (Dialogo contra o Exame critico do Motim Litterario por A. M. do Couto).—Lisboa: Na Impressão Regia, 1811. Com licença. In-8.º de 51 pag. E tambem vem inserto no tomo II, do mesmo *Motim Litterario*, em todas as edições.

CARTAS FILOSOFICAS A ATTICO.—(Dedicadas á Ill.ma Sr.a D. Joanna Thomazia de Brito Lobo de S. Paio, religiosa no Convento de Odivellas). Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença. In-8.º, 1 volume de 8 pag. inn. com dedicatoria, mais 331. São vinte e sete Cartas sobre varios assumptos de litteratura, critica, e philosophia moral. (Em 1860 ainda vivia esta religiosa no Convento de Moura.)

O ESPECTADOR PORTUGUEZ, Jornal de Litteratura e de Critica, (publicado semanalmente).—Lisboa: Na Impressão de Alcobia, 1816, 1818. In-4.º, o 1.º numero do primeiro volume foi publicado na Impressão de M. P. de Lacerda em 1823, 4 semestres, dos quaes cada um fórma seu, volume, com 26 n.os de 226, (148, aliás) 248, e um supplemento com 11 pag. 212, 208, pag. O terceiro semestre contém além disso uma folha com o titulo de *Reflexão previa ao Espectador Portuguez do 3.º semestre*, 7 paginas numeradas em separado, contendo dois artigos, um de *litteratura* e outro de *critica*, sempre dirigido contra Pato Moniz, com a epigraphe ironica:

São provas do que eu digo<br>Roliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo,

Versos tirados da Ode de Pato Muniz a Lord Wellington.

O DESAPPROVADOR, (Periodico semanal).—Lisboa, na Impressão de Alcobia, 1817, 1819. In-4.º 1 vol. de 209 pag. numeração seguida e mais 3 inn., com o Catalogo das Obras de José Agostinho. Ficou interrompido no numero 25, porém passado algum tempo sahiu um *Supplemento ao n.º 25*, que na realidade estava destinado para ser n.º 26, como consta do original, que existia em poder de J. P. Nunes. Comprehende uma serie de artigos no gosto dos do *Motim litterario*.

Descrevendo este periodico, escreve Martins de Carvalho: «é curiosissimo e de uma critica fina e muito instructivo.—Ha alli muitas opiniões que nunca se fazem velhas.» *Conimbricense*, n.º 5:188.

Apresentamos o indice d'esses artigos:

1.—Sem titulo. Lisboa, na Imprensa de Alcobia 1818, In-4.º<br>
2.—Idem, ibidem,<br>
3.—Idem, *S. l. n. d.*<br>
4.—Idem, ibidem, 1819, In-4.º<br>
5.—Mania das innovações, idem, ibidem.<br>
6.—Cartas anonymas, idem, ibidem.<br>
7.—Mania das pertenções, *S. l. n. d.*

8.—Cada hum no seu Officio, na Impressão de Alcobia, 1819. In-4.º.
9.—Os Originaes, idem, ibidem.
10.—Os Extremos são prejudiciaes, idem, ibidem.
11.—Não convem destruir todas as Preocupações, idem, ibidem.
12.—Variedades importantes, idem, ibidem,
13.—As Decisões, Idem, ibidem,
14.—Os Importantes, idem, ibidem.
15.—Nervos. Caracter. Almorreimas, idem, ibidem.
16.—O Se, e o Mas, idem, ibidem.
17.—As apparencias, idem, ibidem.
18.—Esse tempo era bom!! idem, ibidem.
19.—O homem de juizo, e o tolo, idem ibidem.
20.—Educação!!! idem, ibidem.
21.—Variedades, idem, ibidem.
22.—Paradoxo—He mais vantajoso o estado Selvagem, *S. l. n. d.*
23.—O Desapprovador, Lisboa, na Impressão de Alcobia, 1819. In-4.º.
24.—Não entendo, idem, ibidem.
25.—A educação das mulheres, idem, ibidem.
*Supplemento ao Desapprovador.*
Paradoxo—He melhor dormir, do que escrever, idem, ibidem.

**OS SEBASTIANISTAS**, (Reflexões criticas sobre esta ridicula seita). —Lisboa: na Officina de *Antonio Rodrigues Galhardo*, MDCCCX. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço. In-8.º de 5 pag. com frontispicio e prefação que occupa de pag. 1 a 3, e mais 114 pag.

—— (2.ª edição.)—Rio de Janeiro. Impressão regia. 1810. In-8.º de 26 pag. (Offerecido a Innocencio por F. A. Varnhagen; diz em nota «mas em tão mau estado que o não quiz.»)

**OS SEBASTIANISTAS**, (2.ª parte.)—Lisboa: Na Impressão Regia, Anno 1810. Com Licença. In-8.º de 103 pag. (Motivou grande polemica.)

**JUSTA DEFENSA**, do livro intitulado os Sebastianistas, e resposta prévia a todas as Satyras e invectivas, com que tem sido atacado seu Autor.—Lisboa, na Impressam Regia, 1810. Com licença. In-8.º de 13 pag.

—— (2.ª edição.)—Rio de Janeiro. Impressão regia, 1810. In-8.º de 13 paginas. (Em nota de Innocencio: «O Varnhagen mandou-me um exemplar que dei ao Dr. Moraes.»)

**MAIS LOGICA** ou nova Apologia da Justa defensa do livro «Os Sebastianistas.»—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1810. Com licença. In-8.º de 19 pag. Assigna-se «Prégador do Principe Regente N. S.»

—— (2.ª edição).—Em tudo conforme á primeira. (No titulo lê-se *Defensa.)*

**A SENHORA MARIA**, ou nova impertinencia.—Lisboa: Na Impressão Regia, Anno 1810. Com licença. In-8.º de 18 pag.

**CARTA**, ao erudito Author da Defeza dos Papeis Anti Sebasticos, como testemunho de agradecimento, e abono das verdades nella demonstradas, etc.—Vem na mesma *Defeza*, de pag. 5 até 11. Lisboa: Na Impressão Regia, 1810. In-8.º de 36 paginas. (Falta no Cat. Abranches.)

**INVENTARIO** da Refutação Analytica.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1810. Com Licença. In-8.º de 62 pag. A pag. 3 «Prologo.»

**CONSIDERAÇÕES CHRISTÃS E POLITICAS** sobre a Enormidade dos Libellos Infamatorios.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1811. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. In-8.º de 38 pag. (Serve como de resposta ao opusculo que em Londres se imprimira contra o auctor, intitulado o *Feitiço voltado contra o Feiticeiro.*) Assigna-se «Presbytero Secular, e Prégador do P. R. N. S.»

**PARECER** que deo o Padre José Agostinho de Macedo, sobre o merecimento de Homero—Para servir de prefacio á muito elegante traducção em verso solto Portuguez, com que enriquece a Literatura Patria o Senhor *José Maria da Costa e Silva.* Vem no principio do folheto *Iliada de Homero, traduzida do grego em portuguez* por *José Maria da Costa e Silva.* Livro 1.º Lisboa, na Impressão regia, 1811. In-8.º Tem numeração especial, e occupa de pag. 3 até 14. (Confiram-se os elogios prodigalisados n'este *Parecer* á dicta versão, com as invectivas e motejos que lhe dirige no *Dialogo dos Mortos.)*

**REFLEXÕES CRITICAS** sobre o episodio do Adamastor nas Lusiadas, Canto v, Oit. 39, em forma de carta.—Lisboa: Na Impressão Regia, MDCCCXI. Com licença. In-8.º de III-34 pag. (Deu logar á replica de Fr. Francisco de S. Luiz.)

**RESPOSTA** á Carta do Professor regio, Antonio Maria do Couto, escripta a 11 de Dezembro de 1811.—No fim, Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-4.º de 4 pag. inn.

Sem frontispicio; a seguir áquelle titulo, começa na mesma folha a resposta assim:

«Amigo. Recebi com a maior satisfação a Carta que V. M.ce fez a honra de me dirigir, etc.»

**CARTA**, que escreveo o Doutor Manoel Mendes Fogaça, a hum seu amigo transmontano—sobre uma Comedia, *(A Preta de Talentos* de Antonio Xavier) que vira representar em Lisboa.—Lisboa: Na Impressão Regia, 1811. Com licença. In-8.º de 31 pag.

**CARTA II** do Doutor Manoel Mendes Fogaça, escrita ao seu amigo transmontano—sobre mais comedia (o Drama *Adelli* de Antonio Xavier.) Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 54 pag. Tem as iniciaes J. A. D. M.

**CARTA** escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Balea — sobre uma Farça anonyma, que lêra impressa, e vira huma vez representar, intitulada *Manoel Mendes* (de Antonio Xavier). Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 49 pag.

**CARTA DE FOGAÇA,** ou historia do Cerco de Saragoça — segundo o vio representar em huma Comedia do Doutor *Manoel Mendes Fogaça*, que a descreve ao seu amigo Transmontano no estilo de seu 5.º Avô *Fernão Mendes*. Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com Licença. In-8.º de 77 pag. (Allude ao Drama de Antonio Xavier intitulado *Palafox em Saragoça.)*

A pag. 3 «Advertencia.»
» 5 «Carta, que serve como de Proemio ao seu amigo.»

**AS PATEADAS DE THEATRO** investigadas na sua origem, e causas.— Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 132 pag. (A dedicatoria é datada de 14 de Julho de 1812, *Á sombra de Cervantes.*)

—— (2.ª edição.)—Na Impressão de *João Nunes Esteves*, 1825. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. In-12.º

—— (3.ª edição.)—Lisboa, 1851. (Tentativa de edição in-4.º das Cartas de *Fogaça seguida das Pateadas*; chegou apenas á folha 17, deixando incompleto o cap. 6.º das *Pateadas.)*

**CARTA** de hum pae para seu filho, estudante na Universidade de Coimbra, sobre o espirito do Investigador Portuguez em Inglaterra.— Sem nome do auctor. Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 41 pag. (Tem o pseudonymo no fim *Ilario Valente.*)

**RESPOSTA** aos dois do Investigador Portuguez em Londres, que no caderninho VIII, a paginas 510 atacão, segundo o costume, o poema Gama.— Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 64 pag. De pag. 3 a 5 Proemio.

**O EXAME EXAMINADO,** ou resposta aos senhores bachareis João Bernardo da Rocha, e Nuno Pato Moniz.— Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.º de 100 pag. A pag. 3 Epistola dedicatoria, e a pag. 5 Advertencia.

**CARTA** de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigio Antonio Maria do Couto, intitulada: O Doutor Halliday em Lisboa, impugnado até á evidencia.— Lisboa: Na Impressão Regia, 1812. Com licença. In-8.º de 56 pag. (N'este folheto de pag. 39 a 56 vem assignado por J. J. P. L. *um Appendix, em que se transcrevem, e apontão algumas passagens de Auctores celebres, que tiverão o arrojo de censurar a Lusiada de Camões.*

**CONSIDERAÇÕES MANSAS** sobre o quarto tomo das Obras metricas de Manuel Bocage, accrescentadas com a vida do mesmo.—Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1813. Com licença. In-8.º de 39 pag. (Critica a Costa e Silva, auctor da Biographia de Bocage.)

**A ANALYSE ANALYSADA** (Resposta a Couto).—Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença. In-8.º de 54 pag. (Responde ao que escreveu Couto na *Breve analyse do Oriente.*) De pag. 3 a 10 «Prologo».

**O COUTO** (Resposta ao folheto Regras da Oratoria da Cadeira).—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença. In-8.º de 151 pag.

**CARTA** de Manoel Mendes Fogaça, escrita a seu amigo transmontano, sobre huma cousa que observou em Lisboa chamada o Observador.—Lisboa: Na Impressão Regia. 1818. Com Licença. In-8.º de 30 paginas.

**EPISTOLA** de Manoel Mendes Fogaça dirigida de Lisboa a hum amigo da sua terra, em que lhe refere como de repente se fez poeta, e lhe conta as proezas de um rafeiro.— Lisboa, na Impressão de João Nunes Ferreira. 1822. In-4.º de 20 pag.

(Segundo Innocencio, este escripto era attribuido a José Agostinho por Francisco de Paula Ferreira da Costa; porém considera-o como de um obscuro poeta chamado Victorino José Luiz Moreira da Guerra, tendo visto copias manuscriptas com o titulo *O Rafeiro e a Canzoada.* (Inn., *Dicc. Bibl.* tomo IV, pag. 190.)

**CENSURA DAS LUSIADAS.**—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1820. Com Licença. In-8.º 2 vol. de 295 e 271 pag. (É uma amplificação do *Discurso Preliminar* da primeira edição do *Oriente.* Innocencio classifica-o: «Complexo de paradoxos, incoherencias, contradicções flagrantes e argucias pueris.»)

**EXORCISMOS**, contra periodicos, e outros maleficios.—Sem o seu nome. Lisboa: Na Off. da Viuva de *Lino da Silva Godinho.* 1821. Com Licença da Commissão de Censura. In-8.º de 34 pag. (Provocou varias réplicas.)

**CORDÃO DA PESTE**, ou medidas contra o contagio periodiqueiro. —Sem o seu nome. Lisboa: Na Officin. da Viuva de *Lino da Silva Godinho.* Anno de 1821. Com Licença da Commissão de Censura. In-8.º de 44 pag. (Assignado o *Corcunda de boa fé.*)

**REFORÇO** ao Cordão da Peste.—Sem o seu nome. Lisboa: Na Officin. da Viuva de *Lino da Silva Godinho.* Anno de 1821. Com Licença da Commissão de Censura. In-8.º de 30 pag.

NOVO MESTRE PERIODIQUEIRO ou Dialogo de um Sebastianista, um Doutor e um Hermitão, sobre o modo de ganhar dinheiro no tempo presente.—Lisboa, na Impressão regia. 1821. In-4.º de 38 pag.

SEGUNDA PARTE DO NOVO MESTRE PERIODIQUEIRO ou segundo Dialogo de um Sebastianista e um Hermitão, sobre o modo de ganhar dinheiro no tempo presente.—Lisboa, na Imprensa Galhardo. 1821. In-4.º de 27 pag.

(Ha uma réplica de Cavroé, do mesmo anno, in-4.º de 46 pag.)

CARTA PRIMEIRA escripta ao senhor Pedro Alexandre Cavroé, Mestre examinado do Officio de Carpinteiro de Moveis.—Lisboa: Na Imprensa Nacional. Anno 1821. In-4.º de 23 pag. (Provocada pela resposta de Cravoé ao *Papel intitulado Exorcismos.*) Forno do Tijolo, 24 de Março de 1821.

CARTA SEGUNDA (ao dito).—Lisboa: Na Offic. de *Antonio Rodrigues Galhardo.* Com Licença da Commissão de Censura. 1821. In-4.º de 21 pag. (Provocada pela replica de Cavroé *Resposta á Carta do Reverendo sr. José Agostinho.*) Forno do Tijolo, 22 de Abril de 1821.

CARTA TERCEIRA (ao dito).—Lisboa: Na Offic. de *Antonio Rodrigues Galhardo.* Com Licença da Commissão de Censura. 1821. In-4.º de 26 pag. Assigna-se Presbytero secular e prégador de sua Magestade Fidelissima.

CARTA QUARTA (ao dito).—Lisboa: Na Imprensa Nacional. Anno 1821. In-4.º de 19 pag. Forno do Tijolo, 12 de Maio de 1821.

CARTA QUINTA (ao dito).—Lisboa: Na Imprensa Nacional. Anno 1821. In-4.º de 17 pag.

CARTA SEXTA (ao dito).—Lisboa. Na Officina da Viuva de *Lino da Silva Godinho.* Anno de 1821. Com Licença da Commissão de Censura In-4.º de 16 pag.

CARTA SETIMA (ao dito).—Lisboa. Na Officina da Viuva de *Lino da Silva Godinho.* Anno de 1821. Com Liçença da Commissão de Censura. In-4.º de 22 pag. Forno do Tijolo, 28 de Maio de 1821.

CARTA Escripta ao Senhor Redactor da Gazeta Universal, pelo Veterano, fóra de serviço, Ex-Redactor do Jornal Encyclopedico de Lisboa, etc.—Lisboa: Na Impressão de Alcobia. Anno de 1821. In-4.º de 7 pag. Lisboa e Forno do Tijolo. N.º 45 segundo andar, 5 de Novembro de 1821.

——Outra edição.—Lisboa: Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra. 1821. In-4.º de 7 pag.

**CARTA** ao senhor Redactor do Diario do Governo,

E aos outros contadores de patranhas
D'ambas as Indias, ambas as Hespanhas,

(Sem o seu nome, mas tem no fim a assignatura do Forno do Tijolo. Era ut supra. Lisboa, Impressão Liberal. Anno 1822. In-8.° de 14 pag.

**REFLEXÕES IMPARCIAES** sobre as causas da detenção do illustrissimo e excellentissimo D. Marcos de Noronha, setimo Conde dos Arcos, marechal de campo dos Exercitos nacionaes e reaes, grão-cruz da Ordem de Aviz, etc.—Lisboa, na typographia Maigrense. 1821. In-4.° de 24 pag.

—— (2.ª edição).—Rio de Janeiro, na typographia de Silva Porto. 1822. In-4.° de 30 pag. (Nos *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro*, de Valle Cabral, lê-se: «É segunda edição augmentada com peças justificativas, que não apparecem na primeira.» E para justificar a attribuição d'este folheto anonymo a Macedo aponta o *Diario do Rio* de 2 de setembro de 1822. (Op. cit., pag. 320.)

No Cat. Merello, cita-se uma edição de 1834. (N.° 691-b.)

**CARTA** ao Senhor Redactor do Patriota.—Lisboa, Na Impressão Liberal. Anno de 1821. In-4.° de 7 pag. (Não traz o nome do auctor). É uma defeza do Provincial D. Carlos de Menezes, contra a arguição que lhe fôra feita no mesmo Periodico em o n.° 5 de novembro de 1821. No fim:—Talvez que haja quem diga que isto he da Fabrica do Forno de Tijolo!! 19 de Novembro de 1821.

**MANIFESTO Á NAÇÃO** ou ultimas palavras impressas de José Agostinho de Macedo.—Lisboa, na typographia de *Antonio Rodrigues Galhardo*. 1822. In-4.° de 7 pag. (Aqui é que fez a declaração de *não mais escrever*.)

Terminava Macedo o seu *Manifesto á Nação* pela forma seguinte;

«Todos os meus papeis ficão queimados, e não se encontrará em minha pobre casa depois da minha morte mais que o Breve da minha secularisação, e a carta Regia de Prégador da Real Capella. Saber-se ha que existi pelo que desgraçadamente existe impresso, versos, prosas, memorias, discursos, apontamentos oratorios, tudo he pasto das chamas. Amo muito a Patria, e por isto pesso á Nação que me desnaturalize, mas que me deixe morrer no seu seio, e que no Reino que me vio nascer, descancem os meus ossos.

Auguro a Portugal todas as venturas, e as terá em o seu novo, e politico systema de Governo regenerativo, possa elle triunfar sempre de seus inimigos. Espero tudo das luzes, probidade, talentos e zello de seus Representantes. Dezejo a paz, e a harmonia a todos os Cida-

dãos. Perdo-o de coração como Catholico a todos os meus inimigos, e calumniadores, e estejão certos que os amo como Christão, e que os abraço como Patriota; possão elles ser illustrados sobre os sacrosantos deveres d'este nome virtuoso, se como homem tenho peccados, como Cidadão não tenho crimes. Está sem remorsos consummada a minha carreira de Escriptor. Se me conhecessem, me poderião empregar. Prevaleceo o odio contra a verdade, a perseguição contra o merito, a calumnia contra a innocencia. Ha um Deus Remunerador, elle se revelará em o ultimo dia de todos os seculos.

*O Padre José Agostinho de Macedo.*

«Lisboa, 12 de maio de 1822.

—— (Outra edição).—Sem local de Impressão, mas deve ser no Porto. Typ. A Praça de S.ta Thereza. In-4.º de 4 pag. inn.

**CARTA** ao Sr. J. J. P. Lopes.—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In–4.º de 10 pag. Forno do Tijolo 31 de Agosto de 1822.

**HUMA PALAVRA SÓ sobre o Padre por hum homem que nunca lhe fallou.**—(Tem no fim a assignatura apocrypha C. S. D. F.)—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 10 pag. (Tanto esta, como as *trez* seguintes são realmente escriptas por José Agostinho, posto que quasi todas publicadas sob nomes suppostos e iniciaes C. S. D. F.)

**MAIS MEIA PALAVRA** sobre o Padre.—(Com a assignatura no fim C. S. D. F.)—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 10 pag.

**HUM QUARTO DE PALAVRA** sobre o Padre, ou o vergalho de mariolas.—(Com a mesma assignatura das precedentes).—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 14 pag. Este violento libello de Macedo foi provocado pela seguinte publicação dirigida contra elle:

*Sova no padre José Agostinho de Macedo, em resposta á sua ultima Carta ao redactor Lopes, pelo Censor Lusitano Senior.*—Lisboa, na Impressão de João Baptista Morando. 1822.

**ULTIMO QUARTO DE PALAVRA** sobre o Padre.—(Com a sobredita assignatura). Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 11 pag.

**PROPOSTA dirigida ao R.mo P. M. D.or Fr. José de S. Narciso, Religioso Eremita de S. Paulo da Congregação da Serra d'Ossa, Meio Conego, que havia de ser na Bahia, com dignidade reservatoria de borla,**

banda, e mêa, tudo de côr atirante a roxo; e actual Encommendado com o auxilio do braço secular, na Igreja de S. Nicoláo de Lisboa, etc. —(Assignado no fim *O Anão dos Assobios*).—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 4 pag. (O padre S. Narciso tinha fugido para Gibraltar, onde apostatou, casando com uma judia. Deu o escandalo logar a outros folhetos.)

**SEGUNDA GAITADA** do Anão dos assobios.—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo. 1822. In-4.º de 8 pag.

**GAITADA** terceira, ao P. Fr. José da Encommendação.—Lisboa: na mesma Typogr. 1821. In-4.º de 5 pag.

**GAITADA** quarta, e ultima, ao R.mo Sr. Fr. José de Encommenda.—Dita Typogr. 1822. In-4.º de 8 pag.

**CARTA** ao Senhor Anão dos Assobios.—(Datada do *Forno do Tijolo* 22 de Novembro de 1822). Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1822. In-4.º de 10 pag.

**SYMPHONIA DE COCHICHO** com corno inglez obrigado, ou o Anão dos assobios ao Padre Medrões teimoso.—Lisboa: Na Typogr. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1822. In-4.º de 11 pag.

**CARTA** aos S.rs Anonymos do Porto.—Lisboa: na officina da Horrorosa Conspiração. 1823. In-4.º de 16 pag.

**SANDOVAL NÚ, E CRÚ.**—Lisboa: na officina da Horrorosa Conspiração. Anno de 1823. In-4.º de 40 pag.
(Resposta ao papel *Oraculo*, por Sandoval.)

**RETORNELLO DO PARDAL** com que o Anão dos assobios dá os parabens ao reverendo Goibinhas nos seus desposorios com a Illustrissima D. Raquel da Palestina, na praça de Gibraltar, actual residencia dos dois conjuges.—Lisboa: Na Impressão de João Nunes Esteves. 1825. In-4.º de 19 pag. (anonymo).

**DUETO DE LABERCO E TARALHÃO**, com que o Anão dos assobios dá os parabens a Rabi Goibinhas, pelo nascimento de seus dois filhos gemeos, que Raquel deo á luz de huma assentada no passado setembro. Que os pario!!!—Lisboa: Na Nova Impressão Silviana. Anno de 1825. In-4.º de 16 pag.

**RESPOSTA** aos collaboradores do infame papel, intitulado Correio interceptado, N.º 6.º impresso em Londres (segundo o costume.)—Lisboa, Na Typogr. de *Bulhões*. 1826. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. In-4.º de 16 pag. (Motivada pela publicação da Censura ao dr. Abrantes).

**PARECER** sobre a obra do P.^e M.^e Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, intitulada Historia chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça, para servir de continuação á Alcobaça illustrada do chronista mór Fr. Manuel dos Santos.—Lisboa, na Impressão regia. 1827. In-4.º de 15 pag.

—— (Outra edição).— Da mesma imprensa, dito anno, em folio, de 10 pag. Tem a seguinte nota final:
«A pag. 7 desde a linha 14 até á linha 20, deve saber-se que houve engano; porque não ha em Alcobaça esta exposição de Petrarca aos 7 Psalmos Penitenciaes, mas só ha, e já impressos os 7 Psalmos Penitenciaes que Petrarca compoz á imitação dos de David.»
Esta edição apesar de ser tiragem especial é a peior por estar errada, como se vê da nota acima.

—— O mesmo parecer tambem sahiu inserto na *Historia* a que elle se refere, de pag. III a VIII. (Falta no Catalogo Abranches.)

**A VOZ DA JUSTIÇA**, ou o desaforo punido.—Lisboa: na Impressão regia. Anno 1827. In-4.º de 22 pag. (Anda encadernada com as *Cartas a Lopes;* é uma réplica aos redactores do *Portuguez.)* Transcrevemos a primeira pagina:

«Muitos, e quasi innumeraveis são os Escriptos, que tem inundado, e afogado Portugal desde a infausta Época de 1820, e entre tantos não são poucos os que tem ultrajado a Razão, a Moral pública, as Leis civis, e a Religião. Muitos tem apparecido que ácinte inculcão, propagão, insinuão e sem máscara, ou rebuço ensinão a impiedade, e tem transformado os individuos das mesmas classes plebeas em livres pensadores; emfim chegarão muitos portuguezes a abusar desenfreadamente da licença de imprimir; não se tem respeitado nem o Throno, nem o Altar, e tem mettido sacrilegamente debaixo dos pés todas as Leis Divinas, e humanas. Á vista deste quadro, tantas vezes offerecido pelos Portuguezes aos olhos do Mundo na escandalosa Demagogia daquella Época sempre abominavel, eu me persuadia, que não poderia em 1827 apparecer licenciada por huma Commissão de Censura, em que entrão quatro ou cinco Religiosos das Divisões mais austeras da grande, e respeitavel Ordem Serafica, huma Producção, que excedesse o innumeravel exercito das outras em perversidade, e em demencia, e em que se ostentasse até ao excesso a impudente infracção de todas as Leis, e onde com maior atrocidade se insultasse o Governo, a Moral e a Humana Sociedade; e tudo isto em poucas regras, em descosidos raciocinios, em rudes, e desordenadas phrases. Tudo isto vemos em o rídiculo Papel que se chama:
«*Resposta á Carta, que ha poucos dias se publicou contra os Redactores do—Portuguez.*—Por um Anonymo. Com Licença.»

**CARTA UNICA** sobre hum muito pequeno, e pobre folheto que se

chama:— Breves observações sobre os fundamentos do projecto de Lei para a extincção da Junta do estado actual e melhoramento do Exame Temporal das Ordens regulares.— Impresso na Patriota da Rua da Esperança, N.º 50. Lisboa: Na Impressão regia. Anno 1828. Com licença da Commissão de Censura. In-4.º de 22 pag. (As *Breves Observações*, foram escriptas por Fr. Matheus d'Assumpção.) Pedrouços 26 de Março de 1828.

**CARTA AVULSA** ao seu amigo, que por nome, e sobre nome não perca, sobre o diluvio das respostas, e respondões ao Artigo communicado na Gazeta N.º 103.— Lisboa: Na Impressão regia. Anno 1828. Com Licença. In-4.º de 16 pag. (Refere-se á *Gazeta de Lisboa*, de 1828, aonde saiu o alludido *Communicado.)*

**CARTA 1.ª** a seu amigo Faustino.—Lisboa: Na Impressão regia, 1828. In-4.º de 16 pag. Forno do Tijolo 6 de Junho de 1828, J. A. D. M. Innocencio possuia a resposta por Faustino José da Madre de Deus a esta carta, a qual ficara inedita.

**CRITICA** á Chronica da Casa dos Vinte e Quatro.— Que emprehendeu o P.e Fr. Claudio, chronista mór do Reino (escripta em fórma de carta, dirigida ao muito honrado Juiz do Povo por um Juiz de Bandeira.) Escripta em 1826. Sahiu posthuma, e vem inserta de pag. 21 a 32 do 2.º folheto, da *Collecção de varios e interessantes escriptos do P.e José Agostinho de Macedo,* publicada pela *Sociedade propagadora das Bellas Lettras.*—Lisboa, na typographia da mesma Sociedade. 1838. Da qual sahiram dois numeros in-8.º grande com 35 pag. de numeração seguida. Tambem vem a pag. 4, de um folheto impresso na typographia Carvalhense em 1837: *Miscellanea*, constando de peças ineditas, etc.

**CONSIDERAÇÕES** sobre um formidavel Soneto, cujo auctor se dá a conhecer pelas lettras J. B. L. R. *(João Bernardo Loureiro Rocha).* —Escriptas em maio de 1811. Sahiram posthumas. Lisboa, na typographia de Desiderio Marques Leão, 1835. In-8.º de 44 e mais 4 pag. São as mesmas que se acham insertas na collecção intitulada *Museu Litterario util e divertido*, N.º 13, de paginas 385 a 407. Lisboa, na Impressão regia. 1833. 4.º Porém ahi tem o seguinte titulo: *Reflexões criticas sobre um Soneto, que nos annos de S. A. R. o Principe Regente N. S.* sahiu impresso em Lisboa no dia 13 de maio de 1811. Está muito mais correcta que na edição de 1835, e tem de mais no principio uma advertencia ou prologo, que n'aquella se ommittiu.

**CANCIONEIRO POLITICO**: Dia de Juizo.— 1820. (Catalogo Merello, n.º 6916.)

## Pequenos Opusculos, Cartas, e Artigos da mesma especie, que se acham insertos em Obras ou collecções alheias, onde todavia vem designados com o seu nome

**NO SEMANARIO DE INSTRUCÇÃO, E RECREIO**—(Periodico de que foi redactor Joaquim José Pedro Lopes, publicado desde 2 de setembro de 1812 até 25 de agosto de 1813).—Lisboa, na Impressão regia. In-4.º tomo 1.º 1812, de VIII-446 pag., e tomo 2.º 1813, de 420 pag.; vem de José Agostinho além dos artigos já indicados na classe da Poesia, os seguintes em prosa:

Discurso sobre as vantagens consoladoras da vida humilde; no tomo 1.º n.º 5, pag. 79 a 85. (É a 1.ª das *Cartas a Attico*, impressas depois no anno de 1815.)

Problema. A Imprensa he hum bem ou A Imprensa he hum mal? no dito tomo, n.º 7, de pag. 117 a 120.

Apologia da Barba. N.º 9, pag. 155 a 160.

Plutarco (sobre a moral de). N.º 10, pag. 171 a 142, (aliás 176).

Problema. Ha na vida maiores bens, ou maiores males? N.º 12, pag. 204 a 208.

O coxo invejoso e o Corcunda avarento. Conto traduzido do francez. N.º 13, pag. 223 e 224.

A Pedra Filosofal. N.º 15, pag. 259 a 264.

O Caffé. N.º 17, pag. 290 a 296.

Tudo o que he excessivo passa a ser ridiculo, e deve-se evitar nas sciencias tanto o excesso, como o pedantismo. N.º 18, pag. 307 a 312.

Abundancia, e Penuria. N.º 20, pag. 338 a 344.

Fysica experimental—Um corpo morto peza mais que um corpo vivo. N.º 21, pag, 354 a 360.

Theatro—N.º 24, pag. 404 a 408.

O Incredulo. N.º 25, pag. 420 a 423; continuado pag. 434 a 438.

Os meus, Mas!... No Tomo 2.º n.º 27, de pag. 13 a 16.

Haverá dias aziagos? D.º pag. 28 a 31.

Carta ao meu amigo Beirão sobre os Periodicos. N.º 32, pag. 91 a 95.

Segunda Carta ao meu amigo Beirão. N.º 37, pag. 173 a 176.

Questão irresolvivel. Que cousa he hum Periodico? N.º 38, pag. 183 a 191.

—— continuada de n.º 40, pag. 215 a 224.

—— idem, n.º 41, 233 a 240.

—— idem, n.º 42, 249 a 256.

—— idem, n.º 43, 266 a 272.

—— idem, n.º 44, 284 a 288.

—— idem, n.º 45, 299 a 304.
Resolve-se a Questão, n.º 46, 317 a 320.
O meu ultimo Adeos á Letra redonda. n.º 47, pag. 331 a 336.
Resposta a huma Carta... n.º 48, pag. 348 a 352.

As poesias publicadas n'estes dois volumes já ficaram apontadas na secção respectiva.

**JORNAL ENCICLOPEDICO** dedicado á Rainha N. Senhora, e destinado para instrucção geral, com a noticia dos novos descobrimentos em todas as siencias, e artes.—Lisboa, 1779 a 1806. Quinze volumes. In-8.º de 277, 480, 467, 431, 509, 424, 365, 383, 381, 379, 373, 381, 381, 421, 476-120 pag.

No vol. 14.º de pag. 70 a 79 encontra-se de José Agostinho de Macedo o seguinte: *Augurando a regia successão ao throno lusitano offerece a Sua Magestade* Fr. Jozé de Santo Agostinho, Academico Arcade de Roma, a presente Ode.

No mesmo vol. de pag. 367 a 377: *Sinceros votos dos Fieis Vassallos Portuguezes na enfermidade da Sua Augustissima Soberana a Raynha Nossa Senhora.* Por Jozé Agostinho de Macedo. Ode.

No vol. 15.º de pag. 101 a 104, *Ao Capitão Cook.* Ode epodica.

De pag. 268 a 273, *O Grande Pompeo.* Ode.

De pag. 419 a 424, *Belizario.* Ode.

**NO JORNAL ENCYCLOPEDICO DE LISBOA** (Periodico mensal publicado de Janeiro a dezembro de 1820)—Lisboa: na Impressão Regia. In-4.º 2 vol. com 12 num. de 448, 425 pag. e mais 3 inn. de indice; posto que no frontispicio se lêa *coordenado pelo P. J. A. de M,* todavia o seu principal redactor foi Joaquim José Pedro Lopes, a quem pertencem não só todos os artigos traduzidos sobre objectos de Sciencias Naturaes, artes, etc., mas tambem alguns outros de critica, historia, e litteratura, uns traduzidos, outros originaes, e alguns imitados. A José Agostinho pertecem porém os seguintes:

Discurso preliminar, tomo I, de pag. 3 a 19.

Reflexões sobre as preconisadas palavras—*Idéas Liberaes.—Que quer isto dizer?* De pag. 100 a 120.

Retrato, que tem muitos Originaes, pag. 135 a 140.

Os seculos illustrados, são os mais virtuosos? Problema filosofiico, pag. 153 a 176.

Sobre a economia rural, pag. 183 a 191.

O Alfaiate, e a mulher, ou o que prova muito não prova nada. (conto imitado de outro de *Wieland,)* pag. 217 a 224.

Reflexões sobre as Memorias dhum habitante de Santa Helena, pag 248 a 258.

A mulher prognostica. Lição de Moral (imitação de Wielland,) pag. 276 a 290.

Os caprichos das mulheres. Lição de Moral, pag. 315 a 326.

Variedades scientificas. Critica philosophica, (plano de uma Universidade reformada,) pag. 327 a 337.

Sobre a Bibliomania, pag. 351 a 355.

Reflexões moraes sobre a infidelidade em amor, pag. 356 a 359.

Considerações imparciaes sobre os Inglezes, pag. 369 a 382.

Critica. O Progresso das Luzes, de pag. 433 a 443.

No tomo II:

Noticia da Geographia do Philosopho *Kant*, pag. 25 a 37.

Litteratura. Parallelo: Annibal, e Scipião, de pag. 38 a 52.

Critica. A Maledicencia. Ironia moral, de pag. 60 a 70.

Quaes são mais felizes, os homens, ou as mulheres? Problema, pag. 102 a 107.

Historia do quadro da Cêa do Senhor, pintado por Leonardo de Vinci, pag. 108 a 114.

O usurario. Ficção moral, pag. 114 a 121.

Carta supposta, que finge lhe dirigiram, convidando-o para que tratasse n'aquelle Jornal de reflexões politicas, pag. 121 132.

A Geographia. Critica, pag. 132 a 144.

Carta supposta de um amigo, sobre os assumptos politicos do tempo, pag. 184 a 191.

Reflexões sobre a independencia natural do homem (artigo traduzido do francez). pag. 191 a 195.

O medo dos Beleguins. de pag. 201 a 205.

Considerações philosophicas sobre o Systema legislativo de Licurgo. (Parece traducção), de pag. 217 a 230.

Anecdota ingleza commentada, pag. 230 a 234.

Critica. Livros novos de Livros velhos, de pag. 278 a 281.

Anecdotas inglezas, pag. 281 a 284.

Resposta do editor á Critica filosofica do Aristarchus. *(Tem no fim)* O Pateta Redactor do Jornal Encyclopedico. Lisboa e *Forno do Tijolo*, 28 de Janeiro de 1821, de pag. 334 a 336.

Critica. A apparição da mulher do Monitor de Buonaparte. Carta escripta em 1813, sobre a questão: Que cousa he um Periodico, discutida no Semanario. *(No fim:)* J. A. de Macedo, de pag. 355 a 360.

Juizo critico sobre a philosophia, etc. traduzido do francez, pag. 368 a 375,

Critica. A minha Medecina da rua. *(No fim:)* J. A. de Macedo. de pag. 403 a 407.

Reflexões sobre a morte (serve de fundamento a este artigo uma passagem da *Historia de Gil Braz de Santilhana*, que vem no tomo II, pag. 20 da edição de 1801), pag. 408 a 413.

*NB.* Além d'estes ha uma *Epistola a Buffon*, que por ser em verso vae descripta na classe de poesia.

No *Jornal de Bellas-Artes ou Menmosine Luzitano*, em 2 vol. publicado de 1816 a 1817 por Pedro Alexandre Carvoé. N'elle apparece collaboração de Macedo, de pag. 196 a 199. *A Bocage, na sua enfer-*

*midade;* no 2.º vol. pag. 301 a 302: *Descripção de uma figura hedionda.*

**NA GAZETA UNIVERSAL**, politica, litteraria, e mercantil (redigida por J. J. P. Lopes)—Lisboa: na Imprensa Nacional, 1821 a 1823. Em folio, 4 volumes; vem de J. Agostinho os seguintes artigos:

### Anno de 1821

Carta do R. P. José Agostinho de Macedo, expondo, e desenvolvendo as suas idéas ácerca do modo como no systema representativo se devem entender os principios designados com os nomes de *egualdade, liberdade, propriedade* e *segurança*. N.º 177, de 3 de Dezembro.

Continuação da mesma materia. N.º 179, de 5 de Dezembro.

Continuação da mesma. N.º 183, de 11 de Dezembro.

### Anno de 1822

Carta ao redactor da Gazeta, incluindo outra que dirigia ao do Diario do Governo, em que analysa e moteja um artigo do mesmo Diario n.º 308. sobre um facto acontecido em Valença de Hespanha. N.º 8. de 10 de Janeiro.

Carta ao redactor, analysando outro artigo inserto no Diario do Governo, em que se davam noticias dos successos politicos do reino de Galiza. N.º 9, de 11 de Janeiro.

Carta sobre outro artigo do Diario, onde se fallava de tomadias de trigo feitas aos Castelhanos em Bragança, como de um meio seguro para animar a agricultura de Portugal, etc. N.º 20, de 25 de Janeiro.

Carta, em que começando por expôr um facto de *Jeremias Bentam*, celebre publicista inglez, descae por uma transição que não deixa de ser forçada, sobre *Pato Moniz*, e *Cavroé*, ridiculisando-os e aos periodicos por elles redigidos. N.º 27, de 4 de Fevereiro. (Falta no Cat. Abranches.)

Carta sobre *Pato Moniz*, e sobre a Maçonaria. N.º 44, de 25 de Fevereiro.

Carta sobre os mesmos assumptos. N.º 51, de 5 de Março.

Carta diatribe sobre *Pato Moniz*. N.º 60, de 15 de Março.

Carta em que estabelece o Paradoxo: Que a cousa mais similhante e mais parecida a um liberal, é um *corcunda:* o qual sustenta por meio de um longo parallelo até dar por demonstrada a sua proposição. N.º 64, de 21 de Março.

Carta, na qual depois de uma larga digressão sobre *Pato Moniz* e sua vida privada, continúa o parallelo da Carta antecedente, indicando o final que não ha entre *liberaes* e *corcundas* se não uma só differença, que é exercitarem os *corcundas* muitos e diversos officios e profissões, sendo uns sapateiros, outros alfaiates, outros brigadeiros, generaes, sacristães, pedreiros, etc: em tanto que os liberaes tem to-

dos um unico officio, que é o de pedreiro. N'esta mesma começa a combater a obra do *Abbade de Medrões*, intitulada *O cidadão Lusitano* defendendo os membros da antiga Regencia, etc. N.º 69, de 28 de Março.

Carta em que ataca e moteja *João Bernardo da Rocha*, servindo-lhe de thema o *Exame critico* que este publicara sobre o estado dos negocios do Brazil; e depois continúa a confutar o *Abbade de Medrões*, no que dissera ácerca das irmandades e confrarias de Lisboa. N.º 73, de 2 de Abril.

Carta destinada a combater o *Abbade de Medrões*, por este haver defendido os pedreiros-livres. Tambem discorre sobre a accusação que o Promotor fiscal da Liberdade da Imprensa fizera da carta supra inserta no n.º 69. N.º 76, de 9 de Abril.

Carta em que prosegue confutando as doutrinas do *Abbade de Medrões*, e volta novamente á questão do artigo accusado, estabelecendo a differença de acepção entre as denominações de *Liberal* e *constitucional*. N.º 78, de 11 Abril.

Carta na qual continua a invectivar o *Abbade de Medrões* pelo que dissera sobre os inconvenientes do grande numero de dias sanctificados, sobre o abuso de frequentar egrejas, e outros pontos similhantes. N.º 83, de 17 de Abril.

Pequeno artigo ácerca da accusação do N.º 69 da *Gazeta*, declarando a maneira porque intentava defender-se perante o Tribunal da Liberdade de Imprensa. No fim assigna-se *O Surdo-mudo do Forno do Tijolo*. N.º 91, de 26 de Abril.

Declaração que faz ácerca da falsidade com que lhe fôra attribuido um artigo inserto no n.º 94 da *Gazeta*, o qual o tenente d'artilheria *Antonio Pinto da Fonseca Neves* accusara perante o Tribunal de Liberdade de Imprensa. N.º 105, de 13 de Maio.

Discurso sobre as eleições de Deputados para a nova legislatura, onde se mostram as qualidades que devem ter os eleitos. (Este artigo é anonymo; porem affirma-se haver sido escripto pelo Padre.) N.º 177, de 14 d'Agosto.

Correspondencia (anonyma) assignada *O Constitucional Catholico*, contendo varias considerações sobre as doutrinas ennunciadas em differentes periodicos do tempo, e fazendo a apologia da *Gazeta Universal* (Dizem que é de José Agostinho.) N.º 183, de 22 d'Agosto.

Carta sobre a sua nomeação de deputado substituto pelo Circulo de Portalegre, agradecendo aos eleitores que n'elle votaram. Promette mandar alguns artigos para a Gazeta, etc. (É a primeira composição que assignou com o seu nome, depois do protesto que fizera em 12 de Maio, de não mais escrever.) N.º 228, de 15 de Outubro.

Carta onde figura querer negar que sejam seus alguns papeis publicados recentemente, e que se lhe attribuem, taes como as *Gaitadas do Anão dos Assobios*, etc., etc. porém ahi mesmo deixa entrever que são suas aquellas producções. N.º 234, de 22 de Outubro.

Carta sobre a publicação pela imprensa de um folheto intitulado *Constituição da Maçonaria Lusitana*, o qual lhe serve de thema para

brindar *Pato Moniz* com uma diatribe das do costume. N.ª 246, de 6 de Novembro.

Carta ácerca de um papel que lhe dirigiram, com o titulo de *Berro:* e depois de algumas particularidades que lhe dizem respeito, transcreve seis outavas que diz escrevera para servirem de dedicatoria do poema *Oriente* á Nação Britanica. (Esta dedicatoria foi depois supprimida na 2.ª Edição que d'aquelle poema se fez em 1827.) N.º 252, de 13 de Novembro. (Vimos estas Outavas). *Da revisão.*

Carta sobre haver de comparecer na audiencia do Juizo de Liberdade de Imprensa para responder á accusação que se lhe fizera pelo artigo inserto do n.º 69 da Gazeta. N.º 254, de 15 de Novembro.

Carta em resposta a uma que apparecera impressa no *Astro da Lusitania* n.º 208, ácerca do prior do convento de Monte-mór. (Dizem ser de J. A., posto que não traz o seu nome). N.º 261, de 23 de Novembro.

Carta elogiando o merito e serviços do coronel *Raimundo José Pinheiro.* N.º 264, de 27 de Novembro.

Carta, contendo reflexões sobre alguns factos do tempo: Sermão prégado na ermida de Cazellas pelo P.ᵉ *Vicente de Sancta Ritta.* Espionagem da policia. Juramento da Rainha, etc. N.º 277, de 12 de Dezembro.

Carta sobre a questão do Juramento da Rainha, analysando o procedimento das Côrtes e do Governo a esse respeito. N.º 286, de 23 de Dezembro.

### Anno de 1823

Carta em agradecimento a um anonymo, que fizera inserir na Gazeta n.º 24 o *Elogio* do Padre. N.º 27, de 4 de Fevereiro.

**MUSEU LITTERARIO, UTIL, E DIVERTIDO.**—Lisboa: na Imprensa Regia, 1833. In-4.º de 416 pag. compõe-se de 13 numeros.

N.º 2, pag 56 a 58 do mesmo Museu:

Resposta do Padre José Agostinho de Macedo á Commissão de Censura, quando (em 1827) o mandou consultar da parte do Governo, se queria ser o Censor do Periodico dos Pobres.

N.º 6, pag. 161 a 171:

Carta do Doutor Manoel Mendes Fogaça escrita de Lisboa a hum seu amigo Trasmontano, sobre o grande prodigio do universal, ou encoberto das Botas.

N.º 9, pag. 276 a 280:

Censura e Parecer do Padre José Agostinho de Macedo, sobre o Programma da Dança do Dia de Juizo, (que se não permittio.)

N.º 13, pag. 385 a 407:

Reflexões Criticas do Padre José Agostinho de Macedo sobre hum Soneto, que aos annos de Sua alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor sahio impresso em Lisboa no dia 13 de maio de 1811.

As obras com que collaborou no *Almanach das Musas* (1794), *Astro da Lusitania* (1820), *Correio interceptado* (1825), *Mastigoforo* (1824),

*Minerva, Mnemosine Constitucional* (1820), *Mnemosine lusitana* (1816), *Museu litterario* (1833), etc., acham-se apontadas nas secções respectivas.

CARTA a Pedro Alexandre Cavroé, em satisfação de uma allusão que a elle dizia respeito (a qual se acha no *Jornal encyclopedico*. N.° 9, pag. 189-190)—Transcripta na *Mnemosine Constitucional*, N.° 10, de 11 de janeiro de 1821—Lisboa, na Imprensa Nacional. In-4.° grande. (Falta no Cat. Abranches.)

CENSURA do Mastigoforo periodico mensal composto por Fr. Fortunato de S. Boaventura.—Vem no mesmo periodico. N.° 3, a pag. 121.—Lisboa na Imprensa Maigrense, 1824. In-4.° (Ha outras ineditas.)

CENSURAS de um Livro de factos memoraveis da Historia de Portugal, e de um opusculo intitulado O Somnambulo.—Foram insertas no *Correio interceptado*, a pag. 185-195.—Londres, na imprensa de M. Calero, 1825. In-16.° (Abundam em incorrecções e erros typographicos, segundo vimos pela confrontação com os respectivos autographos.)

CENSURAS da Obra, ou informações ácerca da Historia da Reforma Protestante de Inglaterra e Irlanda, por Guilherme Cobbet, traduzida do inglez.—Lisboa: na typographia de *Bulhões*, 1827. In-4.° de 355 pag. A 1.ª Censura vem a pag. 3; a segunda a pag. 127, e a terceira a pag. 201. A primeira tambem sahiu impressa na *Collecção de varios e interessantes escriptos* do P.e (já citada acima) no 2.° folheto, a pag. 33.

CENSURA de um periodico intitulado Semanario Religioso.—Sahiu no prospecto, ou annuncio para a publicação do mesmo Semanario, Lisboa; Impressão de *Carvalho*, aos Paulistas, 1827. Um quarto de papel.

CARTA a Joaquim José Pedro Lopes sobre o merecimento do opusculo intitulado A ligitimidade da exaltação de D. Miguel I ao throno de Portugal demonstrada por principios de Direito natural e das gentes.—Por Philippe Nery Soares d'Avellar. Lisboa: na imprensa Regia 1828: In-4.° (Anda com o mesmo opusculo, porém foi impressa em separado. em 4 paginas de 4.°, e no fim uma breve censura da mesma obra, feita pelo mesmo J. A. na qualidade de Censor do Ordinario.)

ARTIGO communicado sobre o modo legal de proceder á acclamação de D. Miguel.—Inserto na *Gazeta de Lisboa*, N.° 103. Lisboa: na impressão Regia 1828, em folio.

INFORMAÇÃO ou censura da obra—Exame critico e historico do livro dos Martyres de Fox, traduzido do inglez. Vem no principio da

mesma obra, e occupa tres paginas não numeradas. Lisboa: na typographia de *Bulhões*, 1828. In-4.º

**CENSURA** ao folheto intitulado:—*Cancioneiro patriotico* ou o systema das idêas liberaes examinado e refutado por um presbytero do bispado de Leiria. Vem incorporada no mesmo folheto, occupando tres paginas sem numeração. Lisboa: na Impressão regia, 1829. In-8.º

**PREFAÇÃO** da obra—D. Miguel I.—Vem no principio da mesma obra de pag. III a VIII. Lisboa: na Impressão regia, 1828. In-4.º

—— (2.ª e 3.ª edição.)—Ibidem, 1829. Mais correctas.

Transcrevemos do *Conimbricense*, n.º 5204, o seguinte artigo de Martins de Carvalho, que esclarece este ponto:

«No anno de 1828 foi impresso na lingua franceza em Paris, e reimpresso em 1830, um grosso volume, com o titulo *La légitimité portugaise.*

Publicou-se anonymo, mas sabemos que foi escripto pelo barão de Bordigné, e possuimos um exemplar, em excellente estado de conservação, o qual obtivemos em Paris.

Uma das partes em que se divide o livro tem por titulo *D. Miguel I.*

Esta parte foi traduzida e publicada em Lisboa por José Agostinho de Macedo em 3 edições, nos annos de 1828 a 1829, com o seguinte titulo:

*D. Miguel I.—Obra a mais completa e concludente que tem apparecido na Europa sobre a legitimidade e inauferiveis direitos do senhor D. Miguel I, ao throno de Portugal, traduzida do original francez.*

Esta obra, tanto no original francez como na traducção de José Agostinho de Macedo, é acompanhada por uma estampa lithographada, representando o apparecimento de Christo a D. Affonso Henriques, no campo de Ourique.

José Agostinho de Macedo precede a traducção d'esta obra de uma *Prefacção*, que occupa 6 paginas, terminando pela seguinte fórma:

«Pode o Reino servir-se do presente Escripto, como de hum escudo contra os furiosos ataques de seus inimigos, tão perfidos como mentecaptos, e não dar outra resposta a esses pueris sofismas, com que pertendem obscurecer a verdade, e suffocar as vozes da razão, e da justiça. Nada mais he preciso para snstentar a justa Causa, e resolver a Questão. Os Soberanos abrirão os olhos, e se convencerão de huma vez. Os perfidos foragidos, se ainda os sentimentos de vergonha não estiverem de todo extinctos em seu pervertido coração, ficarão cheios de terror, e de confusão, vendo que os estranhos, os indifferentes defendem a Causa dos Portuguezes, reconhecem a Legitimidade daquelle Rei, que elles insultão com os seus Escriptos, e perseguem com suas tenebrosas machinações, e até com suas armas Regicidas, e Matricidas.

«Em quanto ao merecimento da Tradução, esta he a mais Portugueza a que melhor conserva todo o enfasi, toda a energia, e toda a

vehemencia do Original; persuadindo-se o seu Auctor, e Editor que este trabalho he o mais assignalado Serviço, que se pode fazer a ElRei Nosso Senhor, e em geral a toda a Nação Portugueza, fazendo-lhe proprio o que era estranho, depositando em suas mãos hum Manifesto egual em força áquelles, que firmarão na posse do Throno o Grande Rei D. João IV. Tal he o Parecer, sempre desinteressado, sempre imparcial, de

*José Agostinho de Macedo.*

Lisboa 17 de Novembro de 1829.»

«O barão de Bordigné reproduziu no seu livro *La légitimité portugaise*, um opusculo já publicado em Paris por Antonio Ribeiro Saraiva, contendo o auto dos chamados tres estados do reino, que acclamaram os suppostos direitos de D. Miguel ao throno portuguez.

José Agostinho de Macedo occultou no titulo da sua traducção o nome do auctor.

Ao fallecido Antonio Ribeiro Saraiva é que devemos o ter conhecimento de que o auctor do notavel livro *La légitimité portugaise* fôra o barão de Bordigné.

Nunca vimos egual informação em parte alguma.»

**CENSURA e REFLEXÕES** sobre a publicação do Manifesto do Grande Oriente Lusitano contra a Loja Regeneração, e Circulares e protestos d'esta contra o Grande Oriente, etc. Vem transcriptas no principio do dito Manifesto. Lisboa: na typographia de *Bulhões*, 1828. In-4.º de 45 pag. De pag. 3 até 9.

Segue-se esta violenta *Censura* de José Agostinho de Macedo acerca do referido *Manifesto*:

«Excellentissimo e Reverendissimo Senhor.—N'este requerimento se pede liçenca para a reimpressão de um papel, que ainda depois de visto com os olhos, e conservado na mão, se duvida da sua existencia. Julgo conveniente que se reimprima, se publique, e se espalhe por todo este reino, para que os povos reconheçam de uma vez, a quem devem as desgraças, que padecem; e quem sejam os malvados, que depois de haverem sido origem de tantos pezares, teem a impudencia de deixarem pela imprensa uma publica confissão d'aquillo mesmo, que elles fazem.

«Os auctores do Manifesto, por cada lettra, que n'elle escreveram, mereciam uma forca. V. Excellencia, se for servido deveria dar licença para a sua segundo reimpressão, pois esta é a primeira segundo a advertencia do principio, para que o povo por cada lettra lance uma maldição aos perversos que o escreveram.

Lisboa 4 de Dezembro de 1828.

*José Agostinho de Macedo.*»

Vem depois as *Reflexões* de Macedo, em linguagem sanguinaria contra a maçonaria, terminando com os seguintes periodos:

«O mundo inteiro que se não conhece a si, nos dá a conhecer os pedreiros livres, e para que o mundo não entrasse em duvida, os mações descaradissimos, quizeram neste manifesto testemunho perpetuar as provas de seus crimes, e das nossas desgraças.

«Respondam ao que elles mesmo confessam. Agora será o abbade Barruel, qne accumula sobre elles, homens probos, cidadãos pacificos, tantas calumnias, ou o padre do Forno do Tijolo. que pretende cobrir a augusta ordem de ridiculo eterno?

«Diz o Manifesto a pag. 16, que das tramas do irmão Trajano— «*nasce o nefando Scisma, que ousa temerariamente emprehender derribar o grande Templo*» usurpar o «grande Malhete» *e constituir-se «arbitro da Maçonaria Lusitana»*.

«Para este «*grande Malhete*» quereria eu dar um risco, ou molde, um figurino, «*grande Malhete*» cujas dimensões, e volume fossem taes, que a cada golpe ficasse esborrachada uma cabeça pedreira; e continuar a malhar até não ficar no mundo uma só cabeça pedreira.

«Estas cabeças assim muito bem esmagadas, fariam com que as nossas não andassem tanto á roda com o que temos visto, e que por mal de peccados continuaremos, se com effeito o «*grande Malhete*» na forca não trabalhar.

«Pedrouços 4 de Dezembro de 1828.»

Foi reproduzido no *Conimbricense*, n.º 5193, (3-8-97.)

**RESPOSTA** ao malicioso folheto intitulado:— *Refutação ás excommunhões de Clemente XIV, sobre os pedreiros livres.* Em que se mostra a falsidade dos argumentos, de que o author da Refutação se servio para mostrar serem nullas as *Excommunhões*, e em que se prova com toda a evidencia o quanto são validas, e justas. Lisboa: Na Impressão de J. B. Morando, 1822. In-8.º de 46 pag. (Anonymo.)

**CENSURA** para a reimpressão da tragedia Fayel, em que tambem pede a escusa do cargo de Censor.—Foi transcripta a pag. 291 do *Chaveco Liberal*, de 25 de Novembro de 1829, publicado em Londres por *José Ferreira Borges*, impresso por R. Greenlaw, 1829. In-8.º grande. (Reimpressa no presente volume, pag. 193, e tambem no *Conimbricense*, n.º 5199). Fôra creada uma Commissão ecclesiastica para a reforma do Clero, composta do Prior-mór de Christo, Prior-môr de Guimarães e Deão de Braga Motta Godinho, sendo secretario José Agostinho de Macedo. Tendo de dar parecer sobre *Fayel* foi-lhe Macedo favoravel, mas contrariado pelo desembargo do Paço, resultou a Carta ao Vigario geral, e a escusa de Censor.

**RESPOSTA** dada á Commissão de Censura, quando em 1827 o man-

dou consultar da parte do Governo, se queria ser o Censor do Periodico dos Pobres.—Sahiu posthuma no *Museu Litterario*, a pag. 56 e seguintes. Lisboa: Na Impressão regia, 1833. In-4.º

**CARTA** do dr. Manuel Mendes Fogaça escripta ao seu amigo transmontano sobre o grande prodigio do invisivel ou Encoberto das botas (escripta em Dezembro de 1811).—(Sahiu posthuma no dito *Museu litterario*, de pag. 161 a 171).

**CENSURA E PARECER** sobre o programma da dança O Dia de Juizo, que se pretendia representar no theatro de S. Carlos em 1825. —Sahiu no dito *Museu*, de pag. 276 a 280.

**CARTA A UM AMIGO** que lhe fez vêr o manuscripto de uma resposta que dá o Pe Me Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, ao Ill.mo Conselheiro João Pedro Ribeiro.—Inserta de pag. 25 em deante no folheto *Brevissima resposta ás Reflexões*... Lisboa: na Impressão regia, 1830. In-4.º

**PARECER** qne deu sobre o escripto intitulado:—*Que relação ha entre a legitimidade de um Governo, e o seu reconhecimento pelas potencias estrangeiras*. Problema que resolve Philippe Nery Soares d'Avellar. Lisboa, na Impressão regia, 1832. In-4.º Vem no principio do mesmo opusculo.

**CENSURA** de um livro intitulado:—*Vida e obras da madre seraphica Sancta Thereza de Jesus*, feita em 2 de Fevereiro de 1826. Sahiu posthuma na *Minerva* ou Jornal de instrucção amena e proveitosa (de que foi editor Joaquim José Pedro Lopes, e só se publicaram dois numeros). Lisboa: na Imprensa imparcial, rua dos Douradores, 1836. In-4.º Vem no n.º 1, de pag 14 a 19.

**CENSURA** de José Agostinho de Macedo, sobre a Vida de Santa Thereza, 1826.—(No *Conimbricense*, de 1875-76, n.º 2877).

**CARTA** (anonyma) dirigida á Academia Real das Sciencias, em 1818.—(Sahiu a pag. 31 da *Miscellanea constante de peças ineditas*).

**CENSURA** de uma relação de festas celebradas em 1828 na egreja da Encarnação, publicada por um que se assignava o Boticario apedrejado.—Vem a pag. 32 do 2.º folheto da *Collecção de varios e interessantes escriptos do Padre*, etc. já citada.

**CARTAS** de José Agostinho de Macedo, dirigidas a Fr. Domingos de Carvalho, lente de theologia, em 1827, 1829 e 1830.—Publicadas no *Conimbricense*, de 1871, n.os 2449 e 2450. Tambem se acham no *Conimbricénse* de 1873, n.º 2658, alguns documentos sobre José Agostinho; e no anno de 1783-84, n.º 3841 a Polemica com o Pe Fr. José Narciso.

## Miscellanea

**GAZETAS DE LISBOA**, de março de 1792 a dezembro.—(Attribue-se-lhe a redacção durante estes dez mezes.)

**HISTORIA DE PORTUGAL** composta por uma Sociedade de litteratos, trasladada em vulgar por Antonio de Moraes e Silva, e agora novamente accrescentada com varias notas, e com o resumo do reinado da rainha Nossa Senhora até o anno de 1800.—Tomo IV. Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias. 1802. In-8.°—Pertence n'esta obra a José Agostinho, posto que não traga o seu nome, desde pag. 74 até 150 (ultima do volume) onde se contém uma breve noticia, ou antes o panegyrico do reinado de D. Maria I.

**ELOGIO DE MATHEUS FERNANDES** (que se diz ter sido o primeiro architecto do convento da Batalha).—Sahiu anonymo na collecção intitulada: *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação portugueza*, etc. N.° 4. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1817. In-4.° (Este impresso differe muito do autographo que vimos. licenceado para a impressão em 16 de Outubro de 1806, o qual existiu em poder do sr. J. Crispim da Cunha). Foi este Elogio objecto de criticas e censuras, como se póde ver no *Espectador portuguez*, Tomo I, pagina 94.

**RELAÇÃO DAS FESTAS DO LORETO** (por occasião da restituição do Papa Pio VII á Santa Sé, em 1814).—Lisboa: Na Impressão regia. In-4.° de 4 pag. Postoque sahisse anonyma, o estylo revela assás quem seja o seu auctor.

**O SEGREDO REVELADO**, ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal Revolução franceza.—Obra extrahida das memorias para a *Historia do Jacobinismo*, do Abbade Barruel, e publicada em portuguez:

——I. Parte.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1809. Com licença. In-8.° de 15-108 pag.

——I. Parte.—(2.ª edição).—Lisboa, Na Impressão de Alcobia. Anno 1810. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. In-8.° de XVI-108 pag.

——II. Parte.—Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1810. Com licença, numerada de pag. 109 a 238, (a pag. 199 traz uma estampa).

——(2.ª edição).—1820, na typ. de Desiderio Marques Leão.

——III. Parte.—Lisboa: Na Impressão regia. Anno 1810. Com licença. In-8.° de XII-126 pag.

——(2.ª edição).—Na Impressão de J. F. M. de Campos. Anno 1816. Com licença da Meza do Dezembargo do Paço. In-8.° de XI-126 pag.

——IV. Parte.—Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1810. Com licença. In-8.° de XII-124 pag.

——(2.ª edição).—1820, na typ. de Desiderio Marques Leão.

——V. Parte.—Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1811. Com licença da Meza do Dezembargo do Paço. In-8.° de XIV-248 pag. e uma estampa.

——VI. Parte.—Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1812. Com licença. In-8.° de VIII-112 pag.

Conforme as mais veridicas noticias, J. A. não teve outra parte n'esta publicação além dos prologos que se acham á frente de cada um dos volumes, e Innocencio tinha alguma duvida se é ou não seu o da 3.ª parte. O autographo do prologo da VII Parte existiu em poder de Innocencio. Toda a traducção parece ter sido obra de D. Benevenuto Antonio Caetano de Campos, clerigo regular; o que consta das informações que deu o livreiro *Marques Leão*, editor que foi d'esta compilação.

**O ARREPENDIMENTO PREMIADO.**—Historia verdadeira, que á Ill.ma Sr.ª D. J. T. de B. L. de S. P. E. C. (D. Joanna Thomasia de Brito Lobo San Paio, etc.) offerece *** Lisboa: Na Impressão regia, 1818. In-8.° de 82 pag. É traducção de uma pequena novella ingleza, e traz no principio uma dedicatoria do traductor.

**LADAINHA DA PAIXÃO de nosso bemdito Salvador.**—Traduzida litteralmente de um cathecismo inglez, intitulado: *Chave do Paraiso*, impresso em Londres em 1732, e comprehendida nas pag. 147 e seguintes: e *Ladainha dos mysterios de Nossa Senhora*. (Foi impressa sem nome de auctor). Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1821. In-12° pequeno, de 32 pag.

——(2.ª edição).—Na mesma Imprensa e anno. In-12.° de 19 pag. (Não tem a *Ladainha dos Mysterios de N. S*).

**ANNUNCIO AO PUBLICO** (para a publicação de uma collecção de Sermões do auctor, que devia comprehender dez volumes em oitavo, contendo cada um d'elles até 12 Sermões).—Datado do *Forno do Tijolo* a 6 de Setembro de 1824. Lisboa: Na Impressão regia, meia folha de papel. (Não se realisou o plano).

**MODO PRATICO** de ganhar o sagrado Jubileu do anno santo, conforme as disposições da bulla do summo pontifice Leão XII.—Lisboa: Na Impressão regia, 1826. In-12.º pequeno, de 24 pag.

**NOVENA** da Santissima Virgem Mãe de Deus e Senhora nossa, Cuja sacrosanta imagem, milagrosamente apparecida em uma gruta junto a Carnachide, se venera na Basilica de S.$^{ta}$ Maria: disposta e ordenada por J. A. de M. (sómente com as iniciaes). Lisboa: na nova Impressão Silviana, 1827. In-8.º de 55 pag. (E uma estampa gravada de N. S. da Conceição da Rocha).

—— (2.ª edição.)—Nova edição expurgada de muitos erros com que sahiu na 1.ª em 1827. Lisboa: Na Impressão Regia, 1832. Com licença. In-8.º de 62 pag. e uma estampa a *N. S.ª da Conceição da Rocha.*

**RELAÇÃO DAS OPERAÇÕES MILITARES**—da Expedição que debaixo do commando do Chefe da Esquadra da Armada real, José Joaquim da Rosa Coelho, foi mandada aos Açores para bater os rebeldes acoutados na Ilha Terceira, as quaes operações se notaram desde o dia 17 de Maio de 1829 até 16 de Agosto do dito anno, em que a Esquadra e tropas se dissolveram e separaram. Lisboa, 1829. In-4.º de VIII-35 pag. (Esta Relação foi coordenada por José Agostinho de Macedo com os documentos que lhe forneceu o coronel Lemos commandante da tropa expedicionaria. A Advertencia é da penna do mesmo padre). Dr. Ernesto do Canto, *Cat. das Obras nacionaes e estrangeiras* relativas aos successos politicos de Portugal, pag. 250, 2.ª edição.

**RELAÇÃO DAS FESTAS** celebradas pelo Anniversario do sr. D. Miguel em Pico de Regaladas.—Lisboa, 1828. In-4.º

**NOTICIA** sobre a Analyse do Poema—*Oriente.*—1815. In-4.º

**COMPOZICIONI DIVERSI** etc.—*Poesias italianas analogas á feliz chegada a esta capital de S. A. R. o sr. D. Miguel,* etc. por Eugenio Bartholomeu Bocanera, *traduzidas em portuguez.* Lisboa: Impressão de R. J. de Carvalho. 1828. Folh. In-4.º

**Á MORTE** da Ill.$^{ma}$ e Ex.$^{ma}$ D. Constituição.—Discurso funebre de Zé Goibinhas, publicado pelo Anão dos Assobios. Lisboa, na Off. da Viuva Neves, 1823. In-4.º

**CARTA DE DESPEDIDA** ao resto do Exercito francez, pelos fieis e honrados Portuguezes.—Lisboa, na Officina de Simão Thadeu Ferreira, 1808. In-4.º de 7 pag.

**REPRESENTAÇÃO** feita ao Intendente geral da Policia em 1818,

contra Pato Moniz.—*(No Portuguez Constitucional regenerado,* n.º 94, de 1822).

DISCURSO sobre a Abertura do Seminario episcopal de Elvas.—Lisboa, 1816. In-4.º (Falta no Cat. Abranches).

ANNUNCIO para a publicação de um intitulado periodico—*Pedro de Malas Artes,* 1821.

PROSPECTO para a publicação do Jornal—*Escudo da Patria,* 1823.

REQUERIMENTO feito em nome do Coronel Raimundo José Pinheiro.—Fol.

DISTICOS que se puzeram na grande illuminação do Bairro de Belem.—1828. Fol.

## Attribuidas

SENTENÇA proferida na Casinha da Almotaçaria—sobre o 4.º Tomo das Obras de Bocage (anonyma). Lisboa, Impressão regia, 1813. In-4.º (É de Pedro José de Figueiredo).

SUCCESSÃO DO REINO,—Theorema Politico.—Lisboa, Impressão regia, 1828, fol. meia folha. (Com as iniciaes J. C. C. M.=João Chrysostomo do Couto e Mello.) Vid. *Subsidio para um Dicc. de Pseudonymos*, pag. 128.

EPISTOLA DE MANUEL MENDES FOGAÇA sobre as proezas de um Rafeiro—(attribuido por Innocencio a V. J. L. M. de G.=Victorino José Luiz Moreira da Guerra). *Dicc. de Pseudonymos,* pag. 157.

MINERVA ou Jornal de Instrucção amena, por Joaquim José Pedro Lopes.—1838, Typ. Maigrense. No n.º 2, a pag. 21, traz obras do Padre. (Em nota accrescenta Innocencio: «Preciso vel-o, pois que duvido, que tal exista.») No n.º 1.º de 1836, de pag. 14 a 19.

## OBRAS MANUSCRIPTAS

## DE QUE HA NOTICIA E EXISTEM AO PRESENTE

---

### Poesias em diversos generos

**A THEBAIDA, DE STACIO** (traduzida em verso portuguez).—Allude a esta traducção Bocage na *Satira a Macedo*, declarando que a emendara. Na Bibliotheca de Evora (Cod. CXXII—2-2) ha um ms. contendo os primeiros 79 versos do livro 1,º d'este poema. (Catalogo, pag. 46).

No Catalogo da Livraria Pereira Merello, sob o numero 361, vem descripto: *Thebaida*, de P.e José Agostinho de Macedo; e sob o n.º 691 b. vem descripto o manuscripto—*Stacio*, só o 2.º tomo.

Innocencio apontava este poema entre as *Obras manuscriptas que se reputam perdidas*.

«Os seis primeiros livros. Havendo José Agostinho emprestado o inteiro manuscripto em dois volumes a Clemente J. M. da Costa, empregado na Alfandega, e mandando depois buscal-o por uma criada, esta perdeu no caminho o 1.º tomo, que nunca mais appareceu.» (Ms. da Academia). Macedo ainda chegou a traduzir o 1.º Canto, que se conservou na collecção Ferreira da Costa.

**OBRAS DE HORACIO** (traduzidas).—Innocencio collocava-as entre as Obras manuscriptas que se reputam perdidas. Vem no Catalogo Pereira Merello, n.º 691 b.: *Obras de Horacio, que principiou a traduzir, o 2.º tomo.*

Não se perdeu pois em mãos de Fr. José da Conceição Velloso, como Innocencio julgava.

**ZAIDA, Tragedia em 5 actos, que se representou no theatro da Rua dos Condes no anno de 1804.**—Contêm (na copia que temos á vista) 1439 versos. Foi mandada retirar da scena por Aviso do Intendente geral da Policia, de 14 de Janeiro de 1805. Bocage allude a ella. (Catalogo Merello).

**PANEGYRICO ao Ex.mo e R.mo Sr. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, etc.**—Escripto no tempo em que o auctor ainda se assigna Fr. José de Santo Agostinho, Eremita Augustiniano.

Contém 301 versos rimados, com uma dedicatoria (Carta) em prosa, começa:

> Desconhecida voz para louvar-te
> Sagrado heroe, no mundo hoje apparece;
> Não vem a vil lisonja celebrar-te,
> Que é sp'rito, que em mim se não conhece; etc.

Foi escripto pouco antes de 1788, porque ainda allude ás grandes esperanças ácerca do Principe D. José. (Citado no Cat. Merello, n.º 691 b.

**DUAS ODES** — (cujo autographo temos em nosso poder, Inn.) que julgamos compostas pelos annos de 1803 a 1804, segundo o testemunho do Morgado de Assentis. Ambas no gosto horaciano. A primeira começa:

> Não chames abastado, Elpino, aquelle
> Cujos extensos campos a fortuna
> Qual largo rio serpeando inunda etc.

A segunda é como se segue:

> O frio hynverno, que de neve cobre
> Os fundos vales, e agrilhôa as fontes...

**ODE** a Francisco Freire de Carvalho — (no tempo em que este era ainda religioso de Santo Agostinho.) Começa:

> Esses, que vês, oh Freire, astros brilhantes
> O manto recamar da noite opaca,
> Fachos supernos, que em perpetuos giros
> Parte correm do Olympo
> Com luminosos pés a estrada eterna
> E parte pelo espaço,
> Do Firmamento immobilmente fixos
> Têm mais certa mansão e ardor mais vivo; etc.

Consta de doze estrophes semelhantes á supratranscripta. Possue o autographo o sr. Eugenio de Castro.

**EPISTOLA** a Francisco de Carvalho Freire. — Começa:

> Bifam-se as cartas todas no correio:
> Tres m'escreveste, respondi-lhe logo,
> Agradecendo orbiculares queijos,
> D'essa charneca producções suaves etc.

Consta de 126 versos soltos, assignando: *José Agostinho de Macedo*, Rocio de Lisboa, 21 de Maio de 1808. Innocencio obteve uma copia do traslado de Ferreira da Costa, em 21 de Maio de 1842. Consultámos o autographo que possue o sr. Eugenio de Castro.

**SATIRA** contra os Poetas contemporaneos.—(Livro 2, do v. 111 até 123). Começa:

> Entre os platanos seus Frontonio escuta
> Amigo Juvenal, confusos eccos
> De Poetas sem fim, que as pedras quebram
> De Apolineo furor esporeados...

Consta de 518 versos soltos. Innocencio julga-a escripta entre 1806 e 1807. Está incompleta. Possue o autographo o sr. Eugenio de Castro.

**EPIGRAMMAS.**—Começam:

> —Por molestia uma mulher,...
> —São os cornos do marido...

——A *José Maria da Costa e Silva*, por alcunha o *Magriço*. Começam:

> —Deitou-se a sonhar Magriço
> —Sonhou Magriço, o Poeta,
> —Furtaram uma camisa...

(Da collecção Ferreira da Costa).

**ODE** por occasião da festividade de Nossa Senhora das Dores,—celebrada em *Faro*, em Julho de 1827. Um dos Anjos do Cirio repete os primeiros quatro versos, e todos repetem os dois ultimos. Principia:

> Dos altos céos rainha soberana,
> Destinada por Deus na eternidade
> A ser da especie humana
> A vida, a gloria, a paz, a liberdade etc.

Compõe-se de doze estrophes; ao todo 96 versos.

**ODE SAPHICA** em applauso do regresso, do Senhor D. Miguel a Portugal:—traduzida da lingua ingleza em 24 de Janeiro de 1828; em 36 versos. Eis o principio:

> Exulta, oh Lysia, que de teu triumpho,
> De teus prazeres se aproxima a hora:
> O teu famoso celebrado infante
> Rapido torna etc.

**ELOGIO DRAMATICO**, recitado em um theatro particular em Villa Franca de Xira, no dia de S. João 24 de Junho de 1818.—Em 49 versos endecasyllabos. São interlocutores os Genios da Lusitania e do Brazil. Começa:

> O laço fraternal, vinculo estreito
> Que em doce paz corcordes nos unira etc.

(Catalogo da Livraria Merelo, n.º 691 b.) Possuia-o o P.e Manuel Roiz de Abreu, de que tirou copia Ferreira da Costa.

**O VOTO SATISFEITO: Drama allegorico na eleição da ex.ma sr.a D. Jacinta Efigenia d'Abreu Coutinho, para dignissima Abbadessa do mosteiro de Cós.**—Compõe-se de 83 versos, e são interlocutores as tres Graças. Vestuario á Deusa. Eis aqui o principio:

> O céo nos escutou, e o céo propicio
> Encheu de nossos corações os votos etc.

(Catalogo Merello, n.º 691 b.) Assistiu o Abbade geral de Alcobaça e o proprio José Agostinho na grade em que se fez a representação.

**MONOLOGO recitado no theatro da rua dos Condes, em uma representação dada a beneficio do Cirio de N. S. do Cabo, no anno de 181?**—Em 71 versos. Começa:

> Se a patria, a gloria, a liberdade, o throno,
> Lusitanos heróes, são numes vossos;
> E só virtude social é centro
> Em que todos unis vontade e gosto; etc.

(Na Livraria Merello)

**LÔA para recitar na festividade de Nossa Senhora das Dôres em Faro, em Julho de 1827.**—Em 12 ramos, ou estrophes em quadras octosillabas. Começa:

> Do mais puro amor levados
> Hoje ao templo de Maria,
> Vamos com santa alegria
> Nossos votos consagrar. Etc.

**DISTICOS que se poseram em diversos logares do grande monumento da illuminação na Praça de Belem pelo regresso de Sua Magestade a estes seus Reinos.**—(Regresso de D. Miguel em Fevereiro de 1828). Começam:

1.º—Nas campinas de Ourique um Deus piedoso,...
2.º—De horrenda tempestade se enegrece,...
3.º—Do governo mais justo as rédeas toma...
4.º—De ferreo jugo, de grilhão pezado,...
5.º—Firma a Justiça o solio dos Reinantes...
6.º—Fechada noite em lugubre tormenta...
7.º—O Magnanimo Heroe c'o a invicta Espada...
8.º—O que em Roma foi Tito, e foi Trajano...
9.º—Se em outras éras um João 2.º...
10.º—Se um Manuel, monarcha Afortunado...
11.º—Quarto João, da estirpe de Bragança...

12.º—Entre milhões de Espiritos que assistem....

**OUTAVA** para o pedestal do retrato da Imperatriz rainha D. Carlota, que estava collocado na dita illuminação.—Começa:

> Rompendo as sombras fulgido levanta
> Do remoto horisonte o sol á frente etc.

**PARAFRAZE**—No dia dos annos de hum filho do Marquez de Borba, em 1828, e d'elle mesmo. São 13 quadras. Começam:

> Prometeu Deus a David
> (Homem de seu coração)
> Dar-lhe de filhos e filhas
> Numerosa geração. etc.

**DEZOITO QUARTETOS HENDECASYLLABOS** em louvor de D. Miguel,—(que parece terem sido compostos para alguma illuminação) em 1828. Eis o primeiro:

> Desde o céo o Senhor seus olhos lança
> Ao fiel Portugal magoado, afflicto,
> Com milagres lhe manda o Infante invicto,
> Precioso penhor da nossa esp'rança: etc.

**QUADRAS OCTOSYLLABAS** em estylo jocoserio ao Marquez de Borba—estando em Pedrouços no seu dia natalicio em 25 de Outubro de 1829. São dezesete; a primeira é a seguinte:

> «Bruxas são por certo as freiras
> Ou d'Arouca, ou de Odivellas,
> Mandando-me n'este dia
> Essa caixa de murcellas. Etc.

**SONETO** aos annos do mesmo Marquez—quando Governador do Reino, offerecido em 1814 por mão de um pretendente (Ferreira da Costa):

> A mão da providencia eterna e pia,
> Regula as Leis universaes do mundo;
> E com bondade, e com saber profundo
> Seus thesouros lhe dá, seus dons lhe envia. Etc.

**TRADUCÇÃO**—de um pequeno trecho do Poema do Padre *Vanieri*, intitulado *Praedium rusticum*, em que descreve os perus e seus costumes. São apenas 16 versos:

> De maior corpo os galos, que do imperio
> Do longiquo Peru tem nome, podem
> Esquecer-se do mundo immenso, e novo. Etc.

(Na livraria Merelo, n.º 6916.)

**SATIRA** (2.ª) a Manoel Maria Barbosa du Bocage — Escripta em em 1801, ou talvez no anno seguinte: em guisa de Epistola, com 302 versos, e com notas pessoaes. Começa:

> A ti, monada e zero, a ti, Bocage,
> O *Nada* te sauda, e nada inveja. Etc.

**SATIRA a D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.** — Escripta pelos annos de 1804, ou 1805. É tambem em forma de Epistola, simulando uma resposta do Marquez de Alegrete; contém 168 versos, porém ficou incompleta, como se vê do autographo que tivemos em nosso poder, e pertencera a Freire de Carvalho. Começa:

> Vejo a carta, Gastão, que não se explica,
> Ser para mim seu titulo publica:
> De rodilhas cruel apontoado,
> Qualquer leitor no fim fica logrado: Etc.

**SATIRA a Nuno Alvares Pereira Pato Moniz** — em resposta aos Sonetos com que este censurara a traducção das *Odes de Horacio*. Escripta em 1806; tem no autographo (pois não consta que d'elle exista alguma copia) 204 versos. Começa:

> Quando o facho immortal, que a mente escolta
> Na critica prudente, os passos guia,
> D'um *Pope*, d'um Despreaux, d'alheias obras
> A bondade se apura, o mau se nota. Etc.

**CARTA DE GONÇALO ANNES BANDARRA, escripta a João Baptista, da Fundição** — achada pela preta Susanna do Rosario na boca de um *(calhandro)*, que ia vasar á praia do Caes do Tojo. Parece ter sido escripta em 1808, quando foi levado ao quartel general de Junot um ovo que appareceu com as letras D. S. R. P. (D. Sebastião Rei de Portugal). Compõe-se de vinte e quatro quadras octosyllabas; porém desconfiamos que seja de J. A., ou pelo menos temos por muito viciada a copia que vimos. Começa:

> Meu camarada João,
> Propheta de gente alvar,
> No cu de Judas mettido,
> Eu te envio a saudar. Etc.

**PARODIA DO ELOGIO, que em noute de seu beneficio recitou a primeira actriz a senhora Marianna Torres, no theatro da rua dos Condes.** — Foi escripta em 1812, no tempo da rivalidade de J. A. com Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo, de quem é o Elogio parodiado. Começa:

> Acabei de fingir, sou outra agora,
> Sempre fui... e pareci senhora:
> Leis ao caracter meu alli mandavam
> Que désse o... aos que pagavam. Etc.

Comprehende ao todo 98 versos: vimos esta *peça* impressa in-8.º edição clandestina feita em Lisboa, 1837? porém está incorrecta, e cheia de erros typogagraphicos. É obscenissima e sem merito litterario. (Vem no Catalogo Merello.)

**ODE** ao eruditissimo senhor José Maria da Costa e Silva.—É uma especie de *centão* formado de versos, phrases, e vocabulos escolhidos nas composições do dito escriptor, nas de *Bocage, Pato Moniz, Santos e Silva*, etc., com a qual José Agostinho pretendia *ridiculisar* o estilo, e maneira dos poetas lyricos d'aquelle tempo. Parece ter sido escripta em 1812. Começa:

> *Horri-harmonico* Dante, inclina os *arvos,*
> Immoveis conservando as róseas *genas;* Etc.

Contém 105 versos em quinze strophes. (Citada no Catalogo Merello.

**ASSIM O QUEREM ASSIM O TENHAM.** Satira pelo Executor da alta justiça.—É precedida de um prologo em prosa, e comprehende 502 versos nas copias mais completas. Foi composta em 1814, e depois augmentada em 1818 ou 1819, com um longo trecho, em que invectiva os medicos mais conhecidos que então floreciam em Lisboa. Tem muitas notas pessoaes. Começa:

> Em torpe conselho do Pindo as cigarras
> Se uniram n'um molho na loja das Parras. Etc.

(Ha uma resposta em verso de redondilha menor por João da Matta Chapuzet).

**EPICEDIO** á morte dos periodicos «Telegrapho» e «Mercurio», escripto em 1814, logo depois da Paz geral.—Contém 41 tercetos endecasyllabos ou 124 versos, muitas notas pessoaes interessantes. Em algumas copias tem o titulo: *O enterro do Telegrafo.* Principia:

> Parabens, Portugal; do ferreo jugo
> Já solto estás: a natural corrença
> Deixou de ser universal verdugo, Etc.

**RESPOSTA** dos amaveis assignantes do Telegrapho á despedida, que no ultimo numero lhes dirigiu o patarata Oliva.—Escripta em janeiro de 1815. Comprehende 59 tercetos, ou 177 versos com varias notas pessoaes. Começa:

> Morreste emfim, deixaste-nos, Oliva.
> Enforcou-se o *Telegrapho?*... Mil graças
> Á mão já damos, que de ti nos priva. Etc.

(Vem no Catalogo Merelo.)

**TRADUCÃO DA EPISTOLA A PRIAPO**, tirada do original italiano, que Piron imitou em francez.—Este montão de obscenidades, que contém 209 versos, parece ter sido escripto ainda no tempo em que o auctor era religioso de S. Agostinho, de 1788 ou pouco tempo depois. Ha edições clandestinas. (Vem no Catalogo Merello).

**DECIMAS** (oito) Satiricas, feitas por occasião do casamento do filho do Marquez de Tancos, D. Antonio (depois conde de Cêa) com a filha do negociante Manuel de Miranda Corrêa.—Eis aqui o principio da primeira:

Quero fazer-te, Miranda,
Umas decimas de truz,
Já que todo o povo a flux
Contra ti maldições manda. Etc.

(J. A. diz que escrevera estas decimas a pedido de *Pedro Alexandre Cavroé)*. Vem no Catalogo Merelo.

**SONETO** ao Brigadeiro Duarte José Fava, intendente das Obras Publicas.—(Não temos certeza de que seja de Macedo, apesar de andar em seu nome em mais de uma copia que nos foi mostrada). Começa:

Centesimo de um homem de vil raça,

**POESIAS** manuscriptas autographas.—(Na Bibl. de Evora, cod. CXXVII—2-2: e CXXX—2-8). Catalog., t. II, pag. 86.

**O IMPOSTOR CONFUNDIDO.** Comedia em tres actos.—(Em uma nota escreveu Innocencio: «É autographa; e faz consideravel differença da que se acha empressa com o titulo de *A impostura castigada*. Este livro comprei ao S.r J. C. da C. em 14 de janeiro de 1857. I. F. Silva.») Vem no Catalogo Merello.

**O PAE POR FORÇA.**—Comedia, que desappareceu desde 1829; tinha sido representada no Theatro da Rua dos Condes. (Catalogo Merello, n.º 6916).

**EPISTOLA—O Rafeiro e a Canzoada.**—Consta de 382 versos soltos contra todos os poetas da *Arcadia das Parras*, figurados sob a fórma de Cães. Tem numerosas notas pessoaes. É differente da Epistola citada a pag. 241).

**ELOGIO**—A lord Wellington por occasião da Restauração de Portugal em 1808. Consta de 108 versos endecasyllabos soltos; começa.

Lusos, não falta o Céo, se o Céo promette...

Em nota accrescenta o compillador Ferreira da Costa: «O autographo existe hoje na Bibliotheca Nacional.»

**DISTICOS** em latim para o Real Mosteiro de S. Maria de Alcobaça.—São duas inscripções lapidares latinas para memorar a restauração do Mosteiro depois da desvastação dos Francezes em 1811. O Padre Macedo já estava reconciliado com os Bernardos.

**QUINHÃO** que pertence a Francisco Dias do Poema dos Burros, o qual deve ser incorporado no mesmo Poema.—Consta de 77 versos soltos e notas pessoaes.

**SONETO**—No dia anniversario de S. Mag.de o Sr. D. Miguel, 26 de outubro de 1829; foi recitado no Theatro da Rua dos Condes. Começa:

> Lá desde o polo a Russia é vencedora.

——Mais dois: «*Foram feitas para o mesmo fim.*» Começam:

> Sobre o Primeiro Affonso ao throno augusto.
> Aos Céos pedido, pelos Céos foi dado. etc.

——José Pedro da Silva additou o seguinte ás casas da sua residencia entre duas figuras alegoricas: para o lado da frente, do lado direito estava um chicote, e do esquerdo um Bacio... ambas as figuras são da invenção de Santos e Silva. Começa;

> Corja de Botequins, faminta e porca, etc.

——Na resolução que teve o Grão Conselho de Guerra, na comedia *Os perigos da Insubordinação*. Obra do tripeiro Soares, no primeiro dia que se poz em scena em S. Carlos, a 17 de setembro de 1812. Começa:

> Repimpados em bellico conselho...

——A maior parvoice que veiu á Luz das luminarias do Lord, que é o molho de versos que José Pedro dava a quem lhe fazia gasto no Botequim. Começa:

> Tambem tu fazes prefacções do Inferno...

——Copiado de um livro de curiosidades por Ferreira da Costa. Começa:

> Quem viu Miranda vir da casa chata...

**OS BURROS**—Poema em quatro cantos. 1812. Canto I, tem 777 versos. Começa:

> Eu canto o Bacharel João Bernardo
> O maior asneirão dos asnos todos
> Que entupiram Lisboa, e alli fundaram
> Da universal Sandice Imperio eterno.

Sandice, oh Deusa! de quem hoje é tudo,
Que tantos filhos tens, quantos criastes;
Que com teu bafo estupido sustentas
Até da Europa aos Gabinetes todos
Que o largo c... do Bonaparte beijam.

Canto segundo, contém 910 versos.
Canto terceiro, tem 701 versos.
Canto quarto, 971 versos. Termina:

Se atrevido escriptor surgir um dia
Que vos queira albardar, juntae focinhos,
Fazei praça vazia, e da garrupa
Despedi-lhe incessante artilheria;
Couces nas Lettras, couces nas Sciencias,
E ficae-vos em paz, Burros eternos.
Disse, e atraz d'ella os Genios revoando
Lá se foram chimpar nas Tulherias.

Contém esta primeira elaboração do poema 3359 versos. Junto vem *Notas principiadas pelo Auctor d'este Poema.* São vinte notas com dados biographicos de João Bernardo da Rocha Loureiro, do letrado Simas, de Antonio Maria do Couto, D. Francisco da Soledade o Chanfana, Vicente José Ferreira Cardoso, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, Bacharel Monteiro, Antonio Lourenço Caminha, Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, Leonardo José Pimenta, Feliciano Pinheiro, Joaquim Annes de Carvalho, Fr. Sabino de Santo Antonio, Diogo Soares da Silva Bivar, Moura, juiz de Aldeia Gallega, e Francisco Duarte Coelho.

—— Poema em hum só Canto. 1813. Contém 1:295 versos. Começa:

Honra, Patria e Razão, vós sois meus Numes,
Vós da Verdade me abrazeaes na chamma,
E só por vos servir sabio das sombras,
Tiro dos véos do eterno esquecimento
As Obras e os Varões dignos da fôrca;
Se mais azada a Satira não fosse
A lhes dar nome eterno e eterna infamia
Todos em Burros os mudou Sandice,
Transformação por certo ignota a Ovidio,
Mas conhecida a mim que os tanjo e vejo.

—— Poema em seis cantos. 1814. O primeiro Canto, consta de 1:595 versos. Começa:

Oh Zanga, oh Numen, que em minha alma entornas
Fel em torrentes, que me inspiras versos,
Que são do crime e da impostura açoite:
Bafeja-me, aqui estou, que canto os Burros
Que da Lisia em Heroes mudados foram...

Canto segundo, tem 1:361 versos.

Canto terceiro, com 1:069 versos.
Canto quarto, com 1:229 versos.
Canto quinto, com 823 versos.
Canto sexto, com 1:548 versos.

Ao todo consta de 7:625 versos. É esta a redacção que se tem vulgarisado pela imprensa, com uma ou outra variante, e de que correm mais copias manuscriptas.

Em 1815 augmentou mais 77 versos a um pederasta Francisco Dias para serem incorporados no canto v, depois dos versos 641. Ferreira da Costa colligiu mais alguns versos additados ao canto vi.

—— Poema em seis cantos. 1823. Começa o primeiro canto:

> Como Ovidio cantou mudados corpos
> Em novas fórmas, porque quiz, eu canto
> Porque quero tambem, mudados homens
> Por todo o Imperio lusitano em Burros.
> Nunca até agora, ó Satanaz, os Vates
> Te invocaram propicio, hoje te invoco...

O primeiro canto tem 1:492 versos.
O segundo canto, 1:443 versos.
O terceiro canto, 1:232 versos.
O quarto canto, 1:385 versos.
O quinto canto, 987 versos.
O sexto canto, 1:399 versos. Total 7:938 versos.

Em 1825 fez Macedo variantes e additamentos: Ao 1.° Canto, 113 versos; ao 2.°, 10 versos; ao 3.°, 82 versos; ao 4.°, 13 versos; ao 5.°, 12 versos; e ao 6.°, 14 versos. Escreve Ferreira da Costa: «Todas estas variações e accrescentamentos os encontrei pelos espaços vasios e margens do Poema original quando o tive em minha mão em 1824, sem terem chamada ou sinal que indicassem aonde pertenciam...»

Mais 124 versos no Canto vi, que se devem seguir ao verso 1:077 dirigidos ao Hippolito.

—— Poema, nova reforma em Canto e meio. 1825. Contém 2:263 versos. Começa:

> Eu canto o Bacharel João Bernardo
> Com muitos outros transformado em burro...

O canto primeiro conta 2:003 versos.
O canto segundo apenas chegou a 260 versos.

—— Poema, ultima reforma em oito cantos. 1829. Começa:

> A Sandice e Barões assignalados
> Que no meio da terra Lusitana
> Com pessimas acções, com letras gordas
> Fundaram grande, sempiterno Imperio

Que tanto com seus feitos sublimaram,
Sendo por isso em Burros transformados,
(Se tante cabe em verso) exalto e canto.

O primeiro canto: *A Escolha*, tem 1:159 versos; e 5 notas biographicas.

Canto segundo: *A Visão*, com 1:008 versos.

Canto terceiro: *O Relatorio*, com 1:076 versos.

Canto quarto: *A Viagem*, com 989 versos.

Esta reelaboração ficou interrompida pelo falecimento de José Agostinho de Macedo; contém ao todo 4:232 versos.

Francisco de Paula Ferreira da Costa colligiu todos estes textos do poema dos *Burros* em 3 grossos volumes manuscriptos de bella calligraphia, in-4.º, e escreveu um volume de:

**NOTAS** historicas e criticas aos poemas dos **BURROS**.—MDCCCXXXI. 1 vol., in-4.º

Contém: 1:509 Notas historicas e biographicas, explicando todas as allusões feitas por José Agostinho. Terminou-as ainda em vida do poeta. Fez um indice alphabetico dos nomes dos personagens alludidos. Depois do triumpho do Constitucionalismo retocou as notas anteriores com mais 124. É uma contribuição impagavel para a comprehensão do Poema, e mesmo para a biographia de José Agostinho de Macedo. Ferreira da Costa era um excellente caligrapho e desenhava; aos tres volumes ajuntou um retrato do poeta, copiado do retrato a oleo feito por Henrique José da Silva; o retrato de João Bernardo da Rocha Loureiro, diversas allegorias e vinhetas caricaturescas.

Depois do exame d'estes Manuscriptos dos *Burros*, collecionados e collacionados por Ferreira da Costa, chega-se á evidencia de que Innocencio os conheceu, e que sobre elles projectava fazer a edição integral de que chegou a escrever o prospecto, (pag. 205). Em consequencia da sua pobreza Ferreira da Costa vendeu a sua valiosa collecção de Poemas ao corrector Pereira Merello, e Innocencio não podendo mais consultar esses subsidios unicos, nunca mais proseguiu nos seus estudos sobre as *Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo*. Catalogo Merello, 61-b (p. 284).

## OBRAS MANUSCRIPTAS

## QUE SE REPUTAM PERDIDAS

---

**EPISTOLA** a Manuel Maria de Barbosa du Bocage,—escripta do carcere do convento. Começava:

> Do centro d'esta gruta triste e muda,
> Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
> O prisioneiro Elmiro te sauda
> De teus aureos talentos encantado. Etc.

(D'ella faz menção o mesmo Bocage na *Pena de Talião.)*

**METAMORPHOSE DE LERENO EM PAPAGAIO.** Satyra contra o beneficiado Domingos Caldas Barbosa.—Citada por Bocage, idem.

**ODE** aos tumulos dos Reis no mosteiro de Belem.—O Morgado de Assentis testemunhara a existencia d'esta Ode, de que fallava com elogio, porém não tem sido possivel encontral-a.

**AS HORAS DA MANHAN**: Poema,—cujo autographo se diz fôra por J. A. confiado a uma religiosa do Mosteiro de Sanctos, a qual o não restituiu.

**O ESTALAJADEIRO LOGRADO**: comedia.—Teve o mesmo destino que a antecedente.

**MAHOMET 2.º**: Tragedia.—Composta a rogo de Ricardo Raymundo Nogueira, a quem depois entregou o manuscripto. Julga-se que existira entre os papeis que por morte d'aquelle ficaram a seu filho.

**ELOGIO** recitado no Theatro em applauso da Regeneração Politica de 24 de Agosto de 1820.—Começava:

> Raiou no céo de Lysia um dia d'ouro:
> Surge a luz outra vez d'antiga gloria;
> Tem nome Portugal; hoje é qual fora. Etc.

(Vem citado na Carta III, a *Cavroé* pag. 19.)

Além das que ficam mencionadas tambem se perdeu grande numero de poesias avulsas em todas as especies—muitos Sermões en-

commendados para outros os prégarem.—Muitas memorias e requerimentos feitos a rogo de individuos particulares em objectos de seus interesses.—Variantes do Poema *Oriente*. (Vid. p. 200)—Ditas dos *Burros*.—Versos compostos para varias illuminações. Etc., etc.

## Opusculos em prosa

**PARECER** ácerca da situação e estado de Portugal depois da sahida de S. A. R., e invasão que n'este reino fizeram as tropas francezas.—Datado de 29 de maio de 1808. Começa: «O homem de bem, e amante da sua patria, não pode ser infiel á sua mesma consciencia, etc.» Tem no fim quatorze notas do mesmo auctor, escriptas posteriormente.

**RESPOSTA DO GENERAL MARMONT** ao antigo redactor do «Telegrapho» Mr. de L. O. *(Luiz de Sequeira Oliva)*.—Tem a data de 27 de Novembro de 1811. Começa: «Aquella urbanidade, civilidade, ou *politesse* franceza, de que tanto falam as antigas chronicas gallicas, etc.» A Censura negou-lhe a publicidade.

**CARTA** do Dr. Manuel Mendes Fogaça ao seu amigo transmontano sobre os Periodicos do tempo em geral.—Datada de 29 de Março de 1812. Começa: «Amigo, recebi a vossa carta, e com ella o precioso mappa que me remettestes, etc.» Tem no principio um pequeno prologo. Tanto esta como a antecedente eram destinadas para a impressão, o que não se effectuou não sabemos porque.

**CARTA** aos dous redactores do «Investigador Portuguez».—Datada de 18 de Junho de 1812. Começa: «Senhores Investigadores—Ora vossés hão de ter estranhado o meu silencio, sendo eu aliás o ultimo apuro da civilidade, etc.» É uma furiosa investida aos dictos redactores, que se queixaram á Regencia, porém sem effeito. (Vid. Epocha...) Continha obscenidades.

**TRES INSCRIPÇÕES** lapidares em latim.—Para serem collocadas no edificio do mosteiro de Alcobaça, allusivas á reparação dos estragos que no mesmo fizera o exercito francez, commandado por Massena, na invasão de Portugal em 1810.

**INSCRIPÇÕES** em inglez, francez, italiano, latim e portuguez,—que se acham gravadas no obelisco collocado na rua principal da Quinta das Larangeiras a Sete Rios, pertencente ao Conde de Farrobo.

**RESPOSTA Á CENSURA** que fez o P.e Mestre Fr. José Joaquim da Immaculada Conceição ao folheto intitulado «Reflexão previa ao Expectador Portuguez».—Tem a data de 30 de Maio de 1817. Começa:

«Com o mais profundo respeito, prostrado ante o throno de V. Magestade, etc.»

**CARTA** sobre materias politicas, que estava para ser inserta no n.º 9 do «Jornal Encyclopedico», o que não se effectuou em consequencia da mudança de Instituições,—proclamada em 24 de Agosto de 1820.

**ADVERTENCIA PRELIMINAR** a um folheto escripto em apologia da existencia da Companhia dos Vinhos do Alto Douro.—Escripta em 1821.

**O BOI NO CHÃO**: obra extrahida dos manuscriptos do defunto Enxota cães da Sé de Lisboa, dada á luz por seu sobrinho André Calado. 1817.—Tem uma advertencia preliminar do editor, que principia: «Meu tio, que Deus haja, proximo a espichar o rabo, etc.» A obra começa: «Poucos dias ha, que acabando *completas* na Sé, e com ellas a minha obrigação, etc.» (Este escripto que estava destinado para a impressão, é uma defesa de *José Lino de Souza* então contractador do tabaco, em resposta a um folheto que contra elle publicara o Desembargador *José Ignacio de Mendonça Furtado)*.

(Vem no Cat. Merello.)

**BREVE DISCURSO** para servir de prologo a uma publicação periodica intitulada: Pensamentos avulsos sobre idéas Liberaes,—que sahiu á luz em 1826, e de que o proprio J. A. foi censor. Começa: «Julgamos de uma absoluta necessidade fazer preceder um pequeno discurso a cada um dos n.os que vamos publicando, etc.» Ainda não podemos examinar se este discurso foi ou não impresso com a obra a que se destinava.

**CARTA** a Fr. Fortunato de S. Boaventura sobre a apologia dos Jesuitas, e varios outros objectos de critica e litteratura.—Datada de 6 de Junho de 1829. (Estava para ser impressa, porém não o chegou a ser, porque Fr. Joaquim da Cruz e outros frades bernardos entenderam que não convinha que fosse publicada por motivos seus particulares. José Agostinho mostrando-se apparentemente advogado e admirador dos Jesuitas, deixa assás entrever que professara a respeito da Companhia idéas e sentimentos bem oppostos aos enunciados.)

**CARTA** sobre objectos politicos, dirigida á Imperatriz Rainha D. Carlota Joaquina,—á qual todavia parece que não chegara a ser entregue. Datada de 1829.

**HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL.**—20 vol., que Lopes vendeu a um fidalgo por 400$000 réis, segundo informações fidedignas. De tal obra não havia noticia. (No Cat. de Couto, que anda junto ao *Motim litterario*, de 1841.)

**REFLECÇÕES** sobre a emigração de um Principe.

**RESPOSTA** a uma Senhora, que perguntou que cousa era frangalho. *(Duvidosa.)*—(Vem no Cat. Merello), bem como as seguintes:

**ARTIGO** a um Clerigo, que não deixou imprimir a Censura.

**CONJECTURA POLITICA** a respeito de Bonaparte, 1817.

**DISCURSO** sobre o Prazer. *(Autographo.)*

**DIRECTORIO** christão.

**ELOGIO** a lord Wellington, e á morte dos Periodicos.

**EPIGRAMMAS** sobre varios assumptos.

**RESPOSTA** dada ás Censuras do Espectador.

**SERMÃO** de S. Sebastião.

**HISTORIA D'AFRICA.**—Esta composição que, segundo elle diz no seu Manifesto, chegou a tres volumes, foi queimada em 1822.

**SERMÃO** para ser prégado na festividade celebrada na Sé, em Janeiro de 1821.—Por occasião da installação das Cortes Constituintes, o qual não teve effeito. (Vid. Carta III a Cavroé, pag. 18.)

**ORAÇÃO** funebre.—Para as exequias do Bispo de Bragança D. Fr. José Maria de S. Anna Noronha, celebradas no Mosteiro de S. Paulo de Lisboa, escripta a pedido de um religioso da mesma Ordem que devia recital-a, e que lhe deu por ella 2$400 réis. Em 1830. (Vid. Correspondencia inedita.)

## Collecção das Censuras feitas desde abril de 1824 até septembro de 1829 em que exerceu o cargo de Censor do Ordinario

D'estes ineditos escreve Innocencio: «Estas Censuras escriptas em fórma de Cartas ao Vigario geral D. Antonio José Ferreira de Sousa, e quasi todas em estylo faceto e familiar, comprehendem especies mui diversas e algumas de notavel interesse para a historia litteraria e politica do tempo e até para a biographia de muitos individuos contemporaneos. A minha collecção, que tenho pela mais ampla das que hoje existem, comprehende setenta Censuras, das quaes algumas mais ex-

tensas. Talvez um dia as entregue ao prelo, se me sobrar tempo para commental-as, addiccionando-lhes as convenientes notas illustrativas, que não deixarão, segundo creio, de tornal-as mais legiveis e agradaveis aos leitores curiosos.» *(Dicc. bibl.*, t. IV. p. 241.)

**CENSURA** de um opusculo intitulado Dissertação apologetica sobre as indulgencias.—Datada de 10 de Abril 1824. Começa: «Li, e examinei com toda a attenção que me foi possivel, a Dissertação apologetica, etc.»

**CENSURA** de uma obra intitulada Collecção de synonimos da lingua portugueza por J. B. Bettamio, etc.—12 de Abril de 1824. Começa: «Por mandado de V. Ex.ª vi, e examinei com todo o cuidado o manuscripto, etc.»

**CENSURA** do 3.º n.º do periodico intitulado «Mastigoforo» composto por Fr. Fortunato de S. Boaventura. *(Impressa.)*

**CENSURA** de umas relações de livros estrangeiros apresentados pelos livreiros Borel, Bertrand, Rolland e Coelho.—26 de Abril de 1824. «Cumprindo com o que v. ex.ª foi servido determinar-me, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros francezes apresentada pelo livreiro Orcel.—1.º de Maio de 1824. «Li, e examinei com o maior cuidado e attenção, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada pelo livreiro Bertrand.—22 de Maio de 1824. «No pequeno catalogo apresentado, etc.»

**CENSURA** do opusculo intitulado «O que é um realista» por Joaquim Antonio de Lemos Seixas Castelbranco.—12 de Junho de 1824. «Não só os escriptos, que contêm cousas que se opponham á pureza da nossa fé, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada para despacho na alfandega.—12 de Junho de 1824. «Vi, e examinei a relação de livros inclusa, etc.»

**CENSURA** de um livro intitulado «Obras ineditas do grande exemplo da sciencia d'estado D. Luiz da Cunha,» publicadas por Antonio Lourenço Caminha.—25 de Junho de 1824. «Com paciencia christan, e heroico soffrimento li os ineditos, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentados para despacho. —2 de Julho de 1824. «Vi o catalogo incluso; contem os ordinarios generos, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada pelo livreiro Coe-

lho.—9 de Julho de 1824. «Medicina e jurisprudencia (nova) enchem todas as relações dos livreiros, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentados para despacho. —4 de Agosto de 1824. «As relações de livros, que estes vendilhões e introductores da peste n'este reino, etc.»

**CENSURA** das Cartas d'Eccho e Narciso, por Antonio Feliciano de Castilho.—12 de Agosto de 1824. «Li o volume da collecção de poesias, que se intitula, etc.»

**CENSURA** da traducção de um drama de Kotzbue.—30 de Agosto de 1854. «Li o drama incluso, que se diz traduzido do allemão, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada pelo livreiro Orcel.—15 de Septembro de 1824. «Vi a relação inclusa, que annuncia quarenta e seis obras, etc.»

**CENSURA** de um opusculo intitulado «A chave do céo, ou Manual do christão», auctor Jacintho José Dias de Carvalho.—29 de Septembro de 1824. «Li, e examinei com muita attenção, e com muita paciencia, etc.»

**CENSURA** de uma obra intitulada «Refutação politica» pelo desembargador Joaquim Raphael do Valle.—2 de Octubro de 1824. «Ha o maior escrupulo, na licença que se dá a qualquer official mechanico, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentados para despacho. —9 de Octubro de 1824. «Li a relação, que apresenta *Daniel Ebingre*, etc.»

**CENSURA** (2.ª) da Refutação politica do Dr. Joaquim Raphael do Valle.—9 de Octubro de 1824. «Tornei a ver, e examinar em consciencia, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentados para despacho. —17 de Novembro de 1824. «Li a relação inclusa, que consta de trinta e septe producções, etc.»

**CENSURA** (2.ª) do opusculo «Chave do céo».—21 de Novembro de 1824. «O devoto, que fez a *Chave do céo*, etc.

**CENSURA** de uma Memoria acerca de contestações havida entre o Cura da parochia de S.to Ildefonso no Porto e os seus freguezes.— 18 de Janeiro de 1825. «Visto estar n'este reino esquecida, e quasi extincta a arte typographica, etc.»

**CENSURA** de uma Memoria impressa no Brazil, que se pretendia introduzir em Portugal.—24 de Janeiro de 1825. «Só pelo requerimento, que apresenta *Francisco Mendes*, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros extrangeiros.—5 de Fevereiro de 1825. «Entre a multidão innumeravel de livros, etc.»

**CENSURA** sobre o programma da dança «O dia de Juizo», que se pretendia representar no theatro de S. Carlos.—3 de Fevereiro de 1825. «O abuso de fazer materias de dramas alguns factos das santas Escripturas, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** das Reflexões sobre o estabelecimento de um porto-franco em Lisboa.—9 de Fevereiro de 1825. «Vi, e examinei todo este escripto, que se chama, etc:»

**CENSURA** de uma Oração traduzida do italiano.—26 de Abril de 1825. «Vi, meditei, e revi tambem a pia e devota oração, etc.»

**CENSURA** de um opusculo politico.—3 de Maio de 1825. «Os *Oculos*, que *João Antonio da Costa* pretende imprimir, etc.»

**CENSURA** de um methodo para aprender a lingua franceza.—28 de Maio de 1825. «Li com heroica paciencia todo o tratado, ou methodo, etc.»

**CENSURA** de uma Collecção de obras poeticas.—12 de Junho de 1825. «Desde o meiado d'Abril atê agora existe em meu poder esse medonho livro, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada pelo livreiro Rolland.—27 de Junho de 1825. «O dono da relação junta é um francez, etc.»

**CENSURA** de uma relação de Livros apresentados para despacho.—5 de Agosto de 1825. «Estas relações de livros, que os livreiros dizem que tem, etc.»

**CENSURA** de um Tratado dos affectos e costumes oratorios, e de outra obra mystica, por Fr. José Caldeira, Monge d'Alcobaça.—3 de Septembro de 1829. «Os dous tratados, que V. Ex.ª me mandou examinar, etc.»

**CENSURA** de uma obra intitulada «Factos memoraveis da Historia de Portugal,» traduzida do francez por L. A. de A. Macedo.—21 de Desembro de 1825. «O livro gordo, e de mais gordas lettras, que se intitula, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** de um opusculo politico, intitulado «O Somnambulo». 21 de Dezembro de 1825. «Se os livros dos *Factos memoraveis* pode correr, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** da vida e obras da seraphica madre Sancta Thereza de Jesus, traduzidas do castelhano.—2 de Fevereiro de 1826. «Por certo alguma tinha eu feito o anno passado, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** de um opusculo intitulado «Dissertações de Fr. José de S. Paulo».—10 de Março de 1826. «Li as Dissertações de Fr. José de S. Paulo, missionario franciscano, etc.»

**CENSURA** de uma obra periodica intitulada «Pensamentos avulsos sobre ideas liberaes».—25 d'Agosto de 1826. «Entre a espantosa alluvião e horrivel tempestade d'escriptos, etc.»

**CENSURA** da Historia da Reforma protestante em Inglaterra.—17 de Fevereiro de 1827. «O livro de que esta petição trata, e que se intitula, etc.» *(Impressa.)*

**RESPOSTA** dada á commissão de censura, quando o mandou consultar se queria ser o censor do Periodico dos Pobres.—12 de Abril de 1827. «Eu já disse aos *Pobres*, que querem illustrar os outros pobres, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentada pelo livreiro Rolland.—22 de Abril de 1827. «*João Francisco Rolland*, o maximo especulador e importador de fazendas litterarias, etc.»

**CENSURA** (2.ª) da Historia da Reforma protestante.—26 de Junho de 1827. «Eu fui o censor das primeiras seis Cartas, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** de um periodico intitulado «Semanario religioso».—13 de Agosto de 1827. «O presente escripto, que á primeira vista com o titulo de *Semanario* podia assustar, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** (3.ª) da Historia da Reforma protestante.—28 de Agosto de 1827. «Como subsistem os mesmos motivos porque se licenciaram, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** de uma obra intitulada «Retrato politico dos Papas», por J. A. Llorente.—10 de Janeiro de 1828. «Entre todas as producções monstruosas da litteratura presente, etc.»

**CENSURA** da obra «Exame critico e historico do livro dos Martyres de Fox, traduzido do Inglez». *(Impressa.)*

**CENSURA** de uma obra poetica intitulada «Os peccados mortaes».

—8 de Julho de 1828. «Todos nós temos peccados, porque somos filhos de Adão, etc.»

**CENSURA** para a impressão de um Breve Pontificio concedendo indulgencias á Ermida de N. S. dos Milagres.—14 de Agosto de 1828. «Com a presente petição e copia do Breve, me foi apresentado o seu original, etc.»

**CENSURA** de um opusculo intitulado «Clamor da justiça» por Jòsé Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco.—15 de Agosto de 1828. «O papel de que esta petição trata, chama-se, etc.»

**CENSURA** do opusculo intitulado «A legitimidade do muito Alto e muito poderoso rei o Sr. D. Miguel, etc.», por Filippe Neri Soares d'Avellar.—Datada de 27 de Octubro de 1828. «O opusculo de que esta petição tracta, etc.» *(Impressa.)*

**RELAÇÃO** de Livros que se não devem admittir no Reino.—(Parece ser de 1828, porém não tem data). «Na relação de Coelho, Tragedias d'Alfieri, italiano, etc.»

**CENSURA** de um folheto «O Realismo triumphante» por Manuel Corrêa de Moraes.—6 de Janeiro de 1829. «Scripta tenebrosi lego non intelligo, etc. Isto disse o inglez Owen, fallando do satirico Persio, etc.»

**CENSURA** do folheto intitulado «Cancioneiro patriotico, ou o systema das idéas liberaes examinado e refutado». *(Impressa.)*

**CENSURA** de um folheto intitulado «Golpe de vista sobre os direitos de D. Miguel».—7 de Janeiro de 1829. «O escripto de que esta petição trata, etc.» *(Impressa.)*

**CENSURA** de uma «Traducção de Tacito» pelo Dr. Antonio José de Lima Leitão.—30 de Janeiro de 1829. «Tenho conhecido em nossos modernos pensadores, etc.»

**CENSURA** do n.º 4 do «Mastigoforo».—3 de Fevereiro de 1829. «O censor, a quem V. Ex.ª manda rever a presente obra, etc.»

**CENSURA** para a impressão de uma relação da festividade celebrada em acção de graça na parochial da Encarnação.—14 de Março de 1829. «Vi, e examinei com toda a devida attenção a obra inclusa, apresentada pelo *Boticario apedrejado*, etc.»

**CENSURA** do n.º 5 do «Mastigoforo».—8 de Abril de 1828. «Obedecendo ao mandado de V. Ex.ª, etc.»

**CENSURA** de umas «Memorias dos acontecimentos das tropas rea-

listas,» que emigraram para Hespanha no anno de 1826.—24 de Maio de 1829. «A obra de que esta petição trata, etc.»

**CENSURA** de uma relação de Livros francezes, pertencentes a um individuo particular.—18 de Julho 1829. «Os livros da relação supra, mandados vir de França, etc,»

**CENSURA** dos n.os 8, 9, 10 do «Mastigoforo».—25 de Julho de 1829. «Os numeros oito nove, e dez, são irmãos uterinos dos que os precederam, etc.»

**CENSURA** dos n.os 11 e 12 do «Mastigoforo».—1 de Agosto de 1829. «Dizem que os que jogam guardam para o fim do jogo, etc.»

**CENSURA** de uma relação de livros apresentados para despacho. —30 de Septembro de 1829. «Conheço os livros da presente relação, etc.»

**CENSURA** para reimpressão do folheto «Manifesto do Grande Oriente Lusitano» contra a Loja Regeneração. *(Impressa.)*

**CENSURA** para a reimpressão da tragedia Fayel, onde pede excusa do cargo de censor.—16 de Octubro 1829. *(Impressa.)*

## EPISTOLARIO

### Cartas copiadas por Francisco de Paula Ferreira da Costa

| | | |
|---|---|---|
| *Ainda que me guardo..* | (sem data) | —Fr. Fortunato de S. Boaventura |
| *A minha enfermidade se tem tornado......* | 19 de Junho de 1829 | —Claudio Joaquim Santos |
| *Acontecimentos tristes..* | 7 de Fev. de 1807 | —Fr. Francisco Freire |
| *Até aqui o candidato...* | 15 de Maio de 1830 | —Fr. Fortunato de S. Boaventura |
| *A distincta honra, e especial...........* | 20 de Março de 1828 | —Vigario Geral. |
| *Com muita pressa lhe escrevi...........* | 3 de Junho de 1812 | — Fr. Francisco Freire. |
| *Com muito respeito....* | 27 de Junho de 1829 | —Vigario Geral. |
| *Determinando escrever .* | 5 de Abril de 1828 | —Conde de Basto. |
| *Entre as crueis dores...* | 16 de Nov. de 1826 | —Fr. Fortunato de S. Boaventura. |
| *Eu não pediria por um medico..........* | 23 de Abril de 1827 | —Fr. Christovam, graciano. |
| (*) *Este seu amigo é o mais justo........* | 6 de Dez. de 1829 | —Fr. Fortunato de S. Boaventura. |
| *Eu nada sei e nada entendo...........* | 28 de Julho de 1830 | —A hum Amigo. |
| *Hum desgraçado detido.* | 21 de Abril de 1828 | —Á Rainha. |
| *Já he solemne impertinação.............* | 1 de Dez. de 1827 | —P. F. Joaquim da Cruz. |
| *Ligado em uma cama..* | 21 de Maio de 1830 | —Vigario Geral. |
| *N'este instante seis da tarde...........* | 30 de Maio de 1812 | —Fr. Francisco Freire. |

* É uma carta extensissima.

| | | |
|---|---|---|
| *Ninguem deve ser mais devoto.........* | 18 de Out. de 1822 | — J. Pita. |
| *Nem a modestia de V. Ex.ª* | 22 de Fev. de 1828 | — Fr. Fortunato de S. Boaventura. |
| *O portador d'esta não pertence.........* | 19 de Dez. de 1821 | — João Pedro Ribeiro. |
| *O portador d'esta, etc..* | 15 de Junho de 1829 | — Vigario Geral. |
| *Pelo que fallámos na ultima vez.........* | 26 de Abril de 1827 | — Claudio Joaquim Santos. |
| *Pela leitura do Livro...* | ? | — Lopes. |
| *Primeiro que tudo e que mais............* | 23 de Fev. de 1828 | — Fr. Alvaro. |
| *Peço-lhe um favor e vem a ser............* | 30 de Julho de 1821 | — Idem. |
| *Quasi moribundo e abandonado..........* | 8 de Agosto de 1828 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Queixa-se sua mercê...* | 10 de Julho de 1813 | — Francisco Freire. |
| *Quanto posso e quanto devo.............* | 23 de Junho de 1824 | — Vigario geral. |
| *Quando acabo de ler...* | 6 de Dez. de 1830 | — Filippe Nery Soares. |
| *Respondi logo á sua 1.ª carta............* | 20 de Julho de 1806 | — Fr. Francisco Freire. |
| *Recebi as tão desejadas.* | 26 de Dez. de 1830 | — P. Cruz. |
| *Recebi o presente como cousa............* | 12 de Junho de 1827 | — Annos da Imperatriz. |
| *Se a minha attenuada existencia........* | 29 de Jan. de 1829 | — J. Ribeiro Saraiva. |
| *Recebi a sua carta por mão.............* | 7 de Março de 1807 | — Fr. Francisco Freire. |
| *Tive a satisfação......* | 13 de Agosto de 1824 | — A. Feliciano de Castilho |
| *Vão esses papeis.......* | ? | — P. Cruz. |
| *Vae esse Artigo.......* | ? | — Lopes. |

### Cartas autographas reunidas por Francisco de Paula Ferreira da Costa

| | | |
|---|---|---|
| *Aos occupados pouco; isto diz a prudencia...* | 15 de Maio de 1819 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Ainda que sabbado escrevi* | 5 de Dez. de 1820 | — Idem. |
| *Amanhã, 4.ª feira 13, espero.............* | 12 de Dez. de 1820 | — Idem. |
| *Aqui me entregaram em casa a sua.......* | 3 de Jan. de 1821 | — Idem. |
| *Aqui esteve hontem a noite o Intendente....* | Segunda-feira | — P. Joaquim da Cruz. |
| *A minha vida é já problema...........* | ? | — Idem. |
| *Aqui mandou antes de hontem..........* | ? | — Idem. |
| *Aqui estou confinado n'esta cama.........* | ? | — Idem. |
| *Ahi vae a Besta; não se perca............* | 19 de Fev. | — Idem. |
| *Agradeço o achado do fatal Bidet.........* | ? | — Idem. |
| *Aqui chega o suspirado Bidet...........* | ? | — Idem. |

| | | |
|---|---|---|
| *Aqui estou amarrado n'esta cama......* | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *As boccas de 16 bixas, que me deitaram...* | ? | — Idem. |
| *A minha vida ou minha morte............* | ? | — Idem. |
| *A mim não me importa a casa..........* | ? | — Idem. |
| *Attacado mortalmente de dores............* | ? | — Idem. |
| *Aqui veiu antes de hontem um medico....* | ? | — Idem. |
| *Alem da molestia vejo que isto.............* | 6 de Set. de 1829 | — Idem. |
| *Ainda estou opprimido com o maior......* | 8 de Out. de 1829 | — Idem. |
| *A Carta que V.ª S.ª chama Fortunata.....* | 2 de Dez. de 1829 | — Idem. |
| *A minha doença empata tudo.............* | ? | — Idem. |
| *As parvoices dos Pavienses...............* | 6 de Fev. de 1830 | — Idem. |
| *Antes que a sua carta fosse ao fogareiro..* | 21 de Fev. de 1830 | — Idem. |
| *A minha molestia tem tomado um aspecto..* | 1 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *A minha molestia me tem incommodado.....* | 24 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *Aqui appareceu hontem de tarde.........* | 10 de Agosto de 1830 | — Idem. |
| *Ainda que não permittam as forças.....* | 22 de Jan. de 1821 | — Idem. |
| *Apparece aqui o José Cá.* | 14 de Julho de 1821 | — Idem. |
| *As duas horas da tarde.* | ? | — Idem. |
| *Aprovo tudo o que me diz.* | ? | — Idem. |
| *Bem vê este Coelho que faz o 3.º........* | 3 de Julho de 1821 | — Idem. |
| *Com muito prazer vi huma lista.......* | 9 de Maio de 1819 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Como o supponho ainda n'um Mosteiro....* | 3 de Abril de 1820 | — Idem. |
| *Como ao acabar da funcção de Sam Roque.* | ? | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Com muito trabalho me levanto..........* | ? | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Começo com o meu triste arazel costumado..* | ? | — Idem. |
| *Cinco representações hum longo Manifesto ...* | ? | — Idem. |
| *Custa-me escrever na cama..............* | ? | — Idem. |
| *Começa por faltar na Membraida.......* | 7 de Julho de 1829 | — Idem. |
| *Como estou em cuidado.* | 21 de Set. de 1829 | — Idem. |
| *Como instão pelo Requerimento..........* | ? | — Idem. |
| *Com indizivel trabalho..* | 20 de Março de 1830 | — Idem. |
| *Caricaturas nada provam.............* | 29 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *Como a fonte é a mesma.* | ? | — Idem. |

| | | |
|---|---|---|
| *Confiado na sua bondade.* | ? | —Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Começando a noite bem..* | 8 de Set. de 1831 | —P. Joaquim da Cruz. |
| *Desde o dia 16 de Setembro..........* | 14 de Nov. de 1820 | —D. Alvaro. |
| *Devo tomar parte no justo sentimento .....* | 1 de Fev. de 1828 | —Fr. Fortunato de S. Boaventura. |
| *Desdo o dia 19 do corrente............* | 26 de Agosto de 1828 | —P. Joaquim da Cruz. |
| *Depois que o Mudo d'aqui foi..............* | ? | —Idem. |
| *Depois que hontem, 16, recebi............* | ? | —Idem. |
| *Desde o dia em que V. S.ª me deu.......* | ? | —Idem. |
| *D'aqui foi pelas tres horas José Lopes ....* | ? | —Idem. |
| *Depois de receber hontem pelo seu creado....* | ? | —Idem. |
| *Depois que arrefeceu a punhalada .......* | ? | —Idem. |
| *Deitado escrevo; quiz Deus............* | ? | —Idem. |
| *Dizem que os janeiros..* | ? | —Idem. |
| *Desde o dia em que V. S.ª me fez o favor..* | 18 de Maio de 1830 | —Idem. |
| *Depois de uma prenhez.* | 2 de Out. dé 1830 | —Idem. |
| *Estimo que fizesse com felicidade ........* | 16 de Junho de 1819 | —Fr. Alvaro Vahia. |
| *Eu não lhe posso annunciar.............* | 19 de Nov. de 1820 | —Idem. |
| *Eu bem conhcço que n'este canto..........* | 9 de Dez. de 1820 | —Idem. |
| *Escrevi a ultima vez com muita pressa......* | 18 de Jan. de 1821 | —Idem. |
| *Estimo que se conserve n'esse retiro ......* | 9 de Julho de 1821 | —Idem. |
| *Estimo que esteja restabelecido na sua....* | 9 de Março de 1820 | —P. Joaquim da Cruz. |
| *Eu vou luctando ou succumbindo ........* | 6 de Julho de 1828 | —Idem. |
| *Eu estava eserevendo, e chegou............* | ? | —Idem. |
| *Estou opprimido sobo peso de tantos obsequios* | 11 de Agosto de 1828 | —Idem. |
| *Eu sempre esperei na patada.............* | ? | —Idem. |
| *Estou ainda dentro d'esta triste cama.....* | ? | —Idem. |
| *Eu o que tenho feito e escripto...........* | ? | —Idem. |
| *Esta vai em lettra mais direita...........* | ? | --Idem. |
| *Estou tão atacado da molestia............* | ? | —Idem. |
| *Eu me dou os parabens da sua tornada....* | 8 de Agosto de 1829 | —Fr. Alvaro Vahia. |
| *Esta noite dormi unicamente............* | ? | —P. Joaquim da Cruz. |
| *Estou camo cansado de fazer reflexão.....* | ? | —Idem. |

| | | |
|---|---|---|
| *Estou na cama ha quatro dias luctando..* | 15 de Out. de 1829 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Eu tenho alguma noticia dos Arrieiros.....* | 18 de Nov. de 1829 | — Idem. |
| *Eu sirvo de importunal-o* | ? | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Eu estou na cama cruelmente atacado.....* | 24 de Nov. de 1829 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Eu estou doentissimo, e mais com certeza..* | ? | — Idem. |
| *Estava agora (meio-dia).* | ? | — Idem. |
| *Estes dias me tem posto.* | ? | — Idem. |
| *Eu já tinha (doentissimo) chegado..........* | 3 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *Estimo muito que tanto agradasse........* | 4 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *Eu devo começar pela minha...........* | ? | — Idem. |
| *Em primeiro logar agradeço muito........* | 26 de Abril de 1830 | — Idem. |
| *Eu estou gemendo n'esta cama............* | ? | — Idem. |
| *Esperando pelo portador.............* | 31 de Julho de 1830 | — Idem. |
| *Eu desejo muito servir um amigo do theatro..............* | ? | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Estas são as primeiras letras............* | 24 de Dez. de 1830 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Eu estava escrevendo o 11.º Desengano....* | ? | — Idem. |
| *Eu estou doente, com os pés e pernas......* | ? | — Idem. |
| *Esta madrugada li o N.º 25..............* | 18 de Julho de 1831 | — Idem. |
| *Eu não tenho senão ballas na cabeça.....* | 29 de Julho de 1831 | — Idem, |
| *Esperava huma, vieram duas............* | ? | — Idem. |
| *Fiquei em estremo cuidado............* | 15 de Dez. de 1820 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Fui entregue da 1.ª Carta de V. S.ª......* | 14 de Junho de 1830 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Faça o favor de procurar.............* | ? | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Frio que tolhe os dedos.* | ? | — P. Joaquim da Cruz. |
| *Hoje 2 do corrente.....* | 2 de Dez. de 1820 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Hoje, 1.º de Outubro, devo de prégar......* | 1 de Out. de 1821 | — Idem. |
| *He verdade que me tenho feito invisivel.....* | 23 de Maio de 1827 | — P. Joaquim da Cruz. |
| *He justo acudir com pernas.............* | 10 de Junho de 1827 | — Idem. |
| *Hoje, 24, na situação mais lastimosa.........* | ? | — Idem. |
| *Hoje, 28, recebendo a carta de V. S.ª......* | ? | — Idem. |
| *He meio dia, e atormentado de dores.....* | ? | — Idem. |
| *Hum dia só, ou uma noite...............* | ? | — Idem. |

| | | |
|---|---|---|
| *Hum momento me trouxe a sorte*.......... | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Hontem, 4.ª feira, foi para mim*.......... | ? | — Idem. |
| *Hoje me levantei, unicamente*............ | ? | — Idem. |
| *He verdade que podia hir a 22*............ | ? | — Idem. |
| *Hontem, pelas 10 horas da manhã*........ | ? | — Idem. |
| *Hoje estou bem doente, e e estas são*........ | 21 de Outubro de ? | — Idem. |
| *Hontem, 13, cuidei que era*.............. | ? | — Idem. |
| *He meio dia, e estava principiando*...... | 5 de Dez. de 1829 | — Idem. |
| *Hoje he dia de recovage.* | 6 de Março de 1830 | — Idem. |
| *Hoje he dia de Mudo*... | 9 de Fev. de 1830 | — Idem. |
| *Hontem veiu aqui o indeferido*.......... | ? | — Idem. |
| *Hoje, 7 do corrente, ás 4.* | 7 de Julho de 1830 | — Idem. |
| *Ha duas causas que parecem*........... | 12 de Julho de 1830 | — Idem. |
| *Hontem, 12, do corrente, de tarde*......... | ? | — Idem. |
| *Hoje, 10 de Outubro, me entregou*......... | ? | — Idem. |
| *Hoje dia de Espectação.* | ? | — Idem. |
| *Hoje 3 de março. ás 5 da tarde*............ | ? | — Idem. |
| *Hoje, 27 de Março*.... | 28 de Março de 1831 | — Idem. |
| *Hontem faltou só o deitar-me e lençol*.... | ? | — Idem. |
| *Já para o Desterro participei*........... | 2 de Set. de 1826 | — Jacinto Alberto Lopes. |
| *Isto é escripto na cama.* | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Já é segunda lasca de pedra*.............. | ? | — Idem. |
| *João Pedro pergaminho velho*............ | 28 de Jan. de 1830 | — Idem. |
| *Já vejo que não devo escrever a V.ª S.ª*... | 23 de Maio de 1831 | — Idem. |
| *Li com muito prazer a sua Carta*........ | 27 de Julho de 1827 | — Idem. |
| *Levanto-me agora da cama*............ | 19 de julho de 1830 | — Idem. |
| *Levanto-me da cama para escrever*....... | 21 de Out. de 1830 | — Idem. |
| *Meu bom e muito prezado Am.º Paula*.... | 30 de Out. de 1829 | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Multiplicam-se todos os dias*............. | 22 de Dez. de 1829 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Não he minha intenção obrigal-o*......... | 19 de Dez. de 1820 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Não tenho escripto como devia*............ | 11 de Março de 1821 | — Idem. |
| *Não me julgue tão esquecido*............. | 13 de Out. de 1827 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Não posso deixar de aproveitar*........... | 1 de Dez. de 1827 | — Idem. |

*Não respondi a V. S.ª porque*.......... 13 de Dez. de 1827 — P. Fr. Joaquim da Cruz.
*Na cama, ha tres dias*.. ? — Idem.
*Não foi o Sermão em S. Roque*.......... ? — Idem.
*Não por estar com o mais ligeiro*.......... ? — Idem.
*Na cama de dia e de noite*............ ? — Idem.
*Não tenho escrito como devia*.......... ? — Idem.
*N'esta triste cama ou n'este*........... ? — Idem.
*Na cama escrevi, já que ha 3 dias*........ ? — Idem.
*Não tem intervallos as dores*........... 29 de Junho de 1829 — Idem.
*Não escrevi hontem a V. S.ª*............. ? — Idem.
*Não respondi pelo creado portador*......... ? — Idem.
*Não respondi hontem pelo Mudo*......... ? — Idem.
*Não posso deixar de grunhir*............ ? — Idem.
*Não posso atinar com o Prezidente*....... ? — Idem.
*Não respondi hontem 19 a V. S.ª*......... ? — Idem.
*Não posso escrever, porque hoje*......... ? — Idem.
*O Rafael me entregou a sua*............. 16 de Out. de 1826 — Idem.
*O meu estado se torna cada vez mais*..... 17 de Out. de 1828 — Idem.
*Ou eu me não expliquei bem*............. ? — Idem.
*O meu estado é por extremo lastimoso*... ? — Idem.
*O meu estado miseravel é o mesmo*........ ? — Idem.
*Outra vez na cama, porque*............. ? — Idem.
*O papel coseu-se, e a albardadura começou-se*........... ? — Idem.
*O Mudo veiu tardissimo*.............. ? — Idem.
*O triste Padre nos breves intervallos*..... 5 de Nov. de 1829 — Idem.
*O primeiro que me lembrou*............ ? — Idem.
*O Papa como Papa, e o Papa*........... ? — Idem.
*Os Senhores Intendentes Geraes*.......... ? — Idem.
*O Padre Mestre Fr. Joaquim*............ 16 de Abril de 1830 — Doutor Com. M.
*O rapaz foi levado pelas orelhas*.......... 16 de Julho de 1830 — P. Fr. Joaquim da Cruz.

| | | |
|---|---|---|
| *Ou V. S.ª venha a esta sua casa.........* | 5 de Agosto de 1830 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *O José Painel ou José Misterio..........* | ? | — Idem. |
| *O triste militar José Coelho..............* | 1 de Junho de 1831 | — Idem. |
| *O meu estado de doença é tal.............* | 5 de Junho de 1831 | — Idem. |
| *O portador veiu tarde..* | ? | — Idem. |
| *Perguntando ao Padre M. Cruz.........* | 5 de Abril de 1821 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Pode V.ª M.ce segurar ao Procurador.......* | ? | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Para expor com clareza a V.ª S.ª.........* | 23 de Set. de 1828 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Parece hum verdadeiro milagre..........* | ? | — Idem. |
| *Posso dizer-lhe que estou pior.............* | ? | — Idem. |
| *Penetrado de dores de morte...........* | ? | — Idem. |
| *Primeiro que tudo, Ensaio............* | ? | — Idem. |
| *Para não parecer importuno..........* | ? | — Idem. |
| *Poucos intervallos me deixa..............* | 15 de Dez. de 1830 | — Idem. |
| *Por mão do Ill.mo P.e M. Cruz............* | 18 de Dez. de 1830 | — Fr. Fortunato de S. Boaventura. |
| *Por não ter portador, porque o indomavel.* | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Quando estou mais attribulado...........* | ? | — Idem. |
| *Que dia este para mim.* | ? | — Idem. |
| *Que tem os meus honrados.............* | 11 de Nov. de 1829 | — Idem. |
| *Quousque animam.....* | 11 de Março de 1830 | — Idem. |
| *Reconheço a sua amisade..............* | 20 de Jan. de 1821 | — Francisco de P. Ferreira da Costa. |
| *Recebi com muito prazer.* | 12 de Maio de 1821 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Recebi a sua sempre com muito prazer.....* | 23 de Junho de 1821 | — Idem. |
| *Recebi uma Carta do Ill.mo S.r Commiss.o.* | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Recebi hontem 2 do corrente............* | 3 de Dez. de 1828 | — Idem. |
| *Recebi o obsequio do Ensaio.............* | ? | — Idem. |
| *Recebo todos os papeis, e a sua...........* | ? | — Idem. |
| *Recebo tudo, desejava a sua carta........* | ? | — Idem. |
| *Recebi a carta de V.ª S.e por mão.........* | ? | — Idem. |
| *Recebi hontem de tarde, com esta.........* | ? | — Idem. |
| *Recebo o Exemplar do N.º 25...........* | 15 de Set. de 1829 | — Idem. |
| *Recebi a Carta de V.ª S.ª, li e nada.........* | ? | — Idem. |

| | | |
|---|---|---|
| *Recebi por este Coelho..* | 8 de Junho de 1830 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Recebi a carta de V.ª S.ª e n'ella* | ? | — Idem. |
| *Recebi tudo agora, meia hora* | ? | — Idem. |
| *Se todos os dias fossem de Correio* | 17 de Set. de 1820 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Se V.ª S.ª me tivesse insinuado* | ? | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Se a inclusa Carta não fallasse* | ? | — Idem. |
| *Se eu não estivesse doente* | 26 de Set. de 1820 | — Idem. |
| *Só um descaramento...* | ? | — Idem. |
| *Sem encarecimenta digo.* | 23 de Dez. de 1829 | — Idem. |
| *Se a terrivel doença me deixasse* | ? | — Idem. |
| *São hoje 30 de Junho ..* | ? | — Idem. |
| *São 5 horas da tarde, e eu* | 11 de Julho | — Idem. |
| *São tantas as cousas...* | 31 de Out. de 1830 | — Idem. |
| *São estas as primeiras letras* | 5 de Dezembro | — Idem. |
| *São 4 horas da tarde, d'esta 5.ª fr.ª* | ? | — Idem. |
| *Se estar em artigo de morte* | ? | — Idem. |
| *Seis ou sete dias me deram de vida* | 27 de Março de 1831 | — Idem. |
| *Tambem eu me admiro de perder* | ? | — Idem. |
| *Tambem eu tenho janellas* | ? | — Idem. |
| *Todos os axiomas que a velha* (copia) | 13 de Abril de 1830 | — Dezembargador Saraiva. |
| *Tenho hoje escrito muito.* | 16 de Abril de 1830 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Tudo o que V.ª S.ª me diz* | 17 de Agosto de 1831 | — Idem. |
| *Ubi plura nitent* | 29 de Agosto de 1830 | — Idem. |
| *Vejo que depois do haver enchido* | 12 de Março de 1818 | — Fr. Alvaro Vahia. |
| *Vae esse artigo que bem despertará* | ? | — J. J. Pedro Lopes. |
| *Vá mais esse sacrificio..* | 29 de Julho de 1828 | — P. Fr. Joaquim da Cruz. |
| *Vae, porque appareceu bom Pastor* | ? | — Idem. |
| *Vejo pela carta de V.ª S.ª* | | |
| *Vae o N.º 18, que me pa-* | ? | — Idem. |
| *rece* | ? | — Idem. |
| *Vossa Senhoria não faz mais* | ? | — Idem. |
| *Vão os papeis do Rio ..* | | |
| *Vai esta pelo chamado..* | ? | — Idem. |
| *Vae a advertencia pre-* | ? | — Idem. |
| *liminar* | 15 de Junho de 1830 | — Idem. |
| *Vai a carta, que não terá resposta* | 25 de Junho de 1830 | — Idem. |
| *Vae o Rapaz, que não ha quem o possa...* | ? | — Idem. |
| *Vão as provas emendadas* | 27 de Julho de 1830 | — Idem. |
| *Vae a resposta á Carta.* | 29 de Agosto de 1830 | — Idem. |

D'estas Cartas observa Innocencio: «escriptas em diversos tempos e pela maior parte sobre assumptos politicos e litterarios. Entre ellas ha muitas recommendaveis pelas particularidades que encerram, principalmente as do periodo que decorre de 1828 a 1831.» E accrescenta sobre um plano de publicação: «Francisco de Paula Ferreira da Costa, José Pedro Nunes (hoje fallecido — 1860) e eu, cuidamos de reunir cada um á sua parte as que se pôde ajuntar.— Ha tambem uma collecção especial de setenta e tantas Cartas escriptas a uma freira trina do convento do Rato, pelos annos de 1821 e 1822, que não são por certo as menos curiosas. Parece-me que a Collecção geral de todas, com as mais que ainda fosse possivel ajuntar bem merecia da imprensa.» *(Dicc. bibl.)*

Como se lê na biographia de José Agostinho (pag. 156,) Francisco de Paula Ferreira da Costa apoderou-se dos Manuscriptos do Padre, que pertenciam a Joaquim José Pedro Lopes; desde muitos annos, quando José Agostinho desejava qualquer exemplar das suas obras era a Ferreira da Costa que o pedia, como apaixonado colleccionador que era. Tinha portanto Ferreira da Costa um grupo de Cartas de José Agostinho, que copiara, e veiu a reunir os autographos ou minutas de outras muitas, destacando-se especialmente as dirigidas a Fr. Joaquim da Cruz, Procurador geral do opulento mosteiro de Alcobaça, que sustentava a lucta da reacção dos Apostolicos na imprensa. Ferreira da Costa na sua velhice vendia copias de ineditos de José Agostinho; a copia do poema dos *Burros* regulava por 4000 réis. O antigo corretor Pereira Merello adquiriu todos estes ineditos.

Innocencio Francisco da Silva projectava imprimir as Obras ineditas de José Agostinho, principalmente as Censuras e a Correspondencia particular, com algumas Satiras e a Tragedia *Zaida*, incluindo o poema dos *Burros*. Transcrevemos aqui o elenco do seu prospecto, cujo pensamento não chegou a effectuar-se em vida do prestimoso bibliographo; o motivo porque interrompeu o seu trabalho devemos attribuil-o a ter Francisco de Paula Ferreira da Costa vendido a sua collecção de todos os Manuscriptos de José Agostinho de Macedo ao bibliophilo Pereira Merello, que era inimigo irreconciliavel de Innocencio. Todos esses ineditos ficaram ferozmente guardados até hoje, e ninguem mais conseguiu vêl-os. Eis o rascunho do plano de edição que Innocencio projectava:

*«Vai publicar-se a*

## COLLECÇÃO COMPLETA

DE TODAS AS

## OBRAS INEDITAS

DO

### P.<sup>e</sup> José Agostinho de Macedo

Esta preciosa e variada collecção, recommendavel por diversos respeitos e colligida com a mais escrupulosa fidelidade á vista do autographo ou de copias mui correctas, comprehenderá de cinco a seis volumes no formato de outavo grande, impressos em bom papel e typo escolhido. O texto será revisto cuidadosamente. Cada volume constará de 400 pag. pouco mais ou menos, e custará aos subscriptores 600 réis pagos no acto da entrega. O primeiro tomo sahirá por todo o mez de Agosto proximo futuro, contendo Opusculos mui interessantes em diversos generos, e cuja acquisição é indispensavel a todas as pessoas que já tem colligidas as demais obras impressas do mesmo auctor.

Assigna-se para esta publicação na Loja do Editor, praça de D. Pedro (Rocio) n.º 100, e no Lavado, rua Augusta, n.º 8.

---

## Minuta do Contracto

Forma-se uma Sociedade entre Pedro Antonio Borges, José Pedro Nunes, e Innocencio Francisco da Silva, com o fim de publicar as Obras que existem ineditas de José Agostinho de Macedo, e de reimprimir aquellas já impressas, em que por mutuo accordo combinarem. As primeiras formarão de outo a nove volumes no formato de 8.º francez, de 400 paginas, ou pouco menos. As segundas serão publicadas successivamente, na forma que melhor convier aos associados. Esta sociedade será regulada conforme as condições seguintes:

### I

P. A. Borges na qualidade de Editor promptifica-se a correr com todas as despezas de papel e impressão das obras que por virtude d'este contracto se imprimirem: as quaes serão tiradas em papel, e typo escolhidos a aprazimento commum dos interessados; e a tiragem será de 1000 exemplares por volume.

II

O mesmo Borges se obriga a dar concluida esta edição no menor praso possivel de tempo; de modo que o intervallo na publicação de um para outro volume nunca excederá a mais de dois mezes.

III

José Pedro Nunes promptifica a entrega ao Editor á proporção que se tornarem necessarios, dos originaes e autographos das obras que se hão-de imprimir, dos quaes é proprietario.

IV

Innocencio Francisco da Silva dará as *Memorias biographicas* que tem composto da vida de José Agostinho, as quaes formarão um volume, que sahirá acompanhado do retrato do auctor; fornecerá egualmente as annotações e commentarios que deverão acompanhar cada uma das obras para sua intelligencia; toma a seu cargo tudo que diz respeito á ordem da publicação, disposição dos volumes e revisão typographica.

V

Á proporção que se forem completando os volumes, e no acto da publicação de cada um d'elles, P. A. Borges pagará a J. P. N. 33$000 em moeda corrente, e a I. F. da Silva 24$000 reis, entregando egualmente a cada um vinte exemplares do respectivo volume, e mediante este pagamento adquirirá a propriedade dos volumes assim publicados, desistindo Nunes e Innocencio de todo e qualquer direito a quaesquer lucros futuros, nem terão mais nada a exigir de Borges com respeito a tal publicação, tanto na presente edição como em outras que possa fazer no futuro das Obras que n'esta conformidade se publicarem.

VI

A publicação principiará pelas *Censuras*, seguir-se-ha a *Correspondencia* particular de J. A. e depois combinar-se-ha a ordem a seguir. Quanto á *Biographia* Innocencio reserva-se publical-a na ordem, ou collecção que lhe parecer mais conveniente á empreza.

VII

Os associados Nunes e Innocencio obrigaram-se a não vender os exemplares que receberem na forma do artigo V, os quaes são destinados para presentear os seus amigos.

### Artigo addicional

O Poema dos *Burros* será impresso promiscuamente com as demais obras, de modo que a impressão do 1.° tomo dos tres de que ha de constar, esteja concluido o mais tardar dentro de seis mezes contados da data em que principiar a vigorar o contracto. Vid. p. 205.)

A brevidade da publicação depende unicamente da concorrencia das assignaturas; e o 1.° canto entrará no prélo apenas apparecer um numero d'ellas que se julgue sufficiente para cobrir as despezas da impressão. Publicado o 1.° canto, seguir-se-hão os outros pela sua ordem com os menos intervallos possiveis, sendo cada um acompanhado das respectivas Notas, que poderão ficar a elles juntas, ou encandernar-se separadamente no fim de todo o poema. O preço será contado na razão de 40 reis cada folha de impressão, e cada um dos retratos em papel velino custará egual quantia. A obra comprehenderá provavelmente dois grossos volumes. E no caso que a empreza seja accolhida poderemos em seguida publicar novas Satiras do mesmo auctor (todas ineditas, excepto a primeira) e outras muitas composições em prosa e verso egualmente ineditas, bem como a sua *Biographia* tratada com miudeza e exactidão, e o Catalogo completo de todas as Obras que d'elle ficaram tanto impressas como manuscriptas.

E para mutua e reciproca obrigação e responsabilidade de cada um dos interessados assignaram tres d'este mesmo theor, para cada qual ficar com um em sua mão para os effeitos que possam ter logar.»

## Retratos

*1.° A oleo.* Allude a este retrato José Agostinho de Macedo em uma carta a Fr. Joaquim da Cruz, Procurador geral de Alcobaça, datada de junho de 1830:

«Farei no fim do poema a declaração, para se depositar em Alcobaça. Tambem quizera que lá por entre os livros da casa d'elles se conservasse um *retrato meu, e a oleo*, feito pelo grande pintor chamado pelo governo para pintar o nosso Lord, e mais outro Lord careca, casado com a mulher do Juromenha. Este meu retrato, como pintura é cousa admiravel; como eu não tenho herdeiros que lhe mandem fazer a moldura que merece, eu o deixo em vida ao Mosteiro de Alcobaça, que como guarda as obras em tinta guarde o auctor em côres, e Deus guarde a V. S.ª de quem sou

Am.° e obrigadissimo
*J. A. de M.*»

N'esta data ainda Macedo não considerava abalado o absolutismo, e era-lhe impossivel prevêr a dispersão das riquezas de Alcobaça pelo decreto de secularisação de 1834; Francisco de Paula Ferreira da Costa lamentava a perda do retrato de José Agostinho, que provavelmente, pelos grandes odios que então prevaleciam, teria sido destruido. Eis o que elle diz d'este retrato: «que tirou o insigne Pintor Henrique José da Silva em 1814, o qual existe no Real Mosteiro de Alcobaça, para onde eu concorri que fosse em 1830, aconselhando ao P.e Macedo, que era o melhor deposito em que podia ser conservado á Posteridade. D'este Retrato (que é de meio corpo e proporção natural) se extrahiu o que ornou a primeira edição do poema *Oriente*, impresso em 1814.» (Nota 1.a de Francisco de Paula Ferreira da Costa á recensão das seis elaborações do Poema dos *Burros.)*

Em additamento a esta nota, no fim do volume, escreve: «Eu tambem emigrei de Lisboa em 24 de Julho de 1833, e quando cheguei a Alcobaça a 27, ainda vi na Livraria d'este Mosteiro o Retrato do P.e Macedo. Tres dias depois acompanhei os Religiosos na sua emigração para Coimbra, e como o Mosteiro foi depois occupado, ignoro onde pára o referido Retrato, ou se foi dilacerado como outros pelo furor liberal.»

A este quadro e ao pintor se refere Pato Moniz, na *Agostinheida*:

> Verás um Pintor-Cocles, mui devoto
> Das sapientes *Elmiricas-façanhas,*
> Pôr-lhe a oleo o carão, affeiçoado
> Inda que com favor, assimilhado.
>
> (Pag. 179.)

2.º *Gravura em cobre*, por D. J. da Silva, acompanhando a edição do *Oriente*, de 1814. É magnifica. A esta gravura allude Pato Moniz, na *Agostinheida*, revelando algumas circumstancias particulares da composição:

> E c'um Livro na mão, como em memoria
> Dos muitos que roubou: verás *Manteiga*
> Com tardonho boril passal-o a cobre;
> Macedo punirá esta tardança,
> E a seu pedido, como proprio emblema
> Dos crimes que escrevendo commettera,
> (Hum tempo Sycophanta, e Zoilo agora)
> Ornar-lhe-ha o baixo do Retrato infando
> Huma penna de ferro, negrejando
> Por entre o lusco-e-fusco, a luz do Inferno;
> Nos torculos depois multiplicando,
> De um fusco-*Oriente* gatunado
> Enfeitará luxuosos fronstispicios...
>
> (Pag. 179.)

Ao pintor Henrique José da Silva chamou *Cocles* e em nota accrescenta: «cego de um olho, e que para obra tal devera ser de ambos.»

E do gravador D. J. da Silva, trata-o pela alcunha: «por antonomasia *o Manteiga;* e logo foram dois *Silvas*, que reproduziram aquella rica *Amora!*» E em terceira nota sobre a tardança da obra: «O miseravel, ainda que aliás habil Gravador, succedeu-lhe um precalço com que perdeu a primeira chapa, e teve por isso de retardar a obra; mas por este retardamento lhe dirigiu J. A. uma carta em que o punha á viola.» Em outra nota, sobre o emblema da penna, no baixo do retrato: «J. A. mal-contente de que *o seu devoto Pintor-Cocles* o retratasse para correr mundo no frontispicio do seu Livro, esquecendo-lhe de o pôr a escrever, pediu que na gravura se lhe ajuntasse uma penna.—Porém, como? (lhe perguntou o Gravador.)—Seja como for, eu quero ahi uma penna (respondeu J. A.); então o pobre *Manteiga*, receando a lingua do retratado, lembrou-se de metter a penna em um globo de luz, tirando assim apparentemente das trevas o Figurão gravado.» (Ib., pag. 180.)

*3.° Outra gravura*, de J. V. Priaz. Na edição do *Oriente*, de 1827. É de perfil, e, segundo testemunhos contemporaneos, menos parecido.

*4.° Lithographia.* No jornal *O Desengano.* Com a assignatura N. J. Possolo. Na Off. de S.[tes] Por debaixo do retrato o emblema de um livro com o titulo *Desengano* por José Agostinho, (com uma penna atravessada). Lisboa, 1830. Por ordem superior. Tem a divisa ao sopé: «Protulit Ars apices non nova; pixit amor.»

*5.° Phototypia*, (do n.° 2.°) por Philippe José Fernandes. Acompanha o presente livro. (Vid. p. 158, e nota 1.)

## Bibliographia

**1.) Catalogo das Obras do Reverendo Padre José Agostinho de Macedo que se vendem na Loja de João Henriques, Rua Augusta n.° 1**

| | |
|---|---|
| Sermão de Acção de Graças, prégado em S. Paulo,... ................ Réis | 100 |
| Dito, contra o Filosophismo do Seculo XIX, pregado em S. Julião no anno de 1811.............................................. | 160 |
| Dito de Preces, prégado na Igreja dos Martyres, segunda edição........... | 120 |
| Dito das Dores, prégado na Capella Real de Queluz................ | 120 |
| Dito de Cinza, prégado na Casa de San Roque, segunda edição.. ......... | 120 |
| Dito do primeiro Domingo de Advento, prégado na Patriarchal........... | 120 |
| Dito sobre o espirito da Seita dominante no seculo XIX, dedicado ao Clero portuguez.........................,.......... ....... | 120 |
| Dito de Acção de Graças, pregado em 1806, nos Martyres................ | 120 |
| Dito prégado em Santo Antonio em 1814, papel de Hollanda............. | 240 |
| Dito da Paz Geral, prégado em S. Julião em 1814........................ | 160 |

Dito sobre a Verdade da Religião catholica, prégado nos Martyres em 1814.. 160
Dito pelo feliz regresso de Sua Magestade em 1821, segunda edição........ 160
Dito da Festa de Sancta Isabel, prégado em S. Roque na Instituição da Ordem.................................................... 100
Dito de Sancta Maria Magdalena.................................... 120
Dito pela Monarchia independente, prégado na Graça.................... 160
Oração funebre do Senhor D. João IV *(raro)*..........................
Dita funebre do Barão de Quintella...................................... 120
Panegyrico de S. Francisco Xavier....................................... 160
Elogio do Papa Pio VII, vertido do italiano................................ 240
A Besta Esfolada, 26 numeros........................................... 1$660
A Senhora Maria, ou Nova Impertinencia, 1 folh. in-8.º.................... 80
A Verdade, Pensamentos philosophicos.................................... 320
A Analyse analysada. Resposta a Couto.................................... 100
Arrependimento premiado 1 folh. in-8.º br................................ 160
Bases eternas da Constituição politica, pelo Sacristão do Cura d'Aldeia..... 160
Carta sobre a Comedia a «Preta de Talentos», 1 folh. in-8.º................ 160
Dita sobre a Comedia «Adeli», 1 folh. in-8.º............................... 120
Dita sobre a Farça Manuel Mendes......................................... 160
Dita de Fogaça, ou Historia do Cêrco de Saragoça, segundo a Comedia «o Palafox» no estylo de Fernão Mendes Pinto, 1 vol. in-8.º................ 240
Dita sobre huma cousa, que observara em Lisboa, chamada «o Observador». 60
Dita de um Pai para seu Filho, Estudante na Universidade de Coimbra, sobre o espirito do Investigador, 1 folh................................ 120
Dita de hum Vassallo nobre ao seu Rei. Resposta a esta por José Agostinho de Macedo....................................................... 120
Ditas a Pedro Alexandre Cavroé, 7 numeros *(raro)*..........................
Dita ao Redactor da Gazeta Universal..................................... 40
Apotheose de Hercules. Elogio Dramatico no Dia do Anniversario natalicio de El-Rei N. S. em 1830.......................................... 60
Carta ao Senhor Joaquim José Pedro Lopes................................ 60
Ditas ao Redactor do Diario do Governo, e aos outros Contadores de Patranhas de ambas as Indias, de ambas as Hespanhas.................... 100
Dita a Attico, contendo 27 Cartas sobre diversas materias Philosophicas e Litterarias.................................................... 480
Dita ao Senhor Anão dos Assobios......................................... 80
Dita sobre as Côrtes de Portugal.......................................... 60
Dita do Enxota Cães da Sé ao Thesoureiro d'Aldeia......................... 160
Ditas a J. J Pedro Lopes, 32............................................... 1$900
Dita Unica sobre a Junta de Melhoramento................................. 120
Censura dos Luziadas, 2 vol. in-8.º br.................................... 960
Considerações christãs e Politicas sobre a enormidade dos Libellos infamatorios 120
Ditas sobre o 4.º Tomo das Obras de Bocage................................ 120
Couto ou Resposta a Couto, 1 folh........................................ 300
Demonstração da Existencia de Deus, 1 vol. in-8.º.......................... 240
Desaprovador, 26 numeros semanaes, 1 vol. in-4.º.......................... 1$000

**Dramas:**

Branca de Rossi, Tragedia................................................ 240
O Sebastianista, Comedia.................................................. 160
D. Luiz de Attaide, Comedia.............................................. 160
A Impostura castigada, Comedia........................................... 160
O Voto, Elogio Dramatico................................................... 50
Elogio de Ricardo Raymundo Nogueira...................................... 200
A Volta de Astrêa, Elogio Dramatico, em 1829, nos Annos de Sua Magestade 60
Epistola a Maio e Lima, 1 folh............................................ 80
Dita a Lord Wellington.................................................... 80

Dita ás Grandes Potencias alliadas na passagem do Rheno................ 80
Espectador portuguez, Jornal de Litteratura e Critica, em 4 vol............ 4$000
Os Frades, ou Reflexões philosophicas sobre as Corporações Regulares..... 200
Gaitada 1.ª 40 réis, Gaitada 2.ª 40 réis, Gaitada 3.ª 40 réis. Todas.......... 160
Historia de Portugal, 4.º Tomo, que completa o jogo de tres volumes da Sociedade Litteraria de Londres.................................... 360
O Homem, ou os Limites da Razão.................................... 320
Os Jesuitas ou o Problema resolvido.................................. 100
Os Jesuitas e as Letras, ou a Pergunta Respondida...................... 100
Huma Palavra sobre o Padre.......................................... 60
Hum Quarto de Palavra.............................................. 80
*Hum Grito ao Padre Macedo*.......................................... 120
Jornal Encyclopedico, em que se acham varias Obras do Padre Macedo. 12 folh.................................................................. 3$600
Justa Defeza do Livro intitulado «Os Sebastianistas», 1 volume in-4.º...... 2$400
*Tratado de Paz Litteraria.* Resposta ao Motim Litterario, 2 num........... 200
Ode a S. Magestade Imperial Alexandre I o Triunfador...................... 100
Dita ao mesmo por occasião de mandar edificar hum Templo............. 80
Dita ao Principe Kutusow............................................. 80
Dita Á ambição de Bonaparte......................................... 80
Epicedio á morte de Bocage (*raro*)......................................
Parecer sobre a Obra de Fr. Fortunato................................. 80
Pateadas do Theatro.................................................. 240
Parecer sobre a maneira mais facil para a Convocação das Côrtes.......... 100
Páo da Cruz, pelo Thezoureiro do Cura d'Aldeia......................... 200
Gama (Narrativa), 1 volume........................................... 480
*Exame Critico do novo Poema Epico «o Gama»* por Rocha e Pato.......... 360
Oriente, 2.ª edição, 1 volume......................................... 1$200
Novo Argumento, 2.ª edição nitida, 1 volume in-8.º brux.................. 600
N. B.—Ha ainda algum exemplar da 1.ª edição com uma Dedicatoria á Universidade de Coimbra, 1 volume in-8.º
Newton, 2.ª edição, 1 vol. in-8.º......................................... 400
Newton, 1.ª edição, 1 vol................................................ 240
Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria................................ 720
O Desengano, 9 numeros e continúa.....................................
Reflexões sobre a retenção do Conde d'Arcos, 1 fol. in-4.º................ 100
Ditas Criticas sobre o Episodio do Adamastor nos Luziadas, 1 vol. in-8.º... 125
Resposta ao Correio interceptado........................................ 30
Refutação methodica das chamadas Bases da Constituição Politica por hum Cura d'Aldeia......................................................... 200
Dita do Folheto Garrett—Quem he o legitimo Rei.......................... 160
Retornello do Pardal................................................... 120
Sandoval nú e crú..................................................... 160
Symphonia de Castilho................................................. 60
Sebastianistas, 2 vol. in-8.º broch......................................... 600
*Refutação Analytica*, por Rocha Porto, 1 vol............................ 240
Semanario de Instrucção e Recreio, em que se acham diversas obras do Padre Macedo, de J. J. P. Lopes e outros; faz-se recomendavel pela Descripção Geographica do Imperio da Russia, 2 vol. in-4.º............. 4$800
Tripa Virada, 3 numeros in-4.º.......................................... 180
Tripa por uma vez, 1 numero in-4.º...................................... 240
Ultimo Quarto de Palavra.............................................. 60
Voz da Justiça, ou Desaforo punido...................................... 120

N. B.—Ha muitas outras Obras, que por sua raridade aqui não se apresentam. As Obras cujos titulos são em letra italica são aquellas que se referem a alguma do Padre José Agostinho de Macedo.

Lisboa. Na Impressão Regia, 1830. Com licença.
(É uma folha solta de 4 paginas num. in-4.º)

2.) Antonio Maria do Couto: Na 3.ª edição do *Motim Litterario* de José Agostinho, vem—accrescentado com a *Biographia do Autor*—hum *Catalogo das suas Obras e juizo critico d'ellas*. Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1841. (Vidè retro, pag. 4.)

3.) Rego Abranches (A. M. do).—*Catalogo alphabetico das Obras impressas* de José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1849. In-8.º (Vulgarisado em 1855.)

4.) Carreira de Mello (J. L.)—*Biographia do P. José Agostinho de Macedo*, seguida de um *Catalogo de todas as suas Obras*. Porto, 1854. In-8.º

5.) Innocencio Francisco da Silva.—*Diccionario bibliographico portuguez*, Lisboa, 1860. Vb.º José Agostinho de Macedo.—A sua lista bibliographica, hoje atrazada, foi reproduzida por Romero Ortiz na *Revista española*.

No 12.º volume do mesmo *Diccionario*, 5.º do supplemento, Lisboa, 1884, vem algumas rectificações e ampliações pelo illustre bibliographo sr. Brito Aranha.

6.) No presente estudo bibliographico fômos auxiliados pelo sr. Martinho Augusto da Fonseca, cuja competencia n'esta especialidade de investigações já se tinha revelado nos *Subsidios para um Diccionario de Auctores anonymos e pseudonymos*, impressos por ordem da Academia real das Sciencias. Todos os artigos que compõem esta Bibliographia foram cuidadosamente revistos, conferidos e ampliados em presença das Obras de José Agostinho de Macedo por collecções particulares, e principalmente pela mais completa e quasi integral, que possue o sr. Sebastião da Silva Leal, que graciosamente a facultou para que este trabalho ficasse perfeito, quanto possivel.

## ESCRIPTOS CRITICOS E SATIRICOS CONTRA JOSÉ AGOSTINHO[1]

**PENA DE TALIÃO**—Resposta de Bocage á Satira que José Agostinho lhe dirigiu.—1801. (Varias vezes impressa.)

**CINCO SONETOS** censurando a Traducção das Odes de Horacio, escriptos em 1806 por Pato Moniz. (Vão n'este volume.)

**UM SONETO DE BOCAGE**, e outro de Pato Moniz, criticando a Tragedia *Zaida*. (Vid. p. 181.)

**A MARIOLADA**—por José Anselmo Corrêa Henriques.

**REFUTAÇÃO ANALYTICA** do folheto que escreveo o Reverendo Padre José Agostinho de Macedo, e intitulou *Os Sebastianistas* pelos redactores do Correio da Peninsula João Bernardo da Rocha, Bacharel formado em leis, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, MDCCX (aliás 1810). In-8.º de 62 pag,

——Outra edição do mesmo anno, com algumas differenças no frontispicio.

**RESPOSTA** aos redactores da Peninsula, em que se mostra pela mesma Refutação Analytica, a veracidade das 4 proposições contra os Sebastianistas por D. Benvenuto Antonio Caetano de Campos, C. R. Lisboa. Na Impressão Regia, 1810. In-8.º de 25 pag.

**OS SEBASTIANISTAS.**—Reflexões criticas. Rio de Janeiro, 1810. (Cita-o a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 28 de Julho, de 1810.)

**O MAU AMIGO.**—Drama por Antonio Xavier. (Vid. p. 81.)

**O ANTI-SEBASTIANISTA DESMASCARADO.**—Comedia por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

**TRATADO DE PAZ** entre os Sebastianistas, o seu Critico e os Apologistas da Crença Sebastica—Ordenado pela alta Potencia media-

---

[1] «Bom será fazer catalogo de tudo o que se imprimiu *pró e contra José Agostinho*, para ir no fim das Memorias.» (Nota avulsa de Innocencio.)

neira a Excellentissima Senhora D. Prudencia, etc. Ratificado e assignado pelos Representantes respectivos, e dado á luz para acabar as inuteis questões que reinão. Por Carlos Vieira da Silva, rapaz Lisbonense. Lisboa. Na Impressão Regia, 1810. In-8.º de 13 pag.

**TABOA DE ERRATAS** e das emendas por observação, reflexão e advertencia á obra intitulada *Os Sebastianistas*, attribuida ao douto e bem conhecido Fr. José Agostinho de Macedo, Pregador Regio etc. Impressa em Lisboa na officina de Antonio Rodrigues Galhardo etc., no anno de 1810. Com huma breve nota ao novo Folheto, que sobre este assumpto se tem publicado em nome d'este Auctor por José Manuel Garcia da Cunha (Manuel José Maria da Costa e Sá). Lisboa, Na Impressão Regia. Anno 1810. In-8.º de 19 pag.

**O FEITIÇO VOLTADO CONTRA O FEITICEIRO**, ou o Auctor do Folheto intitulado *Os Sebastianistas* convencido de mau Christão, mau Vassilo, mau Cidadão, e o maior de todos os tolos, etc.—Londres. Impresso por W. Lewis, 1810. In-4.º de 43 pag. Attribue-se a José Leonardo da Silva, frade dominicano (J. A. tambem attribuiu ao Monsenhor Mourão.)—Vidè *Espectador portuguez*, 2.º semestre, pag. 239.

**REFLEÇÕES CRITICAS** sobre todos os que escreverão, e escreverão pró, e contra os Sebastianistas; mas com particularidade a respeito do folheto *Os Sebastianistas*, do R. P. José Agostinho de Macedo e o de José Maria de Sá: escriptas por D. Maria Pinheiro Ujena. Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1810. Com licença. In-4.º de 38 pag. (Auctor supposto, segundo Innocencio; «parece que era hespanhol.»)

**CARTAS** sobre o verdadeiro espirito do Sebastianismo, dirigidas a um fidalgo d'esta Côrte, por Manuel Joaquim Pereira de Figueiredo, Presbytero (aliás D. Francisco da Silva).—4 Cartas, 1810.

**CARTA** de hum guarda-roupa d'El-rei D. Sebastião a hum amigo seu n'esta côrte, em que, depois de umas breves reflexões sobre o folheto intitulado *Os Sebastianistas*, lhe dá huma noticia circumstanciada da ilha *Encuberta*, e da existencia d'aquelle *Soberano*. Tudo em estylo jocoserio, unico proprio de semelhante assumpto. Dada á luz e vendida aos curiosos por Fr. de P. J. (Francisco de Paula Jaku). Lisboa, na Impressão Régia, 1810. Com licença, In-8.º de 15 pag.

**O SYLOGISMO REFUTADO**.—(Resposta á Justa Defeza do Livro *Os Sebastianistas*). Lisboa, na Impressão Regia. 1810, In-8.º de 15 pag. Anonymo: seu auctor José Maria de Jesus. Attribuido por J. A. a um frade da Ordem Terceira da Penitencia.

**DEFEZA DOS SEBASTIANISTAS**, primeira audiencia, e despacho que n'ella obteve. Composta por Pedro Ignacio Ribeiro Soares. Lisboa,

Impressão Regia. Na off. de João Roiz Neves, In-8.º MDCCCX, de 24 pag. (Esta não é propriamente contra J. A.)

**BOMBA D'APOLLO** apagando o fogo Sebastico. Satira por Antonio Joaquim de Carvalho. Lisboa, Impressão Regia. 1810, In-8.º de 20 pag.

**IMPUGNAÇÃO IMPARCIAL** do folheto intitulado os *Sebastianistas*, por um Amador da Verdade (por José Maria de Sá.) Lisboa, Impressão Regia, In-8.º 1810, de 48 pag. Ha 2.ª parte.

**IMPUGNAÇÃO IMPARCIAL** do folheto intitulado *Os Sebastianistas*, em que se continúa a responder ao segunde ponto. Seu autor José Maria de Sá (ou de Jesus), Lisboa, na Impressão Régia, 1810, In-8.º de 48 pag.

**JUSTA DEFFEZA** do Livro intitulado *Os Sebastianistas*. Rio de Janeiro, 1810. (Cita-o a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 15 de Septembro, de 1810.)

**JUSTA IMPUGNAÇÃO** do celebre Syllogismo que apoiou o livro intitulado *Os Sebastianistas*, por João Bernardo da Rocha, e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, na Impressão Régia, 1810, In-8.º de 15 pag.

**SEBASTIANISNO**, ou o Macedo desafiado pela mascarada corja dos Sebastianistas, & por Francisco da Silva Cardozo Leitão. Lisboa, na Typographia Lacerdina, 1810, In-8.º de 15 pag.

**CARTA CIVIL E ATTENCIOSA**, que hum habitante das provincias do reino escreveu ao R.º P.ᵉ José Agostinho sobre a sua obra intitulada *Os Sebastianistas*, dada á luz por João José. Lisboa. 1810, na Nova Officina de João Rodrigues Neves, In-8.º de 15 pag.

**CARTAS** sobre o verdadeiro espirito do Sebastianismo, escrita a hum fidalgo d'esta côrte por Manuel Joaquim Pereira de Figueiredo, Presbytero secular. Lisboa, na Impressão Regia, 1810, in-8.º de 21 pg.

Carta II de 20 pag.<br>
» III » 19 »<br>
» IV » 20 »

**CARTA** sobre a origem e effeitos do sebastianismo, escripta a hum amigo, pelo professor regio de grego Antonio Maria do Couto, na qual se descobrem os motivos que induziram os redactores do Telegrapho a produzirem contra o Prégador Regio José Agostinho de Macedo a Refutação Analytica do livro *Os Sebastianistas*. Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1810, in-8.º de 66 pag.

**RESPOSTA** a D. Benevenuto: ou Analize das incoherencias, contradiçoens, e absurdos que proferio contra os Redactores da Peninsula, e contra o Author do Exame Critico, offerecida a elle mesmo por Pero Jaco. Coruña. 1810, en la Imprenta de Juan Felix, in-8.° de 30 pag.

**APOLOGIA** ao livro intitulado *Os Sebastianistas*. Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1810, in-4.° de 7 pag.

**O SEBASTIANISTA FURIOSO** contra o livro intitulado *Os Sebastianistas*, por J. A. M. Dado á luz por um Remendão Litterario, que ouviu e apostou a bulla sebastica (Manuel Antonio da Fonseca). Lisboa, na Impressão Regia, 1810, in-8.° de 34 pag.

**OS ANTISEBASTIANISTAS.**—Que consagra ao illustrissimo senhor J. J. C. P. B. seu author Hum certo Rapaz (Carlos Vieira da Silva). Lisboa, na Typografia Lacerdina, 1810, in-8.° de 35 pag.

**BOMBA DE APOLLO** apagando o fogo sebastico. Satira por Antonio Joaquim de Carvalho. Lisboa, na Impressão Regia, 1810, in-4.° de 20 pag.

**CARTA** de um provinciano a um seu amigo de Lisboa sobre a guerra sebastica. Lisboa, Impressão Regia, 1810, in-4.° de 8 pag.

**RESPOSTA** ás proposições incluidas no folheto intitulado *Os Sebastianistas*, por José Agostinho de Macedo, seu auctor Joaquim Agostinho de Freitas. Lisboa, 1811, na off. de Simão Thadeu Ferreira, In-8.° de 24 pag.

**DIALOGO** entre dois Sebastianistas por occasião da obra novamente publicada o *Motim Litterario*, para se representar no Theatro em algum intervallo. Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1811, in-8.° de 14 pag. Anonymo.

Auctor — Antonio Maria do Couto.

**EXAME CRITICO** do *Motim Litterario* de José Agostinho de Macedo, por Antonio Maria do Couto, professor regio de grego. Producção XI. Lisboa, na Impressão Regia, 1811, in-4.° de 44 pag.

**PAZ LITERARIA** em forma de Soliloquios, ou sabonete aos Soliloquios do R. P. J. A. M. seu author Paulino Ferreira da Costa e Vasconcellos. Numero I. Lisboa, na Impressão Regia, 1811 in-8.° de 32 pag.

N.° II. Ibi, 1811, in-8.° de 34 pag. (Attribuido por José Agostinho a José Maria da Costa e Silva.)

**ELMIRO**—Satira (por N. A. P. Pato Moniz) em 1812. Impressa em Londres.

**EXAME CRITICO** do novo Poema aqui intitulado «O Gama», que ás cinzas e manes de Luis de Camões... dedicou... João Bernardo da Rocha e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. 1812, na officina de Joaquim Roiz de Andrade, in-8.º de 84 pag.

Thomaz Antonio dos Santos Silva allude assim ao talento de Macedo, e ao poema *O Gama*, publicado depois da primeira redacção dos *Burros:*

> Asno de duas não, mas de tres gemmas,
> Que ha pouco o poema deu dos *Burros*,
> Tendo já dado o burro dos Poemas.

**BREVE ANALYSE** do Poema Gama, pelo dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha. No *Investigador Portuguez*, n.º 8, fevereiro de 1812, tom. 2, pag. 509 e seguintes.

**PENA DE TALIÃO.**—Resposta de Bocage ao conhecido trovista J. A. de Macedo. No *Investigador* n.º 15, setembro de 1812, vol. 4.º, pag. 434.

**O GIGANTE ADAMASTOR** vingado, ou o Gama convertido em *Gamellada*. Critica ao folheto de J. A. Reflexões sobre o Episodio do Adamastor nos Luziadas, pelo dr. Vicente Pedro Nolasco. No *Investigador Portuguez*, n.º 12, junho de 1812, tom. 4, pag. 34 e seg.

**A GAZETA IDADE D'OURO**, de 1812. Traz um artigo a José Agostinho em que censura as suas obras. Semanario, tom. 2, pag. 334.

**ASSIM O QUERES** assim o tens.—Satira inedita:

> Se inutil Macedo mordaz nunca fôra,
> Se ao bem dedicasse a Musa traidora &

**BREVE ANALYSE** do novo poema que se intitula «Oriente», por um amigo do Publico (A. M. do Couto). Lisboa, na Imp. da Viuva Neves & Filhos, 1815, in-8.º de 28 pag.

**REGRAS DE ORATORIA** da Cadeira, applicadas a uma Oração de José Agostinho, recitada em S. Julião a 22 de junho de 1814, por A. M. do Couto. Lisboa, na Imp. da Viuva Neves & Filhos, 1815, in-8.º de 109 pag.

**EXAME CRITICO** do Motim Litterario de José Agostinho de Macedo, por Antonio Maria do Couto, n.os 1 e 2. In-4.º de 43 pag., numeração seguida, 181., Imp. ...

**O DR. HALLIDEY** em Lisboa, impugnado até á evidencia. Carta do professor regio Antonio Maria do Couto a um seu amigo. Lisboa, off. de J. Rodrigues d'Andrade, Rua dos Sapateiros, n.º 11, 1812. In-8.º de 30 pag. E' uma censura ao opusculo de J. A. *Reflexões criticas sobre o episodio do Adamastor*, etc.

J. A. respondeu a este folheto com a *Carta de Manuel Mendes Fogaça* em resposta á que lhe dirigira Antonio Maria do Couto, etc.

**A MATERIALEIRA.**—Discurso em que o professor regio Antonio Maria do Couto desfia um dialogo com o grave titulo de *Miseria*, que Macedo em um accesso de frenetico delirio compozera contra Couto. Offerecido ao publico para sua instrucção. Producção 37, ultima sobre este objecto. Lisboa, Imp. de J. F. M. de Campos, 1815, in-8.º de 64 pag.

N. B. Ainda que este folheto seja uma resposta ao dialogo *Miseria* impresso em 1811, sómente foi publicado em 1815 como desforra do livro que J. A. escrevera intitulado *O Couto*, impresso no dito anno. Esteve guardado até então.

**MANIFESTO CRITICO**, analytico, e apologetico em que se defende o insigne vate Camões da mordacidade do Discurso preliminar que precede ao poema *Oriente*, e se demonstram os infinitos erros do mesmo poema. Lisboa, 1815, in-8.º de V-104 pag. Na off. de J. F. M. de Campos.

Tem dentro um segundo rosto que diz—*Analyse do façanhudo Poema Oriente*, dada á luz por Antonio Maria do Couto. Producção XXXVII. Lisboa, 1815. Este segundo rosto foi separadamente impresso, e depois unido á obra.

**EXAME ANALYTICO** e parallelo do Poema Oriente do Rev. José Agostinho de Macedo com os Luziadas de Camões, por N. A. P. Pato Moniz. Lisboa, na Typ. Lacerdina, 1815, in-8.º de VIII-355 pag.

**RESPOSTA** aos folhetos de J. A. de M. Presbytero secular, assignada *Veritas*. (José Agostinho attribue esta resposta a D. Francisco da Soledade, conego Regrante de S. Agostinho, por elle alcunhado o *Chanfana*. Vol. 17, do *Correio Brasiliense*, de agosto de 1816, n.º 33, pag. 203.

Continuada no n.º 100, setembro, pag. 322.
» » » 102, novembro, » 624.
» » » 103, dezembro, » 757.

Esta resposta foi escripta por occasião da publicação do *Segredo Revelado*, com certa seriedade, e quasi sempre com decencia.

No mesmo *Correio*, vol. 17, vem mais a respeito de J. A.:

N.º 100, setembro, 1816, a pag. 394, um pequeno artigo intitulado: **JOSÉ AGOSTINHO e o seu Espectador.**

N.° 101, outubro, a pag. 472, outro artigo intitulado **O INVESTIGADOR** e o **Espectador.**

No mesmo numero a pag. 530, uma carta assignada Menkenio Teiguera, a qual J. A. attribue a Couto. N'ella se encontram varias allusões á vida particular de J. A.

N.° 103, dezembro, a pag. 818, um pequeno artigo intitulado **O ENERGUMENO.** Ahi mesmo vem um Soneto com o titulo—Biographia de J. A., falsamente attribuido a Bocage, e que se diz tambem falsamente de 1803. Parece ser obra de Pato Moniz.

**CARTA** ao redactor do Correio Brasiliense, assignada *Um verdadeiro Patriota*, (sobre a moralidade de J. A. e o seu merecimento como litterato), inserta no dito *Correio*, n.° 106, de março de 1817, pag. 316 e seg., vol. 18.

**CARTA** a um amigo sobre o merecimento literario de J. A. considerado como escriptor, datada do Porto, 25 de janeiro de 181. e assignada com as iniciaes F. J. L. (que elle interpreta *Fr. José Leonardo*). Esta Carta foi por copia ao redactor do *Correio Brasiliense*, que a inseriu no n.° 107, em abril de 1817, pag. 470 e seguintes, vol. 18).—N'esta carta vem a seguinte apreciação:

«Abra uma ou outra das muitas obras que aquelle R.do tem rabiscado... Alli verá razões contra razões, insipidez e gracejo, affirmação e negação, critica sem ella, estilo gigante e estilo anão, imaginação e plagiato, palavras boas e termos pessimos, furor e mansidão, lembrança sem pessoal e encommenda, altivez e lisonja, constancia e humildade, orgulho e fraqueza, choradeira e cholera, miseria e basofia, louvor e maledicencia, humildade e orgulho, heterodoxia e protestação, amor e odio, beneficencia e malfeitoria, diligencia e ocio, philosophia e fanatismo, applauso e apupo, lingua propria e lingua barbara, defeza e libello, decoro e grosseria, continencia e cio, despreso e inveja, divindade una e polytheismo, um verso soffrivel e muitos maus, fogo e cinza, plano assim-assim e execução má, em summa verá uma loja de droguista; e para melhor dizer, as cousas não estão alli em confusão maior, etc.

**AGOSTINHEIDA**—Poema heroi-comico em 9 cantos. Londres, impresso por W. Flint, old Bailey, 1817, in-8.° de VII-182 pag. Anonymo. (Escripto por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.)

**O OBSERVADOR PORTUGUEZ**—Obra d'erudição e recreio por uma sociedade de litteratos. Lisboa, na impressão de João Baptista Morando, 1818, tom. 1.° e 2.°

Vidè especialmente os n.os 6 a 9 do segundo semestre, e os 10, 11 e 12 do primeiro semestre.

**VIEIRA JUSTIFICADO**, ou Carta apologetica a favor do insigne

orador P. Antonio Vieira contra um critico moderno, por Fr. Matheus d'Assumpção. Lisboa, Imp. Régia, 1818. In-8.º de 61 pag.

**APOLOGIA** de Camões contra as reflexões criticas do *P. José Agostinho de Macedo* sobre o episodio do Adamastor no canto V dos Lusiadas. Em Santiago, na officina typographica de D. Joan Moldes, 1819, com as licenças necessarias, in-4.º de X–64 pag.

2.ª edição, Lisboa, na typographia do Correio, Largo do Contador-mór 1, 1840, in-4.º de 87 pag. Esta obra foi sempre attribuida a D. Francisco de San Luiz, que era então monge benedictino.

**CARTA** do Mestre artista ao Rev.^mo sr. José Agostinho de Macedo, presbytero secular, e prégador régio por sua Magestade Fidelissima. Lisboa, na Nova Impressão da Viuva Neves & Filhos, 1821, in-4.º de 16 pag.

**O ACOLYTO** contra o Exorcista, que levou a caldeirinha e o hyssope para exorcismar a praga periodiqueira, que grassava em Lisboa, Parte 1.ª Lisboa, na nova Imp. da Viuva Neves & Filhos, 1821. É uma completa salgalhada, sem chiste, sem grammatica, sem raciocinio, uma cousa emfim tão miseravel que fica inferior a toda a especie de analyse. In-4.º de 11 pag.

**ANALYSE** critica e Exorcismos contra o Exorcista que esconjurou os Periodicos=Fugite partes adversae.=Lisboa, Typ. Lacerdina, 1821, in-4.º de 16 pag.

**RESPOSTA** á carta do Reverendo Sr. J. A. de Macedo, publicada na segunda-feira da semana santa, 16 de abril de 1821. Lisboa, Imp. Nacional, in-4.º de 15 pag. É anonyma; seu auctor é Pedro Alexandre Cavroé.

**RESPOSTA** ao papel intitulado *Exorcismos contra Periodicos*, e outros maleficios, com o responso de Santo Antonio contra a descoberta da malignidade dos aleijões solapados. Seu auctor Pedro Alexandre Cavroé. Lisboa, na Imp. Nacional, 1821, in-8.º de 16 pag.

**MNEMOSINE** Constitucional, de 19 de março de 1821. (Vid. 4.ª Carta a Cavroé, no fim.)

**O PORTUGUEZ** Constitucional Regenerado, de Pato Moniz. 1821, n.^os 92 e 94.

Transcrevem-se n'estes n.^os muitas particularidades ácerca de J. A., algumas das quaes foram aproveitadas na sua biographia.

**CARTA** do Novo mestre Periodiqueiro ao auctor da Resposta á segunda parte do Mestre periodiqueiro. Lisboa, na off. de Antonio Ro-

drigues Galhardo, impressor do Conselho de Guerra. Com licença da Commissão de Censura, 1821, in-4.º de 19 pag.

No fim asssignado: Mestre Periodiqueiro.

**JUSTIFICAÇÃO** dos Sebastianistas, feita pelo auctor do Occidental. Lisboa, 1821, na Typographia de Bulhoens, in-4.º de 8 pag.

**REFLEXÕES** imparciaes.—Rio de Janeiro, 1822. (Cita-o o *Diario do Rio*, de 2 de setembro de 1822.)

**ANEDOCTAS BIOGRAFICAS** do Reverendo padre José Agostinho de Macedo, extrahidas do *Portuguez Constitucional regenerado*, n.º 92, Impresso em Lisboa em 19 de Novembro de 1821. Porto, na Imprensa do Gandra, 1822. In-4.º de 15 pag.

**A VIZÃO**, na qual se dá conta da conversa que tiverão juntos o Padre Macedo, com o seu companheiro o Redactor da «Gazeta Universal». Por *** (Antonio Joaquim Nery.) Lisboa, na Typ. Patriotica, rua Direita da Esperança, n.º 50. s. d. (1822). In-4.º de 15 pag.

**RESPOSTA** ao artigo=Lisboa=inserto na «Gazeta Universal» n.º 101, assignado por Antonio Pinto da Fonseca Neves, Lisboa, 1822... In-4.º de 8 pag.?

**RESPOSTA AO MANIFESTO**, que o peccador convertido José Agostinho de Macedo fez á Nação Portugueza. (Assignada no fim: Antonio Pinto da Fonseca Neves.) Lisboa, na off. das Filhas do Lino de S.ª Godinho. 1822, In-4.º de 8 pag. A p. 8 traz um soneto satírico a José Agostinho, alludindo á composição do Poema dos *Burros*, o qual consta ser do conego José de S. Bernardino Botelho.

**RESPOSTA** á proposta do Anão dos Assobios, pelo P.ᵉ José Narciso P.ª de C. e Araujo, Prior encommendado de S. Nicolau, etc. Lisboa, Typ. Patriotica, 1822. In-4.º de 8 pag.

**CARTA** ao M. R. P. José Agostinho de Macedo sobre os Constitucionaes e Liberaes, e alguma cousa sobre os Pedreiros Livres, por um Liberal e Constitucional. Lisboa, na Imp. de João Baptista Morando. (N.º 1.) 1822. In-4.º de 14 pag.

Segunda Carta, etc., de 14 pag.

Terceira Carta, etc., de 16 pag.

**SOVA NO PADRE** José Agostinho de Macedo, em resposta á sua ultima carta ao redactor Lopes, pelo Censor Lusitano Senior. (Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.) Lisboa, na Impressão de João Baptista Morando, 1822. In-4.º de 15 pag.

**SOVA SEGUNDA** no Padre José Agostinho de Macedo. No fim:

Censor Lusitano Senior. (Nuno Alvares Pereira Pato Moniz). Lisboa, na Typ. Rollandiana, 1822. In-4.° de 7 pag.

**A GRITARIA** ao Padre Macedo, 1822. Preço 40 rs.

**SEGUNDO GRITO** ou hum Berro estrondoso ao ouvido do Padre. No fim — O Berrador (Antonio de Castro Moraes Sarmento). Lisboa, na Nova Imprensa da Viuva Neves & Filhos, 1822, in-4.° de 15 pag.

**O PADRE** contra o Padre, Hypocrisia desmascarada, ou refutação do Manifesto que J. A. de M. fez á Nação portugueza, por hum Liberal. Lisboa, na Nova Impressão da Viuva Neves & Filhos, 1822, in-4.° de 34 pag.

**DUAS PALAVRAS** ao ouvido do Padre, pelo Forneiro do Forno do Tijolo, por nome o Toca la gaita, 1822, por 80 rs.

**MAIS DUAS PALAVRAS** juntas ao ouvido do Padre para alivio da Sova Senior. Lisboa: Na Impressão de João Nunes Esteves, 1822, in-4.° de 14 pag.

**BRADOS DA RAZÃO** ao Liberalismo, freio no ex-encommendado Narcizo, reflexão ao Padre Macedo, mordaça para o fogoso Neves, ferroada na Epidemia periodical e arrocho de marca no exame ou corcundas, por José Maria de Moraes.
No fim: Lisboa, na Imprensa de Alcobia, 1822, in-4.° de 8 pag.

**MAÇONISMO** desmascarado ou manifesto contra os Pedreiros livres, por * * * Lisboa, Imprensa Liberal, 1822, in-4.° de 12 pag.

**SURRA** no Padre José Agostinho de Macedo e no seu apologista C. S. D. F.
No fim: Antonio Pinto da Fonseca Neves. Lisboa, na officina que foi de Lino da Silva Godinho, 1822, in-4.° de 8 pag.

**UMA CARTA** em defeza de J. A. Publicada na *Gazeta Universal*, de 11 de novembro de 1822, n.° 250, assignada—Um veterano aposentado no serviço das Lettras e das Musas.

**OUTRA**, no n.° 266, de 29 de novembro de 1822, assignada *L. D. V. S.* que quer dizer Luiz Duarte Villela da Silva.

**LUTHERO**, o P. José Agostinho de Macedo, e a *Gazeta Universal;* ou Carta de um cidadão de Lisboa escripta ao Geral da Congregação de San Bernardo. Lisboa, na Typ. d'Antonio R. Galhardo, 1822, in-4.° de 46 pag. Anonymo. (Manuel Fernandes Thomaz).

**O ORACULO**, por C. d'Almeida Sandoval. Lisboa, 1823, in-4.º de 28 pag.

N. B.—De pag. 7 até 19 é que se contém a diatribe contra J. A., em resposta á *Tripa virada.*

**EPISTOLA** em resposta á de Manuel Mendes Fogaça, por um seu amigo, em que lhe refuta as aventuras do seu rafeiro contra os Pedreiros, e lhe mostra os defeitos da sua nova poesia. Lisboa, na off. que foi de Lino da Silva Godinho, 1823, in-4.º de 9 pag.

«Caro amigo Manuel Mendes Fogaça,
Que é isto? Endoudeceste? Ora é bem certo
Que não sabe ninguem para o que nasce, etc.»

(Segundo Innocencio pode attribuir-se ao conego José da S. Bernardino Botelho, ou a Antonio Pinto da Fonseca Neves.)

**Á MORTE** da Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Constituição, e destruição do monumento. Discurso funebre do Zé Goibinhas, recitado em a caverna Maçonica do Grande Oriente Pedreiral, perante a Augusta Sociedade: escripto por tachigrafia, e pilhado a dente pelo Anão dos Assobios.

No fim: Lisboa, em a Nova Imprensa da Viuva Neves & Filhos, 1823, in-4.º de 8 pag.

**O VELHO LIBERAL** do Douro, n.º 55, trata de José Agostinho.

**RESPOSTA** á 1.ª 2.ª e 4.ª cartas de J. A. de M. em que se mostra a nullidade da maior parte das suas asserções; é uma carta escripta por um Amigo da Razão e da verdade (Antonio Ricardo Carneiro professor de primeiras letras.) Lisboa, na Typ. de R. J. de Carvalho, 1827. Com licença. In-4.º de 19 pag.

**RESPOSTA** á 5.ª 6.ª, 7.ª, e desgarrada 3.ª Cartas de J. A. de M. Lisboa, 1827, na Imprensa de Carvalho, in-4.º de 16 pag. Anonymo (Antonio R. Carneiro).

**RESPOSTA** á 8.ª carta do Rev. P. José Agostinho de Macedo. Lisboa, Imp. de A. L. de Oliveira, in-4.º de 7 pag. (Esta é de outro auctor diverso das antecedentes.)

**GAZETA CONSTITUCIONAL**, n.º 4, de 1827. Responde á 8.ª Carta de J. A. a Lopes. (Vid. Carta 12 de J. Agostinho, pag. 1.)

**GAZETA CONSTITUCIONAL**, de 15 de agosto de 1827, tambem responde ás Cartas do Padre. (Vid. Carta 14, pag. 2.)

**O PORTUGUEZ**, de 17 de agosto de 1827, tambem traz um longo artigo ácerca das *Cartas*. (Vid. Carta 13, pag. 9.)

**O VELHO LIBERAL** do Douro, 2.° supplemento ao n.° 49 de 1827. Traz um longo artigo em resposta a J. A. (Vid. Carta 15, pag. 1.)

**RESPOSTA** á Carta que ha poucos dias se publicou contra os redactores do *Portuguez.*

**RESPOSTA** á 2.ª Carta do P. José A. de Macedo contra os redactores do *Portuguez* e mais Liberaes a quem o mesmo combate. Lisboa, na Imp. de A. L. de Oliveira, 1827, in-4.° de 15 pag.
Estas Cartas foram escriptas por Joaquim Manuel de Faria Lima e Abreu, então redactor do periodico *Fiscal dos Abusos.*

**O PADRE** José Agostinho, e mais cambada Apostolica.—Funchal, na Typ. de J. S. de Abreu, 1827, in-8.°, 14 pag. Tem no fim a data de 17 de setembro de 1827; é uma invectiva por occasião das Cartas a J. J. Lopes, respondendo a algumas asserções do padre.

**CARTA** 1.ª do Escrivão da Vintena do Arco Grande das Aguas Livres ao seu Compadre Lagosta. Porto, Imp. de Gandra, 1827, in-4.° de 8 pag.

**A TROMBETA FINAL**, n.° 80. Resposta á Carta avulsa de J. Agostinho. (Vid. Carta a Faustino.)

**CARTA** assignada por T. Q F. inserta na *Trombeta final*, n.° 83, 14 de junho de 1828, em folha, na Impressão Silviana. É uma diatribe contra a *Carta avulsa* de J. A., a que este não deu resposta. Emprega-se em mostrar as contradicções politicas de J. A. confrontando varios logares dos seus escriptos em diversos tempos, e tratando-o afinal de vendido á Facção Maçonica Aristocratica.

**PRIMEIRA** e ultima resposta á Carta avulsa do P. Macedo; este a attribue a Faustino José da Madre de Deus, e respondeu com uma Carta a Faustino.—Na *Trombeta*, n.° 80.

**OBRAS** poeticas italianas analogas á feliz chegada a esta capital de sua alteza serenissima o senhor infante D. Miguel, dedicadas á augusta imperatriz rainha de Portugal a senhora D. Carlota Joaquina, e sua real familia. Auctor Eugenio Bartholomeu Boccanera, e traduzidas em portuguez pelo P. J. A. de Macedo. Lisboa, na Typ. de R. J. de Carvalho. Anno 1828, in-8.° de 11 paginas, escriptas em italiano e portuguez.

**CARTAS** ao Rev. Padre José Agostinho de Macedo sobre a *Besta Esfolada.*
Carta 1.ª datada de Londres, 4 de novembro de 1829. Extrahida

do *Chaveco Liberal*, n.º 9, vol. unico, de pag. 199 a 206; assignada: *Viriato*.

A 2.ª, idem, de pag. 273 a 278.

Londres, impresso por R. Greenlaw, 1829, in-8.º gr. de 7 pag. Julga-se serem de José Ferreira Borges.

**ULTIMO DESENGANO**, opusculo moral e politico em addição ás ultimas palavras do grande José Agostinho de Macedo em o n.º 26 dos seus *Desenganos*. Dedicado aos verdadeiros Amigos da Legitimidade e da Realeza. Lisboa, na Impressão Regia, 1831, in-4.º de 12 pag. Anonymo (seu auctor Antonio Teixeira de Medeiros).

**CONFRONTAÇÃO** minuciosa dos dois Poemas *Lusiadas* e *Oriente*, ou Defensa imparcial do grande Luiz de Camões contra as invectivas e emmbustes do Discurso preliminar do *Oriente* composto pelo P. J. A. de Macedo, etc. Seu auctor Raymundo Manuel da Silva Estrada. Lisboa, na Imp. Nevesiana, 1834, in-4.º de 56 pag.

**CARTAS** ao Compadre Lagosta, por Paulo Midosi. (Ineditas, na Academia real das Sciencias, por doação do sr. dr. Henrique Midosi.)

**BIBLIOTHECA** familiar e recreativa, vol. 5.º, 3.º anno, n.º 21. Lisboa, na Impressão Nevesiana, 1838.

A pag. 247 traz uma *Carta acerca de José Agostinho.*

No mesmo vol., n.º 22, a pag. 256 vem: *Resposta á Carta acerca de J. A. de Macedo, inserta em o n.º 21.*

**CONFISSÃO** que faz certo penitente aos pés do ex-paulista encommendado. Dialogo entre o Padre e o Penitente.

No fim: Na off. que foi de Lino da Silva Godinho, s. d. in-4.º de 11 pag.

## OBRAS PUBLICADAS EM DEFENSA DE JOSÉ AGOSTINHO

**RESPOSTA** aos Redactores da Peninsula, em que se mostra pela mesma Refutação Analytica a veracidade das quatro proposições contra os Sebastianistas, por D. Benvenuto Antonio Caetano Campos. Lisboa, Impressão Regia, 1810. In-8.º de 25 pag.

**CARTA** sobre a origem e effeitos do Sebastianismo, escripta a um amigo pelo Professor regio de Grego, Antonio Maria do Couto. Lisboa, Impressão Regia, 1810. In-8.º de 65 pag.

**CARTA** ao professor Antonio Maria do Couto, na qual se dá breve, séria e terminante resposta ao manifesto em que pretende mostrar os erros do Poema *Oriente*, e defende os *Luziadas*, por Joaquim J. Pedro Lopes. Lisboa. Impressão Regia. 1815. In-8.º de 31 pag.

**EPISTOLA** ao Senhor José Agostinho de Macedo, em resposta a outra com que me honrou (por João de Figueiredo Maio e Lima). Lisboa, Impressão Regia, 1815. In-8.º de 13 pag.

**APOLOGIA** ao livro intitulado Os Sebastianistas.—Lisboa. Na Impressão Regia, 1810. In-4.º de 7 pag.

**CARTA** de um Jurisconsulto Portuguez a José Agostinho de Macedo—sobre Tratados com os Estrangeiros.—Lisboa, 1831. In-4.º de 8 pag. (é escripta em corroboração do que o P.e dissera ao mesmo respeito no *Desengano* n.º 24.)

**UM GRITO** ao P.e Macedo—por A. C. M. S. (Antonio de Castro Moraes Sarmento). Lisboa, Na Regia Typ. Silviana, 1822. In-4.º de 18 pag.

**O LIBERALISMO DESENVOLVIDO** ou os chamados Liberaes desmacarados e conhecidos como destruidores da nossa regeneração, o que tudo serve de resposta a uma Carta que corre impressa contra o P.e José Agostinho de Macedo. Lisboa, Na Typ. das Filhas de Lino da Silva Godinho. 1822. In-4.º de 38 pag.

**EPISTOLA** de Manuel Mendes Fogaça a um amigo de sua terra, onde lhe conta as proezas de um rafeiro, etc. Lisboa, Off. João Nunes

Esteves. In-8.º de ? pag. (Julga-se ser de Victorino José Luiz Moreira da Guerra).

**SENTENÇA** proferida na Casinha d'Almotaceria sobre o 4.º tomo das Obras de Bocage, etc. Lisboa, Impressão Regia, 1813. In-4.º (o Auctor é Pedro José de Figueiredo).

**DUAS CARTAS** sobre o merecimento de José Agostinho, pró e contra.—Na *Bibliotheca Familiar*, redigida por Lagrange.

**ANTI-PALINURO** ou Defensa, que em abono dos primeiros dois numeros do *Desengano* escreve Fr. Fortunato de San Boaventura, monge de Alcobaça, contra hum papel sedicioso, incendiario e blasphemo que actualmente se espalha n'este reino. Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1830. Com licença. In-4.º de 19 pag.

**ELEGIA** ao penoso e pranteado fallecimento do muito eloquente e sapientissimo orador portuguez o Rev. P.ᵉ José Agustinho de Macedo (por Ricardo José Fortuna. seguida de 10 Sonetos ao mesmo assumpto). Lisboa, 1832, Na Nova Impressão Silviana. In-8.º de 19 pag.
A Elegia começa:

> Morte! oh Morte! oh Lei da divindade!
> Herança triste, que nos vem co'a vida,
> Ultimo lance da fraca humanidade! etc.

**ELEGIA** á morte do Rev. P.ᵉ Jose Agostinho de Macedo, Presbytero secular e Prégador regio, etc. Mandada imprimir por Bernardo das Neves Nunes, amigo do mesmo illustre fallecido. Lisboa, 1831, Na Nova Impressão Silviana. In-4.º de 14 pag.

**EPICEDIO** á morte do Rev. P.ᵉ José Agostinho de Macedo, Principe dos Oradores portuguezes, e Poeta insigne. Lisboa, 1831. Impressão da Rua dos Fanqueiros, N.º 129 B. In-8.º de 8 pag.

**EPICEDIO** ao sentidissimo fallecimento do insigne Portuguez, o Rev, P.ᵉ José Agustinho de Macedo—por Gaudencio Maria Martins. Lisboa, 1831, Na Typ. de Búlhões. In-4.º de 7 pag.

**SONETO** por occasião da morte do sabio José Agostinho de Macedo,

> Da luz sã razão Lanterna viva,
> Fostes, *Macedo*, de immortal memoria:
> Fecundo no pensar vasto na historia;
> Penna, contra facções, a mais activa.
>
> O estado doloroso não te priva
> De abrir o campo a huma real victoria:
> Não foi, *Macedo*, a tua propria gloria
> Que as lides litterarias te motiva.

Foi o amor do teu *Rey* a causa justa
Por quem despresas p'rigo, e vituperio,
Com a força moral, que aos máos assusta.

O Céo nos deixa o *Contramina* serio;
E quanto a ti, *Macedo,* só me custa
Não vêres do teu *Rey* o longo Imperio.

M.C.C.

Na Nova Impressão Silviana. Anno de 1831. Com licença. Palacio do Garcia, no Largo de S. Domingos, junto ao Rocio. (As iniciaes dizem Miguel Cypriano da Costa.)

SONETOS na morte memoravel do grande Orador, grande Escriptor, e grande Poeta José Agustinho de Macedo. Lisboa, Impressão Regia, 1831. In-4.° são 2 sonetos de Francisco Ferreira Barreto. (Vem na Biographia d'este brazileiro por Antonio Joaquim de Mello), e 1 de José Daniel Rodrigues da Costa.

—— Á morte do Rev. P.e José Agostinho de Macedo. Soneto. (Um 4.° de papel sem data, logar de impressão, e sem nome do auctor. Coll. Silva Leal.)

RESUMO DA HISTORIA LITTERARIA, de Fernando Diniz. Cap. 32, pag. 481 e seguintes:

«Ha entre a maiar parte das nações obras, cujo titulo só imprime uma especie de veneração. O poder que ellas exerceram em um seculo, hão-de conserval-o em todos os tempos. Sua influencia extraordinaria sobre as idéas é independente da mudança conduzida pelos annos. Ellas fallam ao coração uma linguagem que não varía jámais; o reconhecimento apaga seus defeitos, e faz lamentar aquelle que admira francamente estas bellezas, que o genio se revele tão raramente a si mesmo. Sua origem tende a uma causa, cujo poder se sente, que se não pode comprehender, e que o poeta mesmo não saberia explicar, mas que as nações não desconhecem nunca; na sua admiração ellas lhe votam uma especie de culto. As obras que encerram estas nobres inspirações podem facilmente ser criticadas: ha ahi certas partes, que uma penna engenhosa poderia até tornar ridiculas. Estes ataques são muito innocentes, e podem mesmo ser de utilidade: esclarecem o gosto d'aquelles que não sabem escolher; mas quando se desvairam, e quando tocam aquillo que todo o mundo admira, então excitam um sentimento que não se sabe como qualifical-o, e seu mais seguro effeito é o de exaltarem a gloria que procuravam deprimir e abater.

A obra mais importante de J. A. é um poema epico intitulado *O Oriente.* O assumpto é o mesmo dos *Luziadas:* tudo n'este poema se acha submettido a justas proporções: as divindades do paganismo não intervêm alli entre christãos; tudo é reduzido ás regras d'esta sabe-

doria a que a imaginação ousa algumas vezes escapar-se. Macedo diz no seu prefacio, que não quer atacar a gloria do poeta: pouco importa sua vontade, a gloria de Camões é inteira.

Entretanto, os portuguezes consideram este Poema como a primeira Epopêa moderna; e deve-se ajuntar que n'elle ha frequentemente um verdadeiro talento; que a energia ahi apparece ao lado da nobreza: mas estas molas occultas que movem a alma, que pertencem ao navegante, ao soldado cheio de enthusiasmo poetico, e que algumas pessoas parece não saberem appreciar, é em Camões que é mister procural-as. Seu genio, e o genero de vida que elle tinha adoptado, lhe revelaram certos segredos de composição, que o raciocinio deveria ter ensinado ao auctor do *Oriente*, o qual sentiria que desviava uma parte do interesse que podia inspirar o seu heróe, em lhe fazendo annunciar por meio de uma visão o destino a que era chamado... Todavia ha, torno a dizel-o, bellezas d'estillo no *Oriente*. Nota-se todavia em A. o ter adoptado certas terminações regeitadas pelo gosto.

Macedo é auctor de algumas outras obras em prosa e verso, onde o seu talento se manifesta mais vantajosamente: A mais apreciavel é o Poema *A Meditação*, onde ha nobreza de imagens, e de pensamentos. Pode-se dizer outro tanto do seu poema didatico—*Newton*.»

**NO INVESTIGADOR PORTUGMEZ**, n.º 22, pag. 181, onde vem inserta a Ode de J. A. a Lord Wellington, lê-se o seguinte: «Apesar de não gostarmos da recommendação que vem no prefacio da presente Ode, pelo proprio auctor, confessamos ser esta uma das suas producções, que nos parece merecer logar na Litteratura portugueza; e com o mesmo espirito de imparcialidade, com que censuramos algumas das suas obras, fazemos o merecido apreço d'esta, em que o A. reconheceu melhor o aviso de Horacio, quando lembra aos emprehendedores poeticos o *Quid ferre recusent, quid valeant homeri;* e sem lhe ser preciso rivalisar os manes de illustres mortos, achou a vereda que guia ao Parnaso, sem despenho, marchando pela estrada da gloria nacional.» —Segue-se a Ode.

No **COMPENDIO da Historia Portugueza**, Rio de Janeiro, 1833, pag. 218, Tiburcio Antonio Craveiro diz:

«J. A. de Macedo deu á luz o *Oriente*, que se exceptuarmos alguns trechos, tem só o crime de attentar á gloria do Homero Portuguez, firmada universalmente em quasi tres seculos: comtudo é a primeira epopêa moderna.»—«A *Meditação* e o *Newton*, do mesmo auctor no genero didatico, mostram erudição mui vasta, arte, pureza de linguagem, harmonia de metro, e a espaços vôos de uma imaginação sublime.»

No **RUSSEL DE ALBUQUERQUE**, pag. 329, lê-se, fallando de Italia: «Peninsula habitada por aquella nação *sempre grande e sempre*

*escrava*, como com razão lhe chamou um dos litteratos portuguezes d'estes ultimos infelizes tempos, que parecendo chorar sobre o tumulo da liberdade da Italia, acabou os seus dias prestando á tyrannia o unico prestimo que tinha, talentos, que poderiam ser o ornamento da Patria, em vez de servirem para a injuria de muitos, que nunca o offenderam! E a quem a sua penna tanto calumniou, parecendo-lhe que a importancia da causa que elle estava encarregado de defender, justificava tal immoralidade, pois elle bem conhecia a injustiça com que procedia.—Tal é a sorte da tyrannia, que mesmo aquelles que a servem tem momentos de inevitavel contricção, e de involuntaria homenagem á verdade e á justiça.»

No mesmo romance, Prologo, pag. XVIII, fallando dos escriptores que nos ultimos tempos cultivaram a lingua patria, lê-se:

«O P. Macedo, appellido que em Portugal parece vincular a si talento desmarcado, abusou tanto dos dotes com que a Natureza o distinguiu, que parece não conhecia quanto a sua linguagem se resentiu do indecente e desairoso emprego com que serviu a tyrannia.»

**ANNAES** das Sciencias, das Artes, e das Letras.—Paris, 1818, tom. I, disc. prelim., pag. 31. Escreve F. Solano Constancio:

«A Poesia épica não renasceu com o Poema do *Oriente*, cujo autor em vão tentou emendar Camões, e desapossal-o do eminente logar, que por nacionaes e extranhos lhe foi justa e universalmente assignado no Parnasso. O Padre José Agostinho de Macedo é comtudo digno de grande louvor pela pureza da sua linguagem, e pela vasta lição que tem dos classicos portuguezes, e dos antigos e estrangeiros. Se n'elle o gosto correspondesse á facilidade de versificar, nada lhe faltaria para coadunar todos os requisitos que caracterisam o bom poeta.»

«Compare-se o sal do *Hyssope* e da *Estupidez*, com o fel do escandaloso, grosseiro, e trivial libello em verso intitulado *Os Burros*, e ver-se-ha quão rapido é o despenho com que nos vamos a precipitar no pégo do mau gosto.»

**PARNASO** lusitano.

«Apesar dos motivos referidos, pedirei uma venia mais para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, a *Meditação* do sr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz de intendel-a.—Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, copia de doctrina, phrase portugueza, e grandes idéas, só lh'o negará a cegueira, ou a paixão.»

Tom. 1.º Paris, 1826. *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza,* por J. B. A. Garrett, a pag. LXV.

No tom. II, de pag. 57 a 99 vem transcriptos dous trechos d'este poema, intitulados:

O HOMEM — Da culpa é primogenita a ignorancia,
*até*
Á mente luz me dão, valor ao peito —

A CREAÇÃO — Quão longe estou da terra! Eis se esvaece
*até*
A pintura dos Céos se aviva e brilha.

**FILINTO ELISIO**, Traducção dos *Martyres:*

Francisco Manuel leu os Poemas *Gama* e *Oriente*, de cuja linguagem diz o seguinte, no fim do Prologo á sua traducção dos *Martyres* de Chateaubriand, tomo 14 da edição de 1839:

«Quando eu me dava a perros, escrevinhando tanta nota, para dar cavaco a quem talvez se ria do meu trabalho, não tinha ainda lido o novo poema do *Oriente*, e do *Gama*, em que o erudito A. com larga mão esparge, por todo elle, novos, antigos, compostos, e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos. Oh nunca a mão lhe dôa, e continue sempre a desprezar censuras de leigos na materia!»

**ALEXANDRE HERCULANO**: fallando da Arcadia, diz (*Panorama*, tom. 3.º, pag. 199):

«O Padre Macedo, tão accusado e malvisto por invectivar contra Camões, e escrever o *Oriente* para contrastar os *Luziadas*, não fez mais que resumir e exprimir claramente em theoria e pratica o espirito da Arcadia, que a propria Arcadia nunca em si entendeu, ou não ousara declarar. A forma da Arte era o fim da Arcadia, era com as fórmas que Macedo guerreava Camões, era para as fórmas que construia a montanha de gelo a que poz nome — *Oriente*. — Foi elle quem definiu a chamada restauração da Poesia, feita pelos poetas do marquez de Pombal; e os discipulos e admiradores dos Arcades, que tão assanhadamente pelejavam com Macedo, nem o entendiam, nem se entendiam, e por isso na lucta ficaram sempre, e sem excepção vencidos. — Quando essas luctas cessaram, e Macedo atirou á balança politica a sua penna violenta e mordaz, o cyclo pseudo-poetico da eschola de Diniz estava completo, devia morrer, e morreu, porque a sua missão acabara. A influencia da philosophia litteraria aleman tinha-se espalhado na Europa, etc.»

Diz mais:

«Quantas trivialidades e semsaborias estão aninhadas por esses muitos volumes de versos de meio seculo, protegidos por metrificação

severa, por peloticas de lingua, por tropos collocados em bateria, por estylo pomposo e estudado, por harmonias vans, e sem pensamento! etc.»

**OBRAS** de Camões.—Edição de Barreto Feio:

«O notorio Padre Macedo, que n'estes ultimos tempos, assalariado por estrangeiros, e inimigos da patria, como assassino publico se occupava em denegrir com calumnias a reputacão de todo o portuguez honrado, tomou a si (não sabemos se do seu moto proprio, se instigado) a louca empreza de derribar a Camões, tratando o mesmo assumpto da descuberta da India: fez umas outavas ao Gama, e como a ran da fabula, perguntou a seus sequazes se era maior que Camões? —Responderam-lhe que não. Tornou a fazer outras, e repetindo a mesma pergunta, como lhe dessem a mesma resposta, cheio de raiva pizou aos pés a corneta; e considerando melhor sua natureza e forças, dos heroes passou a cantar os *burros*. Comtudo, o seu *Oriente* deve conservar-se como monumento de orgulho, e tambem as suas *Cartas a Attico*, ainda que não seja senão pelo quinau que ahi deu a Camões n'aquelles versos da Est. 37 do Canto V:

Quando uma noute estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando—

Se estavam descuidados, (diz elle) como estavam vigiando?—Que ignorancia! Estavam descuidados, porque o céo estava limpo, e o ár sereno, e não viam indicios de tempestade, nem cousa que lhes desse cuidado; e estavam vigiando, porque navegavam por mares desconhecidos, e porque era costume dos nossos mareantes (o qual inda hoje se conserva, porque os bons costumes não se devem perder) ter sempre de noute vigias de prôa. E quem assim sabia a sua lingua, queria ser maior poeta que Camões?»

*Obras de Camões*, tom. 2.º, pag. LXV.

**DESENGANO** sobre eleições, remettido do outro mundo, por J. A. de Macedo.

No fim: Lisboa, 1845, na Imp. Lusitana, in-4.º de 7 pag.

**BEJA** no anno de 1845, ou primeiros traços estatisticos d'aquella cidade. Funchal, Typ. de A. L. da Cunha, rua do Pinheiro, n.º 1, 1847, in-8.º de 80 pag.

A pag. 36 uma pequena noticia ácerca do P.e Macedo.

**VISCONDE de JUROMENHA.**—Trecho importante na edição das *Obras de Camões*, tom. I, pag. 367 a 370.

**ROMERO ORTIZ**—El Prologo y un Capitulo del libro—*La Litera-*

*tura portugueza en el siglo XIX*. De pag. 365 a 405, uma monographia sobre *El Padre Macedo*, baseada sobre os trabalhos de Innocencio. *Revista de España*, de 15 de junho de 1868, n.º 7. Em nota de Innocencio referindo-se a este numero vem a declaração: «*que eu comprei por 700 rs.*»

**LOPES de MENDONÇA**, *Memorias de Litteratura contemporanea;* Rebello da Silva combate as suas opiniões sobre José Agostinho na *Revista Peninsular*, t. I, pag. 135 e seguintes. Na *Revista contemporanea*, t. II, pag. 190 e 191.

**CAMILLO CASTELLO BRANCO.**—No *Mundo Elegante*, t. I, n.º 6, de 1859, vem um artigo intitulado *O P. José Agostinho de Macedo e a Zamperini;* e no n.º 7 ratifica o erro, substituindo o nome pelo do *P. Manuel de Macedo*.

**ILLUSTRAÇÃO POPULAR**, n.º 29, de 1866: Breve critica e biographia acompanhada do retrato.

**PINHEIRO CHAGAS**, *Portuguezes Illustres*, pag. 147 a 149, pequena biographia de Macedo.

**CONEGO PINHEIRO**, *Curso de Litteratura*, pag. 471 a 477, transcreve alguns trechos dos Sermões de Macedo, concluindo: «Abalisado prégador, que não conheceria rival na Litteratura portugueza, se menos emphatico e hyperbolico fosse.»

**REINALDO CARLOS MONTORO**, *Revista Popular*, do Rio de Janeiro, tom. XIII, pag. 140. Em nota de Innocencio: «É aproveitavel, e faz-lhe justiça.»

**REBELLO da SILVA.**—Na edição das *Poesias de Bocage*, pag. 352 a 362, e 369 a 370, vem trechos interessantes ácerca de Macedo.

**TEIXEIRA de VASCONCELLOS**, no *Atheneu*, pag. 249:

«Se a *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria*, que é o *Newton* refundido, não satisfaz, nem podia satisfazer a pretenciosa jactancia da *proles sine mater creata*, a *Meditação* do mesmo auctor, é um poema, cujo merecimento fôra bastante para dar a J. A. de Macedo um dos primeiros logares entre os poetas portuguezes.

Ainda é cedo para fazer inteira justiça poetica ao auctor do *Poema dos Burros* e da *Besta esfolada*, e nem todos têm o espirito desassombrado do auctor da nossa Historia Litteraria, que precede o *Parnaso Lusitano*, e que talvez quando o avaliava imparcialissimamente tivesse ainda bem presentes na memoria as injurias e doestos dirigidos con-

tra elle proprio pelo nosso poeta, pouco mais ou menos por aquelle tempo.»

Referia-se a Garrett, que chegara a merecer a malevolencia de José Agostinho.

CARREIRA de MELLO (Joaquim Lopes).—No jornal *Instrucção publica*, n.º 4, de 28 de fevereiro de 1859, começou a publicar uma biographia de Macedo, com o titulo *Noticia biographica, historica, politica e litteraria sobre José Agostinho de Macedo.*

VIDA de José Agostinho de Macedo, e critica de seus escriptos; com o seu retrato, por Marques Torres. Lisboa, 1859, 1 vol. de 101 pag.

Innocencio, incommodado com este estudo ácerca de José Agostinho, publicou no *Jornal do Commercio* de 18 de janeiro de 1859 uma carta annunciando que preparava umas—Memorias para a *Vida intima de José Agostinho de Macedo*, que poderão deitar a 480 pag.—

CARTA ao Senhor Miguel Joaquim Marques Torres, auctor d'um impresso que se intitula *Vida de José Agostinho de Macedo;* servindo de resposta a outra, que o mesmo sr. fez inserir no jornal *O Futuro*, n.º 243 de 21 de janeiro corrente, e desaggravo de Innocencio Francisco da Silva. Lisboa, Typ. do *Futuro*, Rua da Cruz de Pau, n.º 15. MDCCCLIX. In-8.º de 14 pag.

Marques Torres replicou com outra carta no jornal *O Futuro*, e publicou depois um folheto em:

RESPOSTA á Carta que o sr. Innocencio Francisco da Silva dirigiu a Miguel Joaquim Marques Torres, em 22 de janeiro de 1859. Lisboa, MDCCCLIX. In-8.º de 16 pag.

No *Paiz*, n.º 31, de 1864, vem um estudo critico sobre o trabalho de Marques Torres.

ENSAIO sobre José A. de Macedo.—No jornal *A Esperança*, n.º 3, 4, 5 e seguintes, com as iniciaes N. F. Porto, 1857.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO e a sua epoca, ensaio de Lopes de Mendonça, nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*, publicação da Academia real das Sciencias.

COLLECÇÃO de Poesias, reimpressas e ineditas de Antonio Joaquim de Mesquita e Mello. Tom. I, Porto, na Typ. de Sebastião José Pereira, 1860. In-8.º de 302 pag.

No fim vem uma *Carta que me dirigiu o P. José Agostinho de Ma-*

*cedo, mencionada no esclarecimento do presente volume.* É datada de Lisboa, 8 de abril de 1826. A carta refere-se á *Elegia á deploravel morte do nosso verdadeiro pae, imperador e rei, o senhor D. João VI.*

**PORTUGAL** antigo e moderno—Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, etc. Por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho Leal. Lisboa, 1874. De pag. 365 a 366 do 1.º vol. vem uma pequena biographia do padre Macedo.

**UNIVERSO ILLUSTRADO**, n.º 42, tomo 1.º, outubro, Lisboa, 1877. De pag. 332 a 334 vem um artigo bibliographico por A. Varella, acompanhado de duas estampas uma da casa onde em Beja nasceu José Agostinho, e outra representando a mesma casa na actualidade.

**ALMANACH** do Universo Illustrado para 1887. 1.º anno. Lisboa, 1886. In-8.º de 112 pag.

A pag. 50 vem uma biographia do P.e Macedo por A. Varela, e uma estampa da casa onde nasceu, em Beja, José Agostinho.

E' tudo reproducção do que se encontra no tom. 1.º do *Universo Illustrado.*

**DICCIONARIO** Universal portuguez, de Henrique Zeferino de Albuquerque.

De pag. 77 a 88 traz uma biographia critica do P.e Macedo.

**JOSÉ AGOSTINHO de MACEDO.**—É o volume 23 (inedito) da *Historia da Litteratura portugueza*, por Theophilo Braga; formará com o livro *Bocage, Vida* e *Epoca litteraria*, a Historia da Nova Arcadia.

# POESIAS SATIRICAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, BOCAGE, PATO MONIZ E OUTROS,

QUE DOCUMENTAM FACTOS DA SUA VIDA

I

# SATIRA

A

## MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

---

Sempre, oh Bocage, as satiras serviram
Para dar nome eterno e fama a um tolo.
Vivem Crispino, Cluvieno, e Codro
De Juvenal nas Satiras sublimes;
E de Horacio o rival deu nome e fama
Ao pedante Cotin, e eu não quizera
Teu nome eternisar; mas a verdade,
A justiça, a razão mais alto bradam,
E os flagellos da satira merece
Teu estouvado orgulho, a audacia tua.
Não ataco a virtude, ataco o vicio;
Nunca se imputam naturaes defeitos;
O crime da vontade é só punivel.
Co'um semblante de satyro podias
Ser poeta, e philosopho prestante:
Foi Socrates enorme, e Pope horrendo,
Era pequeno e barrigudo Horacio.
Nem ser pobre se oppõe ao genio, ás artes:
Foram pobres Camões, Homero, e Tasso;
Nem ser vadio n'um poeta é crime;
Nunca um poeta bom teve outro officio.
Tu és vadio, és magro, és pobre, és feio,
E nada d'isto em ti reprovo, ou noto:
Mas posso emmudecer, quando contemplo
Que queres ser um despota em poesia?

E que arrogando do Parnaso o cume,
Ouves já, sobranceiro ao charco immundo,
Gritar as rans e insectos paludosos:
Quem tam ferreo será, que se contenha
Quando as estatuas vir, que tu, soberbo,
Enramadas de louro a ti consagras?
Que um Deus te inspira, que fervendo em estro
Improvisos oraculos arrotas?
Fanfarrão glosador, chamas divina
Celeste inspiração, celeste fogo,
Gritando amplificar sédiços mottes?
E merecer de officio um *bravo*, um *bello*
De um vão peralta, ou dama enfatuada,
Que pede ao céo que o trovador se cale,
E que se escute a voz do *chega a pares*,
Onde o maligno e folgasão Cupido
Faz mais conquistas, mais escravos prende
Que enfermos mata um medico no outono,
E que tu fazes traducções e quadras,
Que Theotonio já fez ha quarenta annos.
Quem tam ferreo será, torno a dizer-te,
Que a docta penna em toxicos não molhe,
Quando te ouvir queixar d'iniquo, injusto,
Innumeravel esquadrão de zoilos,
Que em vão pretende denegrir teu nome?
Traductor de aluguer, quem são teus zoilos?
Tu, que a soldo d'um frade, ao mundo embutes
Rasteiras copias de originaes soberbos!
Que vulto fazes tu? quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? Glosar tres mottes
Com logares communs de facho e setas,
Velhos arreios do menino Idalio?
Glosar, e traduzir, isto é ser vate?
Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons: és doce, és terno,
Delicado tambem, quando cantaste:
«Lá onde o berço tem nascendo o dia»
Vê como justo sou: mas a soberba
Fez eclipsar a luz que em ti raiava.
N'um pelago de orgulho submergiste
O genio teu, mediocre ficaste;
E se os deuses, se os marmores, se os homens
Negam o nome, e as honras de poeta
Aos auctores mediocres, acaso
Ao traductor mediocre o dariam?
Que te pode abonar a eternidade?
Adubos, e manteiga, traça, e tudo
Que se embrulha em papeis de ineptos vates.

Nunca pode subir da Fama ao templo
Um servil traductor: não se franqueam
As aureas portas que o Parnaso fecham
A alugados interpretes dos outros.
Ninguem te inveja, te persegue, ou morde,
Que uma emprestada luz ninguem deslumbra.
Fitam-se os olhos meus na argentea lua
Sem molestia, sem dôr; que o astro nocturno
Só brilha co'o clarão que o sol lhe empresta.
Vem dos outros a luz; se em ti reflecte
Apenas manda amortecidos raios.
Se o rival de Virgilio, o grão Delille,
Ouvira aquelle sonoroso verso
«A azul ferrete, a encarnada, a branca»
Com que amenos jardins tornaste em mattos,
No tribunal de Apollo querelara
Do insulso traductor, vate de Outeiros!
E arrotas nome eterno, e te promettes
Das lethargicas ondas saccudir-te,
Brilhar com propria luz, e á eternidade
Levar comtigo a patria, e as obras tuas;
E em tôrvos lodaçaes deixar envolto
O Lusitano côro, excepto as sete
Brilhantissimas Pleyades, que exaltas,
Gado entre o qual cornigero levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensam
As traducções, que estolido assoalhas?
E chamas docta prefação das *Plantas*
Ao proprio louvor teu, que impune entôas?
Só tu o podes dar, que essa injustiça
Não cabe em versos de assisados vates.
Não foi soberba no cantor de Mantua
Agourar a seus versos nome eterno
Pela noute dos seculos rompendo:
Tinha composto a *Eneiada*. Se Horacio
Diz que ha de lido ser, té onde Apollo
Aos ultimos Gelões seus raios manda,
O mesmo Apollo em cysne o transformara,
Para poder voar de um pólo a outro
Nas pandas azas de fogosos hymnos.
E se de Amor o interprete, se Ovidio
Promette aos versos seus, que nem de Jove
As iras, o rancor, de Jove os raios,
E a força sempre indomita dos annos
Lhe ham de trazer esquecimento, ou morte,
Tinha cantado os transmudados corpos
Em novas formas. Que cantaste, Elmano,
Que possa assoberbar á edade a força?

A modestia é brasão de um genio illustre,
Dar-se a si mesmo um nome é vicio, é balda:
Procura merecel-o, e deixa ao mundo,
Deixa ao futuro seculo o cuidado
Que anticipado tens de dar-te um nome.
Teve zoilos Homero, e os teve aquelle
Que expoz, cantando, do Troyano as armas.
Tambem Tasso os sentiu, mas porque aos astros
Pode subir nas azas da epopéa.
A inveja o perseguiu, foi muda a inveja
Depois que em cinzas se tornou seu corpo.
Mas que cantaste tu, de inveja digno?
A ferrea Ulina, que ninguem conhece,
E os loucos zelos da rival rascôa!
Se te tiram das serpes enroscadas,
E das furias crueis de Phlegetonte,
Se sae do peito teu o inferno, a morte,
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,
Secco, infecundo, caranguejo em versos.
São em ordem retrograda já lidos
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas Gangeticas ribeiras,
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligar-se entre si. Bem disse aquelle
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas de antitheses, de tantas
Enfadonhas metaphoras aos pares:
«Que lido um verso teu, são lidos todos».
Enfadonha, cruel monotonia,
Que os ouvidos harmonicos estafa.
Sê grato aos vates, que te sofrem mudos,
Festeja a tua Ulina, e glosa em annos,
E para teres pão traduz mais versos.
Olha o Pindaro novo, olha o Sophocles,
O novo Horacio, que persegue o vulgo
Dos subalternos vates, que não podem
A humilde traducção erguer seus vôos!
Quem te ouvir, Rhodamonte da Poesia,
Dirá que calças tragicos cothurnos,
Que embocaste a trombeta da epopéa,
Que tens mais estro, mais furor que Stacio:
Dize, que verso é teu, que este não morre,
Se bochechudo e emphatico repetes:
«Se Lysia baquear, baquêa o mundo»
E dado que se encontre (o que eu te nego)
Em alguns dos auctores, que escreveram
Lá desde Castanheda ao máo piloto
Do *Comboyo das petas* e mentiras,

O verbo *baquear*, d'elle ignorante,
Da queda o effeito pela queda toma.
Grita, escoucêa em publico e nas praças,
Cercado de aguadeiros e marujos;
Mas louvar-te a ti mesmo!.. Ah pobre Elmano,
Doente imaginario, não te queixes
De um mal, que inda não sentes, nem mereces.
A inveja segue um bem, qual sombra as luzes,
Tu, damnado Aristarcho, a todos ladras,
Sabujo impertinente a todos mordes,
Nos outros pões sem pejo as baldas tuas,
E queixas-te da satira?... Foi justa
Do talião a pena... E quem te escapa
Á dentada satirica? Abocanhas
A virtude e saber de um genio activo,
Porque estudou da Europa as doctas linguas,
E á patria vantajoso estuda, escreve!
Que te fez Melizeu, se a fome e os annos
Lhe deixam erma e transversal a bocca?
Chamas por mofa tonsurado a Elmiro?
Propria escolha não foi de Elmiro o estado.
Dizes que é baixo e chôcho o Transtagano
Dulcissimo Belmiro, e que não vôa?
Não vôam tanto as pombas como as aguias,
Mas todas tem logar no aéreo espaço.
Pindaro é forte, Anacreonte é brando,
Ambos poetas são, têm no Parnaso
Logar diverso, e no Parnaso existem.
Se um genio triste entôa a nenia triste,
Que é guarda-mór do cemiterio exclamas:
Young é melancholico, é risonho
Engraçado Scarron, poetas ambos.
É Melpomene Musa, é Musa Erato;
Se a ninguem dás louvor, ninguem te incensa;
Se queres ser louvado, aos outros louva.
O mundo é justo: se o louvor mereces
O louvor te ha de dar. Nunca o silencio
Foi da inveja o caracter: se emmudecem
Tu mereces justissima indiff'rença.
Com prudente apathia o sabio escuta
O louvor teu, as invectivas tuas.
Um cão, que se despresa, ou cala, ou foge,
Como foge de ti tímida Ulina
Se lhe fallas de Amor tornado em bruxo
No idylio-pharmaceutrico: inda fôra
Mais meiga Alecto, se de Amor fallasse.
Arripiam-se as carnes e os cabellos
Á pobre moça, que te escuta em verso

Com tôrvo rosto descrevendo os zelos.
Eia pois, meu Bocage, entra em ti mesmo;
Se queres ser louvado, ajunta; prende
Boa moral com sonorosas rythmas.
Não dorme Elmiro, que tu chamas zoilo,
Nem deixa a minha Musa o orgulho impune.

II

# PENA DE TALIÃO

## RESPOSTA DE BOCAGE

Á

SATIRA ANTECEDENTE

Satiras prestam, satiras se estimam
Quando n'ellas calumnia o fel não vérte;
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradua;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal que não cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de Paris, Cotins são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro.
Codros, Crispinos, Cluvienos sôam
No latido feroz do cão de Aquino;
D'esse, cuja moral mordendo incitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos, que Venusa illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua,
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem, e a existencia d'elles
Se podesse durar, seria a tua.
Refalsado animal, das trévas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle.
Da razão, da justiça o tom que arrogas,
Jamais purificou teus torpes labios,
Torpes do lamaçal, d'onde zunindo
Nuvem de insectos vis, te sobem trovas
Á mente erma de ideas, nua de arte.

Como has de, oh zoilo, eternisar meu nome,
Se os fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heroes transpõe seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome
Que em dicterios plebeos, em chulas phrases
Debalde intentas submergir comtigo!
Empraza-te a razão; responde e treme.
Do philosopho a tez, a tez do amante,
O ár da meditação, a imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam,
Paixões da natureza, e não das tuas;
O que parece em mim á vista abjecto,
A mesta pallidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na linguage aponta.
Que importa, oh zoilo, ao litterario mundo,
Que importa descarnado e macilento
Não ter meu rosto o que allicia os olhos;
Em quanto nedio, rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos credores nos Elysios fervem)
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contricção no centro d'alma:
Ostentas ferreo Nume, céos de bronze,
E a cada berro minorando a turba,
Compras n'aldea do barbeiro o voto,
Alli triumphas, e a cidade enjôas.
Tu de cerebro pingue, e pingue face,
Pharisaica ironia em vão rebuças,
Quando a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co'a natureza o que é da sorte?
Ou dá-me o plano de attrahir-lhe as graças,
(Mas sem que roje escravo) ou não profanes
Indigencia e moral quaes tu não citas.
Põcs-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil
As praças de Ullyssea á toa opprimes,
Ou do bom Daniel na terrea estancia
Peçonhas de invectiva expremes d'alma,
Que entre negros chapéos tambem negreja;
E ante e caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a Encyclopedia,
Fadas, agouras o esplendor que invejas;

Arranhas mortos, atassalhas vivos;
Insultas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Stacio
Um gráo, que entregue ao Deus, que ardendo em estro
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á Musa da morte enfrêa os vôos,
E quer que a *Eneida* cá de longe adore.
Da preferencia atroz inda não pago,
Das graças ao cultor. de Amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dor, com magoa o Tibre,
Versos pospões sarmaticos—Latinos,
Versos que inda ao burel e ao claustro cheiram,
E que affrontoso a ti de applausos c'rôas,
Só por distarem de teus versos pouco.
Sanguisuga de putridos auctores,
Que vás com cobre vil remir das tendas,
Emquanto palavroso impões aos nescios,
E a crédulo tropel roncando affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas,
(Fallo das artes, das sciencias fallo)
Emquanto a estatua da ignominia elevas,
Os dias eu consumo, eu vélo as noutes
Nos desornados indigentes lares
Submisso aos fados meus: alli componho
Á pezada existencia honesto arrimo,
Co'a mão que Phebo estende aos seus, a poucos.
Alli deveres, que não tens, não prézas,
Com fraterna piedade acato, exerço:
Cultivo affectos á tua alma extranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio.
Não me envilece alli de um frade o soldo;
Alli me esforça o genio, o brio, as azas:
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti seu depressor, protege, accolhe:
Que em redondo caracter te propaga
A rhapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem que fizeste em cem volumes,
Teu pejado armazem de alheios fardos,
Onde a monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa,
Já co'os céos entendendo, e já co'a terra.
Inda não me elevei do Pindo ao cume,
Com fama que assoberbe os summos vates;
Porém graças ao dom, que não desdouro
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho,
E na publica voz, que se não merca,

Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganso,
É ganso que patinha, e se enlamêa
Em podres lodaçaes, paúes do Lethes.
A circulos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrecias na salla, e Lais n'alcova,
E inda ás serias do tempo os bravos poupo.
Insulso rythmador de facho e settas,
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias linguas;
Não sou nem de improviso o que és d'espaço:
Claro auditorio meu, vingae-me a gloria!
Vós, que em versos altisonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do estro,
Dizei se me surgiram Grecia, e Roma,
Nas promptas explosões do enthusiasmo?
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram,
Ou das Marilias de hoje o riso insulso,
Dos olhos o commercio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a cem votada.
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus uivos, teus latidos não me atterram,
Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não farto de arrancal-o ás sombras,
As tres gargantas levarei de um golpe:
E se a canina espuma, ou sangue infecto
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das furias o tição lhes tórre as frontes.
Braveja, detractor, braveja insano,
Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade, que te róe por dentro:
Na voz deprimes o que admiras n'alma.
Se provas queres, eu te exhibo as provas
De que o teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o logar, e a vez primeira
Em que dado á tristeza e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o crêste,
Quando inda os vôos timidos soltava
Na immensidade azul, que aos astros guia;
Quando, não como por systema o finges,
Mas só da natureza endereçado,
Seguia o rasto de amorosos cysnes,
Pousando muito áquem do gráo que occupa,
Ainda carecente da ignea força
Que á patria deu *Leandro*, *Ignez*, *Medea*,
O antro dos zelos, de Arenêo e Argyra
A historia, que o sabor colheu de Ovidio,

Na dicção narrativa, esperta, idonea,
E o mais, ás Musas grato, e grato a Lysia.
Da estancia, onde nem sempre habita o crime,
Epistola sem sal por ti guizada,
Em teus louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes;
Estylo é teu, monotonia é tua,
O que n'elles se envolve: escuta em premio
Da empreza que tomei, de os pôr na mente:
«Do centro d'esta gruta triste e muda,
«Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
«O prisioneiro Elmiro te sauda,
«De teus aureos talentos encantado:
«De ti só falla, só por ti suspira,
«Em teu divino canto arrebatado.....»
Quem fertil nomeaste, e quem divino,
Hoje é servil, monotono, infecundo
De texto opîmo interprete engoiado?
Co'a edade e estudo o genio em todos cresce,
E em mim desfaleceu co'a edade e estudo?
Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Réo de leza-razão. Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os fructos,
Quaes eram no sabor, na tez, na fórma;
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os extranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carretos galardôa
Do gallego boçal nos ferreos hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos applanando o estorvo,
D'um, d'outro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bogio, papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as copias d'elles;
Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombrêa.
Citas um verso máo, mil bons não citas!
Citas um verso máo, que não transforma
Em mattos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flores:
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrases?
Se imparcial, se critico escrevesses,

Centenas de aureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua.
De Ausonia o quadro, ou venerando ou bello,
Com justa sabia mão presentarias:
Edades cento blasonando ao longe,
Co'a ruina immortal da excelsa Roma:
Ante as áras carpindo amor, saudade,
E ao céo medrosas lagrimas furtando
Aos amigos dos homens, e aos dos Numes,
Na terra verdejando Elysios novos,
Correntes sem rumor como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo,
E em marmores corynthios alvejantes
O grande Fénelon, e o grande Henrique.
Se o rival de Virgilio, o que proclamas,
Porque da Gallia é filho, e não de Lysia,
A cujo seio em que borbulham genios,
Chamas com lingua audaz esteril d'elles;
Se o rival de Virgilio ouvisse os versos
Do interprete fiel, não rude escravo,
Honrara co'um sorriso uteis suores.
Pede ao mole Belmiro, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas,
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos,
Pede ao bom Melizeu, da Arcadia fauno,
De avelada existencia e mente exhausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alféloa troca os sons de Euterpe
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha)
Dize ao teu côro de garganta indocil
(Sem que esqueça o pygmeo no corpo e n'alma)
Dize dos corvos de Ullyssea ao bando,
Que interprete, qual fui de eximios vates,
Não pagos de ir no rasto o vôo altêem:
Ou tu mesmo apresenta, offerece á crise
De gordo original versão mirrhada,
Sulcado o Stacio teu de unhadas minhas,
De muitas, que soffreste, e que aproveitas.
N'elle (oh magoa! oh labéo!) por ti mudados
A pompa na indigencia, o lucto em riso:
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas:
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa edade succumbiu rugindo,
Mas leão, que de perto inda é terrivel,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais; a *Lusiada* não sumas,

Que o numero de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pae sem dôr o enterra:
Expõe no tribunal da eternidade
Monumentos de audacia, e não de engenho:
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do Luso Homero as veneraveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado argúas
Quem porque teme a queda encolhe as azas;
Quem de ephemeros vivas não contente
Chegando a mais que tu se atreve a menos.
Nem sómente Melpomene dispensa
Grão nome, nem Calliope sómente.
Como os Voltaires na memoria vivem,
Lafontaines, Chaulieus subsistem n'ella;
Todos tem nome e gráo, tu mesmo o dizes,
Contradictorio, túmido versista.
Thema que escolhes, genero que abraças
Não te honra nem desluz: no desempenho
O lustre e gloria estão; tem jus á fama
O vate, ou cante heroes, ou cante amores,
Com tanto que de Phebo as leis não torça
Aos mui varios assumptos ajustadas;
Co'as materias convem casar o estylo.
Levante-se a expressão, se é grande a idéa,
Se a idéa é negra a locução negreje,
E tenue sendo se attenue a phrase.
Segue o que tens de cór, mas não praticas;
Serás o que não és, o que não foste.
Quando *das Musas* no *Almanach* (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equorea Nympha,
Jacinta de um Tritão fingiste accesa.
Chamaste grande, harmonico a Lereno,
Ao fusco trovador que em papagaio
Tronsformaste depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A espensas do coutado orango-tango,
Que uma serpe engordou cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu furia, tu dragão, que entornas peste
Por systema, por habito, por genio;
Os sete, que detrahes, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exhala
Milagres de ternura, e de harmonia,
Sim, que disseras se ultrajando a scena

De roufenha bandurra um biltre armado
Ante a assembléa extatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, oh zoilo, tão improprio fôra
Como annexar teu nome aos sete, e a outros,
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
Ha muito em lyra eterna ao polo erguidos.
Verdade! Rectidão! vós sois meus numes:
Vê se as adoro, oh zoilo! Eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo,
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte,
Nas trevas para mim reluz Thomino;
Nos genios transcendentes me arrebato,
Préso alumnos phebeos, despréso Elmiros:
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iniquo e parcial me increpas,
Tu, que em vez de razões opprobrios vibras,
Perante um mundo, que te sabe a historia:
Tu, que affeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde amisade,
Onde amor, e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos;
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam.
Indomito mollosso, árdido ex-frade,
É comtigo a razão qual é co'as ondas
Arte e saber do naufrago piloto:
Serás qual és, e morrerás qual vives.
Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me,
Porque Delio dos prologos te exclue:
Pregôa, espalha em satiras, em lojas
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo:
Chama-me de Tisiphone enteado,
Porque em femeo-belmirico falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte;
Erra versos, e versos sentencêa,
Condemna-me a cantar de Ulina, e de annos,
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o *baquear*, que é verbo antigo,
Dos Sousas, dos Arraes sómente usado:
Metonymias, synedoches dispensa,
Dá-me as pueris antitheses, que odeio;
De estafador de anaphoras me encoima;
Faze (entre insanias) um prodigio, faze
Qual anda o caranguejo andar meus versos:
Suppõe-me entre barris, entre marujos,
De alguns talvez teu sangue as vêas honre)

Mas não desmaies na carreira ovante,
Eia, ardor, coração! vaidade ao menos;
As outavas do *Gama* esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais: Epistolas, Sonetos,
Odes, Canções, Metamorphoses, tudo,
Na frente põe teu nome, estou vingado.

## III

# SATIRA SEGUNDA

A

## BOCAGE

A ti, monada e zero, a ti Bocage,
O Nada te saúda, e nada inveja;
Tu és alumno meu, tu és meu filho,
Tu és tudo o que eu sou, és nada eterno.
Eu, cujo imperio immenso encerra e guarda
Desde a origem dos seculos a quantos
Importunos ninguens sustenta o mundo;
Que vejo em mim caír, e em mim ficarem
As promessas de grandes, e as bravatas
Dos lusos campeões á moda armados;
Eu, que presido nos cafés, que inspiro
Em roda d'almo ponche heroes e vates;
Eu, que as Quadras dictei que expõe Bersane,
E que escuta o Gastão, ambos orates,
Nos tregeitos eguaes, e eguaes nas trovas;
Eu, que em mim vejo desfazer-se todos
Os projectos politicos do tempo,
Que a penna ao gazeteiro aparo e movo,
Eu, finalmente, que os discursos todos.
Do vulgo, e do não vulgo, inspiro e sôrvo;
Quando da esquadra, que em Bolonha cria
Fundas raizes, esquentados fallam;
Que para meu brazão tinha formado
Um ponto mathematico,—por outra,
Engravatado Saunier pintando

No craneo vacuo quanto ao nada tinha,
Um esforço fiz mais, formei Bocage;
Ha muitos quasi nada, elle é só nada:
Foste nada no berço. és nada agora.
Se acaso em ti não vira, oh filho amado,
A mania de grande, illustre e nobre,
Não te lembrára o berço; é nada o berço:
Té na horrenda figura um nada foste.
D'este principio pelo nada á vida,
E para nada ser foste cadete,
E a vida cadetal desfez-se em nada:
Menos que nada é ser guarda-marinha,
E em nada se desfaz isto que é nada.
Para nada sulcaste o mar fervente,
E foste nada no paiz dos nadas.
Nada tornaste, menos o uniforme,
Que algũa cousa pode ser; mudou-se
De *linha ousada* em veste, e já safado
E já sem frizo capotinho infante.
Do paiz da pimenta, e das mentiras,
Dos trapos e das hervas vens ao Tejo;
Como foste, Manuel, tal vens; és nada.
Trouxeste algũa droga, ella foi minha.
*Na foz do Mandovi* vivi comtigo.
Deu-te para escrever, tu mesmo o dizes,
A nestorea banquinha, o prisco leito,
Em que estendesses a carcassa, o nada,
Que até isto é teu corpo, e egual a mente.
E's amante por fado, e por mania,
Namoras a granel, amas a eito;
Ciume universal te berra n'alma;
Dous grossos turbilhões de fumo e espuma
Te saem da bocca, trémulo gaguejas
Á moça que te illude; a mãe que espreita,
O pae que te espancou, e o novo amante,
Tudo queres matar, qual Nuno fero;
Mas facundo em promessas desenrolas
Meia navalha de picar cigarros;
Já se enfarrusca o ár, e a moça treme;
Mas tudo fica em mim, furias e amores;
O teu ciume, o teu amor são nada.
Queres, Manuel, por força ser valente,
Se inda ha menos que nada, és n'isto um menos;
Eu me assombro de ver como em teu corpo
Que é nada, meu Manuel, coube um diluvio
De seccos murros, de crueis latadas!
O feroz *Escaler* te fez n'um bolo
A horrenda melancholica vizeira;

Fez-te purpurea a tez, que tu dizias
Na quasi-nada satira do ex-Frade,
Que conservavas pallida de amores.
Existe em Santarem mais um milagre,
Não ficares, Manuel, desfeito em nada,
Quando os crimes da lingua maldizente
Pagaste á manjadoura atado e preso.
Estas as provas são, tropheos são estes
De teu grande valor! — És nada em força,
Mas és vasto armazem de soco antigo;
És em tudo meu filho, até na vida.
Oh com quanto prazer ouço no mundo
De continuo clamar: «Que faz Bocage?
«Que faz? Em que se emprega? Em nada, em nada.»
Caritativa mão, que beija e morde,
Periodica esmola lhe apresenta,
Que n'um só dia em ponche consumida,
Fica em lastro outra vez, ou fica em nada.
Do eclipsado Seabra, e bis-Ministro,
Acinte a protecção levaste ao nada;
E dos grandes chapéos, tristes roupetas,
Façanhosos tartufos de beatas,
Em nada converteste a sopa e côdea:
Sem cousa alguma ter tornaste ao nada.
Ah! meu filho Manuel, quanto me pesa
De te ouvir exclamar: «Se eu nada tenho,
«Se me apontam vadio, e capa em colo,
«Romano mandrião, sylpho vagante,
«Ao menos sou poeta, e gloso em annos;
«Traduzi, traduzi; e em quanto a vida
«Não torna a minha mãe, não torna ao nada,
«Farei mais traducções por chelpa ou gratis!»
Não mintas, meu Manuel, que n'isso és nada;
Comtigo mede Saunier as armas;
Dize, quem fica vencedor no campo?
Primeiro batalhão, puxas sonetos,
Todos do mesmo estylo, e mesmas cunhas;
Zelos, amores, esquivanças, nada!
Tens zanga com rivaes, que te supplantam;
Manuel, as moças de hoje ao gimbo inclinam
A meiga orelha ferrolhada ao vate,
Que embora seja Homero, ha de ir á rua.
Tu, nada em verso, e nada na algibeira,
Eclipsa-te um caixeiro, um frade, um sujo
Gallego, ou cortador; berras com zelos,
O teu rival triumpha, e tu na escada
Meditas a vingança, tres sonetos,
Feita a conta, Manuel, tres vezes nada;

E paginas e paginas vão cheias
D'estes nadas, Manuel, nas obras tuas.
Feito o mappa de todas as alumnas,
Gertrurias, Nizes, Fléridas, Armias,
Todas, todas sem dó te levantaram
Dous gigantes obeliscos na cabeça.
Ouviram-te glosar, riram-se um pouco;
Cheiraste-lhe a pedinte, as ventas torcem;
E queixas-te de amor, queixas-te ao vento
Na solitaria praia de Caxias,
Feito barqueiro, e pescador pranteas!
Até te fazes bruxo, e nunca encontras
Entre os encantos teus *buço de lobo*,
Que prenda o coração da ingrata e bella!
Idyllios pharmaceuticos são nada,
Nada são teus Idyllios piscatorios,
Menos que nada as Odes que assoalhas:
Vingas-te em traduzir versos alheios,
Que grandes no exemplar, em ti são nada.
Dentro em mim recebi, beijei com gosto
Não sei que de Castel, por ti vertido,
Um digno verso teu, meu parto amado:
«Desencanta os thesouros, filhos do ermo.»
É certo, e não t'o nego, que verteste
A *Expedição de Tripoli*, e bradava
A odiosa Entidade: «É meu Bocage!»
Cuidei que te perdia, oh filho amado!
A par d'esse Cardoso, d'esse indigno
Ias sendo, Manuel, alguma cousa;
Mas sempre um filho honrado á casa torna.
Deitaste-te ao theatro, e foste nada;
Deixaste em nada o *Cerco de Lisboa*,
E o grande Heroe, que o tumido oceano
Poude vencer primeiro, em ti foi nada.
És Midas de outra casta, e quanto tocas
Bem como o antigo em ouro, em nada mudas!
Verter, verter, Manuel, ser moço alheio
Dar um recado mal, meu timbre é este.
Eu faço traducções, e em mim se abysmam.
De quantas, quantas ha, me escapa algũa,
Que em voga corre um pouco, e a mim retorna.
Não deixes um mister, que em mim te esconde;
Quanto me apraz teu genio e teu talento!
Aos socios teus, vadios no Parnaso
Não consentes, Manuel, que façam versos;
Queres que façam nada; se o Menalcas
Que só commigo vôa, e sobe ao Pindo,
Na scena Melpomene abraça e beija,

Contra a nascente musa te embraveces;
Na primeira tragedia as falhas notas,
Ou notas seu auctor, e a peça esqueces;
Se vive com caixeiros, se os tres setes,
Se a mesma lasca joga; e tu que fazes,
E em que vives, Manuel? Cigarro e ponche!
O da incognita mãe filho bravio,
Novo Quixote em negro rocinante,
Cara má, corpo longo, e corneo engenho;
O saltante Bersane, e nada em Quadras;
Diogo, o lentejoula, o mestre em artes
D'aquellas que fareja, e que premeia
O beleguim Luis, que á tôa marra;
Algum Moniz, peor que nadas todos,
Que te acabo de expôr, este o congresso
Que te segue no Pindo, e nas muafas.
Deixa pois o Miguel, deixa-o, meu filho;
Quer ser alguma cousa, a perda é sua.
Quizeste-te enforcar; eu mesmo os brados
Eu no theatro ouvi, alvergue antigo,
Que com posse pacifica domino
Desde a baixa platéa á vil torrinha!
Vinha a corda! que susto! Eu perco um filho;
Mas não, que elle promette inda vingar-se!
Já traça o plano, as personagens conta
De uma nova tragedia, egual ás outras
Que annunciado tem, que em nada ficam.
Teu engenho, que é nada, em grandes cousas
Não se póde empregar, falta-lhe o folego;
Co'uma cana no rabo és um foguete
Que faz alguma bulha, acaba em fumo,
Torna a cana outra vez ao centro, ao nada.
Dentro em frio soneto, em glosa reles,
Como na propria esphera te revolves,
Ou quando muito tisico epigramma,
Digna paga do medico que a sarna
Te alimpou no hospital; — Mas, improviso! —
Replicas, meu Manuel, mas, isso é nada!
Improvisa o Malhão, o Esbarra, o Feio,
O recem-vindo, transmontano frade,
O Tallassi tambem, todos inspiro,
Eu lhe fabrico o motte, e estendo a quadra;
Muito antigo bordão, nariz de cêra,
Que pegam como visco, ou como um corno
No nedio cu de um clerigo, se ajustam
Á *pyra*, ao *sacro fogo*, á *venda*, á *setta*
E á piquinha tambem do Idalio enxalmo,
Que anda sempre na mão, n'alma, na bocca

Das delambidas, que varejam motes.
Vadio trovador nunca é poeta!
A sacra inspiração não desce ao peito
De um prégador de Outeiro em sucia d'annos!
Do casco se evapora o ponche, e o verso
Que o ponche inspirou, só dura em quanto
Dura e resôa a insipida palmada,
Despacho da tarifa, obsequio usado;
E o destro marcador da dança, aos couces,
«Bravo, senhor Manuel» te diz; a esbelta,
Que o velho mote deu, té da cosinha
Rouca te escarra a misera rascôa,
Que a manteiga rançosa estende a medo
Na transparente, na ideal fatia.
Esta estrada, meu filho, a ninguem leva
Ao Templo da Memoria em linha recta;
A ti, e a teus eguaes conduz ao nada,
E o céo te guarde de calcares outra.
Deixa louca ambição, e amor da gloria
Aos mentecaptos, que trabalham, suam,
E sobre os livros pallidos se tornam.
Do nada é nobre timbre a ociosidade,
Comer aventureiro, alvergue incerto;
Degenera de mim quem busca emprego;
Não te chegues a gente que se occupa;
O exemplo póde mais que as lições minhas;
Buscar em que se occupe um vate, um nada,
Oh que feio labéo! Busquem embora
Emprego as almas vis, que o fado obriga
Ser uteis aos mortaes, á patria, ao throno,
Pela estrada das armas, pelas letras;
(Quebra-cabeça indigno de um Bocage!)
Vae teu caminho, oh filho, e surdo aos brados
Da importuna razão vive qual vives.
Se um amigo te hospeda, ah! nunca excedas
O fatigante circulo de um dia;
Ou lhe ferra um calote, ou prompto impinge
Ao louco bemfeitor=Que mais te deve=
Um infame epigramma, que transmitte
Aos évos que hão de vir a infamia tua,
E a tua ingratidão. Se honesta esposa
Lhe podes corromper, namora, e falla,
E dá comtigo n'um café; repete
Tres laudas de Parny, que tu furtaste,
E aquelle tanto meu *doce violado*
*Teu coração* no cu da natureza,
Confia que ha de ouvir-te, ha de gabar-te
O calouro beirão, que aspira a vate,

Chegado ha pouco, na estalage ignoto;
Paga-te o ponche alli, na tasca a ceia.
Se um vento travessão te assopra ingrato,
Se a noute vem fechada, escura e feia,
E te falta o covil, ao lar arriba
Do meigo Alcino, de Teonio, o «Quadras»:
Fuma, e corre ao café, se a aurora assoma.
Assim se passa um dia, assim dez annos
Nos braços da penuria e do desprezo;
Um momento applaudido, os mais mofado.
No hediondo escaler quatorze gatos
Com mui pingados balandraus, remando
Do palacio fatal do Conde Andeiro,
Te hão de levar ao som das apupadas
Dos rapazes, que insultam tumba e gatos,
Com mais de tres em carga ao cemiterio.
Dos louros em logar crescerão couves,
Sobre essa honrada lapide, que amanha
Cultivador coveiro ás enchadadas.
E pois achaste um boqueirão no Lethes,
Qual no da Mouta a lama se arremessa,
Teu nome irá por elle ao nada eterno.

## IV

# EPICEDIO

Á

# MORTE DOS PERIODICOS

---

### Anno de 1814

---

Parabens, Portugal! do ferreo jugo
Já solto estás; a natural corrença
Deixou de ser universal verdugo:
Já se acabou dos *opios* a mantença;
Acabou-se o *Telegrapho*, o *Mercurio;*
Fez crise emfim maniaca doença.
Concluiu-se o mister de auctor espurio,
Que o reino de mentiras inundava
Desde o throno elevado ao vil tugurio.
Foi-se o visco, que os tolos apanhavà,
Que os nutria d'aérias conjecturas,
Se um anno se ia, se outro começava:
Deixando o mundo misero ás escuras,
Ora avante, ora á ré, quaes caranguejos,
Ora o mal promettendo, ora venturas.
Se de soco na Europa havia ensejos,
Eil-os aos tristes parvos assignantes
Os reaes a chupar quaes persevejos:
Vós no Caes do Sodré, vós passeantes,
Mal nos céos d'oriente o sol se erguia,
Té ver nos céos estrellas scintillantes:
Vós, paes da asneira, paes da gritaria,
Que em questões burricaes de paz e guerra
Moedor Periodico nutria:

Chorae, mesquinhos! para sempre encerra
Profunda fedorenta sepultura
Papeis, por quem ha muito o sesso berra:
Papeis por quem Oliva á fome escura
Procurava esquivar-se apenas vira
Co'os Francos esvair-se-lhe a ventura;
Adubando-os de sordida mentira,
De lisonja mais sordida e baforda
Onde os factos metteu, que mal ouvira:
Oliva o f...dor, que agora engorda
Da Macaísta á sopa e parrameiro,
Que já deixaram mil feito em assorda:
Chora, oh Caes do Sodré, do verdadeiro
Mercurio imparcial a sorte e o fado,
Que a vêr nos dava laivos de pedreiro:
Da Paz geral co'o plano architectado,
Ao systema francez e ao torto arrocho
Com ambos os ilhaes sempre inclinado:
Admirador de Talleyrand o coxo,
Do grande Imperador, que em matrimonios
Por certo foi feliz, mas não foi mocho.
Chorae vós todos, miseros bolonios,
Este golpe fatal, que n'um momento
Aos sabios ambos lambe os patrimonios.
Foi-se a zanga cruel, foi-se o tormento
Da praga universal, que o reino enchia
De falsas novas, que levava o vento:
Que a nação toda em confusões trazia
Quando Oliva falaz supplementava,
E aos generaes as cartas escrevia:
Quando a folha do tal Biancard dava,
Que vinha, se assim é, da mala fóra,
No paquete, que ha tanto se esperava.
Tu, suja arcada do Senado, chora!
Jámais ha de entreter turba brejeira
Coxo leitor com voz atroadora:
Nem de noticias abundante feira
De Jan Luis no parlamento fino
Trará Dom Casimiro na algibeira.
Ser propicio uma vez quiz o destino,
Dos jornaes suspendendendo a diarrhéa,
Causa cruel de tanto desatino.
França, por elles de desgraças cheia
N'essa fatal revolução damnosa
Inda as reliquias de seu mal pranteia.
A que o Tamisa vê, turba odiosa,
Que de cá foi fugindo ao Limoeiro,
Talvez que agora se lhe acabe a prosa.

Porco Moniz mettido a novelleiro
Não dará mais, de Oliva, substituto,
Ao povo a ler *Telegrapho* brejeiro.
Vesti-vos, moços, de pesado lucto,
Que andaveis co'os papeis de madrugada,
Fosse o tempo chuvoso, ou fosse enxuto.
E tu, provincia rustica, lograda
Não serás mais co'a triste assignatura
Em que Manuel não pregava enxada.
Vós, frades no convento, oh turba escura,
Que em noticias do Lord, em Bidassoa,
Tanto marrastes co'a cabeça dura:
Mais tempo tendes p'ra correr Lisboa;
Acabou-se o *Telegrapho*, e potentes
Ide dar que fazer na Madragoa:
E vós, bacalhoeiros eloquentes,
Do profundo Mercurio expositores,
Não quebrareis testitulos á gente.
Ah! nunca mais á porta os mercadores
Serão de aspecto grave, e voz pesada
Em decisões politicas doctores.
Só lhes fica a *Gazeta* arrodilhada,
Co'as victorias dos emulos ufana,
De seus pingues annuncios carregada.
Folha ministerial cada semana
No Salitre annuncia o periquito,
E armazem de garrafas e chanfana.
*Gazeta* nossa, portentoso escripto
Ovideos Goiazes tem, tem Catapreta
De tarellos um numero infinito:
Ah! queira o céo que a corja se não metta
Tambem a suspender com lei mais dura
O Jornal Coimbrão, Jornal de peta!
Será por certo grande desventura
Que fique sem limpeza e guardanapo
O sujo cu da humana creatura.
Castilho apolvilhado, teso e guapo,
Para risota universal da gente,
Queira o céo retirar-te este sopapo!
Dos mata-sanos a caterva ingente
Propagandista da vaccina immunda,
Das curas não dará rol pestilente.
Perco n'isto eu tambem, porque uma tunda
Te tenho em meus canhenhos reservado,
Que no inferno te metta, e te confunda.
Remiu-se emfim original peccado;
Dos jornaes se suspende a tempestade,
Com que o reino até agora andou logrado:

Já terá paz a humana sociedade,
Venha agora a noticia, ou gire, ou corra,
Que eu reservo com jus, e com verdade
Para os auctores dos jornaes a .....

V

# ASSIM O QUEREM, ASSIM O TENHAM

## SATIRA

**Escripta em 1814 e augmentada com uma longa tirada ácerca dos medicos em 1818**

PELO EXECUTOR DA ALTA JUSTIÇA

---

Em torpe conselho
Do Pindo as cigarras
Se uniram n'um molho
Na loja das Parras:
Brejeira quadrilha,
Congresso maroto,
De quem divindades
São ponche e charôto:
A flux ajustaram
Sem pejo e sem medo,
Roer nas obrinhas
Do triste Macedo.
Porém, não podendo
Com fortes razões,
A vida lhe atacam
Com falsos baldões.
Que um homem de lettras
D'est'arte impugnar,
Foi sempre o caminho
Mais facil de andar.
Será da calumnia
Emprego e mais alvo,
Pois nunca podemos
Mostrar que é papalvo.
Mordemos-lhe o *Gama*
Com dente canino,
Mas tal soube dar-nos
Resposta o mofino,
Que todos temendo
De novo o bambú,
Mettemos calados
A lingua no cu.
Se ás *Odes*, se ao *Newton*,
Se á *Meditação*,
Algum de nós outros
Erguer impia mão;
A nós rebolindo
Vem tal respostada,
Que a penna maldita
Nos faz em salada.
Façamos poemas,
Chamemos-lhe atheo,
Ladrão, jacobino,
Perjuro, sandêo:
Digamos que o monstro
Ataca, enxovalha
Co' a lingua, que corta
Como uma navalha,

O vate zarolho,
Que o reino defende,
Escudo formando
Co'o braço que estende:
Pois vive sentado
Divino Camões
Á dextra de Apollo,
Co'os nove courões:
Mostremos ao mundo
Que assim se critica,
Que á sova dos *Burros*
Assim se replica.
Pois é manifesto
Que um homem que achara
Defeitos no vate
Que o *Gama* cantara,
Não póde por certo
Segundo diviso,
Ter lettras, doutrina,
Estudos, e siso.
O Couto brejeiro,
Que é filho da p...,
Mentir me não deixe,
Pois elle me escuta.
Do grande Bocage,
Que já se finou,
A Satira docta
A Londres mandou:
E os dous jalapeiros
No magro caderno
(Que Hypolito o illustre
Tem posto no inferno),
Contentes pozeram,
A Lysia a mandaram,
E o monstro tremendo
D'est'arte impugnaram:
Pois são nossos mestres
Os dous jalapeiros,
Sejamos quaes elles
Chapados brejeiros.
O voto foi este
Do merda Moniz,
Do chôcho Vampiro
Que Apino se diz;
Do satiro coxo,
Ou cego lambaz,
*Sepulchro de Lesbia*,
Tomino, ou Thomaz.
Dos outros da sucia,
De Oliva o barrasco,
Por cujo cachaço
Eu choro carrasco:
Do Couto trampóla,
Ou vil caloteiro,
Que é mais do que Judas
Em vendo dinheiro:
Do Couto, que tinha
Com cem producções
Aos homens de siso
Quebrado os .......:
Dos dous mata-sanos
Abrantes, Nolasco,
Que têm de sabença
Fumaças no casco;
Que embutem por ouro
Os velhos papeis,
Que embrulham toucinho,
Manteiga ou pasteis.
Da corja brejeira,
Ou porca matula,
Que em annos de Jorge
Os bifes adula.
Do bom *Patriota*,
Essa alma singela,
Que pede as Lezirias
Por cebo e tigela:
Que em ponche enfrascado,
E em jogo de azar,
De portas a dentro
Ensina a furtar.
Assim conjurados
Os vis toleirões,
Dos *Burros* ao vate
Empurram baldões:
Com versos, com prosa,
Peores que o diabo,
Do gosto, das lettras,
Em Lysia dão cabo.
Costinha co' as Odes
De lingua caboca,
Com phrases ao Padre
Tiradas da bocca:
Co' os *arvos*, co' as *genas*,
E eterno zum-zum,
Depois de bem lidas
Se fica em jejum.

Oleno, o Moniz,
Com torpe elogio,
De torpe lisonja
Trescala a bafio:
Fazendo que o bife
De pejo fugisse,
E o povo de apupos
Tal asno cobrisse.
O coxo Tiresias
Co' a *Napoleada*,
Que o patife agora
Fez *Braziliada*,
Moendo com versos
Ou pragas a Arthur,
Se acossa os Girondas
Nas praias do Adur;
Se nasce a Rainha,
Se Jorge faz annos,
Se caga Fernando
Nos vis Castelhanos;
Se aponta em folhinha
Seu dia natal
Ao surdo Enfermeiro
Do porco Hospital.
São estes sabujos
De fraco latido,
Que eu tenho no inferno
Mil vezes mettido;
Eu mesmo o carrasco,
Se mais os confundo,
Sem pejo ou vergonha
Se mostram ao mundo.
Só firmam as bases
Da louca arrogancia,
Das artes, das lettras
Na inteira ignorancia:
E cuidam que impugnam
Mui doctos escriptos,
Se contra a pessoa
Dão brados, dão gritos;
Quaes vis marafonas
Os dão na ribeira,
Qual p... em contenda
Co' uma alcoviteira.
Fallando em costumes,
E em gerações,
E seus avoengos
São p...., ladrões.

O Couto em calotes
Gerado e parido,
O pae no Terreiro
Velhaco fallido;
Foi moço da pi..
Dos padres Vicentes,
E andou de sotaina
Co' os outros serventes:
Foi mestre de grego
Por alcoviteiro:
Costinha nascido
De pae caldeireiro,
Mostrou pela rua
Dos rotos calções
Ao povo passante
A ..... e .......
O coxo, que em versos
Ser aguia se pica,
Mascou unguentos
Em suja botica.
Abrantes, que come
Um conto e duzentos,
Foi, todos o sabem,
Burjaca dos Bentos.
E o Pedro Nolasco,
Gigante de breu,
Na praça das Caldas
Tamancos vendeu.
A soldo o Moniz
Do Paula empresario,
Qual comico reles
Ganhando salario;
Trazendo atrelado
Bernardo o sandêo,
Do Pinto Baptista
Os fundos comeu:
A vida empregando
No officio vadio,
Dormiu no theatro,
Comeu no Rocio:
E a troco de ponche
Nos dias dos annos,
Fez odes de merda,
Poz quadras nos pannos;
Sem arte, sem geito,
Sem lettras, sem nada,
Sem gosto, sem graça
Pregando dentada.

Não sabe seu nome
Palerma escrever,
A lingua latina
Não poude aprender:
Das aulas dos frades,
Foi posto na rua,
E a velha consorte
Deixou nua e crua:
Vendendo os officios
Que o Caupers conserva,
Andou lazarento
Ás sôpas do Serva:
E substituindo
A Oliva, o cançado
*Telegrapho* chocho,
Que jaz enterrado,
Entrando na sucia
Faminto Lacerda,
Ao povo logrado
Deu folhas de merda:
E phantasiando
Politico espurio,
Mil couces apanha
Do mestre *Mercurio:*
De inveja roido
Seu peito vilão,
Ao chefe dos bifes
Fez uma canção:
Que no *Semanario*
Batida e tocada,
Não conta uma estrophe
Sem muita patada.
Anselmo, o gaguinho,
O filho da p...,
Tambem quiz unir-se
Á comica bruta:
E fez uma cousa,
A *Mariolada,*
Que é d'elle a figura
Escripta e escarrada:
Taluda tolice,
Baforda, e mentira,
Com mais graça um burro
Seus couces atira:
Mettido no quarto
Do padre João,
É membro bem digno
D'aquella sessão:
Pois chegam-se os tolos
Por força attractiva,
Que um burro de um burro
Sempre se captiva:
Dom Casimiro
Com Carlos Calvete,
Bedel das noticias
Na sucia se mette:
Gagueja a *Gazeta,*
Politico avêsso,
Empurra noticias
Que vem do Congresso,
Com outras de peta
Da mesma relé,
Que traz Camarino
Do Caes do Sodré.
É n'este Parnaso,
Que o bebado eterno
Aturde as orelhas
Com versos do inferno:
E todos de roda
Com patas, com zurros,
Applaudem asneiras
Que engrossam os *Burros.*
Só falta a presença,
Não falta a lembrança
Do besta Bernardo,
Que em Londres a pansa
Talvez fosse encher
No Tejo vasia,
Que o bruto por lettras
De fome morria.
Procede de avó
Que foi .... porca,
De avô que no Porto
Morrera na forca;
E o pae por officios
De prós e precalços,
Morreu na Portagem
Por dous signaes falsos.
De paes tão honrados
Procede o sandeu,
Que em Elvas na tropa
Soldado viveu;
E em Villa Viçosa
De espada e de prancha,
Do crime de rapto
Se lava da mancha.

Temendo por outras
As boccas de fogo,
Tomou mui depressa
As de Villa-Diogo;
E veiu a Lisboa
Co' o corpo na espinha
Comer os sobejos
Da suja cosinha
Dos frades Gusmões,
Patifes de marca,
De quem San Domingos
Se diz patriarcha.
A loja das Parras
D'alli frequentava,
E fixo estafermo
De môfo almoçava;
Ahi se viu sempre
A Oleno atrelado,
Com cara raivosa,
Com fato ensebado:
O Simas servindo
Na banca e chicana,
Té ser sacudido
Por mão castelhana:
Um livro escrevendo
De immensas tolices,
Ficou muito enxuto
Co' o rol das sandices:
Mostrando aos da sucia,
Que o pejo e vergonha
Jámais lhe assomara
Na vil carantonha.
E nunca emendado
Dos erros que fez,
Com novo Inventario
Levou d' outra vez:
Que o bruto emperrado
No exame do *Gama*
A nova massada
Se fez nova cama.
Picado Macedo
Lhe andou pela pista,
E o fez dos seus *Burros*
O protagonista:
Até que de todo
Se viu em camisa,
E foi lazarento
Pastar no Tamisa.
Deixou por herdeiro
E correspondente
O merda Moniz,
Compadre e parente.
Nas mãos d' estes asnos
As lettras no Tejo,
Na lama e na trampa
Mettidas eu vejo.
Que toda esta récua
E matalotage,
Se fez na caquinha
Do vate Bocage.
Vertendo e compondo
Venal Elogio,
E as quadras dos panos
Que vira o Rocio.
Que ao bom Patriota
Do cebo e torcida
Render lhe fizeram
Seu modo de vida;
Em quanto a bolacha
Chincando os courões,
Applaude victorias
De inchados Bretões.
São estas as obras
Que ao mundo tem dado,
E aos homens de siso
Seu siso provado.
São vozes avulsas,
De cunho novel,
Tiradas de inepcias
Do Padre Manuel.
*Ventisono*, *sulphur*,
Com tom tão avesso,
Que só lhe merecem
Applausos do sesso.
Sem ordem de idéas,
Sem claro sentido,
É tudo o que escreve
Costinha entanguido.
Dentuças de burro,
Com cara de lucto,
Nem com chicotadas
Se move tal bruto.
Depois de moido
Com mil bofetões,
N'essas, que se leram
*Considerações:*

Que asneiras a montes
Do vil chronista
Do extincto Bocage
Nos mostram á vista.
E tendo mamado
Asperrima tunda,
No Homero, que imprime
Perjuro corcunda;
Onde elle com Couto
De meias traduz,
O texto illustrando
Co' as notas de truz:
Tem alma o maldicto
De andar pela rua,
Com cara de tolo
De pejo tão nua,
Que ao mundo se mostra
Caldeira estanhada,
Na loja paterna
Perfeita, acabada:
Chorando o Bocage,
Que o magro sandeu
Zurziu no soneto
«Tragedia *Tancreo*».
Com phrases eivadas,
Com vozes de lama,
No beco das Parras
Mordendo no *Gama:*
Clamando que dera
O grão toleirão
Os versos primeiros
Á *Meditação;*
Da qual não se atreve
A ser o censor
O par que nos manda
O *Investigador:*
Não ha para ella
Quem asno derrame
O fel da baforda
Em critico exame.
Qualquer d'estes burros
Nas artes é cego,
Não tem mais sciencia,
Não tem mais emprego,
Que ponche e Bocage,
Theatro e Rocio,
Ou quadras sediças,
Ou torpe elogio.
Brejeiros na vida,
E na alma perversos,
Cerzindo palavras,
Chamando-lhes versos,
Sem que haja quem d'elles
Attenda ou aprenda,
Massados em tudo,
Mas nada de emenda.
Fervendo-lhes raiva
N'uma alma de corno,
Praguejam Macedo,
Ladrando-lhe em torno;
Mas elle malhando
Impavido e cru,
Nem podem ferrar-lhe
Os dentes no cu.
Se acaso responde
De guiza embatucam,
Que em nova sandice
Jámais lhe retrucam:
Sem alma, sem graça
Vae dando dentada
Elpino nas Odes
Da tropa á entrada;
Porém de tal arte
Zurzidos arreiam,
Se escrevem de novo,
De novo pateiam.
E zune esta corja
Impune na terra,
E calumniando
Ataca e faz guerra!
Se offendem Macedo,
Com versos á toa,
Deixando os escriptos,
Fallam na pessoa.
Se d'isto se passa,
Só futil nos dá
*Telegrapho* o Oliva,
Folhinhas o Sá.
Se foi, se não foi
Ao mar glacial
Com tres caravellas
O Corte-Real;
Em longas tiradas,
Em prosa do demo,
Se foi cavalleiro
Martinho Boemo;

Nos quebra os tomates
Em grande aranzel
Um magro lettrado
Gastando papel.
E da Academia
Ser socio merece
Accursio das Neves,
Que um gallo parece?
Na *Historia* furada
Do Franco invasor,
Quaes velhos conversam
Conversa o auctor.
Em phrases, em vozes,
Sezão dos quinhentos,
A vida consomem
Preclaros jumentos:
Sem que haja um escripto
De tantos sandêos
Que possa dizer-se:
Oh! benza-te Deus!
Se vêem sonetinhos,
São de Chapuzet,
De epigraphes cento
Em cima e ao pé.
Nem surde uma obrinha
Do Douro ao Mondego,
Que em arte e palavras
Não cheire a gallego.
Não sei que se sabe
No tempo d'agora,
De eternos jornaes
Mettidos na nora:
Das côrtes dos bifes,
Da Belgica e merda,
Se é vivo o grão Lord,
Se pare a Lacerda!
Os sabios se occupam
Em vis pataratas,
Se a ruiva se encontram,
Se vingam batatas.
Se ha minas no reino
Do negro carvão,
São hoje os estudos
Da lusa nação.
Os medicos todos
De sege e de luxo,
Venenos á gente
Mettendo no bucho:
Com banhos, com ether,
Com agua de soda,
Aos paes se dão opio,
Ás filhas dão ....:
Que tudo sabendo
Grãos politicões,
Sabidas as contas
São finos maçães.
Eis vem o Baeta,
De nome funesto,
Aos sãos e aos enfermos
Pesado e molesto.
Já vae atraz d'elle
De trouxa e de escada
O irmão que se chama
João Caldeirada:
Que outr'ora a Lisboa
Com voz de chocalho,
Sotaina laivosa
Serviu de espantalho:
Já conta de certo
O cura esfaimado
Co'a offerta e benesses
Do triste finado.
Jámais a um doente
Receita este algoz
Que escape o mesquinho
Da cova ao cadoz.
Já corre após elle
Loquaz Bernardino,
Que em quina amargosa
Achou quinchonino.
Imagem da morte
Lá vae n'um rabão,
Assim vae á peste
Correr Tetuão.
As campas das covas
Por si se levantam,
De ver tantos socios
Os mortos se espantam:
Longuinho Pinheiro
Do Physico-mór
Cruel substituto
Enterra melhor.
Não deixa aos viventes
Comer folha verde,
Que em louça vidrada
Dinheiro se perde

Nos diz o maldito,
Que até nas castanhas
Assadas se encontra
Veneno de aranhas.
Reprova o pão quente,
Reprova o perum,
Que é carne indigesta
Peor que o atum.
No grosso volume
Policia chamado
Quer ver o pingente
Do homem casado:
Fiscal importuno
Té isto quer ver,
Se cabe ou não cabe
No vaso á mulher.
Gigante medonho,
Feroz pantaleão,
Luiz de Carvalho
Manuel o tumbão,
Não falla o mofino,
Receita sómente;
André Bonaparte
Matou menos gente,
Em todas as bulhas
E guerras que fez,
Do que este carrasco
Matava n'um mez!
Lá foi para o Rio,
Que o demo o levou,
Da sucia chamado
Que lá se acoutou:
Se fôsse preciso
Ministro da Morte,
Nos homens honrados
Fazer algum córte;
Que é methodo usado
Da vil pedreirada
Descarte com purga,
Veneno ou facada.
Assim se decreta
Na loja-maior,
Que deva ser morto
Dos *Burros* o auctor.
De purga e veneno
Se livra o trombudo;
Agora de ferro!...
Na Europa vae tudo.
Á ponta da faca
Louvel o celeiro
Nos prova talentos
De um habil pedreiro.
E o pae das comedias,
O Kotzebû,
A um ferro homicida
Tambem deu o cu.
Mas tórno aos Galenos,
Lá jaz subterrado
Romão Correeiro,
E o Reis adamado.
A Morte zangada
De tanto trabalho,
Nos dous commissarios
Quiz dar o seu talho.
Que a todas as horas
Por elles chamada,
Não tinha um instante
De estar socegada.
Deixaram viuvas
Faustosas e ricas,
Mas sem fazer nada
Trezentas boticas:
Que os pharmacopolas
A manipular
Té de irem á missa
Não tinham vagar.
Que tantas receitas
Dos dous emanaram,
Que os botes das purgas
Em lastro ficaram.
E o preço do musgo
E calomelanos
Mais cento por cento
Subiu n'alguns annos.
Mas se estes se foram,
Cá fica o Pegado,
Que é menos damninho
Um cão que é damnado.
Se o pulso tacteia
Se escreve e receita,
Já sabe o doente
Que a cura está feita.
Avisam-se os padres,
E o lugubre sino
Com trinta rapazes
No ar vae a pino.

Eis marcha após d'elles
Leal de Gusmão,
A frente dos Persas
Qual foi Gengis-kão:
De Arabia e da India
Cidades e portos
Ficaram cobertos
De estragos e mortos.
Co'a sombra que espalha
Do grande nariz,
Com medo da morte
O sol se faz cris.
Em cada pégáda
Abrindo uma cova,
Ah triste doente,
Se elle entra n'alcova!
E o padre que escreve
*O Desapprovador*,
Sentiu só de vêl-o
Na pansa uma dôr;
Mas dôr tão fecunda
Que um monte formou,
E apenas do peso
Se deshonerou,
D'alli foi fugindo
Co' as calças na mão;
Assim ficou pago
Leal de Gusmão.
«Não sou (diz o padre)
Avaro e catinga;
Que mais devo dar-lhe
Por purga e seringa?
Á antiga Oeynhausen,
Condessa allemã,
Vae todos os dias
De tarde e manhã.
Que á velha inda lembram
Cebolas do Egypto;
Tamanho morteiro
Lhe arruma o maldito,
Que eu pasmo deveras
Que a serpe inda possa
Co' a peça de Diu,
Tamanha e tão grossa!
Ao rabo cosido
D' este hirto phantasma,
Em sege de molas
Vae um cataplasma;
Terá na figura
Não mais de tres pés;
E tem de Almeidinha
O nome esta rez.
Verboso caçapo,
Pygmêo matador,
Nenhum jalapeiro
Se impinge melhor.
Fallando o mofino
Pelos cotovellos,
Da antiga consorte
Fervendo nos zelos.
N'um grande volume
Na sege vae lendo;
Confesso a verdade
Que eu tal não entendo!
Só se elle na rua
Tem pé de estudar,
E gasta o mais tempo
Sómente em matar.
Das garras da morte
Nenhum lhe escapou,
Depois que as laranjas
Á tal receitou;
Que estando co' a febre
Que vem sobre parto,
Do mundo a despacha
Em menos de um quarto.
O Lança a cavallo
Vae sempre montado,
Armando a cabeça
Do lerdo Machado.
Co' a soda maldita,
De almiscar co' o cheiro,
Que grossas pechinchas
Tem dado ao coveiro!
O Franco de Mello
Se cá nos ficava,
Vasio de gentes
O reino deixava.
E alguns ministrinhos,
Com beca e sem beca,
Que a alampada guardam
Da casa da Meca:
Roubando a seu salvo
Com força e poder,
Têem carta de guia
No cu da mulher.

Talvez que algum d'estes
Chapado ladrão
Escape da forca
Por ser um cabrão.
Deixemos harpias,
Em lettras fallemos,
E aos sabios do tempo
Co' a tunda tornemos.
Se deixo os orates
Do porco Café,
Mais asnos encontro
D'excelsa ralé.
Oitenta e mais annos
Da vida gastando,
Segundo elles dizem
Papeis ajuntando.
E tidos em conta
De grãos sabichões,
Esmaltam, enfeitam
*Jornaes Coimbrões.*
Com phrases que tinem
Decrepito som,
Nos dão convertido
Periplo de Hannon.
E os mais que trabalham
Na mesma officina
Só tratam de emplastros
Da suja vaccina.
No Castro saltando
O chymico Pinto,
De beberricagens
Faz um labyrintho.
As prensas cançando
Com lucubrações,
Á certa confita
São dous toleirões.
Se dava o senado
Esplendida ceia,
Com disticos sabios
Oh quanto se arreia!
Não fiques sem nome,
Que gloria não tiro;
São do perfumado
Boneca Belmiro.
Por mais que me cance
No Tejo só vejo
Alarves em lettras,
Que me enchem de pejo.
E o triste Macedo,
Que escreve com siso,
Deixado esquecido
No canto diviso.
Sobre elle do norte
*O Investigador,*
Na immensa Lisboa
Qualquer estupor,
Vomita bafordas,
Baldões lhe accumula,
Deixar já não póde
Impune a matula.
Tem sido mui brando
Se corre a atacal-a;
Não é d' este geito
Que a corja se cala.
Cumpria que aos olhos
Da gente papalva
De todo mostrasse
Dos burros a calva.
Cumpria que ao mundo
Deixasse sabidas
Das bestas as manhas,
Dos cornos as vidas.
Cumpria que ao frade
José Leonardo,
E ao tolo das Ilhas,
Anselmo, o bastardo,
Em publico désse
Na cara co' um corno,
Dos couces que atiram
Bem justo retorno.
Cumpria que os *Burros*
Da prensa bretôa
Sem tir-te nem guar-te
Mandasse a Lisboa.
Cumpria que a Londres
Tambem se pagasse,
E a teia dos *Burros*
De lá desfiasse,
Co' o raio da penna
No inferno mettesse
A chusma de infames,
Que em Lysia floresce:
E austero fizesse
Em polme ou em cisco
As Odes do cunho
Do Padre Francisco.

Que a Couto o calote,
A Couto o ladrão,
Lembrasse empalmada
Barrica de pão:
Ao dono das Parras
Pregando o caurim,
Que a todos relata
No seu botequim:
Da banca do jogo
O troco bifado,
E o visto ao maroto
Dadinho chumbado.
Que ao monstro de inveja,
Moniz fedorento,
Lembrasse os calotes
A cento e mais cento.
Ao Paula pedindo
(Honrado emprezario)
Do torpe Elogio
Mesquinho salario;
Que á paga das casas
Penhora lhe vinha,
E a .... na rua
Os trastes já tinha:
Que a todos á mostra
Os pôdres pozesse,
Com paes, com parentes
Nas ventas lhes désse.
Que só d'este geito,
E d' esta maneira
Se pune e castiga
A vil maroteira.
Mas este paz d'alma
A ler e reler,
Só julga desgraça
Não ter que comer.
E deixa indolente,
Poupando chicotes,
Que as bestas aos áres
Atirem pinotes.
E diz que o despreso
Só pune a canalha,
Que em ferro que é frio
Debalde se malha.

Que dar n'esta corja
Que em mal tanto medra,
É dar co' um vergalho
N'um frade de pedra.
Dizer que ignorantes
São burros, são brutos,
É vêl-os tranquillos
Ficar muito enxutos.
Nas odes que fazem
De asneira de rabo,
Nem mette seu dente
O proprio diabo.
Os versos que sirzem
De alheios farrapos,
De um cu bezuntado
Só são guardanapos.
Perderam de todo
O medo ou rubor;
Se Jorge faz annos
Vem quadra peor.
O coxo apresenta
*A Napoleada*,
E põe-lhe esta alcunha:
*A Braziliada.*
Moniz pateado
Se mostra ao Rocio,
E torna ao theatro
Com outro Elogio.
O tolo Costinha
Aos tolos encampa
Em versos do inferno
Pindarica trampa.
E todos mui surdos
Á voz da razão,
Quaes sempre têem sido
Sandêos inda são.
Mas eu sempre assento
Que a descompostura
É só de tão asnos
Marotos a cura.
Com baldas serão
Zurzidos por mim;
Se assim o quizeram,
O tenham assim.

VI

# ASSIM O QUERES, ASSIM O TENS

## SATIRA

### EM RESPOSTA Á ANTECEDENTE

POR

JOÃO DA MATHA CHAPUZET

---

Se inutil Macedo
Mordaz nunca fôra
Se ao bem dedicasse
A musa traidora:
Se versos forjando
*(A Meditação)*
Chamasse poema
Ao que é confusão:
E se outro livrinho,
O seu novo *Gama*
Eu visse afogado
Na merda ou na lama:
Calado existira
Sem caso fazer
De idéas do ex-frade,
Duras de roer.
Deixára o Macedo
Esfalfar-se em versos;
Castigo era andarem
Nas praias dispersos:
Porém insolente
Com sordidos zurros,
A tudo enxovalha
O vate dos *Burros*.
Caracter infame,
Venal e brejeiro,
Que só reconhece
Maldade ou dinheiro:
Que nada respeita
Profano ou sagrado,
Que julga ser tudo
No vicio gerado!
Que até se aproveita
Do indulto maior,
Blasphemias soltando
Qual máo prégador.
Prégando, atacando
Honrada familia,
Tal fez em San Paulo
Com ardua quizilia;
No pulpito inchado,
Sem decencia ter,
Foi thema ao sermão
Antonio Xavier.
E quando na Lysia
Junot deshumano
Do despota erguia
O mando tyranno;

Mil bens promettendo
Com falsa expressão,
Dizendo que aos Lusos
Dava protecção;
Tormentos lançando
Sobre a patria altiva,
Que entregue ás desgraças
Gemia afflictiva;
Então vil Macedo,
Cruel, falso, injusto,
No pulpito erguia
Horrores e susto:
Prégava bondades
Do féro Junot,
Idéas soltando
Mais pobres que Job.
Dizia o velhaco
Sem mais confusão,
Que as leis respeitassem
De Napoleão;
E se grandes bens
Deviamos ter,
Mandava a razão
Submissos viver:
Pois que do contrario
Lysia malfadada
Em chammas se vira,
Em cinzas, em nada;
E que era fortuna
Sem contradicção
O sermos vassallos
Da grande nação.
Eis pois o caracter
Do padre infeliz,
Que tem só tonsura,
Que nem missa diz!
Oh Principe excelso,
Se o bem só desejas,
O teu prégador
Avilta as egrejas;
Ordena em castigo
Que o tal salafrario
Em Goa ou Macau
Vá ser missionario;
De nós longe viva
Quem é desleal,
Que infame professa
Seguir sempre o mal;
Que a flux sempre mente
Sem medo ou vergonha,
Enchendo as bochechas
Da vil carantonha.
Que Homero abocanha,
Sem grego saber,
E ao seu traductor
Mui sabio diz ser:
Insulso Aristarcho,
A Homero regeita,
Ao vate sublime,
Que Voltaire respeita.
Voltaire, que de pejo
Seu rosto cobrira,
Se de um peido seu
Macedo surgira!
Tal biltre a seu gosto
A cabeça enrama,
Fazendo elogios
Ao seu novo *Gama*.
Co'os vates pasmosos
Andando aos baldões,
Diz bem de si mesmo,
Diz mal de Camões.
Conhece, oh pateta,
Que a critica tua,
Camões não insulta,
Pois ladras á lua.
É o velho Gama
Do mundo estimado,
E o teu novo *Gama*
Dos cus respeitado.
Eis pois a differença
Entre as producções:
Seu *Gama* ouro vale,
O teu cagalhões.
Perverso, não basta
A maledicencia,
Com que pisar sabes
Virtude e sciencia;
Até queres, impio,
Nos sabios morder,
N'aquelles que o mundo
Por sabios quiz ter?
Em quanto viveu
O vate Bocage,
Calado existias,
Do Pegas o page:

Protestam alguns
Que tinhas tal medo,
Que nem conheciam
Que havia um Macedo.
Mas logo que a parca
Seus dias cortou,
Lá de uma commũa
Macedo saltou:
Julgando-se impune,
A tudo insultante
Em verso enxovalha
Com ar de xibante.
Té que me obrigou
Na penna a pegar,
E aos bons portuguezes
Verdades narrar.
Sabei que este vil
Ha annos servia
Com gosto em Lisboa
De fatal espia!
Foi pela Intendencia
Empregado assim,
Quarenta moedas
Lhe davam por fim.
Depois de prégar
Por Napoleão,
Do Jacobinismo
Quiz ser espião.
Ah! caros patricios,
Não o digo por chasco,
Eu não pasmaria
Se o visse carrasco.
Sua alma perversa
Não ha quem resuma,
De suas maldades
Eu conto mais uma.
Ha pouco escreveu
Em verso de peta,
Contra os redactores
*Mercurio* e *Gazeta*.
Aos periodistas
Raivoso insultou,
*Telegrapho* astuto,
Nada lhe escapou.
Pois este malvado
Que insulta os humanos,
Foi um redactor
Não ha muitos annos.
Compunha a *Gazeta*,
Dinheiro ganhando,
Porém, a *Gazeta*
Ia peorando.
E então despediram
O tal gazeteiro,
Pois que suas obras
Não davam dinheiro.
Eis foi periodista
Macedo lascivo,
No tal *Semanario*
Chamado *instructivo*.
Por signal o padre,
Que forças não tinha,
Ao Lopes se uniu
Para a tal obrinha.
E agora atacando
Os periodistas,
Até contra si
Lançou feias vistas.
Que tal é o cão
Que a tudo baforde,
Damnado, enraivado,
Que até em si morde!
Nas obras que escreve
Os nomes declara
D'aquelles que insulta;
Oh critica rara!
Diz de um, que seu pae
Concertava bancos,
E que outro vendia
Nas Caldas tamancos.
E não se recorda
Macedo, o brejeiro,
Que um pae tambem teve,
Que foi pastelleiro;
Que a vida ganhara
Sem ter muito abalo,
Mettendo em pasteis
Carne de cavallo.
Tambem não se lembra
(Oh destino vario!)
Que sendo Macedo
Bibliothecario,
Fiado o convento
No talento seu,
Foi sujo ladrão,
E os livros vendeu!

E um tal João Henriques,
Um besta, um livreiro,
Que o padre respeita
Por ser caloteiro,
Ardendo em desejos
De ser conhecido,
Por ter até hoje
Qual mocho vivido;
Mandou todo ufano
O tal insensato
Do inutil Macedo
Tirar o retrato:
E bom fim tiveram
As idéas suas,
Pois têm (que não tinham)
Ornato as commũas.
Livreiro insolente,
Se os livros compraste
Que o padre roubou,
Se n'isso ganhaste,
Calado e contente
Devias estar;
Porém, teu peccado
Quizeste mostrar.
Ás taes ladroeiras
Sensivel e grato,
Mandando do padre
Tirar o retrato;
Do padre que tem
Estanhado o rosto,
E que tudo insulta
Sem medo, nem gosto:
E deve o governo
Socegado vêr
Tão grande maroto
Injurias fazer?
Se tal se consente
N'um governo justo,
Se mais pode haver
Sem medo, nem susto:
Então me decido
Á nação vingar,
E o padre mais vil
Pretendo maçar.
A primeira obrinha
Com que elle sair,
E os bons cidadãos
Perversos fingir:
Fará que um cajado
Sem ter mais prudencia
Nas costas lhe pague
A tola impudencia:
E se um Intendente
Geral da Policia,
Sobre isto indagar
Minha pudicicia,
O poema dos *Burros*
Eu lhe mostrarei;
Com mais outras obras
Me defenderei.
Que injurias atrozes,
Macedo, compunhas,
Se for necessario
Darei testemunhas.
Cuidado, oh Macedo,
Se de hoje em diante
As pizadas segues
De vate insultante!
Pois juro que um páo
Verás sobre ti;
E eu nunca faltei
Ao que prometti.
Um páo na pharmacia
É contra peçonha,
A quem tem perdido
Caracter, vergonha.
De os máos castigar
Esta é a maneira;
Adeus, vil Macedo,
Até á primeira.

## VII

# DECIMAS

**Por occasião do casamento da filha do negociante**
**Manuel de Miranda Corrêa**
**com D. Antonio, irmão do Marquez de Tancos, depois Conde de Cêa**

---

1

Quero fazer-te, Miranda,
Umas decimas de truz,
Já que todo o povo a flux
Contra ti maldições manda:
Um pae solicito, que anda
Por casar a filha rica,
Moço esbelto põe-lhe á bica;
Mas se prazeres quer dar-lhe,
Não tem mais que apresentar-lhe
Quem tenha tremenda p...

2

Porém, nunca um pae chineiro
Da classe pobre quer genro;
Porque se é menino e tenro
Não deixa de ser brejeiro.
Ah, meu Miranda! O dinheiro
Em mãos de taes figurões
Vae sustentar mil cações;
E tua pouca prudencia
Para dar-lhe uma excellencia
A filha expõe aos baldões.

3

Olha que esse brilho é falso,
Não sejas tolo marmanjo,
Porque um fidalguesco arranjo
Não é para pé descalço:
Tu bem vês que não te exalço,
Digo só verdades puras,
E se a paciencia me apuras
Mostro que um bisavô teu
Com sangue preto e judeu
Fez umas certas misturas.

4

Teu pae, teu avô, teu tio
Manuel Pires de Miranda,
Foi natural da Outra-banda,
E d'aqui foi para o Rio:
Comeu carne de bugio
E andou sempre de tamancos:
Vê da sorte os solavancos
Quando exalçam um forreta!
Tu, bisneto de uma preta,
Vens a ser sogro de Tancos.

5

Juntaste mais de um milhão
De gimbo n'um migalheiro;
Foste moço de um mineiro
Nos sertões do Maranhão;
Salsa-parrilha, algodão
Foi teu negocio, e melaço;
Emfim limpando o cachaço
Da canga calloso e duro,
Com calção de tripe escuro
Deixaste de andar descalço.

6

Teu irmão no testamento
Deixou-te milhão e meio;
E o que de usura te veiu
Fez-te tomar barlavento:
Tomaste grande aposento,
Qual palacio de Nabuco;
Dizem más linguas que cuco
(Tanto não creio) ficáras
Quando do Tejo abalaras
A metter-te em Pernambuco.

7

Em casa se te metteu
(Olha que joia e menino!)
Um fidalgo peregrino
Dos que Lysia ao Brazil deu:
Não sei que lá succedeu,
Se o passo é doce ou amargo;
Sei que de amor n'um lethargo
(E ha gente que gosta d'isto!)
Ficou da moça o registo
Alguma coisa mais largo.

8

Isto só pelo demonio!
Que a brecha depois de feita
Nem se aperta, nem se estreita
Por obra de Santo Antonio:
Prometteu-se o matrimonio,
Que o mais Miranda era surra;
Porém, se um rico caturra
N'esta esparrela se pilha,
Não casa o nobre co' a filha,
Casa-lhe o nobre co'a burra.

## VIII

# RESPOSTA

### AOS AMAVEIS ASSIGNANTES DO PERIODICO

## O TELEGRAPHO

**Á despedida que no ultimo numero lhes dirigiu o patarata Oliva**

---

**Janeiro de 1815**

---

Morreste emfim, deixaste-nos, Oliva!
Enforcou-se o *Telegrapho!*—Mil graças
Á mão já damos, que de ti nos priva.
Fez pausa a diarrhéa das chalaças,
Foi-se a torpe mentira e a prophecia
Com que alvar novelleiro o povo embaças.
Deixaste a gente, que de ti se ria;
Inda agora se ri quando te escuta,
Que o teu papel o *Corso* combatia.
Ora é preciso ser filho da p...
Para suppores fresco e descarado
Que toda a gente lusitana é bruta!
Quando o *Corso* infernal, *Corso* malvado
Da *Gironda* o farrapo aqui mandava,
Porque estiveste, Oliva, então calado?
O Mosteiro exemplar, que ás Aguias dava
Tão fino pasto, esplendidos jantares,
Tambem a pansa então te abarrotava.
Onde tinhas discursos cavallares,
Com que depois da fofa do Vimeiro
Do amor da patria te deitaste aos mares.
Do Laborde não foste alto engenheiro,
Um reducto propondo em Montachique,
Que inda aponta co' o dedo o passageiro?

Não te lembrava o chimico lambique,
Nem barrilha, nem ruiva tintureira?...
Mas isto agora no silencio fique.
O dique abriste da geral asneira,
Encaixado no numero infinito
Da insupportavel turba gazeteira.
É este o teu baldão, este o delicto
Porque mereces ter na alvar testinha
Um T bem grande, assignalado, escripto.
Quando o tardo paquete aqui não vinha,
Ou vindo, mais e mais nos enleava,
Tinhas de molde a estupida cartinha.
A Victor, a Souchet, e a Soult prégava
Altas lições de tactica; tremendo
Qualquer d'elles então retrogradava.
Tu m' o disseste então, e inda estou lendo,
Que na barraca do feroz Massena
Fazia o teu papel ecco estupendo!
Rasgo foi este de impudente penna,
Que á morte eterna e publico desprezo
Então te condemnou e inda condemna.
E andavas, fanfarrão, andavas teso
Pelo largo das Chagas namorando
Quem ás cabeças maridaes dá pezo.
Porém, dize-me agora, Oliva, quando
Aqui jaziam corsegas harpias,
Porque andavas com ellas passeando?...
Não te lembram, macaco, os tristes dias
Da bandeirinha tricolor içada,
Em que á pedrada popular fugias?
Por certo então co'a lingua agallegada
Não chamavas ao *Corso* um vil tyranno,
Nem rapinante corja á grei damnada.
Foi-se a turba infernal passado um anno,
E então te mostras co' o *Café Lagarde*,
Qual és no centro d'alma um Lusitano!
Amigo, amigo Oliva, isso foi tarde,
E o povo que te espreita e te conhece,
Inda quando te vê se zanga e arde.
Mas tinhas fome, Oliva, e bem parece
Que vás matreiro mareando a véla
De onde o vento te sopra, e de onde cresce.
Vias cair pechotes na esparrela,
E leitores da vil sapateirada,
Com graças sem sabor trouxeste á trela.
Foi-te cahindo o peixe na redada;
Baptisas de *Telegrapho* o escriptinho,
Que nascendo ou morrendo, emfim, foi nada.

Porque seguiste, dize, outro caminho,
Quando o Porto invadindo a Passarola
Veiu em Lysia outra vez fazer seu ninho?
Até Moura te foste, e dando á sola,
Cavar salitre em fundo mijadeiro,
Da chimica de merda abrindo a escola.
Porque o Gallo esperavas no poleiro,
Deixaste um pouco então de ser propheta
Para seres de Soult novo engenheiro.
Tanto que o Bife aos Francos foi na alheta,
E as sacrosantas Aguias derrabadas
Tocauam já de Lusitania a meta:
Deixas minas então desamparadas,
E passeaste astuto por Lisboa,
Aguardando ver aguas perturbadas.
Eis a terra cobrindo, eis vem do Côa
Zanaga general, Anjo chamado,
Té onde a linha lhe rebate a prôa:
Porque estiveste, Oliva, então calado?
Tinhas no cu mettido o papelinho,
Com que dizes venceste o *Corso* ousado?
Seguias outro norte, outro caminho;
Se isto fôsse francez, francez ficavas;
Se fôsse portuguez, portuguezinho!
Só quando ao longe os Gallos espreitavas,
Foste escriptor sublime e patriota,
E ao Botelhas José conselhos davas,
Então prognosticaste uma derrota
Depois de feita, as marchas apontando,
Quaes no Passeio as faz Falcão da Trota.
O maneta Marmont ficou cagando
Na carta eloquentissima e furada,
Que veiu o teu *Telegrapho* enfeitando.
Se a mentirosa mala retardada
Deixava o povo de noticias falto
Sobre a do Norte horrisona pancada;
De São Bernardo ao monte agreste e alto
A viagem chimerica embutias,
E a neve, os gelos de onde déste um salto.
E os frades descalçando as botas frias,
Mettendo-te nos pés pantufos quentes,
E dando-te bom chá com trez fatias.
E á vista dos cretins, que não são gentes
Mas em actos de amor libidinosos,
Como os frades cá são, lá são potentes.
Embutias os banhos milagrosos;
Da polida Saboya as barbeirinhas
Que esbrugam sem navalha os páos cerdosos.

Feita a viagem co' as noticias vinhas,
Que conduziu de Heliogland a mala,
Onde para mentir pechincha tinhas;
Veiu o sargento que te poz na sala,
Onde julgam Moreau, e onde juraste
Que junto ao nobre réo lhe ouviste a falla.
Nunca peta maior tu cá pregaste,
Porque nunca um luis entre francezes
(Eu t' o juro por estas ✠✠) professaste!
Quizeste empanzinar bons portuguezes,
Porque turba maior dos assignantes
O teu rol te augmentou todos os mezes.
Então com fundas vistas calculantes
Ao mundo e a mim quebraste a tomateira,
No fim ficando como fomos de antes.
Muito déste que rir com grossa asneira,
Co' o *Mercurio* rival jogando as cristas,
Na Lusa phrase pura e verdadeira!
Tu mettido tambem com quinhentistas!
Isso são mandriões de papa fina,
Com quem não fazem vasa os novellistas!
De phrases te deixaste; outra rotina
Foste seguir no fertil mez de março
Das prophecias insondavel mina.
Quanto cincaste aqui! Que alto camarço
Ao paciente povo então pregaste
Em petas burricaes, que aqui disfarço!
Moinhos de Mont-Martre assignalaste
Ao acto quinto do famoso drama
Com que tu mesmo o *Corso* derrabaste!
Inda fôra sem ti heroe da fama,
Assestaste o *Telegrapho* n'um dia;
Eis Bonaparte chafurdando em lama!
Inda esta tinhas lá patifaria!
Oh Lusa paciencia! Oh Lusa gente,
Para cornuda o creador vos cria.
Inda isto ousas dizer muito contente,
N'essa tão terna e triste despedida
Em que tu, não Moniz, foste escrevente.
Ora Deus queira conservar a vida
Ao tal jampananeirão do *Semanario*,
Que outra sova te dê rija e batida!
Mui propicio te foi destino vario,
Quando a mulher do Monitor parindo
Ficou mettida no censorio armario!
Então foste sem pêa proseguindo,
Sem barbella saltando, e sem cabresto
A novas surras o caminho abrindo!

De asneira e pulha, emfim, vazaste o resto,
E de ser grato aos corneos assignantes
Fazes no mundo authentico protesto.
Que empregos são os teus tão discordantes?
Tu, engenheiro e chimico e casado,
E o pae dos novelleiros prophetantes!
Pois quizeste pôr termo ao teu recado,
Moniz o socio, o vendedor Lacerda,
Em paga do *Telegrapho* finado,
Vão todos e vae tu beber da merda.

# IX

# SONETOS

---

## Ao brigadeiro Duarte José Fava, intendente das Obras publicas

Centesimo de um homem de vil raça,
Da miseria e do nada levantado,
Mas Pedreiro e Coronel arrenegado,
De cachos e commenda por desgraça!

Inda não basta para encher-te a massa
As obras que já tens a teu cuidado?
Da lenha e do azeite do soldado
Tambem queres roubar ração escassa?

Em honra falla sempre um taberneiro,
Um impostor ostenta fidalguia,
Venal juiz inculca justiceiro:

E tu, Fava ladrão, quem tal diria!
Ardiloso, maroto, alcoviteiro,
Atreves-te a fallar de economia!

## Á maior parvoice que viu a luz das luminarias ao Lord. que é o mólho de versos que José Pedro dava a quem lhe fazia gasto no botequim

(DIALOGO ENTRE O AUCTOR E O TEJO)

A.—Tambem tu fazes *prefações* do inferno?
Tu, tambem feito auctor sem medo, oh Tejo!
Não tens vergonha n'essa cara, ou pejo,
Um barbaças vetusto, um gelo eterno?

T.—Podes limpar o cu co' o tal caderno,
Que é só do coxo a *prefação* que eu vejo;
A quem versos tão bons pagar desejo
Co' um grande peido do meu cu paterno.

Ás Tagides mandei fôssem a nado
Juntar n'um pulo cagalhões de posta,
Que em mim despeja tanto cu breado:

N'uma formosa casca de lagosta
Mandar quero um presente aboborado
Ao coxo, a José Pedro, ao Pato, ao Costa.

## Á resolução que teve o grão Conselho de Guerra na comedia «Marechal» obra do tripeiro Soares, na primeira sessão que abriu em S. Carlos

Repimpados em bellico conselho
Seis de São Carlos borrachões estavam,
E p...s trez no bastidor coçavam
Com mãos alheias o venal pent....

Eguaes no siso e frente a alto chavelho
Na platéa os cabrões se impertigavam;
De rectaguarda nas torrinhas davam
Os courões a f.... c... e besbelho;

Eis um cabo a votar sabio e prudente,
Homem de dias, homem de pachorra:
«Eu sigo o voto do senhor Tenente.»

Ia a dizer o Quartel-mestre: Morra!
Foi tal da pateada o berro ingente,
Que disse o Mendes co' os da sucia: Po...!

Versos que José Pedro da Silva additou ás casas da sua residencia, entre duas figuras allegoricas para a parte do poente. Do lado direito estava um chicote, e do esquerdo um bacio. Ambas as figuras são da invenção de Santos e Silva

Corja dos botequins faminta e porca,
De bezuntões sandeos venal matula,
Que só farta voraz canina gula,
Quando os copos de grog de mofo emborca:

Corja de harpias, por quem chora a forca,
Que em subterraneos pedreiraes ulula,
Que em gallico jargão, que em phrase chula
Jornaes de cagalhões por ouro alborca:

Hypolito, Nolasco, Abrantes, Coxo,
Vates das quadras da direita e esquerda,
Tu, Pato grasnador, e Elpino o chocho:

Pois de Macedo conjuraes na perda,
Em quanto a paga vos não dou de arrocho,
Ide, infâmes sandeos, beber da merda.

X

# ODE

AO

*ERUTISSIMO* SENHOR

## JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

---

Nec pes, nec caput uni redatur formæ.
(O nosso Horacio.)

Horri-harmonico Dante, inclina os aures,
Immoveis conservando as roseas genas
Os longe-vibruos olhos
Pelos arvos destende,
Que hoje basto-arborigeros se dizem;
Verás Nympha levi-pede correndo,
Co' os calcaneos batendo as gordas ancas.

Brachi-nevada foge, é ella, é ella,
Que ao grão Bardo do Sado outr'ora as veias
De nectar petilhante
Abria, quaes torneiras,
Porque a voz negro-celere trepasse
Dos botequins ao Jove, ao Jove, ao Jove,
Que lhe dictara a *prefação do Tejo*.

Ardendo em quente sulphur, todos, todos,
O viam ir subindo ás fontes do Estro,
De onde o Numen fugindo
Só lhe deixara Affonso,
E o Dei-simile Rubens manipula
Os pinceis que nos dão vital arroio
Tigri-simile Reco nos debuxa.

Pelo pégo venti-sono mergulha
O velho juvenil cantor de Theios,
Ebri-festante ponche
No gutur gorgoleja,
Na dulcisona voz amenisando
Mascara arrelequina, Hogarth, e Pope
De ardente ortiga a satira espinhando.

Tu lhe ensinaste de Dirceas plumas
Dorsi-penar meli-cadentes hymnos,
Relampagos Philintios,
Trovões alti-tonantes,
Com Crisp-Amalia, com Lefèvre Brune,
Auri-fulgidos astros topetando
Argentifera voz de Braz Badalo.

Dá, que inda interrogando as Delias cordas,
Heliconeos calabres dedilhando,
No barbiton desfira
Do Pindo ecco-retumbe:
Caiu no mar seu estro, e mais não surge!
E o manto mil-color de todo enrole
Brachi-nevada Juno, e aos astros suba.

Assim feros Titães escadeando
Montanhas com montanhas, com montanhas,
Tudo é susto amarello;
Eis assoma o Tonante,
Do Olympo á janellinha, o raio vibra,
Co' a rubi-coga dextra, o amphicupelo
Da algibeira lhe cae, ruem gigantes!

Auri-comada Paz debruça a frente,
E do basto-ouro-esqualido já solta
Omniphilo commercio,
Nos verdi-salsos mares:
Tragedia de *Tancreu*, rei de Dissuria,
Joci-lugubre scena abrilhantando,
Ao novo Crebillon de malvas cinge!

Em que plaga nasceu, que mundo habite,
Se é de baixo ou de cima o homẽ ignora:
Os barbaros cavallos
Não codeam as messes,
Amigosa influencia lavra e corre!...
Anda, oh Ode mofina!... Então tu paras?
Do levi-pede Phebo ás plantas torna.

Furor bacchi-pindarico me agita,
Eu durmo em Odes, eu nas Odes durmo;
Os donaires da lingua
Louçan, lingua Filintia,
Arde no Hecla Typhêo, tufão ruidoso
Adamastor geographo submerge,
Que no pégo venti-sono se estende!

A formosa Nataria hoje faz annos,
Rosi-ceruleo Tejo affaga as praias,
As Nereides ladinas
Em cascas de lagosta
Com todo o seu viçor lhe offertam congros;
Quando os acceitam, galardoar serviços
No brinde, não repouso, querem ledas.

O castiçal da vida, oh *Corso* infrene,
No natal de Nataria apagar sentes,
A fulgida scintilla
Esmorece, definha,
Á doce voz do insomnio!... Agora, agora
É que eu não sei como se fazem Odes,
Nos braços da Miseria eu acho o Couto!

Oh Musa alti-trepante, tu me ajuda,
Igneo ferrolho aos alçapões abrindo,
No botequim te espero;
Tu dá do *Corso* truce
Galpe quasi mortal no despotismo!
De America feliz cantão ditoso,
Mande a Nataria um ananaz cheiroso.

Um raio de contento o proprio Jove,
Porque ao louvar o instruam cerca o homem,
Os garci-piscos olhos
De Nataria derramam
No seu formoso natalicio dia
Auri-vermelha luz! Vae resupina,
Vae de papo voando alma alegria.

Eu colho o pano á Lyra, e já penduro
Delphico lavrador o rico arado:
Má terçan me arrebente,
Se eu entendo tal Ode;
Mas são Odes do tempo, oh sabio Elpino!
Esta a marcha seguida, estas palavras
Traslado taes e quaes das Odes tuas.

# XI

# SATIRA

A

## NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

Em resposta aos sonetos
que este escrevera censurando a traducção das Odes de Horacio

---

Anno de 1806

---

Manha de açougue,
Quem mal falla peor ouve.

Quando o facho immortal, que a mente escolta
Na critica prudente, os passos guia
De um Pope, de um Despreaux, de alheias obras
A bondade se apura, o máo se nota.
Tuca e Vario d'esta arte ao Cysne illustre
Cantor do pio heroe seguindo os vôos
Novo brilho e matiz aos versos deram.
E o cantor venusino assim de Talpa
Ultima lima aos seus pedia ingenuo;
Então perfeitos e acabados vinham
Dar fama ao patrio Tibre, assombro ao mundo.
Co' as proprias producções se illude e engana
O grande genio, o espirito mais raro,
E docil á razão, docil acceita
Alheias correcções, se da verdade
E não da inveja vil ingenuas correm.
Sabujo ladrador, qual és, confunde
O auctor, as producções, d'aquelle os erros
São d'estas o baldão. Quanto a teus versos
(Se este nome immortal merece aquella
Descosida, sem graça, insulsa prosa,

Com que sem luz, sem critica atassalhas
Não as obras, o auctor). Quanto a teus versos
Devera a traducção, o auctor devera
Se, imparcial, as falhas lhe notaras!
Da triste humanidade é proprio o erro,
E algumas vezes dorme o grande Homero.
Eu ingenuo emendara, e da verdade
Ouvira a clara voz, o brado ouvira.
Mais animado, mais affouto entrara
Das Musas no sacrario. Assim tranquillo
Atraz do lenço occulto ouvia Apelles
Notar os erros da immortal pintura;
Apagava co' a esponja, então de novo
As côres misturando, ao quadro dava
Nova luz, nova vida e nome eterno.
Mas indocil não soffre que se eleve
Mais além do sapato o sapateiro.
Tu, maligno, nem isso ao menos fazes;
Vaga criminação, baixo dicterio,
Chalaça e chufa vil, é todo o estudo
Do sombrio Aristarcho. O auctor foi frade,
Logo não presta a obra, e escassa a venda
Pobre o vate será, qual era d'antes.
Eu vil te conhecia, e mais agora;
Só te lembras do sordido interesse,
Das almas baixas a partilha é esta.
Viver de versos é morrer de fome,
Se o dinheiro é só alvo e nunca a gloria,
Nunca o amor da patria e nunca o honesto
Do voraz tempo emprego, que tu gastas
A entulhar botequins, inerte e inglorio.
Não entendo o latim?... Pois se penetras
Melhor do egregio vate as aureas phrases,
Dize onde entendi mal, onde do proprio
Sentido me apartei. Isto é serviço
Ás lettras feito, ao traductor, a todos.
Talvez que tu, madraço, as mãos calosas
Trouxesses da amiudada palmatoria
Com que fôfos Vicentes pretendiam
Mas debalde, tirar-te em longos annos
Dos cascos burricaes rudez inata.
Tu bem me entendes, mas eu poupo as baldas;
Defeitos pessoaes nunca são versos
Onde se empolguem peçonhentas unhas,
Quaes tu, tão sem razão, nos meus empolgas,
Sem a causa apontar. O auctor foi frade;
Que parentesco tem o estado antigo
(E o deixal-o é virtude) e as obras minhas?

«Ex sugestu a malhar pseudo sisudo»
Eis um verso do auctor que os versos nota,
Fecho aleijado de soneto manco,
Que lido em alta voz por bexigoso
Sacerdote infeliz, que as aras suja
Co' a immunda penca de tabaco prenhe,
Co' os monturos das mãos e unhas aduncas,
De compaixão fez rir o areopágo
A que preside Maximo zarolho
(Accommoda-te, Maximo, que o verso
Fechou-se d'esta sorte, e tanto pode
Do verso a dura lei, que até no amigo
Uma indiscreta catanada prega.)
«No prologo mostrei auctoridade»
Vê que este verso é teu: dize em que mostro
Soberba magistral? Dizer que ineptos
Versos alastram *Lysia*, e que se tinge
De pejo a face a ler os teus, e os muitos
Que o malsim Daniel nas *Petas* cirge,
Que Saunier o orate, e que Eliano,
Que o Barata engoiado, e a ran palreira
Que illustre nome de árcade se arroga,
Fulano do Mondego, ao mundo embutem,
Que vendem pela rua e que dão fundo
Em besuntada tenda, em tasca immunda?
Que injuria se lhes faz? Quem é tão ferreo,
Que se possa conter, se vê de um lado
As traducções do rabula que acinte
Da platéa a assoada desafia,
Com destamprado drama, e de outro lado
Vê a *Filha do Alcaide*, e bem me entendes...
E vê, e torna a ver dez mil tragedias,
Que o vagabundo misanthropo Costa
Emenda no hospital, compõe na rua?
Ardeste, e sem razão, que a chocalhada
Feita á cinza de Elmano os teus exclua.
Atilado censor do rol os tira;
Não cuides que o editor tal bem te faça;
Pouparam-te assobio, e infamia eterna,
Que a redonda lettrinha aos évos manda.
«Que dez annos suei!» Ora desconta
Nove de todos dez, mais sete mezes;
O resto o tempo foi de um triste inverno,
Que a traducção levou de Horacio todo;
Boa o tempo a não faz, nem má dez annos;
Não pergunta o leitor que tempo ao Tasso
A epopêa levou; se tarde pinta
O grego artista, pinta á eternidade.

Dizes, maligno e injusto, que aguardara
Que ao cemiterio fosse o triste Elmano,
Dar co' a ossada, que o celtico roera;
Que de austero censor desassombrado
Então sahira á luz? Ora não julgues
Que Elmano era um leão, que andando a pasto
Co' os retalhos de Ovidio, e co'os motejos
Feitos sem causa aos Esculapios doctos,
Continha nos covis os bichos todos
Que no Parnaso grunhem. Que espantalho
São dez grosas de languidos Sonetos,
Que com dente roaz talvez mordessem
No compassivo bemfeitor, que ao vate
Deu café no Marrare, jantar no Isidro,
No algibebe vestiu, calçou na praça?
Se a lyra te dôou, tu lh' a convertes
Em roufenha bandurra estrepitosa.
Não me affrontava Elmano, insulso Outeiro
Nunca theatro foi de um vate serio,
Que os mysterios das Musas desentranha,
E que em não baixo verso abrange o quadro
Que a Natureza aos olhos offerece;
Capaz de longo porfiado estudo,
Que orador pode ser a um tempo e vate,
Que tu chamas *perito*, illustre nome
Que eu modesto regeito; em tantos lustros
De estudo e reflexão eu saber pude,
Que apenas vira ao longe o perystillo
Do templo augusto da immortal sciencia.
«Disse comsigo: Os mais são uns caturras,
«Ou são versejadores de bandurras.»
Se estes dous por irmãos tanto semelham,
Mais se parecem com seu dono inepto,
Máo caturra, e sem graça, inda mais frio
Que o doctor Queijo, que o doctor Calote,
Quando famintos parasitos sorvem
Pelas ventas a sopa em lautas mesas.
Se foram como tu quantos se afamam
Hoje no Tejo pelo dom das Musas,
O Darwin portuguez, Jonio, que aos astros
Sobre as azas pindáricas se eleva,
*Tomino*, o da ventura mal olhado,
Que qual Vesuvio ardente aos áres manda
Com fumo, alguma vez, brilhantes chammas,
Oucos versejadores lhes chamara.
«Morto Elmano, co' os outros é bom jogo»
Este é teu pelo cunho, e *disse*, e *fel-o:*
Que mais dirás, que estolida cabeça,

Que asininas orelhas te descubra;
«Isto é que é escrever com energia»
D'esta arte escreves tu, quando me atacas?
«Mas ha de lhe chegar ao rabo o fogo,
«Porque já o vão todos conhecendo»
Deste-te a conhecer, sabujo infame,
A quem faz sombra o merito, a virtude,
A quem alheia luz deslumbra e cega,
Não provocado, nem mordido, insultas
Genios que te olham sobranceiros sempre,
Qual o vate e philosopho *Filinto*,
A quem tu, verme ou sevandija, mordes.
«De *Ontanio* á sombra ladrador foinha,
Conhecel-o que é teu?... Coruja infausta
Com debeis olhos não supporta o dia.
Dos outros o fulgor se torna em pena,
Da inveja ás serpes, que em teu peito silvam
E chamas, tolo, critica ao que dizes?
Onde a analyse está? Onde esmiuças
O que ha de máo nas Odes, o que ha frio?
Escuro, ou redundante, ou mal vertido?
Que tu, zeloso do perfeito, emendes?
Que asisado censor! Dizer — não presta —
Então dirias bem, se á luz tu desses
Em metro divinal versão mais pura.
E passeias altivo?... Assim correndo
Vae intonado auctor de insulsas *Petas*,
Do *Barco da carreira*, e *mundo novo*,
Porque notara e viu que a pobre adella
De um antigo vestido engenha a saia:
Muito pago de si diz, que assoalha
Moral austera ao vulgo corrompido.
Assim tu endeosado te contemplas
Co' as cinco chagas dos sonetos podres,
Cuidando ter na mão a longa espada
Do campeão d'Apulia, com que fende
O costado de insulsos trovadores.
Porém de inveja estoura o corpo a Codro,
E Codro em portuguez Moniz se chama.[1]

[1] Copiada do autographo, que existia em poder de Francisco Freire de Carvalho, reitor do Lyceu nacional de Lisboa.

## XII

# SATIRA

AOS

# POETAS CONTEMPORANEOS

---

Entre os platanos seus Frontonio escuta,
Amigo Juvenal, confusos eccos
De poemas sem fim, que as pedras quebram:
De apollineo furor esporeados
Por toda a parte tantos vates correm,
Que menos gente os Marathonios campos,
E os vastos plainos de Pharsalia viram;
Por toda a parte as cytharas se escutam,
E bebados só de agua os vates urram
Quaes furiosas, turbidas Bachantes;
Este canta de Eolo os prisioneiros,
Na funda cova ferrolhados ventos.
De Vulcano e de Marte o bosque e as áras,
E as sentenças d'Eaco e Rhadamanto
Aquell' outro entre encantos e borrascas
Me embute e empurra o Vellocino de ouro,
Os feitos de Theseô, de Oreste as furias.
Este em socco passeia, outro em cothurno,
Aquelle sempre abstracto e pensativo
Affectado elegia escreve e entôa.
Cantam todos o mesmo, em vão procuro
Novidade encontrar. Tal foi n'um tempo
A peste tua, sempiterna Roma,
Quando tu, Juvenal, brandiste a lança

Com que varaste as costas dos romanos;
Hoje no Tejo meu, oh genio illustre,
Não terás successor? Hoje que observo
Ir cada qual a seu arbitrio ao Pindo,
Como e muito lhe apraz cingir seus louros?
A bilis não me exalta, e não me offende
O estylo humilde, as phrases pedantescas;
Outra causa maior me inflamma a raiva!
Assaz se multiplicam n'estes tempos
As culpas dos poetas; foi queimada
A planta virginal sagrada ás Musas.
Não me posso calar: oh Delio Apollo,
A minha voz exalta, e tu me inspira
De Archiloco o furor. Tu rege a dextra,
Ensina-me a brandir lanças thebanas;
Ora que o vicio alheio a raiva atiça
Não quero ser ouvinte, é justo um dia
Que eu reponha tambem. Mas, duvidoso
De onde comece a declamar, ignoro.
O muito que dizer me tem suspenso;
Descubro ante meus olhos um cardume,
Confuso cahos de execrandos vicios,
Inexhaurivel mina de loucuras;
D'aqui saltam metaphoras obscuras,
Termos antigos, empoladas vozes,
Sem decoro e grandeza, idéas ôcas.
D'além conceitos barbaros e duros,
Com frentes de animaes, bustos humanos.
D'aqui me assalta a hyperbole gigante,
De desusadas locuções vestida;
D'além o inverosimil e guindado,
De estylo sempre effeminado e frouxo,
Nos bosques o golfinho e nos desertos,
O javali no mar, e em toda a parte
Patente latrocinio e vis affectos.
A torpe adulação queimando incenso,
Mascarada a impiedade, o vicio ornado,
De tanta iniquidade e tanto crime
Sinto acceso e confuso a espora, o freio:
Paciencia irritada, eia, não durmas.
Não tens visto que o mundo inteiro é cheio
D'esta raça importuna, e que parece
Que sáem da terra os vates em cardumes?
Eu já toco a rebate, e não me excita
Lisonjeira ambição de gloria e nome:
Violencia moral me excita e chama.
Eu não desejo o titulo de vate;
Quem quizer busque o Pindo, eu nada curo

De ter no Pindo o nome e a fama eterna.
Oh loucura fatal de ôcas cabeças,
No mister mais ingrato e mais fallido
Fundar o patrimonio da esperança!
Sobre um verso estilar alma e sentidos,
Para sair em numero corrente,
Em substancia depois findar em zero!
Que vale ir espalhando alegres flores,
Se concluido o circulo do outomno
Nunca dão fructo as plantas do Parnaso?
Com lisonjeiro extatico delirio
Despoja o bom poeta Arno e Idaspe,
Tira do Tejo as fulgidas areias,
Que põe de Aonia no cabello ondado,
E jámais um real conta na bolsa.
Forma de versos longa sementeira,
E applausos colhe só, colhe promessas.
Vates, sabei que a fome se não vence
Se acaso Euterpe se não muda em Ceres.
Noute e dia nos livros embebidos,
Não sabeis vós que não se viu 'té agora
Uma lettra de cambio em verso escripta?
Clamaes com tudo que é suave a gloria?
É suave o louvor, se se ouve e escuta;
Mas ah! que no sepulchro a cinza fria
Aos applausos é surda, á fama é morta.
Hoje em dia é só docto o rico e o farto;
Sciencia sem dinheiro é gran loucura;
Para ter fama basta ter riqueza:
Um rico é Newton, Galileo, Descartes;
Se dos vossos quereis, um rico é vate.
Ah! não cuideis que é sonho o que vos prego:
Do Pindo aos hospitaos é breve o passo,
Lançae longe de vós cythara e plectro,
Que mais se estima n'esta edade nossa
Um pantomimo vil, e um chocarreiro,
Que o padre Homero, que o cantor de Thebas.
Mudou-se o mundo, os homens são mudados;
Morre o sabio de fome; inda assim mesmo
Vive a mania de compôr em versos.
De Apollo co' o calor não cosem fornos,
Nunca jámais a taça de Amalthêa
Se encheu de versos em logar de fructos;
Tornae, mesquinhos, do Parnaso, e vinde,
Vinde imitar a próvida formiga,
Que fez calar na fabula a cigarra.
Já que sabeis que no profundo inferno
Da vil pobreza as almas condemnadas

Foram sempre philosophos e vates,
Buscae algum mister, que á fragil vida
Traga pão quotidiano, e depois d'isto
Cantae de Phyllis a belleza, as graças,
Os meigos olhos de Tirséa; vêde
Que mui ligeira a mocidade vôa,
E vem depois a tremula velhice,
Que mendiga, blasphema do perdido
Tempo fugaz, em fabulas e versos.
Ah! nunca foi remedio da pobreza
Refrigerante emplastro da esperança;
Não aguardeis o derradeiro golpe.
Cantando haveis de ser bichos de seda,
Que a si proprios o tumulo fabricam.
Miseraveis enfermos, tristes vates,
Que o que augmenta seu mal desejam, buscam!
Frageis espeques da sabença e lettras
São lettras e saber; mas se um exemplo
Quereis que o vosso sestro exprima ao vivo,
Ouvi attentos o que conta Esopo.
Tinha voado um dia alegre e fôfo
Co' um pedaço de queijo um corvo antigo,
E foi pousar no tronco de um pinheiro.
Em má hora o sentiu raposa esperta,
E chegando-se ao pé, busca ardilosa
Apoderar-se da feliz talhada.
Difficultosa empreza! Ambos velhacos,
Astutos e ladrões: corvo e raposa!
Mas, ella tinha nas escolas todas
Aprendido a enganar, e assim começa,
Velhaca em quinta essencia, e lisonjeira:
«É grande mestre a solida experiencia;
Ella nos guia, nos conduz seguros,
Boa mãe da verdade e da clareza.
Quando ouvia dizer que a Fama tinha
Sempre dous rostos, mentirosos ambos,
Assentei ser calumnia ousada e feia;
Mas vêjo agora que é verdade quanto
Assombrada escutei. Descubro agora
Que a Fama é monstro, que só diz mentiras.
Clamava que eras tu mais negro e feio
Que o pez e que o carvão: mas vejo e sinto
Que inda és mais branco do que a neve alpina.
Recebe, sim, mil damnos a virtude
D'esta Fama cruel, malvada sempre,
Sempre enganosa, apaixonada e leve.
Ah! se ao candor da fulgida plumagem
Correspondesse a voz, tu vencerias

Nas margens do Caístro os alvos cysnes.
Se souberas cantar, eu despresara
Por ti de Philomella os tons acordes:
Mas tu sabes, oh corvo, que encerrado
Um bello esp'rito em bello corpo vive!...»
Assim disse a raposa, e disse muito,
Que o corvo de ambição preoccupado
Julgou saber o que saber não pode,
E por mostrar no canto o engenho e arte,
Se compoz, sacudiu, tomou folego,
E a cantar começou do tronco altivo.
Porém, em quanto atormentava os áres
Co' o importuno *cras cras*, do bico aberto
Deixou cair o queijo apetecido,
Que a raposa apanhou ligeira e prompta.
Quiz fazer de cantor gorgorejando,
Mas ficou-se em jejum: taes do Parnaso
Oh vis palustres rans, deixaes o proprio,
E por querer grasnar dormis sem ceia.
Em logar de um mister fertil e vivo,
Correis atraz da esteril poesia,
Com levissimo applauso embriagados,
Morreis, morreis freneticos, de fome;
Imaginaes estiticos e chôchos
Que entraes no templo da immortalidade:
Desgraçados, de cerebro tão duro
Jámais ouvis do povo o riso e a mofa,
Quando vos ouve celebrar cantando
Da vossa Marcia, e de Lisarda as graças;
Que são seus olhos fulgidas estrellas,
Que o rosto é céo, as sobrancelhas iris,
Que é doce paraiso e inferno a bocca,
Chuva de ouro o cabello, e forja o peito,
D'onde o tyranno Amor tempera as settas.
N'um soneto li já de certa dama,
A quem não bem seu halito cheirava,
Que tinha um cofre de jasmins na bocca;
E vão quasi as metaphoras de todo
Dando cabo do sol, do mar, da lua,
E convertido em bacalhau Neptuno,
Foi chamado de um certo o deus salgado!
Outro da dama aos sordidos piolhos
Chamou feras de prata em campos de ouro,
E ás estrellas do céo (quem tal diria!)
Brilhantes furos do celeste crivo.
Só de o cuidar me assusto, eu li n'aquelles
Que Craesbeck imprimiu, que o sol brilhante
Era algoz, que da luz tomando o alfange

Cortava só de um talho o collo ás sombras!
Mas oh, que em vão me canço, se os escriptos
De taes vates são hoje e sempre foram
Do riso universal o scopo e a méta!
Mas loucos de tal arte, tanto incenso
A si mesmos se dão, tantos altares,
Tantas c'rôas de louro se promettem,
Que inda é menor o damno que a vergonha;
E passam por philosophos profundos,
E vates metaphysicos, se rotos
Com cabello erriçado e os olhos torvos
Do commum senso os vêdes desprovidos;
Ou morra ou surja no oriente o dia
Cogitabundos sempre, e sempre abstractos,
Conservam côr de hystericos e mortos;
Tal vive *Melizeu*... se elles recitam
Os versos seus, que contorsães, que gestos!
É mais sisuda a casa dos orates;
Mordem as unhas, coçam na cabeça,
E incertos em formar banco, ou Priapo,
Com materias informes na cabeça,
De um pensamento em outro incertos giram,
Escrevem sem desenho, e sem objecto,
E se em longos preambulos tem posto
Os montes a parir, nos salta um rato.
São estes os que dizem que molhado
Os labios têm na cabalina fonte;
Estes os vates, que se arrogam louros;
São estes os *Elmanos*, que não morrem,
E que fazem famoso o Sado ou Minho!
Oh Phebo! oh Phebo! D'onde te escondeste,
Que em taes sombras teus filhos sepultaste?
E d'esta forja os titulos nasceram
No seculo passado ás Académias
De *Insensatos, Umbrosos, Humoristas,*
*Singulares, Anonymos, Occultos.*
Ide d'aqui chorar, Orphêos modernos,
Que para vossos phrenesis não vivem
Ás raças dos Augustos e Mecenas;
Qual é de vosso estudo o emprego ou forma,
E qual a occupação do engenho agudo?
Estirar com tenazes os conceitos,
Cirzir, pegar com cera os consoantes,
Dizer que a eternidade o tempo come,
Se o verso sup'rior disse — consome —
Chamar a um sezonatico robusto,
Se dizeis que um poltrão é Fabio e Augusto;
E escrever e estampar chimeras sempre,

E o vulgo vive tal, tão louco e rude,
Que honra co' o grande nome de poeta
Ao rouco Bavio, ao fedorento Mevio,
Se apenas lendo a *Fenix Renascida*
Já como um Salomão do Tasso julga,
E com censura estolida, arrogante
No poema immortal do grão Torquato
Encontra sombras e defeitos nota.
Tambem na prisca edade houveram muitos
Que antepunham á *Eneiada* divina
De um Ennio mal polido o vil monturo.
Jámais existiu época sem loucos!
Torno, oh vates, a vós. Dentro de um anno
Os vossos furtos não contara aquelle
Que os de Verres contou, Tullio eloquente!
Oh vergonha! oh rubor da edade nossa!
De estudo alheio os sucos esprimidos
São hoje a tinta, os balsamos dos vates.
Tu viras em francez de cima abaixo
Aquelle tanto celebrado idyllio:
«Baixava o claro dia; uma pastora
«Que dos olhos da mãe prompta se esquiva:
Julgam bem escondido estas formigas
O grão roubado da seara alheia;
Porém, distingue a vista exp'rimentada
A farinha que é velha e que é moderna.
Raro livro se encontra onde não venham
Miseraveis centões de mil retalhos
D'este, d'aquelle auctor: se o furto é claro
Da imitação lhe acode o vil pretexto.
Horacios, Aristophanes, dizei-me
Onde estaes grandes almas? Por piedade
Sahi da sepultura um pouco agora;
Oh com quanta razão vos brado e chamo!
Se os furtos todos recitar quizeras,
Rouco, oh bom Aristophanes, ficaras.
Se tu lêras, Horacio, estes auctores
Gritarias de novo: — Eis um pedaço
De purpura cerzido em vis cueiros!
A imitadores taes da edade de hoje,
A quem gado servil chamaste um tempo,
Hoje chamamos aves de rapina.
Do que já dito foi quantos se servem
Não por imitação! Pennas protervas
Por adornar-se a si transcrevem tudo,
Querem ser immortaes á custa alheia.
Mesquinha condição, mesquinho estado!
Julga-se docto mais quem melhor furta

Dos antigos avós, padres antigos,
E tem vida no prelo o que sem pejo
Traduz a seu sabor trabalho alheio.
Quantos ha d'estes que soberbos grasnam,
Que se despissem pennas emprestadas
Muitas gralhas da fabula se viram:
Vê-se impresso o volume, o auctor se ignora,
Jaz entre mortos; se surgisse agora,
Isto é vosso, isto é meu, clamar se ouvira.
Mania ha pouco nos poetas houve,
Que só nas podres drogas da antigualha
Fez consistir saber, arte e poesia:
Este vaidoso enchame amou sómente
O que é rançoso e turvo: eu não reprovo
Tomar por norma a Grecia, o Lacio antigo;
Adoro humilde seus vestigios sempre:
Fallo d'aquelles que de Gil Vicente
Usam da phrase envelhecida e morta,
E assim julgam fugir das mãos de Chloto.
Da imitação servil, da pedantesca,
Tanto seus versos carregados gemem,
Que inda sôa melhor canção mourisca.
Mas aqui mais arqueio a sobrancelha,
Vendo-os usar de phrases e palavras
Que esqueceram a Goes e a Castanheda;
Charondas e Licurgos de palavras,
Tanto escrupulo tem de puritanos,
Sobre uma voz antiga, e não tem pejo
De pueris, absurdos pensamentos;
Imprimem sem rubor quanto sonharam,
Sem revisão, sem lima, sem martello,
Seja o volume grosso, o mais é nada:
Se o resolves, se o vês, querendo n'elle
Encontrar o que basta, á risca encontras
Aurea sentença do divino Horacio,
Que a tudo ousado vate se abalança
Para esconder a presumpção ventosa:
Na frente o livro traz sempre um pretexto;
Este diz, que um amigo lhe tirara
De casa o manuscripto, e a seu despeito
Por amisade o dera á luz do dia:
Aquell' outro impiamente exclama e jura
Que vira os pastos seus coxos e mancos,
Na errada copia de escriptor indocto;
Que de amor paternal levado e preso
Os quizera imprimir; e est' outro empurra
Qee só lançara mão da eburnea lyra
Para espalhar o somno em sesta ardente,

Ou fria noute do pesado inverno;
E que acabara o livro em quatro mezes;
Que affectadas ridiculas desculpas!
São filhas da ambição e da vaidade:
Quando o vate assim falla, incensos busca.
Eis porque as musas aviltadas vêmos,
E sem saber a estrada, o vil pedante
Quer ao Pindo subir, quer ser Homero:
Mas em vez de Aganippe, eis vão no Lethes
Mergulhar para sempre auctor e versos;
Porque não podem de louvores justos
O premio conseguir, buscam na frente
Do pobre livro acarretar sonetos,
Que a politica dá e o vate implora:
Porém do prelo ás tendas conduzidos,
Ou embrulham manteiga, ou nutrem traça.
Que me dizes dos vis aduladores,
Que com longos preambulos consagram
O livro, a quem? Que opprobrio! Que miseria!
Tecem louvores á injustiça, á fraude;
Oh de Sparta immortaes genios illustres,
Que da vossa cidade desterrastes
Os cozinheiros e os poetas todos;
Á gula aquelles o appetite excitam,
Estes corrompem pelo ouvido as almas:
Do Senado de Athenas foi banido
O mesmo Homero, o nume e o pae dos vates.
Oh praza aos céos que resurgisse Athenas,
Que multou com justissimo castigo
O adulador Demágoras, que chama
Potente nume ao vencedor de Arbella.
Quantos agora de formosos louvam
Torpes, feios Thersites! Se de um grande
Um filho acaso nasce, eis se derrama
A poetica veia em prophecias:
Se acaso a lua desfalcada corre
Nos espaços do céo, dizem que o berço
Assim lhe vae formando, e que as mantilhas
As zonas, e o zodiaco lhe tecem.
Dizem que ha de levar fulminea espada
Cá desde o mar de Athlante ao mar da China,
E fazem prisioneiros e conquistas
No reino da Tartaria e no da Persia.
Que por elle deixando o ethereo assento
A fugitiva Astréa e a Verdade
Hão de vir habitar de novo a terra.
Para fundir a um grande estatua e busto
Já fez certo poeta italiano

Em derreter metaes *suar* as chammas;
E um culto, que Deus tem, no Mansanares
Para exaltar guerreiro Rodamonte,
Depois de o appellidar segundo Alcides,
Segundo Marte nos Bistonios campos,
Levanta a mira um pouco, e diz que pode
A seus ferreos canhões servir de balla
Todo este globo, que se chama a terra:
Oh delirio fatal da mente humana!
Não basta para a cura a que Antycira
Sementeira de helleboro nos manda!...
Verdade divinal, quanto estragada
Te conservam ridiculos poetas,
Que amassam em seus versos de mistura
O nunca unido verdadeiro e falso!
Dizem que esteios são, que são Athlantes
Da humana sociedade informes monstros
Que são ruina dos humanos todos;
Se tanto vos pagaes da arte das rythmas,
Porque razão, oh vates, vos descobre
O mundo sempre rotos e famintos?
Mudae, mudae de estylo e pensamento,
E deixando ridiculas mentiras,
A justa indignação dicte a verdade
Aos vossos versos: precisado o mundo
Vive de Juvenaes, Persios, Horacios.
Dizei que vida infame e dissoluta
É dos mortaes a vida, que a avareza,
A priguiça, a ambição dominam tudo:
Clamae contra os philosophos da moda,
Doutores do café, pestes do imperio,
Contra os vis usurarios deshumanos,
Que bebem prantos em baixellas de ouro:
Dizei que á mesa de Epulões soberbos
Aos cães se deitam miseras migalhas
Com que infelizes Lazaros viveram.
Oh zelo da verdade, que fizeste
Poeta a Juvenal, consome, abrasa
O coração dos vates. Os costumes,
Eis digno objecto dos poetas todos.
De que serve cantar de Cynthia e Chloris
A dourada madeixa, as roseas faces?
Materia mais illustre o genio acenda:
Toque-se a lyra, emboque-se a trombeta,
Cante-se a gloria, cante-se a virtude;
Se tanto vos apraz o Pindo e as Musas,
Deixae já de aturdir montes e valles
Co' o suspirado nome de Amarylis.

Pelos vestigios do delirio alheio
Não se encontra um só vate que não tenha
Nise no coração, Lilia nos beiços;
Todos cantam de penas e martyrios,
Vão rastejando rusticos e duros
Propercio, Alcêo, Callimacho e Catullo.
De amorosas loucuras architectos,
Pode um homem de bem passar as horas
Ao som de Anacreonte e de Bathylo?
Nos escriptos de Ovidio e de Tibullo,
Quantas Phrynes estudam as maneiras
De depennar um misero innocente?
Para darmos desculpa á morta Elisa
Cumpria acaso que a mentira ornada
A fizesse impudica? E quando, oh quando
Deixareis de cantar, vates egregios,
Amores, armas, cavalheiros, damas?
Nunca a torrente de ignominias sécca,
Com ellas corre a frivola desculpa
Que se é obsceno o verso, o peito é casto.
Passou-se o tempo das allegorias;
Oh vates importunos, só tres cousas
Parecem dominar na edade nossa,
Ignorancia, malicia e poesia!
Ouvi contar um dia, que um trombeta
Fôra feito no campo prisioneiro,
Em quanto co' a trombeta o ár feria.
Procurava escapar da gargalheira,
Clamando que jámais brandira lança
Contra as cerradas hostes, mas que apenas
Co' um pouco de latão motins fazia.
Mas um sargento esperto lhe responde:
«Por isso, camarada, mór castigo
Mereceis do que os outros, pois tangendo
Açulaes á guerreia os cães damnados.»
Ouvis, vates irmãos? Comvosco fallo;
De vos, de vós nos animos se estilla
A peste de infinitas corruptelas,
Daes assôpros á chamma, e pasto ao fogo:
Dizeis que de uma flor mel e veneno
A abelha tira, e peçonhenta aranha.
Pondes crueis os toxicos na bocca,
E se eu n'elles encontro incauta a morte,
Dizeis que de mim nasce o mal e a pena?
Paralogismos frivolos não come
Quem vos conhece a vós; nos vossos versos
E' qualidade intrinseca o veneno.
Não tem mais de um objecto a poesia,

E meio a deleitar, e o fim mais nobre
Moderar as paixões, pisar os crimes;
Ella adoçou primeiro almas ferozes,
A moral declarou, deu leis ao mundo:
Soube adorar o Artifice supremo,
Descobrir seu poder nas obras suas;
Foi terna mãe da san philosophia;
Hoje deixando o emprego honrado e santo,
A fez o abuso mãe de enormes vicios.
Ah! mudar de theor. Descubra o mundo
Em vossos versos a virtude, e veja
Surgir de novo a candida piedade.[1]

.................................

[1] Até aqui chegava o autographo d'esta Satira, que existia em poder de Freire de Carvalho.

# XIII

# SATIRA

A

## D. GASTÃO FAUSTO DA CAMARA COUTINHO

---

**Anno de 1805**

---

Vi a carta, Gastão, que não se explica;
Ser para mim seu titulo a publica.
De rodilhas cruel apontoado,
Qualquer leitor no fim fica logrado:
Inda que canse a vista, e os cascos parta
Dá ao diabo o Gastão, ao sêsso a carta.
De bombordo a estibordo é parvoice,
De popa á prôa asneiras e tolice;
E por peccados teus, por culpa tua,
Ficas tu, fico eu cagado á lua.
Quem de Peleo diz filho, Achilles disse,
Primeiro pleonasmo e parvoice.
*Deu ser, deu vida,* asneira rematada,
Tu queres dizer muito, e dizes nada.
*Dar gloria* e *dar louvor*, o mesmo é tudo;
Não te basta ser asno, és cabeçudo?
Pois *encomio votivo*, e *egregio preço!*
Cada vez por mais tolo te conheço:
Se eu sei o que isto é, Deus não me ajude;
Espurio em nascimento, em alma és rude.
*Reluz teu berço, coripheo dos luzos* —
E quem pode entender termos confusos?
Sôa a palavra *coripheo* primeiro;
Deixas sentido e nota no tinteiro.

Se acaso chamas coripheo ao Gama,
No Algarve o berço tem, no mundo a fama.
Se o Conde Henrique, ignora-se-lhe o ninho,
Se o filho Affonso foi, nasceu no Minho.
Se o pae de Telegon, ora essa é boa!
Fazer um grego filho de Lisboa!
E leval-o inda além da Taprobana,
É abuso da paciencia humana.
Se é Luiz de Camões poeta torto,
Se o triste, o magno Elmano, o quasi morto
É coripheo dos vates, povo á parte,
Como é pae de guerreiros Bonaparte.
Só te digo, Gastão, que és entre os vates
O patriarcha, o coripheo de Orates.
*Nas armas adestrado*, eu bem t'o digo,
Que tu que queres judiar commigo!
Eu nas armas, Gastão, mestre adestrado!
Eu, que bispando o caso mal parado
Do Roussilhão nos transes militares
Batendo as pernas dei aos calcanhares?
*Melhor a ti meus versos alteando*
É baixeza, é lisonja, estou cagando:
Eu ser mais do que Achilles, do que Ullysses,
Que vis adulações! que vis ratices!
Tu chamas-me *fortissimo em virtudes?*
Tens na barriga mais de dous almudes:
O ponche, o vinho, o cerebro te enfarta,
Ou ponche ou vinho te dictou tal carta.
*Que mando fructo ao céo, que o céo me envia!*
Eu não faço a ninguem descortezia:
Na casa de Penalva é cousa rara
Mandar presentes outra vez á cara.
Não, por erro da sabia natureza
Não viu ninguem degenerar nobreza:
Degenera em acções, e é menos nobre
Quando de crimes, de traições se cobre.
Graças a Deus não somos aleijados,
Inda que alguns de nós mal encarados.
É pequeno meu pae, e é de côr baça,
Porém, não degenera a illustre raça.
Só tem defeitos physicos natura,
Nada tem acções nobres co' a figura.
*Vergeis em serranias* só tu plantas,
Só tu podes dizer asneiras tantas.
*Que mil idiomas sei?* peste te mate,
Que tanto mentes, descarado vate!
De palavras cruel cagalhoada,
É peor mecher n'ella. que é privada.

*Posto que pobre*, e dize em toda a parte,
Sou pobre em natureza, e pobre em arte.
*Rastejo áquem da meta*—isso é verdade,
Nem passarás por toda a eternidade.
Tu vate não nasceste, não me engano,
Roubas a trouxe-mouxe o pobre Elmano,
Imitas sem estudo, engenho ou caco.
Como imita ao mortal torpe macaco.
*Gorgeia o cysne moribundo,* e velho
Canta o cysne, Gastão? Canta um chavelho.
Nem gebo, nem rapaz o cysne canta,
São aleives que o vulgo lhe levanta.
Diga um vate, que o cysne cante e morra,
Porém, serio affirmal-o em prosa! P....
E um mocho enternecer co' o triste agouro,
É achar melodia n'um bisouro.
O reino de Neptuno uma cisterna!
Faze imperio de Baccho uma taberna.
Cisterna o oceano! é peta, é calo!
Fazer do mar um poço com gargalo!
Se tu crias, com lei muito absoluta,
Um verbo como tu, filho da puta!
*Nervar,* filho de nervo, e a mãe se ignora,
Não é de cunho portuguez por ora:
*Nervar o braço ao mar rio que corra!*
O consoante aqui no cu te escorra.
Escorrer para o mar da aurora o pranto?
Que apenas só da terra orvalha o manto!
Deixa aljofradas as mimosas flores,
Subito o gasta o sol com seus ardores.
*Oh prole augusta de immortaes Taroucas!*
Cuidas que temos as cabeças ôcas?
Diz-se sómente de um monarcha *augusto*,
Como em Lysia João, é grande e é justo:
*Augusto* um coronel, marquez ou conde?
Vae ber-da-merda, Augusto te responde.
*Sumissos versos* por humildes toma,
Que me diz ao freguez? Nem Grecia ou Roma
Assim não versejou, e assim não cantam
Virgilio, Homero, que os heroes levantam.
Nem das palavras o sentido entendes,
E assim te imprimes, encadernas, vendes!
*Em quanto dormem pelo chão*—mentira;
Esses que o mundo marmores admira,
De Lyssipo e de Rubens a pintura
Têm n'esta edade apreço, e na futura:
De Belveder o Apollo, e a Mãe de amores,
Modellos são na Italia aos esculptores;

A par de Raphael Rubens se adora,
Vivo incensos logrou, e os logra agora.
*De mandado não hei como devera*
É linguagem do vulgo, é prosa méra;
*É que a pallida, soffrega doença*
Agora entendo a causa da detença;
Eu não posso lá ir, que estou doente;
Ora isto é que é fallar sinceramente!
*A debil não vingada* — tens medrado,
Nos versos não, porém na banca e dado.
*Se alistado não fôr* — todos contados
Tem seus dias, seus annos pelos fados:
Querer ser d'esta lei riscado e isento,
Filho da p..., é grande atrevimento!
*Qual fui, qual era* — se inda te adivinho,
Janella quer dizer de páo de pinho,
E se dás outra vez volta á panella,
De páo de pinho quer dizer janella.
«*Quando suspenso, attonito e curvado*,
Gastão, tal epigramma vae barrado!
Attonito e curvado é má postura,
E em Napoles será contra natura.
*De teus olhos pendi* — Pobre Alegrete,
Depois de coronel feito cadete!
Que mais podes dizer em meu abono?
És meu panegyrista, ou meu fanch...?
*Vestal de Sesto* a Hero é disparate,
Digno da musa de tão corneo vate;
Vestal e p...! O mesmo era em Lisboa
Chamar vestaes courões da Madragôa!
*Para servir-te braço ás armas feito*,
Tu tens para pimpão bem pouco geito:
Veja o mundo, que egregio rufião
Nas guerras eu perdi de Roussilhão!
O Carcome com taes na Flor da Rosa
Poz os ligeiros pés em polvorosa.
*Para cantar-te mente ás musas dada*,
Não me faltava para ouvir mais nada!
Ás musas déste a mente? Isso é presente
Que ellas mettem no cu. Como és demente!
Lá voluntario não se assenta praça,
Não vale sangue, generosa raça;
É só quem ellas querem, só quem amam,
E só vate se diz quem ellas chamam.
*Ferro por fóra, os corações de ferro*,
Quando tal verso li fugiu-me um berro;
Só ha Gastão, que tanta asneira forge,
Dar-nos em verso o pagem de São Jorge!............

O autographo assim incompleto existia em poder de Freire de Carvalho.

XIV

# ELMIRO

## SATIRA

POR

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

Escripta em 1812

> Et qui voyant un fat s'applaudir d'un ouvrage
> Où la droite raison trebuche a chaque page,
> Ne s'écrie aussitôt—L'impertinent auteur!
> L'ennuyeux écrivain..............
>
> Boileau, *Sat.* 9.

### AO REVERENDO EX-FRADE

# JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

# ELMIRO no Almanach das Musas

### E VULGO

## O Mestre-Soliloquio ou o Camões da Bombarda

*Como todos os doudos têm seus lucidos intervallos, e V. M.ce em alguns d'elles poderá ver cousa de que aproveite, visto que (si vera est fama) dos seus bons costumes ainda conserva o de ler: por isso me canso em escrever-lhe na intenção de lhe desvanecer, ou pelo menos diminuir-lhe o zumbido que ha de ter nos cascos com tanto motim que tem feito; e dar-lhe ao mesmo tempo um leve agradecimento de tanto desaforo que tem praticado: e irá juntamente verso e prosa, porque o que escapa ao sacho cava a enxada. Quanto aos versos bem sei que não hão de agradar-lhe, por não serem tão bons como aquelles que costuma desenrolar dos seus monotònos canhenhos; porém eu antes quiz incorrer no seu desagrado, do que déixal-o por enganado; tendo V. M.ce dicto a pag. 58 dos seus nunca assaz louvados* Soliloquios—Vou accender os raios da vingança poetica; vou dar materia a uma pequenina satira em verso solto— *Verdade seja, ella não é tão pequenina como V. M.ce a esperava, e nem tão grande como V. M.ce a merece; porém, é tal qual lh'a pude arrumar em dia de natal, para nós de grande festa. E quanto á prosa bem sei que não é tão boa como a de Beaumelle,*—cujo miolo *(diz V. M.ce a pag. 39)* é delicado e saboroso.—*Mas como quem dá o que tem não é mais obrigado, eu sempre lhe envio esta; pezando-me de lh'a não mandar mais comprida, por ser V. M.ce um escriptor que se se gaba de*—elegancia de linguagem portugueza, erudição e jocosidade— *(pag. 11) e certificando-lhe que sou um dos maiores admiradores das suas occultas habilidades, e um dos que mais lastimam o progresso da sua molestia mental; pela qual alguns mal intencionados depois que V. M.ce publicou o seu* Gama, *lhe applicaram o que disse Horacio em uma das suas Epistolas:*

> *Ridentur mala qui componunt carmina,*
> *Verum gaudent scribentes,* etc.

Musas, minhas suaves conselheiras,
Vosso dom, vosso influxo outras mil vezes
Louvores me ganhou, me deu guarida,
E antidoto me foi contra o veneno
Que immundos babam furiosos zoilos;
Mas, oh nymphas gentis, dobrae-me o influxo,
Que dos zoilos não é que eu temo agora:
E' de um sabio, é de um sabio cuja sciencia
Tem estrugido quinze mil aldeias,
Longe berrando em pequenino templo!...
Sabio... sabio... ai de mim, tremem-me as carnes!
Maldito o genio meu, que teve a culpa
De eu agora me vêr n'estes assados:
Diz-se que pela bocca morre o peixe,
Por ella eu morro misero peixinho!
Quem me mandou a mim mexer em baldas?
Presumi eu co' a minha tezourinha
Cortando os podres emendar o mundo?
Não pode cada qual a seu bom grado
Ser pedante, insolente e orgulhoso,
Falsario, adulador, denunciante,
E supremo patife entre os patifes,
Sem que eu, que em minha casa mal governo,
Fulmine os vicios que extirpar não posso?
Por ventura eu ignoro que os Elmiros,
Teimosa praga, em toda à parte abundam?
Que houve em Paris Cotins, Codros em Roma,
Bavios, Crispinos, Cluvienos, Mevios?
É verdade que Elmiro excede a todos
Em cynico furor e em pedantismo;[1]
Mas que tenho eu com isso? Acaso é justo

---

[1] É muito para notar que, tendo J. A. toda a mordacidade, e exaltado cynismo de um maledico Diogenes, tenha ao mesmo tempo toda a fatuidade e pedanteria de um invejoso Cherilo! E se, como este, recebesse o justo premio dos seus versos teria tambem a sorte de morrer á bofetada!

Porque um homem tem calva o pôr-lh'a á mostra?
Enjôam-me de Elmiro as nescias obras;
E então isso o que tem? Assim succede
A quantos perdem o seu tempo em lêl-as;
Mas se nem ellas supprimidas foram,
Nem elle de escrever foi prohibido,
Que me importava a mim dizer que Elmiro
Muito más odes fez de optimas Odes?
Que inverteu, redundou, tirando e pondo
Baixo metal por ouro mais subido?
Que em suas traducções o vate Horacio
Mal se conhece rebuçado ás canhas;
E em vez de airoso tyrio manto traja
Capa encarnada com remendos pardos?[1]
Que me importava a mim dizer que Elmiro
Em mal geitosa tragica salsada
De arte violou essenciaes preceitos?
Que a dama figurou de Lays o espelho
Alcofa o pae, e aparvalhado o amante?
E Mireno estafou, magico insigne,
O qual para evocar turquesca sombra
Ralhou dez horas co' a infernal canzoada?[2]
Que me importava a mim dizer que Elmiro
Em deslavado metro mal sonoro
Afogon o Argonauta destemido,
Que n'um fragil cahique arou a salvo
Toda a equorea extensão do Algarve ao Rio

---

[1] J. A. a pag. 25 dos Soliloquios chama ás traducções—*enfiada de testemunhos falsos levantados aos originaes*—. Alguma vez havia de fallar verdade! Creio que quando tal escreveu tinha em mente as traducções de Horacio, das quaes (por fortuna da gente que entende o que lê) só appareceram as Odes; e já então no seu prefacio mostrou que era muito capaz de escrever Soliloquios.

[2] Ha de haver outo ou nove annos que José Agostinho deu á scena a sua tragedia *Zaida*, que recheou com as bellezas indicadas e outras que taes: mas ainda que a peça escorregou pelo buraco do ponto, houve muito quem a julgasse producção digna de tão grande engenho, e mereceu dous sonetos, um de Bocage e outro meu. (Vidè adeante.) J. A. que talvez se arrepiou com a excellente scena da Semiramis de Voltaire, quando surge a sombra de Nino, presumiu imital-a; porém, como absolutamente carece d'aquelle gesto delicado, que requerem as boas artes, com especialidade a poesia, e—tu nihil invicta dies faciesve Minerva—não reflectiu em que Voltaire metteu na voz do spectro estas unicas palavras:

*Arrête et respecte ma cendre,*
*Quand il en sera temps je t'y ferai descendre.*

e logo desapparece. J. A. pelo contrario (sem conhecer que a rapidez da apparição e do ameaço contribuiu admiravelmente para o bom effeito d'esta scena) metteu em discussão o magico com o espectro, com o que todos se riram da peça e ainda mais do auctor.

Só por soltar primeiro aos pés do throno
O jocundo pregão da liberdade
Vingada em Lysia pelas mãos da gloria?
Que é ensosso e insulsissimo o poema
(Poema em que o heroe não diz palavra)
Esteril narração fastidiosa,
Nua de enthusiasmo e adornos de arte? [1]
Tudo isto é natural, tudo isto é proprio
De um gordo sabichão, que lendo inepcias
Procurava exornar seu pulchro engenho: [2]
De um gordo sabichão, que em seus exames
Mesmo até no latim foi reprovado. [3]
Mas que tenho eu com isso? ou que demonio
Me impelliu a lançar-lhe nas bochechas
A enfiada de insulsos destemperos,
E dos erros historicos palmares
Com que inçou os seus grossos folhetaços,
Em que para arranhar sebastos crentes
Quasi que enxovalhou o mundo inteiro? [4]
Se ao fim de nove lustros de trabalho
O desleixado Elmiro amostra ao mundo
Que nos jardins da próvida Minerva
Sequer um fructo bom colher não soube,
Como não ha de o misero e mesquinho
Pseudo-sacro orador, anti-poeta,

---

[1] O *Novo Argonauta*, insipido apontoado de versos, pela maior parte máos, a que J. A. chamou poema, e escreveu por occasião da heroica ousadia do habil piloto Manuel de Oliveira Nobre, o qual, em um cahique, foi do Algarve ao Rio de Janeiro, só pela louvavel e gloriosa ambição de primeiro que ninguem levar a S. A. R. a faustissima nova da restauração d'estes reinos. Da tal obrinha bastará — *per summa capita* — saber que tem máo estylo, máo plano, má conducção e nenhum bom episodio; e que até se ignoraria quem fosse o heroe se o não dissessem as notas, as quaes pela maior parte são boas, porque alli não foi J. A. auctor, foi copista de alguns logares dos nossos bons escriptores.

[2] J. A. diz a pag. 15 dos seus nunca assaz louvados Soliloquios — *Eu lia os livros mais ineptos que podia escolher* —. E na verdade que os seus escriptos bem mostram que tirou o digno fructo de semelhante leitura!

[3] J. A. foi reprovado por Fr. Antonio de S. Luiz, primeiramente em grammatica latina, e depois em philosophia e theologia; não lavou esta nodoa com outros exames, nos quaes fosse approvado; isso não obstante, presume de sabio, desespera-se porque o não reconhecem como tal; e tem para si como verdade o verso de Horacio:

*Nunc satis est dixisse: ego mera Poemata pango.*

[4] Alludo á *Refutação analytica* do seu primeiro folheto *Os Sebastianistas*, espinha que lhe não pode passar da garganta, zarguncho que ainda conserva atravessado na alma, e magoa que o tem feito avançar mais alguns passos para a casa dos Orates obrigando o seu orgulho a innundar Lisboa de diparates impressos, procurando d'este modo reparar o gothico e arruinado edificio da sua burlesca fama.

Ser rebelde á republica das lettras?
Se onde os mais colhem flôres colhe elle espinhos;
Se o mel que toca em fel se lhe converte,
E a natureza não fiou mais d'elle,
Que ha de elle produzir senão loucuras?
Para que hei de eu moel-o com meus versos,
Que lhe entram em veneno pelos olhos,
E que talvez acabem de azoinal-o?
Antes tendo eu alguma caridade,
De versos em logar lhe mandaria
Com as armas do estylo um enfermeiro [1]
Dizendo-lhe co' a lastima que pedem
As miserias da fraca humanidade:
«Chora a tua mofina, infausto Elmiro,
Triste orador, tristissimo poeta.»
É verdade que custa a ter pachorra
Para aturar um louco maldizente;
Mas Elmiro além d'isto é tambem sabio,
E de mim que ha de ser quando elle, irado,
Toda me descarregue a brutal furia,
Com que tem ferozmente atassalhado
Os grandes homens das edades todas, [2]
Se em sua lingua audaz quão depravada
Milton, Tasso, Camões, Virgilio, Homero,
Ficam sendo inda menos do que Elmiros,
E são de Horacio os versos desleixados: [3]
Se dos grandes Filinto, Elmano, Alfeno, [4]

---

[1] Assim que ouviu fallar em caridade saltou logo o donato da Refutação analytica, e deu o seu convenio: porém votou que se esperasse até vêr (diza elle) se o Mestre-Soliloquio apresenta Tritão com chapéo de tres ventos e pello inteiro, em logar da casca de lagosta que Camões lhe deu por gorra: cuja ridicularia vem notada a pag. 73 dos Soliloquios com o costumado juizo do auctor.

[2] E o tem feito com mais furor do que um cão e mais verbosidade do que um morador das palhinhas. Elle mesmo o confessa a pag. 63 dos *Soliloquios*, onde se jacta por esta maneira: *Poucos se atreveriam a dizer o que eu até aqui tenho dito, e não haverá quem se atreva a dizer o que eu vou manifestar; porém, eu sou intrepido e deito-me como um leão ás baterias mais formidaveis das opiniões litterarias.*— E na verdade ninguem disse mal de tanta e tão boa gente junta!

[3] Diz a pag. 7 dos *Soliloquios:*— *Todos os retumbantes versos de Juvenal, e os desleixados de Horacio, etc.*— E, a pag. 54, fallando dos classicos antigos accrescenta: —*E nos faziam achar n'elles bellezas que não existem, ou quando muito seriam intituidos pelos modernos na classe de pensamentos falsos e triviaes: se vissemos com outros olhos Horacio, talvez confessariamos estas verdades.*— O que eu presumo é: que queria que se olhasse para Horacio como se deve olhar para elle, J. A., que é com o olho cego.

[4] De Filinto diz a pag. 43 dos Soliloquios:—*Applicou-se todo a palavras, ou buscadas nos monturos dos nossos Ennios, ou conservadas entre a mais inculta plebe, como se n'isto consistisse a pureza e magestade da lingua.*— Ora só uma cabeça absolutamente precisada do helleboro pode julgar tão nesciamente de um tão grande

As veneraveis cinzas desacata:
Se ao da sciencia amigo com proveito,
Quanto desventurado, ao bom Tomino

---

poeta como o nosso Filinto! Em qual dos modernos escriptores achará J. A. uma linguagem mais vernacula que a de Filinto? Quem achará que melhor, e com mais propriedade do que Filinto faça servir toda a magestade do nosso pulcherrimo idioma para energicamente expôr toda a grandeza das suas idéas? Quem finalmente achará que reuna tanta philosophia e tanta poesia de estylo? Porém, d'isto não entende J. A., e por isso chama desleixados os versos de Horacio.

Fallando de Elmano, depois de algumas outras tontices, diz a pag. 24: — *E uma coisa chamada Improvisos de poetas agonisantes, que apparecem mui bem emendados e correctos, e lhe chamam improvisos!* — Consultando a sua propria inhabilidade, J. A. tem razão de não acreditar improvisos, que na realidade o foram, tão puros e elegantes como se fossem fructo de madura cogitação: mas todos concordam em que Elmano lhe disse bem:

*Não sou nem de improviso o que és de espaço;*
*Claro auditorio meu, vingae-me a gloria!*
*Vós, que em versos alti-sonos mil vezes*
*Me vistes ir voando ás fontes do estro,*
*Dizei, se me surgiram Grecia e Roma*
*Nas promptas explosões do enthusiasmo;*
*Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria,*
*Do metro destemido objectos foram, etc.*

E, na verdade, só J. A., porque diz mal de tudo, ou só quem nunca ouviu Elmano poderá não admirar os seus improvisos! Elles eram talvez superiores a quanto pode imaginar-se; eram milagres do estro! Mas para acharmos com quanta razão Elmano o chamou — *Contradictorio, tumido versista* — vejamos o que J. A. diz de Elmano em um epicedio a sua morte:

*Inexhoravel Parca a fouce empunha,*
*Faz-lhe o tempo signal e em pó converte*
*Da natureza, ou dos mortaes as obras.*
*Cahiste tu tambem, victima infausta,*
*A mim tão caro, a Portugal, ao mundo,*
*Ás musas, ao saber, cahiste Elmano...*
....................................
*Onde hei de achar egual no dom das musas?*
*Onde mais prompto engenho, estro mais vivo?*
*Mente vasta, deposito dos vates,*
*Todos eram teu dom, teu genio todos:*
*Poucos tem que te opponha ou Grecia ou Roma, etc.*

Prosegue comporando-o com os melhores e fazendo-lhe muitos e até excessivos elegios, concluindo por esta maneira:

*O que bebe no Rhodano espumante,*
*Os sabios de Albion, e o docto Ibero*
*Te hão de aprender de cór; e emquanto o mundo*
*Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton,*
*Lhe ha de tambem lembrar de Elmano o nome.*

Eis aqui um exemplo das contradicções em que perpetuamente labora, agitado

Phrases dirige de tenção damnada; [1]
Se de Ferney o vate portentoso

---

pelo seu orgulho e malevolencia, e pelas quaes Elmano justissimamente o fulminou n'estes versos:

*Braveja, detractor, braveja insano,*
*Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva*
*Tenaz verdade, que te roe por dentro:*
*Na voz deprimes o que admiras n'alma.*

E que assim não fôra, para confusão de J. A. e credito de Elmano, sobram as bellas poesias que deixou impressas, afóra as muitas que por sua morte levaram caminho. Porém, isto não é tudo, e o mundo que por seus ridiculos escriptos já bastante conhece toda a negridão do seu caracter; eu fui intimo amigo de Elmano, e glorio-me de o haver sido: com elle fiz o ensaio dos meus primeiros vôos poeticos, e com elle tive todas as relações por espaço de mais de sete annos: e a nossa muita amizade me obrigou a desviar-me d'elle quando conheci que era infallivel e mui proxima a sua morte. Pelo contrario J. A., seu antiquissimo e acerbo inimigo, foi n'esses momentos fataes, que a titulo de reconciliação se lhe tornou a avisinhar para praticar com elle a ultima perfidia. Poucos dias antes de Elmano cahir no leito da morte, haviamos ajustado que elle viria para minha casa, como já de outras vezes, e era então principal motivo o pôrmos em limpo uma sua tragedia original, que intitulava *Eulalia*, á qual unicamente faltava uma scena no quarto acto (cuja scena depois de muitas emendas a rasgou por um dos phrenesis do seu genio) e a penultima do quinto acto, que sempre deixara incompleta; como tambem copiar a traducção que fizera, de todos os seis cantos do poema de Rosset. Além d'isto tinha Elmano um sem numero de poesias fugitivas de divergos generos, originaes e traducções; e até muitos versos alheios, em que entravam não poucos meus: e outras tres tragedias originaes, a saber: *Vasco da Gama*, *Virioto* e *Affonso de Albuquerque* ou *A tomada de Lisboa*, e se bem me lembro, a mais adeantada de todas era esta ultima, que estava no fim do terceiro acto: quem lidou com Elmano não se admirará d'esta extravagancia, a sua phantasia era como as borboletas. Note-se agora que de tudo isto quasi nada appareceu; que J. A. se encabeçou de todos os papeis de Elmano, e que ultimamente sendo-lhe encarregado d'esse pouco que appareceu colligir um volume, cujo producto fosse em beneficio de uma irmã de Elmano, senhora de muito juizo e que vivia acoutada ao seu amparo; e para esse volume ministrando-se ainda ao mesmo J. A. algumas outras poesias de Elmano, que appareceram e paravam em mão de seus amigos, J. A. não sómente nunca fez semelhante impressão, mas não sei que consumo deu a taes poesias. Em Lisboa ha mais quem saiba d'estes factos; e eu protesto aos que os sabem e aos que os não sabem, que emquanto eu vivo os manes de Elmano não terão de clamar como Virgilio:

*Hos ego versiculos feci, tulit alter honores.*

Bem sei que fui prolixo n'esta nota; porém, a verdade pede clareza e a minha amizade requeria que eu vingasse a sua memoria, indignamente ultrajada pelo canino auctor dos *Soliloquios*.

De Alfeno só temos impresso a Paraphrase de uns psalmos, que é optima, e um volume das suas primeiras poesias. Sei que existem outras muitas manuscriptas, e algumas vi eu que lhe são superiores; bastam, porém, as publicadas para o acreditar. As suas Eclogas têm o sabor virgiliano, e as suas cançonetas são bellissimas: n'este genero nada temos que lhe exceda, e nem talvez eguale. Finalmente, torno a repetil-o, só uma cabeça absolutamente precisada do helleboro como a de J. A pode julgar tão nesciamente de tão grande homem! E' difficil que a inveja e a malevolencia produzam juizos tão indiscretos.

[1] Tomino, cego como Milton, tem ás vezes a sublimidade dos seus vôos de imaginação, o que facilmente se nota nas suas poesias impressas: apenas pode acre-

*Charlatão* de Ferney designa ousado; [1]
Se n'estes e em outros mil famosos
(Cujo saber, cujo divino engenho
A adoração dos seculos conquista)
Com raivoso latido triplicado
Vipereos dentes espumando encrava:
O que será de mim, que ainda implume
Cysne adejando na apollinea esphera
Apenas sigo o rasto luminoso,
D'aquelles, que elle quer sumir nas trevas,
Só porque o cega a luz que elles derramam,
De inveja só, por não sentir como elles
O peito rescaldado, a mente accesa
Co' a apollinea influencia effervescendo? [2]
O que será de mim?... Ai, certamente
Prega-me Elmiro algumas narigadas,
Dá-me tombo de goso, e estou perdido!
Lá vae a fama, que até aqui ganhara
Com Odes, Elogios e Tragedias,
E o mais que para Elmiro é sombra, é peste,
Peste com que a inveja o tem ralado,
Por vêr que de onde a mim me vem o applauso
Vibram-lhe a elle merecido apupo! [3]

---

ditar-se que J. A. (tão escandalosamente como o faz em seus Soliloquios) ataque um homem digno de apreço pelos seus reconhecidos talentos e erudição, e digno de commiseração pela sua desgraça, que soffre com toda a serenidade da boa philosophia.

[1] J. A. depois de gritar de mãos nas ilhargas contra as sciencias e contra o papel, diz a pag. 18 dos *Soliloquios: E tu, verbossissimo charlatão de Freney, escreverias noventa e nove volumaças, acabando-te o cento o teu camarada Condorcet com o voluminho da tua vida?* — Ora eis aqui uma das originalidades de J. A., designar Voltaire por *charlatão de Ferney!* E quem se não ha de rir? Quem não dirá que J. A. é o cão ladrando á lua! Certo é que J. A. nunca discorreu tão acertadamente como quando a pag. 9 disse: *Não sei porque fatalidade meus inconsiderados paes deram commigo na escola e me encaminharam depois pelas veredas agras e difficeis da chamada litteratura e das sciencias, devendo pôr-me a um officio que mais me dobrasse o corpo e que mais servisse á republica e me não enchesse de tantas e tão inuteis fumaças de sabichão.* — Disse muito bem; fallou uma vez verdade, porque certamente tem mais geito para tretas do que para lettras.

[2] Assim o confessa a pag. 50 dos *Soliloquios*, dizendo: *Mas porque motivo este Numen dos glosadores não me quer favorecer com suas benignas influencias quando leio o pae Homero? Porque não escalda minha imaginação, e a faz ferver em ponto de poder sentir e gostar todas as bellezas da divina Iliada?* — Está decifrado o enigma: J. A. porque tem uma imaginação de gelo não quer que os outros a tenham de fogo: quer tudo tão esteril como o seu engenho, e tão avesso como o seu juizo.

[3] J. A. quando se representou a minha tragedia *Irène*, disse (e o repetiram alguns pechotes, que ouvem cantar o gallo e não sabem onde) que ella era tirada de outra que tem Voltaire com o mesmo titulo; e depois, em uma satira que me fez (creio que por desforra do máo successo da sua *Zaida)*, disse e escreveu que era tirada do italiano: porém, eu depositei em logar publico a minha tragedia para que

Que importa que eu da altiva phantasia
Vigoroso soltando o vôo ardente,
Discorra n'este vôo á eternidade,
E abra em meus versos o clarão da gloria?
Que importa que altamente possuido
Do estro que Apollo dá aos seus e a poucos,
Divinos sons tirando em lyra eterna,
Versos dignos da patria á patria offereça?
Que importa que eu amolde estylo e assumpto,
E co' as mesmas pennadas milagrosas
Com que os dignos da fama á fama elevo,
De opprobrios cubra, quem merece opprobrio? [1]
Isto tudo que importa, e o mais que eu calo,
Se de Elmiro a loquaz maledicencia
Desconhece, desdenha e torce e pisa
Da razão, do saber, as leis e os fructos?
Hão de dizer que, assim como as abelhas
Deixam a vida no ferrão que largam, [2]
O merito ultrajando Elmiro perde
Em cada mordedura um gráo na fama:
Bem sei que perde, e que raivoso late
Com jus perdendo o que ganhou sem elle:
Porém, eu que das sciencias pela estrada
Mal firme o passo receoso avanço:
Eu que não ouso de aggregar meu nome
Aos nomes immortaes dos grandes homens,
Cuja memoria em seu latido insulta;
Tremo de vêr que elle recorda irado
O verso honroso, que ganhei com versos: [3]

---

pudesse ser confrontada com o original que elle apresentasse e ainda estou á espera d'elle. Agora que immediatamente á sua pateada *Clotilde* se representou outra minha tragedia *Thermacia*, espero tambem que me mostre de onde foi tirada.

[1] Desculpem-se-me estas pinceladas do amor proprio, que fazem um claro escuro no escurissimo quadro em que deve ser retratado J. A. de cuja audacia e ridicula fatuidade vou bem longe: porquanto conheço quanto é difficil ser bom poeta, que Horacio diz:

*Neque enim concludere versum dixeris esse satis.*

[2] .............. *Laeseque venenum*
*Morsibus inspirant, et specula ceca relinquunt*
*Affixae venis, vitamque in vulnere ponunt.*

São versos do livro 4.º das *Georgicas* do *timido e demasiadamente seguro Virgilio,* como lhe chamou J. A. a pag. 54 dos seus doctissimos *Soliloquios.*

[3] *Philosopho cantor, meu doce Oleno.*

Verso que me dirigiu Elmano, e que não esqueceu a J. A. Vejam-se a pag. 45 e 81 dos *Soliloquios: Quid inde?* Por certo que muitos outros são os versos de Elmano impressos na memoria de J. A., porque a sorte dos bons poetas é serem decorados até pelos Bavios e Mevios.

Tremo de ouvir que irado premedita
Na agua do Lethes mergulhar meu nome! [1]
Estou perdido! O que farei, oh Musas?
Ah! defendei-me, aconselhae-me ao menos;
Porém, que demo, alvitrador de sustos,
Me faz andar com a cabeça á roda?
Commetti desacato ou sacrilegio?
Fiz morte de homem ou libello infame?
Não, senhor, dei nas baldas de um mestraço,
Litterarias sandices desfiando.
Então se mais não fiz para que tremo?
Se eu dissesse que Elmiro nos Paulistas
As estantes deixou e trouxe os livros; [2]
E que na Livraria franciscana
Cortou alguns sermões a canivete: [3]
Se eu dissesse que Elmiro ha longos annos
Foi da congregação que o recebera
Excluso com justissima ignominia,
E que, afinal, do carcere fugindo,
Apostata malvado e incorrigivel
Na estrada do Alemtejo andou ás upas,
Tocando os brutos de cahida orelha: [4]
Se eu dissesse que Elmiro atropellando
Os direitos e as leis mais venerandas
Da razão, da moral, da natureza,

---

[1] Aqui o Donato da Refutação Analytica lembrou-se dos seguintes versos de Elmano a Elmiro:

*Como has de, oh zoilo, eternisar meu nome,*
*Se os fados permanencia ao teu vedaram?*
*Se a ponte que atravessa o mudo rio*
*Que os vates, que os heroes transpõem seguros,*
*Tem fatal boqueirão, por onde absorto*
*Irás ao vilipendio, irás ao nada,*
*Ficando em cima illeso honrado o nome*
*Que em dicterios plebeus e em chulas phrases*
*Debalde intentas submergir comtigo?*

E que bem que isto concorda com o juizo que de si mesmo faz J. A. a pag. 9 dos *Soliloquios,* quando diz: *Eu seria um solemne mentecapto se escrevesse para me eternisar na memoria dos homens!*

[2] J. A., estando alli recluso, deitava por uma janella, pendurados em um cesto, os livros que roubava, e os ia vender um mulato ao livreiro Reycend, que foi obrigado a repôr.

[3] Inquira-se o padre bibliothecario de S. Francisco da Cidade e elle amostrará uma collecção de sermões italianos, dos quaes J. A. cortou alguns, como eu digo, a canivete.

[4] Nada d'isto é fabula, são verdades sabidas. J. A. aos nove annos de sua edade, foi por um tio tirado das enxurradas, onde andava gandaiando pregos: elle o metteu no estudo (com o qual se habilitou para escrever Soliloquios) e depois na

Em sua propria mãe (que amargurada
Á vida lhe rogava auxilio parco)
Poz sacrilegas mãos de força armadas,
Macerando-lhe as carnes mal nutridas,
E já pela penuria maceradas: [1]
Se eu dissesse que Elmiro é um d'aquelles
Entes brutaes com semelhança humana,
Para quem são inteiramente nullos
Brandos affectos, affeições suaves,
Com que reina e triumpha a natureza
N'aquelles corações que a não deshonram:
Que das paixões violentas só conhece
Ás que são crime ou que produzem crimes;
O orgulho, a inveja, a colera sómente;
E que da gratidão e da amizade
Tão pouco segue as leis, que não duvida
De ir falsamente delatar o amigo,
Como já praticou, e Lysia o sabe: [2]

---

communidade graciana; da qual pelas suas muitas e boas habilidades foi ignominiosamente banido e mettido em um carcere, como elle mesmo confessa n'estes versinhos do 10.º canto ou grasnido do seu *Gama:*

*Privado d'alma luz doce e serena,*
*Entre ferros a vida atormentada, etc.*

D'alli fugiu e andou muito tempo homisiado até que foi andar de arrieiro nas estradas do Alemtejo, e só tornou a Lisboa quando, por intervenção do Monsenhor Rebello (que d'elle se condoeu, e cuidou que se corrigiria), alcançou carta de prégador regio, debaixo de cujo seguro anda passeando, ainda que sem breve de secularisação.

[1] Angelica, sua pobre mãe (que já não existe e a quem as suas occultas habilidades deram muito desgosto), indo uma occasião ouvil-o prégar a Santa Izabel, e obrigada da necessidade pedindo-lhe alguma coisa para se manter, dando-lhe ao mesmo tempo conselhos de boa mãe, foi pelo prégador regio (que acabava de exercer o seu ministerio) foi pelo sabio J. A. de Macedo recebida aos murros, e despedida com imprecações *Tantaene animis cœlestibus irae!*

[2] Affeições e affectos brandos e suaves só consta que os teve por uma rapariga, ao Caracol da Graça, que depois morou no beco dos Biguinhos, para a qual fugiu do convento algumas noutes; por outra, ao terreiro, que zurziu com muita palmatoada, e por uma freira de Cós, que fingiu nympha do mar em um idyllio que vem no *Almanach das Musas*, pelo que lhe disse Bocage:

*Jacinta de um Tritão fingiste accesa,*
*Forjaste de uma freira equorea nympha.*

Ha quem diga que actualmente está muito terno, engodado por certa maganona em quem acha muito boa garganta, muita sensibilidade e muito garbo representativo: *dicant Paduani.*— Quanto a orgulho, inveja e cholera, os seus escriptas fazem sobeja prova. E quanto a amizade e gratidão basta saber que a um dos seus mais valedores (qual era o dr. Sepulveda, honrado homem que até lhe franqueava a sua casa) teve o desaforo de ir accusal-o perante o ministerio de crimes que só existiam na idéa ou no desejo do malvado accusador!

Se eu dissesse que Elmiro é numerado
Entre a relé torpissima d'aquelles
Que vivem de contar o que deduzem
Diarios lucros da desgraça alheia: [1]
Se eu dissesse... porém, foge-me a penna,
Recusando esboçar toda a torpeza,
Todos os vicios com que nutre Elmiro.
Embora seja um perfido, nm malvado;
Na expressão geral, geral desprezo,
Miserrimo impostor lá tens, lá soffres
Parte da punição que te compete:
Quanto a mim não me importa o seu caracter,
E condôo-me até da infamia sua.
Mas que se amem, se prezem seus escriptos,
Como um grande modello, e que se queira
Dar-lhe entre nós o sceptro litterario: [2]
Então a minha bilis exaltada
Toda me accende em fogo a phantasia;
Do campeão de Apulia o fulminante
Genio me aquece o sangue atropellado,
«Escreve (diz) e se te falta engenho
«A justa indignação te inspire versos.» [3]
Da campa se ergue velozmente Horacio,
E a mão travando de Boileau, vem ambos
(Com sardonico riso amarellento
Lepidos chispes do saber soltando)
Inflammar-me na mente sacra insania
Com que se açouta a estupidez vaidosa,
Quando os poetas fulminando imprimem
Vestigio eterno de labéo na fama:
E elles que em meu semblante reconhecem
Signaes não dubios do que sinto na alma,
Erguem-me logo para a penna a dextra,

---

[1] Muita gente sabe que J. A. tem sido espião assalariado e diz a deusa trombeteira:

*Fama malum, quo non aliud velocius allum,*
*Mobilitate viget, vires que acquirit eundo.*

[2] Boileau, que conhecia bem os homens, disse na sua *Arte Poetica*:

*Un sot trouve toujours un plus sot, qui l'admire.*

Eis aqui porque J. A. tem ainda alguns poucos (e cada vez menos) admiradores das suas indigestissimas composições, que têm sido o enjôo do publico e serão sempre o escandalo dos sensatos.

[3] *Si natura negat, facit indignatio versum.*
(Juv., «Satira 1.ª»)

E logo em minha voz troveja Apollo.
Porém, se eu nos seus vicios mal boquejo,
E deixo ao mundo o que já sabe o mundo.[1]
Se eu condemnando o auctor inepto, estulto,
Perdôo ao homem que injuria os homens;
E se do auctor Elmiro as nescias obras
Mais do que eu digo plenamente provam:
Grande crime será dizer que Elmiro
É gordo no cachaço e gordo na alma?
Que é um pedante, um presumido, um louco,
Que nem setenta Antyciras curaram?[2]
Que de orador em que embasbacam nescios,
Subiu contando syllabas e ergueu-se
Graduado em coruja do Parnaso?
E que rimando *Ganges* e *Phalanges*,
Ou desandando em escrever má prosa,
Tem aturdido a estupida gentalha,
Tem enojado a gente que bem pensa?
Isto são crimes?... Se a verdade é crime,
Então por criminoso me confesso,
E protesto de ser impenitente
Pois ha de Elmiro a seu sabor compondo
Ser pedante, ridiculo e orgulhoso,
E eu nem ao menos poderei rir d'elle?
Pois eu hei de soffrer tranquillo e mudo
Sobre a scena *Clotilde*, não guardando
Unidade, costumes, nem decoro,[3]

---

[1] Tanto isto é assim, que Bocage lhe havia já dito:

*Tu que, em vez de razões, opprobrios vibras*
*Perante o mundo que te sabe a historia.*

[2] Horacio disse:

*Ó tribus Antyciris caput insanabile nunquam!*

E eu digo que ainda que em vez de duas fossem as Antyciras não sómente tres, porém setenta; e assim mesmo todo o seu helleboro seria pouco para curar a rematadissima loucura de J. A.; porque, segundo todos os indicios, elle (coutadinho!) é louco — *a nativitate*.

[3] Comedia cujo assumpto é tirado dos fastos de Aragão e que J. A. recheou de muitos e indignissimos soliloquios, quebrando todas as regras do decoro e da verosimilhança. Verdade seja, este facto (historicamente descarnado) é indigno da scena e quasi incrivel; porém, J. A. deveria lembrar-se do que diz Horacio na sua Epistola aos Pizões:

*Picta, voluptatis causa, sint proxima veri:*
*Nec quod cumque valet, poscat sibi fabula credi.*

E Boileau, no canto 3.º da sua *Arte Poetica:*

Seus filhos, seu valido e seu esposo
Todos sem dignidade e sem caracter,
Inuteis os amores de Anagilde,
Toda a comedia em barbara linguagem,
O argumento um cavallo, e todo o enredo,
E toda a conducção de auctor cavallo?
Pois eu hei de soffrer que Elmiro impune
Ouse affrontar com tumidos dicterios
Do lusitano Pindo o summo Vate?
Que d'esta só loucura não contente
Presumisse emendal-o, e que abortasse
«O domador do tumido Oceano»? [1]

---

*Jamais au spectateur n'offres rien d'incroyable;*
*Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable.*

E então ou não tratasse este assumpto ou lhe fizesse as necessarias modificações: porém como? Se a sua habilidade é tão alheia da razão e do bom gosto que até tornou absolutamente enregelados e episodicos os amores da princeza Anagilde, que são historicamente ligados com a acção.

[1] Muitos annos ha que J. A. embicou em Camões, e teve a modestia (melhor disseramos molestia) de o querer emendar; pelo que lhe disse Bocage:

*. . . A Lusiada não sumas,*
*Que o numero de versos fez poema,*
*Tal que seu mesmo pae sem dor o enterra;*
*Expõe no tribunal da eternidade*
*Monumentos de audacia e não de engenho;*
*O prologo alteroso em que abocanhas*
*Do luso Homero as veneraveis cinzas, etc.*

Porém, como Bocage tambem lhe disse:

*As outavas ao* Gama *esconde embora,*
*N'isso não perdes tu, nem perde o mundo, etc.*

creio que se assustou d'esta horrivel verdade, e com effeito sumiu a obrinha. Vae depois no seu *Novo Argonauta* (poema que naufragou com a fama de seu auctor) e diz em uma nota a pag. 12 — *A melhor passagem da Lusiada é a prosopopéa do velho* — deixando por esta sua barbara sentença excluidos sem appellação nem aggravo os bellissimos episodios de Castro, de Adamastor, dos Doze de Inglaterra, da rainha D. Maria com el-rei D. Affonso, seu pae, etc. etc. Mas vae senão quando, a pag. 25 da mesma obrinha, diz:

*O promontorio austral da Africa adusta,*
*Solio eterno do vento e das tormentas*
*Que em aureos versos o cantor do Tejo*
*Transformou n'um gigante horrendo e feio.*

Ora então onde é que J. A. tem razão? E' no texto ou é nas notas? Dar-se-ha caso que os versos sejam d'elle, e as notas de algum seu amigo tendeiro? Ou ás avessas? Porém, não, não: uma e outra coisa é de J. A.: sempre escreve com este mesmo juizo, e que a pag. 13 das suas reflexões sobre o Adamastor se explica assim: — *O episodio de Adamastor entre os disparates de Luiz de Camões é o maior disparate* — e, a pag. 24, accrescenta: — *Vejamos o que é propriamente seu, e descobriremos que tudo é ridiculo, absurdo, inverosimil e pueril.* — Ainda bem que para desaggravo e vingança

Tumido monstro, insipido poema,
Ridiculo espantalho em dura rima,
Que tem de ser o eterno menoscabo
De seu misero auctor de escura fama,
E agoureiro fanal, que no futuro
Indique, amostre o proximo naufragio,
O infallivel despenho, a icárea queda,
A quem tentar os mares da poesia,
Sem que lhe reja o leme do talento
O Typhis do saber e são criterio?
A quem sómente de ousadia armado
Sem medir o vigor que tem nas plumas, [1]
Se atrever a cruzar o espaço immenso
Que dos campos da árdida phantasia
Se eleva até chegar do Pindo ao cume?
Hei de soffrer que o temerario Elmiro
Corvo orador e cynico poeta
(Raivoso de que o mundo justiceiro
Com firme sobrecenho o observa e mofa)
Sobre veneno mais veneno arroje? [2]

---

de Camões, J. A. publicou:— *O domador do tumido Oceano*— poema tão superiormente máo, que é por isso superior a toda a critica, poema, emfim, que eu desafio todos os homens de gosto e lição para que de entre elles haja um com a exemplarissima pachorra de ler successivamente dous dos taes cantos: — em dez que elles são. J. A. caminha sempre de muleta apoz de Camões; com a desgraça de que na sua expressão se torna ridiculo ou insipido, aquillo mesmo que na de Camões é magestoso e agradavel. E a sua phantasia (que é quasi sempre tão esteril como um areal) se por acaso produz é um parto tão monstruoso que na casa dos orates não ha phantasias mais disparatadas! Sobeja prova d'isto (além do que omitto por brevidade) é no canto 7.º o episodio do Genio da idolatria, apresentado como por contraste ao Adamastor. Este episodio é, sem contradicção, o aborto de uma phantasia inteiramente desvairada e de uma crassissima ignorancia. Porém, que havia de escrever o auctor dos *Soliloquios?* Que havia de dizer aquelle miseravel homem que, a pag. 66 dos seus mesmos *Soliloquios*, tão enriquecidos de alvitres egualmente lindos e judiciosos, se deixou chamar a Camões: — *Poeta torto até ao umbigo e os baixos prosa?*— Que tortura de entendimento!

*O' tribus Antyciris caput insanabile nunquam!*

[1] *Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam viribus.*
(HORAT., ad Pison.)

[2] J. A. que por seus proprios escriptos tem desmascarado o seu feiissimo caracter, e relativamente ao seu saber verificado o que lhe disse Bocage:

*...... palavroso impões aos nescios,*
*E a credulo tropel roncando affirmas*
*Que revolveste o que roçaste apenas;*
*Fallo das artes, das sciencias fallo,* etc.

Sobe ao ultimo ápice da desesperação vendo o desprezo com que é geralmente olhado por todos os homens de boa razão e de bom saber. Esta desesperação pas-

E que com impudencia egual sómente
Á sua fatuidade, alardeando
Das sciencias o amor, o amor da patria,
Abocanhe um varão, que em aurea fama
Tem com justiça seculos vivido?
Abocanhe um varão, que florescera
Sempre a seus negros fados sobranceiro,
«Agora o mar, agora experimentando
«Os perigos mavorcios inhumanos,
«Qual Canace, que á morte se condemna,
«N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna.» [1]
Um varão, cuja lyra portentosa,
De Smyrna e Mantua os astros eclypsando,
Inda agora se escuta com assombro
Gloria dos seus, inveja dos extranhos? [2]
Hei de soffrer?... Não hei de: embora Elmiro
Servil adorador, recorra ás artes
Da vil astucia e refalsada intriga,
Para que só tem prestimo os Elmiros;
Do sacro ministerio que envilece,
E que só pode exercitar prégando, [3]
Tire argumentos para ser immune,
Obtendo protecção e estafe o prelo,
Com phrases de hyperbolica lisonja,

---

sou a loucura, depois da impugnação ao seu folheto *Os Sebastianistas*, e esta loucura rematou-se depois que publicou o seu *Gama*, e que por esta ousadia e demencia se lhe declarou inimigo todo o mundo litterario: e como em vez dos presumidos lucros só recebe d'esta arte mofas e sarcasmos, assentou de se vingar, teimando em enjoar o publico com outros destemperos impressos, pelos quaes fortificasse os primeiros que proferira. E eis aqui sem duvida o motivo porque imprimiu as suas *Reflexões sobre o Adamastor*, onde desenuolve toda a depravação do gosto, toda a inepcia, toda a malignidade, e todo o orgulho de que pode possuir-se o mais desaforado escriptor! E onde, por cumulo de insolencia, diz a pag. 12: *Talvez eu seja o unico homem em Portugal que, n'este seculo frivolo, preze a litteratura italiana, e possua com devida estimação os preciosissimos thesouros dos quinhentistas italianos.* E ha de soffrer-se isto serenamente? E soffrem-no aquelles que querem ser tidos em conta de philologos e bons lettrados?

[1] São versos de Camões, Lusiadas, Canto 7.º, est. 79.

[2] O mesmo J. A. assim o confessa, quando diz na sua Ode pindarica por alcunha:

*Quanto entre o berço e tumulo se encerra*
*Do flammejante sol louva teu nome,*
*A inveja o teme, o tempo o não consome.*

E prosegue com elogios e comparações: porém, combine-se isto com tudo o mais que J. A. tem publicado sobre isto mesmo, e acharemos que elle pelos seus desvarios contra Camões é crédor de maior miseria do que soffreu Zoilo pelos que teve contra Homero.

[3] De todos os outros exercicios ecclesiasticos está inhibido pelos motivos que ficam expendidos na nota n.º 4, pag. 413.

Ou com mordazes expressões de insania;
Por premio de seus meritos palreiros
Tolhe que possa alguem no prelo expôr-lhe
Vicios que segue ou erros que o deslumbram: [1]
Oh magoa e indignação! Pois hade Elmiro
De invejosa e tenaz maledicencia
Livre soltar os venenosos diques;
Hade Elmiro em má prosa e torpe rima
Impressa e não impressa, antiga e nova,
Detrahir e insultar vivos e mortos,
Doctos e nescios, fracos e atrevidos,
E armado com a razão, com a sapiencia
Ninguem ha de poder em campo aberto
Perante o inteiro tribunal de Themys
Combater este novo Dom Quixote,
Para quem ha tanto Sansão Carrasco? [2]
«Que exemplos a futuros escriptores,
«Para espertar engenhos curiosos,
«Para pôrem as cousas em memoria,
«Que merecerem ter eterna gloria! [3]
«O favor, com que mais se acende o engenho
«Não o dá a patria, não, que está metida
«No gosto da cubiça e na rudeza
«De uma austera, apagada e vil tristeza.» [4]
Escreva pois o estólido versista,
Damninho prosador, escreva Elmiro,
Que no emtanto Rhamnusia vingativa
Lembra o que disse o Juvenal do Sena:
Poemas nesciamente lisonjeiros
O heroe, a um tempo, e o seu auctor deshonram: [5]
E um nescio louvador que não tem arte
Para espalhar o incenso em seus delirios

---

[1] Veja-se a nota 1, pag. 415.

*Oh! que não sei de nojo como o conte!*

[2] E o que hão de dizer os estrangeiros que desgraçadamente lerem as inepcias de J. A. e não virem a impugnação d'ellas? O que hão de dizer quando virem Camões loucamente atassalhado, e os seus honrados manes em vão clamando vingança contra as heresias da razão de J. A.? O que hão de dizer?... Certo dirão comsigo: Este homem *diruit, edeficat, mutat quadrata rotundis:* — mas dirão tambem: *Ah Portugal, Portugal, quae te dementia cepit!*
[3] Camões, *Lusiadas,* Canto 7.º, est. 82.
[4] Idem, ibidem, Canto 10.º, est. 145.

[5] *Un poeme insipide, et sottement flateur*
*Deshonore à la fois le heros et l'auteur.*
(Boileau, Sat. 9.)

Com o thuribulo dá do heroe nas ventas,[1]
Escreva embora o virulento Elmiro,
Novas inepcias da lisonja empregue,
Novas peçonhas de invectiva exprema,
Nos Soliloquios seus, nos seus poemas
Mingúe a gloria nacional, mingúem
Genios credores de um Mecenas luso:
Que a razão, a justiça, a sapiencia,
Perante cujos tribunaes appello,
E o lume da britanna liberdade
De um raio salutar me prende a alma:
(Em quanto a lusa attenuada geme,
E eu vou com ella suspirando occulto)
Me apararão a penna fulminante,
Com que rompendo as trevas da ignorancia
E o merito em triumpho alevantando,
Camões vingando do furor de Elmiro,
Elmiro entregarei no opprobrio envolto
Ás lethargicas mãos do esquecimento.
Musas que me influís, eu vos dou graças!
Já me não pésa na alma um vão receio,
N'esta alma que arde toda em fogo vosso,
Prompta em vossas lições eu tenho, eu sinto
Para Elmiro atterrar vigor sobejo:
Juro por vós e pela sacra chamma
Que em meus primeiros annos me influistes,
Juro pela memoria veneranda
D'aquelles a quem mais do seio amastes,
Que o seu profanador, o insano Elmiro
De meus versos raivoso estremecendo,
Feito em meus versos fabula do povo,
Babando-se de colera e de susto,
As costas encurvando na carreira,
E a vista alçando de revés accesa,
Se esconderá fugindo á surriada,
Como um cão com o funil atado ao rabo
Foge da grita de folgões brejeiros.
Do seu falso saber solte a tormenta,
Vós me dareis que eu lhe repreze as furias;
Enxote para cá os seus sequazes,
Sopapo apanharão como elle apanha,

---

1 *Mais un auteur novice à répandre l'encens*
*Souvent à son heros dans un bizarre ouvrage*
*Donne de l'encensoir au travers du visage.*
(Boileau, Epist. 9.)

Levarão no focinho arreganhado
Pancada cujo som se reproduza
Nos ouvidos dos ultimos vindouros;
Fugirão com as orelhas afiladas
E de rabo entre as pernas e ganindo,
Soffrendo o apupo de Lisboa em peso.

XV

# A JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Publicando a sua traducção em 1806 das Odes de Horacio

---

## SONETO I

Sonhou dez annos o perito ex-frade
Com as Odes de Horacio atarantado,
Fez-lhe cans um trabalho desgraçado,
Com que nem dá, nem tira utilidade;

No prologo, arrotando auctoridade,
Presumiu apodar, sáe apodado,
Cuidou fazer caír muito cruzado,
Não cáem, nem sequer por caridade:

Com que, quanto pecunia está gualdido;
Pois louros? isso então menos que tudo;
Fazem justiça, dão-lhe o que é devido:

A fome lhe fará o rosto agudo,
Se não souber tirar melhor partido,
*Ex-suggestu* a malhar *pseudo-sisudo.*

PATO MONIZ.

## AO MESMO

### SONETO II

Qual o avido herdeiro pela morte
Do rico gebo, que zelava as burras,
O ex-frade receando novas surras
Aguardava de Elmano o extremo córte:

«Guardo-me d'este, que já sei que é forte,
(Disse comsigo) «os mais são uns caturras,
«Que são versejadores de bandurras,
«Ou seguem mal da Poesia o norte.

«Morto Elmano, com os outros é bom jogo;
«De Horacio as traducções imprimo e vendo;
«Quero um milhão, porque se vendem logo.»

Disse-o e fêl-o o sabio reverendo;
Mas ha de lhe chegar ao rabo o fogo,
Porque já o vão todos conhecendo.

PATO MONIZ.

## AO MESMO

### SONETO III

O ex-frade tem razão: a Poesia
Em Portugal está muito estragada;
Graças a Deus que veiu a trabalhada
Versão de Horacio dar-lhe outra valia!

Isto é que é escrever com energia,
Apurado entender, phrase apurada;
Com tão optima obra comparada
É qualquer das que temos ninheria.

Assim o entendo em minha consciencia;
Genios que gostam de aviltar o alheio,
Dizem o avesso d'isto, e faz-me ardencia;

Taes fallatorios injustiça os creio;
Mas tenha o padre santa paciencia,
Que com este zum-zum tudo está cheio.

PATO MONIZ.

## AO MESMO

### SONETO IV

Alto lá para traz, lusos poetas,
Os vindos, os por-vir, e os existentes;
Andastes, ou andaes cansando as gentes
Com tortos versos, phrases indiscretas.

Vil canalha, aprendei pelas selectas
Do ex-frade traducções magui-eloquentes,
Obras de cheia mão, todas sapientes,
Ellas são versos, tudo o mais é peta:

O prologo, esse não, não é modelo;
Descuidou-se, esbarrou, não o crimino,
Mas quem quer vêr o bom não hade lel-o:

As traducções a flux, que tudo é fino;
Cansou-se, mas brilhou: não entendel-o,
Isso é só por Horacio ser latino.

PATO MONIZ.

## AO MESMO

### SONETO V

—O ex-frade que te fez, que tanto á teza
Da critica lhe assentas o azorrague?
Queres que o homem apupado pague
Do máo bestunto a ingenita pobreza?

Ufano de hypothetica riqueza
Deixa-o com as suas traducções que vague,
Até que o *irra* universal lhe esmague
Ôca ufania, em que só tem grandeza.

Deixa o homem, já basta de supapo,
Bem lhe basta (coitado!) o ter escripto
De modo que quem quer o faz n'um trapo.

«Eu da sua ignorancia não me irrito;
Irrito-me de o vêr fallar de papo,
E de gala fazer do sambenito.

PATO MONIZ.

## JUSTA AVALIAÇÃO DO POEMA «GAMA» PUBLICADO EM 1811

### SONETO

Com furor *eternal* impia esbravece
A tetrica caterva *audaciosa;*
E a desdicbada Ignez tão mal chorosa
Arroja ás ondas, entre as quaes fenece:

Grão-Diabo, que de agua um cão parece,
Com um penhasco na boca *sulphurosa,*
Atra procella, horrisona e *bramosa,*
Quebrando os gelos rabido encruece.

Acordam muitas almas do outro mundo;
O templo da Memoria se apresenta,
E é partindo o Timoja furibundo.

Que obrinha será esta, tão nojenta?
Isto é o *Gama*, que se foi ao fundo,
Nadando em rythmas, que o livreiro aguenta.

PATO MONIZ.

## REPRESENTANDO-SE A TRAGEDIA «ZAIDA» [1]

### SONETO

Na scena, em quadra tragico-invernosa
*Zaida* se impingiu (fradesco drama!)
Appareceu depois com sêde á fama
Tragedia mais egual, mais lastimosa:

O auctor pranteia em phrase apparatosa
Esfaqueado arraes, pimpão de Alfama;
Corno o protogonista, e puta a dama,
O macho é Simeão e a mula é Rosa;

Espicha o rabo (eu tremo ao proferil-o!)
Espicha o rabo alli o heroe na rua,
Qual Muratão nos areaes do Nilo.

Elmiro na tarefa continúa;
Já todos pela escolha e pelo estylo
Rosnam que a nova peça é obra sua.

BOCAGE.

---

[1] O soneto de Pato Moniz ficou impresso a pag. 181, supra.

## APPARECENDO O POEMA DOS «BURROS» REFUNDIDO EM 1814

### SONETO

Mosca, que foste *mosca*, e que audaz mosca,
Em quanto ousas pousar tudo enxovalhas,
Que em teu rouco jargão prégando ralhas,
E no infame poema em phrase tosca

Dos máos versos o feixe (onde se embosca
A loucura) talvez te leve ás palhas,
Por graça especial; e se alli falhas
Irás ser parafuso de outra rosca.

Mentes, fatuo impostor, a versalhada
Não é original para quem visse
De Pope e Palissot a *Dunciada;*

Mas benigna concede-te a Sandice
Em premio d'esta empreza assignalada
O ser original na parvoice.

JOSÉ DE S. BERNARDINO BOTELHO.

## BIOGRAPHIA DE JOSÉ AGOSTINHO EXPENDIDA NO SEGUINTE

### SONETO

(ANNO DE 1808)

Cortando dez sermões a canivete,[1]
E roubando uma inteira Livraria,[2]
Acompanhando a corja que assobia,[3]
E dando á mãe dous murros no topete;[4]

---

[1] Faz o corpo de delicto um Sermonario italiano da Livraria de S. Francisco da Cidade.

[2] A dos Paulistas.

[3] O exercito da Pedrada da Penha, que commandava o general luneta D. Thomaz de Almeida; o general do exercito opposto era um preto caiandeiro.

[4] Quando sahia de prégar na egreja de Santa Izabel, a mãe sahiu-lhe ao encontro a pedir-lhe esmola e elle deu-lhe dous socos.

De arrieiro na estrada andando ao frete,[1]
E cosendo Comedias á Maria,[2]
Empregado vilmente como espia,[3]
Entregando o Doctor que em casa o mette;[4]

Nos pulpitos fazendo alto berreiro,
Sem lei, com as leis metendo aos outros medo,
E á tôa descompondo o mundo inteiro:[5]

Eis como vive, n'um perpetuo enredo,
Para tudo o que é máo sempre em terreiro
O fôfo ex-frade, que se diz Macedo.[6]

*(Attribuido a* Pato Moniz.)

## A J. A. DE MACEDO POR DIZER MAL DOS «LUSIADAS»

### DECIMA

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões,
E das loucas pretenções
As Musas se põem a rir.
Apollo, sem se affligir,
D'est'arte falla ao casmurro:
«Venha cá; eu não o empurro;
«Não me vem causar abalo,
«Já que sustento um Cavallo,
«Sustentarei mais um burro.»

José Francisco Cardoso.

---

[1] Sendo mandado prender pelo Manique. *Var.:* Andava tocando burros na Outra banda quando foi preso pelo Manique.
[2] Maria da Luz, comica do Theatro da rua dos Condes, de quem era amante.
[3] No tempo do intendente da Policia Lucas de Seabra da Silva.
[4] O Sepulveda, accusado na Intendencia de pedreiro livre.
[5] Sempre foi o seu argumentar.
[6] O seu verdadeiro nome é José Agostinho Teigueira.

# INDICE

PAG.

Sobre estas Memorias ........................................ v

## Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo

Introducção ........................................ 1 a 8

### Epoca primeira

### 1761 A 1792

Nascimento, patria e progenitores de José Agostinho de Macedo.—Sua puericia e vinda para a capital.—Seus primeiros estudos e profissão na ordem de Santo Agostinho.—Suas travessuras no convento.—Vae para o Collegio de Coimbra.— Seu tracto e amizade com Fr. José de Santa Rita Durão.—Irregularidade do seu procedimento e desgostos que d'ahi lhe provieram.—É removido de Coimbra para Braga.—Castigos claustraes.—Reclusões nos carceres da Ordem.—Suas apostasias e Sentenças contra elle fulminadas.—Alcança a protecção do Nuncio Apostolico.—Fuga do Convento de Torres Vedras.—E' novamente preso e tratado pelos frades com demasiado rigor.—Dá principio no carcere á composição do poema *Gama*.—Consegue interpôr a seu favor a Auctoridade civil.—Eleição do novo Provincial.—Remoção de J. A. para o mosteiro de S. Paulo.—Fundação da Academia de Bellas Lettras de Lisboa.— Intimidade com Bocage.—Dá-se noticia de alguns religiosos paulistas.—Roubos na livraria e fuga de J. A.—Sua prisão pela policia e segunda fuga do mesmo mostero —O Nuncio desampara-o.—Apprehensão dos livros roubados.—É novamente preso pela policia e entregue aos prelados da sua Ordem.—Consegue ainda evadir-se do carcere; porém é depressa capturado.—Continuam os frades o seu processo.—Sentença e accordão pelo qual foi mandado expulsar da Ordem.—Realisa-se a expulsão ........................................ 9 a 31

## Epoca segunda

### 1792 a 1808

PAG.

Consegue J. A. a annullação da Sentença claustral que o condemnara.— Sua admissão na empreza do *Jornal Encyclopedico*.—Serve como ajudante n'uma escola de primeiras lettras.—Obtem breve de secularisação e passa para o estado de presbytero secular. —Suas applicações litterarias.—Conclue o poema *Gama*, e lança os primeiros fundamentos ao da *Meditação*.—Traducção de *Stacio*.—Começa a fazer-se conhecido pela prédica.—Noticia das suas desavenças com Bocage, e composições a que ellas deram logar.—Rectificação ácerca do anno preciso em que isto aconteceu.—E' nomeado prégador régio.—Anecdotas a proposito d'esta nomeação.—Conjectura sobre a sua admissão na Academia dos Arcades de Roma.—Tenta fazer fortuna pela arte dramatica.—Representação e successo da tragedia *Zaida*.—Ultima doença de Bocage.—J. A. se reconcilia com elle pouco antes do seu fallecimento.—Composições em que o elogia.—Emprehende a traducção das obras de Horacio.—Publica o 1.º tomo por intervenção do P.e Velloso.—Algumas particularidades curiosas a este respeito.—Máo accolhimento que obteve esta versão.—Desintelligencias com Pato Moniz e seu resultado.—Conclue o poema da *Natureza*, que não chegou a imprimir.—É roubado na casa que habitava.—Conspiração de Mafra.— J. A. empregado como agente da policia.—É denunciado na Meza da Inquisição.—Invasão do exercito francez em Portugal.—Theor de vida de J. A. por este tempo.—Noticia especial de um opusculo até hoje inedito.—Diz ter sido perseguido pelos francezes.—Préga em repetidas festividades de acção de graças pela expulsão d'aquelles.—Chega ao fastigio da sua celebridade como orador sagrado.—Retrato que elle faz de si proprio.—Apreciação das suas qualidades e merecimento oratorio........... 32 a 60

## Epoca terceira

### 1808 a 1820

Algumas palavras sobre o procedimento e indole de J. A.—Sua intimidade com o advogado Sepulveda.—Quebra das relações e facto atroz praticado por J. A.—Comparação do seu caracter moral, apreciado pelos factos, com a pintura que elle de si faz nos poemas *Newton* e *Viagem extatica*.—Transcreve-se a este proposito um trecho dos ditos poemas.—Guerra sebastica.—Digressão sobre a origem e progressos do *Sebastianismo*.—Estado da seita quando J. A. se determinou a escrever contra ella.—Modo com que se houve nos seus ataques e repulsas e desgostos que soffreu.— Vinga-se dos seus impugnadores Rocha e Pato Moniz, personalisando-os em uma comedia que fez representar.—Mais particularidades a este respeito.— Noticia da composição publicada em nome de J. A. com o titulo de *Segredo revelado*.—Ventila-se a questão se J. A. pertenceu em algum tempo á Maçonaria e resolve-se pela negativa.—Sollicita ser

PAG.

admittido socio da Academia real das Sciencias.—Seu despeito por não o conseguir, provado com varias passagens extrahidas dos seus escriptos.—Protecção que encontra em alguns membros da antiga regencia do reino.—Anecdota comprovativa.—Publica o seu *Motim Litterario*.—Historia da publicação do poema *Gama*, e breves reflexões sobre esta producção.—Desavenças com o livreiro Desiderio Marques Leão e suas consequencias.—Frio accolhimento feito ao *Gama*.—Maria Ignacia da Luz e Marianna Torres, actrizes do theatro da rua dos Condes.—Intimo trato de J. A. com a primeira.—Suas novas tentativas dramaticas.—Sua rivalidade com Antonio Xavier.—Satiras e provocações que lhe dirigiu.—Este resolve desforrar-se e com este intento personalisa J. A. na comedia o *Máo Amigo*.—Successo d'este drama.—Como J. A. tomou a peito esta affronta e a indigna vindicta de que usou.—Compõe o poema *Os Burros*.—Abre-se devassa na Intendencia geral da Policia contra este Libello famoso.—Maneira com que J. A. soube illudir a accusação e mais particularidades que occorreram.—Reflexões suggeridas pelo assumpto.—Publica os poemas *Newton* e *Meditação*.—Anecdota ácerca do primeiro.—Compõe e faz imprimir algumas Odes estimadas.—Rebate-se como calumniosa ou mal fundada a arguição que se tem feito a J. A., de que se apropriara ou sumira manuscriptos de Bocage.—Novo perigo que correu J. A. com a divulgação da sua satira *Assim o querem assim o tenham*.—Perseguição que lhe moveu Oliva e o mais que aconteceu.—Mencionam-se algumas notaveis composições de J. A.—Conjectura ácerca da *Demonstração da existencia de Deus*.—Publicação do *Oriente* ou *Gama refundido* e suas consequencias.—Ataques que soffreu, mórmente da parte de Pato Moniz.—Para desforrar-se compõe o *Espectador*.—Noticia de uma *Historia da Africa* (hoje perdida) que parece escrevera por estes tempos.—Sua espantosa fecundidade litteraria.—Transcreve-se um trecho do *Semanario* a este respeito.—Suas intimidades amorosas com uma religiosa de Odivellas e outra de Cós.—Compõe em obsequio a esta ultima a *Lyra Anacreontica*.—Prosegue na publicação do *Espectador* até ser-lhe negada a licença para continuar.—Escreve então o *Desapprovador*.—Motivos que deram tambem logar á interrupção d'este periodico.—Dá-se noticia do seu intimo amigo J. J. P. Lopes e da especie de relações que entre ambos existiam.—Compõe J. A. a *Censura dos Luziadas*.—satira virulenta contra Camões, da qual remette um exemplar á Academia das Sciencias.—Carta que acompanhou esta remessa.—Revolução de Portugal em 1820.............................. 61 a 112

## Epoca quarta

### 1820 a 1826

Situação politica de J. A. no tempo em que se proclamou n'este reino o governo constitucional.—Sua antiga propensão para o regimen democratico comprovada por muitos logares dos seus escriptos.—Sua indecisão em apoiar ou guerrear o novo systema.—Promessas que lhe foram feitas e falta de cumprimento d'ellas.—Outros motivos que influiram na determinação que tomou de prégar contra a nova ordem de cousas, constituindo-se orgão dos denominados *absolutistas*.—Rompe as hostilidades, servindo-lhe de pretexto os periodi-

PAG.

cos do tempo.—Escreve varios folhetos avulsos.—Fornece grande copia de artigos para a *Gazeta Universal*, periodico retrogrado, o que lhe acarreta serios desgostos, sendo accusado por abuso de liberdade de imprensa.—Receoso de maiores perseguições protesta não tornar a escrever.—Sensação que causa no publico este protesto, que elle quebrou pouco depois.—Eleição para deputados.—J. A., pelas diligencias dos seus adversarios, é excluido do congresso, saindo apenas deputado substituto pelo circulo de Portalegre.—Seu pezar e despeito por elle manifestado ao vêr-se excluido, e comparece no tribunal da liberdade de imprensa onde é absolvido.—O ministerio decide-se a convidal-o para advogar definitivamente os principios liberaes escrevendo a favor do governo.—Sua annuencia ás proposições que se lhe dirigiram.—Publica em seu nome o *Escudo*, dispondo-se a prestar maiores serviços.—Reacção e queda do governo constitucional.—J. A. cuida logo em justificar-se do seu passado comportamento.—Escreve a *Tripa virada* e outros opusculos.—Patenteia n'estes escriptos a duplicidade do seu caracter. E' nomeado, pelo Vigario geral, censor do Ordinario, cargo que desempenha durante alguns annos.—Intenta colligir e publicar os seus discursos oratorios.—Recita uma oração funebre nas exequias d'el-rei D. João VI.—Pensão que em recompensa lhe foi conferida por intervenção do dr. Abrantes.—Ingratidão com que pagou ao seu protector.—Começa a sentir grave deterioração na saude.—Conjecturas sobre as causas da sua residencia em Pedrouços.—Manifesta idéas sanguinarias e declama publicamente contra a marcha do governo.—É vigiado pela policia.—Contrae estreita amizade com Fr. Joaquim da Cruz, procurador geral dos Bernardos, e com outros religiosos da mesma ordem.—Em obsequio a estes faz varias alterações no poema dos *Burros*.—Doação do *Oriente* ao mosteiro de Alcobaça.—Cubiça de J. A.—Nova mudança politica occorrida com a promulgação da *Carta Constitucional*.............................................. 113 a 131

## Epoca quinta

## 1826 a 1831

Relações e intimidade de J. A. com os chefes do partido dissidente.—Escreve e publica as Cartas a J. J. P. Lopes, com o fim de alluir e desacreditar o systema constitucional.—Optimo successo d'esta publicação.—Meios que empregou para conseguir seu intento.—É chamado e reprehendido pelo ministro da Justiça.—Interrupção das *Cartas*.—Chegada de D. Miguel a Portugal e acontecimentos subsequentes.—Estado do partido do Infante e suas divisões.—J. A. escreve a *Besta esfolada*.—Estorvo que encontrou n'esta publicação.—Natureza d'este escripto.—Trecho qua serve de comprovar o que fica dito.—Reflexões suscitadas pelo trecho trasladado.—O Desembargo do paço impede a continuação da *Besta*.—Desgosto que d'ahi proveiu a J. A.—Demitte-se do cargo de censor do Ordinario.—Fixa em Pedrouços a sua residencia habitual.—Suas molestias e soffrimentos.—Apontam-se algumas obras que compõe n'este periodo.—Torna-se agente e advogado de José Ferreira Pinto na questão do Contracto do tabaco contra J. P. Cordeiro.—Historia d'esta negociação e seu resultado.—Acceita depois do mesmo J. P.

PAG.

Cordeiro uma pensão, para advogar os seus interesses.— Presentes que então recebeu.—Faz-se menção de algumas pessoas mais notaveis que o visitavam, rectificando-se por essa occasião um erro vulgar, que até agora tem corrido, ácerca de suas relações com o duque do Cadaval.—Tenta varias emprezas litterarias.—Refunde o poema *Newton*, publicado em seguida com o titulo de *Viagem Extatica*.—E' nomeado substituto do Chronista do Reino.—Recebe os diplomas de socio de varias Academias de Italia.—*O Desengano*, sua ultima obra.—Resenha de passagens extrahidas de todos os numeros d'este papel para mostrar o espirito e doutrina de seu auctor.—Ultima doença e falecimento de J. A.—Seu funeral e jazigo. Considerações ácerca do seu estado de fortuna.—Responde-se ás objecções dos que attestam a sua pobreza.—Disposições que fez pouco antes de morrer.—Conclusão ........................ 132 a 158

## Documentos justificativos

I. — Certidão de baptismo de José Agostinho de Macedo ............ 161
II. — Certidão do concubinato de J. A. .............................. 162
III. — Despacho do Nuncio apostolico para que o Provincial da Ordem de St.º Agostinho receba no Convento de Lisboa a Fr. José de St.º Agostinho ...................................... 163
IV. — Officio para o Visconde Mordomo-mór ...................... »
» — Portaria do Intendente geral da Policia dirigida ao Corregedor do Bairro do Rocio ....................................... 164
V. — Informação dada ao Governo pelo Intendente geral da Policia... »
VI. — Aviso do Secretario de Estado para o Intendente geral da Policia. 166
VI-A. — Segundo Accordam do Juizo da Corôa contra o Auditor da Nunciatura apostolica pelas violencias que n'elle se declaram praticadas contra todo o Direito ................................. »
VII. — Carta do Intendente para o Reitor do Mosteiro de S. Paulo...... 169
VIII. — Carta do Nuncio apostolico para o Reitor do Mosteiro de S. Paulo 170
IX. — Portaria do Intendente ao Juiz do Crime do Bairro de Santa Catharina .... ............................................ »
X. — Portaria do Intendente ao mesmo Juiz para continuar a diligencia. »
XI. — Certidão da entrega dos livros roubados aos Religiosos do Mosteiro de S. Paulo .... ................................. 171
XII. — Para o Ex.mo e Rev.mo Bispo Confessor D. José Maria de Mello.. »
XIII. — Carta do Intendente para o Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça ....................... ........................ 172
XIV. — Autos do Libello crime.—Sentença .......................... 173
XV. — Accordam do Definitorio confirmando a Sentença antecedente.... 177
XVI. — Accordam do Definitorio ordenando a expulsão de Fr. José de Santo Agostinho .......................................... »
XVII. — Certidão da expulsão de Fr. José de Santo Agostinho .......... 178
XVIII. — Certidão do termo de obediencia ao Ordinario ................ »
XVIII-A. — Carta de José Agostinho de Macedo a Fr. Francisco Martins em occasião de estar perigosamente enfermo ....................... 179
XIX. — Sentença executorial do Breve de secularisação passado a favor de Fr. José de Santo Agostinho ............................... 180
XX. — Portaria do Intendente geral da Policia para o Ministro Inspector do Theatro da Rua dos Condes ................................ 181

PAG.

XXI. — Soneto de N. A. P. Pato Moniz, composto por occasião da representação da tragedia *Zaida*........ 181
XXII. — Ao Corregedor do Porto........ 182
» — Ao Corregedor de Setubal........ 183
XXIII. — Denuncia de José Agostinho de Macedo á Inquisição........ »
XXIV. — Informe da Policia sobre o Requerimento de Luiz de Sequeira Oliva contra José Agostinho e sobre ser este o auctor do poema dos *Burros*........ 187
XXV. — Queixa de José Agostinho de Macedo contra Pato Moniz........ 188
XXVI. — Decisão do Conselho dos Juizes do Facto e Sentença do Juiz de Direito sobre a accusação que o Promotor fiscal da Liberdade de Imprensa fizera contra o Padre José A. de Macedo.. 190
XXVII. — Carta de José Agostinho de Macedo ao Padre Marcos........ »
XXVIII. — Carta de José Agostinho de Macedo ao Arcebispo Vigario geral solicitando a execução do Breve, que a religiosa D. Maria Candida do Vale impetrara para continuar fóra da clausura.. 192
XXIX. — Doação do autographo do Poema *Oriente* feita ao Mosteiro de Alcobaça........ »
XXX. — José Agostinho pede a demissão de Censor........ 193
XXX-A. — Decreto da nomeação de José Agostinho de Macedo para o logar de substituto do Chronista do Reino........ 194
XXXI. — Carta do Conde de Basto para Fr. Matheus de Assumpção Brandão. 195
XXXII. — Carta do Conde de Basto para José Agostinho de Macedo........ »
XXXIII. — Certidão de obito de José Agostinho de Macedo........ 196
XXXIV. — Relação apresentada por D. Maria Candida do Valle dos objectos do espolio de José Agostinho de Macedo........ »

## Bibliographia das Obras de José Agostinho de Macedo

**Obras impressas**........ 199
Poesia epica, didactica, lyrica e dramatica........ »
Philosophia, Metaphysica e Ideologia........ 218
Oratoria sagrada e profana........ 219
Opusculos politicos........ 225
Philologia, Critica litteraria e Critica moral........ 232
Pequenos Opusculos, Cartas, Artigos da mesma especie que se acham insertas em Obras ou Collecções alheias, onde vem designadas com o seu nome........ 248
Miscellanea........ 259
Attribuidas........ 262
**Obras manuscriptas** de que ha noticia e existem ao presente........ 263
Poesias em diversos generos........ »
Obras manuscriptas que se julgam perdidas........ 275
Opusculos em prosa........ 276
Collecção de Censuras feitas desde Abril de 1824 até Setembro de 1829 em que exerceu o cargo de Censor Ordinario........ 278
Epistolario — Cartas copiadas por Francisco de Paula Ferreira da Costa. 284
Cartas autographas reunidas por Francisco de Paula Ferreira da Costa. 285
Plano da publicação da Collecção completa das Obras ineditas de Macedo........ 294
Retratos........ 296
Bibliographias........ 298
**Escriptos criticos e satiricos contra José Agostinho**........ 302
**Obras publicadas em defeza de José Agostinho**........ 315

## Poesias satiricas de José Agostinho de Macedo, Bocage, Pato Moniz e outros, que documentam factos da sua vida

PAG.

I. — Satira a Manuel Maria Barbosa du Bocage........................ 327
II. — Pena de Talião — Resposta de Bocage á Satira antecedente......... 333
III. — Satira segunda a Bocage (inedita) ................................ 342
IV. — Epicedio à morte dos Periodicos.................................. 349
V. — Assim o querem, assim o tenham — Satira escripta em 1814, e augmentada com uma longa tirada ácerca dos Medicos em 1818, pelo Executor da alta justiça.......................... 353
VI. — Assim o queres, assim o tens — Satira em resposta á antecedente, por João da Matta Chapuzet................................... 364
VII. — Decimas por occasião do casamento da filha do negociante Manuel de Miranda Corrêa com D. Antonio, irmão do Marquez de Tancos, depois Conde de Cêa........................................ 368
VIII. — Resposta aos amaveis Assignantes do periodico *O Telegrapho*. Á despedida que no ultimo numero lhes dirigiu o patarata Oliva..... 371
IX. — Sonetos:
Ao brigadeiro Duarte José Fava, intendente das Obras publicas..... 376
Á maior parvoice que viu a luz das luminarias ao Lord............ 377
Á resolução que teve o Grão Conselho de Guerra na comedia *Marechal*......................................................... »
Versos que José Pedro da Silva additou ás casas da sua residencia.. 378
X. — Ode ao eruditissimo senhor José Maria da Costa e Silva........... 379
XI. — Satira a Nuno Alvares Pereira Pato Moniz........................ 382
XII. — Satira aos Poetas contemporaneos................................ 386
XIII. — Satira a D. Gastão Fausto da Camara Coutinho — Anno de 1808.... 399
XIV. — Elmiro — Satira por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, escripta em 1812. 403
XV. — Sonetos de Pato Moniz:
A José Agostinho de Macedo publicando em 1806 a sua traducção das Odes de Horacio (I a V)........................................ 423
Justa avaliação do poema *Gama* publicado em 1811................. 426
Representando-se a tragedia *Zaida* em 1803. (Vide p. 181.)
Ao mesmo, por Bocage............................................... »
Apparecendo o poema dos *Burros*, refundido em 1814, por José de San Bernardino Botelho........................................ 427
Biographia de J. Agostinho, expendida no seguinte Soneto (anonymo). »
Decima a J. A. de Macedo por dizer mal dos *Luziadas*............. 428
Indice.................................................................. 429

FIM

# ERRATA

| PAG. | LIN. | ONDE SE LÊ | LEIA-SE |
|---|---|---|---|
| 97 | not. | *Helecio* | *Helvecio* |
| 156 | not. [1] | Ferreira da Cruz | Ferreira da Costa |
| 300 | 41 | folheto Garrett | folheto intitulado |
| » | 44 | Symphonia de Castilho | Symphonia de Cochicho |
| 305 | 15 | Bomba de Apollo | (*Elimine-se por estar repetido*) |
| 379 | 3 | Erutissimo | Eruditissimo |